

THE HURRICANE FREEDOM



ENCONTRE-ME NO
PARQUE

LUANA OLIVEIRA



THE HURRICANE FREEDOM | LIVRO 1

ENCONTRE-ME NO

PARQUE

LUANA OLIVEIRA

Copyright © 2021 Luana Oliveira

Todos os direitos reservados.

Título: ENCONTRE-ME NO PARQUE

Escrito por Luana Oliveira

Capa (arte): G.B. Design Editorial

Diagramação: Portfólio D’Ana (Ana França)

Artes: Luana Oliveira

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios, sem o consentimento do(a) autor(a) desta obra.

Texto revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

NOTAS INICIAIS:

Olá, pessoal! Esse aqui é a minha estreia na Amazon e o primeiro livro da minha vida. Eu espero que vocês se divirtam tanto lendo quanto eu me diverti escrevendo. Só queria deixar claro antes de começarmos que: se você estiver acostumada com livros de MotoClub, gostaria que esquecesse tudo, pois esse aqui, caro leitor, te garanto que será bastante diferente. Meus meninos são como uma família e, de fato, o *The Hurricane Freedom* é basicamente isso. Se está esperando aquele lado mais dark, personagens problemáticos e abusivos, garanto que não irão encontrar isso aqui. Porém, mesmo que não tenha essas questões, também não significa que tudo será as mil maravilhas e arco-íris (embora pareça). Enfim, se ainda assim ficou interessado, só posso dizer que será um prazer te ter no meu mundinho anos 90 e jaquetas de couro.

Divirtam-se!!

Redes Sociais:

- Instagram: *@autoraluanaoliveira*
- Twitter: *@autoraluanaoliv*
- Wattpad: *@autoraluanaoliveira*

SUMÁRIO

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Capítulo Trinta e Cinco](#)

[Capítulo Trinta e Seis](#)

[Capítulo Trinta e Sete](#)

[Capítulo Trinta e Oito](#)

[EXTRA](#)



01

*"Você não está me ouvindo?
Eu não vou voltar para casa
Entende?
Eu mudei meus planos."*

MY FUTURE | BILLIE ELISH

Barbie St. Claire

Ser considerada a filhinha preferida do papai era um título que muitas garotas batalhavam para conseguir. Com ele vinha de brinde a vida encantada com roupas de grifes, motoristas particulares, festas clássicas com pessoas de alta sociedade e amigos que disputavam qual deles tinham mais dinheiro.

Eu fui uma dessas garotas durante um certo tempo. Eu fui a garotinha do papai. Eu tive roupas de grifes, motoristas particulares e tudo que as pessoas ricas costumam ter.

Para ser sincera, hoje em dia eu nem sei mais o que é isso. Na verdade, eu penso que essa fase da minha vida foi um sonho curto em que eu fui a protagonista. E, como todo sonho, ele acabou e o título de filhinha do papai foi para algum lugar junto com a morte repentina do meu adorado pai.

E é aí que eu percebo como ter tido esse título não agregou em nada na minha vida. Ele não me ensinou a ser independente, não me ensinou a ter responsabilidades, não me ensinou absolutamente nada. Agora eu sou só mais uma garota órfã de pai e mãe que não sabe se virar sozinha por ter sido mimada a vida toda. Uma garota que as pessoas têm pena e que a olham enviesado.

Ao invés de deixar herança e de me assegurar uma vida estável até a faculdade, papai me deixou com uma bela quantia de dívidas para pagar. A casa foi vendida e os negócios do meu pai também. Tudo por preço de banana. Tudo para pagar as dívidas cruéis que ele havia acumulado.

Além disso, todas as pessoas que estavam comigo nas horas de alegria e de luxo me viraram as costas e foram os primeiros a rirem da minha desgraça. Fui motivo de piada por toda cidade e tive que me mudar para Helloware, onde eu moro atualmente com a minha tia Amber, mais conhecida como a sem juízo da família.

Amber St. Claire foi uma garota muito rebelde durante a sua adolescência e também não deixou de ser até hoje. Ela e a minha mãe eram muito diferentes uma da outra, era o que me contavam a vida toda. Desde nova ela sabia que não queria tocar os negócios da família e decidiu fugir com o namorado problemático da época. Foi difícil no começo, porém, com toda determinação e coragem, ela trabalhou duro e conseguiu montar o seu próprio estúdio de tatuagem nesse fim de mundo que chama de cidade, conseguindo comprar sua casa própria.

E o namorado? Bom, eles não deram muito certo e ela carrega uma grande mágoa desse homem até hoje. O nome dele não pode nem ser citado nessa casa. É algo realmente proibido.

Faz um bom tempo em que titia me acolheu em sua casa, e as coisas estão começando a entrar nos eixos. Estou me adaptando a cidade, a morar em uma casa menor e também ao seu jeito maluco de conduzir a vida. Até que não está sendo tão ruim como eu imaginei que seria.

A cidade é bem pequena e quase todos aqui se conhecem, mas é extremamente bonita. O que mais chama atenção, sem dúvida, são as praias. Elas são realmente encantadoras, até um tanto quanto famosas. A temperatura faz parecer que a única estação daqui é o verão. Até que eu gosto, mesmo me fazendo suar boa parte do tempo.

Não é nem um pouco parecido com Nova York, não mesmo, nem de longe. Enquanto Nova York tem toda aquela agitação, aqui é uma calmaria.

Hellaware é o tipo de cidade que as pessoas vão para aproveitarem as férias.

Praias belíssimas, sol escaldante e parque de diversões.

— Achei essas ofertas de emprego no jornal.

Tia Amber joga o jornal no meu colo e se senta no sofá cinza à minha frente, cruzando suas longas pernas. Seus fios curtos e tingidos por um loiro forte estão presos em um coque despojado, um lenço vermelho de cetim o adornando. O habitual cigarro já está pronto para ser acendido, o que me faz revirar os olhos só de pensar no fedor que essa coisinha minúscula faz.

Percorro os olhos pelo jornal amassado, vendo algumas ofertas circuladas pela caneta vermelha. Desde que eu cheguei aqui, a única coisa que a minha tia exigiu foi que eu arrumasse um emprego e ajudasse com as despesas da casa.

Adeus sonho de faculdade. Adeus garotos universitários. Adeus festas na fraternidade. Trabalho em alguma porcaria, aí vou eu.

— Só tem trabalho sem graça, tia Amber! — Bufo chateada e descanso a cabeça no braço do sofá.

— Trabalhos são sem graça, Barbie. Se fosse para ter graça não se chamaria trabalho, se chamaria festas com bebidas e homens à vontade. — Ela dá uma tragada no cigarro e arruma seu decote, fazendo com que seus seios fiquem ainda mais visíveis, parecendo que vão saltar para fora em algum momento. A fumaça cinzenta que sai pela sua boca já começa a incendiar a casa, assim como também entra pinicando dentro das minhas narinas.

Eu vou morrer aqui dentro, certeza.

— Agora eu entendo o motivo de você ser a desajuizada da família — constato e afasto a fumaça com uma das mãos.

— Esse é o lado certo, sobrinha. Esse é definitivamente o lado certo! — Tia Amber solta uma piscadela à medida que um sorriso irônico estampa sua boca pintada por uma grossa camada de batom vermelho. — Agora vê as ofertas logo e me diz qual você mais gostou.

Nenhuma vai me agradar. Era o que eu gostaria de dizer.

— Você que manda, titia! — Forço um sorriso, voltando meu olhar para as ofertas de emprego.

Tem várias vagas e ofertas onde eu nunca pisaria os pés na minha vida. Tem ofertas para fazer serviços domésticos, para ser babá de gêmeos, serviços domésticos novamente, babá de não sei quem e um trabalho como garçonne em uma lanchonete que, surpreendentemente, fica dentro de

um parque de diversões.

Esse parece ser o menos chato de todos.

— O que você acha de trabalhar como garçoneiro? — pergunto, torcendo mentalmente para que ela deteste essa possibilidade.

— Eu não acho nada, quem tem que achar é você. Ajudando a pagar as contas, é o que importa. — Sorri para mim de forma acolhedora, depois se levanta do sofá em um rompante, me deixando sozinha com aquele pedaço de papel em mãos.

— Bom, já que eu tenho que trabalhar de todo jeito, vou tentar esse daqui mesmo. Espero que eu não me arrependa — falo para mim mesma e repouso o papel sobre o centro da sala. Alguns fios dourados do meu cabelo teimam em cair sobre o meu rosto, e eu tento os afastar com uma densa lufada de ar. Logo em seguida, jogo todo meu corpo de volta para o sofá e reviro os olhos em desistência.



O letreiro do parque *Starryland* está piscando feito luzes de árvore de Natal, as cores preto e rosa se alternando entre si. As grandes portas de madeira se abrem magicamente para mim e um palhaço cheio de balões nas mãos me espera do lado de dentro. Deixando-me completamente surpreendida, o palhaço em sua roupa grande e colorida puxa meu braço com delicadeza e eu escuto as portas se fecharem atrás de mim.

— Bem-vinda, garota bonita! — O palhaço, com sua voz modificada para ser engraçado, começa a fazer uns truques que eu não entendo muito bem, me presenteando com um dos seus balões coloridos. — Divirta-se! — é o que ele diz depois, dando-me um tchauzinho com a outra

mão desocupada.

Eu agradeço e sigo para dentro do parque.

O olho sobre o ombro uma última vez, vendo-o se afastar para recepcionar outra pessoa. Ok. Sinistro. Parece que já superei o medo de palhaços.

Um ponto para mim.

Volto minha atenção para o movimento ao meu redor, e, assim como todos imaginam, os gritos em um parque de diversões são algo imprescindíveis e é claro que eu já consigo escutar vários, mesmo que ainda não tenha me afastado muito da entrada. Também já consigo capturar as crianças com roupas confortáveis correndo para lá e para cá com pipoca, algodão doce e garrafas de refrigerante nas mãos. Já os adolescentes, percebo que estão concentrados em aglomerados jogando tiro ao alvo.

De longe, também consigo ver a lanchonete de cor verde água com um foguete enorme em cima, as letras com o nome do estabelecimento também piscando. Me aproximo um pouco receosa e sinto as minhas mãos suarem e o meu coração galopar dentro do meu peito.

Eu geralmente não costumo ficar nervosa para as coisas que estou prestes a fazer, sempre penso positivo e confio no meu potencial, mas algo aqui não está me deixando nada confiante. Deve ser o meu medo de rodas-gigantes ou a minha falta de experiência com trabalhos. Para ser sincera, deve ser os dois.

Alguns adolescentes saem da porta de vidro da lanchonete no exato segundo em que me aproximo, despertando-me do meu transe. Isso faz com que o balão se solte da minha mão, voando para um caminho totalmente diferente do meu. Inspiro bem fundo após assisti-lo se afastar, dando um

passo para dentro do local. Assim que percorro os olhos pela lanchonete, os mesmos brilham com a beleza do lugar e meu corpo entra em êxtase pela combinação das cores da luz, que tornam-se uma mescla de verde água com rosa forte. As garçonetes desfilam em uniformes só de cor verde água, que combinam perfeitamente com os estofados, e também com os bancos adornando o balcão amadeirado em um formato de círculo. O piso é daqueles enfeitados por quadradinhos brancos e pretos e as paredes são do mesmo tom do uniforme e da frente da lanchonete. Há nelas vários quadros de artistas pendurados, transformando todo o cenário ainda mais bonito.

Até que agora estou ficando confiante novamente. Pelo que me parece, aqui é o lugar menos sem graça que eu poderia trabalhar.

Um senhor de meia idade se aproxima com um avental branco e as letras das palavras *Fast Rocket* bordadas em rosa. Ele me olha por breves segundos, tira a touca do cabelo, endireita a postura, abre um sorriso caloroso e diz:

— Boa noite, senhorita. O que posso fazer para te ajudar aqui no Fast Rocket?

— Meu nome é Barbara St. Claire, mas todos me chamam de Barbie. Vi que estavam precisando de uma garçonete e eu estou disposta a ser.

— Certo. — O senhor de bigodes solta uma risada misturada com uma tosse esquisita, se apressando em falar: — Você estar disposta é um bom começo, minha jovem. Mas, infelizmente, não é só isso. Você terá que fazer uma entrevista para sabermos se está apta para trabalhar aqui ou não.

— Eu faço esse teste. Tenho certeza que estarei apta e que o senhor não vai se arrepender caso me contrate. — Coloco uma mecha

dourada do meu cabelo atrás da orelha ao sorrir de um jeito meigo e confiante.

Essa é a técnica que eu usava para conseguir as coisas do papai quando eu era pequena. Geralmente funcionava. Espero que funcione aqui também.

O senhor que acabara de me recepcionar se chama Sr. Wilson e eu descobri que ele é um dos donos do local. Ele e a sua esposa me fizeram um monte de perguntas, parecia que eu estava no meio de um interrogatório com o *FBI*. Eles me perguntaram se eu tinha alguma familiaridade com lanchonetes ou se já tinha trabalhado em algum lugar. Destinada a conseguir o emprego, acabei contando umas mentirinhas de leve e disse que na cidade onde morava, meu pai era dono de uma franquia de lanchonetes e eu o ajudava bastante. Quando ele morreu, teve as dívidas e a falência, me fazendo mudar de cidade, ficando sem emprego e sem pai.

Não é como se eu tivesse me tornado a garota mais mentirosa do planeta Terra, eu só inventei uma versão diferenciada que pudesse contribuir com as minhas necessidades de agora, não vai machucar ninguém. Além disso, não é possível que dessa história trágica eu não vou poder tirar uma vantagenzinha se quer.

Balanço a cabeça na tentativa de afastar os pensamentos e, de frente para mim, Sr. Wilson se levanta da cadeira marrom do seu escritório e diz com a maior empolgação:

— Nós realmente estamos precisando de garçonetes extrovertidas e simpáticas como você aqui no nosso estabelecimento, St. Claire. Por isso, você está contratada.

— Sério? — pergunto, espantada. Não é que eu não acredite no

meu potencial, mas poxa, eu nunca tinha feito isso antes.

— Sim, querida! — Ele balança a cabeça afirmativamente, as bochechas gordas se alargam para espalhar um sorriso em seu rosto. — Você começa na segunda, certo? É só pegar o uniforme do trabalho com a minha esposa. Também vou colocar uma das nossas meninas para instruir você nos primeiros dias. Não me decepcione, St. Claire.

— Garanto que essa foi a melhor decisão que já tomou na vida, senhor.

Ele assente, sorrindo ainda mais.

Depois que passo para pegar o uniforme com a esposa do Sr. Wilson, que é uma mulher baixinha e rechonchuda como ele, tia Amber já está me esperando com o seu Ford Capri vermelho em frente ao parque de diversões. Quando entro no conversível e conto a novidade de que seria a mais nova garçonete do *Fast Rocket*, ela me puxa pelo pescoço e me dá um abraço repleto de gritos eufóricos e palavras de incentivo.

Já posso enxergar tudo dando certo na minha vida.



— ALGUÉM ME AJUDA COM ESSA MÁQUINA ESTÚPIDA? — grito, desesperada, enquanto bato na enorme máquina de sorvete à minha frente.

Já faz algumas semanas que comecei a trabalhar nessa lanchonete e, honestamente, ainda continuo perdida. No começo, até achei que estava tirando de letra todo o serviço, mas, depois que o Sr. Wilson colocou não só uma, e sim duas garçonetes em meu encalço, caí na real de que nada do que eu pensava estava acontecendo.

Coitada das garotas, deve ter sido difícil me aguentar esse tempo todo perguntando cada coisinha que tinha que fazer. Eu sou tão inexperiente que fiquei com medo da minha mentirinha ser descoberta em cada pergunta que saía pela minha boca incontrolável.

Porém, apesar de todos esses transtornos, ainda acredito que serei a melhor garçonete que essa espelunca já viu.

— Problemas no paraíso, Barbie? — Georgina, a garçonete que é aproximadamente da minha idade, ou talvez mais velha, e que havia me instruído durante esses dias, se aproxima com um sorriso divertido nos lábios tingidos pelo batom rosa choque.

— Está mais para inferno. — Reviro os olhos e encosto a cabeça na máquina infernal, cruzando os braços logo em seguida. — Manusear essa coisa é mais aterrorizante e difícil do que ter que usar esse uniforme todo o santo dia.

— E garota, ficou louca? — Ela me olha dos pés à cabeça, os olhos verdes-escuros se reviram de forma dramática. — Você e eu ficamos ótimas nessas coisas. Aterrorizante fica o Sr. Wilson quando decide colocá-las para atrair os clientes de forma engraçada. — Georgina faz aspas no ar assim que fala a última palavra.

— Ele realmente faz isso? — Coloco a minha mão sobre a boca e tento inutilmente abafar e conter a risada.

— Faz, infelizmente faz. — A garota de cabelos loiros a altura dos seios solta uma risadinha e se agacha para começar a mexer nos fios atrás da máquina. Após alguns minutos manuseando-a, a máquina faz um barulho de que está ligada e eu agradeço aos céus por essa bênção.

— Prontinho, B! Ela só não estava ligada na tomada. —

Georgina bate as mãos uma na outra, tentando tirar a poeira que havia acumulado ali, depois sorri para mim. Logo após, agradeço a ajuda e ela sai rebolando com o bloquinho de anotações para continuar atendendo os clientes.

Quando saio dos fundos da lanchonete, assim que termino minha tarefa, e me direciono para perto da porta de entrada, escuto um som alto de várias motos se alastrar pelo local e, instintivamente, todos, incluindo eu, olhamos para as janelas que nos dão total visibilidade do que está acontecendo lá fora.

Como se fosse um filme e estivéssemos todos em câmera lenta, os motoqueiros estacionam bem na frente do *Fast Rocket*, tirando os devidos capacetes, todos na mesma hora, como se fosse algo ensaiado para chamar a atenção das pessoas ao redor. Se era isso que eles queriam, devo dar meus parabéns, pois definitivamente conseguiram. Assim que saem das suas respectivas motos pretas, arrumam as lapelas das jaquetas de couro que todos fazem questão de usar, como se fosse uma coisa sagrada e indispensável entre eles e olham para o estabelecimento com um sorriso *quase* diabólico no rosto.

Consigo perceber na mesma hora que são dois homens e uma mulher. A garota, que tem um ar selvagem gritando pelas roupas pretas e rasgadas, balança a cabeça de um lado para o outro, em uma tentativa de tirar os fios castanhos do rosto que o vento insiste em chicotear.

Não demora muito para que os três adentrem a lanchonete, o sino programado para avisar a presença dos clientes sendo tocado de modo estridente. Pela forma como as pessoas estão se entreolhando e cochichando agora, tenho quase certeza de que são alguns dos membros do MotoClub da cidade.

Lembra quando eu disse que aqui era calmaria? Pois é, em partes costuma ser. Porém, do lado mais afastado da cidade, encontra-se esse grupo. Basicamente eles dominam não só o lado mais afastado, como todos os outros lados. As pessoas costumam ter medo de olhá-los nos olhos. Dizem por aí que os motoqueiros são os culpados por tudo de ruim que já aconteceu nessa cidade.

Eu nunca tinha visto nenhum deles. Pelo menos não até agora.

— Será que você pode nos dar licença? — um dos homens me pergunta, dando uma boa conferida em mim. Seu cabelo castanho escuro está perfeitamente penteado para trás e os seus olhos esverdeados com pintinhas amarelas demonstram algo que nem sei decifrar. Por baixo do grosso tecido da jaqueta de couro, usa uma blusa preta lisa e uma calça jeans rasgada nos joelhos. Nos pés, botas pretas pesadas estão em evidência à medida que ele as bate no chão em um sinal claro de impaciência.

Seu estilo meio sombrio e sua expressão misteriosa faz com que cada pelo do meu corpo se arrepie.

Eu nem tinha reparado que estava atrapalhando a passagem, muito menos que estava tão de frente assim para um deles. Meu Deus, eu não queria estar na minha própria pele agora.

Sem conseguir pronunciar uma mísera sílaba, abaixo a cabeça e me direciono para o lado oposto do deles, me xingando mentalmente de diversas formas possíveis.

De soslaio, vejo os três passarem juntos para se sentarem em uma mesa afastada de todos. Com a chegada deles o ar ficou mais pesado e denso, o que acaba deixando tudo pior para os clientes, que estão tentando disfarçar os olhares injetados de repulsa que lançam para o grupo.

Não sei pra que tentar disfarçar, eles são péssimos nisso.

Com o dedo enrolando uma das mechas do cabelo loiro e ondulado, Georgina se direciona até mim só para aproximar os lábios na minha orelha, dizendo em uma voz quase inaudível:

— Você vai ser a encarregada de anotar o pedido deles, sinto muito. Depois eu explico, é que é uma coisa que as novatas têm que fazer.

— Você está de brincadeira, não está? — respondo no mesmo tom.

— Claro que não! Eu prometo que depois eu explico. Vai logo, eles não podem esperar muito.

Ela me dá um empurrãozinho para que eu consiga tomar coragem e andar rápido. Respiro fundo, arrumo o cabelo, pego o bloquinho de anotações e esbanjo o meu melhor sorriso até chegar neles.

Não tem pra que ter medo, são só pessoas normais. Clientes normais.

— Com licença, o que desejam? — Preparo a caneta para anotar o pedido e todos os três me olham com uma expressão de interrogação. O que havia falado comigo alguns minutos atrás consegue me olhar ainda mais atentamente. Depois de alguns segundos analisando alguma coisa em mim, olha para o crachá com o meu nome no uniforme e descansa as costas no estofado verde água, ainda sem tirar os glóbulos dos meus.

— Você é nova aqui? — ele finalmente decide falar, agora com os braços cruzados. Sua voz é grave e rouca, bastante marcante até. Entra como música em meus ouvidos.

— Sou sim.

— E o seu nome é Barbie?

— Isso! — Meu tom de voz sai mais animado do que gostaria, e isso só por ele ter se dado ao trabalho de ler o meu nome, coisa que muitos não fazem.

Ele apruma a postura, apoia os braços na mesa prateada e brinca com os lábios com a ponta do polegar.

— Interessante. — Um lampejo de um sorriso aparece no canto dos seus lábios avermelhados, e o modo como seus olhos verdes perscrutam meu rosto me dá calafrios. *Novamente.*

Minhas mãos já estão começando a suar agora mesmo só pela forma intensa que ele me observa.

— Já sabem o que vão pedir? — Mudo de assunto, agora olhando para os outros dois.

— Nós vamos querer o de sempre — a garota com ar rebelde fala para mim, me olhando com seus grandes olhos castanhos pintados pela sombra preta, como se eu já soubesse do que se trata. Depois que ela percebe a minha expressão confusa, bate levemente a mão na testa e diz: — Nossa, esqueci completamente que você acabou de dizer que é novata aqui, perdão pela minha lerdeza. Diz a Georgina que pedimos o de sempre, ela vai saber lhe informar.

Anoto o pedido que eu não sei qual é, sorrio e me retiro.

Arrasto os meus pés até o balcão em círculo, onde Georgina está me aguardando do outro lado com os braços cruzados e a maior expressão de curiosidade. Quando percebe meu revirar de olhos, transforma os lábios cheios em uma linha tênue para impedir que a sua risada escandalosa ecoe

por toda a lanchonete.

— Pode se considerar uma garota morta, Georgina Sinclair

— Mas o que foi que eu fiz, Barbie? — A loira faz a sua melhor atuação de menina inocente, como se eu não soubesse que ela é bem o contrário disso.

— Você me jogou para os leões, sua maluca.

— É uma tradição com as novatas, B. Sinto muito, mas você precisava passar por essa também.

— Eles são alguma gangue da pesada ou algo do tipo? — Viro sobre os ombros para encarar a mesa onde eles se encontram, observando-os conversando sobre algo despretensiosamente. — Já ia esquecendo, eles pediram para te avisar que vão querer o de sempre — digo ao voltar meu olhar para ela.

Georgina assente em um manear de cabeça, gritando para a pequena janela onde fica acessível a comunicação com as cozinheiras, pedindo os lanches do pessoal. Quando volta sua atenção para mim, finca os cotovelos no balcão e coloca a mão no queixo, suspirando.

— Eles não são uma gangue, pelo menos não que eu saiba. Eles só provocam muito agito pela cidade e todo mundo tem medo deles, algo do tipo. O grupinho é um pouco maior que isso, esses aí são só uma parte. Aqueles dois são bem gostosos, você imagine o resto. — Ela dá um sorrisinho malicioso ao olhar para eles e depois para mim.

— Georgina! — A repreendo de brincadeira, já sentindo as minhas bochechas ganhando um tom escarlate.

— Ai mulher, deixa de ser politicamente correta. Vai dizer que

você não achou eles gostosos?

— Eu me recuso a responder isso. De qualquer forma, você me jogou para o meio dos leões, estou bastante brava. — Faço a minha melhor expressão de tristeza, o que contribui para a sua risada finalmente ser libertada.

— Na verdade, acho que te fiz um favor. O Devin não para de te encarar. — Georgina fixa as suas íris em um ponto acima dos meus ombros, depois volta seu olhar para mim, começando a bater palminhas.

Ela só pode estar ficando maluca.

Quando viro para olhar de quem estava falando, o garoto com quem tinha me esbarrado estava realmente olhando para mim sem nenhum tipo de disfarce. E, no mesmo instante que nossos olhares se cruzam, ele esboça um sorriso de lado mínimo, o que faz com que eu vire para encarar Georgina imediatamente, ignorando a sensação estranha que apenas o faiscar de seus olhos intensamente verdes tinham causado em mim.

— Então quer dizer que o nome dele é Devin? — Mudo de assunto uma outra vez, em uma tentativa de me recompor da breve guerra travada entre nossos olhares.

— Se interessou, *santinha*? — Ela esboça um sorriso carregado de maldade, me forçando a revirar os olhos. — Sim, é Devin. Devin Leblanc.

— Primeiro, não me interessei. Segundo, eu não sou santinha. Terceiro, cadê o lanche deles que você não foi levar ainda?

Georgina se assusta ao ouvir o que acabara de sair entre meus lábios e coloca as mãos na cabeça. Parecendo finalmente entender o que estava acontecendo, corre para a cozinha. Depois de alguns segundos,

aparece com a bandeja em mãos, repousando-a no balcão.

— É você quem está atendendo eles, não eu. — Dá de ombros, depois empurra a bandeja na minha direção.

Eu pego-a em minhas mãos e respiro bem fundo. Antes de ir para a mesa deles, fulmino Sinclair com o olhar, ela apenas me deseja boa sorte de forma mais cínica possível, mandando beijo no ar logo em seguida.

Aperto o passo até estar perto da mesa deles.

— Aqui está o lanche de vocês! — digo toda animada. Na verdade, *tentando* parecer animada. Os pares de olhos estão vidrados em mim, observando atentamente cada movimento que faço para distribuir os hambúrgueres, milk-shakes e as batatas fritas na mesa.

Coloco a bandeja debaixo do meu braço esquerdo e peço licença para me retirar, mas sou impedida de completar a ação quando a voz grossa e rouca reverbera por todo local.

— Você é a primeira novata que não derruba as coisas na nossa direção. Ponto para você. Me lembre de te elogiar para o seu chefe depois, *boneca*. — Devin, o que estava me encarando naquele momento, esboça mais uma vez um sorriso mínimo, sem mostrar os dentes.

Georgina pode ser a maluca que for, mas não mentiu à respeito de sua beleza e de todos os seus atributos físicos.

— A gente ainda não se apresentou para ela, Devin — O outro garoto, que até então não tinha falado nada, se apressa em soltar aquelas palavras antes que eu possa fazer qualquer menção de girar sobre os calcanhares.

Ele é bem diferente do Devin, a propósito. Ao invés de ter fios

grossos e fartos como o amigo, optou por raspá-los, os fios castanhos bem ralos em sua cabeça. Os olhos são de um azul bem clarinho, mas percebo que as bordas são mais escuras, em um tom parecido com cinza. E ele agora não usa mais a jaqueta como os outros dois, optando por ficar apenas com a camiseta lisa branca, deixando a vestimenta sagrada dobrada na cadeira ao seu lado. Algumas tatuagens pretas estão serpenteando seus braços esguios, assim como faz em suas mãos, dedos e pescoço também. Pequenos brincos de argola prateada estão pendurados em suas orelhas, reluzindo a luz colorida do ambiente neles.

— Agora você acabou de me apresentar, cara — Devin diz em tom brincalhão, e empurra seu amigo de leve com uma das mãos. — De qualquer forma, eu sou o Devin, ele é o John e a moça aqui ao lado é a Violet. Ela assusta, mas não morde.

— Só quando pedem — Violet dá de ombros ao entrar na provocação do amigo e levanta as palmas das mãos em sinal de rendição. Na mesma hora, começa a rir, fazendo meu olhar recair sobre ela mais uma vez. Nesse exato momento é que percebo o quão bonita é. Ficar perto dela me deixa um pouco esquisita e com vergonha, já que me encontro um caos vestida nesse uniforme mais ou menos.

Acabo por colocar uma mecha do meu cabelo na orelha, assentindo em um manear de cabeça. Depois, digo para eles que foi um prazer conhecê-los e me retiro.

Bom, eles não parecem de todo ruim como a Georgina havia mencionado.



A tarde passou voando e me deixou de cabelo em pé com tanto trabalho. Depois que Devin, John e Violet foram embora, a lanchonete se transformou em uma verdadeira algazarra, cada um dando suas opiniões extremamente rudes sobre o que pensava daqueles três.

Georgina ficou doida para saber o que eu tanto conversava com eles e passou o resto do expediente comigo, jogando conversa fora sobre diversos assuntos possíveis, incluindo sobre os membros do MotoClub, o que basicamente durou a maior parte do tempo.

Agora a chuva forte se faz presente nesta noite, me deixando completamente amedrontada por estar sozinha nesse lugar enorme, enquanto escuto os pingos fortes de água açoitarem as janelas de vidro.

Sr Wilson saiu mais cedo com a esposa e me deixou com a missão de fechar a lanchonete. Devo admitir que ele foi um homem de coragem por deixar nas minhas mãos essa responsabilidade. Por outro lado, fiquei contente por esse voto de confiança em tão pouco tempo.

Quando termino de passar o pano no balcão, tirando toda oleosidade e gordura do local, lavo o então pano sujo na pia da cozinha.

De repente, escuto um barulho estrondoso vindo de fora e o meu coração já começa a dançar de modo amedrontado contra as minhas costelas.

— Não surta, Barbie. Você não está em Crystal Lake e o Jason Voorhees não vai aparecer aqui como se você estivesse no filme *Sexta-feira 13*.

Gostaria de acreditar no que eu digo, mas o barulho se intensifica ainda mais, agora vindo da porta trancada da lanchonete. Abro a gaveta da cozinha com as mãos trêmulas e pego um rolo de massa de bolo para me defender do que quer que seja.

Ando na ponta dos pés até a porta, tentando fazer o mínimo possível de barulho. Não sei quem está aí ou o que quer, mas pode se arrepender amargamente quando eu enfiar esse rolo de massa em sua cabeça.

— Abre a porta! — Escuto a voz gritar em meio à tempestade, só que não consigo reconhecê-la de imediato.

— O que é que você quer? — grito de volta, me escondendo na parede. — Saia já daqui, estou armada.

— Eu preciso de ajuda, é urgente. Abre essa porta, por favor. Eu não sou um bandido!

— É exatamente isso que um bandido diria!

— Puta merda — a pessoa rosna, as batidas na porta se intensificam cada vez mais.

Meu Deus, esse maluco vai acabar quebrando essa porta e o Sr. Wilson vai me matar. Logo agora que ele parecia estar confiando em mim. Abro a boca para retrucar alguma coisa, mas sou impedida ao ouvir a pessoa do outro lado da porta dizer:

— Espera aí, eu me lembro dessa voz. É a Barbie. Barbie, é o Devin. Abre essa porta, por favor.

Devin Leblanc?

O que diabos ele está fazendo aqui a essa hora?

Pondero sobre abrir ou não a porta, já que não o conheço tão bem assim, além de que sua fama não o favorece muito. Mas quando ele pede a minha ajuda outra vez, com uma voz banhada de medo, não consigo segurar e corro até a porta, abrindo-a para revelar um Devin encharcado do banho da chuva. Ele dá um passo para dentro da lanchonete e fecha a porta atrás de si.

— O que você está fazendo aqui a essa hora? — Estreito os olhos em sua direção, desconfiada.

— Eu só preciso ficar aqui, Barbie — diz, simplesmente.

Mesmo todo molhado da água, o integrante do MotoClub se senta no estofado e retira sua jaqueta. Percebo que, assim como seu amigo John, vários desenhos pretos e coloridos percorrem os seus braços, deixando-o ainda mais bonito que o normal.

Balanço a cabeça de um lado para o outro, tentando focar minha atenção em outra coisa que não seja a sua beleza desconcertante.

— Mas você não pode ficar aqui, eu já vou fechar a lanchonete.

— Então fica aqui comigo ou me deixa aqui sozinho. Só não me deixa sair daqui, por favor.

— Eu não vou te deixar aqui — digo firmemente, cruzando os braços em frente ao peito. — Se o Sr. Wilson te pega aqui, ele pode até me demitir.

— Resolvido então, você fica comigo. — Ele dá de ombros, como se aquilo fosse a decisão mais óbvia.

— Eu não vou ficar aqui com você, Devin. Eu nem te conheço. Como vou saber que você não quer me matar? — Espalmo as mãos na cintura, o perscrutando com os olhos injetados de curiosidade e desconfiança. Ele apenas ri do que eu falo.

Essas coisas só podiam acontecer comigo, está para nascer alguém mais azarada.

— Eu estou fugindo de uns caras que eu briguei. Estava tudo fechado e eu não sabia para onde ir, então me lembrei que o parque demora

para fechar e decidi me esconder aqui. Eu não vim aqui para matar você, vim aqui para evitar que me matem.

— Tem certeza? — Semicerro os olhos ao tentar passar uma imagem ameaçadora.

— Nossa boneca, como você é irritante!

— Me desculpe se eu estou tentando me proteger de um desconhecido.

— Era com isso que você estava se protegendo? — Devin aponta para o rolo na minha mão, o que faz com que eu me lembre que estava segurando-o. — Deixa isso longe de mim, tenho medo do estrago que possa fazer. — Ele cai na risada ao levantar as palmas da mão em frente ao rosto.

— Mas é claro, isso aqui é bem perigoso nas minhas mãos. Se eu fosse você, tomaria cuidado com os seus próximos passos aqui dentro. — Semicerro os olhos novamente, desafiando-o ao bater o rolo de massa na palma da minha mão.

Sua risada estridente ecoa por todo recinto e eu deixo o objeto na mesa, me sentando no estofado à sua frente, apenas com a mesa prateada no meio nos separando.

— Você não é daqui, certo? — Seu tom de curiosidade é nítido, e eu me empertigo na mesma hora que o vejo passando o polegar nos lábios.

— Não mesmo. — Encosto as costas no estofado, e cruzo os braços logo após.— Eu morava em Nova York.

— E o que te trouxe até aqui?

— O meu terrível azar.

— Entendi — Devin assente a minha curta resposta em um manear de cabeça, provavelmente ciente de que não gostaria de me estender no assunto.

— Eu preciso mesmo fechar a lanchonete. Preciso ir para casa, minha tia vai ficar preocupada.

Ele se levanta na mesma hora que escuta as minhas palavras, puxando o cabelo molhado para trás. Suas botas pesadas ecoam pela lanchonete enquanto ele roda de um lado para o outro, pensativo. Segundos depois, senta-se ao meu lado e me olha fixamente.

— Eu sei que você não me conhece e não tem motivo nenhum para me ajudar. Porém, eu consigo ver no fundo da sua alma que você é uma pessoa caridosa e jamais iria querer ver uma pessoa se ferrando. Ou seja, se você me expulsar daqui, eu irei me ferrar tipo muito, boneca.

— Eu realmente sou uma pessoa caridosa, você acertou em cheio — Sorrio, convencida das minhas qualidades. — Agora me diz, por que fica me chamando de boneca? — Mudo o foco do assunto e deixo o ar mais agradável entre nós.

— Porque você tem nome de boneca e parece uma boneca, ué.

— Faz sentido. — Me dou por vencida com a sua explicação, mordendo um sorriso. — Faz o seguinte, eu fico aqui com você até um determinado horário. Quando esse horário chegar, você terá que me deixar em casa. O que acha?

— Você manda e eu obedeço, boneca.

— Você está me devendo um enorme favor, Devin. E pode ter certeza que eu vou cobrar.

— Eu faço questão que você cobre.

Ele se levanta assim que sorrio em resposta e vai em direção à cozinha, me deixando sozinha por pequenos minutos. Quando volta, aparece com um salgadinho na mão e se defende do meu olhar feroz sobre ele ao alegar que está morrendo de fome.

— Você não acha que está abusando demais da minha bondade, não?

Devin nega com a cabeça e enfia um salgadinho redondo dentro da boca. Eu, por outro lado, pego o pacote da sua mão em um rompante, o que faz com que ele abra a boca espantado. Encho a minha mão com uma boa quantidade para comer e o solto na mesa ao dar de ombros.

— Pela fama que você tem eu deveria estar com medo de ficar aqui sozinha com você, não deveria? — Limpo o farelo que ficou nos meus dedos com a ponta da língua e vejo-o se remexer na cadeira, parecendo desconfortável com algo.

— As pessoas falam demais, Barbara. Elas não sabem de nada sobre mim e sobre os meus amigos. Quando as pessoas não sabem daquilo que gostariam de saber, elas inventam. E você não me parece o tipo de pessoa que se deixa levar pelo que escuta dos outros.

Ele parece sério agora, como se eu tivesse tocado em algo que não deveria ser tocado.

Maldita seja a minha boca grande.

— Se me chamar de Barbara novamente, juro que pego o rolo agora mesmo e te expulso daqui — brinco, mudando de assunto mais uma vez. Eu tenho que aprender a manter minha boca fechada.

— Barbara é um nome bonito.

— É, é bonito. Só não gosto muito, prefiro que me chamem de Barbie.

— Você é um pouco complicada, boneca.

— Isso é o que dizem sobre você, sabia?

— Eu deveria estar surpreso com essa revelação? — Devin coloca o dedo indicador no queixo, fingindo estar pensando. No fim, solta uma risada engraçada e eu não consigo não me juntar a ele.

Nós dois passamos um bom tempo conversando sobre coisas totalmente aleatórias e até que ele me parece ser uma boa pessoa.

Não sei qual motivo brigou das outras vezes e muito menos sei o motivo que o fez se esconder na lanchonete hoje. Também não sei qual motivação faz as pessoas falarem tanto dele e do seu bando. Particularmente, eu não ligo. Estou acostumada com as pessoas tendo preconceito com quem é diferente, vivo isso na pele com a minha tia. Toda vez que saímos juntas, os olhares caem diretamente sobre ela, sobre as suas tatuagens e seu estilo único. Ela foi negada pela família e é negada pela sociedade até hoje só por ter seu estilo. Por causa disso, não gosto de tirar conclusões precipitadas das pessoas só pelas roupas ou pela aparência. Isso é completamente errado, nem deveria existir para começo de conversa.

Caramba, nós estamos nos anos 90. Quando as coisas vão começar a evoluir?

Pelas conclusões que pude tirar de hoje, Devin deve ter seus segredos e isso é fato. Todo mundo tem segredos. Ele é misterioso e ninguém pode negar. Mas não é um monstro como as pessoas costumam o pintar. Na

verdade, ele tem um senso de humor incrível, me tirou altas risadas.

Eu jamais negaria ajuda a alguém. Mesmo que esse alguém seja uma pessoa encenqueira.

Gosto mesmo de tirar minhas próprias conclusões das coisas.

— Obrigado por ficar comigo essas horas, Barbie. Você me salvou e eu nem sei como te agradecer — Devin fala ao virar sobre os ombros para me encarar no exato momento em que estaciona sua moto na frente da minha casa.

— Está tudo bem, eu nem vi as horas passarem, de qualquer forma. O único problema vai ser trabalhar daqui a pouco e ter que responder ao interrogatório da minha tia — brinco, descendo da moto e lhe entregando o capacete.

— Agora você me fez me sentir culpado, Barbie. Se quiser, entro com você e explico tudo para a sua tia.

— Não, não é preciso. Está tudo bem. De verdade. Só não se mete mais em confusão e vai buscar abrigo lá na lanchonete, pois não sou só eu que fecho aquilo lá.

— Pode deixar, tentarei não entrar em confusão quando não for a sua vez de fechar.

—*Há Há Há* — Finjo uma risada. — Não foi isso que eu quis dizer, engraçadinho.

— Está bem, vou tentar ficar longe de confusão, mas não prometo nada. Você sabe da minha fama, *huh?*

— É, pior que sei. Vou fingir que acredito nisso — digo, sorridente.

— A gente se vê por aí, boneca.

Devin pisca para mim e acelera na sua *Ducati Monster* para sumir do meu campo de visão algum tempo depois.

Me direciono até a porta de madeira branca da minha casa, abrindo-a sem muito barulho. Quando faço o maior esforço para fechá-la sem que ranja, tia Amber aparece como se fosse um fantasma bem ao meu lado. Ela suspira fundo ao amarrar seu roupão cor de vinho.

— Se perdeu no caminho para casa, sobrinha?

— Claro que não. Houve um imprevisto lá na lanchonete.

— E esse imprevisto tem nome e sobrenome, certo? — Amber me olha com um sorriso divertido, como se soubesse o que eu estava fazendo. Quando senta no sofá, coloca as pernas no centro da sala e continua falando: — Eu vi pela janela que você chegou com Devin Leblanc, não adianta negar. Você foi mais rápida do que eu pensei, titia está orgulhosa.

— Como é que você o conhece? — Me sento no sofá ao olhá-la de modo curioso e ignoro totalmente o tom malicioso e acusatório que estava falando sobre mim e Devin.

— Ele e os amigos frequentam muito o meu estúdio de tatuagem, Barbie. Sem contar que ele é bem famoso por aqui, não tem como não o conhecer.

— Claro, como eu não pensei nisso? — soo irônica. Levando em consideração a quantidade de tatuagens que eles possuem, seria bem óbvio.

— Falou tanto de mim que arranjou um igualzinho ao estilo da rebelde aqui. Parece que você se meteu em uma grande enrascada, sobrinha.

Devin Leblanc é bem diferente dos garotos que você costumava flertar em Nova York.

— Ai tia, quando as pessoas costumam não saber daquilo que elas gostariam de saber, elas inventam. — Sorrio ao estar usando a mesma frase que ele havia me dito horas atrás. — Cuidado com o cigarro, Amber. Ele está fazendo com que você tenha alucinações, isso é extremamente perigoso.

Enquanto subo as escadas para ir ao meu quarto, escuto tia Amber rir e gritar que eu entrei em uma grande enrascada, novamente.

Não sei da onde ela tirou essa maluquice.

Como ela mesma disse, Devin Leblanc não é como os garotos de NY, logo não faz o meu tipo. E eu tão pouco devo fazer o seu.



02

"Bem, aqui estamos nós
Passando um tempo na parte barulhenta
da cidade
E parece que tudo é surreal."
HOW DO YOU DO! | ROXETTE

Barbie St. Claire

Praias.

Eu nunca fui muito familiarizada com esse lugar, para ser sincera. Eu não sei explicar ao certo, porém, desde pequena sempre detestei o fato da areia grudar em todas as partes do meu corpo, assim como detestava também o modo como os meus lábios ficavam secos e rachados por causa da exposição ao sol.

Por falar em sol, eu sempre admirei o fato dele ser a única estrela do Sistema Solar, mas também não vou ser hipócrita ao dizer que não contava os dias para que o inverno chegasse. Porque quando ele chegava, meu Deus do céu, significava que roupas incríveis estavam prontas para serem compradas por *mim*.

Você pode detestar o inverno, mas é inegável o fato de que as

roupas ficam mais chiques e mais bonitas nessa estação.

E parecia um desfile de moda em Manhattan, onde todas as pessoas desfilavam para esbanjar seus mais caros looks, como se suas vidas dependessem da aprovação alheia para prosseguir. Eu estava no meio dessa gente, sempre procurando me enquadrar no padrão dos meus amigos da elite.

É, futilidade, eu sei.

Mas voltando a falar das praias, quando alguém pisa os pés nessa cidade, mesmo sendo completamente diferente de qualquer coisa que já tenha vivenciado, é altamente impossível não se encantar pelas belezas que aqui existem.

Não à toa, a partir do momento que comecei a me acostumar com Hellaware, passei a me sentir instigada pela praia e, como estou decidida a deixar meus medos antigos em Nova York, resolvi me jogar, literalmente, em todas as praias que rodeiam essa cidade. Foi difícil me acostumar com a areia e com o sol efervescente, mas como eu já havia dito antes, acabei me acostumando e até vendo uma certa beleza nas roupas de verão que as pessoas costumam usar aqui.

Por causa disso, todos os dias eu vou para a lanchonete a pé, caminhando por *Sun Valley*, a mais famosa praia daqui, sentindo a brisa gélida da manhã e observando as ondas do mar se quebrando, enquanto contemplo o céu alaranjado e escuto o som das inúmeras gaivotas que insistem em passear comigo todos os dias.

Enquanto ando pela areia, meu instinto é brincar com a mesma, sorrindo por provavelmente estar parecendo um zumbi em busca de um cérebro, já que não consegui descansar nem um pouco assim que cheguei em casa.

E é nesse exato momento que eu amaldiçoo Devin Leblanc por ter se metido em confusão e por ter me presenteado com esses belos pares de olheiras.

Ainda bem que nem me dei o trabalho de observar meu reflexo no espelho antes de sair de casa.

Quando me dou conta que já adentrei o parque e estou parada em frente à porta do *Fast Rocket*, respiro fundo e dou um passo para dentro do local, o sino que avisa a ilustre presença dos clientes balança animadamente por conta disso.

— Bom dia, St. Claire! — Rosalinda, a esposa do Sr. Wilson, esboça um sorriso genuíno ao notar minha presença. — Me admira muito o fato de você chegar sempre no horário ou até mesmo antes, mocinha. Isso mostra que você leva isso bem a sério — ela diz ao arrumar os guardanapos e ketchups nas mesas.

Uau, por essa eu não esperava.

— Isso aqui é muito importante para mim — é o que eu apenas digo, muito mais para mim do que para ela.

E é a verdade. Trabalhar aqui faz eu me sentir mais independente, importante e útil para alguém. Faz eu me sentir útil para a minha tia e até mesmo para as pessoas que eu atendo todos os dias.

Por muito tempo eu me senti inútil, sem valor e dependente. Meu pai fazia todos os meus gostos, contratava os melhores funcionários para ficarem ao meu dispor vinte quatro horas por dia, sete vezes por semana e isso me irritava, mesmo que eu não quisesse admitir. Eu não queria ficar dando ordens, não queria que as pessoas ficassem me bajulando o tempo inteiro. Eu queria poder ser independente, mas eu também não fazia nada

para que isso mudasse. Sempre esperei demais. Sempre esperei meu pai notar que eu poderia ser algo a mais. Mas, infelizmente, nunca tomei a iniciativa de mudar isso.

Meu pai fazia de tudo por mim, de verdade. Ele me tinha como uma âncora em meio ao naufrágio que a sua vida se encontrava, mas também não parecia confiar em mim o suficiente.

Nem mesmo para trabalhar com ele e ajudá-lo na melhoria da empresa.

Talvez por eu ser uma mulher.

Para ele, me entupir com cartões e roupas de grifes já eram o bastante.

— Rosalinda? — a chamo, enquanto arrumo o avental para tentar dissipar meus pensamentos. Quando seus olhos pequeninhos encontram os meus e sua atenção se concentra apenas na minha pessoa, eu prossigo: — Hoje é dia de folga da Georgina?

— Dia de folga da Georgina? — Ela balança a cabeça negativamente, um riso anasalado escapa por entre seus lábios finos. — Nesse exato momento ela está agindo como se fosse.

Rosalinda desvia o olhar para a janela que dá acesso à cozinha e eu a acompanho, mas não consigo enxergar nada do lugar que estou. Quando ela percebe minha expressão claramente confusa, se direciona até mim, coloca a mão sobre o meu ombro e diz, risonha:

— Ela está passando o tempo lá na cozinha, minha querida. Sabe como é, me enrolando para fugir do trabalho.

Nós duas rimos ao mesmo tempo da cara de pau da Georgina. É,

ela é realmente inacreditável.

Assim que a esposa do Sr. Wilson entra na salinha do seu escritório, eu decido acompanhar a Georgina na sua função de não fazer nada na cozinha, já que o movimento está fraco na lanchonete.

Quando eu entro no local, encontro a loira fazendo bolhas com o chiclete rosa, revirando os olhos quando a bolha não chega no limite desejado. Na mesa à sua frente, várias embalagens de chicletes estão abertas e espalhadas em uma verdadeira bagunça.

— Você frequenta o dentista com regularidade? — pergunto para a maior viciada em doces que já vi, atraindo a sua atenção. — A quantidade de chiclete e pirulito que você consome em um dia é preocupante.

Não sei se é para me afrontar ou não, mas ela recomeça a bolha novamente, até a mesma estourar em sua boca.

— Doces me tiram do tédio, não sei explicar — ela diz, dando de ombros. — É tipo uma terapia do relaxamento.

Georgina se levanta no segundo seguinte e joga os papéis das balas no lixo, juntamente com o chiclete que estava mascando. Assim que volta para o seu lugar, ajeita a postura e cruza as suas pernas divinas, dizendo logo em seguida:

— A propósito, meus dentes estão em perfeito estado. — Joga o cabelo para trás, orgulhosa. — Você provavelmente não sabe, mas eu ganhei um certificado de melhor escovação no jardim da infância.

— Que tipo de escola dá certificado para melhor escovação? — Balanço a cabeça, sem entender nada. — Isso não faz o menor sentido.

— Ah não, nem vem — Georgina se levanta e o dedo indicador

balança em minha direção. — Eu sei bem o que está tentando fazer, e eu não deixarei você desmerecer minhas conquistas.

— Desculpa, não foi a minha intenção. Mal posso imaginar como foi difícil para você alcançar tal feito.

— Aprecio seu reconhecimento, garota de NY.

Sorrio, achando graça do novo apelido.

Quando as cozinheiras começam a entrar na cozinha para iniciar o preparo dos lanches tempos depois, Georgina e eu nos retiramos e nos direcionamos para um dos estofados de cor verde água da lanchonete.

— Me conta, qual motivo dessa cara de quem comeu e não gostou? — ela pergunta quando já estamos um bom tempo sentadas em silêncio, me fazendo erguer os meus olhos para poder fitá-la, com um vinco formado entre as sobrancelhas.

— Está tão ruim assim? — Contorço o rosto em uma careta, revirando os olhos quando ela confirma com a cabeça. — Se você soubesse o que aconteceu ontem, provavelmente morreria.

— Então me conta! — exclama na maior empolgação ao repousar o queixo em uma das mãos, a fim de me olhar com seus olhos verdes-escuros banhados de curiosidade.

Assinto, começando a contar como tudo aconteceu, desde a aparição do Devin na lanchonete até ele me deixando em casa e a minha tia especulando coisas impossíveis. Com seu jeito alarmado de ser, certa hora ou outra, escapa pequenos gritos de surpresa pela boca da loira.

— Não acredito que você ficou sozinha nesse lugar e não tascou um beijão naquele homem! — ela diz, batendo a mão de leve na mesa,

claramente inconformada.

Eu conto a história toda e é só nisso que ela consegue pensar. Tinha que ser Georgina.

— Mas é claro que eu iria fazer isso — debocho. — Era uma ótima oportunidade para beijar um completo desconhecido.

— Ele não é desconhecido — fala, como se isso fosse óbvio. — Eu havia apresentado ele a você antes. Além do mais, ele parece ter gostado de você.

— Você só me disse o nome dele, Georgina, não é como se eu o conhecesse.

— As garotas de Nova York costumam ser certas assim o tempo todo ou você é uma exceção? — Georgina ri, me analisando atentamente. — Não é por nada, mas você precisa se encaixar mais no padrão Hellaware.

— Que é beijar desconhecidos quando eles aparecem pela noite no seu trabalho?

— Exatamente, B! Se fosse Devin Leblanc aparecendo para mim, provavelmente eu teria o beijado.

— Sabe uma coisa, Georgina? — Coloco o braço em cima da mesa e apoio o queixo na minha mão para poder imitá-la. — Lá em Nova York, nós costumamos dizer que quem muito fala, pouco faz.

A expressão de surpresa que a garota faz agora me faz cair na risada, sendo acompanhada por ela segundos depois. Suas íris brilham, claramente contando para as minhas como havia gostado do meu pequeno afrente.

— Mas você deveria ter beijado ele.

É o que ela diz quando as nossas risadas cessam. O modo como me encara agora me faz acreditar que realmente possa estar falando sério todo esse tempo. Eu não a julgo por ter esse pensamento, afinal, Devin é realmente um cara bonito.

— Você vai mesmo insistir nisso, não é?

— Com toda certeza! — Soa cheia de si.

— Eu vou ignorar isso. — Encosto as costas no estofado e cruzo os braços em frente ao peito, sorrindo para ela. — Agora me diz, ele já ficou com todas as garotas dessa cidade, não foi?

Georgina leva o dedo indicador ao queixo, como se estivesse tentando puxar da memória alguma informação da qual não se lembra. Quando essa informação parece chegar para ela, a mesma nega com a cabeça e diz:

— Se foi com todas as garotas, eu não sei. Mas o que eu sei é que ele e Violet Mohn, a garota que veio aquele dia aqui, tem algum tipo de relação que ninguém nunca vai saber entender. Eles se pegam sempre e vivem juntos sempre, mas também pegam outras pessoas.

— Nossa... — É só o que consigo responder. Eu não imaginava que eles pudessem ter algo, pareciam apenas bons amigos. Mas seria meio óbvio se tivessem, a Violet é extremamente bonita e faz completamente o tipo dele.

— Mas não desanime cara Barbie, eles não namoram — Georgina alisa a minha mão, que agora está em cima da mesa, como se estivesse me consolando.

— Eu que não quero me meter nisso — Dou de ombros. —

Minha vida já é turbulenta demais. — Como se tivesse deixado algo passar, eu lembro rapidamente e digo com a maior firmeza:— Sem contar que eu só ajudei ele, não é como se fôssemos amigos inseparáveis ou algo do gênero.

A loira se levanta do estofado, arrumando o avental logo em seguida. Seu sorriso presunçoso consegue sufocar todo o ar.

— Se você diz...

Georgina vira as costas para mim e sai para atender algum cliente que eu não faço a mínima questão de virar para ver de quem se trata. Ao sentir o tédio se aproximando e mil pensamentos importunos borbulhando minha mente, tombo a cabeça para trás e fecho os olhos com certa força, tentando tirar qualquer tipo de minhoca que a garçonete tenha plantado aqui.



O término do serviço chega ao fim horas depois, o que faz com que eu me direcione ao banheiro para tirar ferozmente esse uniforme nada elegante que me deixa parecendo qualquer coisa menos uma garota decente que sou.

Quando olho meu reflexo no espelho, quase dou um grito por perceber o quão acabado e terrível meu estado se encontra. As olheiras arroxeadas estão claramente visíveis ao redor dos meus olhos, o meu cabelo está parecendo um ninho de esquilos e ele fede a gordura de hambúrguer e batatinha frita.

Desfaço o penteado que tinha feito há um tempo atrás, deixando os fios dourados totalmente soltos, mesmo que esteja com um cheiro não muito agradável. Pego a minha mochila e retiro as minhas roupas limpas, as vestindo logo em seguida.

Agora olhando novamente meu reflexo, vejo que a blusa de renda amarela e o short jeans de cintura alta acaba trazendo de volta a garota decente que eu acho que sou. Mesmo que ela não pareça com a garota de tempos atrás, eu gosto de vê-la se transformando.

Abro a porta do banheiro e outra garota entra, provavelmente para se desfazer desse uniforme horroroso também.

Me direciono ao balcão e me despeço de todo mundo, inclusive do Sr. Wilson e de sua esposa sorridente e simpática, que se apressa em depositar um beijo em minha bochecha.

Quando sinto a brisa gélida da noite chicoteando o meu rosto assim que piso os pés fora da lanchonete, sinto também todo o estresse ir para o espaço, sobrando apenas a tranquilidade do momento, mesmo que a gritaria esteja correndo solta nesse parque.

Ver todos os dias os sorrisos das crianças brincando nos brinquedos com os seus pais faz com que algo dentro de mim se agite, um sentimento bom, talvez. Eu nunca tive esses momentos com os meus pais, pois a minha mãe faleceu quando nasci, e papai só vivia ocupado com seu trabalho. Eu sempre ia com as minhas babás ou com a minha tia Amber, que sempre aparecia para me visitar por alguns dias em Nova York.

Enquanto decido passear pelo parque para continuar lembrando da minha infância, resolvo comprar um algodão doce na barraquinha de cores amarela e vermelha do moço que não faço ideia do nome. Quando ele acaba me entregando o doce e agradecendo pela preferência, sorrio sem descolar os lábios e continuo andando. Passo pelo carrinho bate-bate, pelo trem fantasma e por diversas barracas de jogos com pessoas espalhando sorrisos e até mesmo murmúrios e xingamentos, provavelmente por perderem todas as suas

fichas neles.

Talvez por alguma peça do destino ou até mesmo pelo fato de *Starryland* ser o maior ponto de encontro entre os jovens da cidade, meus olhos capturam de longe algumas pessoas na fila da roda-gigante, devidamente vestidas com jaquetas de couro. Não tenho certeza, mas algo me diz que é Devin e seu bando extremamente famoso.

Minha vontade é de pegar o meu algodão doce, esconder o meu rosto nele e sair de fininho para que Devin não me reconheça. Mas é claro que antes de eu realmente executar o meu plano, alguém acena para mim. Sem me dar ao trabalho de conferir se é ele mesmo ou não, giro nos calcanhares e me direciono para a saída.

Eu realmente não sei o motivo de estar fazendo isso, mas sei que meus pés estão sendo mais ágeis do que o meu cérebro.

Fecho os olhos e murmuro baixinho, pois estou conseguindo ouvir a voz de Devin Leblanc chamar meu nome bem atrás de mim.

Antes que eu possa pensar qualquer coisa sobre o que fazer, sou surpreendida por uma mão tocando suavemente no meu braço, o que faz com que eu detenha os passos e vire lentamente com um certo receio estampado no rosto.

— Estava fugindo de mim, boneca? — Devin sopra, sua voz grave e rouca dança até os meus ouvidos. Minhas bochechas esquentam na mesma hora.

— Claro que não! — minto, tentando parecer convincente. — Eu nem te vi, acredita?! — Sorrio de forma desengonçada ao colocar a mão na cintura. — Por onde você estava?

— Você não me viu? — O tom de desconfiança é nítido em sua voz, me faz engolir em seco. — Eu acenei e você virou as costas para mim.

— É que eu tenho problema de visão, aí eu não te reconheci. Mil desculpas! — minto novamente, o sorriso nervoso tomando conta dos meus lábios.

Meu Deus, o que estou me tornando?

— Pensei que você já estivesse em casa uma hora dessas — Devin diz alguns segundos depois, mudando de assunto. — Seu turno acabou faz tempo.

— Pois é, já era para eu estar em casa mesmo. Quando meu turno acabou, resolvi comer algodão doce e admirar as crianças brincando no parque.

— E você não vai brincar nos brinquedos? — Ele cruza os braços, umedecendo a região avermelhada do seu lábio inferior. Suas mãos afundam no bolso da sua jaqueta de couro e seus olhos claros esquadrinham meu rosto de forma analítica.

O modo como me olha tão intensamente faz com que arrepios se alastrem pela minha espinha. Não basta me olhar desse modo, tem que ter os olhos verdes com pintinhas amarelas mais bonitos e intensos que já vi em toda a minha vida.

— Hã, não — respondo sua pergunta, nitidamente mexida pela forma que me olha.

Ao me ouvir, Leblanc se aproxima mais um pouco, deixando-me ainda mais atordoada. Eu não sei se ele percebeu, mas, se percebeu, provavelmente está querendo me deixar ainda mais embaralhada, pois o

sorriso torto demonstra isso. Mesmo que eu não seja o tipo de garota que fica embaralhada por causa de garotos, estou extremamente assim nesse exato momento.

Ai meu Deus, o que eu estou me tornando na droga dessa cidade?

— Vem comigo na roda-gigante então, todos os meus amigos estão por lá. Eles vão adorar te conhecer. Principalmente depois de saberem que você ajudou o amigão deles aqui. — Aponta para si com o dedo indicador ao terminar de falar. O sorriso que esboça agora evidencia claramente suas covinhas.

— Na roda-gigante? — Rio, desacreditada, balançando a cabeça em negação. — Eu não entro nesse brinquedo nem se for para ganhar um milhão de dólares. Deus me livre! Morro de medo.

— Então quer dizer que você tem medo de roda-gigante? — Devin soa divertido e fricciona os lábios um no outro para não rir. — Achei que você fosse do tipo corajosa.

— Eu sou corajosa! — falo, totalmente convencida da minha qualidade. — Mas quando se trata dessa coisa, a coragem olha para mim e diz: "*tchau, trouxa, fica aí sozinha nessa!*" — quando falo essa frase, imito uma voz totalmente diferente, fingindo ser a tal coragem que foi embora.

Devin cai na risada com a minha imitação, o que faz com que eu tenha o privilégio de arrancar e escutar uma risada saindo da sua boca. Só não imaginava que fosse ser com uma estupidez dessa. É, eu realmente estou morrendo de vergonha por ter feito isso em sua frente.

— Obrigada por essa imitação, vou querer ouvi-la mais vezes. — É o que sai pela sua boca quando seus sons cessam. — Mas falando sério

agora, vamos, você precisa superar seus medos.

— Esquece. Não vai rolar, deixa para a próxima.

Devin pende a cabeça para o lado, mordiscando o canto da sua boca à medida que me olha dos pés à cabeça.

— Ai boneca... — Ele inspira profundamente, cruzando os braços. — Você vai estar comigo, nada vai lhe acontecer, eu prometo.

— Será? — pergunto, desconfiada.

Não acredito que realmente estou ponderando isso.

— Você não vai fazer eu implorar, vai?



03

*"Vivendo longe dos bares, tentando se
relacionar
Procurando pelo o amor
De repente aparece, uma linda americana"*
AMERICAN BOY | TAYLOR SWIFT

Devin Leblanc

Ter fama de garoto mau em Hellaware já me trouxe muitos prazeres, principalmente no auge dos meus quinze anos. Não sei se eu tive sorte ou se as garotas realmente se sentiam instigadas por garotos repletos de tatuagens e que pilotavam motos até tarde da noite como eu, mas, durante essa fase da minha vida, consegui fazer muito sucesso com a mulherada e tive uma incontável lista de garotas que iam parar na minha cama. Diferente do que muitos acreditam, não me orgulho nada disso atualmente.

Eu usava as mulheres como forma de esquecer o meu passado. Eu usava as mulheres para esquecer o fato de ter sido abandonado pelos próprios pais ainda bebê em um rancho qualquer escondido pela cidade. Totalmente imaturo, eu sei.

Porém, só com alguns anos depois que fui aprender que a minha

história não é de todo ruim, afinal, foi nesse rancho que cresci sendo cuidado por um homem muito bom, que sempre me deu amor, carinho e me tratou como seu verdadeiro filho. Ele é ninguém mais e ninguém menos que um dos fundadores do MotoClub que faço parte, ou melhor, que cresci fazendo parte. Por ter atingido uma certa idade que não dava mais pra ficar no comando, meu pai adotivo decidiu tomar um outro rumo na vida, saindo da cidade e me deixando no controle total do rancho e do seu maior amor.

Se não fosse por ele, não sei que rumo a minha vida teria tomado. E, particularmente, demorou para que a minha ficha caísse totalmente, mas quando aconteceu, percebi que amo todas as coisas que aconteceram comigo, até ter sido abandonado. Pois se isso não tivesse acontecido, provavelmente não estaria no lugar que eu mais amo estar, levando a vida que levo juntamente da minha família, que sempre faz de tudo para me apoiar e colocar um sorriso em meu rosto.

Ou seja, mesmo que as coisas te deixem frustrado no começo, saiba que ela fará total sentido para você mais cedo ou mais tarde.

Tudo acontece por uma razão, queira você ou não. Acredite você ou não.

E a fama nessa cidade não me agrega em absolutamente mais nada. Mesmo que ainda goste de saber que eu desperto o medo em gente hipócrita, muitos ainda possuem uma ideia errônea sobre mim e os meus amigos, torcendo o rosto em uma careta de desgosto e repulsa todas as vezes que nos disponibilizamos a circular pelos lugares. É isso que eu mais detesto, de fato. Não sou um monstro, tão pouco a minha família.

E agora olhando para a Barbie, mesmo sabendo que ela seja de outra cidade e não me conheça tão bem, em nenhum momento ela me julgou

ou me tratou com indiferença.

Isso faz com que tenha mais pontos comigo do que imagina.

Confesso que ainda tinha um pouco de esperança para que aceitasse o meu convite, afinal, sei que consigo ser bem persuasivo quando eu quero. Mas, quando ela olha para o brinquedo atrás de mim e o seu rosto se contorce lentamente em uma expressão carregada de receio, tenho quase certeza que ouvirei um não daqueles sair por entre seus lábios.

— Eu gostaria muito de superar esse medo estúpido — esclarece, com os ombros encolhidos, como se estivesse com vergonha de toda a situação. — Mas realmente é um dos meus maiores medos.

— Está tudo bem, boneca — digo, tentando tranquilizá-la. Eu jamais faria com que ela fosse em algo sem se sentir confortável, mesmo que eu queira muito apresentá-la para os meus amigos. — A gente pode não ir agora, mas juro por Deus que eu, Devin, ainda te levarei para andar comigo na roda-gigante.

— Me admira a sua autoconfiança, só que essa eu pago pra ver! — Barbie soa debochada agora, como se não tivesse levado a sério o que eu falei. Gostaria de dar risada nesse exato momento, pois me admira o fato dela ainda não ter percebido que não brinco em serviço.

— Você acha que eu não consigo fazer você perder o medo? — Rio em incredulidade, balançando a cabeça de um lado para o outro.

Ela, por outro lado, balança a cabeça afirmativamente e cruza os braços em frente ao peito. O sorriso que estampa os seus lábios rosados agora é carregado de desafio.

É isso mesmo que eu estou vendo? Ela quer desafiar a *mim*?

— Pelo que me parece, temos uma aposta aqui, não temos? — rebato ao devolver o mesmo sorriso para ela.

— Devin Leblanc faz apostas? — Ela ri, descrente. — Achei que as coisas fossem mais pesadas com você.

— Tem muitas coisas sobre mim que você não sabe, Barbie. E uma delas é que sou bastante competitivo e levo a sério as minhas apostas, ou seja, vou fazer de tudo para você ir no brinquedo comigo, acabando com esse seu medo de uma vez por todas.

— E posso saber o que você ganharia com isso?

Nesse exato momento, sua pergunta em um tom divertido me pega totalmente desprevenido, pois em momento algum eu pensei no que eu poderia ganhar, apenas pensei em fazer ela subir lá comigo e ser a primeira pessoa com quem ela já esteve em uma roda-gigante. Até mesmo queria compensá-la por ter salvado a minha vida ontem.

Parando para analisar, que porra de pensamento altamente romântico é esse que me ocorre agora?

Assim que eu bati o olho nessa mulher ontem, sabia que tinha algo diferente nela que jamais tinha encontrado em outras meninas na cidade. Quando tive o prazer de conversar com ela na lanchonete, pude ter certeza de que era mesmo diferente, o seu sorriso doce já entregava tudo. De um jeito bom. Muito bom. Mas o que não estou conseguindo entender é essa coisa dentro de mim dizendo que preciso urgentemente estar ao seu lado. Mesmo que eu a ache linda para um cacete, ainda é um pouco estranho para eu assimilar esse sentimento.

— Eu não sei — acabo optando por falar a verdade, já que não tenho razão nenhuma para mentir. — Eu só quero que você perca o seu

medo, é algum crime inafiançável?

— Claro que não! Inclusive, Devin, fico muito agradecida pela disposição em tirar o meu medo, não sabe como isso significa para mim. — Ela abana a mão em frente ao rosto, piscando os olhos azuis em inocência.

Sua risada estridente ecoa pelo parque à medida em que captura meus lábios se abrindo em um sorriso torto no exato momento que ouço sua frase, fazendo-me acompanhá-la.

Quando as nossas risadas cessam, segundos depois, nós dois não falamos nada, apenas continuamos um olhando fixamente para o outro. Tenho a plena certeza que ela não aguentará sustentar meu olhar por muito tempo, mas eu poderia ficar assim até amanhã sem pestanejar. Não vejo nenhum problema em a observar. Não vejo nenhum problema em observar minuciosamente cada um dos seus traços perfeitos, assim como não vejo problema algum em contemplar suas íris cor de oceano que contrasta perfeitamente com o dourado do seu cabelo comprido e levemente ondulado.

Como eu já suspeitava, Barbie é quem desiste primeiro da nossa pequena guerra travada ao desviar seus glóbulos para o lado e focar sua atenção nos casais de mãos dadas que passeiam perto de nós.

— Então... — cantarolo, trazendo o seu olhar até mim novamente. — Os meus amigos devem estar morrendo de fome, pois já estão aqui rodando há um tempo e, provavelmente, devem estar a minha espera para comermos. Você não quer lancha com a gente, não?

Ela remexe os lábios em um biquinho fofo, gangorreando com os pés.

— Por que você só faz convites difíceis para mim? — Barbie passa a mão pelo cabelo, claramente pensativa. — Eu vou morrer de

vergonha, Devin.

— Ah, não... — Balanço a cabeça negativamente, mostrando a minha insatisfação com a sua resposta. — Não tem essa de vergonha, você vai adorar eles assim como eles irão te adorar.

— A Violet não vai se incomodar com a minha presença? — Seu rosto começa a ganhar uma coloração escarlate quando menciona o nome de Violet, e eu tenho quase certeza que ela parece constrangida por estar falando sobre.

Quem foi que já andou falando da minha vida e da Violet para ela?

— Ela jamais se importaria, não tem com o que se importar. Deixa de arrumar desculpa, eu quero ouvir um sim. Você vai me dizer um sim? — pergunto, animado, juntando as minhas duas mãos em forma de oração.

— Sim — sopra, baixinho.

— Repete, é que eu não escutei. — Coloco minha mão em formato de concha na orelha, somente para fingir não ter escutado nada.

— Sim! — repete de modo mais animado e audível, o que arranca um sorriso meu quase que automaticamente.

Para que possamos nos encontrar com os meus amigos, entrelaço minha mão na sua sem pensar muito, puxando-a para que eu possa conduzi-la durante o trajeto. Barbie se assusta com a ação levemente íntima, e, de soslaio, percebo quando engole em seco. Não estou muito diferente dela, entretanto. Sinto o choque de eletricidade provocando cada pelinho do meu braço, tornando-os eriçados.

Serpenteando entre as pessoas tento esquecer a sensação e percorro os olhos por todo o parque em busca deles. Parecendo ser mais rápida que eu nessa missão, Barbie cutuca o meu braço e quando eu a olho, a garota aponta para um grupo de pessoas perto de uma barraquinha de cachorro-quente, fazendo-me anuir com a cabeça.

Quando nos aproximamos dos meus amigos, todos os pares de olhos recaem sobre nós. Ou melhor, sobre as nossas mãos ainda grudadas uma na outra. E é provavelmente por causa disso que a Barbie solta ligeiramente, passando-as disfarçadamente pelo cabelo.

— Fala, turma — cumprimento, ganhando a atenção do grupo em minha frente. — Essa aqui é a garota que salvou a minha pele ontem. — Aponto com a cabeça para ela, e sorrio ao notar que as expressões dos meus amigos mudam de confusos para *"agora tá fazendo sentido isso aqui"* em poucos segundos. — Barbie, esses são os meus amigos. Meus amigos, essa aqui é a Barbie.

— Olá! — Ela acena para todos, ainda tímida.

Para deixá-la mais à vontade com toda situação, faço com que meus amigos se apresentem um por um. O primeiro a se apresentar é o John, fazendo piadinhas por já ter se apresentado na lanchonete. Depois é a Violet, que a cumprimenta com um sorriso caloroso típico dela, e por último, mas não menos importante, os irmãos McAllister.

— Eu sou a Kara, muito prazer! — A garota de cabelo cacheado tão escuro como a noite se apresenta com a sua voz doce e meiga, tombando a cabeça no ombro do seu irmão. Os olhos verdes cintilantes brilham tanto quanto sua pele preta sob a luz do luar. — E esse aqui é o meu irmão.

— Que bom que não disse o meu nome também, pensei que

fosse fazer a apresentação completa — Kieran brinca ao mexer no topo da cabeça de Kara, como se ela fosse um cachorrinho. — Meu nome é Kieran, Barbie! É um prazer finalmente te conhecer.

— O prazer é todo meu, pessoal! — Barbie sorri e afunda as mãos no bolso traseiro do seu short jeans.

— Já que todo mundo sabe o nome de todo mundo agora, será que podemos finalmente comer no *Fast Rocket*? — Todos soltam gritinhos eufóricos com a minha pergunta e se deslocam até a lanchonete, aparentemente famintos.

É inevitável não olhar de soslaio para a garota baixinha ao meu lado enquanto percorremos nosso percurso. Ela parece bem mais aliviada agora e isso me deixa mais tranquilo, já que eu não queria causar desconforto algum.

Quando chegamos na porta do *Fast Rocket*, John brinca com a Barbie e pede para que ela abra a porta, alegando que a garota é a quase dona do estabelecimento, o que faz todos nós cair em gargalhadas.

Assim que ela atende a proposta do meu melhor amigo e conseguimos adentrar o local, todos os rostos se viram automaticamente para nós, como em todas as vezes que pisamos aqui ou em qualquer lugar.

Quando os olhares de nojo passam por nós, os olhares de espanto que vêm depois é inacreditável e consegue ser ainda pior. E isso tudo por causa da Barbie. Provavelmente eles devem estar se perguntando o que uma garota como ela faz com gente como nós.

Otários.

— O lanche hoje fica por sua conta? — John permanece com

suas gracinhas, assim que nos sentamos em um dos estofados do fundo. — Eles não vão cobrar de você, vão?

— Definitivamente vão! — Barbie constata aquilo rindo, como se fosse totalmente óbvio.

— Que padrões péssimos! — É a vez da Violet se pronunciar, rolando os grandes olhos castanhos pincelados pela sombra preta. — Quem nega comida de graça a funcionária?

— Muitos padrões, provavelmente — Kieran responde, fazendo Violet bufar inconformada, pois comida para ela é algo realmente sério.

— Isso é totalmente inadmissível, Barbie! Vocês deveriam fazer greve de trabalho — continua com o assunto ao descansar as costas no estafado.

— Greve de trabalho? — Barbie questiona a pergunta de Violet e sulcos formam-se em sua testa.

— É. Greve de trabalho. — Violet dá de ombros. — Só pelo fato deles não darem comida de graça aos funcionários, vocês deveriam fazer greve e ficar sem fazer nada durante todo expediente.

— E levar uma bela e linda demissão? — Agora é a vez da Kara confrontar a amiga, a sobrancelha grossa totalmente arqueada. — Você é doida, mulher.

— Ai, gente... — Ela descola as costas de onde estava e depois apoia os cotovelos na mesa. — O que é que custa um lanchinho grátis de vez em quando?

— Tem total razão! Vou ter que concordar com você agora — Barbie ri, assim como Violet e todos nós.

Uma das garçonetes aparece com o bloco em mãos para anotar os nossos pedidos na mesma hora, saindo quando todos dizem seus respectivos lanches, agradecendo a preferência com um sorriso gentil iluminando seu rosto redondo.

— Você é novata na cidade também, não é? — John pergunta para a nossa convidada assim que o silêncio se instaura sobre nós. Ele leva a mão ao queixo, pensativo. — Eu não me lembro de você na cidade antes e provavelmente lembraria com toda certeza se tivesse visto.

O tom que ele fala não me parece malicioso, mas conhecendo esse cara como eu conheço, sinto a malícia correr solta por aqui, não sou idiota. Barbie é extremamente linda, ele não perderia a oportunidade de soltar seu charme e seu sorriso cafajeste para cima dela.

— Não, eu não sou daqui. Nasci e fui criada na agitada cidade de Nova York — a garota responde, e eu sei que tenta parecer animada. O problema é que percebo o exato momento em que seus ombros encolhem, assim como seu corpo.

— Não brinca! — John leva suas mãos até a boca agora, visivelmente espantado. — Meu sonho é passar uma mísera noite lá. Dizem que as mulheres de Nova York são as melhores.

— Lá era legal. Agora se as mulheres são melhores ou piores, aí eu já não faço ideia. — Ela sorri sem descolar os lábios, devolvendo toda sua atenção para os portas-guardanapos espalhados pela mesa.

— Bom, creio que são melhores — John diz de forma maliciosa ao umedecer os lábios rosados à medida que os repuxam em um sorriso daqueles perigosos.

O modo como ele a encara agora me incomoda um pouco, mas

Barbie não parece se incomodar com o comportamento atirado de John, até solta boas risadas durante nossa espera pelos pedidos. Eu, por outro lado, só consigo perguntar a Deus o porquê de ele ter me dado um melhor amigo tão galinha quanto o John. Com um sorriso que arrebatava os corações da mulherada, um charme que ninguém nunca viu igual e uma lábia certa, o rapaz de cabelo raspado e tatuagens exuberantes coleciona uma enorme lista de garotas que fazem e fariam de tudo para passar uma única noite com ele.

Como se pudesse ouvir as minhas preces para aliviar esse clima constrangedor, a garçonete aparece mais uma vez, agora para salvar a todos nós de todas as formas possíveis. Após distribuir os lanches na mesa, a moça nos deseja um bom apetite e, assim que gira nos calcanhares, Kieran e Kara devoram os hambúrgueres com a maior pressa possível, levando todos nós a seguir o mesmo exemplo.

— Isso aqui está muito bom! — Violet grunhe de boca cheia após comer um pedaço do hambúrguer, logo em seguida limpa a boca com o guardanapo.

— Está perfeito mesmo! — Barbie também se pronuncia ao revirar os olhos de prazer.

— Só Deus sabe a fome que eu estava. — Dou uma outra mordida no lanche, brincando com o canudinho listrado do copo congelante de Coca com a outra mão livre. — *Fast Rocket* é, sem dúvida alguma, a melhor lanchonete desse mundo.

— O Sr. Wilson vai ficar muito feliz quando ficar sabendo disso. — A loira sorri para mim, bebericando do seu milk-shake de morango.



Após terminarmos o lanche, ainda ficamos um bom tempo conversando amenidades com a Barbie. Melhor dizendo, John e Kara ficaram conversando com ela. Os dois não pararam um segundo de perguntar sobre a vida da garota em Nova York e até mesmo sobre como foi viver em Manhattan, um lugar dos sonhos para ambos.

Mesmo eu e a Violet de saco cheio do assunto e mandando os dois pararem com aquilo, a Barbie fez questão de responder tudo com a mesma empolgação. Pelo que me parece, a garota de cabelos cor de mel também tem muita paixão por lá, mesmo que seu sorriso vacilasse boa parte do tempo enquanto conversavam.

Depois de um certo tempo, a nova-iorquina foi embora com a tia e a gente pilotou até o lado mais afastado da cidade, sentindo o aconchego da nossa casa em meio à natureza.

Chegando no rancho tempos depois, cada um se dividiu para o seu respectivo trailer, e eu optei por admirar o céu escuro e as estrelas brilhantes, sentado em uma cadeira de praia qualquer enquanto fumo meu habitual cigarro, a fumaça cinzenta saindo em espiral tomando boa parte do espaço e sendo a minha única companhia.

— Não vai dormir não, bonitão? — Sou surpreendido pela voz penetrante de Violet, e assim que meus olhos capturam a sua figura a poucos centímetros de mim, fico admirando seu corpo curvilíneo coberto apenas por uma camiseta preta lisa e larga.

— Sabe como é Vi, estou sem sono. — Dou de ombros ao sentir a nicotina preencher todo o meu corpo mais uma vez.

— A garçonete já começou a tirá-lo de você? — Ela se senta no meu colo e tira o cigarro da minha boca para pôr na sua. Os fios curtos e

castanhos caem em cascatas sobre a altura de seus ombros, os olhos da mesma cor se fecham ao sentir o corpo se relaxar com a droga.

— A Barbie? — pergunto ao balançar a cabeça de um lado para o outro. — Da onde você tirou isso, maluca?

— Intuição de mulher — Violet sacode ombros para cima e para baixo, soltando a fumaça lentamente pela boca. — Algo me diz que você está prestes a me abandonar rapidinho.

— E por que eu faria isso? — Rio por achar graça do seu assunto estranho e levemente repentino. Levo meus lábios para distribuir beijos molhados pelo seu pescoço logo depois, a fim de acabar com qualquer conversa e ideia errada implementada em sua cabecinha criativa.

— Porque ela é do tipo de garota que você, o Kieran e até mesmo o John correriam atrás. Ela é bonita, certinha e veio de Nova York. O combo perfeito para um romance clichê de garoto mau e garota boazinha.

Eu decido ignorar o seu comentário sem pé e nem cabeça, mordiscando o lóbulo da sua orelha para poder fazê-la esquecer de todas essas baboseiras.

— Para com isso, Devin! — Sua voz sai mais como um gemido do que como uma súplica, embora espalme suas duas mãos em meu peito para poder me afastar. — Eu quero que você me responda.

— Você quer que eu responda o que, mulher? — Reviro os olhos, sem entender aonde quer chegar com essa discussão.

— Se você quer pegar a garçonete novata.

— A Barbie está se tornando minha amiga, eu não quero estragar isso.

— Piada. — Ela ri, desacreditada. — Devin, nem você acredita nisso.

E é aí que eu paro para pensar no que eu acabei de afirmar. E é verdade, não é?

A Barbie só está se tornando a minha amiga. Não tem nada além disso.

Não tem.

Ou será que tem?



04

*"No dia em que você nasceu
Os anjos se reuniram
E decidiram tornar um sonho realidade
Então eles espalharam poeira da Lua em
seus cabelos dourados
E luz das estrelas em seus olhos azuis"*

CLOSE TO YOU | CARPENTERS

Devin Leblanc

Acordar ao lado da Violet, mesmo depois de tantas perguntas sem fundamento ontem, faz com que algo bom se agite dentro de mim. A conexão que nós temos é surreal. Desde o primeiro momento em que eu e o meu pai a acolhemos no rancho há muito tempo atrás, nossos olhares pareciam já se conhecer.

Ela é uma das pessoas que eu mais confio e admiro na vida, de verdade. Na sociedade em que vivemos é muito difícil uma mulher tocar a vida do jeito que a Violet Mohn toca. Foi por causa disso que os pais a expulsaram de casa, não souberam lidar com o jeito único da filha. Tudo foi por água abaixo quando os mesmos a flagraram em um forte amasso com uma de suas amigas no sofá da sala.

Por ter tanto amor para dar, Violet se interessa por garotos e

garotas. Mas os seus pais como religiosos efervescentes não suportaram a ideia e, infelizmente, a expulsaram de casa somente com a roupa do couro.

Foi aí que os nossos destinos se cruzaram para mais nunca se descruzarem.

Todos por Hellaware acham que nós dois somos namorados ou algo do tipo, mas o nosso lance não tem nada a ver com isso. Sim, não posso negar que nos pegamos de vez em quando, porém é muito mais que isso. Eu jamais arruinaria nossa amizade extremamente forte por causa desse título que, convenhamos, não combina nada com a gente e com o nosso estilo de vida.

Nós somos melhores amigos um do outro, nossa amizade é a coisa mais bonita e pura que eu já construí nessa minha vida mais ou menos. Eu faria tudo por essa mulher, e não tem nada a ver com toda essa merda romântica que as pessoas tentam nos enquadrar de todas as formas possíveis.

Agora a observando dormir com os fios castanhos bagunçados no travesseiro branco e o peito subindo e descendo trivialmente enquanto respira, tenho ainda mais certeza de tudo que havia mencionado.

É realmente admirável como eu amo essa mulher.

— Me admirando dormir, Leblanc? — Violet diz com voz de sono, virando de lado para me encarar. Um pequeno sorriso estampa seus lábios enquanto ela apoia a cabeça na mão.

— Jamais — digo, enquanto balanço a cabeça negativamente. — Você é horrorosa dormindo — brinco, deixando-a irritada propositalmente. Ela dá um leve tapa na minha cabeça e se senta em posição de yoga na cama.

— E você é horroroso sempre. — Dá de ombros ao me dar língua, como se fosse uma criança petulante.

— Não é isso que as meninas dizem quando saem comigo — soo convencido, apertando as suas bochechas proeminentes.

Violet dá um tapa na minha mão e manda eu parar com a mania de apertar as suas bochechas. O problema é que não posso fazer nada quanto a isso, são realmente tentadoras. Quando finalmente percebe o que eu disse sobre as garotas, começa a rir de uma forma totalmente debochada, como se eu estivesse louco por ter falado aquilo. Mas eu sei que isso tudo é teatro para não inflar o meu ego. Não funciona, entretanto. Eu sei que o que eu disse é a mais pura verdade.

— Você é um panaca, cara — menciona assim que arruma os fios desgrenhados para trás.

— Quem fala panaca hoje em dia? — rebato de forma irônica, sem entender aquele linguajar arcaico.

Sem aguentar mais minhas provocações, pega meu travesseiro atrás de si e joga no meu rosto, o que faz com que eu a olhe com a sobrancelha totalmente arqueada e a boca entreaberta em um espanto fingido.

— Isso é por você ser um panaca comigo ontem e hoje — esclarece em um tom que me parece ser mais ou menos sério, lembrando tudo que conversamos na noite passada. Ou melhor, tudo o que eu tentei *não* conversar.

— Achei que tivéssemos resolvido isso — digo em um tom malicioso, as memórias de tudo que rolou nessa cama ontem atingem-me em cheio. Violet Mohn revira os olhos para mim por conta disso.

— Nós não resolvemos nada, pois você não me disse nada. Só me enrolou, seu safado.

— E eu tenho certeza que você gostou do modo como eu te enrolei — respondo novamente naquele mesmo tom safado, deitando-a na cama ao empurrá-la para trás. Suas pernas se abrem um pouco, o que permite que eu me encaixe por ali. — Estou totalmente certo, *huh?* — Salpico beijos por sua têmpora, mas ela tenta se afastar do meu toque, rindo.

— Não! — Violet soa totalmente firme, contudo, seu sorriso sacana demonstra o contrário. Ela desliza as unhas no meu peito nu, os olhos pequenos pelo sono ficando ainda menores pelo sorriso que se alarga em seu rosto.

— Eu sei que sim! — Meu tom segue tão firme quanto seu, e ela insiste em balançar a cabeça de um lado para o outro, negando inutilmente.

— Então eu terei que te lembrar, é isso?

— Não! — nega mais uma vez e me empurra levemente de cima dela. Quando resolvo me sentar, Violet sai da cama em passos firmes, andando até a porta. Antes de sair do cômodo, vira sobre os ombros só para soprar: — Não quero sexo agora, quero co-mi-da!

E então ela sai, me deixando com um sorriso descrente no rosto.

Essa garota é mesmo impossível.

A acompanhei no café da manhã, juntamente com o pessoal. Depois do nosso breve café coletivo, eu, John e Kieran nos arrumamos para andar pela cidade, deixando as garotas sozinhas em casa, já que hoje é o dia definido para que elas arrumem toda a bagunça.

— Nós vamos passar no *Fast Rocket* agora? — John pergunta,

assim que cada um desce da sua respectiva moto ao estacioná-las na rua.

— Você já está com fome, cara? — Kieran se direciona ao John, totalmente inocente.

Pobre, Kieran...

— A sua ingenuidade me cativa — digo, sorrindo. — Mas não é comida que ele quer, de fato, lá.

— Não?! — Kieran parece confuso, seu rosto todo se contorce. Ele leva a mão para coçar a nuca logo depois.

— Lá tem muita coisa mais interessante que comida, Kieran — John esclarece, malicioso como sempre. — Você por acaso já reparou nas garçonetes?

— Como eu sou idiota! — McAllister bate levemente em sua testa, depois de cair na real. — É claro que era nisso que você estava pensando.

— Mas é claro! — meu melhor amigo diz, com um sorriso confiante. — Eu iria atrás da Barbie, mas já saquei que nosso fiel escudeiro aqui... — Ele aponta para mim com o dedo em riste, o sorriso quase cortando seu rosto ao meio. — Já foi bem mais rápido.

— Você só fala merda. — Bufo, irritado, cruzando os braços com uma expressão séria pincelando o meu rosto.

Ele se aproxima de mim e para ao meu lado, enganchando o seu braço no meu pescoço. John esquadrinha meu rosto por longos segundos e eu acabo por contorcê-lo em uma careta com sua aproximação, fazendo-o explodir em risadas.

— Você é péssimo em disfarçar coisas, Devin.

Abro a boca para retrucar, mas capturo Kieran concordar com John, o que faz com que eu bufe irritado uma segunda vez.

Depois de algum tempo falando sobre como eu era péssimo naquilo, os dois acabam me convencendo de ir para a lanchonete. Não sei o que os dois pretendem encontrar por aqui, mas até que estou curioso para ver.

Sentados no habitual estofado dos fundos, busco Barbie com o olhar quase que inconscientemente, só que não a encontro em lugar algum.

— Acho que hoje é o dia de folga dela — John também estica o pescoço, percebendo que eu estava a procurando.

— É, pode ser. — Dou de ombros e volto minha atenção para os anéis prateados em meus dedos.

De soslaio, observo Georgina caminhar até nós com uma expressão de zero paciência, o que acaba mudando quando se aproxima cada vez mais, pois começa a perceber que os seus clientes, na verdade, somos nós. Seus seios fartos balançam enquanto ela caminha, deixando a vista ainda mais bonita. Os fios loiros e curtos caem em perfeitas ondas nas pontas, e seus olhos verdes-escuros demonstram um brilho que não consigo decifrar.

Agora olhando para os meus amigos, sorrio ao constatar que ambos parecem babar a qualquer momento por causa da garota que se aproxima. É, eu sei que ela é gostosa e tudo mais, mas eles simplesmente não conseguem controlar o pau dentro das calças.

Patéticos.

— Em que posso ajudar, meninos? — Georgina finalmente fala ao esboçar um sorriso caloroso para todos nós, segurando o típico bloquinho amarelo para anotar os pedidos.

— Eu gostaria de algo... — John se pronuncia primeiro ao remexer os lábios de um lado para o outro. — Mas não encontro no cardápio. — Ele dá uma última olhada no menu em suas mãos e o joga na mesa após se encostar no estofado, lançando um daqueles sorrisos sedutores para Georgina.

— E o que seria? — a garçonete pergunta com as sobrancelhas arqueadas, enquanto morde a tampinha da caneta.

— O seu número. — Sorri, convicto de que havia acabado de conquistá-la com seus truques baratos.

Georgina pigarreia, enquanto seu olhar brinca de John até Kieran, de Kieran até mim e, por último, se concentra fixamente em John.

— John, seu nome, certo? — A loira aponta a caneta para ele, o meu melhor amigo assente, agora com o queixo apoiado na sua mão direita. — Pois então, John, isso realmente não vem no cardápio. Eu até passaria para você, mas sabe como é, achei essa que você usou um pouco ultrapassada. Quem sabe se você se esforçar um pouquinho mais, *huh?*

Eu e Kieran nos entreolhamos, ambos segurando a risada com os lábios friccionados um no outro. John apruma a postura e solta uma leve risada sínica, sem olhar para a garçonete à sua frente. Ele passa a mão na rala barba por fazer e balança a cabeça lentamente, agora erguendo os glóbulos para encará-la.

— Vou me esforçar mais então, loirinha. — Pisca, o que resulta no esforço de Georgina para morder um sorriso. Ela pergunta se foi só por isso que a gente veio, mas antes que eu ou Kieran possamos responder, John novamente se intromete na nossa frente ao falar:

— Esse foi um dos grandes motivos, mas também não foi só isso. Você sabe dizer onde a Barbie se encontra nesse exato momento?

Uno as sobrancelhas, curioso sobre o motivo da sua pergunta.

— Você acabou de pedir o meu número e já vem perguntar da Barbie para mim? — Ri sem humor, espalmando as mãos na cintura ampulheta.

— Ah não, loirinha... — Meu amigo solta uma risada sarcástica, depois vira sua atenção para mim. — Não sou eu que quero saber do paradeiro da sua companheira de trabalho.

Georgina parece entender toda maldade por trás da fala de Scott, pois repuxa os lábios pintados de rosa em um sorriso complacente.

— A Barbie está na casa dela, provavelmente morrendo de tédio no seu primeiro dia de folga. Eu acho que ela adoraria ser convidada para sair por alguém, sabe, John? — O tom que a garota solta é carregado de ironia e eu sei muito bem o motivo. Sei que o que acabara de falar foi completamente direcionado para mim, pois faz questão de confirmar todas as minhas suspeitas ao dar dois tapinhas no meu ombro antes de finalmente sair para atender outro cliente.

Fulmino John com o olhar assim que percebo Georgina longe o suficiente, ele apenas levanta as mãos tatuadas em rendição, ainda com aquele sorriso estúpido no rosto.

— Você escutou a Georgina. Vai tirar o tédio da Barbie, não custa nada! — agora é Kieran quem fala para mim. Pronto, agora deu. Parece que todo mundo resolveu insistir nisso.

— E o que vocês sugerem, príncipes? — Cruzo os braços, fitando-os com os meus olhos verdes injetados de ironia. — Aparecer do nada na casa dela?

— Sim! — os dois falam na mesma sincronia.

— Eu não vou fazer isso, seus idiotas! Ela vai achar que estou a perseguindo.

— Deixa de ser idiota, Devin — John parece de saco cheio com a minha sensatez. Suas íris azuis se reviram de forma teatral e um tanto quanto dramática quando me fita. — A garota está sem fazer nada em casa, então chama ela para fazer algo, comer alguma coisa, sei lá. Só vai atrás dela antes que eu mesmo faça isso.

Kieran, que é sempre o sensato do grupo, me incentiva com um assentir comedido de cabeça. Inspiro e expiro profundamente, algo em mim tentando a realmente fazer o que eles tanto pedem.

— Tudo bem, eu vou! Caso isso dê errado de alguma forma, juro que volto e mato vocês dois — ameaço.

Me levanto antes que eles falem algo, pois sei que posso me arrepender a qualquer momento. Antes de sair, escuto Kieran e John me desejarem boa sorte com o tom de voz extremamente alto, e eu tenho certeza que todos no recinto puderam ouvir. Quando me viro para encará-los, encontro o olhar de Georgina no meio do caminho, e ela também me deseja boa sorte, mas só consigo entender esse por fazer leitura labial.

Parece que está todo mundo torcendo por algo que eu não estou entendendo.

Ou pelo menos finjo não entender.

E antes que possa perceber, já estou acelerando a minha moto até um pequeno bairro da cidade. Mais especificamente, até a casa da garota de cabelos dourados e olhos azuis hipnotizantes.

Quando estaciono na frente da casa amarela e desço da moto, cerca de poucos minutos depois, consigo ver a imagem da loira pela janela. O olhar dela encontra o meu segundos depois. Ela arqueia a sobrancelha, provavelmente sem entender nada da situação.

Eu quero muito matar o John e o Kieran. Eu quero *realmente* matar eles.

Ela sai apressadamente da janela e some do meu campo de visão. Alguns minutos depois a porta é aberta, revelando a Barbie em um vestido preto de renda extremamente minúsculo, o que me faz engolir em seco ao perceber que estou tempo demais contemplando suas pernas.

— O que está fazendo aqui? — Barbie fala de uma forma meiga ao se aproximar, levando um pouco do seu cabelo dourado para trás da orelha.

Ela está simplesmente perfeita, o rosto sem nenhum resquício de maquiagem. O cabelo dourado, que cai em cascatas sobre seus ombros largos, consegue ficar ainda mais dourado por causa do sol, se isso é realmente possível. Seus olhos azuis como Caribe estão focados no meu rosto, sem desviar nem por uma fração de segundo.

A cor do cabelo e a cor dos olhos dela são definitivamente as melhores combinações já existentes nesse universo.

E puta merda, eu não sei o que falar agora.

— Eu vim ver se hoje você topa perder o medo do brinquedo lá do parque. — É a primeira coisa que passa pela minha cabeça, mas não sei se realmente parece fazer sentido.

Barbie solta um sorriso singelo, o que me alivia e acaba me

fazendo sorrir também.

— A minha opinião continua a mesma de ontem — declara ainda com o mesmo sorriso, cruzando os braços em frente ao peito.

— Não mudou nem um pouquinho? — Faço uma pinça com o indicador e o polegar em frente ao rosto, referindo-me a quantidade.

— Nem um pouquinho — Barbie também imita a pinça e fala de forma ainda mais meiga e fofa. Ai que droga, será que ela pode parar com isso?

— Será que amanhã muda? — brinco, afundando as mãos no bolso da calça jeans. A garota à minha frente ri desacreditada com a minha insistência e diz que eu pareço uma criança perguntando para os pais se já chegaram ao destino a cada um minuto que se passa.

Assinto com uma risada, concordando veemente.

— E o que você estava fazendo antes da minha ilustre presença? — Mudo de assunto e me encosto na minha moto.

— Nada de interessante. — Ela dá de ombros. — Só estava nostálgica na janela por me recordar do meu passado.

— Em Nova York?

— Sim, em Nova York. — Sorri, brincalhona, provavelmente lembrando das perguntas que os meus amigos a bombardearam sobre lá.

— Você sente falta? — indago, observando o exato momento em que seu sorriso vacila, transformando-se em uma linha tênue.

— É complicado. Eu sinto falta dos momentos que eu passei lá com o meu pai, mesmo que tivessem sido poucos. Sinto falta da minha antiga

vida, mesmo que eu esteja tentando não ser mais a pessoa que eu era. É difícil você se desapegar de algo ou de algum lugar, principalmente se for recente. — Barbie parece distante agora, como se tivesse se transportado para seu passado. Quando seu olhar encontra o meu novamente, sinto os mesmos injetados em um misto de saudade e vergonha. — Desculpa por parecer tola. — Ela suspira longamente, sorrindo minimamente logo após.

— Você não pareceu tola, boneca. Você está totalmente certa e eu super entendo. Não sei o que você passou de fato, mas me identifico com o que disse.

Ela anui, depois olha para a sua casa sobre o seu ombro direito e volta seu olhar para mim só para perguntar:

— Você não quer entrar um pouco?

— E eu não corro risco de ser expulso com um cabo de vassoura pela sua tia? — Não sei se isso aconteceria de fato, mas Amber St. Claire me desperta um certo medo.

Barbie acaba rindo. E a sua risada consegue ser bem contagiante.

— Tia Amber está no estúdio de tatuagem, não está em casa. Fique tranquilo, não haverá cabo de vassoura algum.

— Ufa, assim eu fico mais aliviado.

Barbie morde um sorriso e pega na minha mão para poder me conduzir até a sua casa com um jardim bem cuidado na frente. Quando nós passamos por ele e entramos na casa, ela só solta a minha mão para poder trancar a porta, dizendo em alto e bom som para que eu me sinta em casa.

Apenas agradeço, mesmo que seja meio difícil eu me sentir

assim, já que estou um pouco nervoso. Bom, eu acho que estou nervoso, afinal, minhas mãos não param de suar.

Demoro alguns segundos para prestar atenção na decoração da casa, que é extremamente bem conservada e um tanto quanto milimetricamente arrumada. Há dois sofás cinzas, um centro amadeirado entre eles, que parece abrigar uma floricultura de tantas flores sobre o móvel, e uma televisão de tubo logo à frente. As paredes possuem papéis de parede floral em um tom azulado extremamente claro, que combina harmonicamente com todos os enfeites e portas retratos da mesma cor espalhados pelas prateleiras. Logo mais adiante, a escada se faz presente para dar de encontro com o segundo piso da residência.

— Quer beber alguma coisa, Devin? — Barbie consegue atrair minha atenção agora, me despertando da minha pequena curiosidade momentânea.

— N-não, fique tranquila.

Ela anui com cabeça, seguindo até o sofá cinza. Me olha por um breve momento e indica o lugar vazio ao seu lado com o queixo, claramente me convidando para sentar ali. Quando enfim acato seu pedido, Barbie vira-se de frente para mim e seus olhos percorrem desenfreadamente pelos cantos da sala, em busca de algo que não faço a menor ideia. Quando parece finalmente encontrar o que tanto quer, eu acompanho o trajeto que seu olhar faz, o que acaba me tirando um sorriso quase que questionador ao flagrar sua incessante busca.

— Você faz coleção de jogos de tabuleiro ou algo assim? — Me refiro à enorme pilha de jogos no cantinho da sala, e ela confirma diversas vezes com a cabeça, soltando uma risadinha.

— É o que duas mulheres solteiras costumam fazer quando estão sozinhas em casa. — Levanta as palmas das mãos viradas em frente ao resto, se rendendo ao meu olhar julgador. — Garanto a você, nós somos muito boas nisso.

— Sinto que você está querendo me desafiar, boneca.

— Talvez... — Barbie ergue os ombros e remexe os lábios de um lado para o outro como se fosse uma dança coreografada.

— Eu não gosto de ser desafiado. — Semicerro os olhos em uma tentativa de parecer sério, mas a risada que me escapa logo após acaba estragando tudo. Apesar de ela ter saído sem aviso prévio, ainda continua sendo meio que verdade, pois talvez eu seja um pouquinho competitivo. — Agora você me deixou com sangue nos olhos. Qual desses aí você mais gosta?

— Eu gosto do *Backgammon*, mas podemos jogar *Ouija*.

— *Ouija*? — pergunto, em um tom mais espantado do que eu gostaria que tivesse realmente saído.

— Não acredito! — Ela ri ao parecer incrédula com alguma coisa. — Devin Leblanc tem medo de jogar o tabuleiro *Ouija*?

— É claro que não! — Tento parecer convincente, mas essas coisas me deixam um pouco receoso, é fato. — Eu não tenho medo de nada, boneca.

Ela assente, embora ainda veja um lampejo de um sorriso querendo sair por entre seus lábios. Eu não sei se ela realmente quer levar isso a sério, mas estou pronto para detonar no que quer que seja.

— Para de rir da minha cara, mulher! — solto, observando-a

fazer o maior esforço para não liberar uma risada.

— Eu não estou rindo! — Barbie cruza os braços, mas, no exato momento que fala isso, vira o rosto para evitar sorrir. Quando parece se recompor, apruma a postura e fala de modo totalmente sério: — Escolhe aí, *Backgammon* ou *Ouija*?

— Eu não sei direito jogar *Backgammon*, mas acho que escolho ele. — Quando Barbie abre a boca para falar algo, eu a interrompo para continuar: — E não, não é por medo do *Ouija*.

— Sim, claro. Isso jamais passou pela minha cabeça. — Seu tom é de deboche nítido, porém eu assinto mesmo assim. — Já adianto logo que eu sou incrivelmente incrível nesse jogo.

E quando ela se levanta para buscar o jogo, uma parte de mim se alivia por não ter sido *Ouija*. Não é que eu tenha medo, mas é melhor não arriscar com essas coisas. Sabe se lá o que pode acontecer.

Barbie se senta no chão assim que retorna e eu a acompanho, ficando em sua frente. Ela abre a caixa do jogo e tosse um pouco devido ao fato dele se encontrar levemente empoeirado. Torço o nariz na mesma hora, sentindo-o se pinicar com aquilo.

— Você quer que eu explique para você, iniciante? — Ela me olha por uma fração de tempo, os olhos e o sorriso totalmente provocantes, só que acaba devolvendo sua atenção para arrumar o tabuleiro e cada uma das peças.

— Eu não sou um iniciante, boneca. Só não me lembro direito das regras.

— Eu vou ler para você, só um instante. — Procura por algo

dentro da caixa e tira um papel, começando a ler as regras para mim: — Se o jogador tocar em uma peça, ela deve ser movida, se possível; se for impossível uma jogada, não há penalidade.

Depois de ler, ela olha para mim. Provavelmente devo estar com uma expressão confusa, pois acaba me entregando a folha em suas mãos, pedindo para que eu leia sozinho. Quando leio duas vezes para ter certeza que entendi, entrego o papel para a loira e confirmo com a cabeça, pedindo para que prossiga.

— Já que entendeu, podemos mesmo começar? — Barbie soa animada e eu confirmo. Ela me entrega os dados e nós tiramos ímpar ou par para saber quem começa.

Barbie foi quem começou.

Uma hora se passou e a garota conquistou mais uma vitória de várias, me fazendo bufar de raiva por ter perdido mais uma vez. Ela gargalha ao perceber minha indignação e eu reviro os olhos, desistindo desse jogo ridículo.

— Cansei dessa merda, sem condições. — Passo as mãos pelos meus fios já bagunçados. Suspiro em frustração.

— Achei que você tivesse dito que era bom em raciocínio lógico, Devin — provoca, piscando os olhos de maneira inocente.

— Eu sou bom em milhares de coisas, boneca, menos nisso. — Aponto para o tabuleiro com o dedo indicador, e me pergunto o porquê de aquilo ser tão difícil.

— É, percebi. — Ela sorri, mas leva a mão até a boca para tapar qualquer resquício dele, já que meu olhar de reprovação caiu sobre si.

— Não se ache por isso, boneca. O que eu quero mesmo é ver você na roda-gigante ou na montanha-russa. — Agora é a minha vez de provocar com um sorriso no rosto, vendo-a revirar os orbes.

Barbie não responde minha provocação, apenas arruma o jogo e se levanta para guardá-lo, meus olhos a acompanhando em todo trajeto. Quando volta para mim, estende a mão para que eu consiga apoio para me levantar.

— Obrigado pelo jogo, foi realmente inesquecível — ironizo, rindo. — Porém, infelizmente, já deu a minha hora. Se sua tia me encontrar sozinho aqui com você, pode me matar de diversas formas possíveis.

Ela tomba a cabeça para trás, gargalhando.

— Eu que agradeço por ser um ótimo parceiro de jogo, Devin. — Faço uma cara de ofendido, pois tenho a maior certeza que ela está tirando uma comigo. — Desculpa, não poderia perder a oportunidade de mandar essa.

— Tudo bem, acho que posso viver com isso. Mas agora me diz, quando vai aceitar brincar comigo qualquer dia desses no parque?

Ela leva o dedo indicador ao queixo, pensando na minha proposta. Quando parece chegar na resposta, diz:

— Que tal amanhã, depois do expediente?

— Espera. — Levo a mão à orelha, fingindo que não escutei. — Você pode repetir novamente?

— Para com isso, menino! — Ela me empurra de leve ao ficar na ponta dos pés para alcançar meu ombro. — Não é como se eu tivesse te prometendo andar lá, mas posso tentar perder o medo só porque você foi um

bom garoto no jogo hoje.

— Isso é o meu prêmio de consolação? — pergunto, vendo-a confirmar com um assentir de cabeça. — Uau, se for para você fazer meus gostos sempre, perderei mais vezes.

— Não precisa ficar se achando, Leblanc.

— Não estou. — Faço sinal de rendição, levantando as palmas das mãos. — Amanhã eu te encontro no parque. Depois do seu expediente, certo?

— Certo!

Sorrio, e ela também retribui, me levando até a porta. Quando faço menção de abrir, a loira me impede ao colocar a mão na maçaneta primeiro que eu.

— Eu que tenho que abrir, Devin. Caso contrário, você não virá mais vezes.

— Então você é do tipo supersticiosa? E também quer que eu venha mais vezes?

Um sorriso bobo deve estar estampado agora em meu rosto, só que eu não ligo. Ela disse indiretamente que me quer novamente na sua casa. Eu gostei para um caralho da informação.

— Mas é claro. Eu preciso ganhar de você mais vezes e também preciso que jogue uma partida de *Ouija* comigo.

Eu assinto e rio por ter mencionado a droga do *Ouija* novamente.

E me pegando totalmente desprevenido, Barbie me abraça

rapidamente e deposita um beijo estalado na minha bochecha, o que faz meu coração acender rapidamente.

— Obrigada por me tirar do tédio. — Ela sorri sem descolar os lábios, os olhos brilham em agradecimento.

Confirmo com a cabeça, sem conseguir formular uma frase decente. Barbie apenas se despede assim que passo por ela, fechando a porta lentamente.

Passo a mão pelo meu cabelo, jogando-o para trás. Um sorriso me escapa agora, pois mesmo com a porta fechada, escuto a garota gritar por mim. E eu não sei se consigo a entender perfeitamente.

Porém, acho que a escutei dizer para a encontrar no parque amanhã.

E eu mal podia esperar para que isso acontecesse.



05

*"Você é a imagem perfeita
Banho de sol sob a lua
Estrelas brilham enquanto seus ossos se
iluminam."*

BOOM CLAP | CHARLIE XCX

Barbie St. Claire

Depois que Devin Leblanc foi embora e me deixou com um ótimo gostinho de vitória, não demorou muito para que tia Amber chegasse com comida para o nosso jantar.

Ela trouxe algumas coisas saudáveis de uma loja qualquer para que eu comesse, enquanto se empanturrava com várias fatias de pizza. Quando eu a olhei indignada e disse que aquilo era totalmente injusto, Amber sorriu para mim da forma mais descarada possível e disse que eu precisava me alimentar bem pelo fato de ser nova e ainda ter jeito para uma alimentação saudável e uma boa saúde, diferente dela que não tinha jeito algum, pois já tinha perdido alguns anos no momento em que colocou um cigarro entre seus lábios e deu seu primeiro gole em uma bebida.

Eu quis rir daquilo. Mas me contive, achei meio pesado.

E como eu havia falado para Leblanc, jogo de tabuleiro é o que duas solteiras fazem quando estão sozinhas, por isso que foi o que fizemos após o jantar. Mas, diferente da partida de mais cedo, a minha tia conseguiu ganhar de mim duas vezes seguidas.

Eu não sei o que houve, mas tenho quase certeza que ela roubou no jogo.

Juro que isso não costuma acontecer com frequência. Eu sou realmente boa em jogos de tabuleiros. *Devin Leblanc que o diga.*

E, por falar nele, a tentativa de fazer com que eu perdesse o medo de roda-gigante no dia seguinte após o meu expediente fracassou completamente. Juro por Deus que eu tentei, já estava prestes a entrar no brinquedo na companhia de Devin, mas uma garota teve que ser amparada por um dos carinhos do parque por ter passado mal lá em cima. A cena dela sendo carregada no braço enquanto estava quase desmaiada fez com que o medo voltasse com tudo, o que acabou me fazendo parar na frente do brinquedo como se fosse um concreto, os pés criando raízes por ali.

Devin não disse nada, apenas sorriu para mim da forma mais reconfortante possível ao estender sua mão, me levando para brincar em um dos carrinhos bate-bate. Acho que estava na cara que eu não conseguiria, fiquei extremamente aliviada e feliz por ele não ter insistido mais.

Foi até melhor ter acontecido dessa forma, pois nós dois parecíamos duas crianças no brinquedo, era impossível saber quem parecia mais animado. Depois de algum tempo detonando todos os nossos adversários, Georgina e John se juntaram a nós em outro carrinho, nos desafiando completamente.

Parece que os dois estão se conhecendo melhor depois do melhor amigo de Devin dar em cima dela descaradamente na lanchonete. Fiquei sabendo que nada rolou ainda, mas estou louca para ver em quanto tempo os dois começarão a se envolver. Quando comentei sobre isso com Devin, ele me disse que seu melhor amigo só quer diversão, não leva nada a sério, o que é um tanto quanto engraçado, pois Georgina também me disse que se ele planeja só tê-la em sua lista de garotas que conseguiu levar para cama, estava tudo bem, pois ela estava ainda mais ansiosa para colocar o nome dele na sua.

O restante da minha semana passou voando, e o rapaz de olhos verdes com pintinhas amarelas sempre fazia questão de ir comer na lanchonete, me deixando uma gorjeta com uma mensagem escrita nela.

"Encontre-me no parque depois do expediente, boneca " era o que dizia todas as vezes, a letra bem chamativa e um tanto quanto caprichada.

Nenhuma das tentativas para que eu perdesse o medo deu certo, mas parece que Devin Leblanc está cada vez mais empenhado para andar no brinquedo comigo, pois o mesmo caminha até a minha direção assim que fecho a porta do *Fast Rocket* atrás de mim.

— Prepare-se, St. Claire, a nossa aventura hoje não será no parque, e sim em outro lugar — diz quando se aproxima, me lançando um dos seus incontáveis sorrisos que me deixam sem fôlego.

— Uau! — Finjo estar surpresa com a sua revelação repentina e levo a mão até os lábios para continuar a atuação. — E será que eu posso saber para onde estará me levando? — Ele balança a cabeça negativamente, alegando que é surpresa.

Quando eu assinto um tanto quanto receosa e desconfiada,

observo Devin retirar a jaqueta de couro para repousá-las sobre meus ombros, deixando todas as suas tatuagens visíveis para mim, que contrastam harmoniosamente com a sua camiseta preta lisa, seus jeans surrados e as suas botas pesadas.

— Não está me levando para alguma seita secreta que você faz parte não, *huh?* — brinco, após observá-lo minuciosamente.

— Engraçadinha você. — Devin aperta a ponta do meu nariz, o que faz com que eu contorça o rosto em uma careta. — Se você quiser, posso arranjar alguma para você frequentar. O que me diz?

— Dispensso. Você que tem cara que frequenta. — Solto com uma risada, e na mesma hora seus glóbulos rolam. — Agora me diz, para onde vai me levar?

— Você confia em mim, boneca? — Suas íris se concentram exclusivamente nas minhas, a voz soando tão angelical nos meus ouvidos, mesmo que ainda seja grave e rouca.

Finjo que estou pensando se confio ou não, fazendo um bico de lado. Devin rola novamente os olhos de forma tão teatral que eu poderia jurar não voltar mais ao normal. Começo a rir no exato momento em que ele espalma as mãos na cintura, os glóbulos analisando-me com certa impaciência.

Meus olhos parecem me trair agora, pois me pego observando cada um dos rabiscos em seus braços. Ele fica muito bonito com a sua jaqueta de couro, mas não se compara a todas as vezes em que deixa os desenhos visíveis. Além disso, para ser sincera, sua jaqueta parece ficar ainda mais bonita em meu corpo.

Balanço a cabeça em negação, me obrigando a ter foco.

— Infelizmente ou felizmente, eu confio em você — respondo de uma vez, e ganho um sorriso carregado de triunfo em minha direção.

Sem dizer uma única palavra, Leblanc engancha o braço no meu pescoço — um gesto que vem acontecendo com certa frequência para ser sincera — e me conduz até fora do parque. Nós refreamos nossos passos ao encontrarmos sua *Ducati Monster* estacionada na rua deserta e um tanto quanto escura.

Devin desvencilha seu braço do meu pescoço, segue até sua moto para poder sentar nela e me entrega o capacete logo após. Enquanto a liga, eu encaixo o capacete na cabeça e sento logo atrás, entrelaçando meus braços ao redor da sua cintura.

Quando a sua Ducati acelera completamente, fecho os olhos instintivamente ao encostar a minha bochecha em suas costas largas. Eu gosto de sentir a brisa gélida pinicar meu nariz e os fios açoitarem meu rosto, mas não gosto muito de observar o trajeto. De qualquer forma, me sinto segura com o cara grandão em minha frente. Sei que ele tem muita habilidade com essa coisa há anos, por isso não me importo em relaxar e sentir a tranquilidade do momento se impregnar em cada poro do meu corpo.

E, claro, também não quero estragar a surpresa, mesmo que não tenha dito nada sobre fechar os olhos durante esse meio tempo.



Quando caminho na frente de Devin, com as suas mãos tapando a minha visão, tato o ar em busca de alguma coisa, e logo sinto sua risada ondular atrás de mim.

— Você não vai se bater em nada, boneca, relaxa. Eu estou no

controle agora, princesa, é só curtir o momento!

O modo como soa convencido me faz rir.

Ele não gosta de admitir, mas eu sei que ele é um tanto quanto convencido.

Eu gosto disso, entretanto.

— Já chegamos, Leblanc? — digo com certa impaciência por estar tanto tempo no escuro. *Literalmente*. Ele pede para que eu continue com os olhos fechados, e eu assinto sem ter outra escolha. Suas mãos buscam pela minha e quando as encontram, conduzem-nas para que eu possa segurar em algo.

— Pode abrir os olhos, Barbie — pede atrás de mim, a voz saindo em um sopro.

E eu obedeço sem pensar duas vezes.

Quando abro os olhos com certa apreensão, percebo de imediato que nós estamos em um lugar alto. Nós estamos em um lugar muito alto e só a percepção disso faz com que eu queira gritar. Diferente do que eu imaginei que aconteceria, não é por medo. Não, definitivamente não é por medo. Quero gritar com a beleza do local. Quero gritar por estar conseguindo ver toda extensão do rio abaixo dos meus pés. Quero gritar por conseguir ver o resto da cidade com tamanha nitidez.

Caramba! Aqui, no alto, ainda consigo sentir como se estivesse mais perto do céu. As estrelas são extremamente encantadoras daqui de cima, faz parecer que se eu ficar na ponta dos pés e esticar os braços nem que seja só um pouquinho, conseguirei tocar cada uma delas com as pontas dos meus dedos.

O mais impressionante de tudo isso é que não estou com medo.

Não, nem um pouquinho.

Olhando ao redor com mais cautela, lembro-me de ver essa ponte em uma revista de apresentação da cidade, que comprei na banca de jornal perto de casa. É a famosa ponte de arco da rua *Veeler*, mais um ponto turístico da cidade. Se não me engano, está entre as pontes mais altas dos Estados Unidos, ganhando notoriedade por todo o mundo.

— Eu não acredito que você fez isso comigo, Devin Leblanc! — Bato o pé no chão da ponte, fingindo estar chateada. Cruzo os meus braços em uma atitude birrenta e infantil, o encarando. — Já pensou se eu desmaiasse aqui?

— Eu te seguraria nos meus braços. — Ele dá de ombros com um sorriso no rosto, como se fosse simples assim. Devin agora se posiciona ao meu lado, se debruçando no guarda corpo da ponte. Quando os seus olhos encontram os meus, as pintinhas amarelas parecem ainda mais amarelas agora sob a luz do luar, fazendo meu coração se contrair em adoração. Ele sussurra no pé do meu ouvido, baixinho: — A sua cara de fascínio é realmente ótima, já pode me agradecer por isso, boneca.

— É, talvez eu possa te agradecer algum dia. — Bato meu ombro levemente contra o seu ao tirar meu olhar da sua figura somente para conseguir olhar além da cidade.

Devin sai da posição que estava, agora enganchando seu braço no meu pescoço como havia feito horas atrás. Sua cabeça tomba levemente na minha e ele suspira, olhando para o mesmo ponto que eu.

— E aí, qual a sensação? — Leblanc se aproxima da minha orelha uma outra vez, a voz quase inaudível. Meu coração se agita dentro da

minha caixa torácica e eu definitivamente não sei o motivo pelo qual resultou seus movimentos bruscos contra minha costela.

Deve ser a vista. Com certeza deve ser a vista.

Pelo menos é o que eu repito para mim mesma diversas vezes como se fosse um mantra.

— Muito boa. — Viro para encará-lo, o meu rosto fica a poucos centímetros de distância do seu. Os olhos de Devin vacilam por um segundo e encaram a minha boca, mas ele logo se afasta e eu suspiro, continuando: — Eu nunca tinha sentido isso antes. É uma sensação avassaladora e entorpecente de liberdade.

— Então eu acho que venci o desafio, boneca. Se você está conseguindo sobreviver aqui, vai conseguir sobreviver numa boa lá em *Starryland*, na roda-gigante.

— Será? — questiono, levemente desconfiada.

— Claro. — Devin sorri quando me olha, passando o polegar no contorno dos seus lábios em formato de coração. — A propósito, você vai estar ao meu lado, St. Claire.

— Que sorte a minha, *huh?*

— Muita sorte mesmo, você está certíssima. Esse privilégio é para poucas, sabia?

— Então eu sou uma garota privilegiada, é isso?

— Sempre foi, não é, boneca? — ironiza, arrancando uma risada minha.

Rolo os olhos e ele cai na gargalhada. Depois que contei um

pouco sobre a minha antiga vida de garota rica em Nova York, o garoto não para de fazer piadas ou trocadilhos quando arruma uma brechinha.

— Bom, levando em consideração tudo que aconteceu na minha vida de uns tempos para cá, acho que o privilégio ficou lá em Nova York mesmo — brinco, agora sendo a minha vez de fazê-lo rir. — É engraçado, pois nossos papéis foram invertidos. Eu tive privilégios quando nasci, agora não tenho mais. Você não teve nenhum privilégio quando nasceu, mas tem agora.

— É, boneca... — Ele suspira, os lábios logo se repuxam em um sorriso de lado. — Você e eu somos mais parecidos do que poderíamos imaginar.

E eu paro para pensar na sua frase. De certa forma, ele tem total razão. Nossa vida não é e nem foi fácil, pelo menos não depois de tudo que me contou sobre os seus pais. Mas com todas as coisas que aconteceram conosco, não nos deixamos abalar. Continuamos tocando as nossas vidas, tentando pensar no lado positivo, tentando não desistir e não se deixar vencer pela dor.

Sei que o que aconteceu com a gente foram casos totalmente diferentes, mas posso deduzir que as nossas cicatrizes interiores se combinam de alguma maneira. Talvez pelos destinos árduos demais que foram entregues para nós.

Devin parece perceber o que se passa na minha cabeça no momento, pois beija o topo dela e alisa as minhas costas lentamente em um movimento de vai e vem.



Após a vista mágica na ponte da rua *Veeler* com Devin Leblanc, o garoto me deixou tarde da noite em casa e pilotou até o outro lado de Helloware para voltar ao rancho que mora com os seus amigos.

Tia Amber acordou para abrir a porta para mim, mas não perguntou muita coisa. Para ser sincera, ela não perguntou foi *nada*. Apenas me olhou com a maior expressão de sono, afinal, fora interrompida no meio dele e simplesmente murmurou palavras desconexas. Também nem ousei pedir para repetir, apenas subi as escadas o mais rápido possível ainda com medo dela despertar do sono e sentar a minha bunda no sofá para bancar a *FBI* com perguntas estranhas e sem fundamentos.

Após um longo banho, estou eu aqui sem conseguir dormir, deitada de barriga para cima para fitar o teto completamente branco do meu quarto. Um sorriso surge no meu rosto quando repasso tudo o que vem acontecendo comigo essas semanas na minha cabeça. Um sorriso ainda maior parece se estender nos meus lábios quando lembro do passeio de horas atrás.

Ondas de ansiedade se alastram na minha espinha só de pensar em sentir aquela sensação de novo, só que agora no alto do brinquedo do parque.

Eu rio desacreditada, pois tudo não deve passar de uma brincadeira, já que não consigo acreditar no que estou pensando agora.

Não consigo acreditar que Devin Leblanc conseguiu fazer com que eu ficasse ansiosa para andar em uma droga de brinquedo no parque *Starryland* com ele.

Eu definitivamente queria matá-lo.

E lá vai outro sorriso estúpido escorregar pela minha boca quando penso nisso.



06

"Porque você me deu luz, um céu azul
E me diga onde você estava?
Onde você estava?"

¿DONDE ESTABAS TU? | DANNA PAOLA.

Barbie St. Claire

As coisas estão agitadas hoje no *Fast Rocket*.

Antes de sair, Sr. Wilson disse que era para as garçonetes ficarem todas juntas para esperá-lo, pois ele ia buscar uma surpresinha para nós.

E, como pedido de chefe é uma ordem, nós meio que deixamos o trabalho um pouco de lado para tentarmos descobrir o que diabos ele teria de surpresa para as suas funcionárias.

Um possível aumento?

Adiantamento de férias?

Novos uniformes bonitos e decentes?

Quando eu sugiro uma dessas possibilidades que passam pela

minha cabeça fantasiosa e otimista, as meninas me olham como se eu estivesse ficando maluca ou algo do tipo. Diferente do que eu penso, elas acreditam que nada de bom pode se esperar do Sr. Wilson. Mas eu discordo. Ele disse que ia atrás de uma surpresa e nem em um milhão de anos uma surpresa pode ser algo ruim.

Quando elas começam a falar novamente todas juntas de maneira desenfreada sobre o que acreditam que seja a tal da surpresa, a porta se abre e o sino é tocado, avisando a presença de alguém entre nós. Nossos rostos se viram na mesma hora, com o intuito de encontrar nosso chefe entrando por ali.

Definitivamente é ele, mas o modo como nós garçonetes estamos nos entreolhando agora significa que ninguém está entendendo nada do que está acontecendo, principalmente eu, que viro na direção da cena com os olhos injetados de curiosidade.

Sr. Wilson está andando até nós em passos certos e confiantes, o sorriso que esboça em seu rosto é um tanto quanto diferente, de uma forma que nunca tínhamos visto antes. Não que ele não costume sorrir para nós, mas esse sorriso é mesmo diferente de todos os outros. Parece um sorriso maldoso e carregado de ironia, extremamente prepotente.

Ao seu lado, com uma expressão completamente de nojo e irritação, caminha uma garota ruiva, que nunca tínhamos visto se quer pisar os pés na lanchonete. Ela usa um longo casaco felpudo cor de gelo — como se em Hellaware fizesse algum tipo de frio —, vestido cor azul marinho apertando seu corpo nos lugares certos e salto alto da *Givenchy*, que tilintam contra o piso de quadradinhos, além de um cachecol da mesma cor do vestido adornando seu pescoço.

Longe de mim querer fazer algum tipo de julgamento ou suposição, mas meu radar reconhece de longe garotas como ela. Muitos anos de convívio, não tem como passar abatido.

— Garotas... — Nosso chefe fala para chamar nossa atenção, parando em uma mísera distância da mesa em que nos encontrávamos. — É um prazer para mim poder apresentar para vocês a mais nova funcionária do meu estabelecimento. Essa aqui ao meu lado... — Ele coloca os braços em volta do pescoço da ruiva e a sacode um pouco, mostrando que é dela que estava falando. A garota força um sorriso para todas nós, e ele continua falando com empolgação: — é a Pasha Stratford. Ela se mudou do Alasca para morar um período de tempo com o titio aqui.

Pasha se desvencilha do toque do tio quando ele acaba de a apresentar, cruza os seus braços em frente ao peito e seu olhar ainda julgador permanece sobre mim e as meninas. Seu nariz fino é arrebitado, e se eu já tinha visto pessoas brancas, a garota consegue superar todas elas. Sua cor de neve até que condiz bem com o local em que morava, afinal de contas, Alasca é conhecido por ser um dos estados mais frios dos Estados Unidos. O inverno é um dos mais rigorosos de todos. Deve ser por isso que ainda anda grudada no casaco e cachecol, o que chega a ser cômico, pois se ela estava acostumada com o frio e com a neve, acaba de aterrissar no próprio inferno.

Hellaware é quente para um cacete.

Espero que ela também tenha trazido roupas de acordo.

— Como o titio aqui não está para brincadeira, Pasha começará hoje mesmo a trabalhar conosco! — Sr. Wilson bate palmas ao continuar seu discurso, mas nós não o acompanhamos nem mesmo por um segundo. Estávamos sem acreditar. Tínhamos parado tudo só para descobrir que havia

mais uma de nós chegando? Se fosse só isso, nós não teríamos nem começado a quebrar a cabeça. Parecendo perceber nossa frustração, ele para imediatamente, pigarreja e esconde as mãos no bolso da calça. Nosso chefe se vira para a sobrinha, e fala alto o bastante para que todos possam escutar: — Rosalinda está te esperando na minha sala com o seu uniforme, por isso você já pode ir agora pegar com ela. Não demore muito, nós trabalhamos com agilidade aqui, sobrinha.

Pasha murmura algo incompreensível para ele, e depois sai pisando firme para ir até o escritório. Quando passa pela nossa mesa, nos observa por breves segundos e decide se aproximar. Ficamos em silêncio, esperando que ela finalmente abra a boca para falar algo, mas a garota apenas olha para o milk-shake em nossa mesa e pesca a cereja do topo do chantilly, mordendo-a logo em seguida, as íris castanhas transbordando desafio. Sua expressão permanece impassível, como se fosse o centro do universo. Antes de alguém protestar contra a sua atitude, a garoto vira as costas rapidamente para ir de encontro à Rosalinda.

No exato momento em que a ruiva fecha a porta do escritório, Sr. Wilson se aproxima ainda mais da nossa mesa e espalma as mãos nela, dizendo em uma voz baixa para que só nós pudéssemos escutar:

— Eu quero que vocês sejam as mais rígidas possíveis com a Pasha. Não levem em consideração o fato dela ser minha sobrinha, aqui dentro desse estabelecimento ela será tratada apenas como minha funcionária. Ela vai relutar para fazer o serviço, vai ser um porre e vocês vão querer esmagar o pescoço dela incontáveis vezes, mas não vacilem nem por um segundo. — O dedo indicador está apontado para todas nós em riste, os olhos pequenos e castanhos transbordando autoritarismo. — Os pais dela a tiraram do Alasca para que ela possa entrar na linha e confiaram essa tarefa a mim.

Sei que vai ser difícil, porém espero contar com a ajuda de todas vocês.

— Pode deixar, chefinho. Nós estamos prontíssimas para colocar a garota do Alasca no lugar dela, não é mesmo, meninas? — Georgina se pronuncia após o pedido do Sr. Wilson, fazendo as garçonetes vibrarem e concordarem rapidamente.

Nosso chefe agradece o apoio e me convida para uma conversa em particular. Todas as minhas colegas ficam em silêncio no mesmo instante, me fitando com certa surpresa e apreensão.

Se elas ficaram dessa forma, acho que não devo nem me dar ao trabalho de falar como estou me sentindo agora. Enquanto sigo para um canto mais afastado no encalço do senhor de meia idade, tento repassar todas as minhas ações aqui na lanchonete desde o dia que comecei a trabalhar, tentando achar algum momento em que falhei.

Meu Deus, espero não ser demitida. Não posso ser demitida. Não agora que estava passando a me acostumar com todo esse negócio de trabalho.

— Qual a merda que eu fiz agora, Sr. Wilson? — apreensiva, pergunto logo de uma vez quando paramos perto do balcão em formato de círculo.

— Por Deus, menina, você não fez nada! — Ele soa brincalhão e o meu coração se tranquiliza no meu peito. Mentalmente, agradeço a Deus por não ter pedido o emprego, não sei o que aconteceria comigo caso isso acontecesse. Balanço a cabeça para espantar os pensamentos, pedindo para que prossiga. Ele anui, continuando: — Barbie, os pais da Pasha são bem ricos e bem influentes lá onde moram. Você me contou da sua vida lá em Nova York e, mesmo que vocês duas sejam completamente diferentes, sei

que você é a única daqui que sabe lidar com o mundo fabuloso e encantado em que a minha sobrinha vive. Não me entenda mal, querida, só estou querendo dizer que a minha sobrinha e você possuem coisas em comum. — Meu chefe parece nervoso ao terminar de falar, mas tento o tranquilizar. Eu entendo perfeitamente o que ele está falando, afinal de contas, fui uma Pasha da vida em Nova York, mesmo que eu não tivesse sido o tipo de rica arrogante e prepotente. Assim que aquela ruiva entrou pela porta da lanchonete, eu a reconheci. A reconheci como uma daquelas garotas em que fui amiga há alguns meses atrás.

— O senhor quer a minha ajuda, estou certa? — pergunto aquilo que já sei, vendo-o confirmar com a cabeça. — O senhor quer que eu tente me aproximar dela? — Minha expressão não é a das melhores, mas ele ri por causa dela.

— Eu sei que não é fácil e que você deve detestar esse tipo de garota hoje em dia. A questão é que eu não pediria a você se não achasse que ela não tem salvação. Eu te garanto, ela não era assim. Eu não sei o que aconteceu — Sr. Wilson dá de ombros, totalmente frustrado. — Sem contar que vocês duas mudaram de cidade e vieram morar com os tios, quer mais coisas em comum que essa para se aproximarem? — ele tenta brincar com um leve empurrão no meu ombro e eu tento me conter, mas quando solta sua risada engraçada primeiro, é quase impossível não o acompanhar.

Eu não sabia como o ajudaria, tão pouco sabia se aguentaria reviver um pouco do meu passado novamente, mas se revivê-lo significa ajudar alguém de verdade, não vejo problema algum em mergulhar nisso de cabeça novamente.

— Farei o que estiver ao meu alcance, chefe. — Sorrio de forma acolhedora e o dono do *Fast Rocket* me agradece, seguindo para a sala do seu

escritório.

Volto para o trabalho, e Pasha passa por mim com o uniforme em mãos minutos depois, me fazendo lançar um sorrisinho amigável em sua direção. Como esperado, a ruiva finge que não o percebe e vira o rosto automaticamente, se concentrando em não esbarrar em nenhum funcionário ou cliente enquanto tenta encontrar o banheiro.

Seus saltos ecoam por toda a lanchonete e à medida que desfila para lá e para cá com toda sua pose inabalável, os adolescentes do time de futebol de alguma escola da cidade não param de a acompanhar com os olhos, o sorrisinho malicioso pincelam os seus rostos no exato momento em que fitam com atenção as pernas desnudas da garota.

Não os julgo, entretanto. Pasha Stratford é realmente deslumbrante com todo seu ar alasquiano.

E, quando a garota do Alasca finalmente encontra a porta do banheiro, volto minha atenção para o que realmente importa, fazendo uma nota mental para depois planejar algum método eficaz para que ela baixe a guarda e deixe com que eu me aproxime.

Arrasto meus passos em direção a uma mesa cercadas por crianças, preparando meu bloquinho de anotações e o meu melhor sorriso. Assim que paro para perguntar o que eles gostariam de pedir, a resposta que ouço a seguir não tem nada a ver com as coisas escritas no cardápio.

— Você sabe me dizer se a ruiva ali aceitaria sair comigo? — o garoto loiro de aproximadamente doze anos pergunta ao apontar para algo atrás de mim com o queixo. Eu me viro sobre os ombros para entender melhor do que estava falando. A única coisa que vejo é Pasha escorada no balcão com as bochechas infladas, rabiscando alguma coisa no bloquinho de

anotações com a maior expressão de tédio, o que acaba me fazendo sorrir ao perceber que é dela que ele está falando. Volto minha atenção novamente para o garotinho, capturando seus olhos brilhando em expectativa.

— Ela acabou de chegar na cidade, acho que não está no clima para sair com garotos. — Tento não quebrar seu coração, mas o jeito como murcha no estofado faz o meu ser quebrado em vários pedacinhos. — Mas isso não significa que o problema está em você. — Me aproximo mais, agora para soprar baixinho: — Na verdade, acho que o problema está é com ela.

Seu sorriso sapeca preenche o ambiente, o que me faz ficar bem mais aliviada por ele ter se conformado rápido. Sorrio também, lhe lançando uma piscadela cúmplice.

Um dos seus outros amiguinhos me chama e eu ergo meu olhar rapidamente.

— E comigo, você sairia? — o moreno indaga com a voz calma e receosa, provavelmente bem mais tímido do que o outro.

— Se eu fosse da sua idade, definitivamente sairia com você agora mesmo e nem pensaria duas vezes.

O moreno sorri para mim e os olhinhos pequenos e verdes parecem reluzir ouro só pelo brilho impregnado em suas íris. As bochechas proeminentes ganham vida em um tom escarlate, deixando-o ainda mais adorável. Minhas mãos coçam com vontade de apertar aquelas bochechas gordinhas, mas me policio em apenas admirá-las.

Eu amo crianças e amo quando elas invadem o *Fast Rocket*, transformando meus turnos em algo muito mais fascinante.

— Mas falando sério agora, vocês vão querer pedir alguma coisa

ou só vieram paquerar as meninas bonitas? — questiono tempos depois, semicerrando os olhos propositalmente.

— Os dois. — O garoto que falou comigo pela primeira vez dá de ombros ao responder, repuxando os lábios lentamente em um sorriso que evidencia suas covinhas. — Mas como vocês não querem ser paqueradas, nós só vamos querer três milk-shakes de morango mesmo.

Anoto o pedido, sorrio sem descolar os lábios e giro nos calcanhares para ir até Georgina, que está responsável pelos milk-shakes hoje.

— Três milk-shakes de morango para a mesa 7, G! — anuncio assim que me aproximo.

— Três milkshakes de morango saindo no capricho, B! — grita em resposta, e eu sorrio, esperando com os braços cruzados.

Não demora muito para que a loira apareça, me entregando o pedido na bandeja.

— Obrigada. — Agradeço, receosa, tentando equilibrar o pedido em minhas mãos. Ergo os olhos levemente nervosa ao receber sua sobrancelha arqueada como resposta. — Estou com medo de derrubar isso aqui, Georgina. Você sabe que eu sou desastrada.

— Chama a *Miss Inverno* para te ajudar, ela está desenhando sabe lá Deus o que ao invés de fazer algo de útil — Georgina estica o pescoço somente para olhar Pasha com as íris faiscando, voltando os olhos verdes para mim em seguida.

— Confesso que tenho um pouco de medo da *Miss Inverno* ali, mas vou chamá-la para me ajudar. Acho que o menininho loiro da mesa 7 vai

ficar feliz se ela for comigo até lá. — Olho de soslaio para o garotinho e vejo sua atenção totalmente voltada para a ruiva desenhando.

— Medo da *Miss Inverno*? — Ela ri, desacreditada. — Você é a *Miss Manhattan*, gata, não deve temer nada. Se liga só... — Georgina volta novamente o olhar para Stratford e, sem que qualquer um de nós espere, chama seu nome em um grito estridente, o que faz todos os clientes estremecerem em seus lugares e arregalarem os olhos. Pasha também se assusta e para com os desenhos no bloquinho na mesma hora, erguendo o olhar para a loira com um V formado bem no meio das suas sobrancelhas alaranjadas.

— Vem aqui um instantinho, por favor — Sinclair a chama com a mão, fazendo com que a ruiva jogue o lápis no balcão e o contorne para caminhar em nossa direção. Quando ela fica a poucos centímetros de nós, prossegue: — Ajuda a nossa Barbie aqui levando esses milk-shakes para a mesa 7.

— Está com algum problema nos braços, *Barbie*? — a ruiva enfatiza meu nome em um leve ar de deboche, os lábios carnudos se repuxam em um sorriso maldoso ao me fitar.

Abro e fecho a boca algumas vezes na tentação de proferir alguma frase mal criada, mas sou impedida por Georgina, que sai na frente ao dizer:

— Os braços dela estão em perfeito estado, e os seus ouvidos devem estar com algum probleminha. Eu pedi para você ajudar, não ficar palpitando.

— O que disse? — Pasha rosna, se aproximando mais de Georgina com o punho fechado ao lado do corpo.

— Nossa, depois me lembre de avisar ao seu tio que você está precisando urgentemente de um otorrino, pois seus ouvidos não estão funcionando direito *mesmo*. — a loira debocha com o seu sorriso completamente sarcástico, espalmando as mãos na cintura para fita-la dos pés à cabeça.

— Ai garota, faz um favor e me erra! — é o que a alasquiana grunhe antes de pegar dois milk-shakes da bandeja para levar até a mesa 7.

— *Ai garota, faz um favor e me erra!* — Georgina imita Pasha para mim assim que ela já está longe o suficiente, os trejeitos da garota estão presentes também. Fricciono os lábios um no outro, pois não quero me meter na pequena discussão, mesmo que seja quase impossível não sentir vontade de rir com sua péssima atuação.

— Você é terrível — acuso.

— É, sou mesmo. — Balança a cabeça em afirmação, cravando os olhos em cada passo da sobrinha do nosso chefe. — Se ela quer travar uma competição para ver quem é a pior vadia má, só consigo sentir dó, pois tenho a plena certeza que consigo ser a pior vadia de todas quando quero.

Começo a gargalhar com sua frase e a determinação explícita nela, pois mesmo brincando — ou talvez nem tanto assim—, não tenho a menor dúvida de que ela esteja completamente certa quanto a isso.

Quando me viro para encarar a mesa dos garotinhos, percebo que os olhos do loiro estão brilhando ainda mais enquanto conversa algo com a Pasha. Observando agora a ruiva, parece que luta contra um sorriso que ameaça querer escapar a qualquer momento por entre seus lábios. E como adora manter a pose de durona, logo balança a cabeça e remexe os lábios de um lado para o outro.

Talvez o Sr. Wilson tenha razão. Talvez a garota do Alasca não seja tão ruim assim.



O fim do meu turno chegou mais rápido do que eu imaginei. Com ele veio a tristeza de saber que Devin Leblanc, meu companheiro fiel de brinquedos, não apareceu hoje para mais uma tentativa na roda-gigante.

Fiquei sem sua presença e sem minhas gorjetas diárias, o que me deixou levemente chateada.

Mas tudo bem, estou esperando uma boa explicação dele por ter me dado um belo de um bolo.

O que está querendo dizer, Barbie? Ele não tem obrigação nenhuma de estar fazendo os seus gostos.

Minha consciência grita para mim em um lembrete que tenho de deixar de ser assim tão dependente. Afasto a voz rapidamente ao balançar a cabeça de um lado para o outro.

Quer dizer, eu sei que ele não tem obrigação, mas o que mais me incomoda é que Devin ficou o tempo todo no meu pé para eu conseguir perder o medo, e quando eu começo a ficar ansiosa e ponderando a ideia de finalmente subir no topo com ele, some sem mais nem menos. Sem nenhum tipo de explicação.

Conto minha frustração para Georgina, que está sentada em posição de yoga na cama do meu quarto dando risada de mim, como se eu tivesse acabado de contar alguma piada *hiper mega* engraçada.

— Você está caidinha por ele. — Ela ri ainda mais ao constatar

isso e faz cosquinha na minha barriga. Bato em sua mão e começo a rir descontroladamente. Não sei quantos minutos fico nessa situação, porém logo para quando começo a gritar implorando por ajuda. — Barbie St. Claire está caidinha por Devin Leblanc!

— Georgina, você só pensa nisso! Eu não estou caidinha por ele, estou contando para você que fiquei chateada por ele não ter aparecido hoje. Ele é só meu amigo, maluca! — Bato levemente no seu ombro, fazendo ela rir ainda mais. — E o John, como está? — Mudo de assunto só para me safar dessa, o que a faz bufar de forma dramática.

— Ele é gostoso, a gente deu uns beijinhos, mas continuamos seguindo na amizade. — Dá de ombros, como se o que tivesse acontecido entre eles não fosse nada demais, como se ele não fosse um dos caras mais cobiçados pelas garotas da cidade.

— Nada mais que isso, G? — Junto as sobrancelhas, a olhando desconfiada.

— Deus que me livre de compromisso com garotos. Estou na universidade, trabalhando duro naquela lanchonete e só quero aproveitar minha juventude.

— Pela primeira vez, concordo com seu ponto de vista — brinco, e ela revira os olhos com a pequena provocação. — Onde foi que vocês ficaram pela primeira vez?

Ela faz um biquinho de lado, tentando lembrar.

— Não faço ideia. Acho que estava bêbada.

Somos interrompidas pelas batidinhas na minha porta, revelando tia Amber encostada no batente, com um sorriso no rosto. Quando nós duas a

encaramos, nos chama para que possamos descer e provar o tão aguardado jantar.

Após descobrir que Georgina é uma chefe e tanto na cozinha, acabei contando isso para a minha tia em uma das nossas conversas até tarde da noite no sofá da sala, e nós duas acabamos tendo a brilhante ideia de pedir ajuda para aprendermos a finalmente cozinhar, já que somos um fracasso total na cozinha e sempre temos que recorrer as comidas de restaurantes.

Depois do expediente, trouxe Georgina para cá, e quando juntou nós três na pequena cozinha, deu uma enorme confusão e acabamos queimando algumas coisas, fruto dos nossos longos papos em meio à espera.

Esse foi o motivo principal da demora do jantar, mas agora ele havia finalmente saído. Mal podia esperar para finalmente provar.

— *Tcharam!* — tia Amber diz toda animada e abre os braços para fingir que a comida exposta na mesa é uma baita surpresa. — Espero que esteja saboroso.

Nós três rimos e nos sentamos nas cadeiras, nos servindo com um pouco de cada comida. A aparência não é das melhores, contudo não influenciou na hora da minha barriga roncar ao ter o cheirinho saboroso se impregnando em cada uma das minhas narinas.

Estou quase colocando o garfo na boca para saborear a lasanha quando a campainha é tocada. Ergo as sobrancelhas quase que no couro cabeludo ao olhar para a minha tia e descanso o garfo no prato quando decido buscar por explicações.

Tia Amber une os lábios em uma linha fina, sufocando um sorriso. Seu olhar vai de mim à Georgina diversas vezes, como se fossem duas bolinhas de pingue-pongue azuis. Mas, depois de tantas idas e vindas,

concentra suas íris apenas em mim.

— Estamos esperando visita? — Finco os cotovelos em cima da mesa, descansando o queixo em uma das mãos, o olhar completamente injetado de curiosidade.

— Estamos sim, sobrinha.

Ela se levanta rapidamente e corre para abrir a porta. Nesse meio tempo, esquadrinho o rosto de Georgina, que parece tão confuso quanto o meu. Se eu pensei que conseguiria arrancar alguma informação dela, me enganei, a loira parece ainda mais atônita que eu.

Encaro a porta ser aberta, já que do lugar que estou consigo ver a movimentação, sendo surpreendida pela revelação de um Devin Leblanc totalmente diferente para mim. Ao invés das tradicionais jaquetas de couro, ele está usando uma camisa social preta por dentro da calça também da mesma cor. A camisa é bem justa em seu corpo, evidenciando os seus bíceps bem torneados. Os cabelos grossos parecem molhados e se encontram devidamente penteados para trás, como de costume.

Devin sorri para mim sem descolar os lábios, mas não consigo retribuir seu sorriso por alguma razão.

Acho que estou em choque demais para me mover.

— Não vai me convidar para jantar, boneca? — Sua voz rouca e um tanto quanto sensual para mim, acaba me causando arrepios quando chega aos meus ouvidos, assim como seu sorriso torto.

Arrasto a cadeira para trás, me levantando em um rompante. Vejo tia Amber se sentar no seu lugar e provar da comida como se não estivesse acontecendo nada demais, como se não tivesse acabado de agir

pelas minhas costas. Inspiro profundamente, me aproximando de Devin. Demoro algum tempo por estar perdida na magnitude de seus olhos claros. Pigarreio e pergunto em um tom baixo:

— O que você está fazendo aqui?

— Não gostou da minha presença, boneca? — brinca ao soar ofendido, até a mão no peito ele coloca. — Achei que você fosse gostar da surpresa.

— Você me deu um bolo hoje, Leblanc. — Faço biquinho como uma criança petulante, ele apenas ri.

— Eu não te dei um bolo, gata. Se eu tivesse te dado um bolo, não estaria aqui nesse exato momento.

— Você combinou tudo isso com a minha tia? — Aponto para trás de mim com o polegar e o indicador, ganhando um sorriso e uma afirmação com a cabeça. — Como foi que você conseguiu isso?

— Passei no estúdio da sua tia para fazer uma nova tatuagem e ela me falou do jantar. — Dá de ombros ao colocar as mãos no bolso da calça. — Amber me fez um questionário extremamente longo e intimidador, mas no final acabou gostando de você estar fazendo amizades na cidade. Por causa disso, me chamou para jantar. E não, eu não te dei bolo. Eu fiz de propósito. — Ele se aproxima mais de mim e coloca um pouco do meu cabelo atrás da minha orelha. — Queria que você ficasse surpresa.

— Parabéns, você conseguiu! Agora me diz, qual motivo de toda essa arrumação? — Aponto para as suas roupas, tentando não rir.

— Gostou? — questiona ao abrir os braços para dar uma voltinha. — Queria impressionar *mesmo* hoje.

Tenho certeza que ele definitivamente conseguiu, pois quando eu o olho dos pés à cabeça, meu coração parece ir parar na garganta e mil borboletas se alojam no meu estômago, todas batendo as asas desenfreadamente de uma só vez.



07

*"Onde a garrafa aponta, você ouve seu
coração bater*

É agora, está pronto ou não?"

TRUTH OR DARE | EMILY OSMENT.

Devin Leblanc

Eu definitivamente não sei no que estava pensando quando aceitei o convite de Amber St. Claire para jantar em sua casa com a sua sobrinha e com Georgina, a garçonete do Fast Rocket. Para ser sincero, estou morrendo de medo de ela só ter me convidado por educação, sem esperar de fato que eu concordasse com o pedido.

Se foi nessa intenção, eu sentia muito.

Quando cheguei no estúdio de tatuagem, pronto para deixar que a melhor tatuadora da cidade rabiscasse pelo menos alguns poucos cantos livres da minha pele, fui recebido por inúmeras perguntas e leves ameaças por parte dela, mas a loira acabou aceitando tudo numa boa quando eu garanti e jurei por todos os astros do rock que as minhas intenções com a sobrinha dela eram somente as melhores.

Tenho quase certeza que confiou em minhas palavras, pois enquanto ela me torturava com a agulha de pintura, me teve como seu fiel ouvinte e acabou desabafando sobre sua vida amorosa, sobre como os homens dessa cidade não valiam nada e todas as coisas possíveis até decidir, muito tempo depois, mencionar o jantar com o maior sorriso hospitaleiro pincelando seu rosto coberto por uma maquiagem carregada.

No começo, fiquei genuinamente feliz por ver que ela estava aprovando a minha amizade com a Barbie e aceitei. Na verdade, eu nem cogitei a possibilidade de dizer não. Quando eu me dei conta, as palavras "*Claro, Amber, eu vou sim ao jantar!*" já estavam correndo por entre meus lábios ansiosos antes mesmo que o meu cérebro pudesse processar.

Agora olhando de soslaio para a garota de cabelo mais dourado que o próprio ouro comendo ao meu lado, acabo me martirizando novamente por ter feito essa estupidez.

E se ela não tiver gostado da minha surpresa?

E se a Barbie achar que eu estou parecendo um cãozinho insistente andando atrás dela?

Puta merda, se me perguntassem agora "*Devin, você é um homem ou é um rato?*", eu com certeza diria que sou um rato, ou que pelo menos gostaria de virar um, pois seria incrível me enfiar agora em algum buraco minúsculo da parede e simplesmente sumir para qualquer outro lugar que não seja essa casa.

Quando sinto a mão pequena da Barbie repousar como uma pluma em minha perna, olho instintivamente para baixo e percebo que estou a balançando como um fodido ansioso, o que acaba me fazendo parar no mesmo instante.

— Por que está tão tenso, Leblanc? — Barbie sussurra ao meu lado, bem no pé do meu ouvido, para que só eu possa escutar. Se isso era alguma tentativa de conforto, fracassou totalmente, pois conseguiu me deixar mais tenso do que já estava. — A comida está uma porcaria, não está? — Olha para o meu prato quase intacto e depois para mim, franzindo o rosto em uma careta.

Meu Deus, minhas engrenagens estavam trabalhando a todo vapor na minha cabeça que, por estupidez minha, acabei mal tocando na comida.

— Claro que não, Barbie! Para a primeira vez, até que você tem talento. — Sorrio em uma tentativa de tranquilizá-la, pegando uma quantidade generosa de lasanha com o garfo prateado.

Quando a comida desce pela minha garganta, balanço a cabeça diversas vezes em afirmativa para as íris azuis brilhando em expectativa ao tentar expressar em minha face o quanto havia gostado.

— Então, Devin... — Georgina limpa a garganta para chamar a minha atenção, e eu ergo meu olhar para ela, que se encontra na minha frente com as mãos entrelaçadas sobre a mesa. — Caso você não saiba, também ajudei a preparar toda a comida e quero receber meus créditos agora mesmo.

Seu sorriso divertido já diz muito para mim. É óbvio que estava escutando a nossa conversa minuciosamente. Eu não me importo, entretanto. Apenas retribuo o seu sorriso e a elogio, dando seus devidos e merecidos créditos.

— Caralho, Barbie, eu disse para você não colocar tanto sal na carne, mas você é teimosa! Isso aqui está sal puro! — Amber quase grita tempos depois, cuspidando a tal carne no guardanapo de tecido.

— Tia! — Barbie arregala os olhos, a voz saindo em um tom de repreensão. — Isso é jeito de falar quando estamos com visita?

Amber dá de ombros, como se fosse uma adolescente birrenta que gosta de contrariar os pais.

Fricciono os lábios um no outro, tentando inutilmente conter a risada com a cena um tanto quanto divertida. Parece que os papéis de tia e sobrinha acabaram de ser trocados nesta casa.

— Não sei a Georgina, mas tenho certeza que seu amigo Devin deve falar palavrões piores do que um simples "*caralho*". — Faz aspas no ar com a última palavra, rindo quando me ver rir também.

Barbie revira os olhos com o comentário da tia, suas bochechas branquinhas já começam a ganhar um tom escarlate.

Ela é realmente uma boneca. Isso é fascinante para um *caralho* — ops, acho que Amber está mesmo certa quanto a mim.

Isso acaba me fazendo rir ainda mais.

— Quem não fala uns palavrões de vez em quando, *huh?* — falo, divertidamente. Ao virar meu rosto para encarar St. Claire, continuo em um tom provocativo: — Ou vai me dizer que você não fala?

— Falo.

Mentirosa.

— Fala nada! — Amber e Georgina soltam na mesma hora, partilhando claramente da mesma opinião que a minha.

Finco meu cotovelo sobre a mesa, descanso o queixo na palma da minha mão aberta enquanto arqueio uma sobrancelha em sua direção.

Mordo um sorriso ao capturar sua expressão nervosa.

— Fala sério, é claro que falo! — Continua a se defender, a voz saindo esganiçada.

— Então xinga agora — Amber comenta, os lábios se repuxam em um sorriso malicioso por conta disso.

Barbie revira os olhos, sem acreditar nas provocações infantis de sua tia. Após passar os olhos por Amber e Georgina, a loira pousa seus orbes azuis em mim e nela eu conseguia enxergar a súplica. Ela estava suplicando com os olhos para que eu a tirasse daquela situação. Como eu não poderia perder a oportunidade, falei:

— Xinga para eu ver se é verdade, boneca.

Sua boca rosada abre e fecha à medida em que ela pisca, os longos cílios inferiores e superiores se chocam incessantemente um no outro. Suas bochechas me parecem ainda mais vermelhas agora.

— Ah, façam-me o favor, eu não tenho que mostrar nada a vocês — ela diz ao arrastar a cadeira para trás, se levantando em um rompante já com o prato em mãos. — Inclusive, vocês três são insuportáveis e isso aqui — Barbie aponta para a mesa e depois para nós, os olhos semicerrados — não deve mais acontecer para o bem da *minha* saúde mental.

Fecha os olhos e inspira, soltando o ar lentamente pela boca, fingindo que está tentando se recompor e manter a calma. Quando seu olhar encontra o meu, solta um risinho debochado e se vira, indo em direção à cozinha.

Nós três nos entreolhamos assim que ela se retira.

— Vocês dois deixaram a menina sem graça — Georgina quebra

o silêncio entre nós, com uma voz fingidamente inocente. — Que feio!

— Como se você não tivesse falado nada, mocinha — agora é Amber quem diz, direcionando o olhar à loira do *Fast Rocket*.

— Será que ela nos odeia agora? — pergunto, brincalhão.

— Já estou acostumada com isso mesmo — Amber ri e dá de ombros. Seu cabelo curto e tingido pelo loiro está uma verdadeira bagunça, mas ela não parece se importar. Amber St. Claire é o tipo de mulher que parece não se importar com absolutamente nada.

E de lá da cozinha, Barbie grita dizendo que está ouvindo perfeitamente bem nossa conversa.

— E eu ainda estou à espera de um xingamento seu! — grito em resposta, me divertindo à suas custas. — Vamos, St. Claire, não seja tímida.

— Já já ela manda você tomar naquele lugar, Devin — Georgina sussurra para mim e balança a cabeça de um lado para o outro quando percebe que a amiga não vai me responder.

Antes que eu possa falar qualquer coisa para Sinclair, a garota de cabelos cor de mel aparece para nós e revira os olhos para mim, pois estou a sorrir para ela, enquanto passo o polegar no lábio inferior.

— Agora se vocês me dão licença, crianças... — Levo meu olhar até Amber e vejo a mesma se levantar da cadeira, pegando o seu prato vazio e lançando um sorriso sugestivo para nós. — Está na minha hora de assistir *Barrados no Baile* e suspirar de amor pelo menino Dylan McKay.

Nós assentimos, e Amber St. Claire passa pela gente para ir até a cozinha. Depois de alguns segundos, se direciona até a enorme escada de madeira e nos deixa para trás com um leve tchauzinho ao parar nos últimos

degraus.

— Jura que sua tia assiste *Barrados no Baile*? — Georgina olha sobre os ombros para as escadas, tentando se certificar que a mais velha estava longe o suficiente para não escutar seu comentário, o tom de voz entregando a sua surpresa.

— Ela assiste todas as noites e não perde um episódio — Barbie ri. — Por quê?

— Porque ela tem mais cara de quem assiste aquele programa lá do Dennis Farina e Anthony Denison... — A loira para de falar por um segundo e parece buscar o nome do programa na memória. — Acho que é *Crime Story*, se não me engano.

— Está dizendo que a minha tia tem cara de quem tem fetiche por casos de assassinos? — Barbie arqueia a sobrancelha para a amiga, e acaba rindo antes que ela possa falar algo. — Não duvidaria se assistisse mesmo.

— Vocês são malvadas — eu digo, trazendo a atenção das duas para mim. — Inclusive, *Crime Story* é muito bom, vocês deveriam assistir.

— É *claro* que você assiste essas coisas — St. Claire solta, ironicamente.

— Não entendi a ironia, boneca.

— Não foi ironia. — Dá de ombros ao morder um sorriso. — É só que é a sua cara também.

— Está ouvindo isso, Georgina? Sua amiga acabou de dizer que eu também me encaixo no tipo de pessoa que tem fetiche por assassinos.

— Na verdade, Devin, eu acho que ela deixou subentendido que

você assiste para aprimorar seu lado sombrio e psicopata.

Solto um grito baixo, fingindo estar surpreso com a revelação da loira. Para completar a atuação, coloco a mão no peito e ergo meu olhar ofendido para Barbie, que começa a dar risada da minha expressão.

— Com certeza foi isso que eu quis dizer. — Rola os olhos, totalmente dramática. — É óbvio que o famoso Devin Leblanc, o cara do MotoClub mais odiado de Hellaware, gosta de aprimorar seu lado mau.

— Gosto que você saiba que eu sou mau, boneca. — Sorrio torto, levando a taça de vinho que Amber serviu só para mim até a boca.

Ela também devolve meu sorriso, mas logo ele se desfaz rapidamente. Assim que abaixa seu olhar para a barra da sua saia jeans de botão, começa a brincar com a mesma, parecendo desconfortável com algo. O tom púrpura começa a preencher suas bochechas novamente.

Estreito os olhos sem entender muito bem a sua reação e analiso cada traço do seu rosto. Quando eu passo novamente a frase de minutos atrás na minha cabeça, um sorriso malicioso se esforça para sair entre meus lábios, mas eu me contenho na mesma hora.

Barbie St. Claire ficou com vergonha por ter levado minha frase para um duplo sentido e eu tenho quase certeza disso. Ao olhar para Georgina, que também mantém os olhos verdes-escuros injetados de malícia para nós dois, acaba lançando um sorriso e uma piscadela cúmplice só pra mim, me fazendo ter certeza do meu pensamento.

Isso me deixa feliz para um cacete. Saber que ela teve um pensamento malicioso comigo, mesmo que tenha sido por pouco tempo ou até involuntariamente, faz com que algo se agite dentro de mim, ou melhor, *abaixo* de mim.

Acabo balançando a cabeça negativamente, tentando tirar qualquer tipo de pensamento sujo com aquela garota implantado em minha cabeça levemente maldosa. Nós dois somos amigos, e eu não posso ter essas coisas passando pela minha cabeça nem por um segundo, mesmo que seja extremamente difícil.

— Vocês querem sair daqui? — pergunto, ao tentar mudar o foco dos meus pensamentos, assim como quebrar o silêncio e o tédio instaurado sobre nós.

— E o que você sugere, bonitão? — Georgina rebate com a sobrancelha arqueada, cruzando os braços em frente ao peito. Nesse meio tempo, Barbie se desencosta da parede e se senta agora ao lado da loira.

Também cruzo os braços e descanso as costas na cadeira. Tento pensar em algumas coisas legais para fazer nessa cidade, porém nada vem na minha cabeça. O melhor a se fazer é convidá-las para irmos ao rancho. Quando nos juntamos possa ser que seja divertido.

— O rancho? — devolvo a pergunta, incerto. — Sua tia acharia ruim, boneca? — Barbie nega com a cabeça, e eu assinto, animado.

— E como a gente iria? — St. Claire olha para mim. — Você só está com a sua moto, não tem como levar a mim e a Georgina.

— Eu posso usar o seu telefone para ligar lá para casa e pedir para o John vir buscar a Georgina. Que tal?

As duas confirmam na mesma animação e Barbie me conduz até a sua sala, entregando-me o telefone fixo cor de rosa. Disco o número rapidamente, sendo atendido pela voz doce de Kara, que logo passa a ligação para John, a quem eu explico toda a situação. Meu melhor amigo acata a ideia de prontidão e diz que vai passar para comprar *packs* de cervejas antes

de vir para cá.



Quando John chegou mais ou menos uma hora depois com as cervejas, nós dois seguimos para as nossas respectivas motos com as nossas respectivas garotas.

Bom, não que Barbie seja a minha garota, mas dá para entender o que eu quis dizer.

Agora, nesse exato momento, estamos todos sentados na grama em um círculo e ao redor de nós estão os nossos trailers meio velhos e desbotados.

Barbie está sentada em posição de yoga ao meu lado, uma garrafa de cerveja sendo envolvida por suas mãos pequenas. Insisti para que tomasse algum refrigerante, supus que não gostasse de álcool, mas a garota negou firmemente e fez questão de tomar o líquido espumante e amarelado. Porém, se ela deu mais de dois goles na cerveja foi muito, já que a mesma se encontra quase intacta na garrafa de vidro.

Georgina, por outro lado, está deitada entre as pernas de John com a jaqueta preta dele sobre os ombros e tem um pirulito rosa na sua mão, assim como uma garrafa de cerveja na outra.

Quem está na minha frente é Violet, conversando com Kieran e Kara sobre coisas que deveríamos fazer agora. Pelo que me parece, os três estão dispostos a encontrar algum jogo divertido para jogarmos.

— O que vocês acham de jogarmos verdade ou desafio? — Kara sugere, os olhos verdes cintilantes analisando cada um de nós. Seu cabelo cacheado está preso em um rabo de cavalo firme no alto de sua cabeça e ela

veste uma camisa amarela de botões por dentro de sua calça *mom jeans*. Os coturnos escuros balançam de um lado para o outro à medida que aguarda ansiosamente uma resposta.

— Isso não é brincadeira de criança? — Georgina se pronuncia com uma interrogação pairando acima de sua cabeça e leva o pirulito para a boca com uma expressão de puro tédio.

— Você tem sugestão melhor? — minha amiga rebate, arqueando a sobrancelha grossa e escura. Sua voz soa calma e serena como sempre, sem pretensão alguma de ser rude.

— Na verdade, não — a loira diz, por fim. — Você tem, Barbie?

Barbie desvia os olhos do céu — que estava extremamente estrelado e brilhante esta noite —, agora encarando a amiga. Seus lábios se remexem de um lado para o outro, pensativa.

— Acho que devemos jogar verdade ou desafio. — O tom de voz é firme, decidido, e vira o rosto em minha direção logo depois. Seus olhos azuis estão mais escuros sob a luz do luar, o que acaba me deixando ainda mais hipnotizado por eles. Eu já disse alguma vez como eu amo o fato do cabelo dela combinar perfeitamente com a cor dos olhos?

Ah, porra, é claro que eu já disse.

— Se Barbie falou, então está falado! — John soa animado, e retira cuidadosamente a garota em seu colo, que passa a se sentar ao seu lado.

Meu amigo pega uma garrafa vazia de cerveja perto de seus pés e a coloca no centro do círculo, pedindo para que alguém tome a iniciativa de girar.

— Eu giro — Violet bufa, vendo que ninguém havia se

disponibilizado para começar o jogo. — Pelo amor de Deus, se nós vamos fazer isso, pelo menos que façamos direito.

Antes que alguém possa falar algo, ela gira a garrafa de cerveja, o que leva nossa atenção totalmente para os seus movimentos ritmados.

A garrafa gira.

Gira.

E gira.

Quando ela finalmente para, está devidamente apontada para Georgina Sinclair.

— Verdade ou desafio? — Violet pergunta lentamente, esboçando um sorriso carregado de maldade.

A loira tira o pirulito da boca de forma extremamente provocante e sexy. Assim que estala a língua no céu da boca, diz:

— Desafio, óbvio!

Mohn sorri satisfeita ao ouvir a resposta de Georgina, que lhe acaba retribuindo o mesmo sorriso. A tensão sexual se instala perto de nós como uma redoma, completamente palpável. Olho para John só para flagrar suas expressões e me deparo com o meu melhor amigo tão hipnotizado com a cena quanto todos nós.

Certeza que está adorando tudo isso, principalmente o que vem em seguida quando Violet abre a boca para falar:

— Eu desafio que você me beije.

A única reação da garota é piscar uma, duas, até três vezes.

— Pode ser selinho, se preferir — completa, preocupada.

Georgina apenas ri desacreditada ao ouvir a frase, entregando o pirulito cor de rosa para John segurar somente para assim conseguir ficar de joelhos.

— É bom que você saiba que eu nunca dou só selinho, Violet.

A minha amiga solta uma risada anasalada, visivelmente surpresa com a fala que acabara de escutar, assim como eu e o resto do pessoal. Segundos depois de processar a frase, engatinha até Georgina, e também opta por ficar de joelhos. As duas se olham por um breve momento, os glóbulos de ambas faiscando luxúria. Violet enterra a mão por entre os fios da loira à sua frente, puxando-a para um beijo completamente feroz e selvagem.

Todos nós começamos a assoviar e bater palma para a cena que se desenrola de forma surpreendente para nós.

John também entra nessa, mas, diferente do restante, se remexe desconfortavelmente sobre o gramado, e seus olhos azuis claros não desligam do que está acontecendo nem por um mísero segundo. A boca se entreabre gradativamente e eu posso jurar que falta pouco para ele babar, ou até mesmo para pedir para entrar no meio das duas.

Deixo o beijo para trás ao focar toda minha atenção em Barbie, que parece tão chocada quanto eu com o que está vendo.

— Não sabia que Georgina também gostava de garotas — sopro baixinho ao me aproximar dela, recebendo uma risadinha fofa como resposta.

— Eu me surpreenderia se ela não gostasse — comenta, voltando o olhar para as duas.

Após Kieran mandar elas procurarem um quarto para continuar

o que começaram, se separam o suficiente para trocarem sorrisos sujos uma para a outra.

— Até que ela beija bem mesmo, John — Violet olha para meu melhor amigo, claramente o provocando. Ela passa a pontinha da língua sobre a região vermelha e inchada do seu lábio inferior e morde um sorriso logo depois.

Scott revira os olhos com o comentário e recebe uma piscadela assim que ela volta a se sentar no seu lugar. Georgina, observando toda a interação dos dois, pega seu pirulito de volta e o coloca na boca.

— Agora roda você, Johnny — Violet pede ao dar continuidade com a brincadeira, indicando a garrafa com o queixo.

John assente com um manear de cabeça, girando a garrafa de vidro. Ela dá umas boas giradas e quando para, aponta para Violet, o que acaba fazendo os dois rirem na mesma hora com a coincidência.

— Eu vou escolher verdade, Scott. Não beijo você nem fodendo.

— Ok, furacão — John diz em um tom malicioso, revelando a todos o apelido que ele dera a ela muito tempo atrás. — Você sabe que a única pessoa a perder com isso é você. Então, é verdade que você fez isso só para me excitar?

Mohn rola os olhos de forma teatral e bufa para o nosso melhor amigo.

— Não acredito que você gastou a sua vez com essa estupidez. — Ela balança a cabeça e ri desacreditada. — É claro que não, palhaço. Em que mundo você vive para achar que duas mulheres se beijando é alguma coisa para afetar vocês homens? Esse pensamento, além de ser

completamente errado, é nojento. Fiz isso porque, venhamos e convenhamos, gosto de garotas também e quis beijá-la. Apenas isso.

Por saber que Violet está falando algo sério, mesmo que esteja calma e com o rosto sereno, John acaba dando língua como uma verdadeira criança no jardim de infância para descontraír o clima. No final, acaba concordando e pedindo desculpa pelo seu comentário sem noção, alegando que estava apenas brincando com ela.

— Você perdeu a sua vez, Scott — digo ao dar um leve empurrão no meu melhor amigo assim que o vejo conversar demais. — Agora é a minha vez!

Não demoro para girar a garrafa, assim como ela não demora para apontar para Kieran. Automaticamente meus lábios se repuxam em um sorriso sacana para ele, pronto para arrebentar caso escolha desafio.

— Verdade ou desafio, McAllister?

— Desafio — responde, convicto.

E é aí que eu o desafio a virar uma garrafa cheia de cerveja de uma vez, sem parar ou vomitar.

Ele manda eu me foder quando escuta as palavras saírem dançando por entre meus lábios, mas aceita o desafio sem muito mais reclamação, e quase acaba colocando tudo para fora quando o líquido começa a descer pela sua garganta, o pomo de Adão se movimentando rapidamente. Ele respira profundamente, conseguindo beber o frasco todo. Quando termina, abre os braços e sorri como um vencedor, arrotando logo depois.

— Boa, McAllister! — John, que estava gritando palavras de incentivo todo o tempo, dá tapinhas nas costas do nosso amigo, e o mesmo

bate um *high five* com ele. — Mostra para o idiota do Leblanc como é que faz.

— Cala a boca! — Mostro o meu dedo do meio para ele, que apenas chacoalha os ombros para cima, como se não se importasse. Barbie ri com a minha pequena falta de educação. Eu a olho, a admirando instintivamente. — Você está linda, boneca — declaro, do nada.

Droga, deve ser a bebida fazendo efeito.

Ela sorri sem descolar os lábios, levando um pouco do cabelo dourado para trás da orelha.

— Você também não está nada mal, Devin. — Esconde o rosto ao colocar a bebida na frente, sorvendo o gosto da cerveja direto do gargalo.

Meu coração idiota se agita dentro do meu peito, mas eu não consigo lhe dar completamente atenção, pois a garota ao meu lado consegue se encarregar de invadir todos os meus pensamentos.

Alguém repete a rodada novamente, mas eu também não consigo prestar atenção, já que estou ocupado demais observando minuciosamente cada traço da boneca.

É então que, de uma hora para a outra, chega a sua vez de entrar na brincadeira, a garrafa sendo cruelmente apontada para John Scott. Um arrepio percorre o meu corpo quando ele me lança um olhar sugestivo, esboçando um sorriso maldoso logo em seguida.

— Querida Barbie, você aceita verdade ou desafio? — cantarola, os olhos brincando de ping pong ao ir de mim até ela incontáveis vezes

Aceite verdade, boneca.

Não aceite desafio.

Ele vai botar para a gente se...

— Eu escolho desafio! — Barbie soa animada, assim como todos ao nosso redor, que começam a bater palma por conta da sua escolha.

John me olha intensamente por breves segundos ao passar o dedo indicador e o polegar pelo queixo, mas acaba levando toda sua atenção para Barbie, que espera animadamente para cumprir seu desafio.

— Eu desafio você a brincar de 7 minutos no céu com o Leblanc. Trancados no trailer dele, a propósito.

Filho de uma mãe.



08

*"Podemos ser mais do que arte
Se a vida fosse um museu
Você seria
A mais bela pintura."*

SHE LOOKS LIKE ART | ERICK ENDRES.

Devin Leblanc

7 minutos no céu com a Barbie.

Repito. *7 minutos no céu com a Barbie.*

O que caralhos estava passando pela cabeça de John Scott quando ele sugeriu isso?

Se Barbie não tivesse levado isso na maior naturalidade possível e não estivesse passeando no meu trailer com fascínio nos olhos, eu certamente acertaria um gancho de direita no rosto engomadinho do meu melhor amigo só por ele ter tido a audácia de fazer uma coisa dessas.

Observo ela tocar cada enfeite que compõe a minha humilde casa como se estivesse conhecendo um mundo paralelo ao seu, as íris azuis percorrendo por todo centímetro do trailer com um brilho de curiosidade reluzindo sobre elas. De certa forma, St. Claire está mesmo conhecendo um

mundo diferente do seu. Duvido que tenha entrado em algo parecido com isso antes, ou até mesmo visto alguém fazer morada neles.

— É tudo tão bizarro assim? — pergunto com um sorriso brincalhão no rosto, apoiando meus cotovelos na bancada atrás de mim, que acaba dividindo a pequena cozinha da pequena sala.

Barbie solta um objeto antigo de decoração na prateleira, e direciona seu olhar até mim. Ela une as sobrancelhas, me olhando como se eu tivesse dito a maior estupidez do universo.

— Aqui é tão... — ela para de falar, olhando cada móvel que compõe o meu trailer. — Fascinante.

Mordo um sorriso na mesma hora, claramente sem entender aquela garota. Que pessoa em sã consciência, principalmente como ela, que já viveu em um grande palácio, olha para a minha casa e diz que é fascinante?

Não faz o menor sentido.

— O que é que aqui tem de fascinante, boneca? — digo, em um tom irônico. — Isso aqui só falta cair aos pedaços.

Ela dá de ombros, antes de responder:

— Se você acha que coisas fascinantes só são coisas luxuosas... — Se aproxima de mim, parando ao meu lado — então você precisa urgentemente mudar o seu conceito de vida.

— Uma lata velha pode ser fascinante? — Me divirto, vendo seus olhos rolarem. — Tudo bem. Acho que posso me contentar com ele então.

— Tudo pode ser fascinante. É tipo a arte, sabe? — Barbie vira seu rosto em minha direção, e seus olhos estão presos aos meus,

completamente injetados de... *fascínio*. — A arte só precisa ser única e singular para ser incrível. Ao meu ver, isso aqui é bem único e singular.

Minha boca abre e fecha por longos segundos e, mesmo que eu queria muito responder alguma coisa, nada parece disposto a sair. Na verdade, mesmo que eu tente muito, nenhuma frase que eu acabe formulando em minha mente será o certo a se dizer.

Simples assim, Barbie St. Claire acaba de me deixar sem palavras.

— Como é morar aqui? — Muda de assunto quando percebe que eu não irei lhe responder. Acabo agradecendo aos céus por isso.

— Hmm... — Penso com um bico de lado, procurando o que dizer. A verdade é que ninguém nunca tinha me perguntado isso antes, e eu nunca havia parado para analisar. — É bom, eu acho — respondo, incerto. — Nunca pensei sobre isso, para ser sincero. Essa sempre foi a minha realidade, afinal, eu cresci aqui. Não é como se eu tivesse tido outras experiências, mas eu gosto. De qualquer forma, esse sempre foi e continuará sendo o meu lar. Ele me lembra todos os dias de como vim parar aqui. De como eu tenho que ser uma pessoa melhor sempre, independente dos erros dos meus pais biológicos.

E é a mais pura verdade. Olhar todos os dias para o lugar onde moro me lembra como vim parar aqui e, definitivamente, como não quero ser nenhum pouco parecido com os meus progenitores, que não pensaram duas vezes em largar um bebê prematuro para trás. Não faço ideia do motivo que os levaram a essa ação, sinceramente, não me importo nenhum pouco, mas ela é a combustão para me lembrar todos os dias que, apesar de ter sido um garoto abandonado e amargurado durante boa parte da minha infância e

adolescência, sempre farei de tudo para evoluir como um ser humano melhor. Como um ser humano parecido com o meu pai adotivo.

Eu tenho muito orgulho de todo esforço do meu coroa, afinal, ele quem me deu esse lar.

— Você é um cara incrível, Devin, de verdade — ela garante, tomando minha mão para si só para apertá-la levemente, demonstrando que me entendia mais do que qualquer um. Eu sabia disso, de qualquer forma. Lá no fundo, bem lá no fundo, nossas histórias são parecidas. Nossas dores também. — E, de qualquer forma, você tem uma casa. Imagina quantos não queriam ter uma, *huh?*

Ela empurra meu ombro de modo brincalhão, e sei que está tentando suavizar o clima da nossa conversa, por isso não penso duas vezes na hora de lançar o meu melhor sorriso em sua direção.

— E como era a sua casa em Nova York? — Apesar de ainda ser uma zona perigosa, não poderia deixar de perguntar, já que a curiosidade está me corroendo por dentro.

— Era simplesmente enorme. Tinha vários quartos, várias coisas legais para fazer. Tinha tudo que você possa imaginar — Barbie conta, mas sem nenhum traço de saudade em sua voz, ou qualquer tipo de expressão nostálgica tomando seu rosto. — Porém, o principal não tinha, que era o sentimento de que ali era o meu lar, minha casa. Eu não sentia nada disso. Na verdade, me sentia mais uma intrusa na maior parte do tempo.

— Seu pai não era presente?

— Não. Ele chegava do trabalho super estressado, e se enfiava na sala do seu escritório por incontáveis horas para continuar trabalhando ainda mais. Eu tinha mais proximidade com os trabalhadores da casa do que

com o meu próprio pai. — Ela solta um suspiro profundo, cansado, mas não se deixa abalar. — E eu não guardo nenhuma mágoa dele, pois acredito que deve ter sido difícil perder a esposa bem no dia em que eu nasci, e ter que descobrir como ser pai pela primeira vez sozinho, sem ninguém para ajudar. Como se não bastasse esse fardo para carregar, teve que conciliar a empresa e todo seu trabalho com a vida nova. Deve ter sido difícil.

E pela segunda vez na noite, Barbie me deixa sem palavras. Eu sabia que a sua vida tinha sido difícil, mas não imaginava que tinha sido tanto. Se ela não contasse ninguém suspeitaria, pois está sempre alegre, sempre brincalhona, sempre positiva. Isso poderia ter feito-a uma pessoa amargurada, sem coração. Mas ela preferiu dar a volta por cima, ver o lado positivo das coisas e continuar seguindo a vida como uma verdadeira batalhadora.

Além disso, acaba de me dizer que não sente nenhum tipo de mágoa do pai. Nenhum. Mesmo o pai preferindo o trabalho do que ela, mesmo tendo que ter mudado de cidade por causa dele, mesmo apesar de todo dano causado, não sente mágoas.

Se eu não a estivesse vendo bem à minha frente, se eu não estivesse sentindo o seu perfume adocicado impregnar as minhas narinas e se eu não estivesse sentindo o choque magnético que a sua mão causa em minha pele, provavelmente diria que ela não existe. Provavelmente diria que a sua pessoa, tão linda e incrível, é algum tipo de projeção alucinante do meu subconsciente.

Sinceramente, não tenho palavras para descrever a garota que ela é. Cada vez que eu a conheço mais, mais vontade eu tenho de permanecer ao seu lado.

Tenho certeza que tem muito a me ensinar.

Quando eu abro a boca, prestes a elogiá-la, a garota de cabelos dourados e olhos azuis mais harmoniosos que já vi, sai na frente ao falar:

— Mas está tudo bem, Devin, de verdade.

— Eu sei que está! — Sorrio, tentando demonstrar o quão foda eu acredito que ela é. — Sei que você é forte.

Viro de lado para poder observá-la melhor, apoiando-me agora em um cotovelo só. Pendo a cabeça para o lado e encosto-a na minha mão, tentando captá-la de vários outros ângulos.

— Será que falta muito? — Não precisa ser um gênio para saber que está se referindo aos 7 minutos da brincadeira, o que acaba me deixando levemente ansioso. Ela olha para o relógio pregado logo atrás de mim, projetando o lábio inferior para baixo quando se dá conta de que não sabe o horário em que entramos.

— Está tão ruim assim ficar sozinha comigo, boneca?

— Um pouquinho — debocha, transformando o polegar e o indicador em uma pinça, como se estivesse mostrando a pequena quantidade. — Achei que fosse ter algo mais emocionante.

Deixo meu rosto mais próximo do seu quando escuto suas palavras, mas não perto o bastante para as nossas bocas ficarem a míseros centímetros de distância uma da outra. Ainda há distância entre nós, só não tanto quanto antes. O jeito como nos encontramos agora é o suficiente para que eu consiga enxergar com nitidez cada traço do seu rosto, cada sinal, cada micro expressãozinha e, claro, conseguir me sentir ainda mais tentado a viajar pela vastidão oceânica que abriga os seus lindos olhos.

Encarando-os fixamente, percebo que eles fazem o mesmo trajeto pelo meu rosto. Barbie parece me analisar bem, como se estivesse gravando na memória cada centímetro do meu rosto.

— E o que você sugere? — Minha voz sai levemente arrastada em um sussurro, meu hálito quente fazendo ondulações em seu rosto delicado.

— Ahn, deixa eu ver... — Bate as unhas pintadas de rosa bebê no queixo, pensativa. Suas íris passeiam pelo trailer, como se buscasse uma resposta nele. Quando parece não ter encontrado, apenas sacode os ombros. — Me mostre você.

Eu pisco uma, duas, três e até quatro vezes.

Não senti desafio no seu tom de voz e acredito que nem tenha sido a intenção quando proferiu a frase, porém minha mente traiçoeira parece sair na frente ao começar a interpretar de mil formas diferentes o que ela havia dito.

Garanto que nenhuma das mil formas foram inocentes.

Cacete, mas que merda eu estava pensando?

Isso provavelmente é culpa das garrafas de cerveja que ingeri esta noite.

— Caramba, boneca. — Suspiro, levemente debochado e um tanto quanto malicioso. — Não sabia que você era assim tão desafiadora.

Ela rola os olhos para mim de forma dramática e teatral, soltando um suspiro maior do que o meu.

Certeza que também entendeu da mesma forma que eu, pois solta a minha mão — que estava envolvida com a sua até agora — e cruza os

braços.

— *Há Há Há* — Finge uma risada, e eu me seguro para não rir como um idiota. — Vai se f... — Antes que ela possa continuar falando, coloco meu dedo indicador em seus lábios, impedindo-a de prosseguir com a frase.

— Você ia xingar, St. Claire? — Finjo estar incrédulo. — É isso mesmo?

Barbie dá um leve tapinha no meu braço e a minha boca se forma em um perfeito "O" com a ousadia de sua ação. Aliso o local onde o tapa foi desferido, fingindo estar dolorido.

Minha atuação é tão péssima que só faz ela balançar a cabeça negativamente, esquadrinhando meu rosto como se eu fosse maluco. Porém, apesar de tudo, conseguia enxergar um lampejo de um sorriso divertido querendo escorregar por entre seus lábios. Se havia realmente chances dele aparecer, tudo foi por água baixo no segundo seguinte em que a porta metálica rangeu, nos mostrando a ilustre presença de Violet Mohn, que estava ali apenas para avisar que os minutos já tinham extrapolado há muito tempo.



Depois da Violet ter nos tirado de lá com uma carranca enorme emoldurando o rosto, o jogo continuou acontecendo e várias perguntas e desafios inúteis continuaram prosseguindo bem na minha frente, embora não tenha prestado atenção em nenhum deles.

Após mais algumas jogadas, a brincadeira parecia ter perdido a graça não somente para mim, mas também para os demais, que resolveram parar de imediato com aquilo e concentraram-se apenas em jogar conversa

fora para acabar com as últimas cervejas que ainda restavam.

Quando toda a graça da "festa" no rancho pareceu ter chegado ao fim juntamente com a brincadeira, John e eu levamos as meninas para as suas respectivas casas em perfeita segurança, andando com a moto extremamente devagar para que nada acontecesse conosco.

Imprudente da nossa parte? Completamente.

St. Claire agradeceu pela noite com um beijo estalado na bochecha assim que a deixei na porta da sua casa. Depois disso, segui para a minha e vi que todos os meus amigos já haviam desaparecido, provavelmente já se encontravam no décimo sono.

Agora, deitado de bruços no colchão da minha cama, olho para o objeto que a Barbie havia segurado na prateleira assim que adentrou no trailer, e sua voz doce ecoa pela minha cabeça. Antes de acabar pegando definitivamente no sono, tudo que escuto é a sua voz dizendo que a minha casa é como arte. *Única e singular.*



Acordo com a claridade do sol escaldante de Hellaware bem no meu rosto, me fazendo grunhir e murmurar algum palavrão aleatório.

De todas as coisas que eu odeio nesse lugar — não que sejam muitas —, a que ocupa o primeiro lugar da minha lista de "*Coisas que odeio em Hellaware*" é, sem dúvida alguma, o clima dessa cidade.

Tudo consegue ficar mil vezes pior no verão e sei que ele mal começou. Ainda entraremos em julho, mas, sinceramente, não vejo a hora de chegarmos em dezembro para conseguir dormir sem ser interrompido pelos raios luminosos entrando em meu quarto, transformando-o em um completo

inferno de tão quente.

Com isso, me sento na cama e passo o dorso da mão pela minha testa suada, retirando as gotículas de suor que estavam deixando meu cabelo grudado na raiz. Uma sensação enorme de abafamento me toma e eu opto por retirar a camiseta, tentando deixar meu corpo livre de qualquer peça desnecessária.

Uma batida leve na minha porta é tudo que eu escuto no meio de tanto silêncio me rondando e, antes que eu possa me levantar para atendê-la, o rosto de Kieran surge por entre a frecha.

— Boa tarde, garotão. — Ele exhibe o seu maior sorriso e sobe os degraus até entrar de fato no trailer. — Hibernou, *huh?*

Uno as sobrancelhas para ele, puxando os fios do meu cabelo.

— Que horas são?

— Duas horas da tarde. — Dá de ombros. Eu arregalo os olhos, sem acreditar que tinha dormido tantas horas. — Eu vim conferir se você não tinha morrido. Sabe como é, Violet e Kara já estavam ficando preocupadas.

A preocupação é compreensível, pois eu sou o primeiro a acordar de todos eles.

Me levanto meio desnorteado, procurando o meu *Marlboro*. Quando não encontro pelos cômodos, tato pelos bolsos da minha calça e, quando finalmente encontro junto do isqueiro, acendo-o com as mãos em formato de concha.

— Não foi dessa vez que vocês se livraram de mim. — Sorrio, soltando a fumaça por entre os lábios.

Kieran tosse, tosse mais uma vez e me xinga várias vezes por

estarmos em um lugar fechado. Seus olhos amendoados estão arregalados, e ele passa a mão sobre o cabelo crespo recém cortado em um corte rebaixado, claramente desconfortável.

— Por que caralhos você fuma aqui dentro? — soa irritado quando percebe que eu não vou parar. Apenas rio ainda mais, me divertindo às suas custas nesta tarde.

— Porque eu estou na minha casa, oras. — Dou de ombros. — Não tenho direito de fumar na minha própria casa?

— Todo direito do mundo. — Levanta as palmas da mão em um sinal claro de rendição, e segue dizendo: — Você que manda.

Anuo com um sorriso orgulhoso, mostrando que havia gostado da escolha das suas palavras. A única coisa que recebo como resposta é seus olhos revirando sobre as órbitas, assim como um sutil mandado para ir ao inferno.

— John ainda dorme? — Mudo de assunto, ainda chocado com o fato de ter dormido tanto.

— Por incrível que pareça, John Scott foi um dos primeiros a acordar.

Entreabro os lábios em espanto, piscando algumas vezes. John Scott sendo um dos primeiros a acordar? E eu sendo o último?

O dia só podia ter começado do avesso.

— Eu provavelmente devo ter morrido *mesmo*. Acho que acordei em outra dimensão. — digo, balançando a cabeça em negação.

Kieran ri, confirmando minha teoria.

— E o que vocês estão fazendo agora?

— Nós vamos começar agora a lavar as motos. Você vai querer lavar a sua Ducati também?

Eu coço a testa, pensando se devo ou não. Pior que tem tempo que eu não tiro um dia para cuidar dela, e me sinto péssimo por isso. Mas, para ser sincero, a preguiça está consumindo cada molécula do meu ser nesse exato momento, não sei se estou disposto a fazer isso.

Parecendo adivinhar a resposta que viria logo a seguir, McAllister se apressa em dizer:

— Coitada dela, Devin. — O tom da sua voz é de quem está com pena da minha pobre e suja moto, mas sei que ele está só fingindo para que eu possa entrar nessa junto com eles. Por algum motivo, lavar as nossas motos em conjunto é uma das coisas que nós mais amamos fazer. — Aposto que ela está doidinha para ficar brilhando para você.

— Acho que ela entenderia que o papai aqui não está no momento.

Ele revira os olhos para mim, dizendo que eu não passo da porra de um bundão preguiçoso. Soco o seu braço de brincadeira, dessa vez detestando sua escolha de palavras.

— Vem logo, deixa de ser reclamão.

Kieran me puxa pelo braço e eu bufo, derrotado.

— Bundão — o corrijo, rindo.

— Isso! — Ele ri. — Bundão.

Quando boto o pé fora do trailer, vejo que os meus amigos já

estão com todos os quites em mãos para começar a limpeza em suas motos. As meninas estão com a parte de cima do biquíni e o John está sem camiseta, usando apenas uma bermuda despojada qualquer.

Olho para Kieran parado ao meu lado, e só agora percebo que o garoto de pele escura também está com o traje de acordo.

Sou o único a estar de calça jeans.

— Vou colocar um short — aviso a Kieran, e antes que eu possa me mover, ele me impede ao colocar a mão ao redor do meu pulso.

— Vai lavar de calça mesmo — diz, sério. Provavelmente pensa que estou dando para trás. Quero rir disso. — Nem mais um passo — meu amigo ordena.

— Tá certo, cara. Se a minha presença é assim tão importante para você, eu fico de calça mesmo.

Ele sorri ironicamente para mim. Eu retribuo seu sorriso, indo em direção aos outros.

— Olha só, pessoal! — Violet se pronuncia em alto e bom tom, logo após notar minha presença. Seu dedo indicador está apontado em minha direção. — Não foi dessa vez que Leblanc nos deixou.

Ela projeta o lábio inferior para baixo, fingindo estar triste. Eu enganho meu braço no seu pescoço e a trago até mim para conseguir depositar um beijo em sua bochecha.

— Bom dia para você também, idiota. — Bagunço o topo da sua cabeça, ela me empurra para o lado com o seu jeito reclamão de ser.

— Mesmo que não seja de dia ainda, bom dia, Leblanc! — Kara vem até mim de braços abertos, se aninhando em meus braços. Dou um beijo

no topo da sua cabeça e ela ergue os olhos até mim, mostrando o seu melhor sorriso.

— Forçada — Violet fala baixinho para Kara, e a garota de cabelos cacheados ainda grudada a mim, mostra a língua para sua amiga. — Bajuladora — continua, no seu tom petulante.

— Ciumenta — a negra rebate, fazendo Violet dar um riso debochado.

— Nunquinha — ela cantarola. — Se tem uma coisa que eu não sou, essa coisa é ciumenta.

Kara se desvencilha dos meus braços, virando-se de frente para a garota de olhos castanhos pincelados por uma boa camada de sombra preta. Elas se olham por breves segundos, mas Violet não aguenta sustentar a postura de birrenta, começando a dar risada logo depois.

— Você foi quase convincente, Violet. — Sorrio, cruzando os braços em frente ao peito. — Só quase.

— Fala, garanhão! — John se aproxima gritando, como se nós estivéssemos a longas distâncias uns dos outros. — Como foi ontem com a Barbie? Dormiu tanto assim pela canseira que ela te deu, foi?

Kara, ao meu lado, pigarreia, e Violet morde o interior da bochecha, concentrando seu olhar no verde da grama.

— Do que você está falando? — Espalmo as minhas mãos no quadril, o olhando com um vinco super formado entre as minhas sobrancelhas.

— Dos sete minutos no céu — John me olha como se não fosse óbvio o que ele estava falando. — Vai me dizer que você pagou de idiota na

frente dela e não fez nada?

Abro minha boca para lhe responder, mas Violet sai na frente ao dizer:

— Não seja bobo, Scott, é claro que eles fizeram alguma coisa.

— Sim. Nós *apenas* conversamos.

— Até parece... — Violet debocha. — Até parece que ela ia ficar sozinha com você e não ia dar mole.

— Dá pra parar? — Levo meu olhar até o seu, totalmente sério. — Isso é coisa que se fale, Violet Mohn? — Ela cruza os braços em frente ao peito ao me ouvir, virando o rosto rapidamente. — Barbie não é o tipo de garota que você está pensando. Você não a conhece e também não tem a menor noção das besteiras que fala. A única coisa minha que ela quer é amizade, e eu achei que já tivesse dito isso a vocês um milhão de vezes.

Ainda com o rosto virado, Violet deixa os lábios em uma linha fina. Parece distante.

John arrasta os pés até ficar ao seu lado, balançando a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse desaprovando sua atitude. Ela apenas ergue os grandes olhos para o nosso amigo, arqueando as sobrancelhas perfeitamente feitas em sua direção, esperando uma resposta.

— Assume que foi mancada, *furacão* — com um tom de voz extremamente calmo e baixo, pede. — Vai, não custa nada assumir.

— Não haja como se você também não tivesse culpa. — Aponto o dedo em riste, lhe causando espanto.

— Que porra eu fiz?

— Começou com toda essa idiotice.

— Tá bom, tá bom — Violet bufa, derrotada. — Desculpa pelo que falei, foi uma frase idiota. Não vai mais se repetir, eu prometo.

Scott bate palminhas de felicidade e a abraça de lado. Seu olhar preocupado procura os meus, como se buscasse aprovação, ou até mesmo como se estivesse procurando algum traço de raiva em meu rosto. Não podia negar que estava levemente enfurecido, mas apenas deixo para lá, lhe direcionando um sorriso sem descolar os lábios, que acaba sendo o básico para ela sorrir de volta e sentir que está tudo bem entre nós. Apesar de tudo, gosto de quando assume os erros, mesmo que esses momentos sejam quase raros, já que acha ser a dona da razão.

— Agora vamos deixar o mau humor de lado, nossas bebês nos esperam — John se refere à nossas motos, o que é um tanto quanto engraçado. Ele se desvencilha rapidamente do abraço, puxando Mohn pela mão.

É impossível não rir da animação dele, por isso seguimos seus passos sem pestanejar. Quando estou próximo o bastante da minha Ducati, pego a mangueira cor limão e encho um balde com água.

Alguns minutos se passam em silêncio, cada um concentrado em fazer o seu trabalho bem feito. Porém, nesse pequeno intervalo de tempo, Violet sai a procura de um rádio e volta com um *Sanyo* meio empoeirado em mãos, colocando em alguma estação para que possamos embalar o ambiente com alguma música legal.

A música que ecoa do rádio é *Girls Just Want To Have Fun* da Cyndi Lauper. No mesmo instante, ergo meu olhar para a garota e a vejo balançar o corpo no ritmo da música. Sorrio com a cena, pois ela sempre se

anima ao escutar aquela música, afinal, é a sua favorita.

— ESSA MÚSICA É UM HINO! — grita, ainda mexendo o corpo, como se nós estivéssemos em uma balada. — Nunca me canso dela.

Violet chama Kara para dançar com o dedo indicador e ela acata seu pedido, largando a bucha para o lado, seguindo a amiga nos passos de dança.

— OH GIRLS THEY WANNA HAVE FUN — as duas gritam juntas, acompanhando a letra da música. — OH GIRLS JUST WANNA HAVE...

Busco Kieran e John com o olhar e os dois já se encontram me encarando. Começo a rir com eles, mas John aponta a mangueira ao meu lado com o queixo. No primeiro momento, fico sem entender, mas quando ele coloca o sorriso malicioso e arteiro no rosto, tudo acaba se clareando em minha mente.

Com as meninas ainda dançando, totalmente dispersas com o que planejo, acabo pegando a mangueira jorrando água e a viro na direção das duas, gritando logo em seguida:

— GUERRA DE ÁGUA!

Elas começam a gritar quando a água as atinge com força, tentando inutilmente proteger o rosto com as mãos abertas. Eu rio, pois obviamente a tentativa de proteção não dá certo e elas acabam ainda mais encharcadas. Os olhos das duas me fulminam, gritando que vai ter volta assim que correm atrás dos baldes cobertos por água e espuma. John e Kieran vêm me proteger, prontos para o próximo ataque com o balde deles em mãos.

Nós ficamos um tempo nos encarando, os olhos injetados de

desafio. Não demora muito para que o contato seja desfeito, já que Kara e Violet empurram o balde em nossa direção, exatamente na mesma hora em que os meninos jogam os deles de volta.

Algum tempo depois, estamos todos correndo um atrás do outro pela grama verde musgo do rancho, totalmente encharcados de água e espuma, rindo feito crianças arteiras ao termos a maior certeza do mundo que aqui, perto um do outro, é o melhor lugar para chamarmos de *lar*.



09

*"Você não estava no radar
E francamente eu há algum tempo desligara
Mas nada impediu o que era pra ser
A história se escreve
Queira ou sem querer.
RADAR | LULU SANTOS.*

Barbie St. Claire

Como eu estava exausta por todo o trabalho da semana, optei por tirar um dia de beleza para mim no meu dia de folga.

No momento em que acordei, fui direto para o banheiro e recolhi os melhores cremes de cabelo da minha tia, afinal, precisava dar um trato no ninho de passarinho que tinha se tornado o meu cabelo a partir do momento em que eu pisei os pés naquela lanchonete.

Sério, ele estava realmente horroroso.

Para a felicidade dos deuses da beleza, a hidratação funcionou perfeitamente nos meus fios, deixando-os mais brilhosos e macios. Talvez Amber queira me matar com suas próprias mãos quando descobrir que gastei quase todo o pote, mas, sinceramente, o que eu poderia fazer? Meu cabelo realmente necessitava de um bom tratamento.

Devo admitir que ele está impecável agora. As ondas que se formam quase que no fim dos meus cabelos dourados estão ainda mais em evidência, caindo em cascatas sobre meus ombros cobertos pelo roupão cor de rosa.

Agora sentada em minha cama, pego o meu kit para as unhas e escolho alguma cor neutra para pintar as unhas dos meus pés. No exato momento em que estou pronta para pintar o meu dedão com o esmalte branco gelo, tia Amber para perto da porta escancarada e me fita com os olhos conflitantes, parecendo travar uma batalha consigo mesma sobre entrar ou fugir para qualquer outro canto da casa.

Ela está... *com medo*?

Fecho a tampa do esmalte e o ligo de qualquer forma sobre a colcha lilás da cama, virando minha atenção totalmente para a mulher tatuada à minha frente, a testa ficando crispada à medida que espero uma reação de sua parte.

— Vai me contar o que houve ou...? — Deixo a pergunta pendendo no ar e a observando dar alguns passos cautelosos para dentro.

Titia morde um sorriso nervoso assim que está totalmente próxima de mim e passa as mãos pelos braços tatuados em um sinal claro de desconforto. A saia preta de couro que está usando não cobre nem metade de suas coxas, e a regata branca com decote em V acaba evidenciando boa parte dos seus seios fartos, do jeito que tanto gosta.

É engraçado o modo como ela se veste. Enquanto eu me enfio em qualquer roupa velha e confortável, Amber parece que está prestes a encontrar alguém a qualquer momento, mesmo que ninguém nos visite boa parte do tempo.

Percorro o meu olhar por suas tatuagens infinitas e sinto um embrulho na boca do estômago quando a encontro bem pequenininha e escondida. A data em que eu nasci está gravada em seu pescoço com traços simples e finos. Essa tatuagem foi feita há muito tempo atrás, quando eu ainda era uma garotinha. Sempre que a capturava por ali, queria chorar feito um bebê.

Infelizmente, não pelo ato lindo que ela demonstrou a mim, mas pelo fato de lembrar que aquela data em específico é a mesma data da morte da sua única irmã.

Da minha mãe.

Balanço a cabeça de um lado para o outro, tentando afastar os pensamentos tristes que inundam a minha cabeça como um tsunami. Ergo meu olhar para o seu, sorrindo sem descolar os lábios ao ainda estar esperando a sua resposta.

Amber arrasta um dos puffs do meu quarto até ficar em minha frente e finca os cotovelos nas pernas assim que se senta.

— Me passe o tubinho do esmalte. — Ela aponta com o queixo para o esmalte branco jogado na minha cama. O pego, embora ainda esteja desconfiada o bastante para o vinco entre as minhas sobrancelhas permanecerem intactos quando me viro em sua direção.

Sua expressão carregada de nervosismo já não se encontra mais em seu rosto. O problema é que eu não esqueci de como ela entrou no quarto.

Sem que eu espere, tia Amber puxa as minhas pernas para o seu colo e começa a abrir a tampa do esmalte.

— Vai pintar minhas unhas? — O tom de estranheza com aquela

situação está nítido em minha voz.

— Não posso?

Dou de ombros, a observando passar a cor clara pela unha do meu dedo mindinho. Tento observar e desvendar suas expressões enquanto isso, mas a única coisa que chego a perceber é a sua figura compenetrada, pronta para não borrar o esmalte.

Quando já está iniciando a pintura no próximo dedo, Amber se remexe desconfortável no puff e essa é a deixa que eu encontro para poder falar:

— Desembucha.

— O quê? — soa inocente, piscando os cílios cobertos por grossas camadas de rímel.

— Você entrou no meu quarto querendo falar algo, não apenas pintar as minhas unhas. Por isso, desembucha.

Ela suspira fundo, apruma a postura e sorri para mim com a maior empolgação.

— Então... — Pigarreia. — Seu aniversário está próximo, *huh?*

Quando meu cérebro processa rapidamente cada uma das suas palavras, já tinha entendido tudo. É claro que o seu nervosismo era para tocar *nesse* assunto.

— É — apenas confirmo, indiferente.

Continuo minha atenção nos seus dedos pincelando os meus com a maior calma do universo, não conseguindo capturar suas íris tão azuis quanto as minhas.

— O que você quer fazer?

— Nada — me apresso em responder, já começando a ficar nervosa com o assunto.

E eu realmente não quero fazer nada. Por Deus, eu gostaria que ela nem tivesse me lembrado. Ela mais do que ninguém sabe o tanto que não gosto do meu aniversário.

— Não posso deixar que seu aniversário passe em branco, Barbie. — Seu tom de voz é calmo, acolhedor, mas eu podia imaginar que estava tão nervosa quanto eu em abordar aquele assunto. — Seu pai não me perdoaria.

A simples menção ao meu pai faz com que meu coração comece a arder dentro do meu peito, transformando-se em verdadeiros caquinhos. Ele poderia ter todos os defeitos do mundo, poderia ter mil motivos para não querer comemorar aquela data, mas sempre fazia de tudo para que eu me divertisse no dia. Como meu pai sabia que eu detestava aniversários, dizia que não estava saindo comigo para comemorá-lo, e sim para comemorar as coisas boas da vida ao lado dele. Sempre fazia questão de arrumar motivos diferentes todos os anos para comemorar ao meu lado. Como eu nunca fui uma garota birrenta, o acompanhava sem reclamar. Mas somente para vê-lo feliz. Somente para fazer com que ele, pelo menos por um curto período de tempo, esquecesse o peso daquela data.

Nunca passei um aniversário longe do meu pai. Seria o primeiro sem ele.

— Ele entenderia — esclareço, piscando várias vezes numa tentativa de afastar a água cristalina que estava ameaçando encharcar os meus olhos.

— Se eu comprasse apenas um bolinho? — Sugere, os glóbulos brilhando em súplica.

— Tia...

— Só vai ser nós duas, mais ninguém. Eu prometo.

— Acho melhor não, me desculpa. Não consigo ficar animada com o meu aniversário.

Amber anui com a cabeça, derrotada, como se aquela discussão fosse uma guerra perdida. Sua boca se transforma em uma linha fina e ela acaba de finalizar o outro pé, dando leves tapinhas para que eu possa os recolher de seu colo.

Assim que os retiro, guarda o esmalte dentro do kit e se levanta em um rompante, arrumando o puff em seu devido lugar. Meus olhos a acompanham, tristes por tê-la desapontado, porém sem conseguir falar nada que possa amenizar o clima que eu mesma tinha instaurado sobre nós. Sei que ela tentou, sei que ela só quis ajudar, e eu aprecio muito o seu esforço, mas, infelizmente, o grande problema é e sempre continuará sendo eu.

Titia sai do quarto sem dizer nenhuma palavra, deixando a porta entreaberta. Alguns segundos depois, aparece com a cabeça por entre a frecha, suspirando.

— Seja onde for que ela esteja, a minha irmã jamais gostaria de ver você sofrer por uma coisa da qual você não é e nunca vai ser a culpada.

Após soltar aquelas palavras, simplesmente some, deixando-me com uma sensação amarga na boca e com o coração pulsando ainda mais forte do que o normal.

A sua frase continua ecoando em minha cabeça, mesmo que eu

tente muito deixá-las para lá. O problema é que não só ela, mas também flashes do meu pai chorando dentro do seu escritório por causa da minha mãe acabam tomando conta da minha mente, assim como do meu coração.

Queria tanto acreditar naquilo.

Arrasto os pés recém pintados para fora da cama, seguindo em direção à gaveta do meu guarda-roupa. A abro sem pensar muito, vasculhando por entre as minhas roupas até encontrar o que tanto queria. Quando minhas mãos tocam a foto *Polaroid*, um arrepio percorre por toda a minha espinha. Sinto meu lábio inferior tremelicar.

Fecho a gaveta rapidamente, voltando a sentar na cama apenas para virar a foto de uma vez para mim. Um sorriso triste repuxa os meus lábios assim que meus olhos cravam na fotografia antiga.

Meus pais estavam sentados em algum banco de madeira do *Central Park*. A foto é extremamente linda, pois eu conseguia sentir o amor de ambos só por ela. Estavam tão jovens, tão felizes, tão apaixonados. Os olhos vidrados um no outro demonstravam isso. Minha mãe já me carregava em seu ventre, a barriga estava totalmente em evidência sob o tecido fino do seu vestido, e ela tinha a mão do meu pai repousada ali. Tudo ao redor parecia ter parado só para testemunhar o amor dos dois.

Tento não sentir, juro que eu tento, mas todas as vezes que lembro ter sido a culpada da separação brusca entre os dois, eu sinto. Sinto a culpa corroendo por dentro, pronta para não me abandonar jamais.

Ambos tinham tanta coisa para aproveitar, tantas histórias para colecionar, tantos momentos, mas a minha vinda ao mundo estragou tudo.

Eu feri o meu pai, eu feri a minha tia, e eu feri a minha própria mãe. Ela morreu para me dar a vida e eu nem tive a chance de conhecê-la,

nenhuma chance de agradecê-la pelo seu ato de bondade. Muito menos de sentir seu cheiro, o seu abraço, ou até mesmo o seu amor por mim. Não tive a sua presença ao meu lado quando arranquei o meu dente pela primeira vez, não tive a sua presença ao meu lado quando virei mocinha, não tive sua presença ao meu lado quando beijei pela primeira vez, e não terei sua presença quando me apaixonar de verdade e construir uma família.

E, sinceramente, nem posso reclamar, pois a culpa toda é minha.

Olhando aquela foto em minhas mãos mais uma vez, sinto uma lágrima quente se esparramar em minha boca, o gosto salgado me atingindo em cheio. Só agora me dou conta que tinha começado a chorar compulsivamente.

Seco os olhos rapidamente e enfio a foto debaixo do meu travesseiro, escondendo-a longe de mim. Não podia deixar aquilo me afetar. Não hoje. Não agora.

O meu aniversário nem tinha chegado, então definitivamente não era o momento.

Por isso não pensei duas vezes quando abri novamente a gaveta. Diferente da outra vez, estava em busca de algo que pudesse me trazer felicidade. O biquíni rosa choque pinicou meus dedos e só assim, simples assim, me lembrei da cidade em que eu estava.

Hellaware não é meu lugar de remoer mágoas passadas. Hellaware é meu recomeço.

Se fosse para continuar sendo a garota de meses atrás, teria continuado em Nova York.

E eu definitivamente não podia ser mais ela.



Sentando-me na toalha sobre a areia quente da praia de *Sun Valley*, observo atentamente tudo ao meu redor sobre as lentes escuras do meu óculos de sol.

Não é como se eu não tivesse visto toda essa beleza antes, mas é impossível não me encantar todas as vezes. O céu se encontra completamente azul e o sol completamente escaldante, como de costume. A praia está lotada, afinal, o verão tinha finalmente — ou não — chegado. As garotas desfilam pela areia com seus maiôs de asa delta, enquanto os garotos se divertem na água clara com suas pranchas de surfe. Já as crianças, correm para lá e para cá tomando raspadinhas, outras apenas se mantêm compenetradas na hora de montar seus castelos de areia.

Eu, por outro lado, pareço ser a única preocupada em passar protetor no meu corpo para não ficar vermelha como um camarão no fim do dia.

Assim que deixo o protetor solar dentro da minha bolsa, descanso as costas na toalha. Poucos minutos depois, quando viro minha posição para o lado, avisto uma ruiva a poucos metros de distância de onde eu estou. Estreito os olhos no segundo seguinte ao tentar enxergar alguma coisa que me faça ter certeza de que é mesmo a pessoa que estou imaginando que é. A pele branca feito neve e o nariz arrebitado acaba facilitando tudo para mim.

Abordar missão, Sr. Wilson!

Me levanto em um impulso, afundando meus pés descalços na

areia à medida que caminho sorrateiramente em sua direção. A ruiva veste um biquíni vermelho e se encontra deitada com as costas para cima, equilibrando-se sobre os cotovelos para conseguir ler o livro em suas mãos.

— Pasha? — a chamo, incerta.

A garota vira com tudo, unindo as mãos sobre o peito ao parecer visivelmente assustada com a minha aparição repentina.

— Ai garota, que susto! — murmura, fechando o livro só para colocá-lo ao seu lado. Senta-se em posição de yoga depois disso e ergue a sobrancelha para mim, sua expressão não negando que estava impaciente.

— Como está? — tento começar, mas a sua expressão não muda nadinha. Percebo agora que não tenho a menor noção do que falar. — Praia bonita, *huh?*

— O que você quer? — Foi direto ao ponto, tão fria quanto todos os outros dias.

Me sento ao seu lado, dando de ombros.

— Fazer companhia.

— Olha... — Pasha vira seu corpo para ficar de frente para mim, levando as mãos até o cabelo para fazer um coque desleixado em seus fios alaranjados. Agora tão próximas assim, dá para notar todas as sardas que enfeitam o seu rosto delicado. É inevitável não sentir uma pontada de inveja. Sempre quis ter sardas. — Tudo bem vocês ficarem me rondando na lanchonete como se fossem baratas tontas, mas se você não percebeu, eu não estou lá. Ou seja, pode dar o fora.

— Achei que você não gostasse.

— Do quê?

— Que a gente ficasse rondando você na lanchonete.

A única coisa que faz é rir, desacredita.

— Como eu poderia gostar? Vocês me deixam sufocada, caramba. Mas eu sei que meu tio mandou vocês fazerem isso e *blá blá blá*. — Ela revira as íris castanhas, dramática. — Só que se ele também te mandou aqui para me vigiar, esse não é o momento, tá legal?

Agora é a minha vez de rir.

— Seu tio não me mandou vir atrás de você na praia, Pasha, por favor, né? Sou paga para ser a garçonete dele, não a espiã. Por acaso você está com mania de perseguição agora?

— *Arrgh*. — Revira os olhos novamente, agora pegando o livro para se deitar e ignorando totalmente minha presença.

Estreito os olhos para conseguir ler o título do livro que ela está tão interessada, e quase dou um sobressalto quando o assimilo com a capa.

— Você está lendo *Frankenstein*? — O tom de surpresa na minha voz é nítido, faz Pasha rir nasalado.

— Por que a surpresa? — devolve, sem tirar os olhos do livro. — Uma patricinha não pode ser culta e ler Mary Shelly?

— Não achei que fosse seu estilo. Sei lá, só pensei que você fosse gostar mais de livros como *Bonequinha de Luxo*.

Ao me ouvir, Stratford levanta-se em um rompante e ergue o dedo indicador em riste na minha direção. Seus olhos estão injetados de indignação.

— Por acaso está tentando dizer que me pareço com uma

meretriz?

Fricciono os lábios um no outro ao tentar conter o sorriso com aquele questionamento.

— Não é porque eu disse que você tinha cara de quem lia *Bonequinha de Luxo* que você praticaria as mesmas coisas que a personagem principal.

Ela parece ter se convencido com a minha resposta, pois volta a se deitar.

— Afinal, qual motivo de você estar aqui mesmo? — Pasha parece se lembrar agora da minha presença ali, esperando minha resposta com um perfeito arco presunçoso formado em sua sobrancelha.

— Ah, eu estava meio para baixo em casa, então decidi vir aqui para...

Antes que eu possa continuar a dizer meus motivos, a garota do Alasca me interrompe ao sair na frente ao dizer:

— Não perguntei o motivo de você estar na praia, perguntei o motivo de você estar ao meu lado agora.

E a Pasha insuportável resolveu dar as caras.

— Como eu disse antes, vi que você estava sozinha e quis te fazer companhia. Só isso!

— Não preciso da sua pena, *Bara* — Pasha soa amarga, os nós dos dedos ficam ainda mais brancos com a força que impõe sobre o livro. Apesar da raiva estampada em seus olhos, a única coisa que consigo prestar atenção é no meu nome trocado, que eu tenho certeza ter saído de propósito só para mostrar a indiferença.

Quer dizer, não é possível que ela não tenha aprendido o meu nome com a Georgina berrando ele o tempo todo dentro daquela lanchonete.

E, se não me engano, acho que lembro de ouvir sua voz melodiosa proferir o meu nome.

— É Barbie — corrijo mesmo assim — E por que eu estaria com pena de você?

— Não se faça de sonsa, *Barbie*. Você deve pensar que sou uma pobre garota mimada que saiu da sua cidade natal para morar com o tio em um fim de mundo. Além disso tudo, tem que trabalhar a contra gosto em uma espelunca e não consegue fazer nenhum tipo de amigo. Você pode dizer que não, mas eu sei o que se passou na sua cabecinha quando decidiu se aproximar de mim. Sei que você tem a história parecida com a minha e deve pensar que irá me ajudar de algum modo, mas devo lhe dizer que não me importo e não estou nem um pouco interessada na sua pena ou seja lá o que você esteja tentando oferecer a mim.

Pasha respira fundo depois da sua fala extremamente longa, tentando desesperadamente recuperar o fôlego. Meu olhar ainda está concentrado no dela, esperando se havia mais alguma coisa que quisesse dizer, mas para a minha felicidade, nada vem.

— Por que tudo com você tem que ser tão complicado? — Me deito, fazendo-a revirar os olhos ao se colocar mais para o lado só para me dar mais espaço. — Juro que vim em missão de paz! Não estava com pena e nem nada do tipo, afinal, como você mesma disse, nós temos histórias parecidas e eu, mais do que ninguém, sei o quão ruim é alguém ter pena de você.

Pasha Stratford não responde nada, apenas continua percorrendo

os olhos pelas páginas amareladas do seu livro desgastado, o que eu supus ser uma forma dela demonstrar uma bandeirinha de paz sendo erguida sobre nós. Ficamos em silêncio por alguns instantes, até que uma silhueta aparece na nossa frente e cobre completamente o nosso sol.

Escorrego os óculos até a ponta do nariz ao observar a pessoa dos pés à cabeça. Assim que meus olhos a reconhecem, quase rio com a coincidência.

Olho de soslaio para a ruiva ao meu lado, vendo-a bufar baixinho. Se os meus ouvidos estão funcionando como eu acredito, a escuto murmurar alguma coisa parecida com "*mais um para atrapalhar o meu sossego*".

— Olá, John! — Dou o meu melhor sorriso, analisando sua figura minuciosamente. O rapaz está sem camisa, o peitoral deixando todas as tatuagens livres para que qualquer um possa admirá-las, gotas gordas de suor dançam por entre ele e seus gominhos do abdômen. Seu sorriso consegue agora reluzir mais que o próprio sol entre nós.

Pasha bufa mais uma vez ao me escutar, sem tirar os olhos do livro. Ela não fita John Scott nem ao menos uma vez. Ou ela está tendo muito autocontrole, ou ela realmente odeia todo mundo. *Ele* em mais específico.

Como Devin e sua turma continuava visitando o *Fast Rocket* normalmente quase que todos os dias, Pasha tinha uma enorme raiva por eles, já que acreditava piamente que eles causavam muita bagunça. John, seu problema em específico, é o que mais tira a garota do sério. Não sei se é de propósito, mas o garoto de cabelos raspados sempre faz de tudo para chamar atenção da garota e, assim, irritá-la de diversas formas possíveis.

Georgina costuma dizer que Pasha está no radar do pegador

John, e eu definitivamente acho que sim.

— Olá, Barbie! — Retribui meu sorriso no mesmo entusiasmo. Quando mira seus olhos para a garota ao meu lado, soa ainda mais animado ao dizer: — Ruivinha!

— Dá o fora — ela responde ríspida, ainda sem erguer seus olhos castanhos para John.

— Calma, *baby*. — Ele senta-se na nossa frente, a olhando com um sorriso divertido pincelando seus lábios. — Você é dona da praia ou algo assim?

Parecendo perder a paciência com a provocação de John, Pasha fecha o livro que estava em suas mãos com a maior força possível e se senta em posição de yoga como em minutos atrás, os olhos o fulminando. Ao contrário dela, o integrante do MotoClub permanece com o mesmo sorriso nos lábios, adorando o joguinho de provocações entre eles.

— Você está fantástica nesse biquíni, *baby* — John aponta com o indicador ao umedecer o lábio inferior com a pontinha da língua.

Ela apenas respira fundo e me encara.

— Se você tiver alguma coisa a ver com essa presença dele aqui, Barbie, eu juro por Deus que te afogo naquela água agora mesmo.

Levanto os braços em rendição, mostrando que não tenho nada a ver com isso.

— Não foi ela. A propósito, você sabe muito bem quem foi.

Stratford ergue a sobrancelha para ele, pois pelo que parecia, não fazia ideia do que o moreno estava falando.

— O destino, claro — responde ao erguer os ombros, como se fosse óbvio.

— *Há Há Há.* — Ela finge uma risada, rolando os olhos para o garoto à nossa frente. — Você é tão previsível.

— Assim como você é tão patricinha — John diz, chacoalhando os ombros ossudos para cima.

— E você é uma criança.

— *Eu* sou uma criança? — soa indignado assim que afunda o dedo indicador em seu próprio peito. — Você que é uma garotinha do papai.

Ótimo, voltamos ao jardim de infância.

— *Arrrrgh* — Pasha esbraveja e joga os braços ao lado do corpo, exausta. — Você é um ogro, sem educação e sem... sem discernimento algum!

— Poxa, tô ofendido — John projeta seu lábio inferior para baixo, fingindo estar triste com os comentários da ruiva.

— E eu não estou nem aí para você, Scott. Inclusive, você cansa a minha beleza. Você me dá estresse e estresse é um grande passo para rugas. Por causa disso, vou tomar um banho de mar. Agradeço se você sumir daqui antes de eu voltar.

E ela realmente sai correndo para o mar, fazendo-o virar sobre os ombros para observar a chegada dela até às águas. Durante todo o trajeto, o garoto de cabelos raspados não tira os olhos da ruiva nem por um segundo, nem mesmo fez questão de piscar.

— John... — chamo a sua atenção, fazendo com que ele volte o rosto para mim. — A sua baba está escorrendo.

Ele apenas revira os olhos para mim, agora se sentando ao meu lado.

— Já ouviu falar daquela história de que onde tem ódio tem amor?

— Está falando da Pasha? — Suas sobrancelhas estão erguidas, quase batendo no couro cabeludo. Eu confirmo, e ele começa a rir sem humor. — Eu só gosto de irritá-la.

— E eu nasci ontem. É óbvio que ela está no seu radar.

— Ah, cala a boca, pequena — ele brinca, trazendo à tona o apelido de algumas semanas atrás quando mediu nossas alturas. — Por acaso o Devin está no seu?

Um vinco se forma perfeitamente entre as minhas sobrancelhas, sem entender onde diabos ele estava querendo chegar.

— Não estou entendendo — digo e mordo o interior da minha bochecha. Geralmente eu faço isso quando estou nervosa. Mas eu não posso estar nervosa. Eu estou nervosa?

— Ah, por favor! Vai me dizer que nada está rolando entre vocês?

— É claro que não!

Ele ri, fingindo acreditar.

— Tuuudo bem. Se você está dizendo, quem sou eu para discordar, *huh?*

— Concordo plenamente, *Johnny* — brinco, mesmo ainda sem graça pelo seu comentário.

Seus olhos abandonam os meus assim que sorri para mim, voltando-os para o mar. É nesse exato momento que minha mente voou para a sua frase de segundos atrás.

Admito que fugi da resposta, mas não é como se eu soubesse o que responder.

Devin e eu estávamos andando mais juntos ultimamente do que o normal, isso eu conseguia admitir. Também admitia que meu estômago embrulhava todas as vezes que ele se aproximava demais e, claro, também admitia que nossas conversas aleatórias me faziam extremamente bem.

Nunca tinha tido um amigo como ele, e eu sabia que ele só me enxergava dessa forma. Não teria como ele me ver de outra maneira. Não sou o tipo de garota que caras como ele costumam se sentir atraídos. Não que eu esteja me colocando para baixo, mas ele é Devin Leblanc, e eu só sou a garçõete do *Fast Rocket*.

Também admitia que o achava completamente atraente, qualquer pessoa com um par de olhos conseguiria enxergar isso. Todas as suas tatuagens, o seu olhar esverdeado com pintinhas amarelas, a sua voz rouca, os sinais que ele tem no rosto. Tudo fazia qualquer mulher bambear as pernas, e comigo não seria diferente. Sei que somos amigos, mas também não me encontro morta. É inevitável que eu fique mexida por sua causa.

Parando para analisar, Devin estava ou não estava no meu radar?



10

*"Veja, você não precisa ficar sozinho
Eu irei aonde você quiser
Amor, basta pegar o telefone e me ligar."
CALL ON ME | JANET JACKSON.*

Barbie St. Claire

Definitivamente não.

É claro que não.

Devin Leblanc não poderia estar no meu radar nem se eu quisesse. Nem em um milhão de anos.

Parecendo perceber a briga interna que eu travava comigo mesma, John joga um pouco da areia da praia em mim, fazendo-me arregalar os olhos em completo espanto com o seu atrevimento.

— O que pensa que está fazendo? — pergunto, incrédula, tirando o óculos do rosto para encaixá-lo na cabeça.

— Te despertando dos seus sonhos com o Leblanc. — Ele dá de

ombros ao sorrir de forma descarada.

Abro a boca em um perfeito “O”, surpresa com a sua fala e com o modo como parece ler meus pensamentos. Enquanto ele está distraído rindo da minha expressão, aproveito para pegar um pouco da areia também. E antes de jogar nele, falo:

— A Pasha realmente tem razão em dizer que você é insuportável.

John sorri ainda mais, o que me faz revirar os olhos e dar língua para ele.

De toda a gangue do Devin, John é a única pessoa que eu estou conseguindo me tornar mais próxima, e boa parte disso tem um nome: *Georgina*. Os dois continuam saindo muito quando queriam, mas nada sério. Georgina adora frisar para ele e para todo mundo que não é garota de compromisso. E como todo mundo sabe, John muito menos. Mas boa parte do tempo que passam juntos eu estou inclusa nisso.

E em relação aos outros, eles sempre me tratam bem quando a gente se vê, mas eu ainda sinto um clima estranho com a Violet. Ela não puxa muito papo comigo, e eu não tenho a menor coragem de tentar um diálogo também, afinal, Violet Mohn me dá um pouquinho de medo.

— Eu sei que no fundo vocês não resistem a isso aqui. — Ele aponta para o próprio corpo, me tirando uma gargalhada. Se existisse alguém com a maior autoestima do mundo, esse alguém com certeza seria John Scott. Com a argola na orelha, o corte militar, o sorriso cafajeste e as tatuagens moldando o seu corpo esguio e dando a ele a pinta de *bad boy*, o garoto definitivamente acha que pode ser o centro do universo.

— Ainda bem que sonhar não custa nada — brinco.

John dá mais um daqueles seus sorrisos fáceis ao confirmar minha fala com um lento manear com a cabeça. Porém, quando Pasha sai do mar e começa a andar na nossa direção, seu sorriso murcha no mesmo instante.

A ruiva parece estar estrelando algum comercial de tevê só pela forma que anda, o vento ajudando nessa constatação ao chicotear seu cabelo alaranjado para trás de suas costas. Pasha Stratford exala confiança, e isso é perceptível até mesmo no seu caminhar. Durante todo o seu trajeto, todos parecem parar só para admirá-la, os olhos seguindo cada passo coreografado da garota. A jogada de cabelo para trás — todas as vezes que o vento o traz para seus ombros —, a postura impecável, e o sorriso presunçoso no canto de seus lábios carnudos deixam explícito o quão confortável estava com toda situação.

Chamar atenção é o seu dom mais que natural.

— Lá vem o diabo do Alasca — John anuncia baixinho, vendo-a se aproximar cada vez mais.

Quando Pasha para na nossa frente, revira os olhos por perceber John a olhando dos pés à cabeça.

O cara nem ao menos disfarça.

— Você ainda não foi embora? — Ela espalma as mãos na cintura, o olhando com certa impaciência.

— Claro que não, baby — soa manhoso. — Acha mesmo que eu iria embora e te deixaria aqui com esse bando de troglodita que não para de te comer com os olhos?

Parecendo desacreditada com o comentário do garoto, Stratford

ri nasalado.

— Você é tão sem noção que não percebeu o que acabou de fazer.

— O quê?

— Acabou de se descrever, *baby* — ela ironiza a última palavra, e eu não aguento em segurar a risada.

Pasha até tenta manter a pose séria depois disso, mas eu vejo o sorrisinho se formar no canto da sua boca enquanto ela se senta em uma das toalhas estendidas na areia.

Esse foi, sem dúvida alguma, o encontro mais inesperado e aleatório que *Sun Valley* já presenciou.



Assim que cheguei em casa, fui direto para o chuveiro. Depois de presenciar mais algumas brigas e alfinetadas entre John Scott e Pasha Stratford, tudo o que eu precisava era sentir a água gélida tirar qualquer resquício de cansaço instalado pelos dois em meu corpo. Além de que, claro, precisava urgentemente me livrar dos grãos de areia espalhados por todos os lugares possíveis.

Quando acabei o longo banho, me enfiei em uma peça de roupa confortável e enrolei o cabelo molhado na toalha.

Agora, olhando para o enorme espelho no quarto, consigo perceber que havia ficado um tanto quanto vermelha.

Maldito seja o sol de Hellaware.

— BARBIE! — Tia Amber grita do andar de baixo, o que me faz

sobressaltar de susto. — TELEFONE PRA VOCÊ!

Franzo a testa ao escutar aquilo, saindo do quarto com uma interrogação pairando sobre minha cabeça. Desço as escadas correndo, tentando prestar atenção em não embolar um pé com o outro.

Segurança em primeiro lugar, claro.

Ao chegar à sala, ergo minha sobrancelha para minha tia, que está com o braço esticado para me entregar o telefone. Espero para ver se conta logo quem está do outro lado da linha, mas Amber apenas dá de ombros e me entrega o telefone rosa, sumindo do meu campo de visão em seguida.

— Alô? — falo, encostando-me na parede.

— Barbie? — a voz rouca soa, e eu já sei de quem se trata, o arrepio que passa pela minha espinha não me deixa dúvidas. — É o Devin. Está ocupada?

— Olá, Leblanc! — Mordo um sorriso. — Nem um pouco. A que devo a honra da sua ligação?

Escuto a sua risada do outro lado da linha, e também não consigo não sorrir ao visualizar a cena em minha mente.

— O que acha de me acompanhar em uma bela sessão de filme no cinema? — Devin pergunta, fazendo o meu estômago dar uma volta de trezentos e sessenta graus.

Mordo o interior da bochecha, claramente nervosa com o seu pedido. É claro que eu quero, mas, mesmo assim, me faço de difícil e demoro um tempo antes de responder.

— Depende do filme. Qual você sugere? — finjo descaso, a voz

levemente em tom de brincadeira. Eu poderia ver seu sorriso se formar agora mesmo, a covinha se evidenciando mais em um lado do que em outro. Na real, pouco me importa qual o filme. Eu só quero passar o resto do meu dia com ele.

— Que tal darmos uma chance a *Dennis, o Pimentinha*? — O divertimento está estampado em seu tom de voz, assim como o meu há segundos atrás.

Já tem alguns dias que esse filme estreou no cinema e Leblanc vem me enchendo o saco desde então por causa dele. Se eu não me engano, ele me disse que um dos personagens se chama Sr. Wilson e é, particularmente, a cara do meu chefe.

Por lembrar disso, eu digo, sorrindo:

— Acho que é uma boa.

— Passo aí para te buscar daqui a 30 minutos. Consegue ficar pronta nesse tempo?

Murmuro um “*uhum*” e desligo logo após ouvir o seu tchau. Subo correndo para o meu quarto sem me importar com as escadas dessa vez, a fim de estar pronta o mais rápido possível.

Desbravando o guarda-roupa em busca de alguma roupa para vestir, encontro uma jardineira jeans rosa bebê que há muito tempo não vestia. Definitivamente seria ela que eu usaria.

Para completar o look, pego também uma blusa colorida de gola alta e mangas médias, um cinto em couro camelo camurça para pôr na cintura e as indispensáveis argolas prateadas. Nos pés, opto pelo *All Star* rosa bebê de cano alto, combinando perfeitamente com a jardineira.

Quando me visto, arrosto meus pés para ficar em frente do espelho para passar um pouco de maquiagem. Nada chamativo, apenas um pouco de rímel nos cílios, blush nas maçãs do rosto e gloss de morango nos lábios.

O cabelo está solto e as ondas estão presentes do jeito que eu tanto gosto. Dou uma voltinha ainda me olhando no espelho e o resultado um tanto quanto satisfatório me faz sorrir.

Ainda bem que eu consigo adaptar as roupas de Nova York perfeitamente bem aqui.

O som da moto de Devin ecoa minutos depois lá fora, avisando a sua chegada. Pego a bolsa de trás da porta e, antes de descer de fato, dou uma última olhada no espelho.

É, nada mau!

Desço as escadas um pouco apreensiva, mordendo o interior da bochecha e sentindo aquele friozinho se alastrar por toda minha barriga e espinha. Quando desço o último degrau, percebo que titia está me esperando com um sorriso malicioso no rosto.

— Pronta para o encontro, sobrinha? — Titia ri em divertimento, claramente me provocando. — Você está adorável.

— Obrigada pelo elogio, Amber St. Claire. E não é um encontro.

— Claro que não — debocha, indo abrir a porta para mim. Quando eu estou prestes a sair de casa, a ouço dizer: — Não faça nada que eu não faria.

Rio em descrença ao passar finalmente por ela, ouvindo o clique

da porta soar alto atrás de mim.

Quando viro para a rua, avisto Leblanc do outro lado, encostado na sua moto, com os braços cruzados. Ele levanta a palma da sua mão em um aceno quando nossos olhares se cruzam, os lábios cheios se repuxam lentamente em um sorriso de canto.

Devolvo o sorriso, acenando de volta com um manear de cabeça.

Para a minha surpresa, Devin não está vestido com a sua jaqueta preta de couro como de costume. Ao invés dela, está usando uma camisa vinho listrada e de botões por dentro da calça preta. Os dois primeiros botões estão abertos, dando uma pequena amostra do seu peito e de algumas correntes prateadas que está usando. O cabelo, sempre perfeitamente arrumado, agora está desganhado e cai um pouco sobre os seus olhos esverdeados.

Ele está um absurdo hoje.

— Cadê a jaqueta de couro, *bad boy*? — brinco ao chegar perto o suficiente para que ele me ouça.

— Olá para você também, boneca. — Ele sorri, se afastando da moto e vindo para mais perto de mim. — Hoje a jaqueta está de lado. Não quero andar por aí como o garoto do MotoClub. Na verdade, não hoje.

— E posso saber como o senhor quer andar hoje? — Cruzo os braços e o olho com divertimento nos glóbulos.

— Hoje eu só quero andar como um garoto normal que vai ao cinema com a garota mais linda da cidade — Devin passa o braço pelo meu pescoço e me agarra para si. Quando ergo minha cabeça para fitá-lo, meu coração pula um pouco mais dentro do meu peito.

“*Garota mais linda da cidade*”. Ok. Eu definitivamente não estava nem um pouco preparada para escutar uma dessas.

Ainda na mesma posição, Devin passa o dedo pelo meu rosto e para no meu nariz, apertando-o com os dedos em formato de pinça. Quando eu franzo o rosto em uma careta, ele apenas elogia:

— Você está uma verdadeira boneca hoje.

Meus lábios se erguem automaticamente em um sorriso carregado de timidez, e os olhos do garoto ao meu lado simplesmente se iluminam, até as pintinhas dos seus olhos parecem ainda mais amareladas agora. Eu só consigo sentir as minhas bochechas queimarem como o inferno.

Detesto corar tão facilmente, principalmente em sua frente. O problema é que Devin Leblanc parece ter se tornado especialista na hora de causar esse efeito em mim.

Ele se desvencilha do nosso aperto assim que suspiro, indo em direção à sua moto. Quando coloca um capacete em sua cabeça, entrega-me o outro e analisa meus movimentos enquanto coloco o meu, depois senta-se na sua *Ducati* e me espera com um sorriso diferente dessa vez.

Aquele sorriso que a gente só dá quando fica fascinado por alguma coisa.



Enquanto Devin paga os nossos ingressos, aproveito para analisar o cinema de rua de Hellaware com cautela. Ele é simples, pequeno e um tanto quanto aconchegante. A cor roxa é predominante no local e os cartazes dos filmes estão estampados em quase todos os lugares.

Agora, por exemplo, estou dando de cara com o enorme dinossauro do filme *Jurassic Park*, que me deixa levemente apreensiva. Agradeço aos céus por Devin não ter escolhido esse filme para assistirmos hoje.

Também não há muitas caixas circundando o local, mas é até que aceitável, já que o cinema nem é tão grande assim. Além de que, pelo que eu estou vendo, também não é frequentado por tantas pessoas assim. Por agora, só tem algumas crianças acompanhadas dos pais e, em sua maioria, casais de mãos dadas. Isso está sendo extremamente embaraçoso para mim, a propósito.

Quando Devin volta mais ou menos dez minutos depois, chacoalha os dois ingressos no ar enquanto segura a pipoca contra o corpo — que eu não fazia ideia de que tinha comprado —, e menciona:

— Preparada para se acabar de rir com o Sr. Wilson que é a cara do Sr. Wilson?

Eu assinto em um manear de cabeça, friccionando os lábios um no outro para impedir que a minha gargalhada ecoe pelo cinema.

— Preparadíssima.

Ele ri também e entrelaça sua mão na minha, me conduzindo até a nossa sessão. Quando encontramos a sala sem muito esforço, sentamos nas cadeiras vermelhas aconchegantes, um pouco afastadas do telão.

— Você já esteve aqui? — diz Devin perto da minha orelha, o que me faz arrepiar e dar um sobressalto na cadeira. Com o ambiente escuro, não havia percebido a sua aproximação. — Ou é a sua primeira vez?

Mesmo sendo difícil de enxergar, eu conseguia ver o lampejo de

um sorriso reluzindo no rosto do desgraçado. Com certeza havia percebido o que causara em mim.

— É... hã — Pigarreio, tentando me concentrar. — É a minha primeira vez, sim.

Quando termino a frase, sinto seus dedos tocarem o meu cabelo, fazendo-me engolir em seco na mesma hora. Ele o coloca atrás da minha orelha lentamente e sopra baixinho, com o rosto ainda próximo demais da minha orelha:

— Então espero que possamos nos divertir muito na sua primeira vez hoje, boneca.

Inspiro bem fundo ao segurar firme no braço da cadeira do cinema. Não posso ver, mas eu sei que os nós dos meus dedos estão extremamente brancos pela força que estou impondo aqui.

Mesmo com os olhos focados na tela, sem desviar nem por um mísero segundo, percebo o exato instante em que se afasta de mim. O ar parece ter mudado, a temperatura também.

Sem perceber que estou prendendo o ar por tempo demais desde a sua aproximação repentina, solto tudo de uma vez. Algo naquela frase faz com que eu fique desnorteada, e tenho certeza que é pelo fato de ter sido proferida com o intuito de ser levada para um duplo sentido.

Juro que não sou do tipo maliciosa e também nem lembro se já havia me tornado uma nessa cidade, mas a droga da voz rouca no meu pé do ouvido não me ajuda muito a raciocinar.

Isso com certeza deve ser os hormônios. Não tem outra explicação.

Definitivamente são os hormônios.

Quando eu dou por mim, o filme já está passando as suas primeiras cenas. Para não perder mais nada, foco minha atenção apenas no telão e não no garoto sentado com as pernas estiradas na cadeira da frente, completamente desleixado.

Cerca de uma hora e meia depois, os créditos começam a subir na tela preta, indicando que o filme havia acabado.

Quando as luzes da sala se acendem, olho para Devin e o flagro secando as lágrimas no canto dos olhos, resultado de tantas cenas engraçadas.

Esse filme nos tirou altas risadas e boa parte disso foi porque o Sr. Wilson do filme é realmente a cara do dono do *Fast Rocket*. Toda vez que ele passava em alguma cena, nós dois nos papocávamos de rir sem nem mesmo ter qualquer graça na cena. Só bastava o fato dele aparecer que Devin e eu nos entreolhávamos e explodíamos em gargalhadas.

A galera que está na sessão provavelmente deve ter morrido de raiva de nós o tempo inteiro, pois não parávamos quietos. Lembro-me de certa hora do filme ter recebido chutes de reprovação na minha cadeira, assim como algumas jogadas de pipoca no meu cabelo da garotinha nervosa atrás de mim.

Mas tirando esse fato, o filme foi legal e divertido. O Dennis é *literalmente* um pestinha.

— Gostou do filme? — Devin pergunta assim que nos levantamos, prontos para deixarmos a sala junto com os outros. O sorriso ainda está em seu rosto, e eu tenho certeza que qualquer coisa que eu fale vai acabar em nós dois rindo igual dois idiotas novamente.

Por causa disso, apenas assinto com a cabeça, apertando os lábios um no outro.

Leblanc se aproxima de mim e engancha seu braço no meu pescoço como de costume, eu apenas envolvo meu braço na sua cintura para irmos até a saída.

Quando já estamos do lado de fora do cinema, a primeira coisa que faço é olhar para o céu, percebendo o extenso azul escuro sendo tomado por pequenos pontinhos brilhantes.

A brisa da noite sopra os meus cabelos e o açoitam em meu rosto. Desvencilho do garoto ao meu lado apenas para abraçar o meu próprio corpo, tentando aquecê-lo do frio repentino.

Ao virar para Devin, vejo sulcos se formarem em sua testa ao ter os olhos perscrutando meu rosto com uma grande dose de intensidade.

— O quê? — indago, desconfiada com a sua análise.

— Você está *bem*... — frisa a última palavra — vermelha.

Eu rio, aliviada por não ter algo errado no meu rosto ou até mesmo resto de comida em meus dentes.

— Fui à *Sun Valley* hoje. O John não te contou?

Devin nega com a cabeça, agora me olhando com as sobrancelhas arqueadas.

— Eu acabei o encontrando por lá. Na verdade, encontrei ele e a Pasha.

Agora sua boca está aberta em um perfeito “O”, surpreso com o que eu havia contado.

— Não! — falo rápido, quando me dou conta do que passa pela sua cabeça. — Os dois não estavam juntos. Primeiro eu encontrei a Pasha, depois o John apareceu.

— E um não tentou matar o outro? — menciona, já sabendo do histórico de ódio entre os dois.

— Ah, isso com certeza. Se eu não estivesse lá, provavelmente rolaria um assassinato.

Ele sorri e puxa o cabelo para trás. Depois de alguns segundos em silêncio, pergunta, sério:

— Qual dos dois você acha que mataria um ao outro primeiro?

Começo a rir da sua pergunta, pois ele está realmente sério, como se isso fosse um questionamento pertinente. Para mim, a resposta é óbvia.

— Eu apostaria meu salário todinho do *Fast Rocket* que a Pasha o mataria primeiro.

Devin solta uma gargalhada alta e gostosa pelo meu comentário, o que faz com que eu entre na sua onda também. É impossível não se contagiar com o som engraçado da sua risada.

— Definitivamente ela o mataria primeiro — Devin diz, por fim.

O moreno mostra a sua *Ducati* do outro lado da rua com o queixo, indicando que deveríamos prosseguir o nosso destino.

Nós dois subimos na moto quando chegamos perto dela, o que faz com que eu abrace sua cintura com força.

Devin a liga e acelera, e o cinema e todo resto ao nosso redor

passa a ficar para trás. Alguns minutos se passam com nós dois em completo silêncio. Meu rosto está encostado em suas costas e meus olhos se encontram fechados, sentindo o vento gélido pinicar o meu nariz. Já ele, apenas foca no trajeto até a minha casa.

— Barbie? — Ele decide quebrar o silêncio, e eu abro os olhos.

— Hm? — murmuro um pouco sonolenta, já que a praia e o cinema tinham me dopado um pouco.

— Você acha que eu estou esquecido, não é? — pergunta, olhando para mim sobre os ombros. Quando vê minha expressão confusa, vira novamente para a frente e fala: — Achou mesmo que eu fosse deixar a roda-gigante passar?

Quando me dou conta do que ele está falando, abro a boca, assustada. Sim, eu realmente imaginei que ele havia esquecido. Durante esse tempo que saímos depois de toda a tentativa frustrada de eu andar no brinquedo não ter dado certo, ele não havia mencionado isso em nenhum momento. Então sim, eu realmente achei que ele fosse deixar passar.

— Não esqueceu? — sopro, num tom baixo.

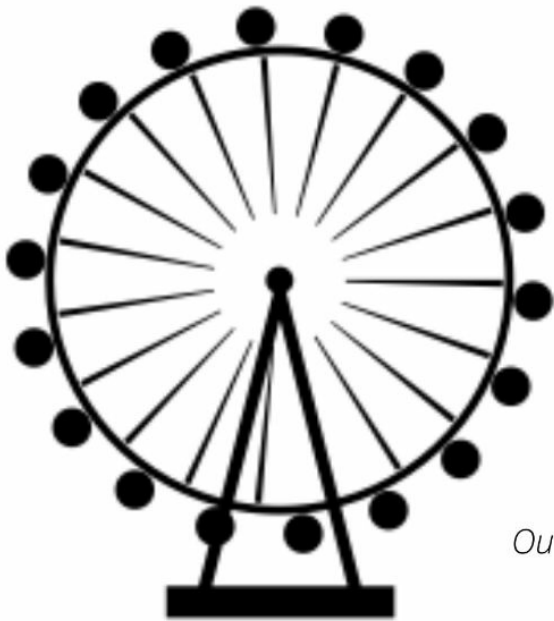
Ouçõ a sua risada baixinha e vejo o seu rosto virar em minha direção novamente.

— Claro que não, boneca — soa óbvio. — Eu não furo com as minhas promessas. Se eu não toquei no assunto foi para você me conhecer melhor e ter mais confiança em mim. Assim, quando chegasse a hora do brinquedo, você iria comigo numa boa. Quer dizer... — Agora Devin parece nervoso, e eu estou achando tudo muito fofo. — Eu acho que você iria. Você iria?

Agora é a minha vez de soltar um riso baixo. Encosto o meu rosto nas suas costas novamente, inspirando o seu cheiro e fechando os olhos no mesmo instante.

— Eu mal vejo a hora de estar lá no topo com você, Leblanc — falo bem baixinho.

Com medo dele não ter escutado, abro os olhos só para espiar e tenho a certeza que escutou ao ver que vira sobre os ombros somente para me olhar rapidamente com um lampejo de um sorriso no rosto.



11

*"Talvez esta seja a noite
Que nos beijaremos pela primeira vez
Ou será que sou só eu e minha imaginação?"*

IMAGINATION | SHAWN MENDES..

Devin Leblanc

Faz quatro dias desde o cinema com a boneca. Faz quatro dias desde que ela admitiu pra mim, ou melhor, admitiu para si mesma que não via a hora de estar no topo comigo.

Barbie soltou isso baixinho, e eu não sei se ela tinha a pretensão de que eu escutasse, mas eu escutei. Eu escutei e desde então não faço outra coisa a não ser encher o seu saco para marcarmos o tal dia.

Ela até tentou relutar, ela realmente tentou. Quando eu a deixei na porta de sua casa naquela noite do cinema, trouxe à tona o que ela havia dito minutos antes na garupa da minha moto. E, como eu imaginava que fosse acontecer, Barbie sorriu de forma travessa e se fez de desentendida, alegando que não sabia do que eu estava falando. Eu ri na hora e repeti a frase, mas a única coisa que a menina fez foi depositar um beijo rápido no meu rosto e

seguir correndo para dentro de casa sem nem sequer olhar para trás.

Naquele dia eu deixei que ela se safasse. Naquele dia eu deixei que ela fugisse. Mas no fundo nós dois sabíamos que queríamos aquilo mais do que tudo.

No dia seguinte, eu já não estava mais disposto a deixar aquele assunto de lado, e foi isso que eu fui fazer ao ficar à tarde no *Fast Rocket*. Fui encher o saco da boneca para que ela finalmente admitisse que queria aquilo tanto quanto eu.

Demorou um pouco para que isso acontecesse, afinal, Barbie até que consegue fingir que é teimosa por muito tempo. O grande problema para ela é que sou extremamente insistente e persuasivo. O problema ainda pior é que ela foi cruzar o caminho do cara que consegue tudo o que quer. Com aquilo não seria diferente, eu estava totalmente determinado a fazer com que cedesse.

Eu a perturbei de diferentes formas possíveis. No começo, tentei ser pacífico e levar as coisas numa boa, mas Barbie não estava muito disposta a cooperar. Então eu passei boa parte do dia sentado em uma mesa da lanchonete, levantando o meu braço para chamar sua atenção e pedindo diversas coisas, a deixando de cabelo em pé. Quando chegava com o pedido, eu simplesmente dizia que não queria mais ele e pedia um outro lanche. Não sei quantas vezes eu fiz isso, só sei que fiz um bocado.

Acabei recebendo ajuda da Georgina, então ela fez com que todas as outras garçonetes ficassem ocupadas com outras tarefas ao invés de vir me atender. Foi assim que só sobrou Barbie para atender aos meus pedidos e atender todos os outros clientes.

Indo e voltando algumas vezes com a bandeja em mãos, a garota de

cabelos dourados e uniforme verde água bufou cansada frente a mim e finalmente confessou que realmente falou o que falou na garupa da minha *Ducati Monster*.

Eu não poderia ficar mais orgulhoso do meu trabalho.

Com isso, nós dois estipulamos o dia que aquilo aconteceria, e finalmente ele chegou. Eu não poderia estar mais animado, por isso, vesti a minha jaqueta de couro preta e segui até *Starryland* com um sorriso quase partindo meu rosto em dois.

Estaciono a moto em uma rua próxima e, enquanto caminho até o parque, pego o maço de cigarro e o isqueiro que se encontram no bolso da minha calça jeans, o acendendo com a mão em formato de concha ao impedir que o vento apague a chama amarelada.

A nicotina preenche cada molécula do meu ser quando eu dou uma longa tragada, conseguindo desmanchar pouco a pouco a tensão em meus ombros.

Quando paro em frente às enormes portas de madeira do parque, uma agitação diferente começa a tomar parte do meu corpo e eu sorrio com aquilo.

Dessa vez eu juro por Deus que você não vai dar para trás, boneca.

Assim que adentro o parque de diversões, já começo a ficar levemente irritado com tanta gritaria, mas inspiro fundo e ignoro, dando uma última tragada no meu cigarro. Solto a fumaça lentamente, jogando a bituca no chão.

O parque realmente está cheio hoje, como de costume. Eu não entendo como os moradores dessa cidade não enjoam de *Starryland*, mas, por algum motivo que desconheço, aqui é um dos maiores pontos de encontro de crianças, adolescentes, e até mesmo de adultos.

E por falar em adolescentes, um grupo de meninas passa por mim. Quando elas me notam, todas sorriem animadamente, cochichando entre si.

Eu sorrio minimamente para elas após perceber a análise descarada que seus olhos injetados de curiosidade fazem em mim. Antes de me virar completamente, consigo escutar os gritinhos eufóricos que elas reproduzem com a mínima vontade de passarem despercebidas.

Balanço a cabeça enquanto rio descrente, sem acreditar que as garotas do colegial já estavam tão avançadas assim. Na minha época, as coisas eram bem diferentes.



Olho para o relógio no meu pulso de forma impaciente, vendo que Barbie St. Claire se encontra atrasada.

Desde que cheguei, fiquei do lado de fora da lanchonete esperando o seu turno acabar, e já estou começando a ficar irritado com tamanha demora. Se eu tiver que entrar lá para mandar o Sr. Wilson liberá-la o mais rápido possível, então eu entrarei agora mesmo sem problema algum.

Às vezes o medo que as pessoas possuem de mim é vantajoso para determinadas situações, por isso acredito que o dono rechonchudo do estabelecimento vá ceder rapidinho quando ouvir o meu pedido em um leve tom enfurecido.

Quando eu já estou a um passo de executar o meu plano, a porta do *Fast Rocket* é aberta e revela a garota de cabelos dourados para mim. Assim que nota minha presença, ela cruza os braços em frente ao peito e rola os olhos de forma brincalhona à medida que um gigantesco sorriso toma conta de seu rosto delicado.

De repente, toda a gritaria e as pessoas desse parque simplesmente somem. Evaporam. Tudo o que eu consigo prestar atenção é nela e na forma em que está vestida esta noite.

Barbie usa uma saia preta de botões, que chega até metade das suas coxas, e uma blusa branca de alcinhas, deixando um pouco da sua barriga bronzeada à amostra. No topo da sua cabeça, uma boina vermelha repousa ali e combina perfeitamente com a sua sandália da mesma cor.

Uau. Ela está assustadoramente gostosa.

Barbie que me perdoe por esse pensamento, mas nunca fui nenhum santo e muito menos cego. Eu não podia negar o que estava extremamente evidente para qualquer um que apenas tenha olhos.

Quando ela enfim se aproxima de mim, percebo que nenhum vestígio de maquiagem se encontra no seu rosto. Eu sempre estive acostumado a sair com garotas que usam muita maquiagem, ou até mesmo com Violet e Kara, que às vezes exageram até demais — não que eu me importe com o fato de garotas usarem muito ou até mesmo pouco, não me importo mesmo —, e vê-la assim, totalmente natural e sem se importar com isso, faz com que eu a ache ainda mais linda e encantadora.

— O gato comeu a sua língua? — Barbie indaga, brincalhona.

Droga. Ela deve ter percebido como havia ficado mexido com a sua presença.

Apenas balanço a cabeça, numa tentativa de parecer não tão afetado.

— Preparada para o grande evento, boneca? — Mudo de assunto, referindo-me ao nosso passeio nos brinquedos.

— Eu por acaso tenho outra opção? — responde ao curvar os lábios

em um ar debochado.

— Claro que tem — digo, fingindo-me de inocente. — Eu jamais te pressionaria.

Barbie revira os olhos novamente ao me ouvir, e eu posso jurar ter escutado o som dele girando nas órbitas.

— Claro! Assim como você fez lá na lanchonete, certo?

Assinto em um manear de cabeça, puxando-a para mais perto de mim ao agarrar seus quadris. Ela parece espantada com a minha reação e com o solavanco que o seu corpo se encontra com o meu, mas não faz nenhuma menção de se afastar, apenas apoia suas mãos sobre o meu peito. Seus lábios estão entreabertos e os olhos levemente arregalados.

— Está nervosa? — questiono baixinho, referindo-me ao seu medo de altura. Sua expressão suaviza após a minha pergunta, o vinco se desfaz entre as suas sobrancelhas e um sorriso se forma bem no canto dos seus lábios.

— Não tanto. — Ela dá de ombros e abre agora um sorriso moleca no rosto. — Até que você me passa confiança, sabia? — tenta soar irônica, mas eu consigo sentir a verdade por trás dela.

De alguma forma eu sei que ela confia em mim tanto quanto eu confio nela.

— Eu sei que sim. — Também dou de ombros, com um ar presunçoso.

Barbie se afasta minimamente de mim, apenas para conseguir me olhar nos olhos sem dificuldade.

— Pronto para me fazer perder o medo, Leblanc?

— Nunca estive tão pronto, St. Claire.

Ela sorri genuinamente para mim. Eu consigo observar com exatidão e certa adoração o momento em que as suas bochechas começam a formigar para se tornarem um lindo vermelho escarlate.

Em um gesto inesperado, a mão pequena de Barbie se encontra com a minha e, no mesmo instante, a entrelaça com a sua em um aperto firme.

Sou conduzido por ela até a roda-gigante, enquanto serpenteamos entre as aglomerações de pessoas. Quando fazemos nosso trajeto sem tentar esbarrar com ninguém, a garota ao meu lado se assusta diversas vezes com os gritos quando passamos pelas barracas de jogos, me fazendo explodir em gargalhadas com as suas reações de pânico.

Eu já estou adorando esta noite e ela mal tinha começado. Deve ser pelo fato de que alguma coisa em mim me diz que esta noite irá valer por um ano inteiro.

— Tcharã! — Animado, abro os braços em uma tentativa de apresentar a roda-gigante, como se ela não estivesse bem à nossa frente quase que perfurando o céu de tão alta.

No mesmo instante, Barbie torce o rosto em uma careta, tombando a cabeça para trás para encarar toda a extensão do brinquedo com os seus glóbulos amedrontados.

— Ai, Devin — Ela choraminga. — É muito alto!

— Se você conseguiu ficar tranquilamente na ponte da rua *Veeler*, vai conseguir ficar tranquilamente nesse brinquedinho de nada. Além do mais, olha quem você vai ter ao seu lado. — Aponto para mim com o polegar e o indicador, dando uma voltinha para completar. — Vai querer mesmo desistir?

Barbie bufa alto, depois começa a rir quando olha fixamente para mim.

— Você não vai querer me jogar de lá cima não, né? — Semicerra os olhos para mim, fingindo estar desconfiada.

Eu abro a boca com uma surpresa fingida.

— Não é que você acabou de me dar uma ótima ideia?

— *Há Há Há.* — Finge uma risada e empurra meu ombro com o seu.
— Engraçadinho.

— E você adora — pontuo, convicto.

— Tá tá. Que seja! Vamos logo acabar com isso.

Barbie pega na minha mão mais uma vez e me puxa correndo até a entrada do brinquedo. A fila está andando, afinal, a roda-gigante irá começar a funcionar agora mesmo.

Ficamos esperando alguns pequenos minutos, mas quando chega a nossa vez na fila, o funcionário do parque dá algumas instruções básicas de como se prevenir contra acidentes e, sem muitas delongas, nos dá caminho para que possamos entrar em uma das caixinhas do brinquedo.

Assim que nos acomodamos, olho de soslaio para St. Claire, e ela parece extremamente tensa. Seu corpo se encontra enrijecido, a mão repousada sobre seu colo e os dedos polegares parecem guerrear entre si, completamente nervosos. Seu lábio inferior treme, assim como as pestanas, que insistem em piscar mais vezes do que o habitual em uma fricção excessiva contra a parte dianteira do seu globo ocular.

Me aproximo da sua orelha e sopro, baixinho:

— Relaxa.

A única resposta que seu corpo dá é um remexer desconfortável no

assento, e eu me afasto minimamente por causa disso, lhe dando o seu devido espaço. Tento não achar que aquilo havia sido por minha causa, e sim pela pressão do momento.

A roda-gigante começa a se movimentar e, em um impulso rápido, Barbie segura a minha mão, que se encontrava repousada no pequeno espaço entre nós. Volto minha atenção para ela, vendo-a agora morder o interior da bochecha. No mesmo instante em que seus olhos azuis encontram os meus, consigo enxergar o medo reluzindo em suas íris.

Apenas dou o meu melhor sorriso acolhedor e acaricio os nós dos seus dedos, garantindo silenciosamente que tudo ficará bem.

Algumas pessoas no brinquedo gritam nesse meio tempo, e eu posso sentir que aquilo só está a deixando ainda mais nervosa, pois aperta a minha mão cada vez mais firme quando um grito se sobressai a outro. Se eu pudesse, mandaria todos calarem a porra da boca, porém, como não quero causar nenhuma confusão ou até mesmo ser expulso do brinquedo, apenas respiro fundo e me obrigo a deixar para lá.

— Como está se sentindo? — pergunto pouco tempo depois, tentando distraí-la dos gritos e de qualquer coisa ao nosso redor.

— No momento, bem. Mas isso porque a gente ainda não chegou lá. — Ela aponta o alto do brinquedo com o queixo e a sua cabeça balança em negação. — Eu realmente nunca imaginei que fosse fazer isso algum dia. É um dos meus maiores medos desde sempre.

— Você tem fobia de altura ou tem alguma coisa por trás desse medo? — em um tom incerto, questiono.

Barbie inspira fundo tantas vezes após a minha pergunta que é impossível contar. Depois de algum tempo nisso, enfim responde:

— Um pouco dos dois.

— Quer dividir? — Seguro ainda mais forte a sua mão, tentando transmitir para ela que eu jamais a julgaria ou qualquer coisa do tipo.

St. Claire abre e fecha a boca várias vezes, parecendo travar uma guerra consigo mesma sobre me contar ou não. Eu já estou prestes a desfazer o que disse, quando ela solta:

— Você sabe que a minha mãe morreu quando me deu à luz, não sabe?
— Eu engulo em seco com a pergunta repentina e assinto, esperando que continue. Barbie olha por alguns segundos para o céu, e depois volta a sua atenção a mim, continuando: — E quando eu era menor, vivia tendo pesadelos com ela. Era sempre o mesmo. Nós duas estávamos no topo de um prédio e ela me dizia coisas horríveis, coisas da qual eu nem consigo falar em voz alta agora. Em uma determinada parte do sonho, a minha mãe dizia que eu era a culpada pela sua morte e me empurrava do prédio.

Barbie morde o interior da bochecha, o clássico de quando está nervosa e desvia seu olhar do meu. Ela pisca algumas vezes e inspira novamente mais outras, provavelmente buscando forças para continuar.

— E era horrível, Devin — ela decide soprar, a voz quase chorosa. — Eu caía como se a gente estivesse em uma altura gritante, como se nunca tivesse fim. Eu tentava gritar enquanto caía, eu tentava dizer a ela que sentia muito e que eu não queria que tivesse acontecido aquilo. Eu tentava, mas a minha voz nunca saía. A minha voz não saía e eu não caía no chão. Era como se alguém quisesse me dizer através do meu sonho que eu nasci para cair. Que eu nasci para viver sofrendo e que quanto maior fosse a altura, maior seria a demora da minha queda. Então eu evitava a todo custo ficar em lugares altos, pois eles sempre me lembravam disso.

Ouvir isso faz com que um gosto amargo suba até minha boca. Ouvir isso é como levar um maldito soco no estômago que eu não estava nem um pouco preparado.

Nunca imaginei que o medo de altura dela estaria ligado à mãe. Eu jamais imaginaria, nem em um milhão de anos. Eu pensei que fosse alguma fobia, e não algo tão grave assim.

Eu me sinto um estúpido por isso e por ter insistido em algo que claramente não a faz bem.

— E quando você me levou na ponte da rua *Veeler*... — Barbie continua, me pegando de surpresa — Eu não senti medo, Devin. Eu não me lembrei desse pesadelo e eu não me lembrei de nada. Eu só consegui sentir a sensação libertadora, me atingindo em cheio. Só consegui perceber que tudo o que eu pensava era uma completa burrice.

Ela sorri para mim sem descolar os lábios ao terminar de falar, os olhos brilham em agradecimento por aquele dia. A única coisa que consigo fazer é colocar uma mecha do seu cabelo atrás da sua orelha, observando cada traço tenso do seu rosto se desfazer sob meu toque à medida que prendo o seu queixo nos meus dedos em formato de pinça.

— Eu concordo com você.

— Em que parte?

— A parte em que você disse que tudo que pensava era uma burrice.

— Por quê? — questiona, sem desviar os olhos dos meus nem por um segundo. Aqui, nesse exato momento, sob a luz da lua, suas íris azuis parecem ainda mais desconcertantes para mim. Faz meu coração dar vários saltos dentro da minha caixa torácica.

— Porque você não nasceu para cair, boneca. A vida pode ter sido dura com você, a vida pode ter tentado te deixar no chão, mas você sempre foi maior que tudo isso. Você nasceu para voar, você nasceu para ficar no topo e, enquanto eu estiver aqui, jamais deixarei que você caia.

Barbie morde um sorriso após me ouvir, e quando nós dois percebemos já estamos no topo do brinquedo. Nós dois já estamos completamente no alto.

Eu cutuco a garota, mostrando-a onde realmente estamos. Ela dá uma gargalhada nervosa e leva sua mão à boca assim que segue meu olhar. Sua cabeça tomba para trás, enquanto analisa o céu com contemplação. Daqui de cima as estrelas parecem ainda mais brilhantes.

Porém, sem dúvida alguma, não tão brilhantes quanto as íris azuis da garota de cabelo dourado ao meu lado. Tenho essa comprovação no exato momento em que ela tira sua atenção do céu e pousa elas sobre mim.

— Está vendo aquelas pessoas lá embaixo? — Barbie olha para as pessoas que passeiam pelo parque abaixo de nós, anuindo. — Pequenas, *huh*?

Ela ri, confirmando, ainda olhando para baixo.

— Todas essas pessoas são desse tamanho na vida real se comparadas a você. Não estou querendo dizer que você é melhor que todas as pessoas do mundo, embora talvez seja, mas o que estou querendo dizer é que, se algum dia tiver dúvida de que realmente nasceu para estar no topo, eu quero que lembre deste momento. Quero que lembre que você é muito maior.

Seus olhos faíscam à medida que vão de mim até as pessoas lá embaixo e o canto de seus lábios tremelicam para se abrir em um sorriso. Eu sinto que está cada vez mais acreditando nas minhas palavras, sua postura transborda isso. Diferente de como estava quando chegamos, agora se encontra tão leve quanto uma pluma. Os ombros estão relaxados e as mãos,

que ainda se encontram grudadas nas minhas, não parecem tão trêmulas quanto antes. Os olhos, reluzindo o medo antes, agora só conseguem reluzir a mais plena das serenidades.

Barbie St. Claire é muito maior do que ela imagina e é uma pena que não consiga enxergar isso. Eu só queria poder tirar todos esses pensamentos negativos que a cercam como uma redoma e poder lhe mostrar o jeito real de como eu a enxergo. O jeito real de como ela é.

Não tinha muito tempo que o meu caminho havia se cruzado com o dela, mas eu já sentia que a conhecia há muito tempo. De alguma forma que eu não faço ideia, sei o que sinto.

Barbie está próxima de mim agora, perigosamente próxima. Tudo que passa pela minha cabeça nesse exato momento é como desejo poder tomá-la em meus braços. Tudo o que se passa pela minha cabeça nesse exato momento é como estou louco de vontade em levá-la ainda mais para as alturas.

Deslizo meus olhos lentamente até a sua boca, o que a fez engolir em seco na mesma hora. As mãos, que estavam mais controladas, agora pareciam que haviam voltado a como estavam anteriormente, trêmulas e puro gelo. St. Claire está sentindo o que sinto nesse momento. Sei que sim no segundo em que pousa seus orbes nos meus lábios também.

Ela quer, eu sei que ela quer.

De repente, não há altura, não há gritaria, não há medo, não há mais nada. De repente, tudo o que eu enxergo são seus lábios rosados e convidativos, tão ansiosos pelos meus quanto os meus pelo dela. De repente, isso parece tão certo.

Sem processar o que diabos estou fazendo, colo a minha boca na sua

de forma urgente, como se precisasse de seus lábios tanto quanto preciso de ar para respirar. Barbie parece surpresa por breves segundos e, por causa disso, ficamos apenas com os nossos lábios grudados um no outro. Eu estou de olhos fechados, mas eu posso jurar que ela está com os seus arregalados, completamente em choque. Porém, para a minha felicidade, não demora muito para que a garota dê passagem para a minha língua ansiosa adentrar e explorar cada centímetro de sua boca.

Seu gosto se esparrama em minha língua no segundo seguinte, e, se eu pensava que não poderia ficar ainda mais inebriado por tudo que a envolve, ele faz questão de me mostrar o quão errado eu estou. Durante a minha exploração, percebo que seu gosto é de milk-shake de morango, o que acaba me fazendo sorrir durante o beijo. Meu coração também não para de pulsar fortemente contra as minhas costelas por conta da constatação e eu sinto que vou fraquejar a qualquer momento. Agradeço muito aos deuses por estar sentado.

Passo minha mão entre seus fios dourados, puxando-a ainda mais para mim. Nossas bocas conversam perfeitamente bem e possuem uma sincronia impecável. Caralho, eu nunca havia sido beijado dessa forma tão gostosa antes.

E olha que eu já fui beijado muitas vezes por aí.

Mordisco o lábio inferior da loira, escutando-a arfar. Infelizmente temos que nos separar para recuperarmos o fôlego logo após isso.

Nossas testas estão grudadas uma na outra agora e tudo que eu consigo olhar são para os olhos mais incríveis e hipnotizantes que já vi na minha vida, tentando desesperadamente trazer o ar de volta para dentro dos meus pulmões.

Barbie raspa o polegar na maçã do meu rosto, me fazendo repuxar os lábios em um sorriso com o gesto inesperado. Seu rosto está corado, seus lábios, vermelhos e inchados, e seu peito sobe e desce assim como o meu. Parece que havíamos corrido uma baita maratona.

Aqui, na maldita roda-gigante, eu soube.

Sim, eu soube.

Eu soube que estava fodido.

Completamente fodido.



12

*"Tão envergonhada de mim agora
Levou-me a lugares que eu nunca tinha ido
Até que você me largou
Oh, eu sabia que você era problema quando
você apareceu."*

**I KNEW YOU WERE TROUBLE | TAYLOR
SWIFT.**

Barbie St. Claire

NOVA YORK, ESTADOS UNIDOS, 1989.

4 ANOS ATRÁS

Meus passos se tornavam cada vez mais firmes à medida que eu subo essa enorme escada de ferro assustadoramente velha e que parece querer cair aos pedaços.

O ambiente está escuro e eu não consigo enxergar absolutamente nada ao meu redor. Eu não sei onde estou e nem como havia ido parar aqui, mas, por alguma razão que eu desconheço, minhas pernas parecem ter vida própria e me levavam cada vez mais alto, sabendo perfeitamente como conduzir-me. Tento buscar por algo no lugar que me faz reconhecê-lo, mas a única coisa que consigo enxergar com clareza é cada um dos incontáveis

degraus dessa escada.

Tudo aqui parece esquisito demais. Torturante demais.

Meu cabelo está grudado na minha testa e eu posso sentir gotículas de suor se formarem em toda extensão da minha pele. A sensação que eu tenho é de estar em um lugar completamente estreito e quente como um inferno, fazendo a minha respiração sair entrecortada e o meu peito subir e descer de forma desenfreada.

Eu posso desmaiar a qualquer momento, pois a única coisa que se passa pela minha cabeça é que eu estou estrelando meu próprio filme de terror, só que diferente de todos os outros, esse é o terror da vida real.

Também consigo sentir aquela famosa sensação eminente de morte, então tudo que eu quero fazer é sair correndo o mais rápido dali, porém as minhas pernas não parecem nem um pouco a fim de entrar em consenso com o meu cérebro.

Por conta disso, continuo a subir cada degrau como se a minha vida dependesse disso, e, quando as escadas finalmente chegam em seu fim, avisto uma enorme porta de madeira, fazendo com que uma sensação esquisita se aposse do meu corpo. Além de várias perguntas, claro.

Onde eu estou?

O que aquela porta significa?

Será que eu havia morrido e estava indo me encontrar com Deus?

Ou será que...?

Não, eu não poderia estar indo me encontrar com o Diabo.

Se eu realmente tivesse morrido como parecia que tinha, esperava que

estivesse indo encontrar a primeira opção. Ao longo do pouco tempo que vivi, não acho que tenha pecados escandalosos o suficiente para ser encarregada ao submundo. Eu não era uma pessoa tão ruim assim.

Balanço a cabeça em negação, aquilo não poderia ser verdade. Por mais que eu não soubesse como havia ido parar aqui, eu me sinto viva. Mais viva do que nunca. Eu sinto meu coração pulsar fortemente contra as minhas costelas, sinto medo, terror e curiosidade. Eu consigo sentir. E se eu me lembro bem das histórias fantasiosas que lia quando criança, mortos não conseguem sentir absolutamente nada.

Solto uma lufada de ar, passando o dorso da mão sobre a testa na tentativa de retirar o suor que se encontra acumulado por ali. Pensar nessas possibilidades estão me deixando ainda mais nervosa, por isso tento me recompor, inspirando e expirando diversas vezes. Quando me sinto um pouco mais recuperada, viro-me para as escadas que me levavam até a porta, a fim de voltar atrás e sair desse lugar tenebroso.

Pisco uma, duas, três vezes.

Como se eu estivesse em um show de mágica completamente bizarro, a escada some. Ela não está mais aqui como segundos atrás.

Rio em descrença, sem acreditar que isso realmente estava acontecendo comigo. Agora como não havia mais saída, tudo o que me resta é a porta.

Sem pensar muito no que estou fazendo, levo minha mão até a maçaneta e a viro de forma rápida. Quando a porta fica escancarada, um vento gélido sopra os meus cabelos, fazendo-me abraçar o meu próprio corpo para evitar o frio.

Quando eu dou um passo para dentro do local, escuto a porta se

fechar atrás de mim, mas eu não me importo e nem consigo me mover. Estou chocada demais, meu olho ainda tenta se acostumar com a saída do breu para a alta claridade. E, assim que ele consegue se estabilizar, a primeira coisa que noto são vários prédios altos e, quando dou uma voltinha para desbravar o local, percebo que me encontro no centro de um heliponto.

Eu estou no mais alto topo de um prédio e o vento forte é implacável, faz meu cabelo chicotear o meu rosto de forma revoltosa.

Uma forte luz encandeia os meus olhos e eu levo uma das mãos até eles, protegendo-os. Fico assim por alguns segundos, até que a luz forte se dissipa aos poucos, fazendo-me jogar o braço ao lado do corpo. De repente, o que eu vejo a poucos centímetros de mim me fez ter um sobressalto. Eu não consigo acreditar na figura que eu estou vendo, não pode ser real. Aquilo não era real.

Ela está tão linda...

Adoravelmente linda vestida em um longo vestido branco de seda e alças finas, que aperta seu corpo nos lugares certos. O cabelo dourado com ondulações nas pontas bate abaixo dos seus seios, e ele emoldura perfeitamente bem o seu rosto doce e delicado.

A minha mãe parece um anjo bem na minha frente.

Meus olhos se encontram marejados e um sorriso nervoso toma conta dos meus lábios. Ela está aqui na minha frente, não é uma foto ou uma pintura, é ela. Linda e angelical como todos me contavam.

Minha mãe caminha até mim em passos lentos, e eu sinto tudo ao meu redor girar. Eu não sei o que estou sentindo, é um turbilhão de sentimentos dentro de mim e eu não consigo externar nada. Eu pareço uma droga de estátua enrijecida e patética.

Nossa distância é encurtada e ela parou apenas a dois passos de mim. Seu rosto está indecifrável, eu não consigo ler muito bem as suas expressões. As suas íris, tão azuis quanto as minhas parecem sem vida e completamente opacas. Não parece nem de longe com as íris brilhantes que meu pai tanto falava.

— Mãe — sopro baixinho, como se essa palavra fosse uma maldita prece.

Ela, que antes parecia tão angelical ao meu ver, ri em escárnio quando eu falo aquela palavra.

Uma interrogação está explícita no meu rosto, mas eu não me deixo afetar, dando mais um passo cauteloso para perto da mulher que me deu a vida.

— Como... Como eu estou conseguindo te ver? — Minha voz sai mais trêmula do que eu gostaria, e então, de repente, os lábios da minha mãe se repuxam em um sorriso banhado de ironia.

— Do que isso importa agora, filha? — Ela dá ênfase na última palavra, fazendo um arrepio fora do comum se alastrar por todo o meu corpo. — O que importa é que estamos aqui, e eu estou conseguindo olhar para essa sua carinha depois de tantos anos, não é mesmo?

Sua voz não parece muito fraternal e a sua áurea, que antes era angelical, agora me parece um tanto quanto diferente.

Eu apenas assinto em um maneio de cabeça, sem conseguir proferir uma frase se quer.

— Você se tornou uma garota bonita, Barbara. — Seus olhos sem vida perscrutam todo o meu rosto, fazendo-me engolir em seco. Ela chega mais

perto de mim, abrindo aquele sorriso irônico mais uma vez ao dizer: — Até que você é mesmo a minha cara.

— Todos costumam falar isso — ainda com o tom baixo e um tanto quanto incerto, falo.

— É... eu ouvi dizer. — Minha mãe dá de ombros e sai de perto de mim, andando para a outra direção.

Eu sigo seus passos, ainda com a mesma sensação de incerteza. Tudo em mim grita que isso não é real, mas parece tanto. Parece que ela realmente está aqui comigo, viva.

Estranhamente e impossivelmente viva.

— Acha que eu não sou real, Barbara? — Em um tom acusatório, pergunto assim que se vira para mim. Provavelmente deve estar estampado na minha testa que isso tudo parece maluquice. — Acha que isso não está realmente acontecendo?

— Eu...

A minha mãe não me deixa terminar a frase, continuando a falar:

— Acredite, Barbara, eu sou real. E mal consigo acreditar que o seu pai acabou por escolher esse nome para você.

Eu franzo a testa, sem entender o comentário.

— Você não gostou?

Mais uma vez, só recebo um dar de ombros como resposta.

Por que ela parece tão indiferente a mim?

— Ele diz que você gostaria da homenagem — continuo.

— Patético da parte dele — ela soa entediada ao analisar as unhas. — Por que eu gostaria que o meu nome se atrelasse com o da garota que tirou a minha própria vida?

Ouvir isso é como infinitos socos na boca do meu estômago. Ouvir isso saindo da boca da minha mãe é como se cravassem mil facas afiadas dentro do meu peito. A dor que eu estou sentindo nesse momento é a pior de todas. Eu me sinto pequena. Muito, muito, e muito pequena.

Recuo um passo para trás, atordoada demais com as suas palavras excruciantes direcionadas a mim. Minha visão fica um pouco embaçada devido às lágrimas que já haviam se aglomerado por ali, só que eu vejo no exato momento em que ela sorri para mim.

Não é um sorriso gentil, amigável ou acolhedor. É um sorriso amargo, doentio.

— Por que ficou abalada com o que eu disse? — Minha mãe ergue a sobrancelha para mim, parecendo estar chocada. — Você sabe que me matou, Barbara, não seja ingênua.

— Eu... — tento falar, mas a voz simplesmente fica presa dentro da minha garganta. Nesse momento, eu já sinto as lágrimas rolando pelas minhas bochechas.

Novamente, a única coisa que eu ouço é a sua risada em escárnio.

— Não consegue nem se defender, não é mesmo? — Se aproxima ao tocar nos fios do meu cabelo. — Não consegue montar uma frase porque sabe que é verdade. Cacete, Barbara, você é tão egoísta. Você queria tanto nascer, queria tanto chegar ao mundo que nem se importou em passar por mim e levar a minha vida junto.

Uma sensação sufocante toma conta de mim ao ouvir tudo que sai pela sua boca venenosa, e eu só quero desmentir cada uma das palavras que saem por ela. Como eu poderia ter sido egoísta se eu nem pedi para nascer? Como eu poderia querer matar a minha própria mãe?

Eu só consigo chorar. Eu choro tanto que meu soluço se alastra por todo o local como um maldito eco. E, quando eu finalmente abro a boca para tentar argumentar contra, a voz some.

A voz simplesmente desaparece.

Sem que eu espere, a minha mãe pega a minha mão com uma certa força bruta e me arrasta até a borda do heliponto que estamos. Não consigo assimilar as coisas que estão acontecendo, muito menos tenho forças para fazer algo, por isso me deixo ser conduzida por ela como se fosse uma mera telespectadora.

Quando para, nós duas estamos uma de frente para a outra, poucos centímetros nos afastam. De soslaio, posso ver a altura em que nos encontramos. O local parece ser tão alto que mesmo eu me esforçando e estreitando os olhos para enxergar melhor, não consigo ver o chão ou o fim disso.

Se eu não estivesse tão abalada e tão atordoada com o que está acontecendo, provavelmente ficaria com medo da altura.

E, no momento em que viro totalmente minha atenção para esse ser desconhecido em minha frente, outro arrepio. Ela está completamente diferente, como se tivesse se tornado outra pessoa em poucos segundos. O cabelo, que antes estava impecável, agora está uma bagunça. Seus olhos, que parecem tão sem vida, agora parecem faiscar puro ódio em minha direção. Eu posso ver através dos seus glóbulos o quão raivosa se encontra nesse

momento.

— Você é a culpada por destruir a minha vida e a do seu pai — cuspe esse fato sobre mim. — Quando eu estava grávida, acreditava que tudo estava dando certo para ambos, mas nós dois mal podíamos imaginar que eu estava carregando uma assassina no meu próprio ventre.

Balanço a cabeça em negação com aquelas palavras tão duras e mentirosas, chorando compulsivamente. Tudo isso parecia um pesadelo, não poderia ser real. A minha mãe era um anjo, era uma mulher doce e carismática, jamais se direcionaria de forma tão venenosa e rancorosa desse jeito contra mim.

Eu não cheguei a conhecê-la, mas eu sabia de quase todas as histórias à seu respeito. Eu sabia da mulher maravilhosa que era e ali não era ela. Não podia ser.

Enquanto essas coisas passeiam pela minha cabeça, minha mãe dá mais um passo até mim, nossos narizes quase se tocam por conta de tamanha aproximação.

— Barbie. É assim que te chamam, não é? — Eu não consigo responder, assim como todas as outras vezes. — Não é? — repetiu mais alto e entredentes, fazendo-me assentir rapidamente. — Pois bem, Barbie, eu espero que você lembre dessa nossa conversinha por muitos e muitos anos. Que você carregue essa culpa e perceba o quão ingrata e egoísta foi. No mais, não quero mais olhar para essa sua cara.

Nesse exato momento, tudo parece acontecer de forma rápida.

As mãos da minha mãe vão parar no meu peito, empurrando-me com uma força surpreendente. Não tenho chance de me segurar ou pedir por ajuda, pois como estou de costas, a única coisa que consigo fazer é me

desequilibrar e cair do heliponto em que estamos.

Caio tentando gritar a plenos pulmões o quanto eu sentia muito e o quanto eu não queria que nada daquilo tivesse acontecido. Mas simplesmente não conseguia. A voz parecia estar mesmo presa na minha garganta. Porém, a única coisa que consegui fazer no momento em que caía foi burlar a física para que a gravidade nunca me deixasse atingir o solo.

Afinal, nem merecedora disso eu era.

Acordo num sobressalto, espantada demais com o pesadelo que acabara de ter.

Não era a primeira vez em que aquele pesadelo aparecia para mim durante o sono, contudo, toda vez que ele retornava conseguia me deixar completamente atordoada. Por isso, tento buscar o ar desesperadamente, repousando a minha mão sobre o peito, que trovejava de angústia e dor.

Tento fazer de tudo para me acalmar, mas acaba não surtindo muito efeito. Mesmo que meu coração estivesse acostumado com a dor, sempre que ela voltava, ele dava um jeito de pulsar ainda mais forte, fazendo-me lembrar o quão destroçado ainda se encontra.

Encosto as costas na cabeceira da cama e fecho os olhos com certa força para ver se as imagens saem da minha mente. Por mais que eu tente me convencer de que nada daquilo era real, uma boa parte de mim acreditava em cada palavra que havia sido dita.

E, quando essas horas chegavam, a única coisa que eu era capaz de fazer era amaldiçoar a droga da minha existência.

Dou uma última e longa suspirada, abrindo os olhos e encarando o relógio posto sobre a mesinha ao lado da minha cama. Já é de madrugada e

eu preciso urgentemente fingir que aquilo não aconteceu, afinal, mais tarde tenho aula e preciso acordar impecável para que ninguém duvide que eu sou a pessoa mais feliz desse mundo.

O despertador ecoa pelo meu quarto poucas horas depois, fazendo-me bufar de raiva e levantar o edredom branco até cobrir toda minha cabeça.

Não sei em que momento havia pegado no sono, mas conseguia sentir que não havia sido o suficiente para descansar completamente.

Conto até dez mentalmente, buscando coragem para enfrentar a preguiça e me levantar daquela cama espaçosa e aconchegante. Se eu não tivesse uma prova importante de Inglês hoje, provavelmente jogaria o despertador para fora da janela e continuaria dormindo pelo resto do dia. Mas como isso não seria possível, tiro o edredom de cima de mim e me levanto na força do ódio mesmo.

O pesadelo da madrugada segue vivo dentro de mim, mas eu já estou acostumada com eles, infelizmente. Por isso, balanço a cabeça e tento pensar em outras coisas que possam me deixar feliz, como é o caso das escolhas das minhas roupas de hoje. Na minha escola, as pessoas usam uniformes certinhos e engomados, só que hoje é o dia que eu particularmente mais amo; o dia que íamos de roupa normal.

Saio dando pulinhos pelo quarto ao ir em direção ao meu closet para a escolha das peças da vez. Faço um biquinho de lado e bato o dedo indicador no queixo, pensativa sobre qual roupa escolher. A vastidão de roupas e acessórios me deixa todos os dias indecisa, e isso é o que eu mais odeio em relação a ter tantas opções assim.

Vasculho cada arara em busca de um conjunto que represente meu humor de hoje. Na verdade, eu não sei bem qual é meu humor agora, mas

sei que vou descobrir no exato momento em que pousar meus olhos em algo. Dito e feito, quando encontro um casaco amarelo felpudo e uma saia quadriculada amarela e branca, descubro na hora que são eles que vão representar o meu humor.

Não o meu humor de fato, afinal, não estava radiante, porém queria que as pessoas acreditassem que sim. Por isso, corro para o meu banho de banheira e me arrumo nas pressas logo após.

Alguns minutos depois, estou eu tentando descer as escadas em formato de espiral de salto alto, uma grande missão, ainda mais para uma garota desastrada e estabanada como eu. Por isso, seguro firme no corrimão dourado e desço degrau por degrau de forma plena e calma, tentando não ficar tonta ou até mesmo embolar um pé no outro.

Quando enfim chego ao último degrau, meu pai passa por mim com o seu terno perfeitamente alinhado sobre o seu corpo esguio. Antes de ele abrir a porta e sair sem me dar ao menos bom dia, me apresso em chamar sua atenção ao falar:

— Não me viu aqui, papai?

Ele vira para me encarar, e eu percebo seus olhos levemente arregalados.

— O trabalho sempre mexendo com a minha cabeça — diz meio atordoado ao bater levemente a mão na testa, provavelmente pelo atraso costumeiro. Ele vem até mim e deposita um beijo rápido na minha testa. — Um bom dia para você, filha.

— Um bom dia para você também, papai — digo mais para mim do que para ele. Um suspiro em derrota escapa pela fresta entre meus lábios.

Nossa relação é resumidamente essa e nada que eu faça poderá mudar esse fato. Se nós trocávamos mais de dez palavras por dia era muito, infelizmente. Ele vive ocupado com o seu trabalho na empresa quase o dia todo e sempre que chega em casa se tranca no seu escritório e continua trabalhando, como se sua única filha não precisasse de sua atenção.

Por isso, suspiro mais uma vez em derrotada e me direcionei para a garagem, apertando a alça fina da minha bolsa no ombro. Quando eu vejo o nosso motorista particular abrindo os portões da garagem para que possamos sair e depois se voltando para abrir a porta do carro para mim, apresso os passos para ser mais rápida que ele e a abro, dizendo logo em seguida:

— Não gosto de quando você age como se eu fosse uma incapaz, Leroy — brinco. O homem robusto e simpático sorri para mim, assentindo com a cabeça. Eu já havia dito mil vezes que ele não precisava agir com tanta cerimônia comigo, afinal, não sou nada demais, sou uma pessoa igualzinha a ele. Mas não adiantava muita coisa.

— Eu gosto de te mimar, senhorita St. Claire. — Sorri e dá de ombros, como se quisesse dizer *"não é nada demais"*.

— Olha que eu fico mal acostumada, *huh?*

— Não há problema algum para mim — brinca, rindo. Eu dou um leve tapinha no seu ombro e adentro no carro, me aconchegando no confortável banco cor de caramelo. Leroy fecha a porta para mim e desliza logo após para o seu banco do motorista.

Enquanto ele arranca com o carro da nossa garagem, observo as casas extravagantes e vitorianas do meu bairro. Aquilo exala tanta riqueza e tanto luxo que qualquer um pode ficar fascinado, até mesmo eu, que já estou acostumada com todo aquele mundo. Mesmo que eu faça aquele trajeto todos

os dias para a escola, não posso deixar de admirá-las pela janela.

Algumas ruas depois e nós já estamos parados em frente a uma das maiores escolas de elite que Nova York já viu. A frente está tomada por alunos com as suas melhores roupas, provavelmente quase como um desfile de moda. As garotas parecem deslumbrantes, uma mais linda e irradiante que a outra. De repente, tudo o que eu consigo fazer é colocar o meu melhor sorriso no rosto enquanto pulo para fora do carro. Se aqui todos conseguem fingir que tinham uma vida perfeita, então eu também poderia me encaixar usando a minha melhor versão de garota perfeita que possuía uma vida tão perfeita quanto.

Me despeço rapidamente de Leroy e começo a andar até as escadas que me levam até a entrada da escola, sentindo os olhares dos garotos sobre mim. Me sinto ridiculamente nua e exposta, mas não desvio meu olhar em nenhum momento e consigo fazer o trajeto até que bem, sem me constranger com todos aqueles pares de olhos grudados em minhas pernas.

Como a gente usava calça para os uniformes, quando as garotas começavam a desfilar por aí com as suas pernas de fora, os garotos pareciam que nunca tinham visto mulheres na vida. Os olhos poderiam facilmente saltar das órbitas a qualquer momento.

Particularmente, achava patético.

O sinal toca assim que piso os pés na entrada da escola, fazendo-me correr até o meu armário para buscar os livros da matéria que me aguarda nos andares de cima.



Nós estamos todos no pátio da escola logo após finalizarmos a última

prova do semestre. Como hoje é um dia comemorativo, estamos todos nos divertindo ao som da música *I Wanna Hear Your Heartbeat* do Bad Boys Blue, que sai retumbando das enormes caixas de som.

As garotas que eu costumo andar estão em volta de mim, conversando sobre algum assunto chato e sem graça que eu não faço a menor questão de mostrar o mínimo de interesse. Por isso, saio do pequeno círculo e me direciono até a mesa de comidas. Enquanto tento escolher o que comer, sinto um corpo parar bem atrás de mim. Mesmo que eu esteja de costas, sei exatamente de quem se trata. Seu perfume amadeirado me invade e esse cheiro não pode ter outro dono a não ser um dos meus melhores amigos.

— Olá, Jasper — digo, ainda sem me virar. Sinto sua risada ondular no meu pescoço, assim como um breve arrepio passar pela região. Sei perfeitamente o que significa, mas prefiro ignorar o sinal que meu corpo tenta a todo tempo mandar.

Jasper Clement havia se tornado uma das poucas pessoas daquela escola que eu confiava em pouquíssimo tempo. Nossa amizade surgiu de forma inesperada, já que ele se esbarrou em mim no nosso primeiro dia de aula e derramou todo seu suco de uva no meu uniforme branco. No começo, eu gritei e o xinguei de diversas formas possíveis, mas depois que me ofereceu ajuda, eu simplesmente não consegui negar. Não sei se foram seus olhos azuis tão penetrantes, seus fios loiros arrepiados ou se foi o seu sorriso presunçoso, porém algo nele fez com que eu não conseguisse negar, ou ficar brava por muito tempo. E depois desse dia nós não nos desgradamos mais.

Aquele maldito francês não me deixava em paz nem por um segundo.

— Você está ainda mais incrível nessa saia minúscula hoje, *mon amour*.

Me viro em sua direção e reviro os olhos na mesma hora, enjoada com todo aquele ar de galã para cima de mim.

— Seu francês pode conquistar todas as garotas dessa escola, mas comigo, *mon amour* — repito suas palavras, me aproximando para soprar bem baixinho: — Não cola, não.

A única reação que Jasper esboça é um sorriso cínico se esgueirando por entre seus lábios.

— Você é patético — falo ao morder um sorriso, cruzando os braços.

— Eu não preciso usar do meu francês para te conquistar, gatinha. Você já é gamada em mim, de qualquer forma.

Eu sei que ele está brincando, seu sorriso presunçoso evidencia isso, mas algo ali faz meu coração agitar dentro do meu peito.

Ele parece perceber o exato momento em que suas palavras me atingiram em cheio, pois estreita os olhos para mim em desconfiança. Jasper Clement dá mais um passo, encurtando nossa distância. *Próximo demais*. Ele está próximo demais e isso é o bastante para transformar minhas pernas em gelatinas.

Jasper Clement é o típico cara que não precisa de muito esforço para deixar uma garota bamba, afinal. Ele tem todo o ar de francês certinho, que quando dá aquele sorriso tudo o que você consegue sentir é que talvez ele não seja tão certinho assim. Isso é bem *sexy*, por sinal.

— Por que ficou nervosa com o que eu disse? — soa baixinho, o rosto próximo demais da minha orelha.

— E-eu não... — Pigarreio. — Eu não fiquei nervosa.

— Você é uma péssima mentirosa, Barbie. E eu percebo isso não é de

hoje.

Em um ato rápido, Jasper pega a minha mão e caminha comigo serpenteando as pessoas. Alguma música do *Simply Red* toca ao fundo agora, mas as únicas coisas que eu consigo escutar com clareza são as batidas frenéticas do meu coração.

Eu não sei para onde ele estava me levando, mas sei que algo de inesperado está para acontecer, pois posso perceber isso através das suas írises azuis acinzentadas quando ele resolve pousá-las sobre mim durante o trajeto.

Minutos depois, Jasper para comigo dentro do vestiário masculino, que dá para os fundos do pátio da escola. Daqui, ainda dá para se escutar a música, mas ela logo é abafada pelo baque surdo das minhas costas sendo arremessadas de leve contra algum armário.

— Eu não aguento mais fingir que não te quero, Barbie. — Suas mãos estão penduradas uma em cada lado da minha cabeça e ele está ainda mais lindo sob a pouca luz do ambiente enquanto diz aquilo. Meu coração parece que vai sair pela minha boca a qualquer momento, pois eu sei do que ele está falando. Infelizmente, eu também não aguento mais fingir que o que nós temos é só amizade. Estava nítido desde sempre.

Entorpecida demais pelas suas palavras e pela sua beleza, coloco meus braços ao redor do seu pescoço e assinto com a cabeça, mostrando que partilhava da mesma sensação que ele. Sem pensar duas vezes ao ver minha reação, Jasper avança até os meus lábios com urgência, sua língua explora cada centímetro da minha boca.

Enquanto ele me imprensa contra os armários do vestiário, afago meus dedos nos seus fios loiros. Tudo ao meu redor parece girar e eu sentia que

esse momento seria marcado para sempre na minha mente e no meu coração.

O que eu não sabia era que ele seria marcado pelos motivos errados. O que eu não sabia era que ele seria marcado para sempre como o culpado da ruína de uma bela amizade. O que eu, inocente como sempre, não sabia era que dias depois daquele evento eu iria jurar para mim mesma que jamais me deixaria ser levada por qualquer outro garoto.

Pincipalmente se esse comesasse com uma *amizade*.



13

*"Estamos indo devagar
Parece que não conseguimos chegar onde
queremos
Mas os tempos difíceis valem ouro
Porque eles levam aos dias melhores!"*
BE ALRIGHT | ARIANA GRANDE.

Devin Leblanc

Ser integrante de um *MotoClub* não é uma coisa muito fácil de se lidar. As pessoas olham para nós como se exalássemos problema através dos nossos poros e como se fôssemos atear fogo em toda extensão de Hellaware a qualquer momento. Todos eles possuem uma visão distorcida do que nós somos, e eu tenho total certeza de que eles nem ao menos se esforçam para tentar nos entender. A visão distorcida que eles possuem é que todo *MotoClub* acaba sendo uma junção de pessoas baderneiras e perigosas que vão querer o controle da cidade todinha para eles. Não vou ser em hipócrita em dizer que não fazemos baderna de vez em quando, mas também não somos nenhum tipo de grupo mafioso que tem qualquer pretensão de ter o comando da cidade bem nas palmas das nossas mãos.

Quando o grupo foi fundado há um tempo atrás, logo após o meu pai

ter saído de casa por não conseguir se encaixar nos padrões exigidos pelos seus pais, ele apenas pensou em montar um grupo com pessoas que também se sentiam rejeitados de alguma maneira e, claro, com pessoas que compartilhavam do amor as motocicletas assim como ele. Não foi nada planejado para ser um grupo com fins criminosos, e sim um grupo em que os componentes pudessem encontrar apoio um no outro como uma verdadeira família.

Todos nós fomos rejeitados de alguma maneira. Eu, assim que nasci, fui rejeitado pelos meus pais biológicos. Violet, assim como eu, também foi rejeitada pelos seus pais, só que diferente de mim, foi rejeitada por amar demais. John, por outro lado, perdeu seus pais muito cedo e teve que se virar sozinho na vida. Já Kieran e Kara, apesar de bom relacionamento familiar, tiveram que mudar de cidade juntos, pois não aguentavam mais o preconceito da cidade em que moravam só por eles serem negros e de família humilde. E, em meio a tanta rejeição, nós nos encontramos, compartilhamos das mesmas dores e consolidamos uma família. Sinceramente, as pessoas podem acreditar que nos juntamos para alastrar o caos por aí, mas só nós sabemos que o verdadeiro motivo de termos nos juntado foi para tentarmos diminuir a sensação alastrante de caos que circundam as nossas vidas e os nossos corações.

Por isso, estamos todos deitados na cama do trailer de John, pensativos demais sobre qual nome definitivo deveríamos colocar no nosso grupo e até mesmo o desenho que enfeitariam as costas das nossas jaquetas. Em uma conversa franca sobre o grupo, chegamos no assunto sobre nós já estarmos cansados de sermos conhecidos apenas como o "*MotoClub de Hellaware*". Nós precisávamos de originalidade, precisávamos de um nome que fosse realmente a nossa cara.

Kara ficou à frente de tudo assim que chegamos nesse assunto. Ela está tamborilando o lápis amarelo na folha de um caderno qualquer, esperando claramente para que nós a ajudássemos com sugestões criativas. Seus cachos longos e escuros estão presos em um coque desleixado no topo da sua cabeça e ela está usando apenas uma blusa preta com o símbolo da banda *The Rolling Stones*, que parece mais um vestido em seu corpo minúsculo. Seu piercing prateado no nariz brilha com a luz proeminente do trailer e as poucas sardas salpicadas no ossinho do seu nariz se tornam ainda mais evidentes sobre o efeito dela também. Ao seu lado, Violet está deitada com sua jardineira cor de vinho e um cigarro repousado em cima da sua orelha, a perscrutando com os grandes olhos castanhos injetados de curiosidade.

— É sério que nada tá passando pela cabeça de vocês agora? — ela pergunta ao fechar o caderno com certa impaciência, repousando-o sobre o seu colo em posição de yoga. Seus olhos verdes cintilantes examinam o rosto de todos nós sob os seus longos cílios em busca de respostas, mas bufa logo em seguida ao notar que estamos todos estrangulando uma risada. — Eu estou levando isso a sério, seus idiotas.

— Você *seeeeeempre* leva tudo a sério — Kieran brinca com a irmã, o que nos faz finalmente soltar as gargalhadas que estávamos segurando.

— Algum de nós tem que levar, não acha? — rebate, olhando para o irmão com as sobrancelhas arqueadas de forma acusatória. — Vocês todos se comportam como se fossem um bando de pré-adolescentes afobados.

— Ei! — Violet grita, como se estivesse ofendida. Sua mão está repousada sobre seu peito, e ela pisca os olhos de forma teatral. — Você fica aí reclamando de nós, mas também não deu nenhuma sugestão até agora.

Kara abre e fecha a boca algumas vezes, porém não responde nada,

apenas se limita a um dar de ombros.

— Nós precisamos de um nome forte e que combine com a gente — Violet sai na frente, tomando o lugar de Kara. Ela descola as costas do colchão e se levanta, ficando na mesma posição ao lado da garota de pele preta. — Então, por favor, sejamos criativos.

— Relaxa, furacão — John diz para Violet e finca o cotovelo no travesseiro ao repousar a cabeça em uma das mãos. — Nós vamos pensar em algo legal. Liberdade e leque de opções é o que não faltam. — Ele sorri de forma tranquilizadora ao passar os olhos por todos nós.

Violet assente em um manear de cabeça e depois murmura alguma coisa que eu não sou capaz de ouvir. Minhas engrenagens trabalham copiosamente dentro do meu cérebro, e tudo que eu consigo focar agora são nas duas palavrinhas que John soltou de forma despretensiosa para nós segundos atrás.

Furacão.

Liberdade.

Como eu nunca tinha pensado nisso antes?

Nós somos a perfeita exemplificação do que é um furacão. Na teoria, um furacão é algo que causa uma grande perturbação na terra, e nós, sem dúvida alguma, causamos uma grande perturbação em todos os lugares em que pisamos. E claro, liberdade. Liberdade é a palavra que mais define cada um de nós. Por mais que tenhamos vivido por muito tempo em completo aprisionamento, depois que nos deliciamos com o gosto da liberdade, não conseguimos mais parar de desfrutá-la nem por um mísero segundo.

— Tá aí! — solto, batendo no colchão de forma empolgada. Os olhares

se viram em minha direção numa mistura de susto e curiosidade. Sei que estou sorrindo para eles de forma patética, mas não ligo. Sinto que realmente encontrei o nosso nome. — *Hurricane Freedom*.

Meus amigos me olham atônitos. Eles se entreolham por breves segundos, mas depois se concentram apenas em mim, com os olhos levemente arregalados e as bocas estrategicamente entreabertas.

— *Hurricane Freedom* é o nosso nome — repito.

Eles parecem ainda mais chocados, e definitivamente não sei dizer o motivo. Não sei se é por eu não ter falado nada desde que começaram com essa busca incessante pelo nome perfeito ou se é pelo fato de terem gostado da minha sugestão. De qualquer forma, arqueio as sobrancelhas quase que no couro cabeludo em um gesto claro de que estou esperando uma resposta deles.

— *Hurricane Freedom* — Kara sibila, sentindo o gosto das palavras em sua boca. — Por que você acha que esse é nosso nome? — Consigo sentir como se estivesse em uma entrevista de emprego, pois o tom desafiador que ela demonstra é como se estivesse esperando uma boa resposta para me dizer se passei no teste ou não.

Conto a eles como cheguei à conclusão e também como aquilo fazia sentido para nós. Quando eles parecem finalmente me entender, Kara dispara com um brilho de divertimento nos olhos:

— Meu Deus, Leblanc, eu amei! Já consigo imaginar o desenho de um furacão atrás das nossas jaquetas novas.

— Parece até que é uma homenagem para o furacão aqui — John força uma careta, apontando com o queixo para Violet —, mas até que eu gostei.

— Eu sei que não é, mas deveria ser mesmo. — Joga os cabelos para trás do ombro e sorri de forma convencida. — Afinal, o que seria de vocês sem a furacão aqui? — Ela aponta com o dedo indicador para si, sorrindo ainda mais.

Kara rola os olhos com o comentário da amiga, mas não consegue disfarçar o sorriso que se forma bem no canto dos seus lábios.

— Você é tão presunçosa.

— Não sou presunçosa, *babe*, sou só realista. — Violet sorri, mandando um beijo no ar.

Kara pega o travesseiro atrás de si, jogando de forma rápida e brincalhona na direção de Violet. Seus reflexos a salvam e ela se esquivava para o lado oposto bem na hora, fazendo o travesseiro raspar de leve sobre o seu ombro e cair no chão com um barulho quase inaudível. Violet intercala o olhar entre a cacheada e o travesseiro caído por alguns segundos, mas depois acaba voltando a focar no rosto da amiga com uma expressão de espanto fingido.

— Você poderia, por favor, parar de atear objetos em minha direção? — pede cautelosamente, entrelaçando os dedos sobre o colo. — Eu tenho medo de um dia você perder realmente a paciência comigo e jogar coisas que possam me levar a óbito.

McAllister revira os olhos verdes com a frase de Violet, e acaba por enganchar o braço no pescoço dela, puxando-a mais para perto de si.

— Eu jamais faria isso com você, *babe*. — Passa a mão no topo da cabeça de Violet, bagunçando os fios por ali. Mohn apenas bufa em desistência e acaba dando um beijinho no rosto de Kara.

— *Ewww* — John reclama ao ver a cena e franze o nariz em uma careta de desaprovação. — Vocês me dão vontade de vomitar.

As duas olham para ele na mesma hora e, como se fosse combinado, rumam para cima dele no mesmo instante. John tenta se desviar dos beijos e cócegas das meninas mandando elas pararem, mas seus pedidos insistentes não as afetam por nada.

— A gente só para se você assumir que nos ama também — Kara solta, fazendo cócegas na barriga de John. Do outro lado, Violet segura o rosto dele com as mãos em formato de concha, enchendo-o de beijos. Meu amigo está com os olhos fechados e sua gargalhada ecoa por todo o cômodo.

— Vai, assume! — Violet insiste.

Scott parece relutante, pois se debate na cama tentando afastá-las. Sua cabeça está se mexendo de um lado para o outro em negação com o que pedem, mas quando Kara para com as cócegas na barriga e desce para os seus pés, ele parece não se aguentar e explode ainda mais em altas gargalhadas.

— PARA, CARALHO! — grita, ainda se contorcendo na cama por causa das cócegas. Kara e Violet resolvem parar, mas ainda continuam olhando-o em expectativa. — Tá! — John revira os olhos, pois sabe exatamente o que elas querem ouvir. — Eu amo vocês. Inferno!

As duas se afastam mais dele e deitam ao seu lado, ainda explodindo em gargalhadas. John murmura xingamentos incompreensíveis para as meninas, mas elas não parecem se importar, pois estão se entreolhando e rindo ainda mais.

— Tem certeza que você também não age como se fosse uma pré-adolescente afobada? — Kieran pergunta a irmã, logo após a mesma descolar as costas do colchão e se aninhar em seu colo. Ela ergue o rosto para olhar

em sua direção de forma repreensiva, e ele apenas solta um sorrisinho e afaga os cachos de Kara, que agora já se encontram soltos e livres do coque.

Sorrio ao ver a interação entre os dois, pois a cumplicidade e o carinho que um sente pelo outro é a coisa mais pura e sincera que já vi em toda minha vida.



Kara, Kieran e Violet saíram para comprar a feira do mês e isso já tem alguns minutos. Agora eu estou assistindo tevê no trailer de John. Ele colocou algum filme de ação e fez pipoca para ficarmos assistindo, mas eu não consigo prestar atenção. O som do filme parece estar cada vez mais longe e a única coisa que a minha mente consegue projetar é a cena da Barbie e eu nos beijando no topo da roda-gigante.

Eu não sei o que caralhos estava passando pela minha cabeça quando decidi romper as barreiras da nossa amizade, porém no momento nada pareceu tão certo quanto aquilo. Eu sentia que ela queria tanto quanto eu, podia ver através das suas íris azuis brilhantes o quanto havia desejo faiscando sob eles e o quanto ela estava entregue para mim no momento em que a minha língua colidiu com a dela. Mas agora eu já não sabia mais. Depois que nós saímos do brinquedo, ela parecia inquieta. Barbie não falava muito, mas eu podia escutar seu cérebro trabalhando incessantemente enquanto saboreávamos um algodão doce da barraquinha do parque.

Nós não conversamos sobre o que havíamos feito lá em cima, nós simplesmente fingimos que aquele momento não havia acontecido. Na verdade, *ela* fingiu que não tinha acontecido. Eu estava completamente disposto a conversar sobre, mas ela nem ao menos tocou no assunto e sempre que eu tentava, mudava o rumo da conversa imediatamente. Depois de alguns

minutos andando em silêncio pelo parque, Barbie me pediu que eu a levasse de volta para casa, pois segundo a garota, a tia estava precisando de sua ajuda em alguma tarefa que não fez questão de explicar qual era.

Assim que eu estacionei a minha moto em frente à casa amarela, Barbie não se despediu com o seu costumeiro beijo na minha bochecha e não disse nada. Apenas me entregou o capacete, sorriu sem mostrar os dentes e seguiu para sua casa. Agora, já faz dois dias que não nos falamos. Quando eu vou no *Fast Rocket*, por algum motivo, não a encontro lá. Quando pergunto para Georgina, a loira não me dá nenhuma informação e diz que ela está ocupada ajudando na cozinha. Não sei em que momento ela passou a ajudar as cozinheiras, visto que não tem bons dotes culinários, mas, de acordo com a garçonne, ela realmente está por lá todas às vezes que não a encontro. E então quando opto por ligar para a sua casa, ninguém atende. Nem mesmo a Amber.

Eu sei que ela está me evitando. Porra, eu sei que ela está. Mas eu não consigo entender o motivo. Eu sei que posso ter fodido tudo, mas ela nem me deixa ao menos explicar, ou ao menos me desculpar. Eu só queria ter a chance de falar com ela, ter a chance de olhar nos seus olhos e ver o que ela está sentindo. Não quero que pense que me aproximei para usá-la de alguma forma, pois em nenhum momento eu premeditei nada. Eu só fui um idiota impulsivo e fiz o que o meu coração mais idiota ainda pedia.

Enquanto me remexo desconfortavelmente na cama de John ao ter essas coisas passando pela minha cabeça, observo de soslaio o exato momento em que ele se inclina para pegar o controle remoto na mesinha ao lado, desligando a tevê com o filme ainda passando nela. Ao virar seu corpo em minha direção, John coça a barba por fazer, claramente pensativo.

— Você está assim há dois dias. Não sei o que aconteceu, mas pode

começar a falar. — Meu melhor amigo repousa o controle remoto na mesinha e vira sua atenção para mim definitivamente. O balde de pipoca ainda está entre seu colo, e ele não se importa em pegar mais um punhado enquanto me analisa de cima a baixo.

— O quê? — Cruzo os braços em frente ao meu peito desnudo, arqueando uma sobrancelha para ele. — Eu estou normal, porra.

Ele para de mastigar a pipoca, me olhando como se quisesse dizer: "*é sério que vai querer mentir para mim?*". Apenas bufo, decidido a contar logo, pois tenho certeza que não posso esconder nada de John, ele me conhece mais do que ninguém.

— Beije a Barbie — solto logo de uma vez e rezo aos céus para que ele não tenha escutado, já que minha voz saiu em sussurro. Porém, quando John começa a tossir desenfreadamente, tenho a certeza que ouviu.

Suas tossidas não cessam, o que me faz levantar da cama para dar leves batidinhas em suas costas. Quando ele parece se recompor, volto ao meu lugar, o olhando com preocupação. John inspira o ar com precisão, mas logo fala:

— Você fez o quê? — Ele parece perplexo. — Quando? Onde?

— Há dois dias atrás na roda-gigante. — Passo os dedos pelo meu cabelo, penteando-o para trás em um gesto claro de nervosismo. — Ela não fala mais comigo desde então.

John assente com um manear de cabeça, colocando agora o balde de pipoca na mesma mesinha que se encontrava o controle. Ele limpa os farelos na calça moletom e seus olhos azuis me perscrutam com uma grande dose de intensidade.

— E todo aquele papo de "*não está rolando nada com a Barbie, nós somos só amigos?*" — Faz aspas no ar ao imitar uma voz grossa e rouca para demonstrar que a fala é minha. — Enfiou no rabo?

— Ah, não fode, porra! Achei que você fosse me ajudar!

Scott solta uma risada, mas quando eu o fulmino com o olhar, apenas une os lábios um no outro para tentar abafar seus sons.

— Perdão. — Ele apruma a postura, levanta as palmas da mão no alto da sua cabeça em forma de rendição e se torna mais sério agora. — Você já tentou ir no *Fast Rocket* falar com ela?

Faço que sim com a cabeça, e acabo contando tudo que aconteceu entre nós. Conto sobre o beijo, sobre como ela parecia querer, como ela pareceu extremamente estranha logo após e como ela está me evitando a todo custo agora. John escuta tudo minuciosamente, prestando atenção em cada palavra que sai pela minha boca. Alguma vez ou outra esboça uma reação de choque, mas a maioria das vezes permanece impassível.

— Ela deve estar assustada, Leblanc — diz assim que eu termino de contar a história. — Você sabe que ela é diferente de todas as outras. Dê um tempo para ela assimilar o que aconteceu.

— Já faz dois dias.

— E daí?

— Já não é tempo o suficiente para assimilar que nos beijamos?

— Para ela não — John dá de ombros, girando o tronco para pegar o balde novamente. Ele enfia a mão e pesca algumas pipocas lá dentro, só que para com ela a centímetros de distância da boca para dizer: — Foi só um beijo, Devin, relaxa. Ela vai te procurar ainda, pode ter certeza.

Pego o balde da sua mão em um ímpeto, vendo-o grunhir irritado enquanto pego um punhado de pipoca. O olho desconfiado ao mastigar.

— E como você pode ter tanta certeza assim?

— Eu não conversei com ela, se é isso que está passando pela sua cabeça. — Bom, sim, é isso que estava passando pela minha cabeça. Apesar de pensar isso não digo nada, apenas o escuto. — É só que eu acho que a Barbie não é uma garota de fugir dos problemas. Se ela está "desaparecida", então tem um bom motivo para isso.

— Então você acha que ela vai me procurar? — Minha voz sai em um tom mais animado do que eu gostaria, por isso vejo um lampejo de um sorriso se esgueirar no rosto do meu amigo.

— Desde quando você se tornou um fodido ansioso se tratando de garotas? — John leva os dedos até os lábios, sugando-os para tirar o sal deles. Eu contorço o meu rosto em uma careta com a sua imundice, mas ele não parece se importar, continuando a fazer. — A Barbie conseguiu mesmo mexer com você. — Ele ri como um filho da puta ao externar sua constatação, e eu não consigo não rolar os olhos e bufar irritado.

Me levanto da sua cama, pego um travesseiro e rumo com força em seu peito. Se ele não tivesse se segurado fortemente nos lençóis do colchão, certamente teria caído. Eu não teria adorado mais, já que o seu maldito sorriso presunçoso continua estampado em seus lábios mesmo após isso.

— Caralho, ela mexe mesmo, *huh*? — Seu dedo indicador está apontado em minha direção, seu sorriso parece crescer mais e sinto que a qualquer momento pode partir seu rosto em dois.

— Cala boca! — exclamo, irritado. — Você já me encheu a paciência, Scott.

Não fico para testemunhar mais um sorriso se formar em seu rosto, tão pouco para o ouvir falar mais alguma coisa. Giro nos calcanhares e saio dali o mais rápido possível.

A brisa da tarde envolve meu corpo por inteiro assim que coloco os pés para fora do trailer. O cheiro das árvores e arbustos se infiltram entre as minhas narinas e sinto a calma emanada dali se alastrar por cada parte do meu corpo. Meus ombros, que antes estavam tensionados por conta de todo estresse, agora relaxam ao ver o verde vivo do rancho, e sinto como se um grande peso tivesse sido arrancado de cima deles.

Não sei ao certo com o que fiquei irritado. Não sei se foi com o sumiço da Barbie, se foi com o John parecendo conhecer mais ela do que eu, se foi com a sua prepotência ao dizer com todas as letras que a garota de cabelos dourados mexe comigo, ou até mesmo se foi tudo isso junto. Mas, de qualquer forma, tento não pensar muito nisso agora.

De todas as coisas que meu amigo falou, a única que tento me agarrar é na esperança em que ele transmitiu ao dizer que ela surgiria em algum momento de volta para mim.



Mais dois dias se passaram e eu não tenho sequer uma notícia da Barbie. Não sei como ela está, onde está e nem o porquê de estar tão longe de mim depois do que aconteceu. Não sabia que poderia me martirizar tanto por algo como eu estou fazendo ao longo desses dias.

Me sinto a porra de um adolescente que só faz merda. Sinto como se tivesse colocado nós dois em um naufrágio e, quanto mais o tempo passa, mais ele se afunda. E, quanto mais ele se afunda, mais difícil se torna nos

trazer para a superfície segura que é a nossa amizade.

Sinto como se estivesse estrago tudo. Sinto todo o esforço que eu fiz para conquistar a sua confiança se esvaindo entre os meus dedos como se fosse uma maldita areia. Sinto a nossa recente amizade começando a ruir como se fosse um castelo de cartas tênue e extremamente fraco. Sinto a culpa corroendo por dentro por ter sido tão fraco e emotivo.

John insiste em dizer que eu devo dar um tempo para ela, que devo esperar com paciência e parar de me comportar como um garotinho ansioso. Mas a verdade é que eu não consigo. Não consigo ficar com a bunda sentada no sofá fingindo que nada está acontecendo. Não consigo fingir estar bem com toda a situação e, durante essas últimas horas, não consigo mais fingir que quero dar esse tempo para ela. Algo em mim diz que quanto mais eu demoro para encontrá-la, mais difícil se tornará tudo depois. Então, por isso, estou em frente ao prédio da Georgina em busca de uma solução. Ela mora em um prédio meio deteriorado e velho em uma rua atrás da *Hellaware University*, pois de acordo com uma das conversas em que tive com a Barbie, é o único que a garçonete consegue bancar com o seu salário na lanchonete e, claro, também é o único extremamente próximo da onde estuda.

Estou encostado na minha *Ducati*, olhando para o seu prédio com os braços cruzados, esperando o momento em que chegará do trabalho e me ajudará com o que devo fazer. Tenho certeza que St. Claire conversou com ela, pois as duas estão extremamente próximas agora.

Alguns minutos depois, flagro Georgina caminhando a passos largos por entre a calçada de pedrinhas do seu prédio. Por isso, me direciono até ela, atravessando a rua que nos separa. Quando aperto o passo para conseguir ficar em sua frente, Georgina recua um passo para trás e me olha assustada, levando a mão até o peito. Uma mecha do seu cabelo loiro está caindo sobre

seus olhos verdes-escuros e o uniforme verde água, que é a marca registrada do *Fast Rocket*, tem uma mancha de mostarda sob a plaquinha que indica o seu nome aos clientes. Ela parece chocada ao me ver ali, seus olhos trabalhando ao perscrutarem atentamente cada traço do meu rosto, como se fosse estar escrito em algum lugar dele o motivo de eu estar bem em sua frente.

— Você poderia me dizer o motivo de estar aqui? Estou ficando com medo.

Eu rio sem humor ao assentir em um manear de cabeça.

— Não vim te sequestrar — esclareço, brincando, erguendo as mãos em rendição. — Só queria conversar com você.

— Então só pode ser assunto sério, pois não acredito que você se deslocou do fim de mundo onde mora até aqui para nada — Georgina cruza os braços em frente ao peito, ainda com os seus olhos injetados de curiosidade e desconfiança. — A propósito, como sabe que moro aqui?

— Barbie comentou um dia. — Dou de ombros, afundando as mãos dentro da jaqueta.

A loira parece ter entendido alguma coisa, pois a sua boca se entreabre em surpresa e os seus olhos ganham um brilho diferente. Agora um sorriso malicioso estampa seus lábios preenchidos por uma grossa camada de batom rosa *pink*.

— O quê? — sopro, não gostando da sua expressão.

— Você veio falar sobre ela — Georgina não está perguntando, está afirmando. Me intimida o fato dela parecer captar as coisas tão facilmente.

— Vim — dou de ombros mais uma vez, tentando parecer casual.

— Então pode falar.

— Não vai me convidar para subir? — pergunto, indicando o prédio atrás de mim com o polegar, numa tentativa de dissipar a minha tensão com o que posso escutar dela. Sei que a garota na minha frente é extremamente sincera e não tenho dúvidas de que não terá papas na língua quando resolver soltar as verdades na minha cara.

— Claro que não! — Ela espalma as mãos na cintura, me olhando com divertimento nos olhos. — Meu apartamento está uma bagunça, não tenho tempo de arrumá-lo faz semanas.

— Tá bom, vou acreditar que é só isso. — Sorrio, vendo-a rolar os olhos. — Então, vou direto ao ponto. A Barbie te contou o que aconteceu entre nós?

— Que vocês se beijaram? É, contou.

— E aí?

— E aí o quê? — devolve, os olhos piscando em inocência.

— Não se faça de sonsa, mulher — Georgina estreita os olhos em minha direção, inspirando profundamente. — Eu só quero saber como ela está.

— Ela está bem, Devin. Ela só está... passando por um momento delicado. Não posso te contar o que é, pois não cabe a mim. O que eu posso te contar é que eu acredito que tudo pode ser resolvido e esclarecido em uma conversa, então você trate de procurar aquela cabeça dura e convencer que você não é um merdinha igual... — Georgina para de falar, e murmura algumas coisas incompreensíveis. — Quer dizer, esquece, só vai atrás dela.

Se eu já estava confuso, Georgina conseguiu me deixar ainda mais.

— Tem certeza? — pergunto, ainda desordenado.

— Tenho. Talvez ela me odeie por um momento, mas algo em mim diz que estou fazendo o certo.

Eu assinto para a loira, girando nos calcanhares para atravessar a rua. Quando subo na moto, coloco o capacete e tudo o que vejo é o prédio e Georgina ficando para trás.

Quando enfim chego até a casa da boneca, admito que fico alguns minutos parado fitando a pintura amarelada da residência, sem saber o que devo fazer.

O *Ford Capri* vermelho de Amber está estacionado, indicando a sua presença em casa e me deixando ainda mais nervoso. Não entender nada da conversa com Georgina é o que me deixa ainda mais aflito, pois só se confirma tudo o que eu vim pensando ao longo desses dias. Só confirma que Barbie realmente está chateada com alguma coisa e que provavelmente o culpado de tudo é o maldito beijo.

Respiro fundo e varro o bairro com os olhos. Tudo está calmo e ameno, fazendo o som do meu coração dançando desenfreadamente dentro da minha caixa torácica ser a única coisa audível por aqui. Eu olho o jardim bem cuidado de Barbie e sua tia, observando as flores que serpenteiam todo o lugar. É tudo tão bonito e organizado, tenho certeza que tem dedo da boneca nisso. Amber parece ser o tipo de pessoa que não dá a mínima para qualquer coisa relacionado a plantio e decoração.

Sorrio com isso e me direcino até a grande árvore que enfeita o lado da sua casa. Coloco as costas no tronco, cruzando os braços logo após. Ao olhar para cima, fito as janelas que dão acesso ao quarto de Barbie. A cortina me impede de ver o cômodo, e a luz acesa revela a sua presença dentro dele. Ao

meu lado, pedrinhas estão espalhadas pela relva verde, então acabo decidindo pegá-las em minhas mãos. Brinco com elas por um tempo, e depois crio forças e jogo uma na janela da boneca.

Nada dela.

Jogo duas, três, quatro.

Na quinta, a janela é aberta, revelando uma Barbie sonolenta. Seus cabelos dourados estão bagunçados em um rabo de cavalo no alto da sua cabeça e ela coça os olhos várias vezes, provavelmente numa tentativa de mandar o sono embora, ou até mesmo numa tentativa de ver se sou mesmo real e não uma tentativa de seu cérebro pregar peças.

— O que você está fazendo aqui? — Sua voz sai num sussurro alto.

— Nós precisamos conversar.

Sua boca está entreaberta e ela pisca algumas vezes. Depois de algum tempo, assente em um manear de cabeça e some do meu campo de visão. Eu espero por ela durante longos minutos, mas depois consigo enxergar sua silhueta se movendo em minha direção pela pouca luz que emana do poste do outro lado da rua. Quando Barbie fica a poucos passos de mim, solto todo o ar que estava acumulado dentro dos meus pulmões.

A garota à minha frente está vestida em um pijama rosa de bolinhas, que parece ser muito maior para o seu corpo esguio. O cabelo, antes preso em um rabo de cavalo, agora está solto em leve ondulações. Consigo reparar nas grandes bolsas ao redor dos seus olhos azuis, que gritam para mim o quão mal ela vem dormindo ao longo desses dias. Consigo reparar também nos seus lábios rachados, mesmo ela deixando-os em uma linha tênue, e em como ela parece tão diferente para mim agora.

— O que você quer, Leblanc? — ela não soa de forma grosseira, e sim curiosa. Dou um passo em sua direção, podendo ver o exato momento em que ela engole em seco, assim como o exato momento em que as suas bochechas ganham uma coloração escarlate.

— Senti saudade — confesso. Não era a primeira coisa que eu pretendia falar quando a visse, mas meu cérebro parece dar pane toda vez que estou em sua frente e minha boca ganha vida própria, sem precisar entrar em um consenso com o meu cérebro.

Sou pego de surpresa ao sentir os seus braços ao redor da minha cintura assim que ela processa minhas palavras. Fico estagnado alguns segundos, tentando processar a informação, pois certamente não era isso que estava esperando como resposta. Meu coração parece bombear sangue para todo o meu corpo de forma ainda mais avassaladora, já que consigo ouvi-lo contra as minhas costelas de forma incessante, assim como consigo ouvi-lo zumbindo no meu ouvido. Balanço a cabeça de um lado para o outro, a fim de sair do transe, retribuindo o seu abraço. Afago os seus cabelos e inspiro o seu cheiro mesclado de creme de morango com xampu de camomila. Minhas mãos estão subindo e descendo pela sua lombar, sentindo-a me puxar ainda mais para si. Não estou conseguindo ver, mas eu posso ter certeza que ela está de olhos fechados.

Cacete, não sabia que eu estava com tanta saudade até estar assim com ela agora.

Barbie não se desvencilha dos meus braços, mas tomba a cabeça para trás para poder olhar em meus olhos. Suas íris estão mais escuras sob a luz do luar, contudo ainda continuam brilhantes, quase consigo ver o meu reflexo através delas. Coloco uma mecha do seu cabelo atrás da sua orelha, vendo um sorriso de canto se esgueirar entre seu rosto por causa do meu gesto.

— Está pronta para ser sincera comigo sobre o que está rondando essa sua cabecinha durante esses dias que passamos longe?

Sua boca abre e fecha diversas vezes, como se estivesse travando uma guerra consigo mesma sobre estar ou não pronta. Um arrepio se alastra por toda a minha espinha cervical só pela maneira intensa em que seus olhos passeiam pelo meu rosto. Por fim, Barbie solta um longo fluxo de ar e assente em um manear de cabeça. O sorriso que eu gosto tanto toma conta do seu rosto, fazendo-me sorrir junto.

— Estou pronta para ser completamente sincera com você.



14

*"Meu bem, se você está cansada de amar,
quem vai te abraçar esta noite?
Você está cansada de amar porque assim
ninguém vai poder te machucar?
Você não quer continuar nadando no
oceano que você choro
Mas eu não vou deixar você se afogar, eu vou
te puxar de volta para o raso."*

DONE WITH LOVE | ZEDD.

Barbie St. Claire

Seus olhos verdes com pintinhas amarelas esquadriham meu rosto com grandes doses de intensidades. Não sei o porquê, mas ele parece ainda mais irritantemente bonito e isso não está facilitando nem um pouco as coisas para mim hoje. Devin está trajando sua habitual jaqueta de couro, calça jeans surrada e as indispensáveis botas pretas pesadas. Seu cabelo castanho escuro, que está sempre estrategicamente arrumado, agora está uma verdadeira bagunça caindo sobre seus olhos, e isso não diminui nem um pouco a sua beleza, eu até me atreveria a dizer que aquilo o estava deixando ainda mais bonito que o normal. Sua boca em formato de coração parece ainda mais avermelhada sob a luz do meu quarto, e ele parece perceber que meus olhos se fixam ali por mais tempo do que eu gostaria, pois umedece-os lentamente, a língua aveludada deslizando perigosamente por ali.

Engulo em seco, a bola de saliva escorregando como se fosse uma massa de concreto por entre a minha garganta. Toda essa tensão palpável circundando nós dois está fazendo a minha mão suar e o meu coração galopar dentro do meu peito. No momento em que disse que estava totalmente pronta para ser sincera com ele sobre as coisas que andaram acontecendo comigo esses dias, fui verdadeira. Estava prestes a lhe contar tudo, por isso não pensei duas vezes em lhe chamar para entrar. Agora já estamos na cama do meu quarto, um olhando para o outro de forma tão enérgica, que nos faz esquecer completamente o fato de tia Amber estar dormindo no quarto ao lado. Nossos olhos parecem conversar entre si, talvez seja por isso que ele espera tão pacientemente para que eu resolva abrir a boca. Talvez ele esteja vendo a batalha interna que travo comigo mesma agora faiscando através deles.

Não é fácil reviver o passado, mesmo que esse tenha voltado para assombrar a minha vida e impedir que eu prossiga vivendo como uma garota normal da minha idade. Não é fácil lidar com o turbilhão de sentimentos que se apossam do meu coração, assim como também não é nada fácil externá-los. Apesar de tudo, não me arrependo de ter cedido ao beijo e ao seu charme, estava escrito na minha testa em letras garrafais o tanto que eu queria aquilo naquele momento. Mas, para ser sincera, o sentimento que tomou conta de cada molécula do meu ser no segundo após aquele evento foi o ponto específico de todo o problema.

Eu me senti a velha Barbie. Eu me senti a droga da garota de quatro anos atrás. A droga da garota que eu jurei nunca mais ser. Eu me senti exatamente como no dia que em ele me beijou no vestiário da escola.

Nas nuvens.

Anestesiada.

Irritantemente feliz.

Os três sintomas que antecederam a minha ruína. Assim que eu os percebi em mim naquela noite do parque, alerta vermelho foi soado e piscou por todo o meu corpo. O perigo era claro, era nítido, e eu sabia que não poderia me deixar ser tão vulnerável novamente.

Jasper Clement foi a minha ruína. Ele chegou sorrateiramente, com aquele sorriso torto, aquele ar francês, me conquistando logo de primeira. Eu era só uma garota na adolescência com uma família completamente desajustada, e que tinha a necessidade de se sentir amada. Assim que nos tornamos melhores amigos, passei a depositar toda aquela minha vontade e necessidade em cima dele. Depois que nos beijamos, tudo piorou. Ele passou a estar muito mais na minha cabeça, no meu coração e em cada pedaço de mim. Não demorou muito para começarmos a namorar, também não durou muito para que eu o considerasse o grande amor da minha vida, depositando toda a minha felicidade bem nas suas costas. Se estávamos bem, eu era a pessoa mais feliz do universo. Se estávamos mal, eu era a pessoa mais triste e deplorável da face da Terra.

Nós não éramos de brigar muito, tínhamos até que um relacionamento saudável perante a sociedade. Nossas famílias se adoravam, logo não demorou muito para que eles se tornassem amigos. Algumas festas, jantares e meses depois, meu pai viu no pai de Jasper uma ótima oportunidade para crescer a sua empresa, tornando-o seu sócio.

E foi aí que tudo começou a dar certo para a família Clement. Também foi exatamente aí que tudo desmoronou para mim e para papai, afinal, o motivo da empresa ter começado a ir para o buraco foi inteiramente deles.

Eles não se importavam com absolutamente nada quando o assunto era

ganhar mais e mais dinheiro, por isso não se importaram em sugar a maior quantidade possível do novo amigo da família. Também não se importaram em usar o filho para chegar a este fim sujo e doentio.

Jasper Clement entrou naquela escola cheia de pessoas de alta sociedade em busca de um alvo fácil. Ele era obstinado, e a garota de coração quebrado e ingenuidade intensa foi o mais fácil que ele encontrou. Não foi difícil me engambelar, tão pouco se aproveitar da minha fragilidade para fingir que também retribuía o meu sentimento. Eu acreditei veemente nele, acreditei que ele realmente me amava, acreditei em cada palavra mentirosa que saía por entre seus lábios. Porém, a única coisa que Jasper conseguiu amar em mim foi o fato de ter conseguido me fazer de escada para conseguir aumentar a fortuna da família de um jeito extremamente simples, fácil e rápido.

— Como seu pai descobriu? — Devin pergunta, assim que termino de contar cada detalhe da história. Suas íris brilham em surpresa, seus lábios permanecem entreabertos e um vinco está formado entre as suas sobrancelhas, evidenciando o seu choque ao processar tudo que eu havia jogado em seu colo.

— Chegou um momento que meu pai acabou desconfiando, encurralou o cara e ele, sem saída, acabou confessando. — Dou de ombros, tentando parecer casual. Enxugo o suor das mãos na calça do pijama e o olho com atenção.

— Conseguiram pegá-lo? — Ele inclina seu corpo para a frente, ficando os cotovelos sobre as pernas. Eu tenho certeza que ele não entendeu o rumo da conversa e nem o que aquilo teria a ver, mas não externa isso, apenas aceita e continua com as perguntas para se inteirar na história.

— Não, parece que o cretino era experiente e não deixou nenhum tipo de rastro. Eles também fugiram logo depois.

— E como você tem tanta certeza que esse Jasper só se aproximou por interesse?

— Quando fiquei sabendo do ocorrido, fui atrás dele para tentar entender se ele sabia dos planos do pai. — Dou uma pausa ao deixar a minha boca em uma linha tênue. Sinto que lágrimas ameaçam cair a qualquer segundo, mas respiro fundo e continuo: — Chegando lá ele começou a se atrapalhar com as próprias palavras, não falava nada com nada. Logo suspeitei que ele sabia, então o pressionei e ele acabou confessando que tudo foi parte de um plano. Depois tentou chorar, implorou perdão, disse que se arrependia, que tinha acabado se apaixonando por mim, mas eu não acreditei. Eu o dei as costas, fui embora para casa com o meu coração destroçado e nunca mais tive notícia do seu paradeiro. Ele fugiu com os pais no dia seguinte, deixando a minha vida ainda mais ferrada do que já era.

— Filho da puta! — Exclama, uma leve irritação sendo evidenciada em seu tom de voz rouco e grave.

— É, eu sei — sopro, fitando os meus próprios pés se balançarem. — Deve ser por isso que meu pai teve um infarto poucos meses depois. Não deve ter aguentado tamanho desgosto.

Devin se arrasta na cama e fica a poucos centímetros de mim. Sua cabeça tomba para o lado, e ele parece usar aquele ângulo para conseguir me estudar melhor.

— Eu nem consigo imaginar o quão difícil deve ter sido para você lidar com isso. Se eu pudesse, quebrava a cara desse francês estúpido em mil pedaços, mas, infelizmente, ou felizmente, não o conheço.

— *Felizmente* você não o conhece — friso.

— É — Devin afirma com a cabeça, soltando um riso nasalar. Depois de alguns segundos, apruma a postura, os olhos injetados de confusão em minha direção. — Não quero soar insensível boneca, mas o que tem a ver com o que aconteceu entre nós?

Eu fico um tempo ainda fitando os meus pés, eles parecem balançar ainda mais agora depois da sua pergunta. Minha respiração também se torna acelerada e vem acompanhada de uma falta de ar incômoda. Sinto-me incapaz de respirar com a profundidade e velocidade necessária, tornando a dispneia um forte problema agora. Não sei como externar tudo, não sei colocar meus pensamentos em ordem, tudo parece muito difícil e confuso para mim. Não sei se estou certa, ou se sou apenas uma paranoica, mas eu não posso deixar aquele sentimento voltar. Não depois de tanto tempo tentando sufocá-lo.

— Desculpa, Devin — solto, o olhando unir as sobrancelhas. — Mas aquilo não pode mais se repetir. Minha amizade é a única coisa que posso te oferecer.

Ele pisca algumas vezes, parecendo processar direito o que acabara de ouvir.

— Você está insinuando que eu sou como ele? — Devin aumenta o tom de voz, a mandíbula cerrada em um sinal claro de raiva. — Está insinuando que eu me aproximei por querer algo em troca?

Ele se levanta da cama em um ímpeto, marchando em círculos pelo quarto como se fosse cavar um buraco bem ali mesmo. Vejo o exato momento em que seu punho fica cerrado ao lado do corpo, evidenciando o seu descontentamento. Eu nunca o tinha visto com raiva antes.

— Céus, Devin, é claro que não! — Me levanto, impedindo-o de continuar a andar ao me pôr na sua frente. — Eu jamais pensaria isso.

Leblanc inspira profundamente, desviando seu olhar do meu. Ele passa as mãos pelos cabelos novamente, bagunçando-os ainda mais. Quando seu olhar volta para mim, sinto que a raiva acabara de abandoná-lo.

— Então o que você está querendo dizer com toda essa história? — pergunta, realmente mais calmo. — Cacete, mulher, você me deixa confuso — bufa, sentando-se novamente na beirada da cama.

Eu sento ao seu lado e o encaro.

— O que eu estou querendo dizer com toda essa história é que, mesmo não parecendo, ainda sou uma garota ferida por dentro. Admito que melhorei muito ao longo desses anos, admito ter gostado um pouco mais de mim, admito ter me tornado um pouco melhor, principalmente aqui em Helloware, mas, no fundo, ainda continuo tendo os meus demônios e, de vez em quando, eles voltam para me assombrar — digo, sentindo o nó se formar na minha garganta. — Não posso e nem quero colocar a minha felicidade nas costas de ninguém novamente. Não posso me doar para outra pessoa enquanto ainda preciso me doar por inteira para mim mesma.

— Desculpa por ter agido por impulso, não queria ferrar com tudo — ele diz segundos depois. Seus ombros estão caídos, como se estivesse sobrecarregado com tudo que acontecera entre nós esses últimos dias.

— Relaxa, você não ferrou com nada. De qualquer forma, até que você beija bem, *huh?* — brinco, empurrando meu ombro levemente contra o seu. Assim que me olha, percebo um sorriso crescer em seu rosto.

— Não dá para acreditar no seu papo de querer ser só minha amiga se você ficar falando essas coisas — ele rebate assim que choca o seu ombro no

meu dessa vez. Não consigo segurar a risada, sendo acompanhada por ele logo depois.

Fico feliz por ele não ter insistido no assunto. De todas as qualidades de Devin, a que eu mais gosto é, sem sombra de dúvida, a maneira como ele sempre respeita as minhas decisões e escolhas. Sinto o meu coração se aquecer dentro do meu peito por causa disso. Também sinto a tensão entre nós se dissipar, deixando tudo ao nosso redor mais leve.

Nós somos muito bons mesmo nesse lance todo.

Devin pega impulso para se levantar, olha as horas no relógio do seu pulso e fala:

— Já está tarde, preciso ir.

— Por que você não fica? — peço baixinho, a voz saindo quase em um sussurro. Não sei que tipo de pedido é aquele, mas as palavras saíram mais rápido do que eu pude processar.

Ele me olha sobre os ombros, a boca se esticando em um sorriso carregado de maldade.

— Tem certeza que você quer ser mesmo só minha amiga? — Devin ri, o que me faz revirar os olhos de forma teatral.

— *Há Há Há.* — Finjo uma risada, cruzando os braços em frente ao peito. — Você sabe que só estou pedindo para compensar o tempo que ficamos longe.

— Fico lisonjeado com o pedido, mas não vou dormir na sua cama. Tenho medo da sua tia.

Eu tombo a cabeça para trás e abafro as minhas gargalhadas com a mão.

— Você subestima a minha tia demais. A única coisa que ela iria fazer ao flagrar você na minha cama é dar risada. — Sou eu quem rio, mas quando me atento a um detalhe que deixei passar, o fito de maneira séria. — A propósito, quem foi que disse que você dormiria na minha cama?

— Bom, só vejo a sua cama para dormir aqui. — Dá de ombros, varrendo o cômodo com os seus olhos.

— Então vê direito, pois estou achando que o chão é uma ótima opção para você.

Ele gargalha e tira a sua jaqueta de couro, ficando só com a sua camiseta cinza lisa. Depois tira as botas pesadas com a ajuda dos calcanhares, jogando-as para qualquer canto do meu quarto.

— Vai sonhando que eu vou dormir no chão, boneca, vai sonhando! — Devin ruma para a minha cama e se joga no colchão. Ele dá batidinhas no lugar ao seu lado, pedindo para que eu o acompanhe ali.

Reviro os olhos com o seu jeito folgado, arrasto meus passos para ir até o interruptor na parede, apago a luz acesa do quarto e, segundos depois, já estou me deitando ao seu lado, escutando sua risada baixa enquanto me cubro com o cobertor. Apoio-me nos cotovelos, semicerrando os olhos em sua direção ao dizer:

— Se você encostar a mão em mim durante a noite, juro que te mato asfixiado com o travesseiro.

— Você manda, eu obedeço — ele diz com um ar engraçado, virando-se para o outro lado. Não consigo segurar o sorriso idiota que se forma no meu rosto depois.

Volto a me deitar, virando para a direção oposta. Consigo sentir meu

coração dançando em movimentos frenéticos dentro da minha caixa torácica, fazendo-o zumbir em meus ouvidos. Fecho os olhos e respiro fundo ao tentar acalmá-lo de forma precisa. O problema é que não consigo obter resultado, pois logo sinto algo acontecer na cama. Em um movimento brusco, Devin me puxa para si e faz as minhas costas colarem no seu peito. Também entrelaça o braço em torno da minha cintura. Sinto a sua respiração ondular no meu pescoço, assim como um arrepio se alastrar. Engulo em seco, sentindo o calor sendo emanado do seu corpo.

Ali, nos braços de Devin, acabo adormecendo e dormindo maravilhosamente bem como não havia acontecido há dias.



Quando acordo de manhã, não vejo Devin mais ao meu lado.

Queria que ele ao menos tivesse se despedido, mas não duvido que ele possa ter saído o mais rápido possível por medo de trombar com tia Amber pelo corredor.

Rio ao pensar na cena e retiro o cobertor de cima de mim, me espreguiçando com os braços em formato de X. Sinto-me muito mais disposta para enfrentar o longo dia de hoje. Com isso, me levanto em um rompante e marcho até o banheiro do quarto para fazer as minhas necessidades matinais. Quando retorno para o quarto com a toalha ao redor do meu corpo, solto um gritinho por encontrá-lo sentado despretensiosamente na minha cama.

— Bom dia, boneca — Devin sorri torto, analisando-me dos pés à cabeça. Engulo em seco com a sua análise descarada e acabo por apertar ainda mais o nó da toalha em meu corpo.

Permaneço estagnada, o olhando com os olhos banhados de confusão.

Ele sorri ainda mais assim que coloca os braços atrás da sua cabeça.

— Achei que tivesse ido embora — digo, obrigando meus pés a saírem daquela posição. Vou até o guarda-roupa e busco pelo uniforme do trabalho.

— Fui só beber água. — O fito sobre os ombros, vendo-o encarar o teto. — Inclusive, encontrei sua tia na sala. Ela realmente riu ao me ver aqui.

Meus lábios se erguem sutilmente e eu assinto sua informação em um manear de cabeça.

— Eu disse que ela iria achar engraçado. Quando você for embora, já sei que ela vai me parabenizar achando que finalmente rolou algo entre nós.

Devin não diz nada, apenas solta um riso nasalar.

— Aonde você vai? — pergunta, vendo eu direcionar meus passos de volta para o banheiro.

— Me trocar — respondo, como se fosse óbvio. Seu sorriso cresce ainda mais no seu rosto, fazendo-me arquear uma sobrancelha em sua direção.

— Poxa. — Ele projeta o lábio inferior para baixo ao fingir tristeza. — Achei que fosse se arrumar na minha frente. — Agora ele me olha maliciosamente, e eu só consigo bufar e revirar os olhos.

— Cala a boca, Leblanc. — Fecho a porta do banheiro com uma certa força, mas consigo ouvir sua risada ecoar por entre o cômodo. Mordo um sorriso, balançando a cabeça de um lado para o outro ao tentar fingir que as suas provocações não me afetam.

Não demora muito para que eu termine de vestir o uniforme verde água do *Fast Rocket*, me olhando no espelho com certo desgosto. Eu acho esse traje tão brega.

Passo as mãos pelo comprimento do cabelo e o sinto bater quase na altura da minha cintura. Desde que cheguei em Hellaware, meu cabelo cresceu muito e eu estou amando vê-lo desse jeito, já que nunca consegui deixar nesse comprimento. Gosto de como me deixa ainda mais bonita, mesmo me fazendo sofrer ainda mais por conta do calor dessa cidade.

Assim que abro a porta, Devin está em pé a poucos passos de mim, encarando-me com os braços cruzados.

— Achei que tivesse desmaiado no banheiro.

— Por quê? — Me esquivo do seu corpo, pego o kit de maquiagem e me direciono até o espelho do quarto.

— Você demorou demais. — Mesmo que eu não o esteja olhando, posso sentir os seus lábios se curvarem em um sorriso genuíno, deixando a sua covinha em evidência.

Apenas rio e depois passo um pouco de base, blush e rímel nos olhos. Quando acabo, viro-me em sua direção e espalmo as mãos na cintura, o olhando como se estivesse perguntando: *"e aí, como estou?"*

— Uau. — Assovia ao percorrer os olhos de cima até embaixo, depois de baixo até em cima. — A garçonete mais linda do *Fast Rocket*.

Eu sorrio timidamente, sentindo as minhas bochechas queimarem. Droga, já era para eu estar acostumada com os seus elogios, afinal, ele é muito bom nisso.

— Obrigada pelo elogio. — Faço um sinal de reverência, escutando Devin soltar uma gargalhada gostosa. Quando o fito, não consigo não sorrir também. — Vai querer tomar café? Ainda temos tempo, não estou atrasada — digo assim que encurto nossa distância.

Ele assente e sorri sem mostrar os dentes. A covinha se evidencia, o que acaba me obrigando a levar meu dedo indicador até a sua bochecha e afundá-lo por lá. Devin finge não gostar quando eu faço isso, por isso afasta seu rosto do meu dedo como se eu fosse alguma maluca lunática.

— Para com isso — grunhe, mas não consegue esconder o sorriso por muito tempo. — Enfim, se você preferir, podemos comprar alguma coisa e comer no píer de Sun Valley. Quero aproveitar mais tempo com você, acho que dormir de conchinha não foi o suficiente.

— Nós não dormimos de conchinha. — Tento contrariá-lo, cruzando os braços. Mordo o interior da bochecha, ele apenas ri.

— Não tente negar, mocinha. Você sabe que nós dormimos de conchinha — Eu abro a boca para tentar negar novamente, mas sou impedida pelo seu braço se enganchando ao redor do meu cotovelo e me arrastando para fora do cômodo.



O píer de Sun Valley está vazio, só Devin e eu estamos por aqui. O céu está pintado por um rosa vibrante e um laranja clarinho. As gaivotas passeiam por ele e cantam alto, fazendo-nos observá-las com fascínio nos olhos. Sinto o cheiro de água salgada invadir com tudo os meus pulmões, deixando-me ainda mais relaxada.

Eu nunca vou me cansar da paisagem desse lugar. Nunca vou me cansar de observar o céu, as gaivotas e o mar de águas cristalinas. Certamente é um dos meus lugares favoritos nessa cidade. Estar aqui com Devin, depois desse tempo em que passei por maus bocados, mesmo que por poucos dias, faz com que meu coração se aqueça dentro do meu peito, deixando-me muito

mais feliz.

Observo Leblanc por rabo de olho, ele está com um Capuccino em mãos assim como eu, passeando os olhos pelo céu com certo brilho de adoração. Se eu fosse uma artista, faria uma pintura expressionista com essa cena bem agora. Certeza que faria o maior sucesso, pois é tudo muito lindo, principalmente o garoto ao meu lado. Van Gogh certamente ficaria com inveja do resultado.

Encurto mais a nossa distância, tombando a minha cabeça em seu braço. Ergo os olhos para admirar seu rosto, vendo um lindo sorriso ser mandado para mim.

— O que você fez comigo, Leblanc? Não sabia que era possível ficar com tanta saudade de alguém assim. E olha que só se passaram apenas quatro dias — solto baixinho e fecho os olhos. — Não posso me tornar tão dependente de você assim, então sugiro que a gente pare de se ver todo dia — brinco, e a sua mão se repousa em minha lombar.

— Impossível. — Ri, balançando a cabeça de um lado para o outro. — Não consigo ficar sem ver você todos os dias. Me dá saudades.

— É, eu imaginei que sim. — Finjo um esnobismo e levanto os ombros. — Obrigada por ser tão paciente comigo e me entender tão bem — digo ao entrelaçar o braço em sua cintura. Ele me olha com um brilho intenso em suas íris, assentindo com a cabeça.

— Não precisa agradecer, boneca. É o mínimo que eu poderia fazer por você.

Eu o aperto contra mim ainda mais, sentindo meu coração pular um pouco por causa disso.

— Vamos? — Devin pergunta ao se afastar minimamente, estendendo a sua mão para mim. Eu a pego sem pensar duas vezes.

Como Sun Valley é perto de Starryland, nós dois caminhamos até lá juntos. Conversamos sobre algumas coisas que aconteceram entre nós esses dias. Ele acaba me revelando sobre o novo nome do MotoClub. A propósito, gostei bastante. É muito a cara de todos eles.

Assim que passamos pela porta de madeira, caminhamos ainda mais um pouco até avistarmos a lanchonete da cor do meu uniforme, o foguete enorme pendurado em cima. As letras do estabelecimento piscam para nós como luzes de natal, assim como a de frente do parque.

— Bom trabalho hoje, boneca — ele diz, assim que paramos em frente à porta. Nossas mãos ainda estão entrelaçadas, nenhum dos dois parece querer soltar primeiro.

— Obrigada. *Por tudo* — friso, soltando a sua mão primeiro só para poder depositar um beijo casto na sua bochecha.

Devin sorri e aperta meu nariz. Eu contorço o rosto em uma careta, porém ele logo solta.

— Até mais, Barbie.

— Até, Leblanc.

Ele gira nos calcanhares para sair dali, embora não sem antes me lançar mais um dos seus belos sorrisos. Minhas pernas ficam bambas nesse momento, mas ignoro completamente, o observando ir embora até sumir do meu campo de visão. Quando me viro para adentrar o estabelecimento, a figura de Georgina se materializa na minha frente. Seus fios curtos e loiros estão presos em um coque arrumado, deixando-a mais séria e ainda mais

bonita ao deixar todo seu rosto em evidência. Pintinhas serpenteiam sua bochecha, que está ainda mais corada pelo blush rosa, e seus cílios estão enormes pela boa caprichada no rímel. Os lábios, sempre pintados por uma grossa camada de batom, agora estão preenchidos apenas por gloss labial. Ela os estica em um sorriso malicioso, fixando seu olhar em um ponto específico atrás de mim.

— Fico feliz dos pombinhos terem se resolvido — ela diz, finalmente. Depois, volta seu olhar para mim. — Por que ele saiu da casa dele só para te trazer até aqui a essa hora? — pergunta logo após, as íris injetados de curiosidade.

Eu deixo a minha boca em uma linha tênue, fitando o chão por breves segundos. Antes que eu possa falar qualquer coisa, sou impedida pela sua risada estridente e escandalosa ecoando pelo parque quase deserto.

— Espera. — Me impede de falar novamente, erguendo a palma da mão na minha frente quando me observa abrir e fechar a boca. — Vocês dormiram juntos, não foi? — Eu não a respondo, por isso seu sorriso cresce ainda mais. — Caralho. Vocês dormiram mesmo juntos.

Eu balanço a cabeça de um lado para o outro, rindo. Serpenteio o seu corpo, adentrando o local. Sinto seus passos atrás de mim e, sem me preocupar em como aquilo soaria para ela, digo em alto e bom tom:

— É, nós dormimos *mesmo* juntos.



15

*"Acenda minhas velas
Tenho que fazer um desejo
Embrulhe o presente
E sele com um beijo."*

B-DAY SONG | MADONNA.

Barbie St. Claire

Hoje é quatro de julho. O tão famoso quatro de julho para os estadunidenses, até mesmo para àqueles que nem se consideram tão patriotas assim. Hoje as pessoas comemoram o dia em que os Estados Unidos romperam o vínculo colonial que existia entre as Treze Colônias e a Inglaterra. Hoje as pessoas comemoram pelo fato dos Estados Unidos da América ter se transformado na primeira nação do continente americano a ter sua independência. Hoje as pessoas celebram e agradecem aos céus pela liberdade, pelo amor e pelo orgulho da pátria em que vivem.

Eu, por outro lado, só consigo questionar a ironia do destino por ter nascido exatamente nessa data em específico. Enquanto eu detestava com todas as forças esse dia e era sugada por uma bolha de melancolia irritante dentro de mim, as pessoas ao meu redor pareciam amar e celebrar o quatro de julho com fervor, instigando o meu lado egoísta a se aflorar, aquele lado que

queria ver todos experimentando da dor e do peso que só essa data conseguia proporcionar para mim. Porém, como aquele lado era mínimo e eu não conseguia sustentá-lo por muito tempo, não bastava mais do que cinco segundos para que eu me conformasse e acreditasse que todo o sofrimento deveria mesmo ser depositado unicamente sobre mim.

Ainda assim sentia que tudo parecia um tipo de piada estúpida. Até mesmo um tipo de maldição dos céus para comigo. Talvez a maldição não fosse ter que assistir aquelas pessoas se afundando em um mar repleto de felicidade e celebração enquanto eu me afundava em culpa e amargura todos esses anos, talvez a maldição seja saber que, mesmo querendo, eu nunca seria capaz de desfrutar daquele sentimento.

Bufei frustrada, assistindo o *Fast Rocket* enchendo-se cada vez mais de pessoas. Por ser um feriado importante, a lanchonete não parou, assim como *Starryland* em si. Hoje tem algum tipo de festival no parque, e não procurei saber muito como ocorrerá, mas sei que deve ser altamente famoso na cidade só pela quantidade de pessoas que entram e saem por aquela porta em questão de segundos.

Sr. Wilson fez questão de adornar o estabelecimento com bandeirinhas do nosso país. Tem bandeirinha na mesa, que se encontra perto dos guardanapos, tem nos balcões, na porta, nas janelas, e até mesmo uma em formato de broche nos uniformes das garotas. Hoje também é um daqueles dias em que ele se veste como garçoneiro, fazendo graça para atrair os clientes. Como a Georgina havia me dito uma vez, é realmente aterrorizante ver o senhor de meia idade vestido daquela forma perante aos meus olhos e de toda a população.

Balanço a cabeça de um lado para o outro, tentando afastar aquelas imagens ao servir milk-shakes de morango e batatas fritas para uma família

digna de comercial de manteiga.

Percebo as roupas despojadas de verão da criança, assim como um sorriso sapeca se esgueirar entre seus lábios finos no exato momento em que ela crava os olhos cor de âmbar no líquido rosa. A mãe, tão bonita quanto a filha, tem a pele bronzeada, os fios curtos alaranjados e os seus olhos mais puxados para o verde perscrutam a menina com grandes doses de admiração e carinho, vendo-a se esbaldar com as batatinhas. O pai, bem em frente das duas, com toda aquela áurea masculina e paternal, encosta o queixo quadrado na palma da mão e suspira apaixonado com a cena que se desenrola logo a seguir. A ruiva, que possui bochechas naturalmente rosadas e um óculos de sol em formato de coração repousado no alto da sua cabeça, recebe da sua mãe uma leve quantidade de chantilly bem na ponta de seu nariz empinado.

Sua risada doce reverbera por todo local, sendo acompanhada pela sua família aparentemente feliz logo depois, martelando-as ferozmente dentro da minha cabeça, fazendo tudo ao meu redor girar. O meu estômago parece querer despejar toda comida do café da manhã e meus olhos ardem pela força que imponho neles ao tentar afastar a água cristalina formando-se rapidamente por ali.

Sem conseguir suportar aquilo por mais tempo, giro nos calcanhares, caminhando em passos largos e firmes até estar dentro do pequeno banheiro da lanchonete. Fecho a porta com certa força, deslizando sobre ela até encostar as nádegas no chão. Trago as minhas pernas até estas se encontrarem na altura do meu queixo, permitindo-me soltar tudo que estava guardando durante esse tempo. Meus soluços são baixos e contidos, mas as lágrimas quentes são desenfreadas e deslizam por toda extensão da minha bochecha, respingando gotículas salgadas na minha boca. Sinto minhas mãos trêmulas e, mesmo que eu faça força para resgatar o ar, ele parece convencido a não

seguir o caminho trivial até os meus pulmões.

Nesse meio tempo em que estou tentando recuperar o ar, escuto a trinca de uma das cabines do banheiro ser aberta, revelando uma Pasha Stratford confusa ao me fitar naquela situação precária. Os fios ruivos do seu cabelo escorrido estão presos em um rabo de cavalo bagunçado, algumas mechas emolduram o seu rosto delicado. Os olhos castanhos, que sempre estão impassíveis, parecem me analisar com certa preocupação.

— Você... — Ela pigarreia, dando um passo cauteloso em minha direção. Eu me levanto rapidamente, secando as lágrimas com o dorso da mão. — Você está bem? — Sua voz sai acanhada. Sei o quão difícil deve estar sendo para ela dar o braço a torcer da sua atuação de garota que não se importa com nada e nem com ninguém, mas me mantenho levemente emburrada mesmo assim.

— Desde quando você se importa? — respondo, passando por ela para ir até a pia jogar água em meu rosto. Não tive a pretensão de ser grosseira, nem o meu tom de voz saiu daquela forma, mas vejo sua testa crispada e a sua boca entreaberta pelo reflexo do espelho.

— Eu não me importo, Barbie — garante, revirando os olhos ao rir sem humor. — Por que você acha que eu me importaria? Nós nem somos amigas. — Dá de ombros ao analisar cada uma de suas unhas longas pintadas pela cor vermelha.

Acabo rindo sem humor também ao desligar a torneira para pegar alguns papéis toalha a fim de secar o rosto e as mãos. Quando jogo tudo no lixo, viro em sua direção com os braços cruzados. Ela estreita os olhos em minha direção, como se estivesse esperando eu falar alguma coisa. Solto uma lufada de ar, dizendo alguns segundos depois:

— Então não faça perguntas das quais você não quer saber a resposta.

— Tudo bem. — Pasha bufa, jogando os braços ao lado do corpo. — Não precisa vir com sete pedras na mão para cima de mim. Eu só achei estranho te flagrar chorando no banheiro como se estivesse protagonizando um filme qualquer de drama romântico, já que você sai por aí esbanjando seu melhor sorriso e sendo simpática com todos sempre.

— É. Mas a garota simpática não resolveu dar as caras hoje.

— Percebi. — Seu tom é irônico, me faz arquear uma sobrancelha em sua direção. — Hoje foi o dia da garota chorona e resmungona aparecer. — A ruiva tem um sorriso mínimo nos lábios carnudos após soltar a frase, evidenciando a sua tentativa de brincar comigo.

Pasha Stratford estava tentando ser... legal? Aquele dia realmente estava sendo estranho.

— Então, *miss simpatia*, conte-me o que está lhe afligindo hoje. — Suas mãos estão espalmadas na cintura e o seu ombro está escorado no batente da porta de uma das cabines. Pasha me olha minuciosamente, tentando me decifrar. — Se for sobre esse dia ridículo, gostaria de deixar claro que também detesto. As pessoas parecem ter memória curta sobre todas as merdas que esse país já fez e continua fazendo, principalmente quando se trata do nosso querido presidente Bill Clinton.

Mesmo triste, não consigo não dar risada com a fala de Pasha. Não sabia que ela era reiterada nas questões diplomáticas do país. Na verdade, não conheço muito da garota, mas me parece ser bem mais legal do que tenta mostrar, até mesmo bem inteligente.

— Não estou chorando por causa das questões da presidência e do que acontece na vida particular do Bill Clinton — admito, rindo. — Mas,

infelizmente, tem a ver com esse dia mesmo. É tudo muito complicado para mim.

— Se quiser desabafar... — Pasha deixa a frase pairando no ar, erguendo os ombros como se quisesse dizer "*estou aqui, pode falar.*" Com isso, uno as sobrancelhas, sem entender quem era aquela garota que estava falando comigo. — Não me importo... só que tem algo em mim que diz que preciso ser educada. Sabe como é, não sou uma vaca completa.

Eu rio, concordando com aquilo. Não vejo problema em falar para Pasha o que vem apertando meu coração, talvez a sua falta de importância com a minha pessoa a faça não me olhar com olhos julgadores. Às vezes as pessoas não me entendem, acham que é tudo frescura ou até mesmo vitimismo, mas só eu sei a dor que eu carrego comigo.

— Hoje é meu aniversário — confidencio.

A ruiva abre a boca em um perfeito "O" na mesma hora em que aquela frase sai, me olhando com as sobrancelhas arqueadas quase que no couro cabeludo.

— Meu Deus, parabéns! Você não contou nada. — Ela se aproxima, dando tapinhas no meu ombro. Talvez essa tenha sido a forma que encontrou de me parabenizar, pois definitivamente não é uma garota de abraços. Apenas sorrio amarelo, dando de ombros. Pasha semicerra os olhos com a minha falta de empolgação, dizendo logo após: — Esse é o problema? Estava chorando por causa do seu aniversário?

— Hum-hum.

— E qual o problema de fazer aniversário? Não seria um dia importante para você agradecer e comemorar por mais um ano de vida?

— Seria, Pasha, realmente seria. O problema é que, além desse dia ser o meu aniversário e um feriado super importante para o país, ele também é o dia em que a minha mãe morreu.

A expressão curiosa de Stratford se desmancha, tornando-a quieta por longos segundos. Ela leva os glóbulos ao chão, fitando algum ponto aleatório do pavimento de cerâmica do banheiro. O silêncio que circunda nós duas não me deixa constrangida ou algo do tipo, mas logo ele é interrompido pelo arranhar de garganta da ruiva.

— Eu entendo o que você sente, Barbie. — Seus glóbulos agora estão fixos aos meus, posso perceber o brilho de compreensão que passa por eles. — Perdi minha irmã de sete anos para a leucemia no dia treze de fevereiro do ano passado. — Pasha dá uma pausa para engolir em seco. Alguns segundos depois, continua: — É o pior dia do ano para mim. Na verdade, todos os dias do ano vêm sendo difíceis, mas nada supera tudo o que eu senti quando esse dia chegou para mim.

Nesse momento, estou em choque. Definitivamente em choque. Não imaginaria nunca que Pasha havia passado por uma coisa tão trágica e traumática quanto aquela. Meu coração aperta ainda mais dentro do peito, pois me sinto tão estúpida agora. Fico por aí achando que todos possuem uma vida melhor que a minha, colocando o meu sofrimento como maior do que tudo, quando, na verdade, muitas pessoas passaram e continuam passando por coisas ainda piores. Eu nem consigo imaginar o quão doloroso deve ter sido perder uma irmã tão nova para uma doença tão catastrófica como aquela. A morte da minha mãe é uma coisa que me afeta, que me corrói por dentro. Eu me sinto culpada e, claro, sinto a sua falta, mesmo que nunca tenha tido a chance de sentir a sua presença perto de mim. Porém, apesar disso, eu nunca cheguei a conhecê-la. Tia Amber fez o que pôde por mim mesmo longe e eu

tinha a minha babá e os funcionários da casa como uma verdadeira família.

Além do meu pai, claro.

A minha dor seria ainda muito maior caso eu a tivesse perto de mim e depois alguma força superior a tirasse como tirou a irmã da Pasha.

— Sinto muito, Pasha — digo baixinho, sendo a mais sincera possível.

Ela inspira profundamente, assentindo. Se direciona até o espelho e solta os cabelos do rabo de cavalo. Agora eles estão caindo em cascatas sobre seus ombros, completamente lisos e alaranjados. Pasha encara seu reflexo por um tempo, retirando o barrado do gloss nos cantos dos lábios. Quando termina de se arrumar, vira para me encarar e apoia as mãos na pia atrás de si.

— Meus pais ficaram completamente desolados. Eu não conseguia fazer nada para ajudá-los mesmo que eu quisesse, pois eu me encontrava ainda mais destruída. Acho que alguma coisa dentro de mim morreu também naquele dia treze. Eu não sou mais a mesma e, para ser sincera, nem me lembro mais de quem sou. Foi por isso que vim morar com meu tio por um tempo, acabei transformando a minha vida em um completo caos no Alasca.

Minhas mãos estão suando, indicando o meu nervosismo. Não sei o que falar agora, parece que nada que eu formule no meu cérebro chegue em algo suficiente e acalentador. Tento abrir a boca para começar a falar, mas sou impedida pelo seu dedo indicador levantado, anunciando que ainda tinha algo para falar.

— Desculpa por te chamar de miss simpatia, eu não imaginava que por trás de todo seu sorriso existia uma garota quebrada. — Pasha soa realmente preocupada, e eu sorrio com aquilo. O Sr. Wilson tem mesmo razão, ela não é de todo ruim. — Se você quiser, podemos tentar superar nossas perdas juntas. Sei lá, uma dando suporte a outra, ou algo do tipo.

— Eu adoraria. — Sorrio ao sentir a sensação sufocadora de minutos atrás se dissipar só pela forma acolhedora que ela me observa. Saber que Pasha Stratford entende a minha dor acaba me acalentando mais do que eu imaginei que aconteceria. — Mas a gente precisa voltar agora. Seu tio deve estar de cabelo em pé nos procurando.

Sua risada ecoa no pequeno ambiente quando estou me virando para alcançar a porta. Sou impedida de sair do local por sua voz me chamando, então a olho sobre os ombros.

— Sim?

— Se contar alguma dessas coisas para alguém, juro que faço o meu tio te demitir. — O divertimento em seu tom de voz é nítido, me faz assentir em um manear de cabeça com um sorriso genuíno nos lábios.

— Esse é o nosso segredo, Pasha Stratford — digo, tocando na maçaneta para dar o fora dali e me concentrar plenamente no meu trabalho. Quando estou para fechar a porta, vejo o sorriso de Pasha iluminar todo o ambiente.

Nunca imaginaria que a ruiva fosse fazer eu me sentir um pouco mais reconfortada. De todas as coisas malucas desse dia, essa é uma das que vou lembrar com um sentimento genuíno de felicidade.



Assim que subo os degraus da varanda da minha casa, olho de soslaio para a garota ao meu lado. Pasha está livre do uniforme do *Fast Rocket*, usando um cropped preto e justo, uma saia também apertada e da mesma cor. Como se não bastasse estar fabulosa só com aquelas peças, a garota do Alasca optou por cobrir todo seu look com um blazer quadriculado de cor

azul marinho e vermelho, que termina no mesmo lugar da saia, mais ou menos um pouco acima da metade das suas coxas pálidas. Os seus saltos médios tilintam contra o assoalho de madeira à medida em que ela bate-os ali impaciente com a minha demora para abrir a porta. Ao erguer meu olhar para seu rosto, a ruiva me olha com receio, os lábios carnudos pintados pelo batom vermelho em uma linha tênue.

Eu a convidei para jantar comigo esta noite. Pela primeira vez, escolhi por não passar sozinha só com a minha tia, e nada melhor do que passar ao lado de uma pessoa que entende todas as minhas dores como ninguém. Também fui convidar a Georgina, mas a minha amiga não pôde comparecer por estar atarefada com alguma coisa da faculdade. No começo, Pasha pareceu relutante, mas depois aceitou com a condição de ir até a sua casa para ela tomar um bom banho e se arrumar decentemente. Eu, por outro lado, troquei de roupa lá na lanchonete mesmo e estou usando um vestidinho de babados, que é de um tom de bege e também de mangas longas ombro a ombro, que combina perfeitamente com meu *All Star* branco.

Sem mais delongas, engancha a chave na fechadura e abro a porta para nós duas entrarmos. Varro os olhos pelo ambiente, achando tudo muito estranho, pois não ouço o som da televisão de tia Amber e não enxergo nada, já que as luzes estão todas apagadas, transformando a casa em um verdadeiro breu. Dou um passo para o hall da entrada, escutando Pasha fechar a porta atrás de si para se aproximar do meu encalço. Tateio o ar em busca do interruptor, xingando baixinho ao tropeçar em alguma coisa pelo meio do caminho. Assim que o encontro, acendo a luz e sou surpreendida por uma explosão de gritos, palmas, assovios, confetes e serpentinas jogadas bem na minha cara.

Meus pés parecem criar raízes no chão, pois não consigo me mexer e

nem esboçar uma reação com toda cena que se passa diante dos meus olhos. Um pouco acima da minha cabeça, pendurada de uma pilastra até a outra, a faixa me desejando feliz aniversário é o que os meus olhos conseguem perceber de primeira. Depois, eles deslizam por cada pessoa espalhada pela sala com um um chapéu rosa de aniversário no alto das suas cabeças. Parada em minha frente, sou surpreendida por um abraço apertado e desengonçado de tia Amber.

— Não me odeie, foi a forma que eu escolhi para você superar esse dia. Ouvi por aí que a gente constrói memórias ruins colocando novas no lugar. — Sua voz soa baixinha no meu pé do ouvido, só para que eu escute. Assim que se desvencilha do abraço, coloca as duas mãos em meus ombros e sorri docemente. — Eu quero que quando você for lembrar desse dia, que você lembre desse momento em específico, Barbie. Desse momento em que eu consegui reunir todas as pessoas que te adoram nesse pouquíssimo tempo em que você pisou os pés nessa cidade. — Amber inspira profundamente, afastando uma mão de mim para enxugar o canto de seus olhos. — Você é especial. Sempre foi. Agora não só para mim, mas para esse tanto de gente aqui atrás. — Ela aponta com o dedo indicador e o polegar para atrás de si ao me mostrar o pessoal. Meu sorriso cresce copiosamente, sentindo uma onda de felicidade preencher cada molécula do meu ser como nunca antes.

Sibilo um "*eu amo você*" inaudível, mas ela consegue compreender e manda um de volta. Meu coração parece que vai explodir a qualquer momento, principalmente pelo tanto de sorrisos que eu recebo.

Sentados no sofá, percebo cada um dos integrantes do *Hurricane Freedom*. Kara está sorrindo de orelha a orelha, tombando a cabeça no ombro de Kieran. Violet, que me deixa um tanto quanto chocada por estar aqui, esboça um sorriso mínimo ao notar meu olhar sobre si, mas acaba acenando

com um manear de cabeça. John está ao seu lado, dando um tchauzinho em minha direção, porém sua expressão murcha quando percebe a Pasha um pouco atrás de mim.

Eu até ria daquilo, mas acabo por perder o ar e todos os sentidos quando encontro Devin sentado no braço do sofá cinza. Ele está livre da jaqueta dessa vez, usa apenas uma blusa branca do *Hard Rock Café*, que expõe todas as suas tatuagens nos seus braços torneados, e uma calça preta com um cinto escuro adornando a sua cintura. Os seus olhos brilham em adoração quando me fita por inteira, o que faz um calor absurdo tomar conta desse lugar em segundos. Forço meus olhos a saírem dali, tentando reconhecer as outras pessoas serpenteando a sala.

Quando acabo encontrando Georgina, Sr. Wilson e Rosalinda parados na porta perto da cozinha, um sorriso cresce ainda mais no meu rosto.

Todas aquelas pessoas vieram por mim. Em um feriado tão importante e com tantas coisas para fazer na cidade, eles escolheram passar junto a mim. Isso não poderia me deixar mais feliz.

Vejo Devin pegar impulso e sair do sofá, rumando para a cozinha. Quando ele volta, não consigo segurar a risada, pois o garoto está segurando um bolo de aniversário coberto de glacê rosa e velas da mesma cor. A poucos passos de mim, Leblanc acende cada uma das velas com o seu isqueiro. Nesse meio tempo, consigo ver o meu nome escrito no doce.

— Não sei se consigo te perdoar por ter escondido o seu aniversário de mim — ele brinca assim que joga o isqueiro dentro do bolso da calça —, mas posso pensar no caso se você assoprar essas velinhas para mim. — Sorri descaradamente, esticando o bolo para mais próximo do meu rosto.

Faço um bico de lado ao fingir pensar sobre o assunto.

— Só farei isso para você me perdoar, está ouvindo, não está? — pergunto, semicerrando os olhos.

— Está bem, está bem — soa apressado, embora veja um lampejo de um sorriso por ali. — Agora apaga as velinhas e faz um pedido.

Assinto e sorrio. Me aproximo ainda mais do bolo e assopro cada uma das velas enquanto faço o meu pedido mentalmente.

— Feliz aniversário, boneca! — Ergo meu olhar para o seu assim que o escuto, vendo-o esticar os lábios para me lançar um sorriso de tirar o fôlego e transformar as minhas pernas em duas *marias moles*. — O que foi que você pediu?

— Se eu te disser, não se realiza.

Desvio do seu corpo e direciono meus passos para falar com as outras pessoas. Um sorriso bobo ainda está presente em meu rosto, pois Devin nem imagina que o meu pedido tem a ver com ele e com todos presentes nessa sala.

Nem imagina que, pela primeira vez na vida, quero eternizar o dia *quatro de julho de 1993* na minha mente e no meu coração.



16

*"Oh, por favor, me diga
Que você me deixará ser o seu homem
E, por favor, me diga
Que você me deixará segurar a sua mão."*

***I WANT TO HOLD YOUR HAND | THE
BEATLES.***

Devin Leblanc

Barbie St. Claire é um grande enigma e quando eu penso que estou prestes a desvendá-la, sou levado de volta para a realidade da qual eu não sei nada. Diferente do que eu imaginei quando coloquei meus olhos nela pela primeira vez, a garota é muito mais difícil do que eu pude imaginar. Não falo sobre questões amorosas, e sim sobre si.

Mesmo com um sorriso dócil e íris cativantes, a boneca possui muito mais feridas interiores do que eu e qualquer um ao nosso redor poderia imaginar. Seu passado é cercado por perdas, tragédias e uma infância extremamente difícil. Ela é definitivamente um enigma, só que um daqueles viciantes, daqueles que você quase perde a cabeça para tentar descobrir, mas que está pouco se ferrando para isso. Barbie é definitivamente um enigma para a mim e, para a sua sorte, ou talvez para o seu terrível azar, sempre fui

ótimo na arte do raciocínio lógico e não estou nem um pouco interessado em perder esse jogo em específico.

Por isso que quando Amber me fez o convite para a festa surpresa da sua sobrinha, quase cai para trás com o susto e tamanho desgosto, pois me senti um péssimo amigo. Eu nem fazia ideia de que seu aniversário estava próximo e, confesso que, mesmo não querendo, acabei sentindo uma leve pontada de decepção por ela nem ter mencionado o fato para mim. Aceitei em prontidão, não iria deixar de comparecer por nada. Mas não nego que fiquei me martirizando sobre isso o dia todo, até que algumas horas depois minha ficha realmente caiu. Se ela omitiu aquilo, certamente tinha um motivo plausível e eu poderia apostar todas as minhas fichas que o motivo estava ligado ao seu passado conturbado. Por isso, fiz o que pude para tornar aquele momento especial e memorável para ela.

O aniversário foi perfeito. Amber preparou a decoração detalhadamente e a comida estava magnífica, mesmo que nenhuma dessas coisas superem a expressão da Barbie durante toda a festa. O sorriso meigo não abandonou o seu rosto sereno por nenhum segundo e os seus olhos brilhavam tanto que eu poderia jurar vê-los iluminando toda a casa. Ela estava radiante, exalando felicidade por cada um de seus poros, e não deixou de ficar ao lado das pessoas que compareceram por nada. Estava leve, solta e aproveitou cada minuto do seu aniversário. Até dançar ao som das músicas do *Red Hot Chili Peppers* ao lado da tia, Violet e Kara ela dançou.

Quando me pego sorrindo ao lembrar desse momento específico de ontem, Violet está me olhando com os braços cruzados e os olhos castanhos injetados de pura curiosidade e estranhamento. Nós estamos comprando algumas coisas para a festa de hoje no rancho. Hoje é o dia em que iremos anunciar para todos da cidade que somos oficialmente os *Hurricane Freedom*

e, sinceramente, eu não poderia estar mais empolgado. Nossas jaquetas também já estão prontas, mas nós ainda não vimos, já que Kara fez questão de esconder de todo mundo para não estragarmos a surpresa de só as usarmos mais tarde.

— Qual foi a do sorriso bobo? — Violet pergunta, arrumando os fios castanhos em um coque desleixado no topo da sua cabeça. Mohn está usando uma blusa da banda *Pink Floyd* com um triângulo cortado pelas cores, que é a capa do álbum *The Dark Side Of The Moon*, e um short jeans claro de cintura alta. Devido ao calor, a garota retirou a sua jaqueta de couro minutos atrás e agora a mesma encontra-se adornando a sua cintura curvilínea. — Pensando em alguma coisa em especial?

Balanço a cabeça de um lado para o outro com o seu tom malicioso e um tanto quanto acusatório e aproveito para colocar umas cervejas dentro do carrinho de compras.

— Já testou ser um pouco menos bisbilhoteira? — brinco, olhando-a sobre os ombros. Sua boca está entreaberta em surpresa e as sobrancelhas parecem quase tocar seu couro cabeludo, fazendo-me soltar uma risada alta.

— Estúpido. — Ela bufa e revira os olhos, mas acaba sem falar mais nada, apenas observa os alimentos nas prateleiras do supermercado. — Não me culpe se você parece um idiota babando por aí. — Alguns minutos e suspiradas depois, solta aquilo sem me olhar.

— Meu Deus, como é chata. Por que a Kara mandou você mesmo? — A ironia corre solta pela minha voz, e eu acabo por rolar os olhos de forma teatral.

Violet franze o rosto em uma careta de nojo ao ouvir minha frase, lançando-me o seu dedo do meio.

— Tenha modos — a repreendo só para irritá-la, olhando para as pessoas ao nosso redor. — Mal educada!

Ela se afasta das prateleiras e vem em minha direção. Crispo a testa ao perceber seu sorriso maldoso, e antes que eu possa raciocinar alguma coisa, sou surpreendido com a sua mão desferindo um tapa certo em minha cabeça.

— Qual o seu problema? — Massageio o local afetado ao sentir a ardência, lhe fulminando com os olhos.

— Te mostrando o que a mal educada aqui faz quando a insultam. — Dá de ombros como se aquilo não fosse nada e morde um sorriso em divertimento. Ela esquadrinha meu rosto ainda alguns segundos, e quando eu acabo a chamando de mal educada novamente, gira nos calcanhares para continuar as compras, só que não sem antes mostrar os dois dedos do meio para mim ainda de costas.

Estrangulo uma risada dentro da garganta para não lhe dar ousadia, empurrando o carrinho para a próxima sessão. Pego a lista de coisas a serem compradas no bolso da jaqueta, vendo que já havíamos comprado tudo dali.

— Acabamos! — Ergo o papel para Violet atrás de mim, vendo-a assentir em um manear de cabeça.

— Finalmente! — Ela diz ao suspirar em alívio. Assim como eu, Violet detesta essa parte do processo de fazer uma festa. Se dependesse de nós dois, nós só aproveitaríamos como os convidados.

Mohn fica em meu encalço logo após, me acompanhando até o caixa. A fila não está tão grande, por isso que somos atendidos poucos minutos depois. Eu pago as compras para a mulher franzina e pálida, lançando o meu melhor sorriso para agradecer pelo atendimento.

Pego as sacolas com dificuldade e tenho que fazer malabarismos para conseguir carregar tudo. Olho para a garota parada perto da porta ocupada demais cutucando as unhas e os anéis em seus dedos, não se dando ao luxo de me ajudar. Arrasto meus pés até ficar em sua frente, esticando uma das sacolas para que me ajude com os pesos.

— Toma. — Insisto para que pegue, balançando a sacola ao ver a dúvida dançarem pelos seus olhos. — Nem pense que vou carregar tudo isso sozinho.

— Poxa. — Violet projeta o lábio inferior para baixo, e acaba por pegar a compra com um ar de tristeza. — Estava louca para ter você como meu serviçal hoje.

— Mas olha só... — Perscruto seu rosto atentamente, friccionando os lábios um no outro para não sorrir. — Alguém acordou para a graça hoje, *huh?*

— Amor, eu *sou* a graça.

Ao dizer aquilo, manda um beijo no ar para mim e se direciona até a saída sem me esperar. Fico alguns segundos estagnado ali, rindo do seu repentino e estranho bom humor matinal. Se hoje não fosse o grande evento para nós, certamente ela estaria xingando tudo e todos de diferentes formas possíveis. Se tem uma coisa que Violet não gosta, essa coisa é acordar cedo, e se ela está feliz fazendo isso hoje, tudo indica que está sentindo algo bom vindo dessa festa tanto quanto eu.



Já são seis horas da tarde. Daqui a algumas horas o rancho estará tomado por inúmeras pessoas e eu nem tive tempo de me arrumar ainda.

Assim que chegamos das compras, Kara, que está organizando toda a festa como se sua vida dependesse disso, nos obrigou a começarmos a decoração o mais rápido possível, pois tínhamos que cercar todo o jardim com as mesas, o bar e até mesmo o com o mini palco improvisado para quem quisesse cantar.

Deu um grande trabalho, nós demos duro para que tudo ficasse perfeito, e é realmente assim que tudo se encontra no exato momento em que terminamos de colocar uma faixa branca em cima do mini palco amadeirado. Escrita com spray da cor preta, a frase "*Os Hurricane Freedom chegaram*" chama ainda mais atenção se somada com o desenho de furacão ao seu lado. A decoração não para por aí, pois há também um tapete decorativo com quadradinhos preto e branco, que simboliza a nossa pista de dança. Alguns bancos de madeira estão espalhados pela relva ao redor da pista e também mais afastado, assim como várias almofadas e travesseiros enfeitam os lençóis e passadeiras felpudas salpicadas por todo jardim de forma aconchegante para quem quiser se deitar por ali.

À direita, o balcão extenso do bar está repleto de garrafas de bebidas com os mais variados gostos. Revestindo toda sua frente, os bancos altos de paletes de madeira rústica, já que fizemos questão de toda decoração ter essa pegada, fazem-se presentes. Já por toda área, amarradas de um tronco de árvore até outro, fitas amarelas adornam aquela extensão verde, sinalizando a todos que aquela seria a atmosfera da festa, não sendo necessário a circulação pelos outros lugares.

Quando vimos que tudo está devidamente organizado, seguimos para os nossos respectivos trailers, a fim de tomarmos um bom banho e nos prepararmos para o grande evento. Quando saio do banheiro com a toalha ao redor da cintura e o cabelo pingando gotas gordas de água no meu peito, encontro a minha jaqueta nova repousada sobre a cama. A excitação

embrulha meu estômago, levando-me a pegar a jaqueta de forma apressada.

Logo de cara percebo que na frente ela não muda muita coisa, mas com certeza é bem melhor que a antiga, visto que a outra se encontra completamente desgastada. Quando eu a viro de costas, não consigo não sorrir com o que vejo. O nome do MotoClub está escrito com letras derretendo e o desenho de um furacão está tomando quase toda jaqueta em uma linda vastidão azul, e mesmo sendo grande, não foi isso que sobressaiu no desenho. O que chamou mais atenção, sem sombra de dúvida alguma, foi a perfeita costura das asas de anjo muito maior atrás do furacão. Embaixo de toda aquela arte, o nome da cidade também está estampado com as mesmas letras.

Mesmo que Kara não tenha falado para nós sobre como seria e muito menos falado sobre as asas representando a liberdade, eu já imaginava que ela faria um ótimo trabalho. Seu talento e sua criatividade estavam mais que claras para mim desde o início, e agora muito mais do que confirmadas.

Falando na cacheada, a mesma dá duas batidinhas na minha porta e aparece pela fresta, anunciando sua visita. Eu peço para que entre e ela assente, subindo no trailer.

— Trouxe o que você me pediu. — Sorri de orelha a orelha, ainda com os braços para trás do corpo. — Quis entregar isso pessoalmente.

Eu sorrio animado, mas logo minha expressão se torna um completo choque. Usando um vestido longo da cor preta, que possui estampa de bolinhas brancas e uma fenda pequena na sua perna direita, além de um coturno de salto alto, chapéu preto e a jaqueta finalizando tudo, Kara McAllister havia ficado pronta em tempo recorde. Sombra escura estava ressaltando o verde dos seus olhos, assim como o batom marrom ressaltava

os seus lábios cheios e voluptuosos.

— Não me olha assim, você sabe que eu não preciso de muito tempo para ficar maravilhosa. — Eu gargalho com a sua presunção, mas não desminto, pois é verdade. — Enfim, vamos logo com isso, pois você está completamente atrasado e de toalha na minha frente. Tô quase vomitando, sério.

— Tudo bem, desculpa pela vista — soa irônico, olhando para o meu peito desnudo e depois para ela. A garota à minha frente finge que vai vomitar ao colocar o dedo indicador dentro da boca por causa da minha malícia, mas eu só consigo rir ainda mais.

— *Ewww*, você é nojento — constata, balançando a cabeça de um lado para o outro ao franzir o rosto em uma careta. — Toma logo isso, preciso ir embora daqui urgentemente — Kara joga o pacote embrulhado em minha direção, e eu o pego antes que possa chegar ao chão. Pronta para se virar e ir embora, a cacheada solta um sorrisinho cúmplice que faz eu sorrir ainda mais por entender perfeitamente do que se tratava.

Quando escuto a porta bater, indicando a sua saída do cômodo, olho para o pacote todo embrulhado em minha mão, sentindo meu coração pular um pouco dentro do peito. Não tenho dúvida de que essa coisa em minha mão é o presente certo.



Estou esperando a Barbie agora. Quando estávamos lá na sua casa ontem, fizemos o convite para todos e a boneca me confirmou que viria, assim como Georgina e até mesmo Pasha. Me dispus a ir buscá-la, mas a ruiva interveio e disse que poderia dar carona com o carro do seu tio, e eu não protestei. A festa começou há algum tempo e as pessoas já estão balançando os corpos de

um lado para o outro ao som de *Step by Step* da boyband *New Kids On The Block*.

Me encosto no balcão do bar improvisado, bebericando um pouco do meu *Cosmopolitan* à medida que observo cada um na pista de dança. Não conheço a metade que está ali, mas acabo detendo os olhos ao enxergar Violet e John por lá fazendo passos estranhamente esquisitos, ambos não parecendo nem um pouco com vergonha. Violet tomba a cabeça para trás e solta uma risada quando John sussurra alguma besteira em seu ouvido, dando um empurrão em seu ombro logo após. Ela está usando uma blusa cropped preta por baixo da jaqueta, com a frase "*i am your father*" do filme *Star Wars* em letras amarelas, combinando perfeitamente com sua calça boca de sino também da mesma cor, e que possui estampa de quadradinhos pretos. O sorriso preenchido por uma boa camada de batom vermelho continua em seu rosto, vibrando agora com *How Do You Do* de *Roxette* retumbando pelas caixas de som no palco amadeirado. Já John, também animado com a sua long neck erguida, não está muito diferente de mim, apenas usando a jaqueta, calça jeans rasgada nos joelhos e uma blusa de uma banda desgastada qualquer.

Quando direciono meus olhos para a entrada, vejo Barbie, Pasha e Georgina adentrando o local com a maior animação possível. A ruiva morde um sorriso ao ver alguns rapazes passando por elas, jogando seus longos fios para trás em completo charme. Georgina, que também não é muito diferente, tira o pirulito da boca lentamente e acena dando tchauzinho para o mesmo grupo de rapazes, que sorriem animados com as suas investidas. Elas cochicham entre si por causa da breve interação, mas não consigo prestar atenção nisso, pois tudo que consegue estar em meu foco é a garota de cabelos dourados olhando tudo ao seu redor com um brilho de adoração nos olhos azuis, nem aí para quem passou ou deixou de passar. Usando um vestido de cetim com alcinhas de cor rose gold, que quase não cobre nada das suas coxas e realça ainda mais

a sua cintura curvilínea, sinto perder o fôlego só por observá-la minuciosamente.

Arranho a garganta e repouso o copo no balcão, me direcionando até elas. Quando já estou perto o suficiente para ser notado, sou recebido por sorrisos calorosos.

— Olá, meninas — cumprimento. — Sejam bem-vindas. A festa estava só aguardando por vocês para realmente começar. — Sorrio, olhando apenas para a Barbie, como se quisesse direcionar aquela fala só para ela.

— Claro, sei bem esse vocês — Georgina soa irônica, fazendo aspas no ar com a última palavra. — Onde estão as bebidas mesmo?

— Ali. — Aponto o balcão atrás de mim com o polegar, vendo sua boca entreabrir em surpresa e o verde dos seus olhos brilharem em adoração. — Só cuidado, tá legal? Não enche a cara demais.

Georgina gargalha e balança a cabeça de um lado para o outro.

— Pobre, Devin. Eu saí de casa justamente com esse intuito. — Sorri maliciosamente, dando dois tapinhas em meu peito antes de seguir seu caminho até o balcão. Quando chega na metade do caminho, gira nos calcanhares para fulminar Pasha com os olhos ao percebê-la parada ao lado da Barbie. — Vai ficar fazendo o que aí, coisa chata? Deixa esses dois, vamos beber.

Olho para a Pasha, vendo-a cruzar os braços e arquear uma sobrancelha em resposta. Também consigo notar as duas brigando com o olhar, mas a ruiva acaba abrindo os lábios em surpresa ao ver a loira apontando com a cabeça para mim e Barbie de forma nada disfarçada. Como se tivesse caído em si, Pasha assente e sorri amarelo para nós dois, indo até o encalço de Georgina, que some indo atrás das bebidas.

— Será que ela queria ver nós dois a sós? — Barbie brinca quando volto minha atenção para o seu rosto. Agora mais de perto, consigo ver que, diferente das outras vezes, seu rosto parece mais preenchido pela maquiagem. Há sombra nas suas pálpebras e um batom nude em seus lábios. Além disso, um colar prateado adorna seu pescoço. Ela está ainda mais linda. — Podiam ao menos disfarçar, sério.

— Algo me diz que a Georgina é a nossa maior fã. — Sorrio, enfiando as mãos dentro do bolso da calça jeans. — Enfim, deixando isso de lado, sabia que você está gata para um cacete hoje? — Vejo o sorriso tímido se formar em seu rosto, assim como o escarlata nas suas bochechas tomando vida.

— Você gostou? — pergunta, abrindo os braços e dando uma voltinha. Eu assovio no processo, vendo-a rolar os olhos e gargalhar. — Pasha me emprestou o vestido, disse que era a minha cara.

— Me lembre de agradecer a Pasha depois por isso.

Barbie assente em um manear de cabeça e morde um sorriso. Ela me analisa dos pés à cabeça, mas balança a cabeça de um lado para o outro com uma risadinha baixa, passando por mim para ir até o aglomerado de pessoas. Fico ainda um tempo a observando andar de costas, admirando cada uma de suas curvas. No momento que me forço a sair do transe, apresso o passo para caminhar ao seu lado.

— Gostei da decoração — St. Claire diz assim que paramos na pista de dança. Seus olhos passeiam admirados por cada canto do evento. — Vocês sabem mesmo dar uma festa.

Eu assinto em um manear de cabeça e me aproximo mais, pois a música é alta e não consigo compreender tão bem. Os corpos ao nosso redor fazem com que fiquemos espremidos um no outro, e, de forma totalmente espontânea,

Barbie entrelaça os pulsos ao redor do meu pescoço, esquadrinhando meu rosto atentamente. Engulo em seco com a sua análise, parece querer decorar cada centímetro do meu rosto. Ela raspa o polegar na maçã da minha bochecha e tomba a cabeça para o outro lado.

— Por que está me olhando dessa forma? — Envolver os braços em sua cintura e faço seu corpo bater no meu pela força que imponho. — Está me deixando nervoso.

Barbie sorri ainda mais com a minha confissão.

— É... Não é nada. — Dá de ombros. — Acho que preciso de uma bebida. — Crispo a testa com a sua frase, pois não imaginava ouvir aquilo. Ela bufa ao notar minha expressão de incredulidade, dizendo logo após: — *Agora!*

Gosto da forma mandona como sua voz soa aos meus ouvidos, é melhor do que qualquer música que possa reverberar nessa festa. Coloco uma mecha do seu cabelo atrás da sua orelha, aproximando os meus lábios ali só para lhe dizer:

— Fica aqui, eu já volto.

Serpenteio entre as pessoas da pista, me direcionando até o balcão de bebidas. Assim que me aproximo, analiso cada uma ali, pensando qual ela gostaria mais. Fico alguns segundos na dúvida, mas acabo por pedir uma Cosmopolitan para o barman.

— Valeu — digo para o rapaz alto e barbudo que John contratou, pegando o copo da sua mão.

Não demora muito para que eu a encontre no meio da multidão, balançando a cintura de um lado para o outro ao som de uma música que desconheço. Seus olhos estão fechados, sua cabeça tombada para trás e os seus braços erguidos

no ar. Barbie parece estar aproveitando e só aquilo recompensa o meu esforço para montar a decoração trabalhosa.

— Aqui, boneca — grito por cima da música ao estender o copo com álcool em sua direção. Quando escuta minha voz, abre os olhos e sorri, puxando o copo da minha mão. Ela leva a Cosmopolitan até os lábios, tomando um longo gole do mesmo.

— Obrigada! — Sorri em agradecimento, depois belisca a pontinha do meu nariz com o indicador e o polegar.

Faço uma careta de desaprovação com o seu atrevimento, mas acabo rindo quando a sua risada preenche o ambiente primeiro. Nós ficamos assim por longos minutos, apenas nos encarando como se quiséssemos dizer alguma coisa um para o outro. Nossos olhares conversam entre si, a música parece não importar nesse momento e muito menos todas essas pessoas ao nosso redor. Barbie está tão linda à minha frente, seus cabelos dourados caem em cascata sobre seus ombros e tudo que eu consigo lembrar é do seu gosto maravilhoso se derramando na minha língua de forma viciante.

Não tenho pretensão de desrespeitar o que ela pôde me oferecer, mas também não sou hipócrita em dizer que isso não mexe comigo, porque *porra*, mexe muito. Eu queria poder sentir o seu gosto novamente, tocar cada centímetro da sua pele e me afundar totalmente em seu enigma. Eu não me importo em perder a cabeça, eu só queria poder desvendá-la com as minhas próprias mãos. Sentindo seu corpo no meu, sua risada no meu pé do ouvido e o seu cheiro doce impregnando cada uma de minhas narinas. Tenho vontade de mandar tudo para o inferno e beijá-la aqui mesmo, só que o lado racional que ainda abriga em mim sabe que eu prefiro muito mais a sua amizade, e se é isso que ela pode me oferecer, é isso que ficarei contente em ter. Posso desejá-la de diferentes formas possíveis, mas não consigo mais enxergar a

minha vida sem ela e não vou ser estúpido em arriscar tudo.

Quando a vi pela primeira vez no Fast Rocket, soube que ela era diferente, mas não fazia ideia do porquê. Seu jeito atrapalhado me encantou, assim como seu cabelo, seus olhos e o seu sorriso fascinante. Porém, claro, nada conseguiu superar o jeito que ela me fez esquecer tudo e todos na nossa primeira conversa dentro da lanchonete. E tem sido assim todas as vezes. Quando estou em sua presença, tudo que consigo é concentrar minha atenção em cada detalhe seu. Ela me prende e me fascina de uma forma que nunca conseguirei descrever e nem entender. Não sei o que sinto, mas sei que nunca senti isso por ninguém. É novo, faz meu estômago embrulhar e, mesmo que eu não saiba o que significa, é uma sensação que eu gosto para um caralho.

Gosto de quem sou quando estou perto dela, gosto dos nossos momentos, das nossas conversas idiotas ou até mesmo sérias e, claro, gosto dela. Gosto do seu passado — mesmo que ela não goste e tente o máximo afastar —, pois demonstra o quão forte ela é. Gosto do seu presente, pois estou nele e gosto do seu futuro, já que tenho a maior certeza que irá ser muito feliz, podendo eu estar em sua vida ou não. Não gosto de pensar em não estar fazendo parte dela, mas mesmo que não esteja, vê-la feliz e realizando todos os seus planos vai ser extremamente importante, deixando-me completamente realizado por um dia ter tido o privilégio de ser seu amigo.

— No que está pensando? — pergunta de repente, espalmando a mão livre na cintura. O copo já está livre do líquido alcoólico, pois a garota à minha frente realmente estava desesperada para beber algo o mais rápido possível.

— Em você. — Sou sincero, dando de ombros.

Barbie pisca uma, duas, três vezes. Definitivamente não estava esperando por aquilo. Ela também abre e fecha a boca diversas vezes, e acaba por falar:

— Em mim? — Afunda o dedo indicador no próprio peito, a expressão de choque não some do seu rosto.

— Não sei o motivo da surpresa, boneca.

Antes que ela possa falar qualquer coisa, a música *I Want To Hold Your Hand* dos Beatles ecoa por todo local e as pessoas gritam em aprovação. Barbie é uma delas, pois levanta o copo para o alto, soltando gritinhos animados.

— Oh, *yeah, i'll tell you something* — cantarola no ritmo da música e aponta para mim. — *I think you'll understand when i say that something...*

*"É, yeah, eu vou lhe dizer uma coisa
Acho que você vai entender
Quando eu disser aquelas coisas"*

A olho de forma desafiadora enquanto canta, mas acabo entrando no embalo ao soltar a voz na parte do refrão.

— *I wanna hold your hand* — grito para Barbie, estendendo a palma da minha mão para que ela pegue. — *I wanna hold your hand, i wanna hold your hand...*

"Eu quero segurar sua mão"

Ela finge pensar no meu pedido, fazendo um biquinho de lado e batendo o indicador no queixo. Eu continuo cantando, pedindo para que segure. Em uma risada alta, entrelaça minha mão na sua, fazendo-me girá-la até ter suas costas batendo contra meu peito. Sua cabeça acompanha o ritmo da música, assim como nossos quadris.

— Oh, *please, say to me... You'll let me be your man.* — Aquela frase em específico eu não canto, apenas a sussurro perto da sua orelha para que só

ela escute. Barbie engole em seco, e eu vejo todos os seus pelos se eriçarem. Coloco as duas mãos em seu quadril, a girando para mim. Nossos rostos estão próximos demais, mas eu continuo dizendo: — *And please, say to me... You'll let me hold your hand.*

*"Oh, por favor, me diga
Que você me deixará ser o seu homem
E, por favor, me diga
Que você me deixará segurar a sua mão"*

St. Claire sorri cinicamente para mim e entrelaça os seus punhos no meu pescoço, trazendo-me ainda mais para perto de si. Nossas respirações estão descompassadas, estamos suando como se estivéssemos no inferno e algumas pessoas deram espaço para que pudéssemos continuar dançando e encenando a música. Quando ela percebe isso, enterra seu rosto na curva do meu pescoço e abafa uma risada tímida.

— Vamos, boneca, continue. Não precisa ficar com vergonha, estão adorando ver você ser a estrela da noite. — Afasto um pouco de mim, olhando no fundo dos seus olhos. Ela nega com a cabeça e volta para a sua posição anterior.

— Tudo bem. — Rio e abraço seu corpo pequeno. — Mas falando sério agora, preciso te mostrar uma coisa.

— O quê?

— Vem comigo. — Entrelaço sua mão na minha, serpenteando entre as pessoas da pista, que nos olham com sorrisos nos rostos pela nossa dança de minutos atrás.

A guio por pequenos minutos, caminhando até estar em frente ao meu trailer. Ela não fala nada quando eu abro a porta, apenas se desvencilha da

minha mão e entra primeiro. Eu a acompanho logo após, fechando a porta atrás de mim e enterrando as mãos suadas dentro do bolso da calça jeans. Vejo-a observar minha casa como no dia dos sete minutos do céu, adorando cada coisa espalhada por ali.

— Eu já conheço seu trailer — brinca ao virar sua atenção até mim.

Eu assinto, rindo.

Direciono os passos até o embrulho de presente que Kara havia me trazido, o encontrando na minha gaveta.

— Presente atrasado — cantarolo ao esticar os braços em sua direção.
— Mas lembrando que só é atrasado por você não ter me dito nada.

Sua expressão é de puro choque, novamente. Consigo ver o brilho diferente que se apossa das suas íris, e também vejo o exato momento em que ela engole em seco, receosa de pegar o presente.

— Você não precisava ter se preocupado — esclarece já com o presente em mãos. Barbie se direciona até a minha cama, sentando na beirada com o presente em seu colo. — Sério, não precisava mesmo.

— É claro que precisava. — Sento ao seu lado, vendo-a desembulhar o pacote com as suas mãos trêmulas. — Eu jamais deixaria passar em branco.

Barbie morde o interior da bochecha e finaliza o desembulho. Quando vê o que é, solta um gritinho de surpresa, levando a mão até a boca. Seus olhos ficam arregalados, brincando de ping pong entre mim e a jaqueta nova em seu colo.

— Você é maluco, Devin! Eu nem faço parque do Motoclub. — Agora os seus olhos se fixam na jaqueta, estendendo-a na frente do seu rosto. Quando vê o seu nome atrás, parece ainda mais chocada. — Caramba, você é

mesmo maluco.

Eu gargalho com o seu nervosismo e o seu jeito atrapalhado, adorando toda a cena. Ela se levanta da cama em um ímpeto, passando os braços pela jaqueta que, diga-se de passagem, fica perfeita em seu corpo.

— Por quê? — pergunta ao me fitar com a boca entreaberta, sem entender o motivo do presente. Depois volta o seu olhar para a jaqueta de couro, fascinada.

— Porque mesmo você não sendo uma integrante do grupo, você é muito importante para o líder dele. — Aponto para o meu rosto, sorrindo. — E, não menos importante, porque eu quis te ver usando.

— Você é mesmo maluco! — Se aproxima de mim, encaixando-se entre as minhas pernas. Eu seguro o seu quadril com as duas mãos, sentindo meu coração dançar dentro da minha caixa torácica pela sua aproximação repentina. — Mas eu amei. Espero que os outros não me matem.

— Eles não teriam coragem nem de tocar em um fio do seu cabelo. — Tombo a cabeça para trás para poder olhá-la melhor, vendo-a sorrir ainda mais. — Sabe como é, eu os mataria na hora.

— Você também é muito importante para mim — sopra, levando suas mãos até o meu rosto. Ela toca a minha testa, depois desce para o meu nariz, minhas bochechas e para no contorno dos meus lábios. Suas íris se concentram fixamente ali, fazendo-me umedecer os mesmos. Barbie ri sem humor, balançando a cabeça de um lado para o outro ao dizer: — Porra, quem eu estou querendo enganar?

— Do que você está falando, boneca? — Semicerro os olhos, confuso.

— Quer saber, foda-se! — Sou surpreendido pela garota sentando em

meu colo, sua perna em cada lado do meu corpo. Não tenho tempo de falar mais nada, pois Barbie toma os meus lábios em completa urgência.

Não estou conseguindo assimilar o que caralhos está acontecendo, mas quando a sua língua pede passagem e o gosto de Cosmopolitan derrama-se em minha boca, tudo parece fazer sentido. A garota de cabelos dourados interrompe o beijo só para empurrar minhas costas contra o colchão, lançando-me um sorriso carregado de maldade. Seus olhos, que sempre brilham de forma doce e angelical, agora me analisam com um lampejo de luxúria.

E eu, completamente rendido, a puxo de volta para um beijo repleto de palavras não ditas e sentimentos tumultuados.



17

*"Seu primeiro beijo foi doce
Segundo beijo foi um furacão
o terceiro e o quarto beijo
Eu não quero perder."*

YOU GOT IT | NEW KIDS ON THE BLOCK.

Devin Leblanc

Dizem por aí que quando o seu barco começa a flutuar demais por águas límpidas e calmas, é sinal de que uma grande tempestade está por vir, pronta para transformar essas ondas, que antes pareciam tão constantes e seguras, em tortuosas e selvagens, fazendo com que seu barco tome uma direção totalmente contrária daquela que você estava acostumado a velejar. E, podendo ser perigoso ou não lá para frente, sinto que a minha vida submerge em águas completamente pacíficas só em fitar o azul hipnotizante de seus olhos, que me trazem uma paz absurda e fazem com que eu me sinta verdadeiramente seguro. Se o momento maravilhoso que acabara de acontecer no meu trailer antecede uma tempestade, eu definitivamente já não sei. Para ser sincero, acho que não me importo. Se o temporal tiver mesmo que passar, não me importo em puxar as cordas e manter estirada a vela do

barco, contanto que possamos passar por essa tormenta de mãos dadas, sentindo cada gota de chuva nos molhar por inteiro.

Seu peito está deitado sobre o meu agora, e o silêncio que abraça nós dois não é nem um pouco desconfortável. Nossas respirações pesadas e corações frenéticos acabam conversando e se entendendo melhor entre si do que qualquer palavra que possa sair por entre nossos lábios. Acabo por enrolar uma mecha do seu cabelo em meu dedo, custando a acreditar que tudo não havia passado de um sonho perverso e maldoso do meu subconsciente. Eu realmente não conseguia assimilar a informação de que havia dado uns bons amassos nela na droga da minha cama há minutos atrás. Parecia mesmo um sonho, principalmente quando se analisa tudo pela ótica de que a ação sexy e extremamente excitante de me beijar partira exclusivamente e unicamente dela.

Barbie hoje decidiu passar por todos os seus medos e inseguranças. Não havia nada no mundo que pudesse lhe fazer parar, nada mesmo. Seus problemas foram esquecidos e seus muros derrubados no instante em que tomou os meus lábios em um beijo urgente e tudo que ela enxergou foi a mim. Tudo o que ela finalmente conseguiu enxergar foi o que está nos consumindo há tempos. Sua língua dançou junto com a minha em uma dança perfeitamente coreografada, seu coração batia na mesma batida que o meu e a música retumbando ao redor de nós embalava o nosso momento como se estivéssemos estrelando algum tipo de cena épica de filme. Talvez nós realmente estivéssemos estrelando alguma coisa, mas uma coisa real. Verdadeiramente real. Mesmo que parecesse um sonho, eu conseguia saber que estava mesmo acontecendo só pela forma como meu estômago embrulhava de excitação e o meu coração pulava dentro da caixa torácica quando as suas mãos pequenas e ágeis passeavam por todo meu corpo com adoração.

— O que tinha na bebida que você me deu? — ela diz depois de um longo tempo em silêncio, desencostando a cabeça do meu peito só para me olhar com um sorriso tímido e brincalhão. Suas bochechas já ganham um tom escarlate. — A culpa é toda sua.

— Uma dose de coragem, talvez. — Ergo os ombros, fingindo pouco caso ao responder sua pergunta. — Você que me beijou, como a culpa é minha? — brinco ao me fingir de ofendido, vendo-a se sentar na cama com os braços cruzados e um lindo bico petulante nos lábios.

— A culpa é sua por me deixar inconstante, confusa e sem saber direito como agir. Eu tinha pensado muito sobre e já tinha decidido o que era correto de se fazer em relação a nós, mas toda vez que olho as pintinhas em seus olhos ou o seu sorriso estupidamente lindo, e até mesmo vejo o jeito que me trata, quero mandar o lado certo ir para o inferno. — Barbie solta um suspiro profundo ao jogar os braços ao lado do corpo. — Então sim, Devin, a culpa é sua.

O sorriso automático que se esgueira pelo meu rosto é inevitável. Escutar que mexo com ela da mesma forma que mexe comigo faz algo se agitar dentro do meu peito. Não quero apressar as coisas entre nós, não tenho essa pretensão, mas assim como alcancei seu medo de altura, quero alcançar e remover todo o seu medo por essas coisas que envolvem o coração. Quero poder mostrar que sou diferente e que não estou aqui para brincadeira, assim como quero mostrá-la que mesmo estando juntos, sempre conseguirá ficar em primeiro lugar tanto para mim quanto para si mesma. Quero que confie em mim novamente, pois acredito que possamos dar certo. Eu nunca me envolvi com alguém dessa maneira, tão pouco sei como fazer as coisas funcionarem, mas estou disposto a tentar caso ela também esteja.

— Você também me deixa da mesma forma, boneca — confesso, me

sentando em posição de yoga na cama. Esquadrinho seu belo rosto com atenção, querendo gravar sua reação para o que estou prestes a falar agora. — Você me deixa inconstante, confuso, nervoso e um tanto quanto idiota. Gostaria que soubesse que sou diferente, que não sou ele. Não posso prometer não fazer merda, pois acho que seria uma promessa vazia, mas posso tentar sempre tomar as melhores decisões possíveis para não te magoar. — Sorrio, chegando mais perto para acariciar seu rosto com o polegar. — Lembra quando você disse que sentiu uma sensação libertadora ao estar comigo na ponte da rua Veeler?

— Lembro. — Assente ao repuxar os lábios em um sorriso carregado de acanhamento.

— Pois então. É essa mesma sensação que quero te proporcionar novamente. Quero que você possa se sentir livre, leve e sem medo nenhum de se permitir sentir mais uma vez. — Estou ciente de que gosta de ouvir cada uma das minhas palavras mais que sinceras, pois o sorriso não some do seu rosto nem por um segundo, assim como o brilho em seu olhar. — Não estou te pedindo um compromisso sério, só estou pedindo para que confie em mim na hora de se entregar sem medo ao que nos envolve.

Barbie se engatinha na cama king, ficando próxima o suficiente para que os nossos narizes quase se toquem. Seus olhos analisam alguma coisa nos meus, talvez uma confirmação de que tudo que falei havia sido o mais sincero possível. Quando parece encontrar o que tanto procura por ali, cola os seus lábios no meu em um selinho demorado. Sinto meu coração galopar por essa reação não esperada, e logo ela retira a boca da minha, me olhando com seus belos olhos azuis injetados de carinho.

— Além de gato, é bom com as palavras. — Morde um sorriso e balança a cabeça de um lado para o outro. — É para me ferrar de vez mesmo.

Gargalho com o seu comentário ao ouvir a sua risada se misturar com a minha segundos depois.

— Eu confio em você para me mostrar novamente a sensação libertadora — diz séria, assim que as nossas risadas cessam. O quarto está na penumbra agora, e o meu sorriso e o seu conseguem iluminar todo o lugar.

Eu me levanto da cama, a contornando para ficar em sua frente. Quando me aproximo, Barbie fica de joelhos, entrelaçando os pulsos ao redor do meu pescoço. Encaro cada centímetro do seu rosto por alguns segundos, admirando cada pintinha e sinal, principalmente o que ela tem no cantinho do lábio superior. Tudo nela parece ter sido milimetricamente esculpido pelas mãos de um deus bastante generoso. O seu cabelo volumoso e ondulado, que sempre fora um fator bastante chamativo para mim, cai em cascatas sobre seus ombros, e eu acabo por empurrá-los para trás, a fim de depositar alguns beijos no local.

— Acho que a gente deve voltar para a festa, nossos amigos devem estar nos procurando — solta baixinho, puxando alguns fios atrás do meu cabelo.

— Não me importo — murmuro contra seu pescoço, salpicando beijos molhados em toda extensão do local até chegar em sua mandíbula cerrada. Cada pelo do seu corpo se eriça sob meu toque, e ela tomba a cabeça para trás, arfando.

Tomo seu rosto com as duas mãos, a beijando com delicadeza. Minha língua entra em combate com a sua na mesma hora, e ambas não possuem pressa. Explorar cada canto da sua boca é como se eu tivesse finalmente encontrado o paraíso e agora que finalmente o tenho para mim, não tenho a mínima vontade de deixar de desfrutá-lo.

— É sério, agora já chega! — Barbie quebra o nosso beijo e empurra levemente meu peito com as duas mãos. — Nós precisamos mesmo voltar.

Bufo, mas acabo concordando. Nossos amigos já devem estar mesmo nos procurando.



Estamos sentados em um dos tapetes espelhados pela relva do rancho. Barbie está com uma almofada cinza em seu colo, conversando alegremente com Pasha e Georgina, que fingiram não notar o nosso sumiço, assim como John, Kieran, Kara e Violet, que também estão sentados aqui conosco. A música *That's The Way Love Goes* de Janet Jackson está tocando agora mesmo, e eu fico analisando a letra romântica à medida em que tomo um gole da cerveja long neck em minhas mãos.

No exato momento em que Janet diz *"vou te levar à lugares que você nunca esteve antes, e você vai ficar mais feliz do que possa imaginar"*, meu olhar encontra com o da garota que vem fazendo o meu coração bater mais forte. Sorrio na mesma hora, pois o universo parece estar conspirando ao nosso favor. Ela também entende, já que lança-me uma piscadela só para que eu possa perceber. O que acaba dando errado, entretanto. John, sentado ao meu lado, brinca de ping pong com os olhos ao ficar alternando entre mim e Barbie. O sorriso malicioso que curva seus lábios denuncia a desconfiança sobre tudo o que acabou de acontecer entre nós.

— Onde vocês dois estavam? — ele pergunta, com aquele ar de que sabe tudo, atraindo a atenção de todos para si. — Sumiram boa parte da festa toda.

Olho para St. Claire, vendo o exato momento em que engole em seco e disfarça seu pequeno nervosismo colocando uma mecha grossa do seu cabelo detrás da sua orelha.

— Por aí — respondo, o fulminando com o olhar. Scott parece entender minha raiva pela sua curiosidade descarada, pois apenas levanta as palmas das mãos em rendição e foca sua atenção em uma outra coisa.

— Gostou do presente, Barbie? — Kara, que parece perceber o clima estranho que havia se instalado entre nós, decide mudar o rumo da conversa. — Se você tiver gostado, já esclareço que fiz parte disso também. Caso não tenha, estou tirando aqui o meu da reta — brinca, e depois volta seu olhar para mim com um sorriso divertido no rosto.

— Eu adorei — Barbie garante com um sorriso sincero para Kara, que apenas joga o cabelo cacheado para trás de forma convencida ao escutar aquilo.

— Sabia que iria gostar. — McAllister pisca, arrumando o chapéu preto em sua cabeça.

— De que presente vocês estão falando? — É a vez de Violet se entrosar na conversa, arqueando uma sobrancelha para a amiga.

Kara abre a boca para lhe responder, mas Barbie sai na frente ao dizer:

— Do presente que Devin me deu. — Ela sorri para Violet, mas sinto algo diferente ali. Parece que está querendo alfinetá-la de alguma forma. — Foi uma jaqueta de couro igual a de vocês. Incrível, não?

Violet abre e fecha a boca diversas vezes, assim como me olha com um brilho diferente nos grandes olhos castanhos pincelados por uma boa camada de sombra preta.

— Claro, incrível mesmo — murmura, virando um grande gole da sua cerveja.

Sinto a sua mágoa daqui, sei que deve estar chateada com algo, por isso faço uma anotação mental para conversar com ela depois. Nós não temos nada um com o outro, mas se está querendo falar algo para mim, preciso que diga de uma vez por todas. O que quer que acontecia com a gente um tempo atrás, não terá como acontecer mais. Não há sentido algum. Tudo o que eu quero agora é me concentrar na garota de vestido rose à minha frente.

— Aquele palco está ali só de enfeite? — Georgina quebra o silêncio tempos depois, apontando com o queixo para o palco improvisado sem ninguém. — Que coisa mais sem graça, vamos subir lá.

Todos nós a olhamos como se tivesse acabado de falar alguma besteira. Ninguém ali cantava, era óbvio, além de que seria um verdadeiro desastre.

— Qual é? Deixem de ser chatos, uma musiquinha só — insiste, se levantando. Ela ergue o copo com a bebida no ar, tentando não o derramar no processo. Seu vestido de alcinha quadriculado em cores preto e branco, que aperta seu corpo ampulheta nos lugares certos, sobe um pouco mais nas suas coxas torneadas. — John, você é maluco que nem eu, não vai me acompanhar nessa? — Espalma uma mão na cintura, enquanto outra afasta uma mecha do cabelo loiro dividido ao meio, olhando para o meu amigo com expectativa.

— Sempre, loirinha — Scott se levanta em um rompante, tirando o acúmulo de grama que havia em sua calça preta rasgada. — Vocês não querem nos acompanhar? — Olha para cada um de nós com o seu melhor sorriso. — Você pode ficar, diabinha — rebate para Pasha, que negava veemente sua sugestão.

— Você não manda em mim, e é justamente por isso que também vou.

— Se apronta em ficar de pé, arrumando o casaco felpudo cor de gelo por baixo do seu vestido preto à medida que o observa desafiadoramente.

Eu rio com a cena, me levantando na mesma hora que Barbie. Nós todos acabamos decidindo topar, menos Violet, que preferiu ficar sentada no mesmo lugar em companhia de sua bebida e seu cigarro. Quero ficar e conversar com ela, pois me importo demais com tudo que se refere a seu respeito, mas conhecendo como a conheço, sei que prefere ficar sozinha primeiro para depois conversar.

Por isso, eu, Barbie, Kara e Kieran ficamos em frente ao palco, esperando para que o show particular entre John e Georgina possa começar. Eles sobem ali e começam a cochichar, provavelmente sobre a escolha da música em questão.

— Boa noite, pessoal! — Georgina fala no microfone, dando um tchau para todos que param para observá-la. — Desculpem os ouvidos, mas eu e meu amigo aqui iremos cantar uma música para vocês.

Algumas pessoas assoviam, outras batem palma e até gritam palavras de incentivo. Por outro lado, nós apenas caímos na gargalhada ao vê-los tão desengonçados no palco.

— Essa é para todos os fãs do filme *The Never Ending Story* como nós — John anuncia no outro microfone, e o pessoal vai a loucura com a menção do filme que marcou a infância e a adolescência de muitos aqui. — Com vocês, a melhor apresentação da música *Never Ending Story* das suas vidas! — Ele levanta um dos braços ao gritar e depois olha para Georgina, pedindo para que a garota comece a letra.

— *Turn around, look at what you see.* — A loira começa, sua voz desafinada preenche cada canto do espaço. Algumas pessoas riem, e ela não

parece se importar. Acredito que virou umas boas doses de álcool no meio tempo em que a perdi de vista com a boneca. — *In her face, the mirror of you dreams* — continua, agora balançando o corpo de um lado para o outro.

É engraçado toda cena, já que não tem nenhum tipo de instrumento para os acompanhar. São só as vozes deles, o que é realmente engraçado e desastroso. As pessoas parecem gostar, alguns até cantam juntos. Definitivamente é o álcool fazendo efeito em todos eles.

— *Make believe i'm everywhere* — John cantarola agora, fechando os olhos para sentir a letra. Diferente da loira, sua voz não é tão ruim assim, até que é rouca e um pouco grave. — *Given in the light, written on the pages... Is the answer to a never ending story, ah*

Olho de soslaio para Barbie, e ela parece estar realmente se divertindo com o show improvisado. Cantarola baixinho junto com eles e, de vez em quando, bate palma com certa empolgação.

— Vai me dizer que é seu filme favorito também? — sussurro só para que ela ouça, empurrando meu ombro contra o seu de forma provocativa.

— É um dos. — Dá de ombros com um sorriso no rosto, voltando sua atenção para o casal cantando o refrão no show improvisado e um tanto quanto esquisito.

A apresentação chega ao fim alguns minutos depois, repleta de aplausos e assovios. Quando John agradece toda atenção e Georgina se retira para ir pegar mais uma bebida, Pasha sobe no palco de forma rápida, fazendo seu salto agulha tilintar contra o assoalho de madeira. Os dois conversam alguma coisa que nós não somos capazes de entender, deixando-nos apreensivos e curiosos com o que estará prestes a acontecer.

— O que a Pasha está querendo aprontar dessa vez? — Barbie me

pergunta, tão confusa quanto eu com o que está acontecendo. Seus braços estão cruzados em frente ao seu peito e os olhos semicerrados para os dois na nossa frente.

— Então temos um covarde aqui — a ruiva fala no microfone, arqueando uma sobrancelha para o meu melhor amigo. Depois, vira de frente para as pessoas, prosseguindo: — Ele não quer cantar uma música comigo, pessoal. Acho que sim, temos um covarde aqui.

— Que música você quer cantar então, diabo do Alasca? — John pergunta com uma expressão de tédio no rosto, cruzando os braços na espera de uma resposta para acabar com aquilo o mais rápido possível.

Stratford faz um bico de lado e bate o indicador no queixo, como se estivesse buscando alguma coisa no interior da sua mente. Quando parece lembrar, diz:

— Que tal *You Got It* de New Kids On The Block? — Quando solta a frase, algumas garotas, incluindo St. Claire, gritam em aprovação. É um pouco ridículo o sucesso que esses garotos fazem com as meninas, parece que todas são apaixonadas por eles. Pela careta de John, acho que não aprovou muito a escolha, mas acaba dando de ombros ao concordar na hora de pedir para que ela comece.

— *The right stuff, the right stuff* — Pasha introduz a letra assim que parecem se acertar sobre algo e, caramba, sua voz é muito boa. Ela tem um timbre único, bem bonito até. — *First time was a great time, second time was a blast.*

"Tudo certo

Tudo certo

Primeira vez foi grande

segunda vez foi explosivo"

— *Now i hope it lasts, i can see it in you walk* — John prossegue logo depois, circundando a ruiva no palco. Ele lhe lança um sorriso cafajeste com uma piscadela, o que faz a mesma revirar os olhos. — *Tell'em you talk, see it in everything you do even in your thoughts.*

*"Agora eu espero que dure
Posso ver isto em seu andar
Me conte quando você fala
Vejo em tudo o que você
Iguala em seus pensamentos"*

— *You got the right stuff, baby... Love the way you turn me on* — Pasha caminha em passos firmes e decididos até Scott, puxando-o pela gola da camisa para andar com ele até o meio do palco. A mão do meu amigo pousa na cintura da ruiva quando ficam parados, e a garota acaba por colar as costas em seu peito. — *You got the right stuff, baby, you're the reason why i sing this song... All that i needed was you!* — Quando ela canta essa parte, John a gira para si e sorri torto.

*"Você fez tudo certo, baby
Amo o modo que você faz comigo
Você fez tudo certo, baby
Você é a razão por que eu canto esta canção
Tudo aquilo que eu precisei era você"*

— *Oh girl, you're so right, and all that i wanted is you.*— Ele coloca uma mecha do cabelo de Pasha para trás, a olha por incontáveis segundos já com a expressão séria. Sinto a química emanando daqui. Eles que são ignorantes demais e não conseguiram perceber ainda. Ou talvez perceberam,

por isso insistem em se odiar.

*"Oh menina, você tem razão
E tudo aquilo que eu quis era você"*

Os dois se separam um do outro quando percebem a estranheza de toda situação, terminando de cantar a música com centímetros de distância os separando. Quando a música chega ao fim, todas as palmas e assovios se voltam contra eles. Pasha agradece, mas logo deixa o microfone no banquinho do palco e vem pisando duro até nossa direção.

— Eu já estou indo embora, você quer carona? — Stratford pergunta ao ficar na frente da Barbie, a expressão completamente fechada.

— Você já vai agora? — Barbie semicerra os olhos e a olha desconfiada. — Achei que você estivesse se divertindo.

— Achou errado — murmura, ríspida. — Vai ou não?

— Pode ir Pasha, eu a levo depois — asseguro, vendo a ruiva concordar e murmurar um tchau quase inaudível.

Quando já não conseguimos mais enxergá-la no nosso campo de visão, St. Claire se vira para mim com uma expressão totalmente desconfiada.

— Que bicho será que a mordeu? — pergunta, apontando o polegar para atrás de si.

— John, provavelmente — brinco, vendo-a concordar com uma risada.

— Definitivamente deve ter sido ele.

— Com certeza — confirmo, rindo. — Não quer cantar uma música do New Kids On The Block comigo também não? Só para superarmos eles dois?

— É a minha banda favorita e seria um prazer cantar uma das minhas

músicas preferidas ao seu lado, mas prefiro guardar a minha voz para cantar em público quando for Jordan Knight me pedindo.

— Quer dizer que você prefere esse cantor qualquer do que a mim? — Afundo o dedo indicador no meu peito, fingindo estar magoado com a sua escolha.

— Acho que sim. Porém, pode ficar tranquilo, não o encontrarei nunca na minha vida mesmo. — Dá de ombros, projetando o lábio inferior em tristeza.

— Não gosto de ser segunda opção, boneca.

— Quem disse isso? Você sempre será a primeira. — Sorri, apertando a pontinha do meu nariz.



Já são três da manhã. Têm algumas poucas pessoas ainda aproveitando a festa, e eu já decidi me retirar, tudo isso tudo por ter sido agraciado por mais um pouco da presença da Barbie comigo. Tentei de todas as formas convencer a cabeça dura de dormir comigo e, como sou ótimo na arte da persuasão, consegui esse feito em pouquíssimo tempo. Não é a primeira vez que dormiremos juntos, de qualquer forma. E, se tudo der certo, não será a última.

Ela está deitada na minha cama vestindo uma de minhas camisas surradas de banda qualquer, olhando para o teto com as mãos entrelaçadas sobre a sua barriga.

— No que está pensando? — Finco o cotovelo no travesseiro, apoiando a cabeça em uma das mãos. — Está arrependida do que aconteceu?

Barbie vira-se de lado para me observar melhor e balança a cabeça de um lado para o outro com um sorriso no rosto.

— Claro que não estou arrependida — sopra, levando a mão até o escapulário em meu peito para brincar com ele entre seus dedos. — Estava pensando no dia que você apareceu pela primeira vez na lanchonete.

— No que em específico?

— Em como eu jurei para a minha tia que eu não fazia o seu tipo, e você tão pouco o meu. — Ri, sem humor. — Ela vai adorar jogar isso na minha cara depois.

— Eu até entendo eu não fazer o seu tipo logo de cara, mas como você não faria o meu? Boneca, você deve fazer o tipo de qualquer cara que tenha olhos.

— Até parece. — Nega com a cabeça e pega a minha mão para contornar as linhas da palma. Ela faz desenhos imaginários bem ali, me fazendo rir com o seu gesto fofo.

— Nunca vou permitir que você se coloque para baixo, St. Claire — afirmo, puxando-a pela cintura para colar as costas em meu peito. — Seu lugar sempre será no topo, e eu farei questão de te lembrar disso sempre, assim como fiz na roda-gigante.

Seu corpo pequeno se aninha ao meu e ela vira o rosto só para poder me lançar o sorriso mais lindo que já vi em toda minha vida.

— Promete? — sopra, baixinho.

— Prometo.



18

*"Serei sua sereia
Presa à sua vara de pescar
[...]"*

*Assim como os oceanos dançam com a
tempestade, dançarei com você entre as
ondas."*

MERMAID | SKOTT.

Barbie St. Claire

Eu costumava ter um fascínio anormal em escutar histórias sobre seres místicos quando era pequena. Quando tia Amber ia me visitar em Nova York, mesmo que fosse por um período curto de tempo, não se cansava de embalar os meus sonos com diversas lendas mirabolantes e fantasiosas. Lembro-me muito bem que adorava fechar os olhos e me imergir em cada universo que me era apresentado. Adorava como minha mente conseguia projetar cada acontecimento enquanto sua voz melodiosa dançava até os meus ouvidos, em como conseguia sentir cada sensação e em como ela trabalhava arduamente para conseguir fazer com que eu me sentisse verdadeiramente pertencente a algum lugar, já que nunca consegui desfrutar dessa sensação na vida real. Mesmo que tudo não passasse de ficção desenvolvida pela criatividade da minha imaginação, era naquelas horas que eu conseguia me sentir inteiramente e completamente viva.

A que eu costumava gostar mais era a lenda de uma cidade repleta de

sereias, sendo Emmaline a mais famosa delas. De acordo com titia, assim que os exploradores espanhóis chegaram à cidade pelo mar, encontraram um grupo grande de nativos residindo por ali e até foram recebidos amigavelmente por eles. Em um dos diários escritos por um espanhol chamado Santiago De La Cruz, ele conta em suas anotações detalhadas como o local era bonito, como as águas eram límpidas e até mesmo como ficou encantado pelas belíssimas mulheres que faziam parte desse grupo, enaltecendo uma em específico. Emmaline, que era descrita como uma jovem de longos fios acinzentados, olhos bicolores e pele extremamente pálida, e de beleza sem igual, estava sempre presente em cada página daquele caderno. Parecia algum tipo de fascínio, obsessão, talvez.

Ali, por volta de 1500, foi a primeira vez que Emmaline teve a sua aparição. Já no ano de 1800, quando o diário de Santiago estava cada vez mais famoso por causa da sua descoberta, o rei da Espanha mandou pessoas refazerem o caminho de De La Cruz, só que com um grupo bem maior, dessa vez com o intuito de finalmente fundarem a tão sonhada cidade. No meio dos espanhóis, havia um com sede para buscar saber mais informações sobre a tal moça de cabelos acinzentados. Dizem que ele buscou incessantemente informações, até que conseguiu encontrar um pequeno grupo, descendente dos que viviam em 1500. Lá, o rapaz conhecido como Enrique, encontrou uma garota também com o mesmo nome, mas com outras características. Os olhos de cores diferentes permaneciam iguais como fora retratado nos diários, porém o cabelo era de um loiro quase branco e o tom de pele era bem mais escuro. Essa Emmaline, de fato, não era a mesma, mas conseguiu despertar a sua paixão e o seu fascínio logo de primeira.

Tempos depois, os dois caíram de amores um pelo outro, eram o típico casal perfeito e inseparável, porém, não demorou muito para que ambos tivessem um fim trágico. Em uma guerra travada pela sobrevivência, Enrique

comandou uma equipe para navegar no mar aberto em busca de mais alimentos para a população pequena da cidade, já que a mesma se encontrava quase escassa. Os tripulantes viram o exato momento em que ele se desequilibrou em uma das redes e caiu ao mar, sendo achado sem vida na areia da praia dias depois.

De fato, Enrique e Emmaline realmente existiram. Tia Amber me garantia que os arquivos históricos da cidade conseguiam provar isso, e eu acreditava. A lenda, de fato, se inicia quando os moradores começam a suspeitar de algo a mais, algo que não havia sido explicado e, aparentemente, que não havia explicação.

Tudo piora ainda mais com a descoberta de diversos quadros de mulheres metade humanas e metade peixes que Enrique pintou e deixou guardado em seu cofre antes de morrer, até mesmo sua namorada havia sido desenhada com caudas em uma bela e enorme pintura. O que não prova nada, é claro, ele podia ter algum tipo de gosto por esse tipo de arte, vai saber. O problema é o fato de Emmaline ter sido encontrada morta no mesmo lugar que o amado anos depois, mas completamente sem roupa e sem sinais de afogamento em seu corpo. Por isso, especulações e mais especulações acabaram dando origem ao mito de Emmaline.

Reza a lenda que o mar não era um lugar seguro mais para esse povo místico, por isso eles não podiam voltar e continuavam na terra. Quando a cidade começou a passar por problemas, Enrique decidiu que precisavam fazer algo para buscar alimento, já que eles tinham total acesso aos frutos marinhos, e o que acabou gerando indignação por parte das criaturas marinhas que tinham medo do que podiam encontrar nas águas. Em uma atitude rápida e sem pensar, ele decidiu buscar por aquilo sozinho junto com seus amigos, sem contar para sua namorada. Quando Emmaline descobriu

que seu medo havia matado seu grande amor, ficou arrasada e quis fazer com que a perda dele para as águas tivesse valido a pena. Por isso, trabalhou arduamente durante meses na busca por frutos do mar – isso foi relatado por pessoas da comunidade, que sempre via a mesma à frente de grandes projetos, e até mesmo havia pessoas que a via sair de sua casa perto da praia à noite para mergulhar no mar com suas barbatanas balançando -, e realmente conseguiu fazer tudo com mestria ao trazer mais comida e esperança para o povo.

Quando pareceu finalmente ter realizado a vontade do amado, a garota de fios quase brancos decidiu que não havia mais pelo que viver e acabou se jogando no mar para morrer de tristeza. Sim, eles realmente acreditam que ela morreu de tristeza, pois não há outra explicação para uma suposto sereia morrer dentro da própria água. Através de relatos de pessoas que juram ter visto ela e os outros membros do grupo em caudas, pinturas deixadas por Enrique e uma morte de Emmaline totalmente sem explicação, o mito que rondou a minha infância foi criado.

O que eu definitivamente não sabia é que o mito da cidade tomada por sereias em alguns séculos passados é de Hellaware. Tão pouco sabia que havia um feriado importantíssimo para celebrar Emmaline, a sereia que trouxe esperança para seu povo. Não conseguia nem ao menos cogitar a ideia de que esse feriado, aparentemente tão importante para a cidade, deixava toda a população em festa. É tudo tão surreal. As mulheres se fantasiam de sereia e os homens de marinheiro. Amber, que parece estar extremamente empolgada com mais uma festa para saciar sua vontade de bebida, acaba de esticar uma fantasia em minha direção para que eu possa me juntar nessa comemoração hoje.

— Você vai ficar linda de sereia — constata, sorrindo alegremente.

Titia está usando a parte de cima do seu biquíni preto, um short jeans cintura alta, meias arrastão juntamente com seus coturnos pretos. O cabelo tingido pelo loiro está preso em marias-chiquinhas, duas mechas grossas da sua franja molduram o seu rosto. Algumas escamas roxas feitas por maquiagem serpenteiam o lado esquerdo do seu rosto, fazendo-me sorrir por ela realmente estar levando aquilo a sério. — Você adorava essas coisas quando era bem pequenininha.

— Eu ainda estou tentando processar a informação de que vocês levam um mito realmente a sério — digo ao pegar a minha fantasia de suas mãos. Apesar de estar achando tudo muito maluco, o meu lado infantil está dando pulinhos de alegria com isso. — Helloware é, definitivamente, sem igual.

— Você que está levando a sério demais. As pessoas nem devem se importar com quem Emmaline foi ou deixou de ser, só aproveitam esse feriado para encherem a cara e se fantasiarem às custas do idiota do prefeito. — Titia dá de ombros, sentando-se na minha cama. — A propósito, a festa não costuma ser tão grande. Mas, para a sua sorte, vai ser só por causa da inauguração da estátua nova que mandaram colocar em Sun Valley.

Concordo com a cabeça, imersa demais nas roupas à minha frente para conseguir reproduzir uma frase sobre o assunto. A parte de cima do biquíni é prateado, daqueles modelos tomara que caia. A saia rosa de tule, que parece ser o ponto chave da fantasia improvisada, me faz querer rir.

— É sério que você acha que vou ficar bonita nisso? — Aponto para a saia, franzindo o nariz em uma careta de desaprovação ao olhar para ela. — Parece piada.

— Você só pode ter puxado o seu pai nesse seu lado tão careta — Amber rola os olhos de forma teatral, bufando logo após. — Qual o

problema? Você tem um corpo perfeito, tem que ser mostrado.

— Então qual o motivo de você não estar usando uma também? — rebato, semicerrando os olhos em desconfiança.

Titia se levanta da cama, parando em minha frente com uma mão repousada sobre meu ombro. Ela balança a cabeça de um lado para o outro, repuxando os lábios em um sorriso irônico e ao mesmo tempo engraçado.

— Eu sei que não parece, mas, infelizmente, não tenho mais vinte anos de idade. Além do mais, consegue me imaginar vestida em um negócio frufu e colorido desse? — Abre os braços tatuados, me olhando como se quisesse dizer *“fala sério, me respeita!”*

— Tá, tudo bem. — Me dou por vencida. Olho para a roupa mais uma vez. — Você tem certeza que todos vão estar assim, certo? Não quero passar vergonha.

— Sim, até aposto que seu namorado irá de marinha. — Tia Amber ri, fazendo-me olhar para ela com os olhos injetados de fúria fingida. — O quê? — pergunta, assim que desfaz o sorriso.

— Ele não é meu namorado, tia — esclareço mais uma vez. Tem uma semana desde que disse sim para Devin na festa, o que acabou me fazendo contar para Amber o que estava rolando. Nesse tempo para cá, continua insistindo que ele é meu namorado, mesmo que eu já tenha negado diversas vezes. — Você parece que não me escuta.

— Eu te escuto, te vejo e é por isso que continuo insistindo. Vocês podem não ter oficializado ainda, mas agem como tal há muito tempo — diz, voltando a se sentar novamente. — Você que parece não me escutar.

Inspiro profundamente, tentando deixar o assunto para lá. Amber St.

Claire é a personificação da teimosia, eu que não entrarei em uma guerra só para contrariá-la.

Começo a tirar a roupa na sua frente mesmo, pegando a parte de cima do biquíni para colocá-la. Quando não consigo fazer o nó certo, paro com as costas na frente de titia e ela arruma para mim. Depois, pego um shortinho preto de lycra na gaveta, que vai fazer com que eu me sinta menos nua, e o visto em seguida. Olho para a saia sobre a cama com a mão espalmada na cintura, tentando acreditar que realmente vou vesti-la. Alguns segundos e insistências depois, acabo por vestir a saia rosa de tule.

Arrasto meus pés até o espelho, analisando minha imagem. Na verdade, não ficou ruim. Meus peitos médios parecem que se tornaram maiores no biquíni e a minha barriga acabou ficando um pouco de fora. A saia não cobre quase nada e quer revelar quase tudo, mas até que a combinação ficou legalzinha.

— Toma. — Tia Amber volta para o quarto após sair alguns segundos, entregando-me uma meia arrastão branca e uma tiara cheia de conchas. — Para completar a caracterização — diz em seguida, notando minha expressão de estranhamento.

Rio, aceitando.

— Outra coisa — anuncia, me fazendo olhar sobre os ombros. — Lembra do livro que eu lia sobre Emmaline?

— Lembro. — Sorrio nostálgica, lembrando de como amava ouvir sobre ela.

Titia assente em um manear de cabeça ao me ouvir, esboçando um sorriso. Ela retira um dos braços de trás das suas costas e revela para mim o livro médio de capa marrom envelhecida. A letra do nome de Emmaline está

escrita com letras douradas e caprichadas na capa, e o seu desenho em forma de sereia, que eu acredito ter sido retirado de uma das pinturas do tal Enrique, está evidenciado por ali. Em um ímpeto, arranco o livro de sua mão, me sentando na cama para poder folheá-lo depois de anos.

A sua pele negra contrasta perfeitamente com seus longos fios quase brancos, assim como seu olho esquerdo de cor azul e o direito de cor âmbar. No desenho da capa, a sereia está repousada sobre rochas escuras, que se encontram próximas do mar. O céu parece nebuloso, completamente fechado. A calda, desenhada cuidadosamente, é de um tom verde água. À medida que abro o livro sobre o mito, encontro diversos desenhos e relatos sobre as sereias que diziam rondar Hellaware antigamente.

É inevitável não sorrir, faz com que eu lembre da minha infância.



A praça central está tomada por uma multidão, como se todos estivessem ali para presenciarem algum tipo de show. Há pessoas fantasiadas de sereias e marinheiros por todas as partes, não importa sua idade. Até vejo algumas perambulando de um lado para o outro com perucas loiras, simbolizando a famosa Emmaline.

Tem crianças correndo e tomando raspadinha para se livrarem do calor escaldante que se faz presente nessa tarde, tem adultos dançando e bebendo ao som de alguma música que desconheço agora e tem enormes balões e decorações que remetem ao sereismo rondando todo lugar.

O palco de madeira bem no centro, que parece ser o lugar perfeito para o prefeito anunciar a nova estátua de Sun Valley, está com uma faixa azul relevando o fato sobre hoje ser o dia da sereia, pendurada de uma ponta até a

outra.

— Tem certeza que Devin vem? — Amber pergunta ao meu lado, analisando todo o local com o pescoço esticado, a fim de reconhecer o maior número de pessoas possíveis no local. — Não vejo nenhum sinal dele.

— Vem sim, ele me garantiu — afirmo, buscando-o com o olhar entre a multidão na nossa frente.

Buscando incessantemente sua presença por longos minutos, vejo sua palma levantada no ar para chamar minha atenção. Devin está próximo das mesas redondas de pedras da praça, um pouco longe da multidão em frente ao palco, porém perto o suficiente para conseguir observar toda a movimentação. De onde estou, noto que não está usando uma fantasia como os garotos ao nosso redor, mas acabou se rendendo a um chapéu de marinheiro no topo de sua cabeça.

Meu coração pula um pouco dentro do peito quando vejo seu sorriso lindo iluminando todo ambiente sendo lançado para mim e a minha barriga parece embrulhar no mesmo instante. Não consigo segurar as emoções todas as vezes que o vejo, isso faz com que eu me sinta uma idiota sem tamanho.

Talvez essas emoções que só ele consegue me despertar fizeram com que eu mandasse tudo ir à merda, roubando seus lábios para mim no meio da festa. Fui impulsiva, fiz o que meu coração mandou e, felizmente, não me sinto nem um pouco arrependida, muito menos receosa. Me sinto estranhamente segura ao seu lado e acredito em cada palavra que saiu pela sua boca naquela noite. Mesmo que eu tivesse tudo sob controle antes, não estava sendo feliz na escolha. Eu o queria, era nítido. Queria me entregar ao que sentíamos, queria verdadeiramente poder embarcar nisso tudo uma outra vez. Eu sabia que não poderia ficar presa para sempre em uma história de

adolescência, mesmo que essa tivesse arruinado minha vida. Precisava aproveitar, recomeçar e queria tudo aquilo com ele. Quando me entregou a jaqueta, mesmo que não tivesse nenhuma pretensão, eu simplesmente soube. Naquele momento, eu soube com todas as letras possíveis que havia encontrado o meu novo recomeço.

Leblanc, nesse pouco tempo, conseguiu me fazer sentir coisas que há muito tempo não sentia mais. Ele desperta todos os meus lados, até mesmo os que eu não conheço. Desperta a minha confiança, me ajuda a enxergar que sempre bastarei sozinha.

Nessa uma semana que me permiti viver, estou muito mais conectada comigo do que qualquer dia já fui. Estou muito mais feliz do que vim acreditando que estava. Me sinto verdadeiramente e finalmente em paz, como se tivesse encontrado tudo aquilo que estava faltando para a minha vida se reerguer de uma vez.

Balanço a cabeça de um lado para o outro, afastando o sorriso idiota do rosto para pegar na mão da minha tia. Nós caminhamos juntas até estarmos paradas em frente de Devin, observando como todos do MotoClub já se encontravam por ali, incluindo Georgina, que parecia fazer parte do grupo muito mais do que qualquer um com a jaqueta.

Sou surpreendida pelas mãos de Devin me puxando pela cintura, depositando um selinho demorado nos meus lábios, o que faz alguns assobiarem. Quando ele se afasta, ainda com as mãos me prendendo junto ao seu corpo, me olha com um sorriso cafajeste, fazendo meu rosto esquentar em vergonha ainda mais.

— Ainda bem que essa sereia eu pesquei primeiro — fala olhando para os amigos, e depois volta sua atenção para mim ao sorrir. — A sereia mais

linda de todas — sopra baixinho, agora só para que eu escute. Não consigo conter o sorriso que se forma em meu rosto, por isso o abafo ao colar meus lábios novamente nos seus.

— Eca, quanta melação — ouço John dizer, o que me faz desgrudar de Devin só para fitá-lo em repreensão. — Vocês estão fazendo com que meu refluxo ataque.

Quero rir, mas me seguro. Depois que nós dois começamos a trocar demonstrações públicas de afeto, somos bombardeados por frases parecidas vindas dele. Na minha concepção, está morrendo de inveja por querer algo assim também. Só é idiota e cafajeste demais para admitir a si mesmo.

— Que pena — ironizo, mas acabo por me desvencilhar dos braços de Leblanc só para poder me sentar em um dos bancos que circundam a mesa. — O que estão achando do evento? — Mudo de assunto, observando cada um, com o cotovelo fincando na mesa e o queixo repousado sobre uma das mãos.

— Meio parado ainda — Georgina diz, levando meus glóbulos para si. Está usando uma maquiagem de escamas impecável no rosto, um brilho azulado tomando conta de todo seu colo desnudo, além de um biquíni tomara que caia da mesma cor, que está enfeitado por algumas pedras de pérola e conchas. — Tudo começa a melhorar mais tarde, quando a festa migra para Sun Valley.

— Como assim? — Minha curiosidade sobressai em meu tom de voz, já que Amber não havia me contado essa parte.

— Digamos que esse horário é só para a família — Kieran sai na frente e, ao contrário de Devin e John, está trajando toda uma fantasia elaborada de marinheiro. O chapéu branco com uma âncora na frente o deixa ainda mais

fofo, o que me faz suspirar. — Quando chega lá para seis horas da noite, os adolescentes e jovens migram para a praia e fazem a sua própria festa cercada de muitas bebidas e tudo o que você possa imaginar.

— Vocês vão? — pergunto, mesmo já sabendo qual será a resposta.

— Óbvio — Kara quem diz dessa vez, completamente empolgada. Ela não está fantasiada de sereia, e sim de marinheira como seu irmão. — Não ir beber na praia no feriado de Emmaline é a mesma coisa que não aproveitar o feriado.

Eu assinto, sorrindo. Já imaginava que essa seria a resposta, por isso não fico surpresa. Observo o rosto de cada um, demorando um pouco para perceber que Violet não está aqui junto com os outros. Desde que soube que comecei a me envolver com Devin, evita frequentar todos os lugares que sabe que estarei. Eu não me importo, entretanto. Se isso fará bem para ela, acho que é importante. Deve ser horrível gostar de alguém e ter que ficar vendo-a andar por aí toda contente com uma pessoa que não é você. Mesmo que Devin diga que ela não gosta dele daquela forma, eu sou mulher e sei exatamente que ela gosta muito mais dele do que ele possa imaginar. Eu consigo ver só pela maneira como Violet o observa.

Antes que eu possa pensar mais a respeito do assunto, somos surpreendidos pela voz do prefeito de Hellaware retumbando nas caixas de som. Todos nós viramos nossa atenção para vê-lo falar ao microfone em cima do palco, vestido de forma completamente formal, bem diferente dos cidadãos. Ryder Davis tem seu cabelo grisalho penteado para trás e afrouxa a gravata vermelha antes de dar início ao seu discurso sobre como o mito é importante para a cidade e coisas do tipo.

Ao seu lado, está algo coberto por uma manta bege, que eu suponho

ser a estátua. Ela não é muito alta, por isso deve ser fácil transportá-la para a praia logo depois que isso aqui acabar.

— Muito obrigado por estarem presente nessa inauguração — Ryder anuncia após seu discurso, se direcionando até a estátua, com o microfone já fora do suporte. — Com vocês, nossa salvadora Emmaline! — Em meio a expectativa de todos, Ryder retira o pano bege, que revela uma estátua da sereia em bronze sentada em uma pedra. A figura está exatamente como na capa do livro de tia Amber. É realmente muito linda!

Os moradores da cidade vão à loucura, batendo palmas e gritando o nome de Emmaline como se fosse uma prece. Olho para tia Amber no mesmo instante, que me encara com o mesmo brilho nos olhos azuis de quando lia essa história para mim lá em NY. Meu coração se infla de amor por ela, e é só agora que me dou conta de que não sei o que seria da minha vida se não a tivesse ao meu lado todos esses anos.



O vento gélido da praia de Sun Valley agora de tardezinha faz com que o meu cabelo dourado chicoteie o meu rosto. Estou com a jaqueta de Devin repousada sobre meus ombros, sentada entre as suas pernas em uma das toalhas estiradas sobre a areia. Seu braço está entrelaçado em cima da minha barriga e o seu queixo está encaixado na curvatura do meu ombro.

A festa realmente está acontecendo por aqui, assim como haviam falado. A música rola solta, assim como bebidas e o cheiro de maconha. Uma hora ou outra, fogos de artifício papocam no céu em cores coloridas.

Tia Amber também está com a gente, não quis voltar para casa. Ela tem um cigarro pendendo entre seus lábios e um copo vermelho tomado pela

cerveja em uma das mãos. Seu olhar absorto observa algum ponto aleatório no céu, o que me deixa um pouco tensa. Amber está quieta demais, sinal de que algo está errado.

Georgina sumiu com John pelo mar, já que ele foi o único a topar sua ideia de se jogar na água gelada uma hora dessas. Kieran e Kara estão sentados em uma toalha só deles, discutindo entre si sobre sereias realmente existirem ou não. Kara acredita que sim, já Kieran acha tudo uma baboseira. Fico alguns segundos observando-os, tentando montar minha própria linha de raciocínio sobre acreditar ou não no mito, já que li uma matéria um dia desses que dizia que as pessoas não conhecem nem 95% dos oceanos. Todo o meu pensamento se perde quando escuto sons de várias motos se alastrando pela rua próxima o bastante da praia.

Eu observo Devin sobre o ombro, achando tudo estranho, visto que os únicos possíveis para fazerem aquele barulho estavam bem ali, comigo. Ele também devolve meu olhar, a testa completamente crispada, sem entender nada assim como eu. Quando parece juntar as peças do quebra cabeça, me afasta delicadamente, ficando de pé em um ímpeto, assim como tia Amber, Kieran e Kara.

Todos os quatro se entreolham desconfiados, mas acabam correndo para a rua na mesma hora sem falar uma palavra. Me pergunto o que diabos está acontecendo e o porquê de todos estarem agindo como malucos, mas acabo acelerando o passo para ficar no encalço deles. Quando atravesso a areia junto deles e alcanço a rua, meus olhos capturam a cena em que várias motos estão estacionadas e tomando conta do lugar, assim como um homem de cabelos escuros e barba, vestido em uma jaqueta de couro no meio delas. Ele olha para Devin com um sorriso emocionado no rosto e abre os braços em seguida. Na mesma hora, Devin corre em sua direção e o envolve em um

abraço apertado.

— O que... — Viro para perguntar algo para tia Amber ao meu lado, mas sua expressão de quem viu um fantasma me faz parar na mesma hora. — O que está acontecendo aqui, tia? — resolvo perguntar mesmo assim, vendo-a me olhar com os olhos injetados de fúria e mágoa.

— Esse aí, sobrinha... — Inspira profundamente, fechando o punho ao lado do corpo. — É aquele que não podia ser nomeado lá em casa, ou melhor esclarecendo as coisas, meu ex canalha e o pai do seu futuro namorado.



19

*"Meu coração está em chamas
Você vem até mim, vem até mim, impetuoso
e selvagem*

*Quando você vem até mim
Me dá tudo que eu preciso. "*

THE BEST | TINA TURNER.

Barbie St. Claire

Tem algo extremamente forte preenchendo o ar de fim de tarde da praia, e definitivamente não é o cheiro enjoativo de maresia mesclado com cerveja barata. O que preenche o ar e nos abraça de forma alheia, de fato, é a tensão. E ela consegue ser tão palpável, mas tão palpável, que se qualquer um de nós tentar levantar o braço para fazer qualquer movimento que seja, certamente conseguiremos senti-la pinicando entre nossos dedos.

O vento de Hellaware parece estar empenhado em tentar amenizar o clima levemente estranho pairando pela rua, pois zumba um som particular em nossos ouvidos, enquanto balança nossas roupas de forma intensa, o que eu acabo supondo ser para conseguir mudar nosso foco da bomba prestes a explodir bem no centro de nós. Mesmo que ele esteja fazendo um ótimo papel para atingir tal feito, ninguém parece se importar com os fios açoitando o rosto de modo ferino ou até mesmo com as boas partes das peças de roupa

dançando como uma onda pelo ar.

Todos os pares de olhos estão vidrados na cena que se desenrola a seguir, totalmente absortos com o resto do mundo. Devin, que se aproxima de nós com o braço encaixado no pescoço do pai, repuxa os lábios em formato de coração em um sorriso carregado de felicidade. O homem ao seu lado não deixa de carregar o mesmo sorriso, olhando para cada canto da cidade como se estivesse revivendo vários momentos memoráveis em sua própria mente.

Assim que se aproxima perto o suficiente, examino-o minuciosamente. Seu cabelo liso e escuro torna-se uma bagunça na sua cabeça, caindo alguns fios sobre seus olhos, que parecem duas bolas de bilhar de tão escuros que são. O rosto com algumas rugas e marcas de expressões está coberto por uma barba rala, combinando harmonicamente com seu maxilar quadrado. Ele traja uma jaqueta de couro preta — algo indispensável também para ele, pelo visto —, camisa xadrez de cor vinho, uma blusa preta lisa por baixo dela e calça jeans surrada. Mesmo parecendo estar na casa dos quarenta anos assim como titia, continua extremamente conservado e bonito.

Por falar em Amber St. Claire, vejo por rabo de olho o exato momento em que se empertiga ao notar tamanha aproximação por parte dele. Sua mandíbula fica cerrada na mesma hora, seu punho fechado ao lado do corpo. Ela inspira e expira tantas vezes que sou incapaz de contar.

Não faço ideia do que aconteceu entre os dois, ela nunca foi de entrar nesse assunto. Quando eu disse que era algo realmente proibido de se mencionar lá em casa, eu estava sendo mais do que sincera. Pelo visto, ele a tinha magoado de uma forma intensa. Nunca vi seus olhos azuis faiscarem em pura raiva como agora.

Conhecendo-a como conheço, não me surpreenderia caso decidisse

socá-lo agora mesmo.

— Pessoal, esse é o Hunter Leblanc — Devin anuncia segundos depois, mostrando-nos seu pai como se fosse algum tipo de celebridade. — Hunter, essa é a Barbie, que por sinal é a minha garota. E o seu lado é a Amber, sua tia extremamente... *legal*. — Aponta para nós com o dedo indicador, sorrindo incerto ao falar a última palavra. Eu riria da sua falta de jeito para fazer apresentações decentes, mas meu mundo pareceu parar só na parte do "*minha garota*". Já sinto as minhas bochechas esquentando agora mesmo só por causa disso. Não posso dizer que não gostei, entretanto. — Sem apresentações para Kara e Kieran, você já os conhece. — Dá de ombros, fazendo seu pai e os irmãos McAllister rirem na mesma hora.

— É um prazer finalmente te encontrar, Barbie — Hunter vira sua atenção para mim, e o tom irônico de sua voz demonstra que ele não está falando aquilo só por ter ouvido seu filho comentar sobre mim em algum momento. Suponho que pelo tempo em que ele e titia namoraram, certamente deve ter escutado histórias ao meu respeito diversas vezes. Aposto que é sobre isso que está falando. — Você é realmente encantadora. Tão encantadora quanto sua tia. — Agora encara Amber, sorrindo de forma maliciosa e um tanto quanto perigosa para ela.

Sua risada sem humor reverbera para todos nós, fazendo o pai de Devin criar sulcos em sua testa e glabella, sinal claro de estranhamento.

— Pelo visto, conseguiu se tornar ainda mais cara de pau do que antes —constata, balançando a cabeça de um lado para o outro com um sorriso de incredulidade no rosto. — Você realmente se supera, é impressionante.

— E você se tornou ainda mais turrone do que antes. — Hunter sorri, a observando da cabeça aos pés. — Qual é, raposa, vai dizer que não gostou de

ver o grande amor da sua vida depois de tantos anos?

Observo Devin na mesma hora, sua expressão de quem está totalmente perdido na conversa se evidencia em seu rosto. Os braços estão cruzados em frente ao seu peito, os olhos semicerrados para a pequena discussão dos dois e a boca entreaberta em choque à medida que o quebra-cabeça começa a ser montado em suas engrenagens.

Coitado, levou essa informação crucial bem no meio da cara de modo tão despreparado quanto eu.

Qual o problema deles dois em contar as coisas para nós? Isso é tão ridículo. Faço uma nota mental para poder conversar isso com ela depois, principalmente para saber o porquê de ter escondido sobre Devin ser filho do seu ex-namorado.

— Não. Me. Chame. Assim. — Titia rosna entredentes, parecendo ainda mais furiosa pela menção de um apelido nada autoexplicativo. — Estou extremamente feliz, não está vendo? — Aponta para o rosto, esticando os lábios pintados por um batom cor de vinho em um sorriso completamente forçado. — Se dependesse de mim, nunca mais te veria na minha frente. Nem mesmo se você trouxesse o Dylan McKay para mim.

— Que porra está acontecendo aqui? — Devin decide intervir, intercalando seu olhar carregado de confusão entre o seu pai e a minha tia fervendo em raiva. — Vocês já se conheciam?

— Tive o desprazer de namorar o seu pai anos atrás — Amber suspira frustrada, olhando para Hunter com o rosto se franzindo em uma careta repleta de desgosto.

Leblanc parece ainda mais chocado, agora trocando olhares com o seu pai em busca de mais explicações.

— Foi há *muitos* anos atrás — ele esclarece, guardando as mãos dentro da jaqueta. — Nós éramos dois jovens rebeldes e apaixonados. Vivíamos intensamente, era sempre 8 ou 80 entre nós. Em um belo dia, Amber decidiu dilacerar meu coração com um certo pé na bunda.

— É impressionante a sua cara de pau *mesmo*. — Tia Amber coça a testa, um sorriso irônico esgueirando pelo seu rosto. Ela olha para ele de forma extremamente inacreditável. — Você me traiu com a minha melhor amiga, cafajeste idiota. Foi por isso que te larguei.

— Eu tinha dezenove anos, Amber. Era um jovem idiota e imaturo, você não pode me culpar pelo resto da vida. Já faz vinte e seis anos, como pode guardar tanto rancor de alguém durante todo esse tempo? — Ele também soa perplexo, a observando com uma das sobrancelhas grossas arqueadas.

— Você merece. — Dá de ombros, virando sua atenção agora para mim. — Estou caindo fora desse circo, vejo você em casa. Não chegue muito tarde, tá certo? Se acontecer alguma coisa, não pense duas vezes em me ligar.

— Quer que eu vá com você? — pergunto, levemente preocupada. Não quero deixá-la só caso esteja mal. — Não acho uma boa ideia te deixar sozinha, tia. Nós podemos jogar alguma coisa ou assistir alguns episódios de Barrados no Baile no sofá de casa.

— Nem pensar! — Balança a cabeça negativamente, colocando sua mão em meu ombro. — Eu estou ótima, sério. Não precisa se preocupar. A única coisa que você precisa fazer pela sua tia aqui é se divertir.

— Tem certeza?

— Absoluta! — Sorri, me puxando pelos ombros para me embalar em um abraço rápido. — Vejo você em casa.

Eu assinto em um manear de cabeça, observando seus passos se arrastarem para uma direção completamente diferente da nossa. Quando volto para encarar o pai de Devin e todos na roda uma outra vez, percebo que todos os pares de olhos estão repousados sobre mim. Não consigo conter a vergonha, por isso abaixo a cabeça na mesma hora para analisar qualquer coisa no chão de asfalto que possa me livrar de toda essa situação constrangedora.

— Finalmente você voltou, Hunter. — Ouço Kara dizer e sua voz sai tão doce como sempre. Agradeço a Deus por ela se dispor a mudar o foco da conversa. — Qual o motivo da volta repentina?

— Cansei da cidade vizinha. Nós podemos conversar sobre isso em casa, que tal? A viagem foi longa e cansativa, o velho de vocês está terrivelmente ferrado. — Ergo meus olhos só para poder analisá-lo, e vejo como realmente parece cansado, bolsas escuras se formaram ao redor dos seus olhos. — Também preciso apresentar essas pessoas incríveis que vieram comigo, sóque isso tudo só lá no rancho. — Aponta com o polegar para o grupo de motoqueiros estacionado na rua atrás de si, caminhando em direção a eles segundos depois.

É, realmente parecia haver muitas coisas para serem conversadas.



Devin fez questão que eu também estivesse aqui, alegando que eu precisava conhecer Hunter melhor, tentar tirar a má impressão que Amber havia implantado na minha cabeça sobre ele. Apesar de estar tremendamente envergonhada com toda situação, não hesitei. Queria realmente saber mais coisas, minha curiosidade gritou mais alto na hora de aceitar seu convite.

Algumas pessoas estão sentadas em cadeiras de praia no meio do jardim do rancho agora, bebendo umas boas doses de álcool com o cigarro pendendo entre os dedos. Outras, assim como eu e Devin, estão espalhadas pela relva de forma despretensiosa. Há alguns caras mais velhos da idade de Hunter, mas também há alguns mais jovens como nós. São três mulheres e dois homens e eles parecem extremamente perdidos e deslocados.

— Gostaria que vocês conhecessem essas cinco pessoas maravilhosas que tive o prazer de conhecer em Gipsy Hill, na cidade vizinha — o Leblanc mais velho fala, apontando com o queixo para o grupo sentado perto de nós. — Podem se apresentar, por favor.

Vejo que o grupo se entreolha, receosos. Eles passam algum tempo decidindo quem começará se apresentando, mas uma garota parece perder a paciência, saindo na frente deles ao dizer em voz alta:

— Meu nome é Daisy Flinch — se apresenta, o tom entusiasmante em sua voz. Seu cabelo é longo e vermelho, se transformando em um laranja da metade para as pontas. O rosto redondo é pálido, mas um batom coral acaba lhe dando um pouco de vida, assim como seus olhos castanhos escuros pincelados por uma boa camada de sombra marrom. Há piercing prateado em seu nariz e em seu supercílio, e eu consigo ver algumas tatuagens nos seus dedos, assim como uma em formato de cruz ao lado da mão. Ela veste um cropped branco de renda por baixo de uma jaqueta jeans repleta de broches de bandas, que combina perfeitamente com seu short cintura alta do mesmo tom, além de combinar também com os coturnos brancos com solado preto em seus pés. Uma bandana vermelha adorna seu pescoço, tornando-a ainda mais bonita e estilosa. — Hunter falou tanto de vocês, é um prazer finalmente conhecê-los.

— O prazer é todo nosso — John, que apareceu aqui horas depois sem

entender absolutamente nada do que estava acontecendo, se apressa em falar com todo aquele charme de mulherengo gritando para Daisy suas reais intenções.

Ela apenas assente com um sorriso tímido, as bochechas fofas se tornando tão vermelhas quanto seu cabelo.

— Prazer galera da pesada, sou Blue Sanders. — É impossível não se surpreender com a coincidência da próxima garota que decide falar, já que seu cabelo médio possui a mesma cor do seu nome. Os olhos também são tão azuis quanto eles, destacando sua pele branca como neve. Os lábios estão preenchidos por uma boa camada de gloss labial e ela os repuxa em um sorriso carregado de hospitalidade. Usa uma blusa branca, que é grande demais para seu corpo pequeno, com os integrantes da banda Kiss estampado na frente, uma calça jeans escura rasgada nos joelhos e tênis com cadarços coloridos.

Nós a cumprimentamos com acenos e desejos de boas-vindas, recebendo agradecimentos e sorrisos dóceis da parte dela.

— Olá, eu me chamo Anastasia. Anastasia Green. — Uma outra menina se apresenta, a voz muito mais contida e receosa. Ela parece extremamente perdida, os olhos escuros e puxados sem nenhum traço de brilho. Não entendo nada dessas coisas, mas suponho que seja coreana. Suas roupas são compostas por jaqueta de couro preta, blusa cinza, calça escura e uma bota de cano baixo. Os fios pretos e extremamente lisos estão presos em um rabo de cavalo e seu rosto parece estar livre de qualquer resquício de maquiagem.

Depois dela, mais dois rapazes se apresentam. Ivy Prince foi o primeiro, cheio de confiança em seu tom de voz e esbanjando um sorriso

carregado de *"eu sou o dono do mundo"*. Seus cabelos são em um tom de loiro escuro, os olhos cor de chocolate e é dono de um maxilar bastante definido. Usa jaqueta de couro marrom, blusa cinza e calças jeans. Nada muito diferente do que passou a ser comum para esses garotos. Enquanto ele falava seu nome lentamente, como se fosse algum tipo de prece, fumaça cinzenta o rodeava. Era nítido como exalava problema em cada um dos seus poros.

Apollo Flores, no entanto, parecia um pouco mais na dele, não parecia um cara que gostava de chamar atenção. Se ele tinha qualquer pretensão de passar despercebido, acho que não deu muito certo. Seus fios escuros, que batem quase no seu ombro, conseguiram chamar mais atenção do que ele provavelmente gostaria. Não só o seu cabelo, mas também sua barba escura, suas tatuagens expostas pela regata colorida, as pequenas argolas enfeitando suas duas orelhas e, claro, seus traços indianos conseguiram fazer isso.

— É um prazer conhecer todos vocês — Devin diz assim que Apollo termina de se apresentar, olhando para cada um dos cinco. — Vocês vieram junto com meu pai para visitar Helloware?

— Na verdade, nós viemos para ficar — Ivy responde pelos seus amigos, brincando de um lado para o outro com o líquido em seu copo vermelho.

Na mesma hora, Devin arqueia uma sobrancelha para seu pai, cruzando os braços em frente ao peito.

— Não precisa me olhar com essa cara, filho. Meus amigos estão só para visitar, vão embora próxima semana, sei lá. Esses cinco, que estavam passando por alguns probleminhas em Gipsy Hill, ficarão conosco até conseguirem se adaptar na cidade. — Hunter esclarece, desencostando as

costas da cadeira de praia para poder fincar os cotovelos em suas pernas. — Está tudo sob controle, eu garanto. Só estou os ajudando.

— É verdade, Devin — Daisy, totalmente receosa ao falar o nome dele, se apressa em entrar na conversa. — Seu pai foi um anjo em nossas vidas, não sei o que seríamos de nós se ele não tivesse cruzado em nosso caminho. Mas pode ficar tranquilo, nossa estadia aqui é só por enquanto, nós vamos arrumar um trabalho e uma casa para morar o mais rápido possível.

— Tudo bem. Não precisam se preocupar. Podem ficar aqui o tempo que precisarem — Leblanc garante, sorrindo para eles de modo acolhedor.

O coração dele é enorme, é claro que caberia mais pessoas dentro.

— Agora conta para nós, o que houve com vocês na cidade vizinha? — É a vez de Kieran interagir, seu tom não negava o quanto ele estava curioso sobre o assunto. Na verdade, da forma como todos nós estávamos olhando para aqueles cinco jovens, não deixava passar despercebido como estávamos *todos* curiosos.

E eles parecem se empertigar na mesma hora, trocando olhares desconfiados entre si. Hunter também parece se manter da mesma forma, pois fricciona os lábios um no outro e olha para o verde musgo do gramado, o rosto completamente impassível.

Blue Sanders abre a boca para falar algo, e é impedida no exato momento em que nota a palma da mão do mais velho esticada em sua direção.

— Não aconteceu nada demais, só problema de garotos. — Ele se levanta, bocejando em alto e bom som. — Já está tarde, vocês precisam descansar. — Olha para cada um do grupo, a expressão completamente séria. Na mesma hora, todos se levantam em um ímpeto. — Apollo e Ivy, vocês

dividem o trailer com John e Kieran. Meninas, vocês escolhem como vai ser a divisão, mas já aviso que só há Kara e Violet de mulher por aqui.

Os meninos seguem John e Kieran assim que Hunter termina de falar. Kara, que é a única que está por aqui, chama as meninas para irem conhecer o seu trailer e o de Violet.

— Tenho um colchão velho guardado, você pode ficar no de John só por essa noite? — Escuto Devin perguntar para o seu pai, mas não consigo encará-los, por isso fico puxando algumas folhas para brincar com elas em minhas mãos.

— O quê? Qual motivo de eu não poder ficar no seu? — Hunter parece perplexo, e é nessa hora que a minha curiosidade me trai, fazendo-me flagrar a cabeça de Devin sendo apontada em minha direção, como se eu fosse o motivo para o seu pedido. O mais velho apenas assente com um sorriso malicioso no rosto, passando por ele para seguir o caminho do trailer, só que não sem antes depositar leves batidinhas no ombro do seu primogênito.

Droga. Que vergonha.



Mais uma vez, fui convencida por Leblanc para passar a noite com ele. Sinceramente, estou começando a acreditar que sou incapaz de lhe dizer não. Que sou incapaz de olhar para os seus olhos, tão hipnotizantes e magnéticos, e falar qualquer coisa que não seja para acatar um pedido seu.

Não acho que isso seja uma coisa ruim, na verdade, tenho certeza de que isso é fruto do meu sentimento genuíno por ele. À medida que passo um tempo ao seu lado, quero continuar permanecendo por ali cada vez mais. Por

isso que quando me pede para dormir junto com ele, sou incapaz de dizer não porque sempre quero aproveitar o maior tempo possível ao seu lado. Sempre quero sentir seu toque, sua respiração pesada se juntando com a minha, suas cantadas baratas sendo ditas no meu pé do ouvido, até mesmo seus braços entrelaçados ao meu corpo enquanto dormimos agarradinhos em sua cama de casal.

Liguei para tia Amber na mesma hora, não queria que esperasse a noite toda por mim, tão pouco que ficasse preocupada. Ela atendeu a chamada com a voz sonolenta, mas ficou super contente em saber que ficaria com Devin mais uma noite. Apesar de ele ser filho do cara que ela guarda alguma mágoa, titia nunca deixou de nos apoiar e incentivar, isso mostra como é uma pessoa que sabe separar as coisas. Eu a amo ainda mais por isso.

Estou tirando a saia de tule e a parte de cima do biquíni na presença dele, mas virada de costas. Mesmo vestindo uma de suas camisetas e sem enxergar nada do que está acontecendo atrás de mim, consigo sentir seus olhos queimarem as minhas costas, o que me faz morder um sorriso de vitória. Não sinto vergonha quando estamos a sós, gosto de como Devin Leblanc me faz sentir uma mulher desejada.

Estou prestes a virar, mas sou impedida ao sentir sua presença atrás de mim. Ele afasta os fios do meu cabelo para o lado, afundando seu nariz na curvatura do meu pescoço, inspirando meu cheiro como se fosse seu aroma favorito.

— Não via a hora de ficar sozinho com a minha boneca. — Sua voz rouca consegue arrepiar ainda mais cada centímetro de pele do meu corpo, me fazendo fechar os olhos com força.

Suas mãos repousam em cada lado do meu quadril, me girando para

ficar de frente para si em um movimento rápido e inesperado. Meu coração pula dentro da minha caixa torácica na mesma hora, as pernas transformando-se em duas gelatinas de tão moles. Se ele não estivesse me segurando tão firmemente, certamente teria escorregado até alcançar o chão sem aviso prévio.

Ele parece perceber o efeito que seu simples toque causa em mim, pois o sorriso torto se ilumina em seu rosto milimetricamente esculpido pelas mãos dos melhores deuses da beleza. Os olhos intensos não desgrudam dos meus nem por um segundo, parecendo querer analisar cada pedaço da minha alma.

Eu balanço a cabeça de um lado para o outro, o puxando ainda mais para mim ao passar meu braço em volta do seu pescoço.

— Também não via a hora de ficar sozinha com o meu bad boy favorito — sopro em seu ouvido, conseguindo retirar uma risada gostosa da sua boca.

— Então você tem mais de um? — ironiza, me olhando com divertimento. — Caramba, pensei que fosse o único.

Agora é a minha vez de gargalhar, tombando até a cabeça para trás.

— Se você continuar falando muito, acabará não sendo o único — provoco, cansada demais de joguinhos. Eu o queria. *Agora.*

— Seu pedido sempre foi uma ordem, St. Claire — diz sério, me puxando pelo pescoço para colar sua boca na minha em um beijo selvagem e carregado de luxúria. Em um movimento rápido, me pega pela cintura para que eu possa entrelaçar as pernas ao redor de seu corpo viril.

Ele caminha comigo sem desgrudar a boca da minha, explorando meu

gosto com a sua língua de forma extremamente intensa e provocativa. Sinto um aperto na boca do meu estômago, assim como um arrepio percorrer toda base da minha espinha.

Não consigo raciocinar muito sobre as minhas sensações, pois minhas costas afundam na cama assim que ele me joga sobre ela. Sua camiseta sobe um pouco no meu corpo por causa do movimento brusco e um pouco da minha calcinha de renda se evidencia para Devin, que passa o polegar e o indicador pelo queixo de modo contemplativo, umedecendo e mordiscando o lábio na mesma hora.

Se eu fosse uma arte exposta em um museu, ele me observaria como se fosse o maior dos admiradores.

— Você é um pecado, Barbara St. Claire. — Pela primeira vez na vida, não me importo de ter alguém me chamando não só pelo meu apelido. Meu nome deslizando lentamente pelos seus lábios é definitivamente a oitava maravilha do mundo. Eu queria e precisava escutar aquilo mais vezes. — E eu estou inteiramente pronto para pagar o preço de poder desfrutá-lo quantas vezes eu quiser — diz, se colocando em cima de mim para poder morder meu lábio inferior de forma extremamente perigosa. Alguns segundos depois, já estamos devorando um ao outro em mais um beijo repleto de euforia.

Minha mão passeia pela sua nuca, a arranhando levemente. Ele descola os lábios dos meus só para levá-los ao meu pescoço, distribuindo beijos e mordidas pela região. Eu arqueio a coluna na mesma hora, a respiração completamente entrecortada.

Sua mão boba adentra pela camiseta, mas eu não me importo nem um pouco. Ela percorre um caminho indo da minha barriga até o vale dos meus

seios, já que os mesmos se encontram livres de sutiã, me fazendo fechar os olhos e murmurar palavras incompreensíveis. Não demora muito para que, em um segundo após, esteja brincando com um dos meus mamilos rígidos em sua mão grande e calejada.

— Devin... — Minha voz sai por um fio, completamente desestabilizada.

Sinto suas mãos se afastando, seus olhos incertos pairando sobre mim.

— Não para! — afirmo, a voz saindo baixa. — Pode desfrutar do pecado quantas vezes quiser hoje.

O sorriso torto reaparece novamente em seu rosto, o que me faz acompanhá-lo.

— Você parece um anjo, mas consegue ser o próprio diabo quando quer.

Assinto com a cabeça ao ouvir sua frase, concordando plenamente com o que havia escutado, o puxando pela gola da camisa de volta para mim com mais um sorriso vitorioso no rosto.

Eu realmente podia ser o que eu quisesse ao lado dele.



20

*"Você não vai sussurrar suave e devagar?
Eu estou cativada por você, amor
Como um show de fogos de artifício."*

SPARKS FLY | TAYLOR SWIFT.

Barbie St. Claire

O som da minha respiração se misturando com a de Devin preenche cada canto do cômodo clareado pela luz do luar e à medida que ambas vão se tornando cada vez mais intensas, sinto que uma combinação da qual eu nunca imaginaria que fosse se encaixar tão bem, se torna um dos meus sons favoritos a partir de agora. Mesmo não tendo um ritmo certo e sendo completamente descompassadas, nossas respirações pesadas se transformam em uma linda melodia carregada de puro sentimento e desejo, muito mais bonita do que qualquer música bem trabalhada que um dia já cheguei a ficar fascinada.

É nesse exato momento que também faço de tudo para que o ar consiga percorrer seu caminho trivial até o meu pulmão, mas parece uma tarefa quase que impossível, visto que quanto mais eu tento puxá-lo para mim de forma desesperadora, mais vejo como parece convicto em não ceder às minhas

tentativas de modo tão fácil, isso tudo por culpa do efeito que o toque de Devin causa em meu corpo, deixando-me completamente desestabilizada até mesmo para conseguir respirar.

Seus lábios cheios e quentes agora mordiscam o lóbulo da minha orelha direita, murmurando algumas coisas que o meu cérebro é incapaz de processar. Ele sai de cima de mim por breves segundos logo após, sentando-se na cama só para poder me colocar sentada entre suas pernas, a mão firme em cada lado da minha cintura sinuosa. Seus olhos esquadrinham meu rosto durante longos segundos à medida que seu polegar raspa em minha bochecha, ganhando um sorriso totalmente involuntário da minha parte como resposta do seu carinho.

É inevitável meu coração não pular dentro do meu peito. Parece que qualquer coisa que ele faça, mesmo sem qualquer pretensão, resulta no aceleração dos meus batimentos cardíacos em níveis extremos e inimagináveis.

— Quero conseguir te proporcionar experiências inesquecíveis hoje, boneca — diz com a voz rouca e gutural, descendo o polegar até o meu pescoço, fazendo movimentos de vai e vem por ali. — Eu só preciso ouvir você dizer sim.

Ele não precisava nem pedir duas vezes.

— Sim — sopro, baixinho.

Devin assente em um manear lento de cabeça, deslizando a língua macia no lábio inferior completamente vermelho e inchado, prontos para retornarem aos meus em um beijo mais lento e calmo dessa vez, apreciando nossos sabores sem nenhum tipo de pressa. Suas mãos deixam o meu rosto, se direcionando para as minhas coxas desnudas, deslizando-as até que a barra

da camiseta suba junto com elas. Não demora muito para que essa peça de roupa, que se torna muito mais um empecilho entre nós, seja descartada do meu corpo, sendo arremessada para longe.

Nada me cobre agora, a não ser minha calcinha branca de renda. Ele parece adorar a visão dos meus seios arrebitados perto de si, pois abaixa o olhar para admirá-los por longos segundos. O brilho carregado de luxúria se apossa das suas íris verdes no mesmo instante, transbordando um misto de excitação e carinho.

— Você é perfeita — declara, desviando os olhos do meu colo só para poder fitar meus glóbulos fixamente. — Muito mais do que eu poderia imaginar.

Sinto as minhas bochechas arderem em calor no mesmo instante; muito menos que o calor emanado do meu corpo, mas ainda sim forte o suficiente para as tornarem em um tom escarlate.

Os dedos trêmulos e gelados do garoto a minha frente se movem em uma trilha coreografada pelo meu corpo, que vai do meu umbigo até o vale dos meus seios, parando-os exatamente ali só para finalmente mudar a rota, agora segurando um dos meus seios médios em sua mão. Tombo a cabeça para trás no mesmo instante, fechando os olhos ao impor certa força sobre eles. Devin leva sua boca aveludada até o outro seio livre, depositando chupões e mordidas pela região já afetada pelo seu toque. Me remexo desnorteada entre as suas pernas, sentindo sua ereção viva sob mim.

Se a minha respiração já estava descompassada, agora conseguiu se tornar cem vezes mais. Não consigo abafar os sons presos em minha garganta pelo movimento da sua língua no meu mamilo, por isso os solto sem piedade, reverberando-os pelo local até então silencioso. Ele solta uma risadinha

triunfante no mesmo instante que os escuta, me fazendo revirar os olhos de forma teatral.

Bastardo.

— Agora encosta na cabeceira — pede assim que se afasta, me ajudando a sair do seu colo. — Espero te levar para lugares incríveis esta noite, *amor*.

Eu o obedeco sem pestanejar, colando minhas costas suadas na cabeceira de madeira da sua cama. Meu peito sobe e desce de modo desenfreado, parecendo que havia acabado de correr uma baita maratona. O dele não parecia muito diferente do meu, entretanto.

Como se a realidade acabasse de bater em minha porta, começo a ficar nervosa. Nunca tinha ultrapassado os limites no meu antigo relacionamento, nunca havia me entregado de fato para alguém. Fiz tudo por Jasper incondicionalmente, mas não o havia deixado passar do ponto, o que eu agradeço imensamente para a Barbie do passado, pois não suportaria se tivesse me entregado para uma pessoa tão suja. Pelo menos isso consegui que não arrancasse de mim. E eu confio em Devin com todo meu coração, tudo em mim grita como quero me entregar para ele, mas não sei se me sinto pronta para fazer isso aqui e agora.

— Não precisa ficar nervosa — esclarece ao parecer perceber o que estava se passando em minha mente, pegando a minha mão para alisar o dorso em um ato tranquilizador. — Não tinha pretensão de fazer amor, boneca. Pelo menos não hoje. Quero que seja algo especial, inesquecível. Agora, no entanto, só quero poder te fazer relaxar. Mas isso só se você quiser.

Não consigo conter o sorriso. É sempre assim, qualquer coisinha que

ele fala, lá vai meus lábios se repuxarem automaticamente em um sorriso estupidamente bobo.

— Eu quero — afirmo, convicta. — Eu quero tudo com você, Leblanc.

— E você terá tudo, St. Claire — diz, engatinhando pelos lençóis até estar perto das minhas pernas. — Você terá sempre tudo.

Eu assinto, acreditando veemente em cada uma das suas palavras. Recebo um beijo casto nos lábios como resposta, mas logo ele se afasta, retirando sua camiseta de forma rápida. Meus olhos percorrem seus bíceps, peitoral e gominhos do abdômen no mesmo instante. Mordo o lábio inferior de forma tão vigorosa ao observar a vista que sou capaz de sentir o gosto metálico do sangue se derramando em minha boca. Estou concentrada demais nele para me importar com esse pequeno incidente. Analiso cada um dos desenhos bem feitos em sua pele, lembrando-me de como o achei ainda mais bonito por tê-los serpenteando em seus braços assim que apareceu pela noite lá na lanchonete.

— Muito melhor assim — menciono, sorrindo de forma maliciosa. — Achei que só você fosse ter o privilégio de me ver sem roupa.

Devin balança a cabeça de um lado para o outro, gargalhando.

— Claro que não, bobinha. Eu jamais deixaria de agradecer sua vida com uma vista dessas. — Aponta para o seu corpo, piscando para mim de modo convencido.

Eu abro a boca para rebater seu cinismo descarado, e seu dedo indicador repousa sobre meus lábios, impedindo-me de prosseguir.

— Quero você bem quietinha para observar o que estou prestes a fazer agora — sussurra, se encaixando ao se curvar no meio das minhas pernas. —

Só é necessário abrir a boca se for para gritar o meu nome.

Suas mãos voam para a minha calcinha, o sorriso cafajeste estampado em seu rosto. Ele desce o tecido rendado pelas minhas pernas lentamente, fazendo com que eu a retire do meu corpo por completo com a ajuda dos meus calcanhares.

Estou exposta agora. Completamente exposta. De um jeito que nunca estive antes. Apesar de me encontrar nesse estado, não sinto vergonha. Não sinto vergonha de estar nua em sua frente. Já expus até minha alma e minhas cicatrizes interiores para esse homem, expor o meu corpo no estado que vim ao mundo é, definitivamente, o de menos.

Devin afasta minhas pernas um pouco mais, distribuindo beijos pela minha coxa, afundando seus dedos na carne pálida. Ele também não deixa de deslizar a língua pela região, alcançando minha virilha. Minha mão voa em seus ombros no segundo seguinte, arranhando toda extensão com minhas unhas compridas. Não me importo se irá deixar marcas, na verdade, até quero. Só assim saberão que ele esteve se divertindo loucamente comigo nesse quarto.

Sinto sua respiração ondular em minhas partes íntimas, fazendo-me arfar e fincar os dentes incisivos no lábio inferior. Afundo os dedos em seu cabelo, inclinando o meu corpo para que tenha melhor acesso para o que esteja disposto a fazer. Não demora muito para que a sua língua ágil encontre o meu ponto sensível, se esbaldando nele com investidas ora lentas, ora rápidas. Seu polegar acaricia meu clitóris de forma provocativa, brincando com o mesmo de modo bem devagar. É quase torturante, mas eu não consigo encontrar voz nenhuma para reclamar.

O gemido que escapa dos meus lábios é rouco, completamente

desajustado. Quanto mais ele prova do meu gosto, quanto mais ele explora de forma incessante, sinto que posso desmaiar a qualquer momento. Sinto minhas pernas estremecerem, o coração dançar cada vez mais e o ar entrar e sair cada vez mais pesado. Nunca tinha sentido essa sensação, nunca tinha sentido nada parecido. Meu estômago embrulha diversas vezes e a pontada que começo a sentir embaixo dele acaba se tornando ainda mais intensa, contraindo todas as vezes que escuto Devin grunhir ou xingar um palavrão sob mim.

Ele disse que iria me levar para lugares incríveis esta noite, tenho certeza que não estava para brincadeira quando mencionou isso, pois consigo ver fogos de artifício quando fecho os olhos. Consigo sentir a sensação da rua Veeler, a sensação da roda-gigante, do nosso primeiro beijo, consigo sentir tudo. Com o bad boy enfiado entre as minhas pernas, consigo viajar por lugares e sensações que jamais imaginei visitar e sentir novamente.

Com mais uma investida e sugada, sinto os fogos de artifícios explodirem em mil partes dentro de mim, só que dessa vez de prazer. Com o coração frenético e as pálpebras pesadas, chego ao ápice. O colchão afunda ao meu lado, indicando o corpo exausto de Leblanc repousado por ali.

Devin cobre os nossos corpos febris com o cobertor branco, me puxando para colar meu peito desnudo com o seu. Descanso minha cabeça na curvatura do seu pescoço, inspirando seu cheiro amadeirado para mim. Seus lábios depositam um beijo nos meus cabelos, as suas mãos brincando de vai e vem nas minhas costas.

Brigo contra o sono, tentando aproveitar mais do seu corpo colado ao meu. Só que tudo que faço para me manter acordada parece não surtir efeito, já que acabo sempre de olhos fechados e a mente pronta para se desligar do mundo. Porém, antes de me entregar de fato ao cansaço, escuto uma voz

sussurrar ao meu pé do ouvido:

— Estou apaixonado por você, amor. Fodidamente apaixonado.



Acordo com a claridade do sol efervescente em meu rosto, me tirando alguns grunhidos e murmúrios irritados. Meus olhos demoram um tempo para se acostumarem com a luz intensa, mas quando finalmente conseguem se adaptar ao novo ambiente, reconhecem de imediato que esse lugar definitivamente não é o meu quarto.

Antes que eu pudesse indagar onde eu estava, tudo da noite anterior começa a voltar em flashes na minha cabeça, conseguindo me fazer suspirar como uma adolescente boba. Ontem, definitivamente, entraria para um dos dias mais impossíveis de se esquecer da minha vida.

Me sento na cama de forma cautelosa, retirando o braço de Devin de cima de mim de forma mais cuidadosa ainda. Ele se remexe por conta disso, mas não acorda. Os olhos permanecem fechados, a boca entreaberta, o peito subindo e descendo tranquilamente e a expressão mais serena e pura possível em seu rosto. Sorrio com a cena, estava sendo a coisa mais adorável do mundo inteiro.

Droga, adoraria ter uma câmera em mãos agora para registrar esse momento.

Balanço a cabeça negativamente com o intuito de afastar o sorriso e os pensamentos, me levantando em um pulo rápido. Procuro a minha calcinha e a camiseta no chão, vestindo-as rapidamente quando as encontro largadas em um canto qualquer do assoalho antigo. Arrasto os meus passos silenciosos até fora do trailer, sendo atingida pelo ar de verão assim que meus pés descalços

tocam a relva verde musgo do rancho.

Caminho com os braços ao redor do meu corpo, sendo atingida bruscamente pela temperatura alta de Hellaware, fazendo as gotas gordas de suor dançarem através de um trajeto ritmado pelo meu pescoço, causado pelo efeito instantâneo do clima quente que me envolve como uma redoma. Enquanto ando, sentindo as folhas pinicarem os solados dos meus pés de modo que me faz sentir cócegas, admiro a cor intensa do céu e as nuvens cheias e branquinhas, que me lembram pequenos algodões doces flutuando pela imensidão azul celeste. Acabo inspirando para dentro dos meus pulmões todo cheiro forte da natureza ao meu redor, sentindo a calma se injetar de modo pacífico e extasiante em minhas veias.

Não faço ideia de que horas são, só que tenho certeza que deve ser extremamente cedo, pois não há uma alma caridosa acordada para me fazer algum tipo de companhia agora. Inflo o ar nas bochechas, decidida a passar minhas próximas horas deitada na grama com o antebraço cobrindo os olhos dos raios solares efervescentes, escutando com tranquilidade o som do vento se mesclarem ao coro ensaiado dos pássaros.

— O que você está fazendo deitada aí? — Uma voz feminina carregada de curiosidade e receio preenche o ambiente algum tempo depois, fazendo-me equilibrar o corpo sobre os cotovelos só para poder encará-la. — Vai sujar seu cabelo todinho de grama, é péssimo ter que retirar tudo depois. — Violet caminha em minha direção usando uma calça de pijama com caveiras que parece larga demais para seu corpo e uma blusa branca de alcinhas, revelando seu piercing prateado no umbigo por ser curta demais. Ela tem uma xícara fumegante de café em mãos, e a oferece para mim ao estendê-la perto demais do meu rosto. Acabo negando com um balançar comedido de cabeça, um sorriso agradecido se esgueirando pelos meus

lábios.

Violet assente com um sorriso sem descolar os lábios, bebendo calmamente do líquido escuro e um tanto quanto quente. Seus olhos castanhos me fitam sobre os longos cílios, analisando alguma coisa em mim que sou incapaz de decifrar só de observar de volta seus glóbulos carregados de curiosidade. Quando termina mais um dos seus longos goles juntamente da sua pesquisa descarada acerca da minha pessoa, estala a língua no céu da boca.

— A insônia te pegou de jeito também? — Puxa assunto mais uma vez ao se sentar ao meu lado, os olhos vidrados no balançar do líquido à medida que movimenta a xícara de um lado para o outro.

— Que nada, dessa vez foi o sol que resolveu me pegar de jeito — brinco, sorrindo. — É impossível para mim dormir tranquilamente com a claridade se esgueirando sobre meus olhos.

— Te entendo perfeitamente, por isso não largo mão do meu bom e velho tapa olho de coala — declara aos risos, virando sua atenção para mim. — Eu já cansei de dizer para o Devin colocar uma cortina naquela espelunca, só que ele é tão mão de vaca que não tem nem a mínima vontade de comprar uma.

Minha risada estridente se mistura com a sua no segundo seguinte em que meu cérebro processa sua frase, reverberando-as por todo jardim de modo acelerado. Lágrimas se formam no canto dos meus olhos, e eu raspo o polegar por ali, retirando o acúmulo da água cristalina. Demora mais alguns segundos para que os risos cessem, só que quando ocorre de fato, o clima começa a pesar, o que eu suponho ser acarretado por dois fatores: a nossa primeira conversa longa após trocarmos dez palavras nesse meio tempo em

que dividimos o mesmo círculo de amizade, ou até mesmo a simples menção ao nome de Devin.

O ar denso e silencioso me obriga a fitar qualquer outra coisa que não seja o seu rosto, focalizando por tempo demais o modo como os meus pés balançam de um lado para o outro em um sinal claro de nervosismo. Mohn também parece seguir uma linha de raciocínio exatamente igual a minha, pois não perde tempo em manter sua boca ocupada ao levá-la até a borda da xícara, se deliciando com mais algumas boas doses de cafeína pura.

— Ok, certo. — Violet solta uma longa lufada de ar assim que limpa os resquícios do líquido com o dorso da mão tatuada, repousando sua caneca entre as coxas. — Sei que eu tenho uma grande parcela de culpa nesse ar completamente esquisito que nos rodeia, mas eu juro por tudo que nunca foi proposital. Eu, de modo completamente equivocado, ergui um muro de defesa para tentar me proteger. Foi completamente imaturo e infantil, eu sei, mas eu só estava tentando fazer com que tudo doesse menos. Nunca foi por eu não gostar de você, eu juro. — Ela joga os braços ao lado do corpo, meio que exausta. — Foi a única maneira que achei para lidar com a situação de ter que assistir em primeira fila o cara que eu amo completamente feliz com outra garota que não era eu.

Ouvir isso faz com que meu coração doa dentro do peito, transformando-se em verdadeiros caquinhos. Estava tão feliz com a minha vida amorosa finalmente dando certo que, de forma completamente irresponsável, não me dei conta de que pessoas estavam sofrendo absurdamente por causa dela.

— Eu jamais te julguei pela sua escolha de se afastar de mim, sério — garanto, o sorriso se repuxando em meus lábios para conseguir passar ainda mais confiança, mesmo que ele carregue um tom triste. — Você teve todos os

motivos do mundo, nem consigo imaginar o quão doloroso deve ter sido ter que aturar tudo isso calada. Eu sinto muito, de verdade. — Pego em suas duas mãos, entrelaçando-as com as minhas em um gesto repleto de significado. Ela sorri, as apertando. — Eu sempre desconfiei que você se sentisse assim em relação ao Devin, mas ele sempre fez questão de dizer que era maluquice minha, então não pensei muito sobre o assunto. Eu deveria ter insistido mais, sei lá, buscado uma conversa direta com você... Não sei, mas definitivamente poderia ter feito algo.

Ela balança a cabeça negativamente, como se tentasse me dizer que eu não tinha culpa de nada.

— Isso do Devin não fazer ideia também é culpa minha. — Violet mordia o interior da bochecha, os olhos marejados pela água. — Não quis estragar nossa amizade expondo meus sentimentos, sabia que não seria correspondida. Não sou uma garota ingênua, sempre soube que ele só tinha olhos para mim de maneira mais pura possível, mesmo que rolasse algo entre nós de vez em quando. Por isso que foi tão difícil ver ele te olhando como eu gostaria de ser olhada. Mas durante esse tempo que tirei para ficar longe de vocês e pensar um pouco, percebi que fico imensamente feliz por aquele idiota ter encontrado alguém que faça o coração dele pulsar mais forte. — Seus ombros murcham, e ela tenta manter o sorriso, mesmo que uma lágrima role desavisada por entre sua bochecha. — Fico imensamente feliz em ver ele feliz, foi tudo o que eu sempre quis. Portanto, continue fazendo isso com todo seu coração, pois a felicidade dele é a minha também. E eu nem consigo imaginar uma pessoa melhor para fazer isso a não ser você.

Apesar do semblante triste, os olhos de Violet brilham como se precisasse daquela conversa em específico para se libertar. Como se, pela primeira vez, estar dividindo os seus sentimentos com outra pessoa ajudasse a

curar um pouquinho de toda sua dor. Ela é uma garota forte, sempre soube disso. Desde que a vi pela primeira vez, sentia essa força a rondando, era algo particular só dela. Agora definitivamente não tinha mais a menor dúvida quanto a isso.

— Pode deixar, prometo que continuarei fazendo isso com todo meu coração. Por nós duas — garanto mais uma vez, vendo-a assentir com uma risadinha. — Eu jamais deixarei que roubem seu lugar, ele sempre será seu.

— Eu sei que sim. — Violet afasta suas mãos da minha para me envolver em um abraço apertado, suas mãos descendo e subindo em um carinho singelo nas minhas costas. — Você é uma garota incrível, desculpa por ter te afastado, não se repetirá novamente.

Quando nos separamos, eu sorrio e aperto seu ombro em um sinal claro de que acredito em suas palavras.

— Desculpa por qualquer coisa também, prometo que serei mais cautelosa a partir de agora.

— Não precisa, eu tenho que acompanhar de perto a felicidade dele. Ainda sou a melhor amiga, *caramba!* — ela brinca, empurrando meu ombro com o seu levemente. Nossas risadas se misturam, o ar se tornando cada vez mais leve entre nós.

Antes que qualquer uma possa falar mais alguma coisa, a porta do trailer de Devin range, avisando sua ilustre presença entre nós. Ele desce as pequenas escadas com os olhos semicerrados, tentando se acostumar com mais claridade do que lhe era fornecido lá dentro. Seu peito continua desnudo como na noite passada, a calça jeans escura sendo a única peça de roupa visível em seu corpo — além da barra da cueca boxer branca que consegue ser notada, claro —. Os cabelos de um tom castanho escuro estão levemente

desgrenhados, caindo sobre seus olhos. Quando finalmente reconhece nós duas sentadas perto demais uma da outra, a testa crispa no mesmo instante, sinal claro de que estava achando tudo muito estranho.

— O que está acontecendo aqui? — ele pergunta, a voz rouca saindo receosa.

Violet se levanta em um ímpeto, olhando para mim e depois para ele.

— Nada, bonitão. — Dá de ombros, o sorriso brincalhão adornando seu rosto sereno. — Estava só conversando com a sua *boneca*. Não precisa ficar com medo, não roubarei ela de você.

Devin tomba a cabeça para trás, gargalhando alto.

— Nossa, eu estava realmente preocupado quanto a isso — diz ironicamente, cruzando os braços em frente ao peito. — Fico feliz por ter avisado.

— Magina. — Violet também soa irônica, virando para mim só para lançar uma piscadela carregada de palavras não ditas. Sei o que aquilo significa, por isso retribuo com um sorriso. O que havia acabado de acontecer entre nós, era algo nosso. Apenas nosso. Como um pequeno segredo. — Vou deixar os pombinhos a sós.

Antes de voltar para o seu trailer, me direciona mais um sorriso, depois passa por Devin e deposita duas batidinhas em seu ombro, gargalhando ao se afastar rapidamente.

Leblanc toma o lugar da Violet ao meu lado, passando o braço ao meu redor para fazer com que eu deite a cabeça no seu ombro. Assim que faço, deposita um beijo casto no topo da minha cabeça.

— Posso saber sobre o que as mocinhas estavam conversando?

Eu fito os seus olhos verdes, as pintinhas se tornando ainda mais amarelas agora no sol. Há pequenas bolsas roxas ao redor deles, mas não os torna menos encantadores nem por um segundo. Eles estão vidrados em mim de forma curiosa, esquadrinhando meu rosto para tentar achar a resposta através dele. Apenas sorrio, dando de ombros ao dizer:

— Assunto de garotas.

— Não sabia que vocês duas compartilhavam dessas coisas — brinca, enroscando uma das mechas do meu cabelo em seu dedo.

— É claro que compartilhamos! Garotas sempre apoiam garotas independente de qualquer coisa. Não seria diferente entre mim e Violet.



21

*"Bang, bang
Acho que sou alérgica a todas as outras
pessoas
Você é o único agora, eu tenho certeza."*
WE BELONG | DOVE CAMERON.

Barbie St. Claire

Andar de um lado para o outro equilibrando uma bandeja repleta de lanches e milk-shakes faz com que as minhas pernas implorem por algum tipo de descanso, o dedo mindinho do pé esquerdo gritando por socorro à medida que a sapatilha se torna cada vez mais apertada. Meus fios, que estavam completamente presos em um coque bem firme, agora caem sobre meus olhos de forma rebelde e a minha aparência se torna cada vez mais catastrófica com o passar das horas nessa lanchonete. Não que eu esteja reclamando da minha única fonte de renda, só que não sou hipócrita em negar o quão menos interessante eu me torno aqui.

O que chega a ser um tanto quanto cômico, já que o meu primeiro encontro com Devin Leblanc havia sido bem aqui e, por alguma razão que desconheço, consegui mesmo assim despertar seu interesse no estado em que

me encontro agora: os cabelos rebeldes, a aparência cansada, o uniforme cor verde água. Posso achá-lo um completo maluco por causa disso, mas, sinceramente, só consigo sentir gratidão por isso ter acontecido. Pode parecer precipitado e clichê da minha parte, entretanto não consigo mais imaginar como seria viver em Hellaware dia após dia se não tivesse o conhecido, se não tivesse aberto a porta naquela noite. Não sei como seria conviver com os meus medos se Devin não tivesse persistido em me ajudar. Provavelmente sentiria cada um deles me engolindo até hoje, transformando-me em uma garota cercada por uma bolha gigantesca de culpa e amargura. De qualquer forma, acho que estávamos predestinados todo esse tempo, pois de todos os olhares nessa cidade, o único que o meu conseguiu se conectar logo de imediato foi com o dele, tão injetados de poder que foi impossível desviar de todos os seus truques, deixando-me caída por todos os encantos brilhando sobre as íris esverdeadas.

É inevitável não pensar nele enquanto trabalho, acho que é quase impossível, já que se eu fizer um esforço para enxergar além das janelas de vidro adornando todo estabelecimento, consigo ver a roda-gigante piscando para mim. E aí já era, as lembranças do nosso primeiro beijo pipocando na minha mente é quase que automática, o embrulho no estômago consegue ser tanto quanto. Também é inevitável não lembrar da noite maravilhosa que tivemos em seu trailer, assim como nas outras vezes em que a repetimos.

— É impressionante como você não para de sorrir — Georgina cantarola, materializando-se em minha frente. Não sabia que estava sorrindo, por isso quando me dou conta, desfaço-o na mesma hora, tamborilando os dedos no balcão. — Sempre soube que você precisava beijar na boca para aliviar seu mau humor.

Ela tem o cabelo curto preso em um rabo de cavalo de lado, duas

presilhas coloridas segurando sua franja, além de uma quantidade generosa de blush rosado contornando suas bochechas salientes. O sorriso malicioso preenchido por uma grossa camada de batom rosa se alarga ainda mais em seu rosto redondo, os olhos verdes escuros brilhando em divertimento ao me fitar.

— Eu nunca fui mal humorada — rebato, fazendo biquinho.

— Claro que não! — O tom é carregado de sarcasmo e ela balança uma das mãos em frente ao rosto. — Mau humor e Barbie não fazem o menor sentido.

— Não fazem mesmo. — Sorrio irônica, contornando seu corpo para atender uma outra mesa. — Ainda bem que você sabe. — Lhe lanço uma piscadela, e escuto sua risada soar baixinho, mas já estou andando para longe.

Meus olhos capturam o exato momento em que um garoto se levanta de um dos banquinhos giratórios, os passos firmes seguindo até a mais nova atração do *Fast Rocket*, o Jukebox. Ele pega algumas moedas do bolso da jardineira de jeans escuro e deposita no eletrônico, os pés gangorreando de um lado para o outro em expectativa. Depois de alguns segundos de espera, a música *You're The One That I Want* do filme *Grease* preenche o ambiente. Alguns clientes vibram no exato momento em que reconhecem a canção, assim como o menino que a colocou, que balança os ombros no ritmo da música ao andar de volta para o seu antigo lugar.

Eu sorrio, pois desde que Sr. Wilson trouxe a nova atração para cá dias atrás, alegando que precisávamos de algo novo para revigorar o ambiente, muito mais clientes começaram a aparecer. As crianças, que quase não estão nem aí para as músicas, adoram ver a máquina ganhando vida quando elas introduzem as moedas, os olhinhos brilhando com a recém descoberta. Isso

sempre me lembra de um restaurante karaokê que eu costumava visitar com o papai lá em Nova York quando ele disponibilizava um tempo para mim. Eu era completamente viciada, pois sempre fazia questão de colocar as músicas do Elvis Presley só para poder dançar na pista improvisada com ele.

A voz de John Travolta e Olivia Newton-John continua dando graça ao ambiente e, quando o refrão se inicia de forma explosiva, é também o exato momento em que o sino da porta é tocado, avisando a ilustre presença de mais pessoas no local. Meu olhar segue o barulho, reconhecendo Devin de imediato. Seus glóbulos encontram os meus e ele sorri, as suas más formações genéticas — incrivelmente adoráveis — se evidencia em cada lado da sua bochecha. Ele tem as mãos guardadas no bolso da frente da calça preta rasgada nos joelhos e, dessa vez, de forma extremamente milagrosa, não há indícios de sua jaqueta de couro. Está usando apenas uma camisa preta e branca por dentro da calça, os dois botões abertos para que todos possam ter o vislumbre do seu peitoral, assim como do seu escapulário. Atrás dele, os cinco jovens trazidos por Hunter passeiam com os olhos injetados de curiosidade por todo o estabelecimento.

— Olá, boneca — cumprimenta assim que se posiciona a apenas poucos passos de distância de mim, me medindo de baixo para cima. — Já estava com saudade.

Ergo uma sobrancelha em divertimento, mordendo um sorriso. Será que poderia mesmo ser possível?

— Não tem nem vinte quatro horas que nos vimos, Devin — esclareço aos risos, vendo sua boca se entreabrir em um espanto fingido.

— Você acha pouco tempo? — questiona, a expressão tomada pela indignação. — Pra mim já é tempo demais. — Dá de ombros, e um biquinho

se forma em seus lábios.

Não consigo conter a risada, é inevitável. Ele ainda continua com o seu teatro, mas eu acabo por calá-lo ao colocar minhas duas mãos em seu rosto, ficando na pontinha dos pés para poder alcançar a sua boca e, assim, depositar um selinho rápido.

— O que eles estão fazendo por aqui? — Aponto com o queixo para o grupo parado perto da entrada, um tanto quanto deslocados.

Leblanc vira sobre o ombro rapidamente, fitando os recém colegas.

— Estava apresentando alguns pontos legais da cidade. — Ele sorri, cruzando os braços. — Não poderia deixar de apresentar Starryland e a lanchonete mais famosa.

— É claro! — friso, porque é verdade. Andar por Hellaware e não visitar o parque, definitivamente, é sinal de que não está aproveitando o suficiente. — Vem, vamos arrumar uma mesa para vocês — anuncio, esticando a palma da minha mão para que possa conduzi-lo até uma mesa vazia. Antes de aceitar, vira para o grupo e acena com a cabeça, pedindo silenciosamente para que possam o acompanhar.

Sua mão entrelaça na minha no segundo seguinte em que eles começam a caminhar até nós, e eu sigo na frente de todos, os levando para o fundo com uma das maiores mesas, que abriga um estofado em formato de U da mesma cor do meu uniforme. Não é como se a lanchonete fosse grande, mas acaba sendo um instinto meu, já que estou sempre pronta para acompanhar as pessoas até seus devidos lugares escolhidos.

Indico o lugar com as mãos assim que chegamos, dizendo logo em seguida que todos podem ficar à vontade. Eles parecem entender perfeitamente o recado, pois não demora muito para que se sentem

despretensiosamente no estafado verde água.

— Aqui é bem legal — Blue Sanders fala, os cotovelos fincados na mesa e os olhos tão azuis quanto seu cabelo passeando em descoberta pelo *Fast Rocket*. — Deve ser maneiro trabalhar aqui, mesmo com esses uniformes. — Franze o nariz em uma careta ao encarar os uniformes de algumas garçonetes que passam por nós. Quando seu olhar encontra o meu, assim que eu dou risada, seus ombros murcham na mesma hora. — Desculpa, não quis ofender.

Seus amigos riem. Ela parece ainda mais envergonhada do que disse, pois sua pele extremamente branca acaba ganhando um tom avermelhado nas maçãs do seu rosto.

— Que nada, eu também não gosto muito deles — conto, deixando-a mais tranquila. Blue assente em um manear de cabeça, sorrindo sem descolar os lábios.

— Pois eu adoro — é a vez de Leblanc entrar na conversa, os lábios avermelhados se repuxando em um sorriso carregado de malícia. É a minha vez de ficar com as bochechas vermelhas, pois todos os pares de olhos cravam em mim. A risadinha que todos resolvem esboçar é no mesmo tom malicioso.

Mando um olhar ameaçador para ele, o que não surte nenhum efeito, já que seu sorriso consegue aumentar ainda mais, quase partindo seu rosto em dois. Balanço a cabeça em negação, pois eu mais do que ninguém sei como Devin é impossível no quesito provocações. Não iria entrar em seus joguinhos, pelo menos não agora. Não na frente de todos eles.

— Vocês querem pedir alguma coisa? — pergunto, já tirando o bloquinho de anotações e a caneta no bolso do uniforme.

O grupo se entreolha por breves segundos, debatendo se todos queriam e o que deveriam comer. Devin ajuda na escolha, apontando no cardápio quais lanches são os melhores. Anoto cada um dos pedidos cautelosamente, já que sou levemente desastrada, e peço para que esperem um minutinho, passando o pedido para Pasha, que está atrás do balcão com a maior expressão de tédio, tamborilando as longas unhas pintadas pela cor vermelha na madeira. Um sorriso amarelo é a única coisa que direciona para mim, sumindo do meu campo de visão logo em seguida.

Nossa relação está muito melhor e evoluiu bastante, mas sinto como se ainda estivesse pisando em ovos quando se trata dela. A ruiva tem dias bons e tem dias ruins, você nunca sabe com qual lado dela terá que lidar todos os dias. É sempre uma incógnita, porém não consigo deixar de querer uma aproximação, já que me enxergo nela muitas das vezes. Nossas histórias são parecidas, assim como nossas dores. Deve ser por isso que dizem por aí que uma garota quebrada reconhece outra garota quebrada.

Inspiro profundamente e deixo os pensamentos de lado, arrastando meus passos até a mesa dos fundos. Minhas pernas continuam implorando por descanso, o dedo mindinho doendo cada vez mais durante o trajeto, que parece extremamente gigante para eles. Vejo um lugar vago ao lado de Daisy Flinch e decido me sentar, o corpo todo agradecendo por esse meu leve atrevimento. Pasha está supervisionando a lanchonete, já que Sr. Wilson e Rosalinda saíram para resolver algumas pendências, e eu acredito que não irá se importar, tão pouco me dedurar.

Todos eles estão ocupados demais conversando para que possam notar minha presença repentina, exceto Daisy, que está posicionada bem ao meu lado. Ela sorri de modo acolhedor para mim, os piercings espalhados pelo seu rosto brilhando sob a luz colorida. É impossível não sorrir de volta, pois

mesmo com toda essa pose de garota rebelde, conseguia sentir doçura no seu sorriso e nos seus olhos castanhos escuros.

Sei que cheguei um pouco atrasada no assunto, mas ainda consigo entender sobre o que eles falam e, se não estou enganada, a conversa gira ao redor da antiga cidade do grupo. A minha curiosidade pinica a ponta da minha língua, por isso quando percebo, já estou perguntando:

— Como era lá? — Todos me olham com um vinco entre as sobrancelhas, sem entender exatamente do que eu estou falando. Pigarreio, completando: — Em Gipsy Hill.

Nunca tinha ouvido falar dessa cidade, entretanto, pelo pouco que pesquisei, é extremamente próxima. Consegue ser ainda menor que aqui, a população extremamente pequena. Diferente de Hellaware, que é conhecida pelas praias e seu ar de férias, Gipsy Hill é conhecida pelas montanhas, cachoeiras e, claro, um leve ar de problema. Melhor dizendo, a cidade é altamente conhecida por ser perigosa, o crime quase tomando conta de tudo.

— Normal — Ivy responde, dando de ombros. O cabelo loiro escuro está devidamente penteado em um topete, ele acaba bagunçando tudo ao passar as pontas dos dedos por todo comprimento. — Cidade pequena, vizinhos tomando conta da sua vida, polícia passando toda hora na sua rua. — Ele ri sem humor ao balançar a cabeça de um lado para o outro. — Bem... *Normal*.

Eu até riria para amenizar o clima estranho pairando sobre nós como uma nuvem, mas ninguém esboça nenhum tipo de reação. Olho para Devin em busca de respostas, e ele apenas ergue os ombros, como se estivesse tentando me dizer que também partilhava do mesmo sentimento que eu.

— Parece... Divertido. — Mesmo vendo os rostos impassíveis, Leblanc

não perde a oportunidade de soar brincalhão. — Só não para os bandidos, claro.

Ele ri, mas nenhuma outra risada lhe acompanha nessa. Os cinco se entreolham, e o sorriso que esboçam para nós depois é completamente forçado.

Não sou de julgar e muito menos de tirar conclusões precipitadas, só que algo me diz que há algo de *muito* estranho com eles.

Tento fazer perguntas sobre o assunto outras vezes, sendo incessantemente cortada em todas elas. Queria saber mais sobre como vieram parar aqui, o problema é que eles não parecem muito dispostos em contar para mim aquela parte da vida deles. O assunto cidade antiga, definitivamente, era quase como um assunto proibido, algo para ser deixado no passado. Respeito a decisão, seja lá o que tenham vivido, não interessa a mim.

O importante é o agora.

E agora eles tinham uma nova cidade para chamar de lar.



O resto do dia passou voando como um verdadeiro passarinho, principalmente depois que Devin e seus novos colegas partiram em direção para mais algum outro ponto turístico da cidade, deixando-me sozinha para cumprir o desafio de ter que arrumar a mesa — já que fiquei um bom tempo procrastinando sentada — antes dos meus patrões chegarem.

Quando cheguei em casa horas depois, me deparei com um bilhete de

titia em cima do centro da sala, avisando sua saída para beber com os amigos. Bufeí irritada quando li, pois precisava urgentemente das suas massagens milagrosas em meus pés, mas acabei aceitando sua saída muito mais rápido do que eu gostaria, já que sabia que ela precisava de diversão mais do que de ar para respirar. Principalmente agora, depois de receber a bomba de que seu ex havia voltado para lhe assombrar as noites.

Agora estou aqui sozinha, olhando para o ponteiro do relógio da sala marcando uma hora da manhã, escutando as vozes dos personagens da série *Twin Peaks* preencher o silêncio da casa. Volto minha atenção para a televisão de tubo, a cena de Shelly Johnson se desenrolando tempo demais do que realmente era para ser. Minhas pálpebras pesam, meu corpo todo dói e, quando decido finalmente me entregar ao sono, sou interrompida pelo ranger da porta soando alto demais.

Coço os olhos algumas vezes, tentando me despertar. Quando Amber aparece segurando seu blazer sobre os ombros e o rímel borrado de tanto chorar, é a junção perfeita para qualquer vestígio de sono ir embora. Me levanto do sofá em um rompante, marchando apressadamente até sua frente.

— Tia, o que aconteceu? — soo preocupada e minhas mãos repousam sobre seus ombros ossudos. As íris azuis piscam diversas vezes e as lágrimas escorrem ainda mais sobre suas bochechas manchadas de maquiagem. — Fala comigo.

Ela parece não me escutar, os glóbulos fixados em um ponto aleatório atrás de mim. Demora um certo tempo até que ela decide trazê-los até os meus, suspirando e inspirando diversas vezes logo após.

— Estou ferrada, sobrinha. — O lábio inferior treme e a sua voz, sempre tão forte, agora sai baixa e cortada. — Estou muito ferrada.

— Pelo amor de Deus, me conta — suplico, meus pés batendo contra o assoalho de modo ansioso.

— Eu fui fraca, Barbie. Eu dormi com ele. — Sei de quem ela está falando. *Hunter*. — O pior de tudo nem é isso. O pior de tudo é saber que cada pedacinho do meu coração pertence a ele mesmo depois de vinte anos.



22

*"E nesta noite e nesta luz
Acho que estou me apaixonando, estou me
apaixonando por você."*

FALLING FOR YOU | THE 1975.

Devin Leblanc

O céu está estrelado esta noite, os pequenos corpos celestes luminosos brilham como infinitas luzes de Natal em meio à vastidão em tom de azul escuro, pincelando o céu como se fosse sua extensa tela de arte. O cigarro pendido entre meus dedos é a única companhia que tenho agora e a fumaça cinzenta se dissipando em meio ao verde do rancho é a única atração que me faz ficar entretido, esquecendo o fato de estar sendo quase engolido pelo silêncio ensurdecedor que atinge a madrugada.

Minhas costas reclamam de dor pelo modo errôneo que me encontro sentado nas pequenas escadas que dão acesso ao trailer, mas antes que eu possa fazer qualquer menção de me levantar, sou impedido pela imagem do meu pai caminhando até mim a passos curtos, sua sombra sendo projetada na relva pela luz azulada e vertiginosa da lua cheia acima de nós. Hunter anda cabisbaixo, as mãos enterradas no bolso da frente da calça jeans surrada e os

olhos escuros como a noite perdidos em algum ponto aleatório. Os ombros largos, que sempre desfilam por aí em uma postura completamente confiante, agora se encontram caídos, como se estivesse fisicamente ou emocionalmente cansado.

Nunca o vi dessa forma antes, como se tivesse sido atingido por uma bolha atmosférica repleta de melancolia. Me levanto rapidamente quando o percebo perto demais, subindo os degraus para conseguir lhe abrir a porta. Ele olha para os meus olhos e esboça um sorriso de lado mínimo, passando por mim para entrar no trailer em que estamos dividindo.

— Já pode ir desenrolando — anuncio assim que fecho a porta atrás de mim, girando nos calcanhares para poder o observar. — Quero saber o que aconteceu.

Meu pai apenas dá de ombros, sentando-se na minha cama só para começar a tirar as botas cor de caramelo com a ajuda dos calcanhares.

— Fiquei com a Amber. — Sua voz sai em um sussurro, como se existisse mais pessoas ali. Um V se forma entre as minhas sobrancelhas, e ele apenas solta uma longa lufada de ar por entre os lábios. — Eu fiquei com aquela mulher extremamente perigosa, filho.

— O quê? Como assim ficou?

— Desde quando você se finge de inocente, porra? — Balança a cabeça de um lado para o outro, rindo sem humor. — Eu saí para encontrar uns velhos amigos, ela também estava e aí rolou. Simples assim.

— Não acredito que você se envolveu com a tia da minha... — Não completo a frase, pois percebo seus lábios se repuxarem em um sorriso carregado de maldade no mesmo instante, fazendo-me revirar os olhos. — Da Barbie! Com a tia da Barbie. Que merda, pai!

— O que eu poderia fazer, *huh?* — Levanta os braços na altura do rosto ao erguer uma sobrancelha em desafio. — Não tenho culpa se meu coração idiota ainda não a esqueceu. Você também não pode me culpar, não é como se fosse a primeira vez. Nós temos uma história juntos.

Inflo as bochechas, derrotado. Eu realmente não poderia o culpar, embora não consiga deixar de achar toda a situação estranha para um cacete. Fiquei com uma raiva mortal quando descobri o envolvimento dos dois no feriado de Emmaline, pois contei para ele em um dos nossos telefonemas toda a minha história com a Barbie e se ele sabia quem ela era, a única coisa que eu precisava era um pouco de honestidade da sua parte. Não me importo se ele decidiu omitir a parte mais romântica da sua vida, mas eu precisava saber a partir do momento em que a história começou a me envolver. Não nego que isso me deixou triste, pois minha relação com o meu pai sempre foi das melhores, era nós dois juntos para tudo, e eu o enxerguei como meu melhor amigo durante toda minha vida. Nunca o escondi nada, nem mesmo as minhas travessuras idiotas pela cidade. Eu só esperava um pouco de reciprocidade.

Quando esclareci todas as minhas angústias no dia seguinte, Hunter deu mil desculpas de como aquele assunto era uma ferida não cicatrizada para ele, que preferia não mexer para não a abrir mais e eu aceitei, dei o assunto como encerrado. Nunca imaginei que fosse acontecer novamente, já que Amber St. Claire parecia odiá-lo de forma intensa. Não tiro a razão da loira, ele havia vacilado muito feio com ela.

— Certo. — Me sento ao seu lado, curvando o corpo para poder fincar os cotovelos nas minhas pernas. — Se você ficou com ela, qual motivo desse seu ar de merda?

Hunter solta uma risada nasalar, arrancando do seu corpo a jaqueta de

couro desgastada, jogando-a em algum canto do assoalho antigo. Sua blusa xadrez de cor verde folha fica à mostra, e ele começa a desabotoar botão por botão, dizendo:

— Achei que estivéssemos progredindo, mas Amber me xingou de tudo que é nome logo depois. — Tirar os botões da sua camisa parece um processo completamente difícil agora, pois suas mãos se encontram trêmulas, completamente nervosas. — Não vim com o intuito de bagunçar ainda mais a vida dela, eu só queria fazer com que ela me perdoasse. Dói demais saber que a burrada de um garoto imaturo ainda a destrói, mesmo depois de todos esses anos.

— Não quero tomar partido, mas você sabe que errou feio.

— Eu sei que errei. Mas faz mais de vinte anos, filho. — Ele enterra o rosto nas mãos, levando-as até os cabelos escuros. — Eu era a porra de um adolescente e nós havíamos brigado naquele dia por ela ter recusado meu pedido de casamento. Sei que não justifica, mas quis atingi-la de alguma forma. Quis que sentisse o coração tão machucado quanto o meu. Foi uma atitude estúpida de um garoto estúpido, me arrependi no segundo seguinte, só que já era tarde demais. Amber havia visto tudo.

— E o que foi que você fez depois? — pergunto, passando meu braço ao redor do seu pescoço. Meu pai tomba a cabeça no meu ombro, inspirando cansadamente.

— Chorei, pedi perdão, implorei para voltar. — Contabiliza nos dedos todas as suas tentativas e solta uma risada baixa e sem humor. — É claro que não deu certo nenhuma das vezes, aquela mulher é mais decidida do que qualquer outra.

Rio, pois é verdade. Não a conhecia tanto quanto ele ou até mesmo

como a Barbie, mas até um completo desconhecido saberia disso só em olhá-la nos olhos.

— Não tem um dia em que eu não me arrependa, em que eu não me culpe por ter estragado a melhor coisa que aconteceu comigo — diz, afastando a cabeça do meu ombro só para poder me olhar nos olhos. — Depois da sua chegada em minha vida, claro.

— Já estava ficando extremamente magoado. — Choco meu ombro levemente contra o seu, ganhando um sorriso que, pela primeira vez na noite, parece ser completamente involuntário e real. — Falando sério agora, acho que você não precisa ficar com esse ar melancólico. Pensa bem, você fez merda, sumiu por anos e agora volta bagunçando os sentimentos dela como um tornado. Se você quer o perdão de Amber, mostre em ações que não é mais aquele garoto, mostre que é agora o homem que tanto admiro. — Afundo o dedo indicador em seu peito, sorrindo. — Mostre que você é merecedor e que, mesmo não sendo possível mudar um coração quebrado, veio inteiramente pronto para catar caquinho por caquinho junto com ela, caso for necessário.

Quando termino de expor meus pensamentos para ele, meu pai tem um sorriso orgulhoso tomando conta dos seus lábios. Semicerro os olhos, sem entender.

— O quê?

— É engraçado toda essa situação, visto que era eu quem deveria estar te dando conselhos amorosos, não o contrário.

— Não preciso de conselhos, minha vida amorosa está ótima. — Sorrio ao lembrar da minha garota, nossos momentos incríveis passando como um filme em minha mente. Apenas mexo a cabeça para os lados, na

tentativa de afastar cada um deles, pelo menos por ora. — Agora vamos, se levanta, você precisa urgentemente de um banho.

Me levanto da cama com o impulso dos braços, meu pai também me segue nessa. Ficamos de frente um para o outro, em silêncio, nossos olhares conversando por alguns segundos.

— Senti sua falta, filho.

— Também senti sua falta, pai.



É sábado à tarde e estou sentado no sofá da casa da Barbie, assistindo um filme que alugamos na pequena vídeo locadora perto de sua rua, com uma long neck em mãos. O balde de pipoca recheado com manteiga está ocupando o lugar vago entre nós dois e meus olhos seguem cravados na tevê de tubo, que desenrola uma cena emocionante entre Winona Ryder e Johnny Depp no filme *Edward Mãos de Tesoura*, lançado dois anos atrás.

É inevitável não olhar de soslaio para a garota ao meu lado certas horas do filme, tão pouco admirar o modo como se encontra nesse exato momento; os cabelos dourados semi-presos em scrunchies cor de rosa, com algumas mechas grossas cascadeando sobre seus ombros, as íris azuis completamente atentas sob os longos cílios, as maçãs do seu rosto levemente rosadas, a calça clara mom jeans lhe caindo perfeitamente bem e, claro, a camiseta grande e larga com desenho do *Pato Donald* conseguindo tornar tudo ainda mais adorável. Suas pernas estão esticadas sobre o centro da sala e ela tem também uma cerveja em mãos — que quase não deu gole nenhum, mas fez questão

que eu comprasse—, balançando o *All Star* branco de um lado para o outro, como se fosse uma mania incontrolável.

— Para de me encarar — diz de boca cheia, o óleo da manteiga escorrendo no canto dos lábios. Eu começo a rir, e ela revira os olhos, limpando a sujeira com as costas das mãos. — Idiota.

— Não posso fazer nada se você parece uma garotinha assistindo filme. — Dou de ombros, friccionando os lábios para não sorrir. — Incrivelmente adorável, por sinal.

Barbie revira os olhos de modo teatral, pegando o controle da televisão repousado sobre o encosto do sofá. Ela o aponta para a tevê e aumenta o volume, como se estivesse me impedindo de comentar qualquer outra coisa, pelo menos até a hora do seu precioso romance estranho acabar. Levanto as palmas das mãos em rendição, rindo quando ela também se permite a rir.

Alguns longos minutos depois, os créditos começam a subir na tela escura, indicando o término do filme. Quase peguei no sono algumas vezes por achar certas partes entediantes, porém não menciono isso em nenhum momento, porque ao contrário de mim, St. Claire havia amado.

Ela me deixou sozinho assim que arrancou Edward Mãos de Tesoura do videocassete, levando o balde de pipoca de volta para a cozinha, assim como nossas cervejas vazias. Enquanto Barbie não volta, fico encarando o papel de parede floral da sala, observando algumas pequenas partes desgastadas. Não é nada muito alarmante ou que deixasse o ambiente menos bonito, apenas perceptível por eu estar em uma pesquisa minuciosa, a fim de me entreter com outra coisa que não fosse o som do *tic tac* do relógio.

— Quer sorvete? — pergunta assim que retorna, o pote de morango agarrado contra seu peito. Há duas colheres em sua outra mão livre, e ela

entrega uma para mim, sorrindo. — Titia que comprou, mas ela não vai se importar se a gente devorar tudo.

— Por que algo me diz que nem você acredita nisso? — Rio, vendo-a levantar os ombros em uma tentativa falha de dizer que não se importa. Ela senta-se de volta no sofá, dessa vez bem ao meu lado, nossos ombros se tocando. Repousa o pote entre as coxas, e eu pego uma boa quantidade do sorvete, sendo seguido por Barbie. — Por falar em sua tia, ficou sabendo de ontem?

— Do caso com seu pai? — responde assim que termina de enfiar uma colherada em sua boca, e eu assinto em um manear de cabeça, também saboreando do doce gelado. — É, fiquei sabendo. É tudo muito complicado, principalmente para ela.

— Sei que meu pai foi o errado da história — esclareço, brincando com a colher prateada entre os dedos. — Mas ele também sofre e se arrepende muito. Na conversa em que tivemos ontem, quase o vi chorar feito um bebê.

Barbie balança a cabeça afirmativamente, olhando para o pote por tempo demais, como se estivesse desconcertada com algo.

— A *minha* tia chorou feito um bebê. — Ergue os glóbulos até mim, as íris azuis mais escuras agora. — Ela ainda o ama.

— Ele também a ama.

— Isso é estranho — constata, franzindo o nariz em uma careta.

— O quê? — Semicerro os olhos, sem entender. — Ele a amar?

— Não, não isso. — Pesca mais sorvete, lambendo os resquícios da parte derretida. — O fato dele ser seu pai. Ela ser a minha tia. Nós sermos...

Bem, você sabe.

Minha risada preenche o cômodo na mesma hora, pois sua expressão ficou séria no mesmo instante em que proferiu a frase. Eu apostaria todas as minhas fichas que foi pelo simples fato de não saber nomear essa coisa que temos.

— Sabe o que é mais estranho, Barbara? — Ela não reclama do fato de eu a estar chamando pelo nome e não pelo apelido. Não sei o motivo de não gostar do seu próprio nome, mas eu gosto. Muito. Gosto de como parece uma melodia saindo por entre meus lábios. Sorrio torto, pois ela nega minha pergunta, engolindo em seco. — O mais estranho é você não conseguir dizer o que somos, mesmo que você saiba o que somos.

— Eu não sei o que somos — rebate, rápida. — Você nunca definiu nada.

Faço minha melhor expressão de espanto, colocando a mão no peito para potencializar a atuação, os olhos piscando várias vezes.

— Porque você nunca quis — acuso, o tom mais dramático do que eu realmente pretendia.

— Mudei de ideia. — Dá de ombros e se levanta em um rompante. — Pode tratar de mudar isso. — Sorri de forma mais cínica que já vi, acelerando os passos até a cozinha com o pote de sorvete ainda em mãos.

— Pode deixar, boneca, vou oficializar o que somos o mais rápido possível — repito para mim mesmo, assim que ela já está longe o suficiente para escutar.



Estamos sentados no chão da varanda agora, assistindo os últimos minutos do sol dando o ar da sua graça no céu. Tenho a minha garota entre as minhas pernas, um cigarro aceso em uma das mãos e chego à conclusão de que não preciso de absolutamente mais nada para ser feliz.

Apenas cigarros e Barbie. Meus dois maiores e incontroláveis vícios.

Sorrio com o pensamento, sentindo sua cabeça ser repousada delicadamente em meu peito, o xampu de camomila invadindo de modo avassalador minhas narinas. Eu os afago com a mão livre, tragando uma boa quantidade de nicotina para os meus pulmões.

— Isso é tão fedorento — reclama, se afastando só um pouco para poder me encarar. Um sorriso rápido e malicioso consegue atingir tanto seus lábios quanto seus olhos quando resolve soltar, arteira: — Eu quero provar.

Engasgo, mas definitivamente não com a fumaça, e sim com o seu pedido completamente inusitado. Tusso algumas vezes, e ela cruza os braços, rindo.

— Vai, eu quero provar. — Estende a palma virada para mim, a voz completamente mandona. Nego diversas vezes, vendo-a fazer biquinho feito criança emburrada, ainda com a mão erguida. — Deixa, por favorzinho.

— Para que você quer provar um cigarro, boneca?

— Quero saber a sensação, ou o gosto, sei lá. — Dá de ombros. — Se você não me der por livre e espontânea vontade, terá que ser por livre e espontânea pressão. Você que escolhe.

— Você já está colocando pressão, não é como se eu tivesse muita escolha. — Suspiro, derrotado. Estico a droga para perto do seu rosto, e ela

sorri como uma moleca, pegando-o da minha mão. — Anda com isso logo, não quero que sua tia chegue e pense que sou uma má influência para você.

— Não se preocupe, ela já deve pensar isso — brinca, olhando para o cigarro pendido entre seus dedos pequenos. — Ok, vamos lá saber o motivo das pessoas gostarem tanto dessa coisinha minúscula.

Olho para todos os lados da rua, mas tudo parece desértico, sem sinal de nenhum Fordi Capri vermelho, muito menos de vizinhos que possam dedurar esse pequeno ato de rebeldia da garota certinha para a tia. Depois que volto meus olhos para St. Claire, ela já está com ele entre os lábios, soltando toda fumaça bem em meu rosto.

Sexy para um cacete, não posso negar.

— O que achou? — questiono quando me devolve, jogando a bituca fora. Meus olhos não desviam dos seus nem por um segundo, totalmente injetados de curiosidade. — Se você me disser que gostou, vou começar a desconfiar que há uma impostora por aqui.

— Não precisa se preocupar. — Ri, agora ficando de joelhos entre as minhas pernas, levando suas duas mãos pequenas para segurar cada lado do meu rosto. — É realmente horrível. Tive a confirmação agora.

Sorrio, pois não é nenhuma surpresa para mim que essa seria sua resposta. Jogo uma mecha do seu cabelo para trás do seu ombro, entrelaçando meus dedos em seu pescoço, puxando-a mais para perto de mim. Barbie entreabre os lábios rapidamente em resposta, o hálito de cigarro misturado com sorvete de morango ondulando em meu rosto, me deixando alucinado para provar desse gosto bem na ponta da minha língua. Não demoro nem um segundo para fazer isso, tomando seus lábios para mim, sentindo a língua aveludada se chocando contra a minha, disputando uma batalha intensa da

qual nenhum dos dois quer desistir.

Suas unhas compridas arranham a base do meu pescoço, depois puxa alguns fios curtos da minha nuca. Gemo entre o beijo, arrancando um sorriso vitorioso de seu rosto, o que me faz sorrir feito um idiota. Gosto de ver a sua expressão quando consegue provocar esses efeitos em meu corpo, parece que ela não faz ideia de como me deixa louco, surpreendendo-se todas as vezes que demonstro. É um pouco engraçado, visto que ela não é só a dona dos arrepios e sensações enlouquecedoras em meu corpo, mas também dona do meu coração. Isso é tão óbvio, não sei como ainda não se acostumou com esse fato.

— Melhor pararmos por aqui — declaro assim que nos afastamos minimamente para recuperar o ar, guiando os dedos agora para a maçã ruborizada de seu rosto. — Infelizmente, ainda estamos na varanda da sua casa.

Ela assente, sorrindo timidamente. Depois volta a se sentar na mesma posição anterior, se aninhando cada vez mais ao meu corpo, pronta para se fundir a mim se isso fosse mesmo possível. Na posição em que estamos, consigo sentir seu coração acelerado. Só não sei dizer se consegue ser mais forte que o meu.

Ficamos em silêncio por um bom tempo, admirando o céu se tornar uma mescla de laranja vibrante com um rosa claro, anunciando a saída da estrela do Sistema Solar. Tudo parece verdadeiramente hipnotizante, mas não consegui ficar assim de fato, pois o meu coração e a minha mente estão em outro lugar, ansiando desesperadamente para que eu solte tudo o que está entalado há alguns dias em minha garganta, pronto para ser dito agora já que ela se encontra completamente acordada. Antes que eu possa raciocinar os prós e os contras da minha ação, já estou sussurrando em seu pé do ouvido:

— Estou apaixonado por você, boneca.

— Eu sei — diz sobre os ombros, o sorriso brincalhão pincelando seus lábios.

— Então somos tipo Han Solo e Princesa Leia agora?

— Não. — Ri, negando veementemente. — O Han Solo não falou de volta. E eu vou falar de volta.

— Vai? — Meu coração acelera ainda mais em meu peito, pronto para pular por entre a minha garganta só em imaginar ela falando.

— Sim — sussurra, baixinho. — Eu também estou apaixonada por você, *amor*.



23

*"Você é meu vício, você é minha droga
Beijos com sabor de coca que me deixam
fora de controle
Fico fascinado em ver como você arrepia
toda
Quando você me abraça e sente o frio."*
**VÍCIO | GREGORY PALENCIA FT. ARÓN
PIPER.**

Devin Leblanc

Quando estou com Barbie St. Claire as horas costumam passar rápido, parece que o universo conspira juntamente com os ponteiros do relógio para que eu possa desgrudar dela o mais rápido possível, certamente cansados de assistir nosso romance meloso. Pelo menos é o que eu acredito. Só pode ser essa a única explicação, já que eu não consigo entender o porquê de ter ficado tantas horas desse sábado em sua casa, quando, na verdade, para mim, não havia sido tempo o suficiente para conseguir explorar com maestria aqueles convidativos lábios rosados, tão pouco admirar os belos pares de olhos azuis-celestes completamente hipnotizantes.

Detesto o fato de ser tão pegajoso, mas, sinceramente, não tenho muito o que fazer sobre esse leve problema que me cerca, pois quando se trata dela, não consigo frear o desejo de sempre estar por perto.

Barbara é *mesmo* como uma droga; sorrateira, provocante, completamente deliciosa e tentadora. No exato momento em que finalmente criei uma súbita rebeldia para experimentá-la, sucumbi em uma realidade que não conseguiria mais ficar longe, me tornara um completo viciado, pois ela fez questão de se impregnar em cada uma das minhas veias, assim como em cada parte vívida do meu corpo. Estar longe dela era como ter uma passagem só de ida para o beco sombrio da abstinência.

Com os pensamentos a mil e o coração se comprimindo de desgosto em ter que ir embora tão cedo – pelo menos para mim -, posiciono de modo certo os espelhos da minha moto e coloco as mãos no punho do guidão, torcendo-o levemente para finalmente acelerar a minha *Ducati Monster* preta para longe.

A casa amarela com um jardim bonito e bem cuidado fica para trás, assim como Barbie, que me assiste ir embora com os braços cruzados na varanda e um sorriso torto pincelando seu rosto divinamente esculpido pelos melhores artistas que um dia já chegaram a abrigar os céus.

Porra, eu realmente estava apaixonado por aquela garota.

E a sensação em meu peito se torna tão avassaladora quanto o vento que insiste em me acompanhar no meu trajeto até o rancho.



Minhas botas pesadas afundando no gramado à medida em que tento andar a passos cautelosos parece soar muito mais alto do que de costume, o que me faz praguejar baixinho, com medo de que só esse simples som misturado com o ensaiado coro dos grilos espalhados pela relva possa fazer com que todo mundo desperte de seus sonos.

Estou quase perto das escadas do meu trailer quando sinto dedos repousarem no meu ombro, as cutucadas precisas sendo investidas sobre o tecido grosso da jaqueta. Fecho os olhos como se tivesse acabado de ser pego pelos pais em uma escapada noturna e giro nos calcanhares, encontrando o sorriso de Kieran iluminando a escuridão ao nosso redor.

— Não diga nada. — Ele sai na frente assim que meus lábios se entreabrem, balançando a cabeça de um lado para o outro de um jeito divertido. — Deixa eu adivinhar, ahn... Casa da Barbie, certo? Como sempre.

— Vai dar um de John e me zoar também? — Arqueio uma sobrancelha, desafiador. — Não vejo a hora de ver vocês dois passando por isso, vou adorar ficar de plateia assistindo vocês pagando a língua.

Ele dá risada, como se o que eu tivesse acabado de falar fosse algo incapaz de acontecer. Talvez fosse mesmo, mas não por parte dele, e sim pelo mulherengo e descompromissado John Scott.

Kieran ainda tem um lampejo de um sorriso no rosto quando enterra as mãos nos bolsos da calça moletom, trocando o peso dos pés. Sob a luz da lua, seus olhos parecem mais escuros do que de costume e a pele preta parece brilhar, realçando ainda mais os bíceps tatuados e definidos, que estão expostos pela regata básica que usa. O cabelo crespo começa a crescer para todos os lados, deixando o costureiro corte rebaixado para trás. Entretanto, quando percebe meu olhar por tempo demais naquela região, a expressão do seu rosto se transforma em pura vergonha e ele afunda os dedos longilíneos por entre os fios, os desgrenhando.

— Estou deixando crescer — declara com os ombros ossudos erguidos, como se não fosse nada demais.

— Fico feliz, pois sempre preferi assim. — Aponto com o queixo para

o topo da sua cabeça, que floresce muito mais do que um cabelo, e sim uma libertação de todos os padrões de merda inseridos pela sociedade. Não consigo evitar o sorriso orgulhoso. — Você sabe que fica bonito de todo jeito.

— É, eu sei. — Convencido, dá de ombros. — Já estava mais do que na hora de eu finalmente me aceitar. Kara também me ajudou muito no processo, o que acabou facilitando tudo e sendo extremamente importante tê-la ao meu lado.

Sorrio de forma mais involuntária e sincera possível, pois não duvidava nada daquilo, já que os irmãos McAllister são como o alicerce um do outro. Nada acontece sem que um se agarre no outro como sua base, sua verdadeira fonte de segurança.

É lindo a cumplicidade e o amor que ambos sentem, é nítido até mesmo para quem os observa de fora. Meu coração infla de orgulho só em pensar, pois considerando tudo que passaram para chegarem até aqui, para conseguirem viver da forma mais feliz e livre, eles se mostraram muito mais do que verdadeiros vencedores.

— Estou indo nessa agora, cara. — Aponta tempos depois para o trailer prateado e levemente descascado atrás de si com o polegar e o indicador. — Vejo você amanhã. Tenha uma boa noite. Se sonhar comigo, não me conte, não quero saber.

Rio, concordando afirmativamente.

— Pode deixar, não contarei — brinco, dando algumas batidinhas em seu peito. — Uma boa noite para você, McAllister.

Ele apenas pisca para mim como resposta, rodopiando para me dar as costas. Ainda o observo ir embora, e quando já está dando o terceiro ou

quarto passo, para no meio do caminho só para poder me olhar sobre os ombros. Seus lábios cheios se repuxam em um sorriso cúmplice, soprando logo após:

— Também não vejo a hora de John e eu pagarmos a língua. Vai ser um grande marco na história. — Eu definitivamente não poderia concordar menos, pois realmente seria. Não brinquei quando disse que estava doido para ver isso acontecer. — Mas não se preocupe caro Romeu, enquanto esse dia ainda não chega, o posto de homem mais apaixonado do ano continuará sendo unicamente e inteiramente seu.

Antes que eu possa retrucar com algum comentário sarcástico, Kieran se apressa em apertar os passos, sumindo do meu campo de visão assim que adentra na sua moradia em rodas, deixando-me para trás com um sorriso estúpido por conta de sua fala.

Também faço a mesma coisa minutos depois, escutando o ranger da porta metálica se espalhar por todo ambiente. Assim que coloco meus pés para dentro, fecho-a atrás de mim com um leve empurrão, sentindo o interior do trailer cheirar a cheetos de queijo. Meu rosto se franze automaticamente em uma careta de desaprovação e enquanto ando mais um pouco, encontro Hunter dormindo no seu saco de dormir com um pacote de salgadinho pela metade ao seu lado.

— Ótimo — murmuro para mim mesmo em um tom baixo, agachando para pegar o pacote largado no assoalho — Sempre me esqueço que os papéis inverteram aqui. Agora *eu* sou o pai.

Jogo o salgadinho de volta para a prateleira da cozinha improvisada, arrastando meus pés para o pequeno cubículo que chamo de banheiro. Ao me livrar de cada uma das minhas peças de roupa, entro debaixo do chuveiro,

que me recebe com as gotas gordas de água dançando pelo meu corpo, extremamente gélidas, fazendo meu queixo tremular e os dentes rangerem um no outro.

Geralmente eu adorava a minha casa e o modo como vivia, mas sempre que sentia a água gelada quase perfurar os meus ossos, custava a me perguntar o porquê de ainda viver nessas condições restritas. Se Hellaware continuasse com a sua temperatura infernal durante à noite, certamente não estaria passando por essas crises existenciais todas as vezes que me disponho a tomar um banho.

Pego a toalha cor de gelo no gancho atrás da porta, secando cada parte do meu corpo com o pensamento longe, ainda discutindo internamente sobre os prós e os contras de se viver aqui. Não era tão ruim, afinal. Um chuveiro elétrico conseguiria resolver todos os meus problemas numa boa.

Com a toalha enrolada na cintura, pego na gaveta uma cueca boxer e uma calça listrada de pijama assim que saio do banheiro, as vestindo logo em seguida. Enxugo meu cabelo molhado, que se tornou muito mais escuro do que realmente é, e o penteio para trás com as pontas dos dedos, gotículas de água descendo em um trajeto ritmado da minha nuca até um caminho copioso pelas minhas costas desnudas.

Em seguida, largo a toalha em um quanto qualquer – provavelmente ficarei arrependido amanhã com o meu descuido – e me jogo sem pudor na cama, minhas costas agradecendo por estarem sendo agraciadas com a maciez do colchão.

O edredom me cobre por inteiro, mas acaba não sendo o suficiente para amenizar os leves tremores que se alastram pelo meu corpo. Me arrependo na mesma hora de não ter colocado uma camiseta.

Se a boneca tivesse aceitado dormir comigo, provavelmente não estaria sentindo isso. A única coisa que sentiria era o calor emanando do seu corpo miúdo próximo ao meu e, assim, dormiria tranquilamente aquecido em seus braços.

Mesmo a cama sendo relativamente grande, parece extremamente pequena e vazia sem ela.



Não lembro em que momento peguei no sono na noite passada, mas pelo modo como as minhas pálpebras parecem empenhadas em não cooperar na hora de ficarem abertas por muito tempo, acredito que não foi o suficiente para me fazer descansar. Se não fosse pelo barulho intenso das vozes do lado de fora, provavelmente terminaria as minhas necessárias horas de sono, porém sabia que nem mesmo se eu quisesse seria possível.

Estico o pescoço para tentar enxergar o que está acontecendo no jardim através das pequenas janelas, e não consigo enxergar muita coisa esclarecedora. Apenas a parte da cintura para baixo de pessoas andando e conversando animadamente de um lado para o outro.

Coloco os pés para fora da cama, me levantado em um impulso. Espreguiço os braços em formato de X e assim que termino de alongar meu corpo dolorido, pesco um *Marlboro* e um isqueiro na pequena cômoda. É tipo um costume matinal, não consigo deixar de fumar assim que acordo.

Me direciono até estar fora do trailer, o calor da manhã me atinge em cheio. Acendo um cigarro com as mãos em formato de concha e assim que dou uma longa tragada na droga, observo com estranheza o que se passa diante dos meus olhos. Todos, incluindo alguns dos jovens trazidos por meu

pai de Gipsy Hill, que eu ainda não entendia muito bem e achava um tanto quanto estranha a súbita mudança, estavam desfilando com trajes de praia, como se no meu rancho fosse brotar um mar a qualquer momento.

Para deixar tudo ainda mais esquisito, Hunter está assando carnes de hambúrguer na pequena churrasqueira elétrica, usando bermuda com estampa de coqueiro, camisa floral, chinelos nos pés e um chapéu com listras. Seus lábios se esticam em um sorriso divertido quando me nota, acenando com a outra mão livre.

Quem faz churrasco pela manhã?

E por quê?

Violet se materializa em minha frente quando as perguntas inundam a minha cabeça como uma correnteza e, assim como eu, tem um cigarro pendido entre os dedos repletos de anéis prateados com desenhos de cruz e caveira. Seu cabelo castanho, que está preso em uma trança completamente bagunçada, parece mais claro na luz do sol. Seus olhos ficam bem pequeninhos quando ela sorri animada para mim, pequenas rugas aparecendo em volta deles. Como todos ao nosso redor, não dispensou na hora de usar um biquíni top faixa de cor preta e saia branca, evidenciando as tatuagens florais em sua barriga, assim como a da grande borboleta pouco abaixo dos seios medianos.

— Bom dia, dorminhoco — diz, soprando a fumaça cinzenta bem no meu rosto. — Você definitivamente não está de acordo com a ocasião. — Seus olhos castanhos pincelados pela costumeira sombra escura me medem de baixo para cima, balançando a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse reprovando minha calça de pijama.

— Eu percebi. — Dou uma última tragada no cigarro e jogo a bituca

no chão, recebendo um olhar repreensivo de Violet no mesmo instante. Sibilo um pedido de desculpas, dando de ombros. — Agora me diz, qual motivo da *Pool Party*?

Ela ri, olhando sobre os ombros.

— Anastasia, a coreana fechadona do grupo, foi a procura de um emprego pela cidade. Seu pai e o resto do pessoal resolveram fazer uma pequena festinha. Caso ela tenha conseguido, é de comemoração. Caso não tenha, a festa se torna de consolação. — Brinca com os anéis entre os dedos, mordendo o interior da bochecha. — Ela é a mais difícil de se aproximar, creio que passou por uma coisa sinistra. Acredito que isso — Aponta para a “festa” rolando atrás de si — também seja para que possa se enturmar mais com a gente. Por isso, tire essa carranca do rosto e entre no clima, seja um cara legal de manhã pelo menos uma vez na vida.

Eu arqueio as sobrancelhas, pois *ela* não é uma pessoa legal de manhã.

— Cala a boca! — murmura, como se pudesse ler meus pensamentos.

— Mas eu nem falei nada.

— Mas pensou — rebate, cruzando os braços também tatuados. Há tantos desenhos e frases que é impossível contar. — É sério, troque de roupa. Seja um cara legal.

— Assim você está me ofendendo. — Também cruzo os braços e pisco os olhos inocentemente. — Eu *sou* um cara legal. Não preciso vestir roupas de praia para provar isso. Meu pijama está de bom tamanho.

Ela abre a boca para protestar, mas eu saio na frente ao cobrir seus lábios com a minha mão na tentativa de calá-la. Ela, por outro lado, arranha um dos meus dedos com seus dentes.

— Aí! Maluca!

Seu sorriso de garotinha inocente toma conta do seu rosto, me fazendo rolar os olhos. Depois disso, me dá as costas, mas não sem antes me mandar um beijo no ar carregado de ironia.

Sigo os seus passos sem me importar com o fato de realmente estar sendo o único desapropriado em quesitos roupas, apertando a velocidade nos pés para poder me sentar na única cadeira de praia vazia junto do pessoal, que eu acabo supondo ser de Violet. Ela grita e me xinga de diversas formas possíveis quando, com muito esforço, consigo me sentar primeiro.

— Desculpa. — Forço o mesmo sorriso inocente que ela me dera minutos atrás, encostando as costas na cadeira. — Não sabia que era sua.

— Pode ficar com a cadeira, posso arrumar outro lugar melhor para sentar. — A voz sai carregada de malícia, e ela vira para encarar a roda formada, mordendo os lábios finos ao analisar cada um de nós.

O *All Star* desgastado afunda no verde da grama à medida que ela desfila com o nariz arrebitado até Apollo, os grandes olhos castanhos faiscando como uma verdadeira predadora pronta para dar o bote em sua mais nova presa.

O garoto se empertiga no lugar quando percebe o que ela está fazendo, segurando cada lado da cadeira com a maior força extracorpórea, os nós dos dedos se tornando esbranquiçados. Com um sorriso completamente dócil e a maior cara de pau do mundo, senta-se no colo do garoto. É inevitável suas bochechas não corarem quando percebe a ação de Mohn, pois diferente de seu amigo Ivy, Apollo é um garoto tímido e totalmente recatado, não havia trocado muitas palavras conosco.

— Espero que não se importe. — Violet mordisca a ponta do polegar,

segurando inutilmente o sorriso sacana. Conhecendo como eu a conheço, certeza que estava preparando o terreno para suas próximas investidas.

— N-não. — Ele sacode a cabeça, aparentemente nervoso. — Não me importo.

— Ótimo! — Pisca, levando suas mãos para brincar descaradamente com os fios compridos do moreno.

Fricciono os lábios um no outro, tentando não rir com a expressão de constrangimento estampado nos traços indianos do rosto do rapaz.

— Então... — John limpa a garganta, numa tentativa de aliviar a tensão de Apollo, assim como a vontade de dar risada de todos nós. Ele tem o peitoral desnudo assim como o meu, as tatuagens se misturando sob alguns pelos claros do seu peito. O short é um jeans desbotado e as argolas em cada uma das suas orelhas brilham por causa do sol. Seus glóbulos cravam nos meus e eu nem preciso ser um gênio da matemática para fazer os cálculos de que sua próxima fala será direcionada a minha pessoa. — Nós nem convidamos a Barbie, espero que não tenha te deixado triste.

E lá vamos nós.

— Nem teria como, ela está trabalhando — digo, minha expressão completamente desinteressada. — Eu sei o que você está tentando fazer, então pode parar.

John ri, estreitando os olhos em divertimento.

— O que eu estou tentando fazer?

— Está tentando insinuar que fico junto dela vinte e quatro horas.

— Isso aí quem está falando é você. — Ri ironicamente ao descolaras costas da cadeira para fincar o cotovelo nas pernas. — Eu não disse

absolutamente nada.

— Claro. — Reviro os olhos, tentando continuar com uma expressão séria, mesmo que no fundo, bem lá no fundo, queira rir da sua tentativa certa de me fazer confessar. — Muito espertinho você.

— Sempre. — Sorri de modo mais convencido do que o normal ao erguer os ombros como se quisesse dizer “*eu sou assim, o que posso fazer?*”

Depois de mais algumas investidas de John com piadas sem graça para mim e para o resto do pessoal espalhado nas cadeiras de praia, Hunter trouxe as carnes do seu churrasco e nós o apreciamos com umas boas doses de cerveja, mesmo que o ponteiro do relógio nos avisasse que ainda era onze horas da manhã.

A gente nunca seguiu as regras costumeiras mesmo, de qualquer modo.

Uma ou duas horas depois, não sei ao certo, Anastasia chegou da sua busca incessante por um emprego com cara de poucos amigos. Os olhos escuros e puxados pareciam ainda menores, e ela inspirava e expirava tantas vezes que parecia ter corrido uma maratona, os longos fios negros e lisos caindo em cascatas sobre seus ombros, a raiz encharcada de suor.

Nós a olhamos em expectativa, esperando ansiosamente uma resposta. Esperando saber ansiosamente se iríamos transformar a festa em comemoração ou consolação. Seu rosto não parecia nada amigável, mas quando ela sorriu minimamente sem descolar os lábios pintados de gloss e disse o que viria a seguir em voz alta, ninguém conseguiu acreditar.

— Consegui trabalho para nós cinco amanhã em uma festa de gala altamente chique na casa de um dos ricos do bairro Allkadeen. Falei com uma das governantas que estava tomando conta dos preparativos enquanto o patrão não chegava de viagem e, como estava precisando urgentemente de

garçons, não pensou duas vezes na hora de nos contratar. — Mesmo que ela não fosse de demonstrar muito, o tom da sua voz estava animado, além de que gangorreava com os pés de um lado para o outro, visivelmente inquieta. — Como a festa é para recepcionar a mudança de vez desse cara e da sua família para Hellaware, ele quer o maior número de moradores lá. Ou seja, todos vocês, ahn, meus amigos, foram convidados para comparecer.

— Espera... — Kara se levanta em um rompante, os olhos verdes arregalados em surpresa. — Você está me dizendo que todos nós fomos convidados para uma festa em um dos bairros mais ricos da cidade?

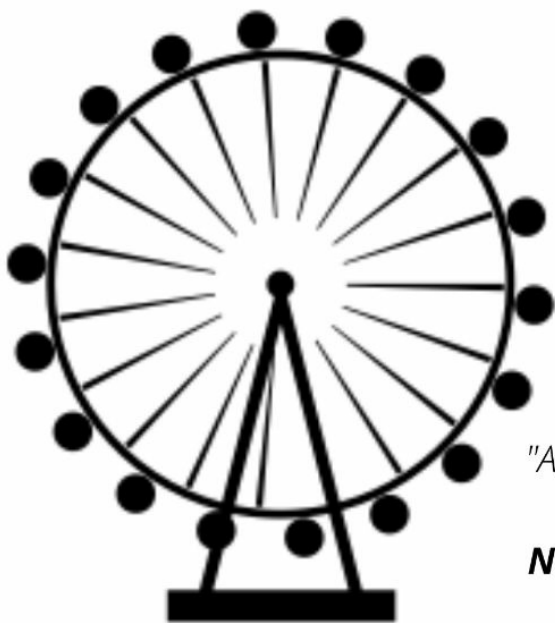
— Sim, isso. — Anastasia confirma arrumando a lapela da sua jaqueta verde néon, os olhos com um delineado da mesma cor da jaqueta injetados de receio com o olhar da garota negra sobre ela.

— Cacete, isso é... *Demais!* — Kara dá pulinhos de entusiasmo, e acaba contagiando Violet, Kieran e John, que também se levantam dos seus lugares para acompanhá-la na histeria de felicidade.

Ok. Uma festa de gala em Allkedeem é mesmo de empolgar qualquer um.

Ninguém dá uma festa tão marcante quanto a elite de Hellaware.

Certeza que amanhã não seria diferente.



24

*"As coisas desmoronam, mas nada quebra
como um coração."*

**NOTHING BREAKS LIKE A HEART | MILEY
CYRUS.**

Barbie St. Claire

Estou andando pelas ruas da calçada de ladrilho do meu bairro após algumas horas de trabalho quando, mesmo que de longe, consigo enxergar uma moto preta estacionada perto da minha casa. Também não preciso fazer muito esforço para que os meus olhos visualizem com clareza a figura de um rapaz sentado despretensiosamente em um dos degraus da varanda, os olhos completamente perdidos em algum ponto aleatório do céu de fim de tarde.

Devin Leblanc.

Mesmo que os meus olhos não pudessem o reconhecer de imediato, meu coração sempre executaria essa tarefa com maestria.

— Ora, ora — cantarolo assim que me aproximo o suficiente, atraindo toda sua atenção para mim. As íris verdes parecem saltar quando se chocam com as minhas. — Se eu soubesse que receberia essa surpresa quando

chegasse em casa, teria voltado correndo.

Seus lábios se repuxam em um sorriso brincalhão quando escuta meu comentário, flexionando os joelhos para poder se levantar e arrastar as indispensáveis botas escuras até mim.

— Eu agradeceria se da próxima você pudesse correr. — Suas duas mãos repousam em minha cintura e em um safanão, meu peito acaba sendo chocado contra o seu — Eu fico levemente enfurecido quando tenho que esperar por alguém.

— Mesmo que esse alguém seja eu? — Pisco os cílios inocentemente, espalmando as mãos sobre seus ombros, sentindo a temperatura gélida do grosso tecido da jaqueta de couro sob a palma de minha mão.

Devin parece pensar a respeito, os lábios em formato de coração se remexendo de um lado para o outro em um biquinho extremamente fofo e um tanto quanto sexy.

— É óbvio que não — responde, a voz rouca saindo levemente arrastada. — Eu nunca fico enfurecido quando se trata de você.

“Nem quando se trata de ninguém”, penso.

— Gostei de ouvir isso — sussurro, roçando tentadoramente meu lábio no seu. Ele acaba murmurando um palavrão pela provocação, e quando estava pronto para aprofundar o que estávamos fazendo em um beijo, decido me afastar milimetricamente. Seu rosto se endurece em uma careta de desgosto, me arrancando uma risada. — Agora me diz, a que devo a honra da sua presença?

Seus olhos brilham e ele entreabre a boca, como se estivesse surpreso, ou até mesmo tivesse lembrado do motivo de ter parado aqui.

— Vim te levar para fazer compras — diz logo depois, um sorriso animado adornando seu rosto. Como ainda estávamos na mesma posição, conseguia sentir o aperto em minha cintura, assim como o movimento de um lado para o outro que as suas mãos a conduziam. — E eu nem sei que vestido você vai escolher, mas já estou extremamente ansioso para vê-la usando.

— Meu pai do céu, você ficou maluco de vez? — Arqueio uma sobrancelha, me afastando do seu toque apenas para o observar melhor. Enquanto eu estou levando tudo na brincadeira, ele parece extremamente sério e convicto do que acabara de falar. — Do que você está falando, Devin?

— Estou falando que vim para te levar para fazer compras — repete, como se fosse óbvio. — Caramba, mulher, você não ficou sabendo? Nós fomos convidados para uma festa na casa dos playboys de Allkedeem.

Se tudo já estava estranho, acabara de ficar ainda mais. Não precisava viver uma longa vida em Helloware para saber que Allkedeem é, definitivamente, um dos bairros mais nobres da cidade. Por isso, como havíamos sido convidados para uma festa por lá? Era praticamente impossível. Ninguém no nosso círculo de amigos tinha qualquer interação com o pessoal daquela área.

Parecendo escutar as dúvidas que fazem as minhas engrenagens trabalhar mais do que o habitual, Leblanc se apressa em esclarecer:

— Anastasia Green foi em busca de trabalho hoje, acabou conseguindo um como garçoneiro nessa festa. Quer dizer, acabou conseguindo tanto para ela quanto para os outros amigos. Ela foi informada que o anfitrião, que está prestes a se mudar com a sua família para cá, quer o maior número de convidados. Por isso ela pôde nos convidar.

— E eu estou inclusa nisso?

— É claro que sim! Já está nítido para todo mundo que onde eu estou, você está.

— Ou vice-versa — acrescento, rindo.

— Ou vice-versa — confirma, os olhos injetados de divertimento. — Mas e aí, o que me diz? Topa ou não topa?

— Não sei não, a história dessa festa aí está estranha. — Cruzo os braços, aproveitando o momento para trocar o peso dos pés. — Por que a família iria querer um bando de desconhecido em sua casa?

— Quem se importa, Barbie? Você mais do que ninguém deveria saber que ricos são estranhos, que sempre estão tentando aparecer de alguma maneira. É óbvio que eles querem o maior número de moradores da cidade os prestigiando, só assim irão conseguir o respeito e o fascínio de todos rapidamente — responde, suspirando pausadamente. Ele coça a testa por alguns segundos e depois puxa os fios do cabelo castanho para trás, os lábios querendo se alargar cada vez mais à medida que esquadrinha meu rosto. — Vou ficar muito triste se você recusar meu convite. Irá recusar meu convite, boneca?

Era impossível lhe dizer não, ainda mais quando tinha aquele semblante de cachorrinho que acabou de cair da mudança voltado para mim.

— Impossível recusar seu convite, bad boy. Acha mesmo que eu sou tão tola ao ponto de recusar comida e bebida de graça?

— Essa é a minha garota. — Sorri glorioso, agarrando novamente minha cintura. Dessa vez, não penso duas vezes em aceitar seus lábios nos meus, assim como não penso muito na hora de permitir que a passagem da sua língua para a minha boca seja bem sucedida.

É inevitável que as borboletas comecem a se alojar na boca do meu estômago como se fosse a primeira vez que estivéssemos nos beijando, dando voltas e mais voltas no interior das minhas entranhas à medida que as sinto baterem as asas todas de uma só vez. As minhas pernas, que antes pareciam tão firmes, agora se encontram mais molengas que duas gelatinas. Eu até poderia dizer que detesto a forma como pareço uma adolescente em seus braços, ou até como me sinto retraída pela forma como meu corpo reage perante a seus toques, mas a verdade é que eu não sou tão mentirosa a esse ponto.

A verdade é que eu amo o modo como Devin conseguiu despertar cada um dos inúmeros sentimentos adormecidos dentro de mim. Se estivéssemos em um conto de fadas, com toda certeza eu seria a Aurora, e ele o príncipe Phillip, totalmente pronto para me trazer de volta a vida com um simples beijo.

E é assim que me sinto agora: completamente e inteiramente viva.



O *Shopping Center* não é tão grande quanto os de NY, mas certamente não é tão pequeno para uma cidade tão minúscula quanto Hellaware. A construção tem dois andares e é de um amarelo propositalmente desbotado. A entrada em formato de arco tem um painel colorido de lead escrito “*Bem-vindo ao Shopping Mistify. Aqui suas compras são bem mais divertidas.*”

Apesar da frase clichê e meio brega, minhas compras realmente foram divertidas. O momento que passei para procurar um vestido que me agradasse dentro das lojas foi algo memorável, já que Devin Leblanc não me deixou sozinha dentro do provador nem por um segundo e fez questão de ver com os

próprios olhos a mudança de uma peça para a outra. Na verdade, não que ele me deixasse provar muita coisa. Boa parte do tempo seus lábios estavam grudados nos meus, enquanto tentávamos fazer o máximo de silêncio possível para não sermos descobertos dentro das pequenas cabines.

Nos concentrarmos no real motivo de estarmos lá foi uma tarefa difícil, mas com muito esforço e autocontrole da minha parte, conseguimos finalizar as compras com um vestido impecável para mim e um smoking de tirar o fôlego de qualquer mulher para ele.

Apostaria todas as minhas fichas que seríamos o casal mais bonito daquela festa.

E o restante da noite ao lado dele passou tão rápido quanto o dia de hoje, que gerou inúmeros cochichos e burburinhos lá na lanchonete sobre o tão aguardado evento. Pelo que parecia, todos tinham sido convidados, ou até mesmo sabiam a dimensão do que aconteceria. Até Georgina, Pasha e toda família do Sr. Wilson compareceriam esta noite.

Eu estava sentada agora em um dos puffs espalhados pela bagunça do meu quarto, os olhos fechados enquanto tia Amber reproduzia seus dotes com a maquiagem em mim. Apesar de estar um pouco aflita caso resolva pesar a mão, não pensei duas vezes na hora de aceitar sua oferta. Não queria gastar meu salário suado em um salão de beleza, ainda mais para passar algumas horas em um local cheio de pessoas que não conheço.

— Prontinho, terminei — ela diz tempos depois, recuando alguns passos para poder observar sua arte melhor. A cabeça tomba para o lado e as íris azuis passeiam por cada centímetro do meu rosto brilhando em adoração, como se tivesse feito um ótimo trabalho e estivesse super orgulhosa de si mesma. — Você está perfeita, sobrinha. Eu arrebentei demais!

Flexiono os joelhos e me levanto em um ímpeto ao escutar sua animação, levantando a bainha do vestido longo para poder me direcionar até o espelho sem tropeçar nos meus próprios pés. Eu poderia até ter ficado aflita há minutos atrás, mas quando vejo meu reflexo projetado no espelho, tudo que consigo sentir é satisfação e orgulho pelo trabalho de titia. A maquiagem não é nada carregada, o que é ótimo. Porém também não é nada simples e conseguiu realçar ainda mais a minha beleza. Meus olhos azuis estão preenchidos por uma fina camada de sombra escura nas pálpebras e lápis de olho nas linhas d'água. Os cílios, que já são naturalmente longos, parecem ainda maiores sob as camadas da máscara de cílios. Minhas bochechas estão mais rosadinhas pela aplicação do blush e os lábios estão envoltos por uma grossa camada de batom nude.

Meu cabelo está preso em um coque bem feito no topo da minha cabeça, duas mechas grossas e onduladas emolduram o meu rosto pequeno e delicado. Por ele se encontrar dessa forma, consegue dar ainda mais destaque para os brincos de esmeralda que uso na orelha, o que acaba combinando perfeitamente com o vestido de cor verde também esmeralda que uso. Ele tem um decote em V, que torna os meus seios médios em maiores e um decote ainda mais preciso e generoso nas costas, além de uma fenda que se encontra na minha perna direita, mostrando uma boa parte da minha coxa.

Um dos meus saltos antigos da Givanchy ecoa pelo quarto à medida que ando de um lado para o outro no assoalho, fazendo poses e mais poses em frente ao espelho para ver se tudo realmente estava tão perfeito quanto parecia.

Sim, realmente estava.

Assim que pego minha pequena bolsa de mão repleta por pequenos

diamantes — fruto de quando eu ainda era uma moça afortunada —, escuto a campainha de lá debaixo retumbar por todo perímetro da casa.

— Seu par acabou de chegar — titia anuncia ao juntar as duas mãos sobre o peito, visivelmente animada e levemente emocionada.

— Amber St. Claire, nós não estamos indo ao baile da escola — faço questão de frisar, espalmando as mãos na cintura. Ela apenas dá de ombros, como se não se importasse com esse fato.

— Eu não tive como te ver no dia do seu baile. Não posso pelo menos fingir que esse dia é hoje?

— Pode — assumo, com uma risadinha. — Talvez seja até melhor eu fingir também, pois definitivamente Devin Leblanc seria a pessoa certa. Não você-sabe-quem.

Ela concorda e antes que possa emitir sua opinião sobre, a campainha é soada mais uma vez. Diferente de antes, muito mais estridente e impaciente.

— É melhor eu ir logo.

Aviso, girando sob os calcanhares. Tia Amber dá alguns passos rápidos e se posta ao meu lado, aprumando a postura só para enroscar seu braço cheio de rabiscos ao meu, como se fosse a minha acompanhante. Aperto os lábios um no outro para não rir da sua postura, deixando-me ser conduzida por ela até as escadas.

O trajeto até o último degrau é repleto de cuidado e alguns murmúrios de palavrões por parte de Amber, que não conseguia lidar muito bem com a minha falta de atenção e muito menos com as vezes que me enroscava nos meus próprios pés. Mas assim que finalmente finalizamos sem que nada acontecesse com nós duas, fez questão de se desvencilhar do meu braço,

correndo para abrir a porta com um sorriso hospitaleiro no rosto ao fitar o rapaz parado diante de si.

Tento não perder o fôlego quando o olho dos pés à cabeça, mas, sinceramente, é praticamente impossível. Seu corpo fica espetacular em qualquer tipo de roupa, contudo, nada conseguiria superar a experiência de ver todos aqueles músculos protegidos sob um smoking escuro, com a lapela longa pintada por um verde que combina perfeitamente com o meu vestido. Também nada conseguiria descrever a graciosidade da gravata borboleta adornando seu pescoço.

O cabelo castanho está devidamente penteado para trás, como se tivesse usado uma boa espécie de gel para o assentar no lugar. E os olhos, que têm aqueles tons de verde e amarelo bem lá no fundo que tanto gosto, me analisam como se eu estivesse completamente nua em sua frente. É automático os lábios avermelhados se repuxarem em um sorriso sacana.

Ele retira o cotovelo fincado no batente da porta, cumprimenta a minha tia com um manear de cabeça e dá um passo em direção à mim, o sorriso se alargando ainda mais. Se eu não soubesse que é humanamente impossível, diria que ele seria o causador do seu rosto se partir em dois agora mesmo.

— Você está deslumbrante, boneca — menciona, assim que está perto o suficiente. Sua mão encontra com a minha e ele a puxa para perto de seus lábios, depositando um beijo rápido nos nós dos meus dedos. — Estou tentando muito me controlar para não subir com você agora mesmo e arrancar esse vestido do mesmo jeitinho que fiz mais cedo, lá no provador — Devin sussurra dessa vez, a fim de que só eu escute. Tento não corar com seu comentário impróprio, mas já sinto as minhas bochechas queimando em ardência.

— Para com isso! — O repreendo no mesmo tom, gesticulando disfarçadamente para Amber, que ainda se encontra na porta nos observando, mesmo que seus olhos pareçam distantes. — Ela pode ouvir esses seus comentários.

— Não me importo que ela ouça. É a verdade. — Dá de ombros, agora entrelaçando a mão na minha.

Resolvo ignorar sua fala, o puxando para finalmente sairmos de casa. Antes de passar pela porta aberta, olho mais uma vez para minha tia, lhe lançando um sorriso levemente melancólico.

— Tem certeza que ficará bem sozinha?

— Claro! Melhor ficar sozinha em casa do que encontrar aquele ogro. — Parecendo perceber o que acabara de falar, olha para Devin com as íris injetadas de culpa. — Sem ofensas.

— Sem problemas — Devin assegura, lhe lançando um sorriso sem descolar os lábios.

Me despeço com mais um sorriso, dessa vez não tão melancólico quanto antes. Ela também retribui, e fecha a porta rapidamente. É nesse exato momento que sinto o coração se comprimir dentro do peito, pois queria muito sua presença. Queria muito que pudesse se divertir ao meu lado. O problema é que, mesmo depois de terem ficado uma noite, titia fez questão de evitar Hunter o máximo que pôde. Ambos não se veem mais desde a tal fatídica noite juntos.

Suspiro frustrada, fazendo uma nota mental para conversar com ela sobre isso depois.

Antes que eu possa pensar mais a respeito do problema envolvendo

minha tia e o pai de Devin, meus olhos capturam um *Camaro 1980* de cor azul escuro estacionado em frente à minha casa. Um vinco se forma entre as minhas sobrancelhas no mesmo instante, e viro minha atenção para o rapaz ao meu lado, que parece extremamente animado ao friccionar uma mão na outra.

— Aluguei de um cara — diz, provavelmente vendo a interrogação pairar sobre a minha cabeça. — Não achou que fôssemos de moto, achou?

Tento engolir a risada, pois em um momento de loucura, realmente acreditei que isso fosse possível.



Assim que o carro adentra o bairro de Allkedeem, sinto um embrulho no estômago e tenho total certeza de ser efeito das casas luxuosas ao meu redor. Não vou dizer que estou impressionada, mas, sem sombra de dúvida, estou assustada. Faz tempo que não me conecto com algo que me faça lembrar a minha antiga vida e, olhando tudo à minha volta, parece que se passou uma eternidade. Pode parecer estranho, mas não consigo me sentir mais pertencente a este mundo.

Balanço a cabeça para afastar os pensamentos, aceitando a ajuda de Leblanc para descer do carro assim que ele estaciona em frente à mansão. Quando escuto o barulho da porta sendo fechada atrás de mim, dou alguns passos para perto da casa, que já começa a abrigar milhares de pessoas dentro, e observo minuciosamente a forma vitoriana à minha frente.

Toda extensão do local é repleta por um verde sem igual. As árvores, arbustos e flores bem cuidadas serpenteiam por todo jardim dando um toque sutil ao grande casarão. O tom da casa é de um branco gelo e o teto, que eu

podia jurar perfurar o céu de tão alto, é coberto por um tom de azul eclesiástico. Na minha direita, a piscina cristalina e com comprimento abundante se faz presente, e, na minha esquerda, só que um pouco mais afastada, havia um chafariz com escultura de um grande leão cuspidor água.

Devin, ao meu lado, tenta manter a expressão de desinteresse no rosto, mas eu o conheço bem o suficiente para saber que seus olhinhos estavam brilhando de admiração pela grandiosidade que nos rodeia. Apenas suspiro quando enrosco meu braço no seu, o conduzindo para subirmos as largas escadas brancas que dão acesso à porta.

Empurramos a madeira na mesma hora, sentindo o som calmo e sereno da música clássica nos embalar à medida que caminhamos pelo hall. Se fora da mansão já é exuberante, dentro consegue ser dez vezes mais. A escada também branca em formato de U é o que conseguimos capturar logo de cara, dividindo-se em duas para separar os ambientes do andar de cima. O corrimão prateado de estrutura clássica contrasta perfeitamente com o pavimento de mármore branco revestindo toda a mansão. À direita, um piano está estrategicamente posicionado, assim como outros objetos de decorações. Já à esquerda, algumas cadeiras e sofás de dois lugares da mesma cor do corrimão foram espalhados para enfeitar ainda mais o ambiente, abrigando algumas pessoas com suas taças de champagne em mãos. Sobre as nossas cabeças, um lustre de cristal cai bem no meio, refletindo as luzes do ambiente com facilidade.

— É impressionante como rico é exagerado — Devin murmura em minha orelha, analisando todo local assim como eu.

Avistamos todos os membros do The Hurricane Freedom, assim como as meninas do Fast Rocket, perto da extensa e farta mesa de comida. Não pensamos muito na hora de decidir marchar até lá, recebendo a atenção e os

olhares de todos eles, que parecem impecavelmente perfeitos em ternos elegantes e vestidos sensuais.

— Olha só se não é o casal vinte chegando — John Scott cantarola assim que nos aproximamos. — Estão de parabéns, *huh?* Oh casal bonito.

— Parece um casal de Hollywood — Georgina complementa, bebericando seu champagne. Ela usa um longo vestido rosa-bebê rodado, que é de ombro a ombro, e o cabelo está preso em um coque assim como o meu, só que com uma pequena trança de lado. Seu sorriso pincelado por um gloss se alarga quando ela me observa sob a taça acrílica, como se tivesse aprovando toda cena. — Amo saber que eu sempre soube.

— Sim, Georgina, nós sabemos que você sempre soube — Devin brinca, se afastando minimamente de mim apenas para dar um leve empurrão no ombro da loira. — Agora me diz, a noite está divertida para vocês?

— Para ser sincera, está meio chata — é Violet quem responde, a expressão completamente desinteressada com tudo ao redor. Diferente das garotas, ela está usando um cropped de renda branco, que tem um decote extremamente favorável para seus seios, e um blazer preto por cima. Também usa calça social de cor preta e salto alto. — Nunca fui para uma festa de rico, achei que fosse mais animada. Pelo visto, estou preferindo as dos menos afortunados agora.

— Meu Deus, vocês não sabem mesmo apreciar uma festa de qualidade. — Pasha Stratford revira os olhos castanhos de modo dramático, espalmando uma das mãos na curvatura de sua cintura curvilínea, que está totalmente marcada pelo fino tecido apertado do vestido vermelho. Os longos fios alaranjados caem em cascatas sobre seus ombros ossudos, e ela sorri com os lábios pintados de vermelho antes de dizer: — Bando de ignorantes.

— Não fala assim, diabinha — John provoca, andando até ficar ao lado da alasquiana. — Assim você nos magoa.

Pasha dá de ombros e antes que possa soltar um dos seus comentários afiados ao garoto enfiado em um terno azul escuro, somos surpreendidos por uma música animada retumbando pelo salão. Logo de imediato reconheço Take On Me e encaro todos eles com uma sobrancelha erguida, completamente sugestiva.

— Não me diga que você quer dançar, boneca — Leblanc soa incrédulo, mas eu apenas confirmo, sorrindo. — Mas ninguém está dançando, mulher. — Ele olha ao redor sobre os ombros, vendo as pessoas paradas espalhadas pelo local.

— E daí? Eles só precisam que outros tomem a iniciativa. — Dou de ombros. Eu conhecia bem essa gente, sabia o que precisava ser feito para animar uma festa. — Vamos, por favor.

Eles parecem ponderar, mas acabam acatando minha ideia rapidamente e seguem meus passos até a pista improvisada no meio do hall. Nós ficamos em uma espécie de círculo, remexendo os corpos no ritmo da música e até cantando alto boa parte do refrão. Não sei quanto tempo ficamos nessa, o que eu sei é que, como eu havia suspeitado, não demorou muito para outras pessoas se juntassem a nós.

— Eu disse que eles viriam — comento com Devin, que agora estava me conduzindo no ritmo da música lenta que tomou o lugar de *A-ha*. — Vocês deveriam me ouvir mais. Sempre tenho razão.

— Nunca duvidei disso — ele diz, abraçando minha cintura. Eu sorrio, entrelaçando meus pulsos em seu pescoço. — Já disse o quão linda você está hoje?

— Algumas vezes só.

Devin ri, assentindo. Nós ficamos assim por longos minutos, o que é um tanto quanto reconfortante e gostoso. Até poderia dizer que estava tudo seguindo normalmente nesta festa, mas, quando deito minha cabeça no peito dele e olho para outra direção, tudo que eu consigo ver é Pasha e John dançando calmamente, os olhinhos conectados em todo o tempo que se encontram mexendo os corpos.

Definitivamente não estava seguindo normalmente.

Algun tempo depois, a música é interrompida e tudo que passamos a escutar é o som de algo tilintando contra uma taça.

— Olá, convidados. — Um senhor está no meio da escada, olhando para cada um de nós com um sorriso animado no rosto enrugado. — É um prazer ter vocês aqui e é um prazer maior ainda apresentá-los aos donos da casa e anfitriões desta noite maravilhosa. — Ele para de falar, como se estivesse fazendo suspense. Seus olhos seguem até os degraus das escadas, e depois volta-os para nós, prosseguindo a fala com um entusiasmo ainda maior: — Com vocês, a melhor família que Hellaware vai conhecer!

Todos nós olhamos para as escadas com expectativa transbordando nos glóbulos, esperando finalmente conhecer a tão falada família que tinha um coração de ouro por ter nos proporcionado todo um banquete de graça. Demorou alguns segundos de mais suspenses, até que cada um deles começou a descer degrau por degrau, sendo acompanhados por assovios e salvas de palma.

Nesse meio tempo em que não consigo ver seus rostos com clareza, volto minha atenção para o garçom que acabara de passar ao meu lado, roubando um champagne da bandeja prateada.

— É um prazer finalmente estar definitivamente em Helloware.

Meu corpo se empertiga no mesmo instante em que ouço a voz extremamente familiar. O mundo parece dar um giro de trezentos e sessenta graus quando finalmente tomo coragem para erguer meus orbes, reconhecendo de imediato àquelas pessoas que eu já mais sonhara encontrar na vida. Ainda mais aqui.

Parado ao lado dos pais, vestindo um smoking branco com lapela preta e o cabelo loiro perfeitamente arrumado em um topete, meu pior erro acenava à todos como um filho da puta de um príncipe.

Eu não sei o que eu fiz, tão pouco sei a quantidade de pecados que cometi para merecer isso, mas ele estava de volta.

Jasper Clemant estava de volta.

E a única coisa que escutaram depois da sua fala foi, sem sombra de dúvida alguma, o estardalhar da minha taça se chocando contra o assoalho. Respingos de champagne tomaram conta de todo espaço ao meu redor, assim como os cacos espalhados pelo chão, que pareciam bem menos em pedaços do que o meu próprio coração.



25

*"É melhor você me impressionar agora, olhando
meu vestido deslizar até o chão
Rastejando por baixo da minha pele com uma
conversa doce, é melhor ir direto ao pecado
Implorando para você me levar
Um demônio sob o seu sorriso.
É uma coisa doce, mas ela joga pra ganhar, o
céu vai me odiar. "*

NOT AFRAID ANYMORE | HALSEY.

Barbie St. Claire

Eu costumava ter medo de monstros quando era pequena. Aqueles famosos monstros debaixo da cama. Eu acreditava que, se por algum descuido meu, deixasse meu mindinho para fora da coberta, seria capturada por algum deles e nunca mais teria a capacidade de enxergar a luz do sol. Acreditei nesses monstros por longos anos da minha vida e temi cada um deles. Acreditei que eles realmente iriam me fazer mal de alguma forma. Agora, no entanto, depois que a minha infância passou, me pergunto como pude ter sido tão tola. É óbvio que não existiam monstros horripilantes embaixo da minha cama. Não tinha como eles estarem por lá. Simplesmente não tinha como, pois eles estavam todos passeando pela Terra na sua única forma possível: humana.

Porque eles são pessoas normais assim como eu e você. São reais. E

mesmo que você tente muito ficar longe deles, assim como tentava com toda determinação deixar o pé sempre repousado sobre a cama, eles irão dar um jeito de te encontrar e enfiar suas garras dentro de todo seu ser, arrancando cada pedacinho de vida existente nele. Arrancando cada molécula de bravura. Cada molécula de determinação. De felicidade. De amor. Até simplesmente não sobrar mais nada. Pois é isso que os monstros da vida real fazem. Eles se alimentam de tudo que temos de melhor, sugando para si cada coisa inexistente dentro deles. E, infelizmente, uma hora ou outra, é quase certo que iremos sucumbir em um vazio tão grande quanto aquele que abriga o Universo.

Se eu tivesse a opção de escolher — e se eles existissem mesmo —, eu escolheria a opção de ter sido capturada pelos monstros que abrigavam o meu quarto. Algo dentro de mim me diz que eles seriam mais inofensivos do que o meu monstro da vida real, que encontra o meu olhar no segundo seguinte que em consigo a atenção de todos ao derrubar minha taça de champagne, os olhos azuis injetados de surpresa.

Que eu suponho ser fingida, obviamente. Assim como tudo ao seu redor.

— Você está bem? — Devin soa preocupado ao meu lado, e quando ergo meu olhar para o seu rosto, vejo sua expressão confusa ao brincar de ping pong com os olhos ao ir de mim até a espuma do líquido nos rodeando. Quando vê que não vou responder, continua: — O que houve, Barbie? Parece que acabou de ver um fantasma.

"É, Devin, eu realmente acabei de ver um", penso e quero externar. Entretanto, parece que há um bolo de concreto instalado em minha garganta. Nem mesmo que eu queira conseguirei proferir nem mesmo uma palavra.

— Vamos embora daqui, Devin — depois de alguns minutos, me obrigo a falar, a voz saindo por um fio. — Por favor.

— O quê? Por quê? Nós acabamos de chegar, mulher.

Ele diz, e antes que eu possa responder alguma coisa, sou surpreendida por mais uma salva de palmas. Quando olho para as escadas, os pais de Jasper estão descendo-as e cumprimentando alguns convidados espalhados perto do último degrau, esboçando um sorriso tão estrategicamente falso quanto a peruca escura do cabelo de Christine, matriarca da família Clement. Minha mão se fecha ao lado do meu corpo e, de modo inconsciente, minhas longas unhas cravam na palma, machucando-as na carne pálida com a força da raiva que imponho. Isso tudo por estar vendo o garoto loiro serpenteando por entre as pessoas, arrumando a lapela preta do seu smoking perfeitamente branco que elas desalinham, o rosto determinado a encarar o meu, assim como seus pés, que parecem ainda mais determinados ao andar cada vez mais rápido até mim.

No mesmo instante que o vejo perigosamente próximo, inspiro fundo e entrelaço o meu braço no cotovelo de Devin, destinada a sair dali tão rápido quanto cheguei. Mas antes que eu possa fazer qualquer menção de o puxar para a saída, escuto a sua voz grave e rouca soar perto demais do meu ouvido ao falar:

— Por que você não para de encarar o filho do dono da festa? E por que ele também não para de te encarar de volta enquanto caminha até nós? Vocês por acaso se conhecem de algum lugar?

São tantas perguntas. Uma seguida da outra de modo desenfreado. Faz o meu mundo girar ainda mais e o ar se esvaír dos meus pulmões, correndo para longe de mim como o Diabo corre da cruz. Tento o trazer de volta, mas

parece que ele já está longe o suficiente para querer retornar. Eu até o entendo, pois se eu também pudesse, correria para fora do meu corpo agora mesmo.

Minhas pernas ficam bambas quando Jasper Clement encurta a nossa distância, o irritante perfume francês chegando primeiro que ele, fazendo minhas narinas pinicarem e franzirem com o aroma conhecido. Eu tenho certeza de que se não tivesse me segurando no garoto ao meu lado, iria acabar chocando as minhas nádegas ao chão, assim como aconteceu com a minha taça minutos atrás. De soslaio, vejo Devin aprumar a postura e a sua sobrancelha formar um arco perfeito de intimidação, olhando para o loiro como se esperasse uma boa resposta sobre a sua aproximação repentina.

— Barbie St. Claire?! Meu Deus, o que você está fazendo aqui? — Jasper pergunta, as pontas dos dedos longilíneos passeando por entre os fios lisos, jogando-os para trás. Ele realmente parece chocado ao me ver, e só essa encenação patética me faz querer rolar os olhos. Mas tento ao máximo me manter impassível. Não quero demonstrar fraqueza. Pelo menos não na sua frente. — Faz quantos anos que eu não te vejo? Três? Meu Deus, eu realmente não consigo acreditar que está na minha frente. Que está em Hellaware. Cacete, você não deveria estar em Nova York?

Rio nasalar, pois mesmo depois de todos os anos, mesmo depois de tudo, ainda consegue ser frio e mentir tão bem quanto antes. É a primeira vez que nos vimos desde que descobri tudo, desde que ele simplesmente foi embora, e é desse jeito que ele reage. Como se não tivesse fodido a minha vida e a do meu pai. Como se não soubesse que eu já deveria estar morando aqui quando resolveu voltar para assombrar a minha vida como se eu fosse seu brinquedinho sádico favorito.

A encenação é tão boa que chega a ser digna de um Oscar.

— São quatro anos — o corrijo. — Quatro anos desde que nos vimos pela última vez, e eu juro por tudo que é mais sagrado no mundo que adoraria colecionar muitos e muitos deles ainda. Não vem usar esse teatro pra cima de mim, você sabe que eu não caio mais. Eu que deveria estar fazendo perguntas aqui, não você. — Nesse momento, minha testa está abaixada, os lábios e as narinas dilatadas e tudo que eu consigo sentir é raiva me consumindo quando me desvencilho dos braços de Devin, dando um passo para perto dele para afundar o dedo indicador em seu peito ao perguntar: — Que porra você está fazendo aqui, Jasper?

Escuto um "oh" de surpresa e um vinco se forma entre as minhas sobrancelhas na mesma hora, pois essas pequenas palavras não saíram da boca de Clement, tenho certeza disso. É quando me dou conta que, de forma que nenhum de nós percebeu, Devin acabou se metendo no meio, o corpo grande e viril fazendo uma barreira entre mim e o monstro do meu passado. Por estar de salto e esticar um pouco o pescoço, vejo sobre os ombros de Devin quando Jasper engole em seco e, de forma disfarçada — mas que eu percebo na mesma hora —, recua um passo para trás com a aproximação do rapaz que consegue colocar medo em uma pessoa que não o conhece tão bem assim. Pela forma como as suas costas estão tensionadas e o ombro levemente erguido, tenho certeza que conseguiu captar a pessoa de quem se tratava à sua frente, a fumaça de dúvida cada vez mais se dissipando ao seu redor.

— É esse o filho da puta, boneca? — Com uma calma que eu tenho certeza ser só direcionada para mim, Leblanc pergunta ao virar um pouco o rosto em minha direção. — É esse o tal Jasper de Nova York?

Assinto, mexendo o queixo para cima e para baixo em uma lentidão quase dolorosa. Pelo faiscar dos olhos verdes de Devin, o choque volta de

forma ainda mais feroz para o meu corpo, pois se ele está mesmo o enxergando, quer dizer que ele está mesmo aqui. Quer dizer que ele tinha mesmo falado comigo, assim como eu o tinha mesmo respondido, mesmo que eu não saiba onde arranjava aquela força súbita para o enfrentar. Quer dizer que isso tudo acontecendo é real, não um pesadelo programado pelo meu subconsciente perverso. Chegar nessa constatação me faz querer colocar tudo que consumi ao longo do dia para fora.

Na hora que ele entende a confirmação em meio aos meus movimentos, vira-se de volta para Jasper, esticando o braço para alcançar o ombro ossudo do francês.

— A vontade de te meter a porrada é imensamente grande agora, mas estou tentando me controlar por causa dela. — Devin aponta para mim com a cabeça, a voz extremamente ameaçadora. — Então se você tiver com vontade de continuar com essa sua cara engomadinha, responda à pergunta da Barbie. Responda que porra você está fazendo aqui, seu riquinho de merda.

Jasper parece não se abalar com a raiva explícita no tom de voz de Leblanc, tão pouco na força que ele impõe ao apertar seu ombro, pois em uma força ainda maior, consegue retirá-la do local, com os cantos dos lábios se erguendo em um sorriso carregado de provocação.

— Desculpe a minha ignorância, mas você é quem? — ele questiona, agora cruzando os braços em frente ao peito, segurando os cotovelos. Não consigo ver por causa do smoking cobrindo seus músculos, mas pela força que retirou a mão de Devin do seu corpo, acredito que esteja muito mais malhado do que quatro anos atrás. Olhando com mais atenção, ele parecia diferente do garoto que um dia fui apaixonada. O cabelo loiro claro parecia o mesmo perfeitamente penteado em um topete e os olhos azuis Caribe também, só que pareciam mais felinos e ameaçadores, como os de um gato.

O queixo continuava levemente pontudo e o nariz fino e arrebitado também. Mas, de um jeito que não conseguia explicar, sabia que seus traços firmes pareciam muito mais maduros agora. O maxilar travado era liso como o de um bebê, nenhum resquício de barba pela pele brilhante e bronzeada. Sua beleza, que um dia fora muito impactante para mim, agora conseguia me deixar extremamente enojada.

— Sou o namorado dela — Devin responde tempos depois, convicto.
— E eu não sei o que você e a sua família de criminosos pretende fazer aqui em Hellaware, mas, se vocês chegarem a um passo dela, um mínimo que seja, eu mesmo me certificarei de acabar com a vida de vocês.

Mais uma vez na noite, minhas pernas ficam bambas, e dessa vez pelo que acabara de escutar da boca de Leblanc. "*Sou o namorado dela*". A frase ecoa na minha cabeça como um looping infinito. Pela primeira vez desde que me dei de cara com o meu passado, consigo sentir os cantos da minha boca se elevarem em um sorriso de orelha a orelha.

— Estou pagando para ver — Jasper soa debochado ao confrontá-lo, um sorriso torto pincelando seu rosto.

— Se eu fosse você, Jasper, desmancharia essa sua pose agora mesmo — Devin encurta novamente a distância entre os dois, a respiração densa ondulando no rosto do loiro —, pois você está no meu território. No território de Devin Leblanc. E caso queira um conselho, já que pelo que parece irá ficar aqui em Hellaware, procure saber quem eu sou. Tenho certeza que as pessoas dessa cidade irão adorar te dizer coisas sobre mim. E eu garanto já de antemão que todas as informações que você irá receber fará você chorar para os seus papais feito um mariquinha.

Clement não o responde dessa vez, apenas o fuzila com o olhar,

claramente o ego ofendidíssimo pelas palavras ameaçadoras que saíram por entre os lábios do meu bad boy favorito. Depois de um tempo trocando olhares fervorosos, Devin se coloca ao meu lado, tocando o meu braço até achar o caminho para a minha mão, entrelaçando-a com a sua em um aperto firme, que de alguma forma consigo entender que está me pedindo para aguentar só mais um pouco.

— Eu não sabia que você estava morando aqui, Barbie. Eu juro. Sei que você tem todos os motivos do mundo para me odiar e não acreditar em mim nesse momento, mas as minhas palavras são as mais sinceras possíveis. Se você permitir, podemos ir para um canto afastado e eu te conto como eu vim parar aqui. Eu só peço que me escute. — Jasper anda até ficar em minha frente, seus olhos suplicam para que eu conceda. Eu apenas rio. — Por favor.

— Eu não quero ouvir nada. Eu não quero nem ouvir sua voz, Jasper. Ela me enoja. Você me enoja. — Cuspo as palavras, sentindo meu peito arder em agonia. Ficar na frente dele é como reviver o maldito passado, e eu definitivamente não quero lembrar dele. — Não deve ser muito difícil imaginar o que você veio fazer aqui. Na verdade, olhando tudo ao nosso redor é até meio óbvio. Só espero que a próxima vítima leve você e os seus pais direto para a cadeia, já que lá é o melhor lugar para que vocês residam. No mais, eu espero que você tenha entendido o recado do meu namorado e se mantenha bem longe de mim.

Ao dizer todas aquelas palavras de uma só vez, aperto ainda mais as mãos de Devin e me encosto ainda mais nele, como se pudesse me fundir a seu corpo com tamanha insistência de aproximação. Ele reage, roçando o polegar em desenhos circulares nos nós dos meus dedos.

— Dá o fora, Jasper — Leblanc rosna, entredentes. — E antes que eu me esqueça, bem-vindo a Hellaware. — Seu sorriso é completamente sádico

e perigoso.

Ao contrário do que eu esperava, Clement gira sobre os calcanhares, voltando para perto dos seus pais para continuar sua atuação de família perfeita e de ótima índole junto com eles. Mas, antes de se afastar de fato, vejo que para só para me olhar sobre os ombros, lançando-me um olhar tão gélido quanto a nevasca da cidade da Pasha. De alguma forma, aquilo me fez arrepiar por inteira, além de sentir um aviso pairando sobre ele.

Aquilo não acabaria ali, tão pouco me deixaria em paz como fez parecer.

— Vamos dar o fora daqui, Devin — peço baixinho, puxando a barra do seu smoking. — A festa já acabou pra mim.

— Quer que eu te leve pra casa?

— Não. Por favor, não me leve pra casa. Me leve para um lugar que me faça esquecer que esse dia realmente aconteceu.

— Pode deixar, amor. Já tenho um ótimo lugar em mente.



E o lugar que estava na mente de Devin realmente era tudo que eu precisava. O cheiro de maresia, as ondas se quebrando, a areia fofa tocando os meus pés descalços e a sensação do vento fresco da noite me abraçando faz com que eu quase acredite estar mais calma.

Sun Valley costuma despertar isso em mim.

Gostei da sua escolha de me trazer aqui. Acho que esse é o ponto de Hellaware que mais me faz acreditar que não sou mais aquela garota franzina

e melancólica de Nova York. Aqui, observando a vastidão do mar de águas límpidas, me sinto a Barbie de Hellaware; a que passou a amar praias, a que não teme mais aniversários, a que tem amigos e a que tem um garoto incrível ao seu lado, apaixonado por todas as pequenas coisas que a compõe. Os defeitos, as qualidades, os medos, inseguranças. Tudo.

Devin Leblanc é apaixonado pela Barbie que me tornei. Sem querer e pedir nada em troca. É diferente de Jasper, que eu achei estar apaixonada um dia — o que eu tenho certeza agora de não ter estado —, me apaixonei por ele por ter conseguido me fazer me apaixonar por mim mesma. Assim como me prometera um dia, consigo sempre me sentir no topo ao seu lado. Assim como me senti na roda-gigante.

Ao lado dele, em Sun Valley, consigo acreditar que estou no topo novamente.

Mesmo que o garoto da França tenha me feito duvidar disso por um segundo, mesmo que o seu retorno tenha me deixado lá perto do poço, não quero e nem vou sucumbir na dor que ele quer que eu sinta. Pelo menos não hoje. Pelo menos não agora. Vou deixar para me preocupar nos efeitos de Jasper Clement amanhã, pois hoje, no entanto, quero ainda transformar o resto dessa noite em mágica. E sei que vou conseguir.

Pois tudo que é mágico se encontra em Devin Leblanc. E ele agora está ao meu lado, pronto para mim como eu sempre estive para ele.

— Quer entrar na água? — pergunto, assim que decido transformar meus pensamentos em ações. Devin, por outro lado, retira os olhos do mar para me fitar com uma expressão estranha no rosto. — O quê? O que tem demais na minha pergunta?

— Nada demais, só que estamos vestidos para uma festa de gala.

— É só tirar. — Dou de ombros, mordendo um sorriso. — Eu estou só de calcinha, mas como estamos só nós dois aqui, não vejo problema. E você, o que me diz?

Ele estreita os olhos, desconfiado.

— Não me diga que você está sem cueca, Leblanc.

— Não, boneca, não estou sem cueca. — Ele ri, raspando o polegar na maçã do meu rosto. — Mas posso ficar sem, caso você preferir.

— Muito tentadora a proposta — brinco, me levantando da areia. — Mas acho que não será necessário.

Devin assente, me analisando dos pés à cabeça, com um olhar brilhando em malícia. Seus cabelos, que antes estavam perfeitamente penteados e fixos em uma boa camada de gel, agora se encontram uma verdadeira bagunça, alguns fios rebeldes caindo em frente aos olhos claros. A gravata borboleta está frouxa em seu pescoço, ele acaba arrancando-a com certa impaciência quando percebe meu olhar por ali, soltando alguns resmungos que não compreendo.

Sorrio, aproveitando sua distração para começar a desfazer meu penteado, deixando os fios dourados longe do coque ao tê-los caindo em cascatas sobre meus ombros. Quando começo a tentar mexer inutilmente no zíper do vestido nas minhas costas, sinto a presença do corpo forte de Devin atrás de mim, a ponta gélida e calejada do dedão raspando em minhas costas até alcançar o zíper. Ele não fala nada, mas sinto sua respiração entrecortada na base do meu pescoço, que acaba fazendo cada centímetro da minha pele se eriçar.

No segundo seguinte, sinto a peça cor verde esmeralda atingir meus calcanhares, se misturando em meio à areia. O ar gelado toca meus seios

desnudos e eu grunho, abraçando meu colo. Jogo o vestido um pouco para o lado, virando lentamente para Devin, que agora tem a atenção voltada para a calça social em seus calcanhares, retirando-a por completo. Quando ergue o tronco e os olhos capturam a minha figura só de calcinha, a única reação que esboça é os cantos dos lábios avermelhados vibrando para se abrirem em um sorriso tão sujo quanto o brilho em seus orbes.

O silêncio nos engloba como o frio da praia, mas isso não parece ser incômodo algum para ambos, pois ele é extremamente reconfortante, principalmente quando meus olhos decidem acompanhar os movimentos propositalmente lentos do garoto, agora abrindo cada um dos incontáveis botões da camisa branca social. Para a minha felicidade, ela se abre por completo e cai ao chão, revelando todo seu peitoral definido, os músculos bem torneados e malhados brilhando pela luz vertiginosa da lua. O desenho de asas de anjo abraçando um furacão no seu antebraço é nova para mim, e eu não consigo não sorrir, lembrando-me que é o desenho exato do fundo da sua indispensável jaqueta de couro.

Agora estamos iguais, apenas vestidos por uma peça íntima. De uma coisa eu tenho certeza, a minha vista consegue ser muito melhor que a dele.

Quando vejo que seus pés querem se arrastar até mim, me viro no mesmo instante e corro para alcançar a água do mar. O problema é que, sem me dar conta que com certeza ele me alcançaria, sou surpreendida pelos seus braços firmes ao redor de mim, me retirando do chão só para colocar todo meu corpo sobre seus ombros. Tento me retirar e até mesmo me debater, mas nada parece surtir efeito e a única coisa que ganho é um leve tapa na bunda como reprovação do meu mau comportamento. Por isso, decido me manter quieta, o que não adianta nada, pois logo a minha risada se mistura com a dele em um eco por toda a praia.

Segundos depois, afundo no mar ao ser jogada nele propositalmente, e quando me recupero do susto e meu corpo imerge à superfície, a única coisa que encontro é o sorriso branco de Devin iluminando a noite bem mais que a lua.



Após longos minutos brincando de afogar Leblanc debaixo d'água, saímos do mar de Sun Valley completamente encharcados, os braços de Devin atrás de mim sendo a única barreira contra o frio. Quando encontramos nossas peças de roupa, pega a sua camisa social e me entrega. A vesti logo em seguida. Meu corpo molhado e os respingos gordos de água do meu cabelo maculam o tecido, transformando-os em transparentes. O rapaz parado agora na minha frente parece adorar, pois afunda os dentes no lábio inferior, o puxando lentamente ao contemplar a peça transparente moldando meu corpo.

— Eu já disse que você é um pecado? — Me puxa para si ao perguntar, entrelaçando os braços em minha cintura. Seu rosto voa para o meu pescoço, inspirando meu perfume mesclado com a água do mar.

— Uhum — confirmo, sem conseguir falar mais que isso. Os lábios ágeis agora estão beijando, sugando e mordiscando a pele abaixo do pescoço, perigosamente próximo do vão entre meus seios.

Após alguns segundos fixos nessa tarefa, ele simplesmente para, agora esquadrinhando meu rosto com cautela e preocupação.

— Eu não quero te pressionar, amor. Mas você não acha que

deveríamos conversar sobre o que aconteceu na festa? Como você está se sentindo?

Faço que não com a cabeça, contornando seu pescoço com os meus punhos.

— Eu não quero conversar. Eu quero você. Aqui e agora.

Sua boca em formato de coração abre e fecha algumas vezes, e ele engole em seco ao dizer:

— Por Deus, Barbie, é tudo o que eu mais quero na vida. Mas você tem certeza disso?

— Sim, Devin, eu tenho certeza. Muita certeza, inclusive.

Ele apenas sorri, agora tomando os meus lábios em um beijo paciente e um tanto quanto explorador. Se antes eu sentia frio, agora todo o calor do corpo de Devin me invade, conseguindo até mesmo alcançar o meu coração, que parece abrigar uma labareda de tão quente e aquecido que se encontra. Quando me dou conta, estou deitada na areia, o corpo grande e pesado do meu amor sobre mim. Os beijos agora seguem uma trilha coreografada, saindo dos meus lábios para se concentrarem em um ponto qualquer do meu pescoço, fazendo-me arfar e implorar por mais. O que ele logo atendeu, pois suas mãos arrancam a camisa que me dera minutos atrás, jogando-a para o lado.

Agora a boca de Devin desce, deixando beijos molhados em minha clavícula, chegando aos meus seios, onde ele mordisca e suga a ponta do meu mamilo direito já intumescido, enquanto a sua outra mão fecha ao redor do meu outro seio livre, apertando-o firmemente, me fazendo ofegar e afundar os incisivos na carne rachada do meu lábio inferior. Agora ele o abocanha todo, seus dedos fazendo movimentos circulares no esquerdo. Eu apenas

concentro toda minha atenção em morder os lábios, tentando inútilmente conter os gemidos presos em minha garganta.

Fecho os olhos com certa força no mesmo instante em que Devin desce os beijos pelo meio da minha barriga, suas mãos passeando pelas curvas suaves do meu corpo como se eu fosse um mapa que ele fazia questão de conhecer nos mínimos detalhes, dedilhando os meus traços e as minhas linhas como se estivesse dedilhando as linhas do horizonte.

— Olha para mim boneca, quero que me veja te levar ao céu novamente — pede em um sussurro e, na mesma hora, sem nem pensar duas vezes, atendo ao seu pedido. Abro os meus olhos e encontro um mínimo sorriso de lado, a expressão de vitória em cada traço de seu rosto.

Prestando mais atenção agora, suas íris verdes com pintinhas amarelas pareciam mais escuras, completamente carregadas de luxúria. Não consegui pensar mais sobre o assunto, pois logo ele continuou o caminho até alcançar meu quadril, seus dedos enganchando nas extremidades da minha calcinha e, com seus olhos nunca deixando os meus, desce-a lentamente por entre minhas pernas, deixando-me nua e totalmente exposta sob seu olhar.

Os orbes de Devin me analisam por inteira, passeando por cada parte nua. Ele morde o lábio inferior e seus olhos brilham em contemplação, agora os dedos separando a minha carne para encontrar o ponto sensível no meio da minha feminilidade, roçando o dedo de modo provocativo por ali. Arqueio o quadril na mesma hora e, com muito esforço, tento não xingar diversos palavrões que inundam a minha mente.

A sensação é tão maravilhosa, tão arrebatadora, que eu quase tenho certeza que irei desmaiar aqui mesmo, na areia. Mas se eu estava pronta para deixar minha mente se apagar em um borrão, quando sinto o dedo de Leblanc

invadir a minha entrada, consigo me despertar no mesmo instante, já que dessa vez a sensação é diferente de antes e um tanto quanto incômoda. Praguejo baixinho, mas mesmo assim, não quero que ele pare. Quero que me leve ao céu. Mais uma vez.

O jeito com que me olha, a forma como me toca — quando finalmente me acostumo algum tempo depois —, me fazem delirar em prazer. Eu poderia iniciar um incêndio só com as sensações que ele provoca em mim. Minhas mãos alcançam suas costas e eu finco minhas unhas nela, arranhando, querendo, necessitando de mais dele. Do meu amor.

Seus dedos agora voltam a estimular meu clitóris, iniciando uma dança em minha intimidade, a qual ele só pararia quando eu atingisse meu ápice. Meu corpo continua aceso por completo, seu toque distribuindo eletricidade em minha pele conforme seus dedos me proporcionam sensações de puro êxtase.

Devin leva seus lábios até lá, sua língua aveludada ajudando no quesito me provocar e me deixar levemente desorientada. Ele parece achar graça da expressão pincelada em meu rosto quando ergue um pouco a cabeça para me fitar, pois solta uma risadinha baixa. Se eu tivesse forças o suficiente para falar algo, o chamaria de cretino agora mesmo. No entanto, como não tenho, balanço a cabeça em negação e reviro os olhos de modo teatral.

Uma outra risadinha preenche o ambiente, mas antes que eu possa realmente falar algo dessa vez, sou surpreendida pela cabeça do garoto voltando a se encaixar entre as minhas pernas, agora sugando cada pedacinho da minha intimidade, levando para si todo o gosto do meu corpo.

Nossos corpos parecem velhos conhecidos ao reconhecerem o toque tão familiar, mas completamente estranhos ao reagir a ele, pois era como se

houvessem explosões cada vez que os lábios de Devin entravam em sincronia com minhas partes íntimas, fazendo-me arfar de diferentes formas possíveis. Era tudo tão novo. Mágico. Completamente inesquecível.

Ainda tentando recuperar o ar que parecia não estar muito disposto a ficar comigo hoje, levo meus dedos até a sua nuca, afundando-os em seu cabelo escuro. Devin murmura um palavrão quando puxo alguns fios para trás com certa força só por tê-lo investindo ainda mais com a língua abaixo de mim.

Sinto a mesma sensação, aquela sensação de que vou explodir em um milhão de partezinhas minúscula, e ele simplesmente para. Devin para tudo o que estava fazendo, ficando de joelhos.

— Não agora, amor — responde meus questionamentos internos, umedecendo a região vermelha e inchada do seu lábio inferior. — Eu só preciso ter certeza primeiro de que você quer mesmo isso. De que não é algo apenas para esquecer o acontecimento de merda hoje.

Inspiro profundamente, equilibrando-me nos cotovelos para conseguir observá-lo melhor.

— Eu tenho certeza, Devin. Isso não se trata do que aconteceu mais cedo. Isso se trata de nós — digo, o mais sincera possível, indicando nós dois com o indicador, meio atordoada e a respiração descompassada. — Se trata do que eu sinto por você. Meu namorado.

Seus olhos se arregalam quando digo as últimas palavras, completamente chocado, provavelmente ao se lembrar do que disse a Jasper na festa. Não demora mais que três segundos para que suas linhas tensas se suavizem, transformando seu rosto em uma linda expressão de felicidade, os cantos da boca vibrando ao quererem soltar um grande sorriso.

— Então quer dizer que você aceita?

— Achei que isso fosse meio óbvio — respondo, fingindo pouco caso ao erguer os ombros.

— Ah, Barbie... — Ele suspira, engatinhando até estar em cima de mim, as mãos apoiadas em cada lado da minha cabeça quando me deito. — Eu realmente sou apaixonado por você.

— Nunca duvidei disso — menciono, levantando um pouco a cabeça da areia para chocar meus lábios contra o seu, agradecendo aos maiores deuses quando entreabre-os para dar passagem a minha língua.

Meu coração pulsa tão forte que consigo sentir zumbindo em meus ouvidos, impedindo que o som do mar atinja cada um deles. Agora, diferente das outras vezes, crio toda a coragem do mundo para levar minhas mãos até o fim das suas costas, descendo-as lentamente até alcançar a extremidade da sua cueca boxer, puxando-a para baixo em um safanão. Ela não escorrega por completo como eu gostaria, apenas faz com que Devin retire a boca da minha, levando seus olhos até a cueca e depois até mim, balançando a cabeça de um lado para o outro ao tentar disfarçar o sorriso maldoso percorrendo seus lábios.

— Pode deixar que eu faço isso por você, boneca. — A voz sai mais rouca do que de costume, e ele se afasta apenas um pouco de mim, o suficiente para conseguir tirar a peça do seu corpo sem dificuldade.

Quando ela escorrega para o lado, não consigo o encarar. É a primeira vez que o vejo completamente nu, faz as minhas bochechas arderem e queimarem como se estivéssemos debaixo de um sol fervescente. Engulo em seco, deslizando a massa de concreto por entre a minha garganta. E, com muito esforço, ergo meu olhar até Devin, que parece concentrado ao pescar

algo em sua carteira.

Um preservativo.

Não demorou muito depois disso para que estivéssemos fundidos um no outro como um só. Não demorou muito para que eu tivesse a minha primeira vez assistida e testemunhada pelas brilhantes estrelas e pela lua vertiginosa acima de nós. Não demorou muito para que eu me entregasse finalmente para Devin Leblanc de corpo e alma.

Se a noite de hoje tinha sido péssima no começo, era porque algo muito maior me aguardava no final dela. E eu não me importava mais com Jasper, com seus pais e o que aconteceria comigo lá para frente com a sua presença.

A única coisa que eu conseguia pensar era como eu realmente tinha feito a coisa certa. No lugar certo. Com a pessoa certa.

Sun Valley testemunhara a minha dor. A minha mudança.

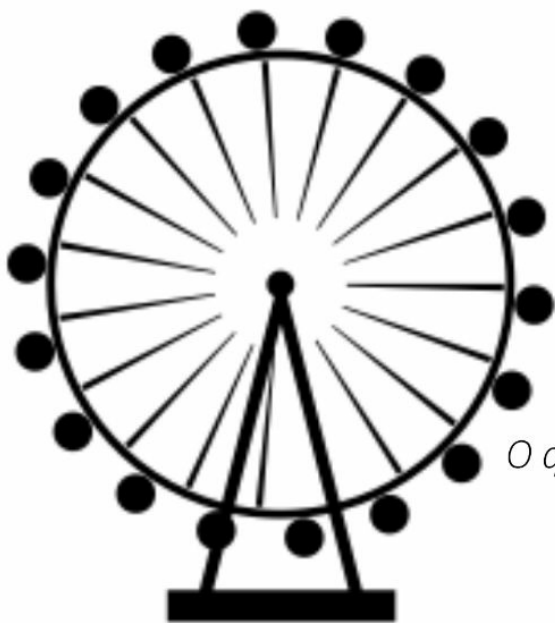
Sun Valley testemunhara o meu amor.

E aqui, em Sun Valley, coberta pelos braços de Devin ao redor de mim, olhando para o mar calmo, testemunhei que eu não sentia mais tanto medo do meu monstro do passado quanto cheguei a acreditar. Testemunhei que não tinha mais como o temer, pois eu não era mais aquela Barbie, eu não era mais frágil e quebradiça.

Eu era forte.

Apaixonada verdadeiramente por alguém.

E estava decidida de uma vez por todas a varrer aquele monstro para longe da minha vida.



26

*"Garotos maus, garotos maus
O que você vai fazer? O que você vai fazer?
Quando eles vierem atrás de você?"*

BAD BOYS | INNER CIRCLE.

Devin Leblanc

Eu e Barbie fomos embora de Sun Valley assim que os primeiros raios solares começaram a pintar o céu em tons claros. Não queríamos ter ido, se nós dois pudéssemos, permaneceríamos ali para sempre. Permaneceríamos agarrados um no outro como se as nossas vidas tivessem se tornado uma só a partir daquela noite. Como se nada fora da nossa pequena bolha fosse capaz de desatar o nó de uma enorme ligação que fora atada hoje em nosso relacionamento. Como se nada e nem ninguém pudesse interferir no pequeno conto de fadas que fora criado apenas para nós dois vivermos como dois jovens apaixonados.

A noite que tivemos hoje foi uma amostra disso. Seu corpo parecia ter sido feito para se encaixar perfeitamente sob o meu. Suas curvas sinuosas feitas na medida certa para que as minhas mãos percorressem por elas sem

nenhuma dificuldade, cada centímetro sendo explorado e alcançado com maestria. Durante os minutos que se seguiram, achei que o meu coração fosse sair pela minha garganta só pelo modo avassalador em que ele dançava contra as minhas costelas, me avisando o quão real aquilo tudo era. Me avisando o quão real meus sentimentos por aquela garota eram.

Eu nunca havia sentido a sensação antes. Nunca. Com ninguém. Apesar de ter dormido com inúmeras mulheres ao longo dos anos, em momento algum experimentei pelo menos um pouco do que a minha boneca me fez sentir hoje. Cacete, eu parecia a merda de um adolescente no auge da puberdade, com medo de fazer sexo com uma garota pela primeira vez. Tudo por causa do sorriso inocente pincelando seus lábios rosados e as mãos pequenas e ágeis descobrindo pela primeira vez a anatomia de um corpo masculino.

O efeito que Barbie St. Claire tem sobre mim e sobre meu corpo é enorme. Sou um brinquedinho em suas mãos, ela podendo fazer o que bem entender comigo e com o meu coração. Não tenho vergonha de admitir isso. Porra, sou apaixonado por ela. Sou mesmo apaixonado. Apaixonado por aqueles olhos azuis, que parecem abrigar a imensidão todinha do oceano dentro deles, por aquele cabelo dourado, que tem o poder de reluzir mais que o próprio sol, por todas as coisas doces e puras que abrigam o seu coração, e pelo modo como faz eu me sentir vivo e pronto para ser uma versão cada vez melhor de mim.

E quando nós dois estávamos juntos, aninhados no corpo um do outro ali mesmo, na areia, depois de fazermos amor pela primeira vez, eu realmente acreditei que nada pudesse nos abalar. Acreditei que a nossa bolha pudesse ser impenetrável. Que se fizéssemos muito esforço para mantê-la intacta, nada jamais poderia estourá-la como se fosse uma simples e frágil bolha de

chiclete cor de rosa.

Agora, no entanto, longe do efeito do seu toque, consigo retomar o meu lado racional e começo a temer que a nossa bolha seja como a porra de um chiclete e que o causador do seu estouro venha a ser Jasper Clement, trazendo de volta junto consigo todos os sentimentos que Barbie vinha lutando para superar.

Sua chegada em Hellaware pode afetá-la, se não é que isso já ocorreu. O fato de que não quis conversar comigo sobre o que aconteceu pode ser muito bem um indício de que não está preparada para afirmar em voz alta que o cara que desgraçara sua vida e a do seu pai voltara para atormentá-la mais uma vez. Só chegar nessa conclusão faz com que um embrulho percorra minhas entranhas, o medo de ter feito merda ao não conversar sobre o assunto me corroendo por dentro. Mas a verdade é que por mais que eu quisesse, não conseguia abordá-lo também, achei que tivesse que ser paciente acerca do assunto, esperando enquanto St. Claire levava seu tempo para processar toda informação. Por mais que tenha visto o medo se dissipar em todos os seus traços assim que chegamos na praia, além de ter visto a determinação se apossar em suas íris no segundo seguinte, ainda continuo com um pé atrás. Não consigo não ter, na verdade. Respeitarei seu tempo, mas enquanto não tiver a certeza de que está relativamente bem, não conseguirei ficar em paz. Só a simples imagem dela sucumbindo a dor faz com que eu me quebre por inteiro.

Se eu pudesse, pegaria todas as suas dores e seus medos e os transferiria para mim sem nem pensar duas vezes. Antes eu sofrendo do que ela.

Se não fosse arrumar problema para o meu lado, minha vontade era de pegar aquele riquinho de merda e enfiar um golpe certo em seu rosto,

desconfigurando aquele sorriso prepotente que grita "*eu sou o dono do mundo*". Sua chegada em Helloware é no mínimo suspeita. E eu não digo isso apenas pelo fato da ex-namorada viver aqui, e sim por toda a festa e por toda a intenção dele e de seus pais de ficarem conhecidos pela cidade por todos os moradores. Conhecendo o fato da família ser experientes em golpes, não me surpreenderia se tivessem encontrado mais uma de suas vítimas bem aqui, onde há várias pessoas influentes e que podem muito bem ser enganadas.

Seja lá o que quer que Jasper pretenda fazer aqui, eu vou o parar. Se o loiro pensa que a nossa conversa havia terminado na festa, estava muito enganado. Caso não tenha ficado muito claro que esse é o meu território e que a boneca é a minha namorada, farei questão de repetir mais uma vez bem na sua cara.

Em Helloware e em Barbie St. Claire ele não mexe.

Respiro fundo, estacionando o *Camaro* alugado nos arredores do rancho. Seguro o paletó do smoking sobre um dos ombros e saio do conversível, caminhando até começar a afundar os sapatos sociais na relva, o calor da manhã fazendo meu cabelo castanho se juntar à raiz, gotas de suor deslizando em minha testa.

Inferno de calor infernal.

Levo o dorso da mão até a área, retirando o acúmulo passeando por ali. Quando já estou suficientemente perto para observar toda a propriedade da minha casa, meus olhos alcançam as motos dos meus amigos já devidamente estacionadas, assim como um carro que Hunter alugara para levar Anastasia e o resto de seu grupo da cidade vizinha para trabalhar na festa. Não sei que horas eles chegaram, mas obviamente deve ter sido mais cedo que eu e agora desfrutam do seu décimo sono.

Meus pés criam raízes no chão quando observo John Scott sentado nas escadinhas do seu trailer, a fumaça cinzenta do cigarro entre seus dedos saindo lentamente pela sua boca. Não há nenhum vestígio do seu terno arrumado, pois se encontra apenas de calça preta social. O peitoral está completamente desnudo, as tatuagens brilhando tanto pela claridade dos raios solares quanto as pequenas argolas prateadas em suas orelhas. Seus olhos estão perdidos na fumaça, enquanto leva uma das mãos até o cabelo raspado, coçando a região de maneira desenfreada.

— Ei, garotão — anuncio minha presença, diminuindo nossa distância. Os glóbulos perdidos de John encontram os meus, e a única reação que esboça é um meio sorriso torto. — Qual o motivo de estar acordado uma hora dessas?

Ele balança a cabeça de um lado para o outro, um risinho baixo escapando de seus lábios.

— Você some da festa, não avisa nada a ninguém, chega a essa hora em casa e essa é a primeira coisa que decide falar? — Seu tom de voz não é bravo, mas mesmo assim, não consigo não achar estranho o modo que se dirige a mim. Cadê as piadinhas costumeiras? — Desculpa... — continua a falar, tragando mais uma quantidade razoável da nicotina — Não quis ser grosseiro, é só que aconteceu uma merda na festa e desde então estou assim, meio idiota.

Uno as sobrancelhas, confuso. Que mais merda poderia ter acontecido nessa festa?

— O que aconteceu, Scott?

— Não sei se devo te contar.

Arregalo os olhos, surpreso demais com seu comentário. Puxo os fios

do meu cabelo para trás, me sentando no espaço vago ao seu lado. Quando John vai colocar novamente o cigarro nos lábios, o puxo da sua mão, dando uma longa tragada enquanto o escuto xingar a minha atitude. Assim que solto a fumaça, o devolvo, falando:

— Por que você acha que não deve me contar? Achei que fosse seu melhor amigo.

— Você é o meu melhor amigo — rebate, rápido. — A questão de eu não querer te contar é por provavelmente ter medo de ser zoadado.

— John Scott está com medo de ser zoadado? — pergunto, e ele apenas assente em um manear lento de cabeça. — Meu Deus, então realmente deve ter acontecido algo de outro mundo mesmo.

— Sim, Devin, foi realmente algo de outro mundo.

— Então fala logo, porra.

— Você poderia ter um pouco de calma, caralho? — pede, os lábios vibrando para dar lugar a um sorriso. — Preciso contextualizar primeiro.

— Tá bem, tá bem. Contextualize então, estou ouvindo.

John respira profundamente, e eu aproveito da oportunidade para tomar seu cigarro novamente. Dessa vez, por algum milagre que desconheço, ele não reclama.

— Lembra que eu dancei com a diabo... Quer dizer, lembra que eu dancei com a Pasha antes do carinha aparecer? — Eu confirmo, prendendo o cigarro na minha boca para tentar conter um sorrisinho quando me dou conta onde essa história irá parar. John coça a cabeça novamente, balançando-a antes de finalmente dizer: — Então, acabou que durante a dança nós ficamos conversando, e aí, por total impulso da minha parte, logo após a terminação

da apresentação da família anfitriã da festa, a puxei para o jardim dos fundos da mansão na tentativa de terminar o que estávamos conversando...

Estiro a palma virada em sua mão, o interrompendo de continuar.

— Sobre o que vocês tanto estavam conversando?

— Sobre os motivos de nos odiarmos tanto. Sei lá, estávamos meio que tentando dar uma trégua... O problema é que lá no jardim não deu muito certo, acabamos brigando. Brigando muito feito...

— Minha nossa, por qual motivo dessa vez? — O interrompo novamente, fazendo-o me fulminar com o olhar. Sorrio, meio que pedindo desculpas pela minha falta de tato em saber lidar com essas situações. — Vá, continue.

— Enfim, o motivo da briga não importa. O que importa, na verdade, é que ela estava gritando demais, surtando demais. Eu não sabia o que fazer para ela parar, então eu a calei com um beijo. Devin, eu beijei a diabo do Alasca. E sabe o que é pior de tudo isso?

— O quê?

— O pior de tudo isso é que eu gostei. Eu gostei para um caralho. — Ele solta um suspiro exasperado, passando as mãos no rosto. — Ela também pareceu ter gostado, pois quando eu interrompi o beijo e a afastei, tentando assimilar o que merda tinha acontecido, fui surpreendido com suas mãos no colarinho da minha camisa social, trazendo-me de volta para sua boca.

Putá merda, por essa eu não estava esperando. Quer dizer, um beijo entre eles eu definitivamente estava esperando, mas não essa reação vinda de Pasha Stratford.

— É por isso que não consegue dormir? Está se martirizando por ter

gostado do beijo?

— Não, não por ter gostado do beijo — John diz, os olhos indo de encontro ao céu, completamente perdidos — Mas sim por estar querendo o beijo mais vezes.

Um sorrisinho se forma em meu rosto. Apesar dele não gostar da minha expressão, não consigo disfarçar, pois já tinha entendido tudo. John Scott não era um cara de ficar muitas vezes com a mesma pessoa, por isso sua lista sempre fora extensa. Até mesmo a ficada com Georgina havia sido uma, no máximo duas vezes. Se ele estava dizendo que queria o beijo da ruiva mais vezes, então.... Ah, meu Deus, ele estava ferrado.

— Meu caro amigo John Scott, sinto muito em te dizer isso, mas acho que a sua diabinha do Alasca acabou de colocar as garrinhas vermelhas em seu coração.



Depois de dizer o que achava que tinha acontecido com meu melhor amigo, o garoto acabou me xingando de diversas formas possíveis e se levantou, entrando em seu trailer e me mostrando o quão tinha desaprovado meu comentário com uma forte batida em sua porta. Apesar do que ele queria, aquela sua atitude só me fez ter a certeza do que tinha falado, indo embora para a minha casa de rodas com um sorriso vitorioso no rosto.

Agora, depois de ter tirado um pequeno cochilo, estou sentado na cama do meu quarto, esperando meu pai sair do banheiro. Não tem nem cinco minutos que ele me viu e disse que precisava conversar urgentemente comigo, mas como sou completamente ansioso, sinto que estou o esperando por uma eternidade.

Assim que suspiro de frustração com a espera, o vejo sair do quarto com uma toalha branca enrolada na cintura, os respingos de água dançando pelos cabelos escuros em seu peito, descendo pelas duas únicas tatuagens em sua barriga; meu nome completo em letras caprichadas e uma pequena raposa — que depois de ter ouvido chamar Amber pelo apelido de raposa no dia de Emmaline, imagino que a tatuagem seja em sua homenagem. Ele sorri para mim e coça a rala barba negra, as íris escuras injetadas de preocupação.

— Precisamos conversar sobre os donos daquela festa, filho.

Paraliso. Será que tinha alguma chance do meu pai saber sobre Jasper a podridão da sua família? Ou até mesmo o envolvimento dele com Barbie? Se sim, como isso seria possível?

— O que tem com eles? — Finjo-me de desentendido, cruzando os braços. Vejo-o se aproximar, sentando-se ao meu lado.

— Eles moravam em Gypsi Hill — conta, fazendo uma pausa apenas para passar as mãos por entre os fios pretos, puxando-o para trás. Uma mania nervosa que herdara dele. — São os maiores traficantes daquela cidade. Barra pesada mesmo. Me desculpe filho, mas acho que vieram para Helloware atrás de mim.

— Como assim atrás de você?

— Anastasia, Daisy, Blue, Ivy e Apollo são alguns filhos de usuários de drogas com uma enorme dívida para a família Clement. Para pagar a quantia, os Clements forçaram a essas pessoas a deixarem seus filhos em suas mãos por um período de tempo, tornando-os suas marionetes para executarem os trabalhos mais sujos no meio do crime.

Estou chocado demais para reproduzir um único som quando ele faz uma pausa. Por mais que sempre tivesse desconfiado que a vinda dos cinco

para a cidade tinha alguma coisa muito errada, nunca imaginei que fosse tanto, principalmente por acreditar em Hunter quando dizia que não havia nada demais e que eu era paranoico e estava vendo coisa onde não tinha.

— Os meninos não tinham como negar. A vida dos seus pais estavam em risco. Por mais que não quisessem trabalhar para eles, *precisavam* fazer isso. Caso não fizessem, os capangas dos Clements poderiam matá-los — meu pai continua, dessa vez me olhando com os olhos ainda mais preocupados. Se ele tinha rugas, parecia que elas haviam se tornado muito mais. — Cruzei com o caminho dos garotos naquela cidade e por mais que soubesse de todo o problema, não consegui não os ajudá-los. Você sabe como eu sou filho, não poderia deixar aqueles jovens sofrendo.

— Então você simplesmente fugiu com eles?

— Sim, eu fugi. E agora temo que a família Clement queira me ver morto por ter me envolvido em seus esquemas.



27

*"Durante toda a minha vida... eu soube
quem sou
Um homem encrencado, mas eu persisto."*

**A CERTAIN SOMEONE | RED HOT CHILI
PEPPERS.**

Devin Leblanc

Raiva.

Essa, sem dúvida, é a melhor palavra para definir o que estou sentindo nesse exato momento.

Minhas narinas estão dilatadas, as mãos estão cerradas ao lado do meu corpo e toda a área da minha cabeça parece abrigar soldadinhos de chumbo marchando todos de uma só vez, a dor aguda se intensificado cada vez mais à medida que ando em círculos pelo quarto. Meu pai, que ainda se encontra sentado só de toalha em minha cama, parece ficar tonto só de olhar atentamente todas as voltas que dou.

— Para com isso, Devin — Hunter me repreende, e eu paro no meio de uma volta só para lançá-lo um olhar ameaçador, as mãos agora espalmadas na cintura. — Você vai acabar abrindo um buraco no chão.

— Seria ótimo se isso acontecesse — ironizo, agora completando mais uma volta. Tenho a sensação de que se eu não andar de um lado para o outro vou acabar sendo levado pelos meus próprios pés para um lugar que não devo ir agora. — Assim eu poderia me enfiar dentro dele e simplesmente sumir da face da Terra.

Ao contrário do que eu imaginava que aconteceria, meu pai solta uma risada quando me escuta. Ele simplesmente ri da minha cara, como se eu fosse a merda de um palhaço.

— Você poderia me explicar como consegue rir e ficar relaxado na situação em que está? — pergunto, erguendo as sobrancelhas. — Você por acaso é o Clark Kent agora e eu não estou sabendo, *huh*? Tem poderes e vai combater os traficantes que querem sua morte vestindo uma cueca por cima do uniforme, certo? É isso mesmo?

— Está bem, chega de piadinhas. Eu limpei suas fraldas, sou um senhor agora e exijo respeito. — Ele levanta da cama em um rompante, marchando em minha direção. Seu dedo está erguido em riste, e mesmo que tenha tentado parecer sério, vejo um brilho de divertimento em suas íris, que agora passam a esquadrinhar meu rosto com atenção. Ele suspira frustrado, antes de dizer: — Eu não sei o que fazer, filho. De verdade. Por mais que eu deva ficar preocupado em não ir para debaixo da terra cedo demais, a única coisa que consigo pensar é nos meninos. Todos eles estão apavorados, pois não querem voltar para a antiga vida. E eles não podem, Devin, simplesmente não podem.

Puxo os fios do meu cabelo na mesma hora que meu pai também faz isso nos seus, o nervosismo claramente nos consumindo. Uma parte de mim quer ficar com raiva dele, pois se ele não tivesse bancado o super-herói, provavelmente não teria um alvo em suas costas e eu não teria que temer a

segurança da Barbie juntamente com a do meu pai. Mas a questão é que não posso culpá-lo, simplesmente não posso ir contra seu coração bondoso, um coração que sempre pensa nas pessoas em primeiro lugar. Foi isso que aconteceu comigo, já que Hunter Leblanc nem me conhecia e me tornou seu filho assim que pôs os olhos em mim. Se o seu coração gigantesco foi capaz de ajudar outras pessoas assim como eu tive o imenso prazer de ter sido, eu não o culparia. Mesmo com todo o problema trazido através de seu gesto, a única coisa que posso sentir é orgulho e gratidão.

Mesmo que isso signifique que podemos morrer a qualquer hora do dia.

Bufo, agora tomando a coragem de poder me sentar na cama. Meu pai, no entanto, aproveita a oportunidade para trocar de roupa. Quando veste uma bermuda e uma regata de cor branca, se senta ao meu lado.

— Se você fugiu com os garotos, o que aconteceu com os pais deles?
— questiono, querendo saber mais sobre o assunto. Talvez consiga pensar melhor obtendo mais informações. — Quer dizer, se a família Clement possuía a vida de todos em mãos e os ameaçavam caso os filhos não cumprissem o combinado, o que aconteceu com eles quando os meninos simplesmente fugiram?

— Não aconteceu nada com eles, felizmente. Enquanto estávamos planejando a fuga, decidimos que o melhor a se fazer era interná-los em uma clínica de reabilitação onde os Clements não teriam acesso, apenas a autorização de visitas e saídas com os seus respectivos filhos. Com a intenção de tornar os filhos livres, os pais aceitaram ser internados.

— Mas isso não é garantia de nada, já que como eles possuem poder na cidade, poderiam muito bem conseguir burlar as coisas da clínica e os

encontrá-los —menciono, o olhando com uma interrogação invisível pairando sobre a minha cabeça. Não fazia muito sentido para mim, os pais deles poderiam muito bem correr perigo mesmo internados.

— Sim, é verdade, mas a questão é que eles vão lucrar muito mais deixando-os lá, apenas ameaçando os filhos para fazerem seus serviços. Eles querem os garotos, pois com eles, o tráfico consegue andar mais rápido, consequentemente dinheiro entrando mais rápido também.

— Então eles vão fazer de tudo para levar os garotos de volta, certo?

— Isso, filho. E como sabem que não vou permitir, vão fazer de tudo para me tirar do caminho.

— Então você quer impedir que eles os levem? Mesmo que isso signifique sua vida em risco?

Ele abre e fecha a boca diversas vezes, provavelmente pensando acerca da minha pergunta. Quando parece finalmente saber a resposta, diz em um tom forte e decidido:

— Sim, vou ajudá-los mesmo que signifique minha vida em risco. Me perdoe, Devin, mas não sou e nunca serei egoísta ao ponto de ignorar cinco vidas. Se você não quiser se meter nisso, eu entendo e respeito totalmente, mas só peço que não faça algo para me impedir.

Balanço a cabeça negativamente, pegando em sua mão.

— Que frase de merda, Hunter Leblanc — é a minha vez de o repreender, o tom fingidamente bravo. — Mexeu com você, mexeu comigo.

E isso era a mais pura verdade.

Eu iria fazer de tudo para proteger todas as pessoas que amo das garras daquela família de merda.



Detesto ser impulsivo. Detesto fazer as coisas na emoção e não pensar, isso só pode significar que certamente me arrependerei mais tarde, já que nada de bom pode acontecer quando estou com as emoções à flor da pele — com exceção do beijo que tasquei na Barbie na roda-gigante, claro —. E agora, estacionando o Camaro em frente à imponente mansão da família Clement, no bairro de Allkedeem, e sentindo o sangue esquentar nas veias, tenho a certeza *mesmo* que nada de bom pode vir de mim nesse estado.

Bato a porta do carro quando eu saio, o estrondo sendo mais alto do que eu gostaria. Não ligo para isso, entretanto. A única coisa que meu cérebro consegue processar enquanto caminho até as escadas brancas é o meu punho acertando o rosto de Jasper Clement em um looping infinito e insanamente doloroso.

Antes mesmo de eu tocar a campainha, a porta é aberta no instante em que paro com a mão fechada no ar, revelando o francês sem camisa e vestido apenas em uma calça moletom cinza, a barra da cueca também da mesma cor sendo visível. Os cabelos loiros estão uma verdadeira bagunça e os olhos azuis parecem inchados, como se tivesse acabado de acordar. Ele me olha dos pés à cabeça, e quando parece terminar de processar minha figura em sua frente, cruza os braços ao redor do corpo e esboça um sorriso carregado de prepotência e malícia, os dentes perfeitos e brancos quase ofuscando minha visão.

Patético.

— A que devo a honra da visita, Devin Leblanc? — Meu nome desliza por entre seus lábios em uma ironia carregada, o sorriso se alargando ainda mais quando meu rosto se transforma em puro desgosto.

Que merda eu estava pensando quando resolvi dirigir até aqui?

— Como soube que eu estaria aqui? — pergunto, fincando o cotovelo no batente, consequentemente me aproximando mais de seu rosto. Nossa diferença é de poucos centímetros, mas consigo ser maior, o que faz inclinar a cabeça levemente para trás para fitar meus olhos. Parecendo perceber minha aproximação como uma afronta, solta uma risadinha de escárnio.

— Alguém tem que começar a baixar sua bola, cara. Nem tudo se trata sobre sua pessoa. Estava saindo para pegar um ar, porque acabei de acordar, e acabei me deparando com você parado em minha porta. Então agora é a hora que *você* responde a minha pergunta. Estou quase morrendo de curiosidade para descobrir o motivo do astro de Hellaware estar parado em minha frente.

Por garantia de que não iria socar sua cara, mesmo que eu estivesse com muita vontade de o fazer, resolvo guardar minhas mãos nos bolsos da jaqueta de couro. Ele, por outro lado, abre um pouco a porta para me dar uma ampla visão de sua casa, olha para trás e depois olha para mim, perguntando na maior cordialidade:

— Não deseja entrar? Posso pedir para a minha empregada nos preparar alguma coisa. Chá, biscoitos, o que você desejar.

Eu rio. Rio como se tivesse acabado de escutar uma super piada, a minha barriga doendo e as lágrimas cristalinas se acumulando nos cantos. Raspo o polegar nas laterais dos olhos, solto uma última risada e o encaro sério. Completamente sério.

— Ficou maluco, porra? Estou me segurando para não acabar com a sua raça e você me oferece chá e biscoitos? Por acaso eu tenho o nome otário escrito em minha testa?

— Não precisa ficar bravinho — Jasper diz, dando de ombros. — Só

estou tentando fazer uma amizade aqui, cara. Afinal, apesar de tudo, nós temos algumas coisas em comum.

— Nós não temos nada em comum e a única coisa que eu quero de você é distância — pontuo, as narinas começando a dilatar e as mãos coçando cada vez mais, se contraindo de desgosto sob o tecido da jaqueta, prontíssimas para o ataque. — Na verdade, agora, nesse exato momento, eu até quero algo. Eu quero saber o que você pretende fazer em Hellaware.

— Hm... — Jasper faz um bico de lado, batendo o indicador no queixo, como se estivesse pensando. Depois de cinco ou dez segundos fazendo isso, simplesmente para, jogando os braços ao lado do corpo. — Você sabe que eu não vou te dizer dos meus planos pessoais, não sabe?

Sorrio.

— É claro que sei — afirmo, agora dando mais um passo em sua direção. Nossos narizes quase se tocam e ele engole em seco, provavelmente mexido com a fúria que toma conta das minhas íris, queimando-o por completo. — É por isso que vim pessoalmente te dar um aviso.

— Puxa, um aviso? Que legal! Pode dizer, Devin, estou ouvindo. — Apesar de estarmos travando uma luta que certamente eu ganharia com facilidade, e não digo isso por estar me gabando, mas sim por imaginar que o rapaz em minha frente nunca entrou em um combate físico, já que caras ricos como ele não perdem seu tempo com isso, ainda consigo sentir a audácia de uma provocação em cada uma de suas palavras.

Inspiro profundamente, contando números mentalmente para não avançar em seu pescoço. A tática que uso para me acalmar não dá certo e só acaba me deixando mais ansioso, por isso balanço a cabeça de um lado para o outro, desistindo de contar quando já estou no número dez. Estalo a língua no

céu da boca, pronto para deixar que a minha raiva saia no que estou prestes a dizer.

— Eu sei de tudo sobre sua família. Sei sobre o tráfico, sobre vocês estarem querendo os garotos de volta e sei que estão com a mira certa em meu pai, Hunter. Então, caso vocês queiram mesmo guerra, é bom que comecem a avisar logo, pois nós também temos nosso método de defesa. Garanto que pode ser tão sujo quanto os seus.

Jasper Clement parece chocado ao me ouvir, vejo isso em seus olhos arregalados e na boca levemente aberta. Provavelmente não estava esperando nada do tipo. Posso apostar que ele e sua família estavam imaginando que meu pai se acuaria, ficaria morrendo de medo e entregaria Ivy, Apollo, Blue, Daisy e Anastasia de bandeja, sem nem ao menos lutar por eles.

Mas duvido que eles tenham levado em consideração o fato de sermos uma gangue de um MotoClub completamente famoso na cidade. E por mais que as nossas funções nunca fossem coisas erradas, e sim proteção como uma família, acabamos fazendo muita amizade pela estrada, enquanto pilotávamos nossa moto por todos os cantos da cidade. Nos deparamos e ajudamos todo tipo de cara na estrada. E, felizmente para nós, e infelizmente para eles, lembrávamos com exatidão de cada um deles.

E se vamos jogar sujo aqui, não vejo problema algum em pedir ajuda para o lado mais obscuro de Hellaware. Tenho certeza que eles irão adorar retribuir o favor.

Depois de um tempo se recuperando do choque repentino com o que eu acabara de dizer, ele sorri. Daquele jeito presunçoso e completamente nojento, me fazendo franzir o rosto em uma careta antes de decidir dar as costas, descendo o degrau das escadas. Quando estou para pisar em um dos

últimos, pronto para dar o fora daqui o mais rápido possível, o escuto gritar atrás de mim:

— É, Devin Leblanc, nós temos muita coisa mesmo em comum. Me enganei pelo fato de ter achado que era só por termos comido a mesma garota. Inclusive, devo lhe dar meus parabéns, achei que ela nunca mais fosse abrir aquelas lindas pernas para mais ninguém depois de mim.

Se eu estava segurando toda a minha raiva antes, completamente pronto para não deixá-la tomar conta de mim, agora parecia que o sentimento tumultuado tinha resolvido se instalar em mim com fervor, e dessa vez muito mais forte do que eu já tinha sentido na vida só pela forma nojenta que ele havia se referido à Barbie.

É óbvio que eu sei que tudo não passa de mentiras contadas para me afetar, mas não consigo simplesmente deixar barato. Simplesmente não consigo fingir. Não consigo continuar a andar e entrar em meu carro como se suas palavras não tivessem sido nada. Por isso que quando dou conta das minhas ações, já estou subindo todos os degraus novamente, marchando em sua direção com a fúria nevoando meus pensamentos.

Eu aguento tudo. Pode falar o que quiser de mim, eu realmente não ligo. Posso ficar com raiva, mas não a ponto de querer arrumar confusão. Agora, no entanto, se falar de Barbie St. Claire... Ah, aí já era.

Eu perco tudo.

Por isso não demora muito para que o meu punho acerte com toda precisão seu rosto, o fazendo cambalear para trás. Na mesma hora Jasper grunhe e leva a mão até o nariz, sangue jorrando por uma de suas narinas. Meu sorriso é automático na hora de analisar a cena, e só isso parece atizar a fúria dele, fazendo-o correr até mim com o intuito de socar o meu rosto. O

que não acontece, claro. Prendo seu pulso ao redor da minha mão, no ar. Ele me olha contrariado e eu rio, soprando em seu rosto:

— Eu disse que sei jogar sujo. Ainda quer pagar para ver?

Não o deixo responder, pois meu punho atinge seu outro olho e Jasper cai, as costas se chocando contra o piso bem polido. Me jogo em cima dele, minha perna em cada lado do seu corpo, os nós dos meus dedos rasgando em dor.

Apesar disso, não paro.

E é por isso que faço de tudo para não entrar em uma briga, pois quando entro, rezo para não sair.



28

*"Com suas mãos e de joelhos
Implorando por ar, implorando por mim
Querido, não pare de respirar
Eu segui em frente para a próxima."*

BANG BANG BANG | SELENA GOMEZ.

Barbie St. Claire

Eu estou devastada. Completamente devastada. Minhas pálpebras se encontram terrivelmente pesadas e imploram para serem fechadas logo, mas eu me contenho, lutando com todas as minhas forças para não ser levada pelo cansaço. Finco o cotovelo no balcão em formato de círculo e apoio meu queixo em uma das mãos, pendendo a cabeça para o lado só para olhar melhor o movimento na lanchonete.

Quase não há um pé de pessoa.

Pelo que parece, todo mundo em Helloware tinha ido para a festa catastrófica — na minha perspectiva — na noite passada e ainda se recuperavam da sua ressaca, sem tempo para dar uma passadinha no estabelecimento que fica dentro de um parque de diversões.

Se eu pudesse, também nem colocaria meus pés aqui, mas como Sr.

Wilson não concebeu dia de folga para nós, aqui estou eu olhando para o nada, as olheiras se evidenciando abaixo dos meus olhos azuis só por eu mal ter pregado o olho quando Devin me deixou em casa, lá pelas cinco ou seis horas da manhã.

Titia estava acordada quando adentrei a casa na ponta dos pés, os saltos grudados junto ao meu peito para evitar inutilmente que ele ecoasse por toda a pequena residência. Ela não disse nada a princípio, só ficou sorvendo o café fumegante, os olhos tão azuis quanto os meus me olhando daquele jeito intimidante sobre a borda da xícara. Não aguentei ficar a encarando por muito tempo, minha língua apressada saiu na frente e soltou todos os acontecimentos da noite de modo desenfreado em seu colo.

Amber escutou tudo atentamente, a boca em uma linha tênue se abrindo cada vez mais em um daqueles "O" perfeitos enquanto eu pulava de Jasper para a minha primeira vez na praia. Diferente do que eu imaginei que seria sua reação, a única coisa que ela conseguiu fazer foi me puxar pelo ombro e me embalar em seus braços, choramingando por sua menininha ter crescido. Depois do choqu ela me separou do seu corpo e, parecendo finalmente ter entendido da bomba, me perguntou que merda aquele homem estava fazendo aqui.

E essa era definitivamente uma resposta que eu gostaria de ter.

Em Sun Valley eu prometi a mim mesma que iria enfrentar os meus monstros e, sinceramente, acredito que seguirei firme com a minha própria promessa. O problema é que, mesmo não querendo admitir, tenho medo de me deixar ser manipulada novamente. Tenho medo de me tornar uma marionete em suas mãos, pronta para ele mandar e desmandar quando bem entender. Tenho medo também do que Clement pretende fazer aqui, ou até mesmo o que pretende fazer comigo.

Com certeza nossa conversa não havia terminado na festa. Nós tínhamos mesmo o que conversar. E se eu estava decidida a afastá-lo de uma vez por todas, precisava deixar tudo em pratos limpos.

Suspiro frustrada, aprumando minha postura quando Pasha se aproxima do outro lado do balcão, os olhos castanhos me olhando com certa apreensão. Seus fios longos e lisos estão semi-presos em scrunchies de cor bege, duas mechas alaranjadas emolduram seu rosto levemente arredondado e um tanto branco quanto a neve. O uniforme verde-água faz com que ela chame atenção, principalmente por ter alguns broches e desenhos personalizados por ela no tecido. Stratford leva sua atenção às unhas, conferindo a coloração nelas. Depois de alguns segundos, joga o braço de volta ao lado do corpo e continua sua atenção em mim, os lábios carnudos e pincelados por várias camadas de gloss brilhoso friccionados um no outro, numa tentativa que eu suponho ser para guardar as palavras que têm para mim dentro de sua garganta, acabando com qualquer escape destas.

— Tem alguma coisa para me dizer? — Sou direta, erguendo uma das minhas sobrancelhas em sua direção e lhe lançando um sorriso meio irônico. — Você sabe que não precisa ficar enrolando para falar comigo, não sabe?

Ela assente, meio relutante.

— Eu vou te contar, mas só por não ter ninguém para desabafar. Georgina está totalmente fora de questão, então só me resta você mesmo. Caso grite ou faça algum comentário engraçadinho, farei questão de derramar um milk-shake de morango bem nessa sua cabeça de vento — a ruiva ameaça, o dedo apontado em minha direção. Apesar de ter tentado ficar séria, vejo os cantos de seus lábios vibrarem para expor um sorriso. Gosto disso, no entanto. Gosto de ver como vem cada dia mais baixando a guarda, mesmo que seja do jeito Pasha Stratford de ser.

— Se me chamar de cabeça de vento de novo, vou gritar. — É a minha vez de lhe apontar o dedo em riste, o que só contribui para ela rolar os olhos, impaciente. — Já que você claramente entendeu, pode prosseguir.

Pasha fricciona os lábios novamente, se afastando do círculo só para poder dar a volta e parar em minha frente, nossa distância encurtadíssima agora. A voz sempre cheia de si sai em um sussurro quando ela finalmente cria coragem para dizer:

— Eu beijei John Scott ontem.

— Você o quê?

Recebo um olhar de repreensão na mesma hora, assim como um leve beliscão em meu braço por ter alterado um *pouquinho* o tom da minha voz.

— Ai! — Reclamo, passando a mão na região afetada. Apesar de não ter doído nada, não consigo não fazer alarme. — Qual o seu problema, diabo do Alasca?

Pela nítida provocação ao usar o apelido que fora dado a ela por John, recebo um outro olhar feroz e mortal, faz até a minha alma pegar fogo.

— Mais uma palavra e eu pego o milk-shake — Pasha me ameaça novamente, e dessa vez, com muito esforço e autocontrole da minha parte, decido ficar quieta e engolir minha risada. — Cabeça de vento.

Abro a boca para retrucar meu mais novo apelido, mas sou impedida por sua palma da mão erguida e seus olhos fuzilantes, me obrigando silenciosamente a ficar quieta.

Puxa vida, essa garota é mesmo boa nisso.

Tenho medo daquele que ousar desafiá-la.

— Como eu havia dito anteriormente, beijei o John e não estou nenhum pouco interessada em ouvir suas reclamações. Pode não parecer, mas eu sei perfeitamente na enrascada em que me enfiei. — Stratford dá de ombros, as íris grudadas nas minhas. Não vejo nenhum traço de arrependimento nelas ou em seu rosto, o que é totalmente estranho. Depois de pequenos segundos a analisando, vejo quando sorri minimamente de lado antes de dizer: — O problema é que eu amo me meter em certas enrascadas de vez em quando.

Fico chocada. Completamente petrificada no lugar. Eu tinha mesmo entendido o que eu tinha entendido ou era o sono provocando alucinações imensamente reais?

— Você está dizendo para mim que você, Pasha Stratford, amou se meter em enrascadas com ninguém mais e ninguém menos que John Scott?

— Sim, foi exatamente o que eu disse. Estou começando a achar que Barbie St. Claire é mesmo cabeça de vento.

Ignoro seu comentário, ainda chocada demais.

— E todo ódio que você sentia por ele?

— Acho que era tesão acumulado.

Me seguro na madeira para não tropeçar nos meus próprios pés, pega totalmente desprevenida pelas palavras que a alasquiana resolve usar. Tudo bem que eu e todo o mundo realmente acha que é tesão o motivo adequado para explicar toda a birra e raiva repentina entre os dois, mas definitivamente não esperava que ela confessasse assim, do nada.

Seu sorriso brincalhão se alarga em seu rosto com expressões marcantes à medida que toma consciência de que suas palavras haviam me

atingido em cheio. Retribuo seu sorriso ainda meio confusa, mas não sem antes piscar uma infinidade de vezes.

— Quem é você e o que fez com a Pasha que estou acostumada a conviver quase que todos os dias? — é o que questiono assim que me recupero por inteira do choque, recebendo uma risada e um sacudir de ombros da garota parada à minha frente.

— Ah, não sei dizer — Pasha responde logo após, cruzando os braços em frente ao peito. — Sonhei com Penelope, minha irmãzinha que falecera, e no sonho ela me pedia para eu voltar a ser eu mesma. Acho que preciso fazer isso por ela. Onde quer que ela esteja agora, provavelmente não deve estar feliz em ver a irmã mais velha se afundar em um personagem.

Assinto em um manear de cabeça, levemente afetada pela mudança súbita de assunto. Toda vez que tocamos nesse assunto delicado, fico extremamente mal. É um pouco difícil de compreender o fato de que uma pequena garotinha havia sofrido tanto na luta contra um câncer devastador. É difícil também saber o quão Pasha havia sofrido com isso também. Como a ruiva havia dito quando conversamos, ela havia mudado completamente o seu jeito, se transformando em uma pessoa que nem ela e nem os pais conseguiam mais lidar. Tudo isso por causa da dor. Tudo isso por simplesmente não conseguir viver com ela.

Eu a entendia mais do que ninguém.

— Nós brigamos na festa. Brigamos muito feio, porque ele estava tirando conclusões precipitadas sobre mim, dizendo que eu era fútil, patricinha e que a única coisa que eu conseguia me importar era comigo mesma. Eu não aguentei ouvir isso, Barbie. Eu realmente não aguentei — ela fala, sua lombar encostando na madeira. — Fiquei sensível por ter sonhado

com a minha irmã, por ter lembrado por tudo o que eu passei e não iria admitir que alguém como ele me acusasse de me importar apenas comigo. Não depois de tudo que fiz por Penelope.

Pasha para de falar e morde o interior da bochecha. Apesar de desviar seu olhar, percebo como seus olhos de repente se enchem de lágrimas os nevoando, mas logo ela passa o dorso da mão pela região, retirando qualquer resquício de água cristalina neles.

— Então eu surtei. Simplesmente surtei. Comecei a gritar feito louca. Depois disso, só lembro daquela mão tatuada puxando meu pescoço e a boca se chocando contra a minha... — continua a história, os olhos perdidos. Eu apostaria todo o meu salário que a mente voou para o tal beijo. — Acho que o choque do momento me fez acordar. A voz de Penelope soou na minha cabeça como um lembrete e quando John se afastou de mim, mesmo de eu não ter aprovado o beijo a princípio, ainda sim o puxei de volta. A Pasha personagem provavelmente continuaria o repreendendo, mas a de verdade, não. A de verdade queria aquele beijo desde o dia em que cantamos uma música juntos na festa do rancho.

Estou prestes a falar algo, mas sou impedida pela chegada estrondosa de Georgina do outro lado do balcão, suas mãos espalmadas na madeira fazendo um som oco na tentativa de atrair nossa atenção. Quando nos viramos para fitar seu rosto, ela levanta as sobrancelhas quase que no couro cabeludo, as linhas de expressão do seu rosto quase gritando em uma só pergunta: *"o que as donzelas pensam que estão fazendo sozinhas aí?"*. Decidida a responder sua pergunta antes que ela mesma faça, saio na frente ao dizer:

— Estamos falando sobre os babados da festa ontem.

— Eu ouvi babados? — Georgina arregala os olhos verdes-escuros, seu espírito de fofoqueira se agitando na mesma hora em que ela dá a volta no círculo, ficando no meio entre mim e Pasha. — Por que vocês não me chamaram? Meu Deus, que péssimas amigas vocês são.

— Não sou amiga de nenhuma de vocês — Pasha rebate rápido, apertando os lábios para não rir dos nossos olhares surpresos e fingidamente magoados. — Pelo menos não da Georgina. — Completa.

— Vou ignorar essa sua fala por bem da nossa convivência. — Georgina aponta para a ruiva, depois para si mesma. — Agora me contem o que as princesas estavam conversando.

— Nós estávamos conversando sobre eu ter ficado com John na festa — diz, olhando para a loira com os olhos injetados de receio. Acredito que está com medo da reação dela, já que não tem muito tempo que os dois tinham ficado e se tornado cada vez mais próximos. No entanto, a única reação que Sinclair esboça é um dar de ombros e um meio sorriso.

— Ah, então era isso? — Georgina faz pouco caso ao perguntar, as mãos erguidas na altura do ombro. — Eu estava esperando alguma coisa mais surpreendente. Beijo entre Pasha e John era uma coisa que o mundo inteiro sabia que eventualmente aconteceria.

— E como você se sente em relação a isso? Quer dizer, vocês não possuem nada um com o outro, certo? — a ruiva questiona, a tensão na sua voz se evidencia. Vejo pelos ombros encolhidos como, mesmo que não acreditando nisso, sente uma pontada de medo em ferir os sentimentos de Georgina.

Apesar de ficar com pena, me seguro para não rir. Levo minha atenção até uma das poucas mesas ocupadas hoje, observando a criança pescar uma

batata-frita do pai, admirando seus cachinhos loiros esbranquiçados prendidos por uma tiara cor de rosa brilhante para não estragar o momento das duas.

Não é óbvio que Georgina Sinclair não dá a mínima?

Tenho total certeza do meu pensamento quando ela responde, assim que solta uma risada:

— A única coisa que eu sinto em relação a isso é admiração por você. Sério, está mais do que certa em dar uns beijos nele. Quem resistiria por muito tempo? Eu mesma não consegui.

— É, tem razão. — Pasha assente, dando uma risadinha. — Quem resistiria aquelas tatuagens, aquele sorriso e aquela lábia certa?

Georgina solta um gritinho de entusiasmo quando escuta o comentário da alasquiana, claramente se surpreendendo com a sua confissão. Assim como eu, a loira provavelmente não conseguia acreditar que ela fosse ceder a pose de que o odiava tão fácil assim. Seus olhos piscam, os longos cílios se chocam e quando parece finalmente voltar a si, fala em um sussurro:

— Meu Deus, Pasha Stratford, você já está apaixonada por ele?

— Eca, Georgina! É claro que não! — é rápida em responder, franzindo o nariz em uma careta. Depois, seu rosto suaviza e um sorriso esbranquiçado pincela todo o seu rosto. — Eu só acabei de encontrar uma distração perfeita para mim nessa cidade.



Depois de muitos papos com Georgina e Pasha sobre a nossa vida amorosa e pouco serviço, o fim do meu turno finalmente havia chegado,

fazendo-me dar pulinhos de alegria no banheiro do *Fast Rocket* por pensar em minha cama prontinha para receber eu e o meu sono que, por incrível que pareça, não conseguiu ir embora do meu corpo nem mesmo após tanta ingestão de cafeína ao longo do serviço.

O espelho do banheiro reflete meu estado, as bolsas arroxeadas sob os olhos azuis sendo a primeira coisa em evidência quando me olho com atenção. Agora longe do uniforme, usando uma blusa branca por dentro de um vestido de alcinhas, que chega um pouco acima dos meus joelhos e tem uma estampa de quadradinhos rosa e bege, faz eu me sentir um pouco melhor em relação às olheiras. A meia arrastão branca que cobre minhas pernas esguias dá um bom destaque ao meu *All Star* rosa bebê, que eu uso quase sempre e até se encontra levemente desgastado por conta disso. O cabelo, agora partido ao meio e bem comprido com suas pontas naturalmente mais onduladas, tem duas presilhas também rosa segurando um dos lados.

A imagem projetada no espelho não é de todo ruim.

Me retiro do banheiro e caminho por entre o piso de quadradinhos, me direcionando até a saída. Não vejo Sr. Wilson e nem Rosalinda, por isso só me despeço de Georgina e Pasha, que também já estão se arrumando para irem embora. Quando estou prestes a empurrar a porta, ela é aberta. O vento do lado de fora do parque sopra meus cabelos, impedindo minha visão de reconhecer a figura alta parada em minha frente de imediato.

Não demora nem meio segundo para que os fios voltem para o seu lugar, meus glóbulos capturando com exatidão os olhos azuis Caribe, o cabelo loiro perfeitamente assentado em um topete e os cantos dos lábios dele repuxando-se em um sorriso à medida que me olha da cabeça aos pés, depois dos pés à cabeça.

Meu coração parece errar as batidas e depois dá um solavanco, o medo fazendo-o galopar dentro do meu peito. Meu estômago revira de desgosto e o gosto da bile me invade, me fazendo recuar um passo para trás, na tentativa de manter uma distância segura entre mim e Jasper Clement.

Eu sabia que isso aconteceria uma hora ou outra, mas ainda estava torcendo para que fosse muito e muito tempo depois do nosso encontro. Não num dia após a ele.

— Jasper — o cumprimento forçadamente, entredentes.

— Olá, Barbie — ele devolve, a voz calma e o sorriso sereno ainda em seu rosto. Agora o encarando com atenção, tomo um susto quando percebo que seus olhos estão roxos e inchados, como se tivesse entrado em uma briga feia. O nariz está coberto por uma atadura e há pequenos cortes abertos em seu supercílio e lábio inferior. — Podemos conversar?

Minhas pernas parecem ter criado raízes aqui mesmo, na lanchonete. Mordo o interior da bochecha e quero gritar para aliviar meu estresse. Caramba, eu mal havia dormido e mal havia digerido e processado toda informação do salto que minha vida dera em uma só noite e não estava nem um pouco preparada para lidar com essa questão em específico.

Estava muito mais disposta a lidar com a minha cama e com meus sonhos rodeando o acontecimento na praia.

Bufo, irritada.

— Nós não temos nada para conversar. Eu pensei que tinha sido clara quando falei na festa que queria distância de você.

— Você foi extremamente clara — Jasper garante, afundando as mãos dentro do bolso da jaqueta clara jeans que cobre o seu corpo, a blusa preta

com a bandeira dos Estados Unidos dentro da sua calça jeans —, mas só nós dois sabemos como temos coisas a esclarecer e, sinceramente, Barbie, nós precisamos disso. Precisamos conversar como dois adultos que somos agora, pois tenho certeza que nem eu e nem você somos mais aqueles adolescentes de Nova York.

Continuo mordendo o interior da bochecha, o gosto metálico do sangue pairando em minha língua. Precisamos mesmo conversar, e isso inteiramente por mim, pois preciso me livrar desse monstro. Preciso escutá-lo agora para nunca mais ouvi-lo falar novamente, me tornando mais que pronta para ter esse assunto como encerrado em minha vida, pronta para seguir em frente.

Mas quais são as chances dele me manipular para que eu acredite em seu ponto de vista?

Provavelmente muitas. E esse é definitivamente o meu maior medo.

Não que tenha qualquer possibilidade de eu ainda querer algo com ele, meu Deus, isso é impossível. Meu coração é todo de Devin Leblanc e, caramba, isso é óbvio, sou completamente apaixonada por aquele homem. A questão é que tenho medo de ser induzida a acreditar em qualquer coisa que ele fala, Jasper tem esse poder. Se eu acreditar nele e o perdoar, em quanto tempo terei meu coração quebrado e inundado por culpa novamente?

Prefiro continuar na linha segura em que o abomino. É muito mais fácil lidar com o que quer que ele tenha vindo fazer aqui quando já estou esperando que me decepcione mais uma vez.

Apesar disso, preciso dar um voto de confiança para mim mesma. Espero que meu cérebro e meu coração mandem um alerta para o meu corpo caso percebam qualquer atitude errada da parte dele para comigo. Inspiro profundamente, decidida a dizer:

— Se eu aceitar conversar, você me dá a sua palavra que essa será a última vez que nos encontraremos?

— Você tem a minha palavra, Barbie St. Claire.

Ele garante e eu assinto. Dou as costas, caminhando para uma mesa próxima. Jasper parece entender meu pedido implícito para que me acompanhe, pois consigo escutar seu tênis fazendo barulho contra o assoalho atrás de mim. Me sento no estofado verde-água, e ele se senta no outro, a mesa quadrada e prateada nos separando. Entrelaço as mãos em cima da mesa, falando:

— Pode começar. Estou te escutando.

Clement aquiesce, coçando a testa por uma fração de segundos. Seus olhos cravam nas caixinhas de guardanapo e eu fico me perguntando onde ele havia se metido para ter apanhado em tão pouco tempo nessa cidade. Apesar da curiosidade, não me importo e nem ousa perguntar.

— Acho que é importante começarmos essa conversa falando sobre o seu pai — começa e todo meu corpo se petrifica no lugar, o nervosismo começando a corroer minhas veias com mais intensidade. Sabia que seria difícil, mas não sabia o quanto. — Por tudo que é mais sagrado, Barbie, como eu havia dito na última vez que nos vimos, eu não sabia dos planos dos meus pais. Se eu soubesse, nunca permitiria que eles se aproximassem de você e dele. Como eu poderia permitir tamanho sofrimento com a garota que eu amava? — Suas sobrancelhas ficam erguidas quando ele faz uma pausa, como se estivesse querendo uma resposta, mesmo que a pergunta tivesse sido retórica. Me obrigo a permanecer calada e ele continua: — Como eu poderia permitir, Barbara? Eu amava você mais do que tudo. Ainda amo, na verdade.

— Por favor, me poupe de toda essa cena. Eu não dormi direito essa

noite e estou sem um pinga de paciência, então se você quer mesmo manter essa conversa, vá direto ao ponto — rosno, apertando as mãos uma na outra para conter a fúria. Antes que eu pudesse esquecer, menciono: — E não me chame de Barbara novamente.

— Tudo bem. — Jasper levanta as palmas das mãos em forma de rendição e encosta as costas no estofado. — O ponto é o seguinte: não tenho nada a ver *mesmo* com o que meus pais fizeram. Fui tão vítima nessa história quanto você, provavelmente fui colocado naquele colégio para realmente atrair uma presa em potencial para eles, pois estava óbvio pelos cálculos dos mesmos que eu iria gostar de alguma garota. E você sabe bem o motivo, já que sempre deixei claro que era um cara que se envolvia com várias garotas naquela época. — Ele tenta fazer graça com a situação, mas continuo sem me mover. Estou parada feito uma pedra. — Enfim, você pode não acreditar e eu super entendo, mas eles viram meu amor por você, além da sua fortuna, claro, como uma passagem só de ida para a vida de luxo que eles sempre almejaram. Depois que a casa caiu e eu perdi você, me obrigaram a me mudar junto com eles quando a casa caiu. Nós viemos parar aqui, na Carolina do Sul, em uma cidade vizinha chamada Gypsi Hill. Meus pais tinham uma casa no lago e nós moramos lá durante esses quatro anos. Agora, no entanto, eles decidiram se mudar para cá e eu não faço a mínima noção do motivo.

Apesar de estar feito uma múmia, consigo rir. Eu rio da sua cara de pau e de tudo o que ele acabara de falar.

Como seria possível? Gypsi Hill? Sério mesmo?!

— Então eu supostamente deveria acreditar que você mora com Christine e Justin e não sabe nada do que se passa na cabeça deles, *huh*? Que você é tipo o cachorrinho da família e só vai se mudando junto com eles sem falar um a sobre?

— Também não é assim. Eu não sei o que eles vieram fazer aqui, mas posso ter uma noção — sopra, curvando o corpo para que nossa distância fique encurtada. Jasper fita meus olhos durante certo tempo e de modo sorrateiro, pega na minha mão para dar um leve aperto nelas. Quero afastá-lo, mas não consigo me mover. Quase nem consigo respirar. — Não sou um monstro, Barbie. A questão é que não consigo me livrar dos meus pais. Não consigo me desfazer do controle que eles têm sobre mim.

— Então você está me dizendo que é tão vítima quanto eu? Que é tão afetado pelos seus pais quanto o meu pai e eu fomos?

Ele assente, apertando minhas mãos ainda mais nas suas. Não consigo acreditar, mas também não é algo impossível de se acontecer. Conheço vários casos de relacionamentos abusivos entre pais e filhos. E se isso realmente estivesse acontecendo com Jasper?

Poderia ele ser tão vítima nessa história quanto eu?

Quando estou prestes a falar algo e me distanciar de seu toque e sua aproximação incômoda, sou surpreendida pela presença de alguém, a garganta dessa pessoa sendo limpada para chamar nossa atenção. Jasper e eu viramos nossa cabeça na direção do som, meus olhos ficando arregalados à medida que reconhecem Devin, com as mãos espalmadas na cintura e as narinas dilatadas. Seus olhos verdes pulam para as minhas mãos presas na do francês idiota, e eu rapidamente consigo sair do transe que havia me enfiado e as solto, me levantando em um rompante.

O medo de ele entender tudo errado me assombra, mais ainda quando escuto sua voz raivosa ecoar por todo estabelecimento ao dizer:

— Que porra está acontecendo aqui?



29

*"Não fique aí encarando, querido
Tente mover seus pés
Se você acha que eles estão te olhando
Eles estão me olhando."*

LOOKING AT ME | SABRINA CARPENTER.

Barbie St. Claire

Quando eu e Jasper namorávamos, cerca de quatro anos atrás, eu vivia com medo de o decepcionar. Tudo o que eu fazia era milimetricamente calculado para não o aborrecer, e era por isso que não brigávamos com frequência. Eu sempre deixava os seus erros passar e os meus eu tentava desesperadamente não cometer.

Era como se eu vivesse uma farsa.

Uma farsa de namoro.

Uma farsa de mim mesma.

Agora, no entanto, não tenho mais pretensão de esconder o que sou: uma garota normal e que comete erros como qualquer outra. Uma garota que está tentando se conectar com sua personalidade e não quer mais de jeito nenhum ser dependente emocionalmente de alguém. Não estava fazendo nada demais com Jasper e apesar de ter ficado com medo de Devin ter entendido errado a princípio, não aprovo o modo como abordou a situação, por isso

continuo parada onde estou, de braços cruzados e as sobrancelhas erguidas para ele, que parece tentar processar toda cena que seus olhos capturaram minutos atrás.

— Eu perguntei que porra está acontecendo aqui — Leblanc rosna ao repetir aquilo, os olhos verdes fulminando Jasper, que se encontra completamente impassível no estofado da lanchonete.

Abro a boca para lhe responder, mas sou impedida pela sua palma erguida em minha direção. Seus olhos vão de encontro aos meus e neles eu consigo enxergar um misto de preocupação e raiva.

— Desculpa se pareceu que eu estava me referindo a você, boneca. Você sabe que eu jamais lhe trataria dessa forma, não sabe? — Ele se aproxima de mim, a boca carnuda se transformando em uma linha tênue. Afirmo com a cabeça, vendo o soltar um suspiro de alívio. — Ufa. Graças a Deus. Estava com medo de você começar a pensar que eu sou um babaca.

— Acho que pensar isso é impossível — digo, mordendo um sorriso.

Devin retribui meu sorriso, alargando-o em seu rosto. Depois, pega na minha mão somente para me puxar para o seu lado, agora passando o braço ao redor do meu pescoço. Quando nossos corpos estão quase se fundindo de tão próximos, ele vira para encarar o loiro sentado despretensiosamente, lhe lançando um sorrisinho carregado de ironia.

— Achei que tivesse sido bem claro quando falei para não se aproximar dela.

— Nós só estávamos conversando — Jasper garante, agora se levantando. Seus passos são certos e confiantes, parando só quando está suficientemente próximo de nós dois. Seus olhos me analisam por breves segundos, mas depois decidem focar no homem ao meu lado. — Não a

obriguei a conversar comigo, então pode ficar tranquilo. Eu jamais faria nada que ela não quisesse.

— Exatamente — confirmo, me aninhando ainda mais em Devin, como se estivesse tentando evitar que ele fizesse alguma besteira, já que percebo suas mãos cerradas ao lado do seu corpo. — Nós conversamos e é isso. Acho que não temos mais nada para pontuar. Sinto muito se o que você me contou é verdade, mas a questão é que não posso fazer nada sobre. Nossa história realmente acabou lá em Nova York.

Os olhos de Jasper parecem ficar mais escuros quando ele me escuta e eu não consigo decifrar o brilho que suas íris carregam, mas, mesmo assim, não desvio do seu olhar. Quero que ele perceba através dos meus o quão verdadeiro foi o que eu disse.

— O que eu falei foi verdade — frisa, tempos depois. — Mas tudo bem. Se é assim que deseja, é assim que será.

Eu anuo, agradecida por ele ter entendido meu lado. Clement esboça um sorriso sem mostrar os dentes para mim e antes de girar sob os calcanhares, dá leves tapinhas camaradas no peito de Devin. O bad boy, no entanto, quando vê o loiro se afastar, a primeira coisa que faz é gritar para lhe dizer:

— Belos olhos.

Jasper vira sobre os ombros assim que o escuta, balançando a cabeça de um lado para o outro, com um sorriso maldoso nos lábios. O francês não diz nada, entretanto. Seus tênis voltam a ecoar pelo *Fast Rocket* e ele sai tão rápido quanto chegou.

— Por que você falou dos olhos dele, Devin? — pergunto, me afastando minimamente dos seus braços para conseguir olhar seus olhos, que

parecem injetados de diversão ao me analisar. — Meu Deus, foi você. Você que bateu nele.

Ele pende a cabeça para trás, soltando uma gargalhada gostosa.

— Melhor não comentarmos sobre isso, boneca. Não quero que você descubra sobre meu lado obscuro.

Sei que Devin está sendo sarcástico, mas o vinco continua entre as minhas sobrancelhas. Não consigo imaginar em que momento isso pode ter acontecido, mas tenho quase certeza que aconteceu. Apesar de estar tentando fazer graça, vejo como seus ombros estão tensionados e sua mandíbula marcada, como se estivesse com medo da minha reação.

Eu, sinceramente, não sei se o que Jasper me contou tem algum fundamento ou alguma verdade, mas não posso tomar partido sem antes pesquisar a fundo sobre essa história. No momento, antes de descobrir algo ou não a respeito do seu envolvimento com os crimes da família, a única coisa que ele continua sendo é o monstro do meu passado. E se o meu namorado tinha acertado seu rosto com seus punhos, algum motivo tinha. E eu também não precisava perguntar o porquê para imaginar que Devin estava certo.

— Se você bateu nele, deve ter merecido. — Dou de ombros, tentando esconder um sorriso. — Você não costuma perder a cabeça com algo que não merece.

— Tem total razão, boneca. Mas eu prometo que nós dois depois conversamos sobre isso. Agora eu quero te levar para conhecer um lugar. — Devin nem espera eu responder, já vai caminhando junto comigo ao seu encalço, nos levando para fora da lanchonete. — Vou precisar resolver uns problemas e quero você junto comigo.

— E para onde seria?

— Para um lugar diferente de tudo que você já vivenciou em Hellaware.



Meus braços estão entrelaçados na cintura de Devin e o lado da minha bochecha está encostado em suas costas, sentindo o gélido tecido grosso da sua jaqueta de couro fazer cócegas em minha pele pálida à medida que acelera com a sua Ducati Monster pela estrada solitária do final da cidade. O vento bate com força em meus cabelos dourados, fazendo-o dançar em perfeitas ondas atrás dos meus ombros.

Não sei para onde estamos indo, mas o caminho até o lugar é tranquilo, vez ou outra faz com que minhas pálpebras fiquem pesadas e queiram se entregar ao cansaço. Porém, para que isso não aconteça de fato, fico cantando mentalmente algumas músicas de New Kids on The Block, minha banda favorita, para me manter acordada, enquanto tamborilo os dedos nas minhas coxas conforme o ritmo vai se fixando em minha cabeça.

O refrão da música chega cerca de um minuto depois e é exatamente nesse momento que a moto é estacionada em frente a um pub de beira de estrada, várias outras motos serpenteando o estabelecimento com uma pegada rústica e de formato triangular. O nome *Anchor Of Death* está pendurado em uma placa de madeira no topo da porta de cor marrom, um desenho de uma âncora aninhada à uma espada de bronze se evidenciando à medida que a luz vertiginosa da lua se concentra nela.

Eu realmente nunca tinha visto nada parecido por aqui.

Desço da moto logo depois de Leblanc, lhe entregando o capacete. Ele

guarda juntamente com o seu, me analisando dos pés à cabeça depois. O sorriso que pincela seu rosto é carregado de malícia agora.

— O que foi? Por que está me olhando desse jeito? — questiono, espalmando as mãos na cintura para lhe devolver um olhar que tento ser ameaçador.

— Nada. — Ergue as mãos na frente do rosto, o sorriso torto me fazendo revirar os olhos. — Só tive tempo de analisar suas roupas agora. Devo dizer que gostei da escolha da meia arrastão, faz suas pernas ficarem ainda mais atrativas para mim.

Olho para as minhas pernas cobertas pela meia arrastão branca, mas não vejo nada demais nelas. Volto o olhar para o seu rosto, que continua com o mesmo sorriso. Nós ficamos nos encarando por alguns segundos, mas ele logo desvia sua atenção para o estabelecimento, balançando a cabeça ao finalmente dizer:

— Acho que devemos entrar logo. Caso eu fique mais um pouco encarando você, vou querer arrancar a meia calça e todo o resto da sua roupa com as minhas próprias mãos. E não me importo em fazer isso bem aqui.

Abro a boca em choque, o arrepio devido a sua certa provocação passeando com força pela minha espinha. Pisco algumas vezes, tentando me recompor. Devin não fala mais nada, suas botas ecoam pela estrada e ele começa a seguir um caminho certo até a porta do pub, me deixando petrificada no lugar por conta de sua fala.

Obrigo meus pés a cooperarem comigo, seguindo os mesmos passos que Devin, que alcança a porta e a empurra, me dando passagem para entrar primeiro. Assim que adentro o local, o cheiro de tabaco mesclado com uísque atinge em cheio minhas narinas, fazendo-me franzir o cenho com o odor nada

agradável para mim.

O *Anchor Of Death*, apesar de ser pequeno e ter um cheiro irritante, consegue ter uma decoração bonita e reconfortante. O balcão é formado por madeiras que se assemelham a trilhos de trem cobertos por um tampo de cobre, além de várias banquetas altas de madeira e com encosto o adornando. As paredes de tijolinhos de um laranja desbotado estão à amostra, assim como o assoalho desgastado. Algumas âncoras e espadas estão espalhadas pelo local como uma espécie de decoração, fazendo jus ao nome e o desenho da placa lá na frente. Lustres com lâmpadas amareladas e canos de cobre estão pendurados sobre nossas cabeças e complementam toda decoração.

A música retumbando das caixas de som é alguma de Country, mas que não reconheço agora. Os clientes parecem a adorar, pois correm em direção à pista de dança improvisada com suas botas e seus chapéus de cowboy, fazendo uma coreografia que parece ter sido ensaiada para nos entreter. Com muito esforço, retiro meus olhos das pessoas dançando e viro para olhar para Devin ao meu lado, que bate os pés no ritmo da música e possui uma caneca de Chopp agarrado as mãos — que eu não faço a mínima ideia como arrumou —.

— Qual era o problema que você tinha que resolver aqui? — grito por cima da música, atraindo sua atenção. Ele abre a boca em surpresa, virando sobre os ombros para fitar algo ou alguém parado atrás de si.

— Bem lembrado. Tinha esquecido completamente do que vim fazer aqui — Devin também grita logo após dar uma golada em sua cerveja, a espuma fazendo um bigode fofo sobre seus lábios. Eu rio com a cena, ele retira o bigode com o dorso da mão. — Por favor, me espera sentada nas cadeiras do balcão. Preciso conversar com umas pessoas, mas é bem rápido. Não vai nem dar tempo de você sentir saudade de mim.

Assinto com um sorriso, o observando me dar as costas para ir até uma mesa dos fundos, onde homens mais velhos repletos de barbas e tatuagens se encontram sentados, as jaquetas de couro rasgadas e desgastadas abraçando seus músculos definidos. Eles cumprimentam Devin com a maior felicidade, e suas vozes reverberam quando a música termina. Não termino de assistir a cena que se desenrola entre eles, pois acabo indo sentar nas cadeiras, minhas mãos espalmadas no balcão.

Fico mordendo o interior da bochecha, tentando não criar mil teorias sobre o que diabos estamos fazendo nesse fim de mundo. Devin não me contou absolutamente nada e nem eu ousarei perguntar alguma coisa. Embora a curiosidade tenha me pegado por completo, não gosto de ser o tipo de pessoa que precisa perguntar para as pessoas falarem. Gosto que elas mesmas confiem em mim para se abrirem totalmente sobre o que quer que seja o assunto.

Sei que ele confia em mim, por isso esperarei pacientemente até o momento que decida falar o que está acontecendo.

Por outro lado, agora, decido focar minha atenção na bartender do outro lado do balcão, que tem uma flanela sobre os ombros ossudos e as mãos ágeis preparando algum drinque que desconheço. Seus cabelos crespos estão presos em um coque abacaxi, duas grandes argolas prateadas enfeitam suas orelhas. Ela tem uma tatuagem de uma cobra tomando boa parte da extensão do seu pescoço e um piercing de pedrinha no seu nariz pontudo. As roupas que usa é um cropped faixa preta, que deixa sua barriga bem definida e o piercing reluzente no umbigo à amostra, assim como uma saia justa e de couro também da mesma cor. Os olhos, que parecem ser de um tom de violeta, saem do drinque em sua mão e deslizam até mim, a boca carnuda pincelada por grossas camadas de batom vinho se repuxando em um sorriso

acolhedor.

— É sua primeira vez aqui, certo? — Ela não me olha, pois está concentrada em arrumar o guarda-chuva no drinque que prepara, mas sei que está falando comigo, já que todas as outras pessoas ao meu lado estão ocupadas demais falando entre si.

— Como descobriu? — Me aproximo mais, fincando o cotovelo no tampo de cobre. Seus olhos agora voltam a encarar os meus, uma risadinha saindo de seus lábios. — Está tão nítido assim?

— Mais ou menos — a bartender diz, entregando o drinque para uma mulher ruiva sentada ao meu lado. Depois, se agacha para pegar alguma coisa, subindo tempos depois com uma garrafa de vodca. Suas mãos começam a preparar um outro drinque, e ela termina de falar: — É que você parece um pouco deslocada. Mas só perguntei por nunca ter te visto aqui antes. A propósito, sou a Hollie.

Ela estende a mão para mim e eu a aperto, sorrindo.

— Sou a Barbie.

Hollie devolve o sorriso quando me apresento, voltando sua atenção novamente para a bebida. Não demora muito para que ela a termine, arrastando o copo de vidro com o líquido meio alaranjado em minha direção, uma rodela de laranja pairando sobre a borda. Fico olhando para o álcool por algum tempo, até que finalmente decido pegá-lo em minhas mãos.

— É *Sex On The Beach* — conta, se debruçando sobre o balcão, a voz aumentada para que se faça mais audível que a música estrondosa. — A preferida das garotas que frequentam o Anchor Of Death.

Abro a boca para lhe responder, mas sou impedida de completar a ação

por perceber uma movimentação na cadeira ao meu lado, a ruiva saindo para dar lugar a outra pessoa. Pelo perfume amadeirado que invade o nosso pequeno lugar, tenho certeza de quem se trata, principalmente quando sua voz soa rouca e alta ao falar:

— Tentando xavecar a minha garota, Hollie?

Devin entrelaça as mãos e as coloca sob o queixo, olhando para a bartender com um sorriso divertido. Ela gargalha, assim que revira os orbes.

— Merda. Você chegou primeiro mais uma vez. Devo começar a me preocupar? Sei lá, nossos gostos são sempre muito iguais — Hollie brinca, e eu permaneço olhando para os dois com uma interrogação pairando sobre minha cabeça. A garota parece entender, pois logo faz questão de explicar: — Nós dois somos velhos conhecidos, Barbie. Costumávamos ter o mesmo círculo de amizade no colegial.

— Legal — é o que eu respondo, pegando o canudinho para finalmente experimentar da minha bebida.

Sinto os braços de Devin se enroscar novamente no meu pescoço, seu hálito perigosamente próximo da região. Engulo o líquido como se fosse uma bola de concreto e ele se aproxima ainda mais, colocando uma grossa mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, o dedo escorregando por ali até alcançar meu pescoço, mudando a rota somente para roçá-lo na alcinha do meu vestido, fingindo uma brincadeira inocente no local.

— Não precisa ficar com ciúmes, boneca — ele sopra, a voz sedutoramente sexy provocando mil e uma sensações no meu corpo. — Hollie joga no mesmo time que eu. E, mesmo que não jogasse, todo mundo sabe que o meu time só tem você na seleção.

Hollie parece escutar o que Devin diz, pois começa a rir. Eu fico tão

vermelha quanto um tomate e decido desviar meu olhar, virando sobre os ombros para observar a pista. Termino minha bebida em um só gole, o corpo gritando em animação quando minha audição capta a música *Chattahoochee* de Alan Jackson tomando conta de todo o ambiente, assim como de todas as pessoas ao nosso redor.

Os clientes voltam para a pista com a letra na ponta da língua, os corpos se agitando no ritmo da música. Olho para Leblanc e ele parece entender meu olhar suplicante, pois se despede da garota de cabelos encaracolados e levanta-se em um rompante, pegando na minha mão para me levar até a pista de dança. Enquanto nos ajeitamos no meio da multidão, sentimentos chapéus sendo repousados em nossas cabeças por alguém. Apesar de tentarmos achar o responsável por isso, não conseguimos. A pessoa tinha sido mais rápida, fugindo ou disfarçando para bem longe de nós. Dou uma gargalhada e o ajeito sobre minha cabeça.

— Um cowboy bad boy, essa eu definitivamente nunca tinha visto — menciono quando já estamos envolvidos pela canção, sentindo sua mão se repousar em minha cintura ao me puxar para si, meu peito se chocando contra o seu. — Até que eu achei bem sexy.

Não escuto sua resposta, pois logo cravo as minhas mãos em seu peito e o empurro, me afastando minimamente para seguir os passos de dança que o pessoal faz em nossa volta. Nunca dancei isso em toda minha vida, mas sou boa em observar, e é por isso que observo e imito cada passo. Primeiro, meus pés batem no chão duas vezes, como se fosse com as pontas dos dedos e depois com o calcanhar. Logo após disso, dou um pequeno giro e deslizo para o lado, a voz de Alan Jackson deixando tudo mais divertido. Sinto que Devin está tentando entrar na vibe, e por mais que pareça fazer muito esforço, a única coisa que consegue fazer com excelência são os giros e o retirar e o

botar do chapéu diversas vezes na cabeça, uma parte engraçada da coreografia.

Quando a música chega ao fim, aplausos e assovios são o que se fazem presentes na nossa rodinha. Os fios do meu cabelo estão grudados na raiz devido ao calor excessivo e as minhas bochechas parecem abrigar fogo de tão quentes. Sorrio quando Devin se põe novamente em minha frente, os braços bem definidos me prendendo contra seu corpo alto e forte.

— E se eu te disser que a vontade de arrancar sua roupa aqui mesmo ainda não passou? — Sua boca se aproxima demais do meu pescoço, e ele aproveita a situação para depositar alguns beijos por ali. Ele sabe que é o meu ponto fraco e aproveita da situação para me desarmar completamente.

— Então eu acho que você não deve passar vontade — respondo, cravando o dente no lábio inferior para não soltar um grunhido quando sinto uma leve mordiscada na minha pele sensível. Ele logo muda sua atenção do meu pescoço para o meu rosto, os olhos brilhando de incredulidade. — É para isso que servem esses banheiros. Para que ninguém passe vontade, certo?

— Barbie St. Claire, você está pedindo que eu te dê uns pegadas na merda do banheiro de um pub?

— É exatamente isso que estou te pedindo, Leblanc.

— É para já — rebate, rápido. Suas mãos voam para as minhas, e em uma atitude rápida, começa a caminhar comigo em direção ao banheiro, que fica ao fundo da pista improvisada.

Nossos passos são rápidos e possuem pressa. Apesar ter morrido de curiosidade assim que chegamos sobre o que viemos fazer aqui, a única curiosidade que percorre meu corpo nesse exato momento é se o banheiro

será tão confortável para mim e Devin como a praia fora ontem.



30

*"Você disse que nunca mentiria, então por
que está mentindo para mim?
Eu te dei minha confiança, meu coração e
tudo dentro de mim
Me diga como você retribuiu?"*

LIE TO ME | TATE MCRAE FT. ALI GATIE.

Barbie St. Claire

O banheiro do *Anchor Of Death* realmente não é nada confortável. Seu cheiro muito menos. Apesar disso, nenhum de nós reclama. Eu permaneço imprensada contra a porta da cabine de cor branca e levemente desgastada, com inúmeras frases não motivacionais e desenhos totalmente obscenos a enfeitando, pertos demais do meu rosto para que eu simplesmente consiga desviar de cada um deles. Além desses fatores, a iluminação do ambiente também parece determinada a não colaborar conosco. A lâmpada está extremamente fraca e pisca tantas vezes querendo parar de uma vez por todas que faz os meus olhos doerem e implorarem para que se for para ela quebrar, que quebre de uma vez agora mesmo.

Mas minha atenção fica totalmente voltada a Devin quando ele para de sussurrar em meu ouvido alguma coisa que não consigo entender e decide deslizar os lábios macios e molhados por toda extensão do meu pescoço, a mão grande e calejada passeando por toda a área do meu quadril até chegar na barra do vestido que uso, onde ele decide parar por ali, brincando de puxar a meia arrastão com as pontas dos dedos.

— Não faz isso — protesto, a voz saindo esganiçada. — Vai rasgá-la.

— Eu realmente não me importo com isso, amor — Devin volta a sussurrar em meu ouvido, aproveitando da oportunidade para cravar levemente os dentes no lóbulo da minha orelha. Só essa provocação faz meu corpo incendiar, implorando por mais. Muito mais. — Eu quero você sem nada.

Aperto os lábios um no outro para conter um gemido. Suas mãos continuam paradas, mas só a sua voz rouca e insanamente tentadora é suficiente para mexer com os meus sentidos mais primitivos, impulsionando-me um desejo quase incontrolável de querer gritar a plenos pulmões. Ele parece perceber todo o esforço que faço para me controlar, além da minha tentativa de busca por um autocontrole, pois solta uma risada baixa e abafada contra as minhas costas. Reviro os olhos por conta disso e decido me virar, agora colando as costas na madeira para ter total controle da situação e do seu corpo.

Sorrio ladina ao observar suas pupilas completamente dilatadas, as íris injetadas de luxúria. Minhas mãos se direcionam para cada lado do seu rosto, os dedos contornando cada traço e cada sinal absurdamente bem desenhado sem nenhum tipo de pressa, como se eu pudesse gravar cada centímetro da sua pele em meu tato e até mesmo em minha alma. Desço-os lentamente até o contorno bem feito de seus lábios em um lindo formato de coração, roubando-lhe um beijo desavisado.

A princípio nossas bocas se tocam de forma suave, os lábios pressionados com maestria um no outro à medida que continuo o puxando para mim, tentando inutilmente fazer com que nossos corpos se tornem um só. Pelo menos por agora. Ele envolve sua mão na minha nuca. Os dedos longínquos se enroscam nos meus fios e o beijo é aprofundado, o seu gosto

de cerveja se derramando em minha língua quando ambas entram em uma dança ritmada e bem coreografada.

Mais uma música de country permeia pelo pequeno cubículo — muito menos estrondosa que antes — e envolve nosso momento, abafando os sons guturais que escapam da nossa garganta. Devin se separa de mim para buscar o ar tempos depois e meu Deus... Eu quase perco todo o *meu* ar ao fitar seus lábios bem vermelhos e inchados, um fruto certo da nossa paixão. Ele umedece a região lentamente com a ponta da língua, e os olhos verdes, que parecem carregar infinitas estrelinhas amarelas dentro deles, não desviam do meu nem por um segundo enquanto finaliza o processo, que eu suponho e tenho total certeza de ter sido executado com um único propósito: me provocar.

Eu, por outro lado, para não perder nessa arte da provocação, decido me afastar pelo menos um pouco, lhe lançando um olhar carregado de malícia ao o olhar dos pés à cabeça. Meus lábios se repuxam em um sorriso zombeteiro, e com muita coragem, deixando um pouco da minha timidez de lado, avanço com as mãos trêmulas em direção ao cinto de couro da sua calça, tentando desafivelá-lo com certa urgência.

— O que está tentando fazer, boneca? — Devin pergunta, e suas mãos envolvem meu pulso quando já estou perto demais de arrancar a peça tão incômoda agora. O olho de forma repreensiva, sendo o bastante para que ele me solte, uma lufada densa de ar saindo por entre seus lábios assim que jogo o cinto no chão. — Não sabia que você tinha se tornado tão apressada.

Rio, dando de ombros.

— Não me tornei apressada. Você que se tornou terrivelmente lento.

Estou prestes a desabotoar sua calça jeans quando ele entrelaça seus

dedos em meu pulso novamente, impedindo-me de prosseguir. Ao contrário do que eu estava esperando, Leblanc aproveita da sua mão segurando meu braço para me girar, imprensando meu corpo novamente contra a porta da cabine do banheiro. Seu corpo fica perigosamente próximo do meu e ele coloca meu cabelo todo para um lado só, inspirando para si todo o perfume salpicado entre o meu pescoço e o meu ombro. Quando parece satisfeito com o aroma característico da minha pele, leva os lábios até minha orelha, soprando:

— Se eu sou lento, então me explique como eu faço isso aqui.

Em um puxão, sinto meu vestido ser levantado todo para cima, revelando a calcinha clara e a meia arrastão branca que estou usando por baixo do vestido. No segundo seguinte, os dedos exploratórios do bad boy já estão se escorregando na barra da meia, puxando-a para baixo juntamente com a calcinha com toda força e determinação existente em seu ser. Não quero e nem penso em reclamar, entretanto. Gosto de como meu corpo reage ao seu toque e como o meu coração parece querer sair para fora do meu peito só em pensar o quão perigoso o que estamos fazendo é.

Quer dizer, a qualquer momento alguém pode empurrar a porta, já que não tem tranca e nos flagrar aqui, assim como também podem nos escutar facilmente, pois o silêncio e a descrição definitivamente não são nossa prioridade. Estamos falando, gemendo e sendo terrivelmente não cautelosos.

Apesar de saber de cada uma das enrascadas em que podemos nos meter, não quero parar. Principalmente quando ainda tenho o corpo alto e forte de Devin prensado contra o meu, forçando minha coluna para frente só para que eu possa empinar o bumbum. O seu corpo se molda a minha nova posição e os lábios voltam ao meu ponto fraco, que é o meu pescoço, e os dedos deslizam de forma rápida e precisa até a minha intimidade pulsante,

fazendo-me morder o lábio inferior com uma força extracorpórea.

— Não precisa ficar guardando os gritos para si, amor. — Sua voz está entrecortada e ele permanece me provocando; ora entrando com só um dedo, ora entrando com dois. Não consigo reclamar. Nem ao menos implorar por mais. A verdade é que sou incapaz de fazer qualquer coisa agora. Minha mente se transformou em um borrão camuflado pela volúpia. — Pode gritar para que todos saibam o que estamos fazendo aqui, Barbara. Eu realmente não me importo.

Seu dedão encontra meu clitóris agora, ele estimulando-o de forma lenta e quase dolorosa. Posso sentir em todas as suas ações e em todos os seus movimentos como quer que eu solte tudo o que estou guardando para mim. Como quer que eu grite seu nome para todo mundo nesse pub ouvir. Tento realmente lutar contra, mas tudo parece disposto a me impedir, principalmente quando sua outra mão livre se direciona até os meus seios, que se encontram livres do sutiã, e os apertam, o dedão pressionando o bico do meu mamilo já intumescido. É o pontapé que meus gemidos precisavam para que fossem libertados, todos de uma só vez.

Devin solta mais uma de suas risadinhas, agora retirando os dois dedos por completo de dentro de mim. Meu corpo parece protestar, de repente vazio demais. De repente querendo mais. De repente precisando de mais. De mais dele. De mais do meu namorado.

Abro a boca para pedir que não pare, mas volto a fechá-la quando escuto o zíper da sua calça sendo aberto. É nesse momento que decido espiar sobre os ombros, capturando o exato momento em que os jeans vão parar em seus joelhos, assim como a cueca boxer preta. Meus olhos se fecham instintivamente quando o vejo proteger seu membro com o preservativo — guardado em algum canto do seu bolso — e eu volto a encarar os desenhos na

porta, mordendo o interior da bochecha em ansiedade. A primeira vez tinha sido incrível, mesmo que tivesse doído como um inferno, e eu tinha certeza que a segunda seria ainda melhor.

Eu mal podia conter a minha animação.

Devin volta a colar seu corpo no meu e, mesmo que ele não fale nada, fico na posição anterior, a bunda completamente empinada para que ele tenha total acesso do que pretende fazer comigo esta noite.

— Boa garota — fala, a mão amparada em minha lombar. Mesmo que não esteja vendo, sinto que está me olhando por inteira, a queimação na minha espinha é claramente um indício disso. — Lembra quando eu disse no feriado de Emmaline que você parecia um anjo, mas se assemelhava ao próprio diabo quando queria?

Assinto em um manear lento de cabeça, tentando decifrar onde aquela conversa levaria.

— Eu tenho total certeza disso agora. Principalmente com você nessa maldita posição. — Ele passeia a mão pelos meus braços, que se encontram espalmadas na madeira branca, e todos os pelos se eriçam. Depois, simplesmente para, um silêncio pairando sobre nós antes dele limpar a garganta, continuando: — Queime junto a mim agora, diabinha.

Todo o ar parece esvair dos meus pulmões quando seu membro se encaixa na minha entrada, a glândula brincando de vai e vem naquela região, sem introduzi-lo de fato. Bufo e o xingo baixinho, sem aguentar mais nenhum tipo de provocação, e Devin parece entender isso quando murmuro uma última vez, me pegando de surpresa ao me virar de volta para si, tirando-me um pouco do chão para conseguir penetrar-me por completo. Os movimentos dentro de mim são propositalmente lentos e constantes.

Meus gemidos e minhas arfadas certamente estão deixando Devin maluco, pois ele pragueja, xinga e diz meu nome incontáveis vezes, bem no pé do meu ouvido.

— Você é perfeita. Puta merda, você é muito perfeita — murmura, seu tom extremamente baixo. — Eu já disse o quão perfeita você é, Barbie St. Claire?

Se eu não estivesse entorpecida demais, fraca demais, eu provavelmente sorriria e retrucaria com um comentário engraçado. Porém, agora, sentindo sua respiração quente ondular no lado esquerdo do meu rosto e sentindo as estocadas passarem do modo lento para o modo avançado, a única reação que meu corpo conseguiu refletir foram os gemidos transformando-se em gritos, os arquejos muito mais ofegantes. Meus braços encontraram seu pescoço, as mãos puxando os fios perto de sua nuca, que se encontram encharcados de suor. Devin tomba a cabeça para trás, os glóbulos se revirando de prazer.

Não consigo não o acompanhar nessa. Tudo em mim grita o quão afundada me encontro nesse mar tortuoso e selvagem que é o corpo de Devin. Meu cérebro e todos os outros órgãos do meu corpo foram afetados por ele como se eu estivesse realmente me afogando de verdade; o prazer inundando lentamente meus pulmões como água do mar, impossibilitando a entrada de oxigênio e a saída de gás carbônico. A minha incontável busca por ar agora quase me faz acreditar que estou submergindo, e não imergindo em sensações e sentimentos tão fortes e ferozes quanto uma correnteza.

Provavelmente ele sabe que meu clímax está perigosamente próximo, pois começa a se mexer muito mais rápido. Eu conseguia escutar o barulho dos seus dentes se chocando um no outro, tentando manter o controle da situação enquanto eu chegava cada vez mais perto do orgasmo.

Seu nome por entre meus lábios deslizou em um grito sôfrego, os nós dos meus dedos doendo de tanta força que eu estava impondo ao me segurar com mais força em seus ombros, em uma tentativa de não acabar colidindo contra o assoalho do banheiro por causa das minhas pernas trêmulas, que estão a um passo de se desprenderem das dele. Apesar de todo o esforço para me equilibrar, consegui erguer ainda mais os quadris, em uma força na qual eu nem podia acreditar.

— Ah, Devin — gemo, os dentes fincando com certa força em meu lábio inferior. — É impressionante como você faz eu me sentir sempre no topo. E-eu... consigo me sentir no topo agora mesmo.

Enxergo o erguer dos seus lábios em um sorriso sob a luz fraca assim que me escuta, parecendo iluminar todo o ambiente. Ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e, com muito esforço, pressiona seus lábios contra o meu em um selinho demorado.

Finalmente, depois de sentir nossa paixão arder em cada molécula do meu corpo, solto um gritinho e meu corpo fica rígido embaixo do dele, tremores percorrendo meus ossos. Sinto mais um impulso do corpo de Devin sob o meu, muito mais fundo e intenso do que todos os outros.

Então, dando-me um último beijo ardente, sai de dentro de mim, deixando-me ainda mais fraca e ainda mais viciada ao doce calor de seu corpo.

Os seus olhos se fixam nos meus e ele raspa o polegar na maçã da minha bochecha, o meu coração trovejando fortemente dentro do meu peito em resposta ao seu carinho. Prescrutar seu rosto agora, mesmo com gotas gordas de suor escorregando pelos seus traços firmes, faz parecer que estou diante de uma linda pintura. Uma linda pintura feita sob medida para mim,

sua única admiradora.

É quase automático como o sorriso decide tomar conta do meu rosto, isso só por lembrar de uma das nossas conversas em seu trailer, quando conversávamos sobre como as pequenas coisas mais singelas eram feito arte: únicas e singulares. Eu acreditava nessa teoria, mas agora, olhando com cuidado e atenção todas as pequenas coisas que compõem o meu amor, tenho mais certeza disso.

Devin Leblanc é arte.

E ele é tão único e singular quanto ela.

É também nesse exato momento que um outro pensamento me invade:

Eu o amo.

Com todo meu coração.



O rancho dos membros do MotoClub da cidade se encontra estranhamente silencioso agora. Embora Devin e eu tenhamos concordado em passar o resto da noite aqui, após nossa aventura rebelde no banheiro do pub, estou sozinha em seu trailer, gangorreando os pés de um lado para o outro enquanto meus orbes passeiam pelas decorações espalhadas sobre alguns pontos estratégicos do cômodo, esperando-o voltar de uma conversa com o seu pai.

Uma conversa que demora muito, a propósito. Fito as prateleiras desgastadas durante vinte longos e incansáveis minutos, a impaciência corroendo minhas veias. Por causa disso, bufo e arrasto meus passos até a porta, decidida a esperá-lo do lado de fora. O rangido da madeira enferrujada

reverbera pelo verde do rancho, atraindo os olhares dos cinco garotos da cidade vizinha espalhados pela relva quando já estou descendo as pequenas escadas.

Eu definitivamente não sabia que eles estavam por aqui.

Direciono meus passos até eles. Sorrio sem mostrar os dentes quando me aproximo, recebendo olhares não tão receptivos de uns e sorrisos amarelos de outros.

— Oi, Barbie — Daisy, a garota de cabelos vermelhos com pontas alaranjadas, que é sempre a mais alegre de todos eles, me cumprimenta. — Está procurando o Devin, certo? Ele está conversando com o Hunter no trailer do John, junto com todos os outros.

Assinto e agradeço, mesmo que já soubesse da informação.

— Pode se sentar aqui com a gente — é Ivy Prince quem fala, os olhos castanhos escuros passeando por cada parte do meu corpo de modo descarado, subindo das minhas pernas até fixá-los tempos depois em meu rosto, os contos dos lábios vibrando-se para dar lugar a um sorriso torto. — Tem um lugar vago bem aqui.

Ele aponta com a cabeça para o espaço vago ao seu lado, o sorrisinho não saindo do seu rosto nem por um segundo. Sua mão voa para o seu cabelo loiro escuro, que está caindo sobre seus olhos, e os ajeita para trás, agora me olhando com as sobrancelhas grossas erguidas. Não posso deixar de notar a regata cavada com desenho de caveira que cai super bem em seu corpo forte, deixando seus braços musculosos e esculpido totalmente em evidência. A calça jeans desgastada é rasgada nos joelhos e o coturno que usa tem os cadarços desamarrados. "*Garoto Problema*" está quase escrito em sua testa com letras garrafais.

Como resposta do seu convite nada inocente, dou as costas e fito a roda por alguns segundos, decidindo me sentar ao lado da Blue, que se espreme mais um pouco contra Anastasia só para que eu possa me encaixar por ali. Quando cruzo as pernas na posição de índio, sinto o olhar de Ivy queimar em mim, e assim que tomo coragem para olhá-lo, vejo que está com a mão espalmada no peito e a boca entreaberta, as expressões fechadas em um sinal claro de mágoa fingida por eu não ter me sentado ao seu lado. Retribuo com um dar de ombros e uma risada sarcástica.

Não tinha muito contato com nenhum deles, mas sabia que eram pessoas legais. Até mesmo Ivy Prince. Eu sabia que seus flertes descarados eram só uma forma de se aparecer, já que fazia isso com todas as garotas que cruzavam seu caminho. Eu tinha aprendido que não significava que ele as queria, significava que ele estava animado e disposto em inflar cada vez mais o seu ego ao deixá-las apaixonadas por seu sorriso torto e as suas investidas baratas.

Óbvio que aquilo não funcionava comigo. Eu já havia sido capturada pelas garras de um outro garoto problema.

— Vocês sabem sobre o que eles tanto conversam? — decido perguntar assim que meus pensamentos se dissipam, apontando com o polegar e o indicador para os trailers atrás de mim. Todos se entreolham assim que me escutam. Percebo que mesmo silenciosamente, conversam entre si através dos olhos, como se estivessem entrando em um consenso sobre contar o que sabem sobre o assunto para mim ou não.

Fico tensa. Meu corpo em completa alerta. Olho para todos os lados e uma sensação de que algo terrivelmente estranho está acontecendo me invade, arrepiando-me por inteira.

Primeiro a ida ao *Anchor Of Death* e a conversa com o pessoal estranho. Depois a conversa particular e extensa com seu pai e os seus outros amigos. Algo muito estranho definitivamente está acontecendo. Sinto isso pelos olhares apreensivos que recebo de todos eles.

O que diabos Devin está tentando esconder de mim?

— Você não sabe o que está acontecendo? — Anastasia, a coreana que é sempre fechada, surpreende a todos quando olha para mim e solta as palavras de modo baixo e levemente esquisito. Engulo em seco, com medo, e balanço a cabeça de um lado para o outro, negando. — Não sabe nada sobre a família que resolveu dar aquela festa em Allkedeem?

Se eu já estava estática e nervosa para um cacete, agora eu com certeza fico dez vezes mais. É claro que eu sabia muita coisa sobre a família da festa, mas como *eles* poderiam saber algo sobre? Como a família de Jasper teria a ver com o que está acontecendo aqui? Teria Devin contado essa parte da minha vida para todos?

Mesmo tendo total conhecimento sobre quem era a família da festa, decido negar uma outra vez na tentativa de descobrir em que caminho essa conversa vai dar. Anastasia assente, continuando:

— Eles são barra pesada. Tanto nós quanto Hunter estamos completamente ferrados em suas mãos. Temos quase certeza que eles vieram aqui para tentar algo contra ele e nos levarmos embora.

Pisco. Pisco uma, duas, três vezes. Abro e fecho a boca, incapaz de contar quantas vezes segui nesse processo. Sei que escutei o que escutei, mas meu cérebro, sem estar preparado para tal informação, faz questão de aparentar que não escutei e não entendi absolutamente nada.

Como aquilo seria possível? Como eles e Hunter teriam ligação com

Justin, Christine e Jasper?

Parecendo perceber a confusão tomar conta das minhas expressões, Blue Sanders decide segurar minha mão em um gesto tranquilizador, sua voz saindo entrecortada ao dizer:

— Nós morávamos na mesma cidade antes de virmos para cá. Aconteceu uma coisa terrível em nossas vidas e tivemos que trabalhar forçadamente para a família Clement. Éramos obrigados a vender drogas, cometer pequenos furtos e coisa e tal. Tudo para eles. Se não fizéssemos, nossa vida e das pessoas que amamos estariam em risco. — Consigo enxergar, mesmo sob a luz do luar, a água cristalina tomando conta dos belos olhos azuis de Blue. Ela parece perceber, pois logo funga e passa o dorso da mão sobre eles. — Não saímos contando isso para todo mundo, pois temos vergonha do nosso passado. Mas como sabemos que você é confiável e namorada do filho de Hunter, não vemos problema em contar. Principalmente agora que toda ajuda é bem-vinda.

Sinto mãos invisíveis apertando minha garganta, as lágrimas prontas para deslizarem pela minha bochecha. Mesmo pronta para quebrar a qualquer momento, arrumo forças para perguntar:

— O Devin descobriu isso hoje?

Os cinco se olham novamente. Depois de dois ou três segundos nessa, voltam o olhar para mim.

— Sim, acho que Hunter contou assim que Devin chegou de manhã. Ele até saiu para encontrar uns amigos na intenção de conseguir aliados contra a família, caso tentem nos atacar. — Ivy responde minha pergunta, dando de ombros.

Agradeço por eles terem me contado algo tão sério, prometendo ajudá-

los no que tiver ao meu alcance. Assim que eles sibilam um "obrigado" em uníssono, me levanto em um rompante e marcho de volta para o trailer de Devin. Já dentro da moradia em rodas, me sento na cama e observo minhas mãos trêmulas, o suor concentrando-se nas palmas. As passo na barra do meu vestido e respiro fundo, tentando assimilar a bomba que fora jogada em meu colo minutos atrás.

Mesmo já esperando o pior de Jasper, não consigo ignorar a pontada de dor presente em meu coração. Não consigo ignorar o desgosto se contraindo em meu âmago. Saber que chamei uma pessoa horrível como ele de melhor amigo e namorado um dia faz com que eu queira bater minha cabeça na parede, principalmente por ter sido tão estúpida ao deixá-lo se explicar hoje mais cedo. Principalmente por ter sido tão estúpida ao ter uma parte de mim considerando sua conversa fiada.

Agora, longe de sua arte de manipular, conseguia ver o quão impossível era viver com uma pessoa e não saber nada dos seus planos diabólicos. Se ele ainda estava junto aos pais, com certeza era tão ruim quanto eles. Se realmente não aprovasse nenhuma das atitudes criminosas de Justin e Christine, era só pegar o infinito dinheiro acumulado em sua conta bancária, que eu sabia bem que ele tinha, e se mandar para qualquer outro lugar. No entanto, preferiu ser conivente. Ele é tão sujo e imundo quanto seus pais.

Apesar disso, as lágrimas que agora deslizam pelo meu rosto não são mais sobre ele ou sobre o fato de ter sido estúpida todo esse tempo. As lágrimas deslizam de modo desavisado por puro medo. Medo de Devin não confiar em mim para me contar o que está acontecendo, já que omitiu todos os fatos e até o motivo da nossa ida ao pub. Medo dele pensar que sou fraca demais para encarar a verdade. Medo de me sentir novamente em um

relacionamento que não vai dar certo. Medo de ser feita novamente de palhaça.

Escuto a porta ser aberta e enxugo as minhas lágrimas de modo rápido, forçando-me a pôr um sorriso em meu rosto. Só tem um jeito de descobrir se ele realmente pretende me contar ou não.

E eu iria usá-lo agora mesmo.

Parado em minha frente, Devin sorri como forma de cumprimento e começa a retirar sua jaqueta de couro. Depois, retira as botas com os calcanhares e se joga na cama, as mãos atrás de sua cabeça. Seu rosto parece relaxado, como se nada estivesse acontecendo.

Limpo a garganta, agora me levantando da cama. Espalmo as mãos na cintura e me viro, falando de uma vez:

— Tem alguma coisa acontecendo? Você sabe que pode confiar em mim pra tudo, não sabe?

Um vinco se forma entre suas sobrancelhas, os olhos semicerrados quando responde:

— O quê? Do que você está falando, boneca? Eu sei que posso confiar em você pra tudo. Relaxa, não há nada acontecendo. Eu e o pessoal só estávamos resolvendo coisas do rancho. Nada demais.

— Ok. Então não estava acontecendo nada demais. — Me forço a concordar, mesmo sabendo que sim, estava acontecendo algo. — E a ida ao Anchor Of Death? Foi só para curtimos?

Devin parece não perceber a ironia em cada traço da minha fala, pois concorda.

— Sim. Para curtimos e para eu falar com velhos amigos. Como eu

disse antes, nada demais.

Meu mundo parece parar ao ouvir tanta mentira, e mesmo que eu tente muito segurar, o choro irrompe em minha garganta. Ele logo se levanta e se posta ao meu lado, o semblante de preocupação assumindo suas feições. Suas mãos voam para os meus ombros e eu desvio a tempo, me encolhendo ao ficar colada na parede. Enxugo as lágrimas e suspiro, fitando o teto para tentar acalmar meus pensamentos e o meu coração agitado.

— Achei que o nosso relacionamento fosse se basear em verdades. Mas pelo que parece, Devin Leblanc, acabamos de começar com uma bela mentira.

Não tenho tempo de ver sua reação quando termino de falar, pois afundo meu rosto entre as mãos, sufocando um soluço.

Isso poderia ter acontecido qualquer outro dia. Mas tinha que ser justo no dia que descubro que o amo?



31

*"Posso te recompensar?
Eu prometo que farei qualquer coisa por nós,
pois, meu bem, eu a amo, meu bem, estou
falando sério
Eu preciso de você Vamos voltar a amar de
novo."*

**CAN WE GO BACK TO LOVE
AGAIN | BACKSTREET BOYS.**

Devin Leblanc

Não gosto de mentiras. Eu posso contar nos dedos de uma mão quantas vezes precisei fazer isso em toda minha vida. Para mim, a pior mentira que eu já havia contado até então fora para John Scott, há três anos atrás. Meu melhor amigo era super fã do Buffalo Bills, e em uma das partidas super marcantes do Super Bowl, não conseguiu assistir ao jogo de futebol americano, pois sua moto deu problema bem na hora que estava voltando para o rancho. Quando ele chegou, cerca de duas horas depois, após passar a maior parte do tempo no conserto junto de sua moto, fui obrigado a lhe contar que seu time do coração havia ganhado a tão final contra os NY Giants.

É claro que era mentira. Surpreendendo a tudo e a todos, os Giants acabaram ganhando a final do Super Bowl. Quando ele descobriu da minha mentira, ficou arrasado. Ele não gosta de admitir, mas eu tenho certeza que ouvi fungadas e leves soluços vindos do seu trailer.

A verdade é que eu não iria conseguir lhe contar sobre a derrota do seu time de futebol americano favorito. Se fosse em outra situação, é claro que eu contaria. Mas John chegou todo murcho em casa, após gastar todas suas economias trabalhando como atendente do cinema de rua de Hellaware em sua moto enferrujada, e eu não queria deixá-lo ainda mais triste. Foi totalmente errado da minha parte, eu realmente não tinha esse direito, e era óbvio que uma hora ele iria descobrir. Eu só consegui pensar que no momento meu amigo merecia uma coisa que o fizesse feliz e que abafasse a dor da perda de todo seu dinheiro.

É claro que minha estratégia era uma merda. John ficou triplamente arrasado; por ter gastado seu dinheiro, por seu time perder uma partida super importante e por seu melhor amigo ter mentido sobre isso. Para que o garoto me perdoasse, tive que comprar uma camisa e um boné oficial do time para ele. Gastei todas as minhas economias, mas o seu perdão e o seu sorriso de orelha a orelha quando se deparou com o presente acabou valendo a pena todo o esforço.

Agora, olhando para a Barbie, que se encontra colada na parede e com as íris azuis transbordando água cristalina, logo depois de ter me contado como descobriu de tudo, tenho certeza que a mentira contada a Scott não chega nem perto da que decidi lhe contar minutos atrás. Me xingo mentalmente e cerro os punhos ao lado do corpo, odiando cada parte do meu ser por de alguma forma, mesmo que involuntariamente, ter a ferido.

Não foi na maldade que omiti os fatos que descobri sobre Jasper, meu pai e os cinco garotos da cidade vizinha. Eu juro por tudo que não foi. Eu só consegui pensar nela e em como não queria que ela tivesse mais uma decepção sobrecarregando suas costas e o seu coração. Pelo menos não agora que estava lutando tanto para sempre se sentir no topo. Se eu contasse que

seu ex-namorado era ainda pior do que ela imaginava, tenho certeza que de alguma forma arrumaria motivos para se culpar e se sentir novamente lá embaixo. Mesmo odiando o francês e toda sua família criminosa, resolvi deixar esse único fato longe dos olhos e dos ouvidos de Barbie. Ela não merecia mais uma culpa que não era dela para carregar.

Se St. Claire já se culpava pela morte da mãe, que ela não tinha absolutamente nada a ver com isso, já que havia sido coisa do destino ou sei lá, como eu poderia não achar que ela não se sentiria culpada por Daisy, Blue, Anastasia, Ivy e Apollo terem caído nas garras dos Clement novamente?

Eu definitivamente não poderia me dar ao luxo de vê-la ruir em sua bolha profunda de culpa. Eu definitivamente não poderia. E muito menos conseguiria. Posso estar completamente errado, sim, é claro que posso. Mas só fiz isso para que o amor da minha vida não perdesse o sorriso sincero que tanto luta para deixá-lo em seu rosto de forma permanente.

Quando digo isso para ela, expondo tudo de forma clara e sincera, sou surpreendido por sua palma da mão estendida em minha direção assim que termino, pedindo silenciosamente que eu me calasse caso ainda tivesse algo para acrescentar.

— Entendo todo o seu ponto. Eu realmente entendo, Devin. Mas isso não justifica o fato de você ter mentido para mim. — Barbie descola as costas da parede, dando alguns passos em minha direção. As mãos limpam alguns resquícios de lágrimas nas bochechas agora rosadas e as devolvem rapidamente ao lado do corpo, uma lufada saindo pela fresta de seus lábios. — Não justifica o fato de você ter me feito de idiota. Não justifica o fato de você ter me julgado tão frágil. Como você tanto fala, estou mesmo lutando para ficar sempre no topo e eu esperava um mínimo de fé da sua parte. Um

mínimo de fé da sua parte ao acreditar que eu conseguiria enfrentar mais esse assunto, mesmo que me doesse muito.

Abro a boca para lhe responder, mas logo a fecho. Se eu estava me sentindo um estúpido, ao ouvir as palavras de Barbie, consigo me sentir cem vezes mais. Levo minha mão até meus fios castanhos e os puxo para trás, o nervosismo me pegando em cheio novamente.

— Não tinha a pretensão de soar assim, boneca. Me perdoe — me obrigo a falar, mesmo que a minha garganta pareça estar abrigando uma massa de concreto agora. — Nunca passou pela minha cabeça que você não é forte. Porra, você é a pessoa mais forte que eu conheço e te admiro muito por isso. Eu só não queria que você se sentisse culpada, triste, ou qualquer outra coisa que pudesse te fazer mal. Mesmo não gostando de Jasper, preferi manter a imagem dele intacta se isso significasse te ver bem. Se isso significasse ver a minha boneca longe daquele mar de culpa que ela tanto gostava de se enfiar de vez em quando.

A garota de cabelos dourados solta uma risadinha baixa. Diferente de muitas vezes, essa decide vir sem humor algum.

— É aí que eu quero que você entenda, Devin. — Mais um passo e a nossa distância está bem mais encurtada, seus orbes completamente concentrados nos meus. — Estou tentando não ser mais essa garota. Devo até dizer que estou indo muito bem nisso. Quando descobri sobre tudo, fiquei com aquela pontada no peito e aquele gosto ruim na boca só por ter tido uma pessoa tão nojenta como ele próxima em minha vida. Só por ter dado uma chance a ele de se explicar mesmo depois de tudo. Mas, para ser sincera, nada do que eu descobri sobre Jasper doeu tanto quanto o que eu descobri sobre você. Sobre suas mentiras. Pensei que isso nunca fosse acontecer entre a gente, pois antes de sermos namorados, somos melhores amigos e, se eu me

lembro bem, prometemos nunca escondermos nada um do outro.

Nesse exato momento, meu maxilar já está travado e as lágrimas acumuladas em meus olhos já começam a deixar minha visão enturvecida. Detesto magoar as pessoas. Detesto mais ainda que ela tenha sido o alvo dessa vez, mesmo que nunca tivesse sido minha intenção. Preferia mil vezes ser eu a sentir o que ela está sentindo. Vou entender super se ela não quiser mais olhar na minha cara depois disso, pois consegui estragar tudo. Coloquei meu medo de não querer machucá-la em cima do que ela decide o que vai machucá-la ou não. Coloquei meus sentimentos em cima dos seus e acabei não percebendo como Barbie St. Claire não precisa ser protegida.

Ela é como um pássaro com asas machucadas; primeiro, amedrontada e com medo de retomar o voo. Depois, assim que ganha impulso e coragem, está mais do que pronta para desbravar o céu e sentir a liberdade que é característico dela. E eu, com toda certeza, não posso fazer o papel de uma gaiola em sua vida. Não posso deixá-la presa com medo que se machuque novamente. O único papel que posso desempenhar em sua vida é daquele garotinho que encontra o passarinho machucado em seu jardim e, desde o começo, a incentiva para bater as asas e voar, pois sabe e confia que esse sempre foi o seu destino, mesmo que isso signifique nunca mais vê-la novamente.

O medo de nossa relação nunca mais ser a mesma me apavora e engulo em seco, piscando os cílios em uma tentativa de minha visão voltar ao normal. Vejo que agora ela está sentada em minha cama, o *All Star* rosa bebê batendo no assoalho de forma impaciente e um tanto quanto ansiosa. Arrasto meus pés até lá, sentando-me ao seu lado. Barbie não protesta, entretanto. Sua cabeça vira levemente para o lado e sei que observa cada uma das minhas expressões de canto de olho.

— Eu realmente nem sei mais o que falar, boneca. Sei que qualquer coisa que tentar vai ser errado, pois estou completamente equivocado em tudo que fiz. Não deveria ter mentido e muito menos duvidado de que você não aguentaria lidar com a verdade. Isso não era nem uma escolha minha, na real. Não quero que você pense que estou aqui para fazer escolhas por você, pois não estou. Eu não sou assim. Não sou esse tipo de cara. Estou aqui apenas para te apoiar e te lembrar que sempre será perfeita para ficar no topo da sua vida. — Dou uma pausa, lhe observando. Uma única lágrima dança por entre seu rosto e ela logo raspa o polegar pela região, sumindo com a prova de que tudo que eu resolva fazer ou falar estava afetando-a. Decido pegar na sua mão quando ela a devolve em seu colo, apertando-a contra minha. Quando vejo que não vai reclamar ou desfazer do contato íntimo, prossigo: — Então, me perdoa por essa minha atitude. Eu tenho a terrível mania de querer proteger as pessoas que amo, mesmo que elas não precisem da minha proteção. Fiz isso com você, com o John, com a Violet, e sei que é errado. Eu tenho que começar a entender que eu não posso proteger vocês de mágoas ou tristezas, pois isso é algo do ser humano e todos vamos sentir um dia. A única coisa que me cabe é permanecer ao lado de vocês quando isso acontecer e ajudar a recolher caquinho por caquinho dos seus corações quebrados.

Assim que termino de falar, recupero o fôlego - já que havia soltado tudo de modo desenfreado — e acabo tirando o olhar das nossas mãos grudadas só para prestar atenção em seu rosto. Um vinco se forma entre as minhas sobrancelhas quando percebo os lábios de Barbie abertos em puro choque e os seus longos cílios claros se chocando um no outro, como se estivesse tentando sair de um transe.

— O que foi que você disse? — sopra. Seu semblante ainda continua o mesmo, como se tivesse acabado de ouvir algo que não consegue acreditar

que realmente ouviu.

— Que parte, boneca? Se for a última, eu disse que vou ajudar vocês a recolherem...

Ela me corta, a cabeça balançando de um lado para o outro.

— Não, não isso. Você... você disse que tem a terrível mania de querer proteger as pessoas que ama.

Continuo sem entender a conversa por dois ou três segundos, mas quando a minha ficha cai, é impossível não esboçar um meio sorriso. Nunca havíamos falado as três palavrinhas um para o outro, isso com certeza deve ter mexido com ela. Bom, mexeu comigo também, é claro. Não pretendia dizer algo tão forte nessas condições, mas simplesmente saiu. Foi mais forte do que eu.

— O quê? Está mesmo surpresa com o fato de que eu te amo? — questiono, cruzando os braços. Tenho que friccionar os lábios um no outro para não sorrir ainda mais. — Achei que isso fosse óbvio, Barbie St. Claire. Deve até estar escrito na minha testa para a porra do mundo todo ver.

E eu não duvido que esteja escrito mesmo. Eu não sei ao certo quando descobri que a amo, mas pelo visto, sempre esteve presente em mim, já que nem pensei na hora de proferir as três palavras e sete letras. Devo a amar desde o momento em que me deparei em sua casa, jogando backgammon em sua sala de estar. Devo a amar desde o momento em que vi seus olhinhos brilharem ao se deparar na altura da ponte de arco da rua Veeler. Devo a amar desde o momento em que decidi a beijar na roda-gigante, provando pela primeira vez seu gosto inebriante. Ou até mesmo devo ter a amado na primeira vez que pus meus olhos nela dentro da lanchonete, totalmente tímida e desengonçada para anotar nossos pedidos.

Seja lá quando ou como aconteceu, só sei que a amo. E não vou deixar que um único erro comprometa nossa história. Se ela é mesmo como um pássaro machucado, pode até ir embora, mas sempre acabará voltando para o meu jardim. Pois mesmo que seja livre para voar, Barbie nunca deixará de visitar com frequência o seu ponto de partida.

— Eu definitivamente não estava esperando por isso — diz algum tempo depois, uma risada nervosa escapando de sua boca. Estou prestes a falar algo, mas ela se levanta da cama em um rompante e começa a andar de um lado para o outro no meio do cômodo. Isso dura mais ou menos um minuto, pois logo para, cravando o azul intenso dos seus olhos em mim, as mãos espalmadas na cintura. — Acho melhor eu ir embora. E não precisa dizer que vai me levar, posso muito bem ligar para tia Amber.

Agora é minha vez de rir sem humor.

— Vai simplesmente fugir?

— Não estou fugindo. Só preciso de um tempo para assimilar o que aconteceu, tá legal?

— Qual parte você precisa assimilar? Eu realmente não estou entendendo o seu comportamento agora, Barbara.

Suas íris parecem pegar fogo e eu sinto todo o meu corpo queimar.

Ótimo. Despertei a fera.

— Eu preciso assimilar muita coisa, Leblanc. Muita coisa. Só hoje você conseguiu fazer com que eu me sentisse numa montanha-russa de emoções e, sinceramente, não gosto de me sentir dessa forma. Prefiro acalmar meus sentimentos e pensar com clareza.

— Então você não sente, é isso?

Barbie balança a cabeça de um lado para o outro, o polegar e o indicador apertando suavemente as pálpebras. Assim que termina, inspira e expira o ar, numa tentativa que eu suponho ser para se acalmar.

— Sinto. É *claro* que eu sinto. É justamente por sentir que preciso pensar um pouco em tudo que aconteceu.

Assinto, também me levantando. Fico em sua frente e levo minha mão até seu queixo, obrigando nossos olhares a se encontrarem com muito mais intensidade que antes.

— Tudo bem, boneca. Leve o tempo que precisar. Eu só espero que você me perdoe.

Sou surpreendido por seus braços envolvendo minha cintura assim que termino de falar, seu corpo pequeno colado ao meu em um abraço apertado. Ainda abraçada a mim, tomba a cabeça para trás e sorri antes de finalmente dizer:

— Meu coração já te perdoou, bad boy. Só preciso pensar um pouco para ver se meu cérebro também está de acordo com ele. Sabe como é, uma garota diferente de antes e coisa e tal.

É impossível não sorrir de volta.

Depois de um último abraço apertado, Barbie liga para Amber do meu telefone fixo e vai embora cerca de quarenta minutos depois.

Apesar de ficar com medo a princípio, decido me agarrar na teoria do passarinho e acreditar veemente que ela vai voltar para mim, juntando sua liberdade à minha em uma volta muito mais forte que antes.



32

*"Ela é uma garota foda
Tomando o mundo
Um passo de cada vez
Não consigo tirar você da minha mente."*
BADASS GIRL | SHAWN MENDES.

Devin Leblanc

Faz duas horas que Barbie foi embora. Faz duas horas que fico deitado na cama com as mãos entrelaçadas sobre a barriga e os olhos perdidos no teto do meu trailer, alheio com o que quer que Hunter esteja procurando ao meu lado, na cômoda. Escuto o barulho das suas botas contra o assoalho e os seus incontáveis resmungos, mas não movo um músculo para perguntar o que há de errado. Estou ocupado demais me martirizando sobre os meus malditos erros.

Como eu pude ter sido tão estúpido?

Sinceramente, eu adoraria pular da ponte da rua Veeler agora mesmo.

Antes que eu possa pesar os prós e os contras disso numa balança, meus pensamentos se dissipam assim que meu corpo dá um sobressalto no colchão, assustado demais com o barulho repentino e intensamente alto de uma das

gavetas se fechando. Meu pai ergue os ombros para cima e solta uma lufada de ar, uma mão espalmada na cintura e a outra coçando sua barba escura.

— Não consigo encontrar meu óculos de grau — explica, assim que percebe meus olhos o encarando a fim de uma resposta. — Não o encontro em lugar algum.

— Óculos de grau? — pergunto, um vinco começando a aparecer entre as minhas sobrancelhas quando ele assente. Seus olhos pretos se distanciam dos meus e continuam vagando pelo cômodo, procurando um objeto que eu não faço a mínima ideia. — Pai, você não trouxe nenhum óculos de grau. E a propósito, desde quando começou a usar um?

— Tem certeza que eu não trouxe? Eu jurava que tinha colocado na mochila. — Faço que não com a cabeça, negando sua pergunta. Não havia óculos de grau nenhum. Se eu realmente tivesse visto, com certeza me lembraria. — Jesus, que idade fodida. Devo estar ficando louco ou com começo de Alzheimer.

Pressiono os lábios um no outro, estrangulando uma risada.

— Nenhuma coisa nem outra. Você só está sendo levemente dramático e um tanto quanto nervoso. Se eu ainda te conheço bem, esse seu comportamento de esquecer coisas só pode significar isso. E se o motivo do nervosismo é ainda o mesmo, já pedi para não ficar assim na nossa reunião mais cedo, pois darei um jeito. Ficaré tudo bem, Hunter.

— Por mais que isso esteja tirando meu sono e me deixando com mais cabelo branco do que o considerado normal para minha idade, não é o motivo principal. Pelo menos não dessa vez. — Hunter morde o lábio inferior, olhando as botas pretas em seus pés. Quando retorna seu olhar para mim, segundos depois, o que consigo enxergar é a preocupação transbordando por

suas íris. — Nossas economias estão acabando, Devin. Não sei se mexeu no banco recentemente, mas estamos ficando sem nada.

Mordo o interior da bochecha, pensativo. Realmente tinha um tempo que eu não olhava nossas economias no banco, na conta feita para as despesas de todos os membros do MotoClub. Desde que meu pai chegou na cidade, passei a deixar o comando novamente em suas mãos e isso incluía, claro, o comando do nosso dinheiro. Fazia sentido ele ficar sabendo primeiro do que eu sobre a escassez dele.

— Eu não sabia que ele estava terminando, mas posso imaginar que sim, já que passou do tempo de o reabastecermos — respondo, os cantos dos meus lábios se repuxando em um sorriso ao lembrar da nossa técnica incrível de arrecadar dinheiro. — Já que estamos atrasados, acho que devemos correr nos preparativos. Não podemos deixar de fazê-lo, certo?

Um sorriso também se alarga no rosto de Hunter Leblanc assim que me processa minhas palavras, as ruguinhas nos cantos dos olhos ficando em evidência. Ele leva as mãos até a lapela da jaqueta preta e a arruma, como se tivesse voltado novamente para sua posição de líder longe de qualquer problema. Assim que termina o processo, sua voz forte e confiante soa alta e reverbera pelo trailer quando decide dizer:

— Isso mesmo, filho! Agora que estou aqui, finalmente posso ver com os meus próprios olhos o tão evento.

Anuo, devolvendo seu sorriso. Sei que ele ficou nervoso no começo, pois nunca tinha visto de perto e não sabia se eu iria concordar em fazer novamente — não sei o porquê, mas ele sempre acha que vou desistir uma hora ou outra —, e pelo modo confiante em que falei, acredito que o transmiti algum tipo de tranquilidade momentânea. Tenho certeza que fica ainda mais

quando falo:

— Se prepare, pois pela primeira vez na vida você irá presenciar como é que se faz dinheiro de verdade em Hellaware.



A lavagem de carros e motos dos *The Hurricane Freedom* é um evento corriqueiro em Hellaware, com um preço acessível e que sempre reúne um grande e considerável número de moradores dispostos a nos ajudar financeiramente por motivos de: vislumbre de garotas bonitas vestidas em biquínis minúsculos, boa música e bons drinks preparados por ninguém mais e ninguém menos que Violet Mohn, a deusa do álcool entre nós.

Desde que tive a conversa com Hunter, mais ou menos há dois dias atrás, consegui reunir os meninos e ajeitar algumas coisas dos preparativos. É claro que Kara McAllister quis sair na frente de tudo, pois não pode ver um evento que já quer tomar as rédeas da situação, e fez boa parte da produção. Não há quase decoração alguma, mas ela fez questão de produzir e decorar os papéis coloridos que entregamos no centro da cidade com um aviso bem grande do que aconteceria hoje, além de comprar todos os materiais necessários e contratar algumas garotas de uma fraternidade super conhecida da Hellaware University para nos ajudar hoje.

Começamos a fazer isso assim que meu pai se mudou da cidade, deixando meus amigos em minha total responsabilidade. O dinheiro que ele havia juntado não dava para ser dividido entre nós cinco de forma justa, e mesmo que alguns de nós arrumasse emprego — como foi o caso de John no cinema de rua e o da Kara como manicure em um salão de beleza — ainda não era o suficiente. Em um certo dia, quando estávamos comentando sobre possíveis soluções para nosso impasse, Kieran deu essa sugestão, já que

éramos ótimos em deixar nossas motos brilhando. Quando colocamos nosso plano em ação, mesmo que tivéssemos morrendo de medo de dar errado, fomos surpreendidos por quase toda população da cidade presente. O dinheiro que arrecadamos da primeira vez foi surreal, conseguimos recolher um número muito maior do que aquilo que investimos a princípio e ainda conseguimos dividir o lucro para nós cinco de forma muito justa.

Graças a Deus vem sendo assim sempre.

Nós não sabemos ao certo o que faz desse evento tão famoso na localidade, mas sinceramente, duvidamos que seja só pelo fato de ser feito por nós, a galera vista como rebelde pela sociedade. Mesmo que alguns não concordem com nosso estilo de vida, não perdem a oportunidade de estudar nosso comportamento e dar pitaco em nossa vida quando surge uma brechinha, principalmente algo tão aberto para o público quanto isso. Esse é o único momento em que eu não me importo, entretanto. A curiosidade estúpida deles faz com que a gente ganhe muito dinheiro e consiga viver uma vida tranquila, cada um arcando com suas despesas.

Agora, no entanto, nós meio que fechamos algumas ruas que antecedem o nosso rancho apenas para isso. Há uma fileira enorme de carros para serem atendidos e muitas pessoas com trajes despojados curtindo a música *Friday I'm In Love* de The Cure retumbando pelas caixas de som espalhadas pelo pequeno palco improvisado. Ao meu lado, porém um pouco afastada, vejo Kara atender um carro vermelho e retorcer uma esponja já suja, o sorriso se transformando em uma careta de nojo à medida que percebe a espuma escura pingando em seus coturnos pretos. É inevitável não soltar uma risada, pois ao contrário do restante das garotas aqui presentes, ela e Violet optaram por serem as diferentes ao escolherem usar hoje a parte de cima de um biquíni, um short jeans cintura alta, a jaqueta de couro amarrada na

cintura e os indispensáveis coturnos.

Seus olhos intensamente verdes perscrutam cada canto do meu rosto quando percebe que estou a encarando por tempo demais, um vinco se formando entre suas sobrancelhas.

— Para de me encarar. — Escuto-a me repreender, enquanto passa o dorso da mão na testa salpicada por gotas de suor. — Detesto quando fica me monitorando. Você mais do que ninguém sabe o quão nervosa eu fico com olhares julgadores em cima de mim.

Balanço a cabeça de um lado para o outro, um meio sorriso tomando conta de minhas feições. Olho a moto de um dos garotos do time de basquete em minha frente e percebo que parece mil vezes melhor do que quando chegou aqui, dando-me um sinal claro de que toda a minha atenção naquela belezura havia valido a pena. Por isso, decido parar por ali e acabo jogando a flanela laranja sobre meu ombro, alguns poucos minutos depois decidindo respondê-la:

— Não estou te monitorando, pequena McAllister. Estou apenas apreciando seu trabalho, é diferente.

Ela solta uma risada nasalar e tomba a cabeça para trás, achando graça da minha frase.

— Nada ruim, *huh?* — Aponta com a cabeça para o Thunderbird de cor azul, a luz do sol fazendo o carro brilhar ainda mais. Assinto em confirmação, Kara apenas sorri ainda mais. — Espero que esteja mesmo. O Sr. Timmy, um velhinho gagá de roupas coloridas, disse que ia cortar minha cabeça e mandar para a lua caso sua preciosa Edyth fosse machucada.

— Edyth? — Meu rosto se franze em uma careta. — Jura que ele deu nome a um carro?

— E o que tem? Eu chamo a minha moto de Dorothy e não vejo problema nisso.

Gargalho alto, atraindo a atenção de algumas pessoas para nós. Seus olhos me fuzilam e pedem silenciosamente para que eu pare. Infelizmente, não consigo. Não consigo não achar graça do fato dela ter nomeado sua moto com o nome da garotinha do *Mágico de Oz*, seu livro e filme favorito de todos os tempos. Se bem que levando em consideração que ela tem uma tatuagem com a Dorothy, o leão, o homem de lata e o espantalho juntos na parte de trás do seu braço, não é tão espantoso assim ter sua moto com o nome da protagonista, já que dá para perceber que é realmente apaixonada e um tanto quanto obcecada. Se eu não estou enganado, até tem um trecho da música *Over The Rainbow* cravado em seu pulso.

Paro de rir, mas um sorriso brincalhão permanece pincelando meu rosto. Kara, que parece levemente irritada com isso, apenas revira os olhos e me mostra sua língua, desviando sua atenção para a tal Edyth, passando mais uma vez a esponja em algum canto do retrovisor. Eu, por outro lado, aproveito que a negra está abaixada para depositar um beijo no topo da sua cabeça, escutando sua risadinha fofa ficar para trás à medida que direciono meus passos até o dono da moto que estava cuidando.

O garoto está conversando com uma das meninas que contratamos a poucos passos de mim, a risada estridente fluindo entre os dois. Quando me aproximo, a risada da parte da garota de cachos loiros cessa, pois ela se encontra de frente pra mim. Os olhos cor de mel se fixam no meu rosto e descem lentamente pelo meu peitoral livre de qualquer camiseta, a boca pintada por várias camadas de gloss vibrando para pôr um sorriso maldoso em seu rosto salpicado por sardas clarinhas. Continuo completamente sério e com a expressão fechada, que pelo que parece, acaba sendo o suficiente para

ela limpar a garganta e murmurar um pedido de licença, sumindo do nosso campo de visão tempos depois.

— E aí, cara — o cumprimento, assim que o vejo girar nos calcanhares para ficar em minha frente. Seus cabelos ruivos estão perfeitamente alinhados e parecem ainda mais vermelhos sob o sol, combinando perfeitamente com a cor da jaqueta do time de basquete da *HU* que usa. Os olhos de um tom de cinza se arregalam em surpresa quando finalmente percebe quem sou. — Sua moto já está devidamente pronta. Agradeço pela confiança.

— Eu que agradeço por ter dado um trato nela. Fico ocupado demais com os treinos e com a faculdade, não conseguia mais tirar um tempo para cuidar dela. Ela deve estar extremamente grata por isso agora.

Assinto, esboçando um sorriso sem mostrar os dentes. O ruivo, que eu acredito se chamar Peter — acho que foi esse o nome que disse quando se apresentou —, também me retribui um sorriso parecido. Depois, coloca um cigarro entre os lábios e dá uma longa tragada. Quando a fumaça acinzentada flutua por nós e o cheiro atinge minhas narinas, percebo que a coisa agora pendida entre seus dedos *definitivamente* não é um cigarro.

É maconha.

Uno as sobrancelhas, sem entender. Não tinha tipo uma lei no mundo dos atletas que os proibiam de usar drogas?

— Aceita? — Peter estende a droga para mim, mas eu recuso. Não que eu nunca tivesse provado, mas não curtia mais essas coisas. Ele dá de ombros logo em seguida. — Essa aqui é das boas, cara. Nunca mais tinha provado uma com tamanha qualidade. Graças a Deus que aquele garoto loiro filho da mãe apareceu em minha vida, estava mesmo precisando relaxar esses dias. Tenho certeza que os trabalhos e as provas da faculdade ainda me matam

qualquer dia desses.

Apesar de ele tagarelar e querer contar sobre sua vida aparentemente corrida, uma outra coisa acaba me chamando atenção.

— Garoto loiro? — questiono, cruzando os braços em frente ao peito. Ok, pode ser só uma coincidência fodida, mas não consigo controlar minha língua e a minha curiosidade. É mais forte do que eu. — Sabe como é o nome dele?

— Sou péssimo com nomes — faz uma pausa, tentando buscar algo em sua mente que o ajudasse nessa —, mas deve ser algo como Joseph, Jason, Jaxon...

— Jasper? — O ajudo, vendo-o confirmar várias vezes com a cabeça.

— Isso! É exatamente esse o nome. Se tiver interessado, é só me dizer. Mas já aviso logo que é super fácil encontrá-lo, ele começou a aparecer com frequência esses dias lá pelo campus.

É claro que começou. Nada melhor do que começar a vender suas porcarias no lugar onde mais reúne adolescentes e jovens necessitados por um tipo de diversão a mais: a Hellaware University.

— Valeu pena informação, Peter. A lavagem da sua moto fica por cortesia da casa.

— Sério? Mas por quê?

— Nenhum motivo em especial. Só... só acho que vou precisar de um favorzinho seu em algum momento. Não negaria ajuda a um cara que transformou sua moto em uma novinha em folha, negaria?

Os cantos dos lábios do ruivo se erguem em um sorriso malicioso, e pelo modo como suas íris nebulosas brilham, tenho total certeza de que pensa

que a ajuda que quero é algo envolvendo droga barata e de boa qualidade. Bom, em partes tem a ver com isso, mas não do modo como ele está pensando. Retribuo um sorriso tão maldoso quanto o seu no exato momento em que o vejo confirmar, dando-me leves tapinhas camaradas assim que decide passar por mim.

Eu não sabia o que faria com a informação de Peter, tão pouco sabia qual era o favor que ele estava me devendo a partir de agora, mas o que eu de fato sei é que aquilo com certeza poderia me ajudar muito num futuro não tão distante.

Balanço a cabeça de um lado para o outro na tentativa de deixar essas questões para uma outra hora e afundo as mãos na bermuda jeans que uso, arrastando meus passos de volta para o lugar onde eu não deveria ter saído. Porém, antes de alcançar o próximo automóvel na fila que eu estava tomando conta, meus pés criam raízes no chão e eu simplesmente não consigo ir para direção alguma. Meus olhos focam na figura da Barbie e o meu coração parece dar um solavanco, a saudade corroendo minhas veias, já que estávamos sem nos comunicar durante esses dois dias em que estive ocupado.

Ela está parada ao lado de Pasha e Violet perto da entrada, em um arco improvisado por nós, que sinalizava que aquele era o lugar onde o evento começava. As três conversam despretensiosamente sobre algo que não faço ideia, mas o que prende minha atenção não é isso. Com toda certeza do mundo não é isso. O que prende minha atenção e faz meu coração trovejar ainda mais dentro do peito é encarar o modo como minha boneca está vestida hoje. A jaqueta de couro que eu tinha a presenteado um dia depois do seu aniversário e que até então eu não a tinha visto usando está abraçando seu corpo, a única peça por baixo sendo o seu biquíni de cor preta. O short é jeans e de um tom claro, de cintura alta, e há desenhos de flores brancas por

todo o tecido. Nos pés, diferente do costureiro *All Star* rosa bebê, está usando botas também pretas e de cano curto. Os cabelos dourados estão perfeitamente arrumados em tranças boxeadoras e, mesmo que de longe, enxergo o indício de um batom vermelho enfeitando seus lábios convidativos.

Barbie St. Claire está vestida completamente diferente do habitual e meu Deus... eu nem conseguia ao menos respirar por conta disso. Ela estava com a porra da aparência da rainha do pecado, pronta para cometer as piores atrocidades contra seus súditos. E eu, mais do que nunca, mesmo tentando não entrar na linha do garoto mau boa parte do meu tempo, nunca quis tanto pecar quanto agora.

Respiro fundo e a observo por mais um ou dois minutos. Não sei ao certo como ela percebe meu olhar a queimando, mas sei que percebe. As íris azuis desviam das garotas e cravam em mim, cada centímetro de pele do meu corpo se arrepia com a forma intensa e um tanto quanto descarada que seus olhos passeiam pelo meu pescoço, peito e abdômen pingando gotas gordas de suor. Engulo em seco, e Barbie parece perceber o efeito que causa em mim, pois sorri do modo mais angelical possível e acena com uma das mãos.

Estou prestes a andar até lá, pronto para saber se seu coração e o seu cérebro finalmente entrarem em um consenso em relação a mim, mas sou impedido pela buzina de um dos carros soando alta e insistente demais para o meu gosto. Engulo um xingamento preso em minha garganta e direciono minha atenção para um carro extremamente brilhoso e luxuoso estacionado. Estou prestes a me perguntar o que um carro em perfeitas condições como esse faz em uma lavagem como essa quando o vidro escuro vai descendo pouco a pouco, revelando a figura que eu jurava não ver os pés pisando aqui.

Procuro Barbie com os olhos, mas ela já não se encontra mais por aqui. Fico com medo a princípio, mas vejo-a mais afastada bebericando um drink

preparado por Violet, deixando-me mais calmo quanto a isso. Volto a encarar o garoto e peço a Deus que me conceda muita paciência quando decido me aproximar, baixando o rosto até ficar na altura da janela para perguntar em um rosnado:

— O que pensa que está fazendo aqui, Jasper?

Um sorriso nojento toma conta do rosto do loiro.

— Precisamos conversar urgentemente. Tenho certeza que o assunto será do seu interesse.



33

*"Eu não posso acreditar que esse poderia ser
o fim*

Parece que você está desistindo

E se isso for real

Bem, eu não quero saber."

DON'T SPEAK|NO DOUBT.

Barbie St. Claire

O álcool preparado por Violet desce queimando em minha garganta e deixa minhas íris nubladas pela água cristalina, tornando minha visão enturvecida. Pisco os olhos na tentativa de afastá-las e devolvo o copo de vidro já livre do líquido para a garota tatuada, que me olha com os olhos castanhos injetados de divertimento. Ela espalma uma das mãos na cintura e os lábios livres de qualquer batom dessa vez se erguem em um sorriso zombeteiro ao se deparar com minhas feições franzidas em uma careta.

— Caramba, garota, como você é fraca pra bebida! — Violet menciona em tom de brincadeira assim que me assiste balançar a cabeça de um lado para o outro, tentando me recompor da bebida forte demais para o meu gosto. — É só uma dose de tequila, Barbie.

— Pra você, *huh?* — devolvo na brincadeira, guardando as mãos no bolso traseiro do short jeans.

Ela solta uma risada e ergue os ombros, como se quisesse dizer "*não posso fazer nada se nasci pra isso*". Não retruco, entretanto. Ela realmente pareceu ter nascido para isso.

Fico feliz que a nossa relação evoluiu muito desde a nossa conversa sincera no rancho. Embora não tivéssemos mais conversado muito depois, quando ela e John foram divulgar o evento de hoje lá no *Fast Rocket* há dois dias atrás, fez questão de andar até mim e implorar minha presença, pois sabia que Devin iria gostar da surpresa. Nossa conversa foi extremamente fluida e o ar que pairou sobre nós foi muito leve, já que não tínhamos mais nenhum tipo de questão pendente e poderíamos finalmente começar algum tipo de relação saudável entre nós duas. E hoje, assim que cheguei ao lado de Pasha, a garota de cabelos castanhos fez questão de nos recepcionar e nos presentear com bebidas.

Gosto como tudo está sendo natural e nada forçado pra gente. Também gosto de como isso está acontecendo entre mim e Pasha Stratford. Depois de ter me contado sobre seu sonho com Penelope, sua irmã mais nova, sinto que está mesmo disposta a não ser mais a garota que chegou aqui. Sinto que está mais aberta a nossa amizade, mais aberta a falar sobre seus sentimentos e muito mais aberta a incluir Georgina no nosso meio, mesmo que insista em dizer que não vai com a cara da loira de um modo que ninguém acredita. Inclusive, tenho certeza que só topou me acompanhar hoje, já que coincidentemente estávamos de folga, por querer ver o John e explorar mais a tensão que envolve os dois.

Quando meus orbes deixam de encarar Violet e passam a analisar a ruiva ao meu lado, vejo que os seus estão focados no garoto repleto de tatuagens e que possui o cabelo em corte militar. Ela finca os incisivos nos lábios carnudos pintados por uma cor tão vermelha quanto a que estou

usando hoje e as íris amendoadas descem pelo peitoral brilhando em suor de Scott. Fricciono os lábios um no outro para segurar uma risada e decido cutucá-la com o cotovelo, lhe dizendo em um sopro:

— Limpa a baba, Stratford.

— O quê? — Volta sua atenção para mim, a voz saindo afinada. Seus cílios alaranjados se chocam um no outro várias vezes, como se tentasse sair do transe que estava há poucos segundos atrás. — Que baba? Do que está falando?

Ergo as sobrancelhas. Não era óbvio?

— Ah, cala a boca. — Revira os olhos quando parece finalmente entender, cruzando os braços em frente ao peito. Pasha, diferente de mim, tinha optado por usar um maiô laranja, que combina perfeitamente com seu cabelo agora em um rabo de cavalo de lado, e um short cintura alta de cor preta, com um cinto da Coco Chanel adornando sua cintura bem feita. O óculos escuro escorrega pela pontinha fina do seu nariz e o seu dedo indicador o leva para trás, enquanto ela termina de falar para mim: — Você não deveria ir atrás do seu homem? Me lembro bem que essa foi sua única motivação para estar aqui. Ou eu estou errada e há algum carro seu aqui para lavar?

— Há há há — finjo uma risada, Pasha sorri ainda mais. — Não tem graça. Você sabe que eu não tenho um.

— Justamente! Vá buscar o homem então — ordena, me dispensando com o abanar de uma das mãos. — Antes que uma dessas garotas aqui vindas de Malibu Beach caiam em cima dele.

— Tá bem. — É a minha vez de revirar os olhos, retirando as mãos do bolso para arrumar a lapela da jaqueta de couro que estou usando. Está

fazendo um calor infernal e o couro esquenta como nunca, mas sei que é por uma boa causa, então continuo assim. Minha atenção se volta para Violet, que parece estar bem atenta em nossa conversa, e peço exclusivamente para ela: — Cuida bem dessa daí. A garota adora aprontar em festas.

— Pode deixar, Barbie. Me certificarei para que ela não cometa nenhum tipo de atrocidade que possa se arrepender depois — responde. — Ou que possa manchar a minha reputação.

— Ei, vocês duas! — Pasha chama nossa atenção, batendo a sua sandália de plataforma contra o asfalto. — Não falem de mim como se eu não estivesse presente.

Vejo Mohn levantar os braços em forma de rendição, mas não fico para terminar de escutar o que quer que as duas decidam discutir ou até mesmo conversar. Dou as costas e agora guardo as mãos dentro do bolso da jaqueta, percorrendo meus olhos no local para tentar encontrar um garoto tatuado, de cabelos castanhos e com um lindo par de olhos verdes salpicados de um amarelo vivo bem lá no fundo.

A verdade é que Pasha tem razão. Só aceitei comparecer, pois finalmente tive tempo de assimilar tudo o que aconteceu entre a gente. Finalmente tive tempo de saber se meu coração e meu cérebro entraram em um consenso. A única razão de eu ter pedido um tempo foi para não agir mais no calor da emoção como eu costumava agir antes. Eu tinha entendido seus motivos — mesmo que não concordasse com eles — e sabia que tinha feito na melhor das intenções. Mesmo sendo muito errado, já que nada justifica uma mentira, sabia que tinha feito para me proteger, para não me ver sucumbindo em dor novamente e para sempre me manter no topo, como costuma dizer. Eu sabia de todas essas coisas. Só precisava de um tempo para me pôr em primeiro lugar dessa vez.

E é por isso que estou aqui agora, porque tive a certeza de que meu primeiro lugar não existe sem ele. Não existe primeiro lugar sem Devin Leblanc ao meu lado.

Ele me fez enxergar como é estar em cima. Ele me fez enxergar como é estar no topo, no topo da minha vida. Ele me fez enxergar que sou uma Rainha e que estou no comando do reinado que chamo de vida. Não sou ingrata ao ponto de ignorar isso. Não sou ingrata ao ponto de despachá-lo para longe e não o fazer tão da realeza quanto eu.

Se eu sou uma Rainha, Devin Leblanc certamente será o meu Rei.

E eu o encontro parado perto da fila de carros, um extremamente bem conservado indo embora com toda velocidade do mundo. Acho estranho a princípio, mas chego na conclusão de que provavelmente ficou tempo demais na espera e se irritou por causa disso. A poeira que o cara deixa para trás faz meu nariz pinicar, uma vontade absurda de xingá-lo me consome quando começo a espirrar.

Fungo algumas vezes, parando a alguns poucos passos de distância de Devin. Ele demora a levar seu olhar até mim, mesmo que tenha percebido minha aproximação. Consigo notar com clareza como seus ombros estão caídos e seu rosto completamente pálido. Os lábios cheios com formato de coração, que sempre parecem preenchidos por uma linda cor avermelhada, quase não possuem cor alguma mais. E quando finalmente seus olhos encontram os meus, sinto algo de errado. Sinto que o brilho costumeiro não está mais presente neles, algo de diferente está perpassando por suas íris e me sinto péssima em não saber identificar o que seja. Embora me pareçam tristes, há algo de feroz crepitando por elas.

— Está tudo bem? — decido perguntar, embora não fosse isso que eu

gostaria de falar logo de primeira. — Aconteceu alguma coisa? O carro que passou por aqui falou alguma merda para você?

Suas sobrancelhas quase tocam o seu couro cabeludo quando me escuta. As mãos voam para o cabelo castanho, que se encontra mais escuro por estar úmido do suor, e os bagunçam ainda mais, alguns fios caindo sobre seus olhos verdes.

— Por que está perguntando do carro que passou por aqui? Você viu alguma coisa?

— Por nada, Devin. Só achei estranha a maneira como ele saiu desesperado daqui e de como você parece ter visto um fantasma agora mesmo.

— Ah — é o que ele apenas diz.

Há algo estranho no ar. Muito estranho, a propósito. Violet disse que ele ficaria feliz com a surpresa de me ver aqui, mas a única coisa que conseguiu esboçar foi nada mais e nada menos do que uma possível indiferença em relação a mim. Ficamos em um silêncio extremamente constrangedor até que Leblanc decide pigarrear, falando:

— Jaqueta bonita.

Só esse simples comentário faz com que eu sorria, as bochechas reclamando de dor com o tanto de tempo que fico assim, estática. Ainda não havia usado o presente que ele tinha me dado um dia depois do meu aniversário, pois achava que tinha que ser usado em um momento importante. Um dia em que todos pudessem ver que eu fazia parte daquele universo de Devin. Hoje é definitivamente esse dia. Hoje é o dia em que eu ia mostrar para todos e principalmente a ele que estava inserida ali mais do que nunca.

— Gostou? — refiro-me a jaqueta, dando uma voltinha para que ele pudesse observar meu nome gravado no couro bem atrás das minhas costas.
— Um carinha me deu.

Sua boca se entreabre em um meio sorriso confiante.

— Um carinha de muito bom gosto, por sinal.

— Pode ter total certeza disso — afirmo, mordendo um sorriso.

Devin anui em um manear de cabeça e retira os olhos de mim, direcionando sua concentração para as pedrinhas próximas de seus pés. O silêncio volta a se instalar entre nós dois, me deixando desconfortável mais uma vez. Para ser sincera, achei que as coisas fossem fluir melhor entre a gente caso eu me aproximasse com a guarda abaixada, mas parece que dessa vez ele resolveu erguer a sua. Sinceramente, não entendo. Não entendo mesmo. Se alguém tivesse que ficar dessa forma aqui essa pessoa seria eu.

Inflo o pulmão de ar e solto tudo pela boca, decidida a dar um basta nesse clima estranho. Limpo a garganta e solto:

— Precisamos conversar sobre o que aconteceu entre a gente.

Ele permanece em silêncio por quase um minuto, mesmo que eu tenha a certeza que me escutou. A cabeça baixa e os olhos concentrados em algo no chão permanecem, assim como seus ombros tencionados e a mandíbula cerrada. Estou prestes a falar algo, mas desisto totalmente quando finalmente alinha seu olhar com o meu. Novamente vejo a faísca de um sentimento que desconheço presos em suas íris e até mesmo acredito ter visto lágrimas começando a preencher seus glóbulos. Não posso dizer que é de certeza o que vejo, pois logo seus longos e cheios cílios piscam diversas vezes e somem com qualquer vestígio que pudesse o denunciar.

— Podemos conversar assim que terminar isso aqui? — pede, apontando para a fila de carros e motos que se formava atrás de nós. — Não posso deixar de ajudar o pessoal. Se for possível, você espera o evento terminar e eu te levo em casa pra conversarmos durante o trajeto.

— Claro! Vou ficar conversando com a Pasha enquanto isso.

— Ok. — Sorri amarelo, girando nos calcanhares para voltar a sua função. Assisto-o ir embora e começar a lavar um carro branco, o que acaba me fazendo suspirar e mudar de rota.

Encontro Stratford ao lado de John, ajudando-o a lavar um dos carros com uma mangueira em mãos. Os fios alaranjados já se encontram livres do rabo de cavalo e balançam conforme as rajadas de vento se intensificam, uma fina camada de película de suor cobre sua testa, pescoço e até mesmo grudam alguns fios na raiz. O melhor amigo de Devin não parece muito diferente, pois o suor dança pelas suas tatuagens em todo seu peitoral e abdômen e os raios de sol fazem com que os inúmeros desenhos brilhem tanto quanto os brincos que usa na orelha. Quando me aproximo, ambos me fazem entrar nessa também.



O evento acabou lá pelas sete horas da noite e Devin cumpriu sua promessa de me trazer para casa quando isso acontecesse. Não sei ao certo quando ele pretende devolver, mas ainda está com o Camaro alugado. E o banco do conversível é extremamente aconchegante, minhas costas agradecem depois de tanto esforço que John gentilmente me obrigou a fazer só para se safar de trabalho e aproveitar um tempo da pausa para beber. O rádio está ligado em alguma estação e a música de Michael Jackson soa bem

baixinho entre nós.

Leblanc está com a janela aberta e o seu braço está apoiado nela, o cotovelo ficando para fora. Ele foi no seu trailer rapidinho só para trocar de roupa, já que a rua que estávamos era extremamente próxima de sua casa, e voltou com a mesma bermuda e uma regata cavada de cor branca, que tem a cara do Kurt Cobain estampado nela, deixando os músculos e os rabiscos em seus braços totalmente à mostra. O vento que passa bagunça seu cabelo, levando-o ora para trás e ora para a frente, cobrindo seus olhos verdes com alguns fios. Uma mão está presa no volante e a outra segura seu habitual cigarro, a cor acinzentada sumindo como uma nuvem espessa para fora do carro.

— Sobre o que quer conversar? — Quebra o silêncio depois de alguns minutos fitando com atenção as ruas calmas de Hellaware, agora me analisando de canto de olho.

— Sobre nós e sobre o que aconteceu — respondo, mordendo o interior da bochecha com certa apreensão. — A única razão de eu ter comparecido hoje foi para dizer que meu coração e o meu cérebro entraram em consenso. Eu realmente te perdoo, bad boy. Mesmo que eu não concorde com o que você fez, eu consigo enxergar o que passou no seu coração para ter feito o que fez. Eu só preciso que confirme para mim que nunca, em hipótese alguma, irá mentir pra mim, muito menos esconder algo por medo de eu ficar magoada ou coisa do tipo. — Dou uma pausa apenas para observar sua reação. Devin continua olhando para a estrada, mas sei que presta atenção em cada coisa que menciono. Sua mandíbula segue cerrada e os nós dos seus dedos chegam a ficar brancos de tanta força que segura o volante. Apesar de notar isso, continuo: — Preciso que você prometa para mim que vai confiar na garota que me tornei.

— Eu confio nessa garota — confia e uma lágrima escorre pela sua bochecha, sua mão rápida logo a limpando. — Me perdoa. Me perdoa por tudo.

— Está tudo bem, amor. É sério, está! — garanto.

Sua cabeça balança de um lado para o outro, como se estivesse inconformado com algo. Quando paramos no sinal perto já da minha casa, aproveita para apertar as pálpebras com o dedo indicador e o polegar.

— Eu não sei se está — sopra, muito mais para si do que para mim.

— Do que você está falando, Devin?

Ele não responde. O carro começa a avançar novamente e a música que toma lugar da de Michael Jackson é uma calma e que fala de amor proibido. Embora a letra seja bonita e um tanto triste, o garoto dirigindo opta por desligar o som. Não protesto, entretanto. A música com certeza é o menor dos nossos problemas.

Ainda continuo o observando, mas nada sai. O Camaro freia na frente da minha casa de cor amarela e repito a pergunta, os braços cruzados e as sobrancelhas erguidas em espera de uma resposta.

— Nada. Não estou falando nada. — Joga a bituca do cigarro em uma espécie de cinzeiro improvisado, e quando me olha novamente, diz: — Podemos conversar melhor outro dia? Estou com uma dor de cabeça ferrada e morto de cansaço.

— Como quiser. — Dou de ombros e abro a porta, flexionando os joelhos para dar o fora logo. Simplesmente assim, Devin Leblanc conseguiu me irritar. A força que imponho e o barulho soando alto quando fecho a porta é um sinal claro disso.

Caminho até a calçada e fico um certo tempo ali, esperando que ele vá falar mais alguma coisa e voltar a ser quem costuma ser o tempo inteiro. O que acontece é totalmente ao contrário disso, pois não pensa mais que cinco segundos para acelerar o conversível com a maior velocidade do mundo e sumir do meu bairro e do meu campo de visão. Apesar de não entender o seu comportamento hoje, já que havia o perdoadado e poderíamos continuar de onde paramos, tento não pensar muito nisso agora só para poder tirar minhas conclusões com os conselhos sábios de titia. Por isso, sigo até a minha casa e tiro a chave de dentro do meu bolso, abrindo-a logo em seguida.

A casa está em completo breu e não vejo nenhum sinal de Amber pela sala ou até mesmo pela cozinha. Só pode estar em seu quarto então, suponho. Seu Fordi Capri está na garagem e isso é uma grande prova de que está em casa. Subo os degraus das escadas de dois em dois, direcionando meus passos até seu quarto quando já estou parada no segundo andar.

Uno as sobrancelhas ao ver a porta fechada, sem entender nada. Desde o tempo que passei a viver com ela aqui, descobri muitas coisas ao seu respeito, como por exemplo: tia Amber tem mania de tomar café puro todas as manhãs, sem leite e sem açúcar, tem mania de assistir *Barrados no Baile* todas as noites em seu quarto, tem mania de comprar vários cremes para seu cabelo e, claro, tem uma mania terrível de nunca fechar a porta do seu quarto em hipótese alguma.

Aquilo, definitivamente, era um sinal de que algo muito estranho estava acontecendo nessa casa.

Fico fitando a porta por tanto tempo que nem sei calcular, a curiosidade tomando conta de todo o meu ser. Decidida a me apegar na hipótese de que algo ruim poderia ter acontecido lá dentro, levo a mão até a maçaneta e a giro, o ranger da porta soando baixinho conforme vou a abrindo

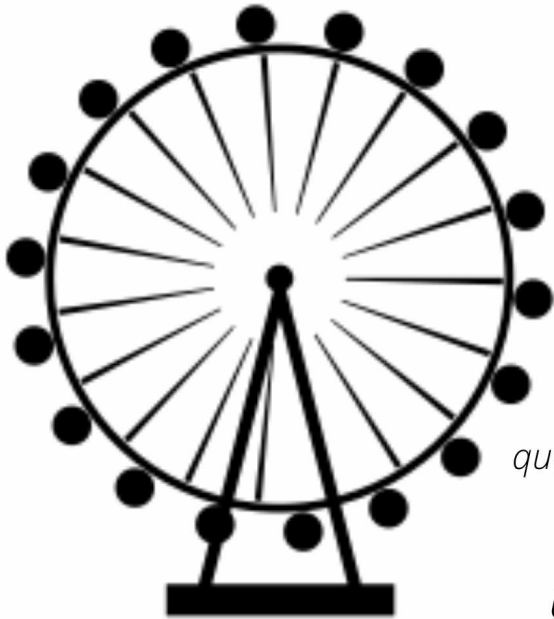
de pouquinho em pouquinho. Não vejo nada de estranho a princípio, mas decido adentrar o cômodo mesmo assim, meu queixo quase indo parar ao chão e as minhas pernas criando raízes no assoalho quando me deparo com a cena bem diante dos meus olhos.

Tia Amber está deitada nas cobertas, aos beijos com um homem que não consigo identificar sob a escuridão do quarto. O barulho que fazem e a dedução de que estão nus faz com que eu queira vomitar. Tento ir embora de fininho, mas meu plano vai totalmente por água abaixo quando meus pés se enroscam um no outro e meu quadril se choca com certa força contra alguma decoração enfeitando o lugar. Algo cai, o barulho formando um baque oco quando se encontra no chão e se mescla com meu grito de dor e susto.

Levo minha mão até o local afetado, e mesmo que esteja doendo como o inferno, toda minha atenção está voltada aos movimentos de minha tia, que liga com certa urgência o abajur ao lado de sua cama. A luz acende seu rosto e os seus olhos azuis se arregalam quando me encontra parada, o susto fazendo com que cubra mais seu corpo com o lençol branco.

Se eu já estava em puro choque, tudo se intensifica quando reconheço Hunter Leblanc ao seu lado. O cabelo preto está uma verdadeira bagunça, os olhos tão arregalados quanto o da mulher ao seu lado e os lábios inchados e borrados por um batom vermelho vinho denunciam o quanto estavam empenhados antes de eu chegar.

— Nós podemos explicar — é o que dizem ao mesmo tempo, logo após processarem a minha figura assustada encarando ambos.



34

*"Desfaça essa dor que você provocou
quando você saiu por aquela porta e saiu de
minha vida*

Faça essas lágrimas pararem de cair."
UN-BREAK MY HEART | TONI BRAXTON.

Barbie St. Claire

Eu saí do quarto assim que eles disseram que iriam se explicar e fui diretamente para a sala, onde me mandaram esperar. Eu realmente não queria ter essa conversa, mas ambos insistiram tanto nisso que acabei não tendo escolha. Estou olhando alguns cliques no canal da *MTV* quando escuto o barulho de passos ecoando pela casa, fazendo-me pescar o controle no centro e desligar a tevê de tubo.

Amber e Hunter se aproximam juntos, agora devidamente vestidos. Minha tia usa um vestido flanela preto de alcinhas e o pai de Devin uma camisa xadrez de botões, calça jeans e a jaqueta de couro amarrada na cintura. As aparências deles estão tão péssimas que tenho que friccionar os lábios um no outro para não rir de toda situação.

É claro que isso aconteceria uma hora ou outra. Apesar de titia ter me

dito que não dormiria mais com ele após aquela noite, não confiei cem por cento nela. É nítido em suas feições o quanto ainda é apaixonada por Hunter, pelo garoto problemático da sua adolescência e começo da juventude. Mesmo que ele tivesse a magoado naquela época e sumido por boa parte dos anos, nada foi capaz de amenizar o sentimento que ela tinha por ele. Nem a distância, nem a raiva, nem nada. Certos amores são impossíveis de se esquecer. Eles se infiltram em nossos corações como um tipo de doença incurável e, mesmo que tentemos entrar em tratamento, nada parece surtir efeito. Pode até controlá-los, mas nunca curá-los, pois uma vez que os tenha pegado, dificilmente conseguirá se ver longe deles.

Acredito que Hunter seja a doença incurável de titia. E vice-versa, claro. Os dois foram infectados pelo amor há muitos anos atrás e terão que achar um jeito de conviver com ele. Terão que achar um jeito de descobrir um tratamento eficaz, pois agora que estão próximos um do outro, certamente que os sintomas só irão aumentar cada vez mais.

— Desculpa por toda cena que fizemos você assistir. Totalmente irresponsabilidade nossa — comenta Hunter, decidindo se sentar ao meu lado. Como o sofá é de três pessoas e estou no meio, Amber se senta no outra ponta.

— Uma porta trancada poupava muita coisa — respondo, brincando. Apesar da minha tentativa de fazer graça e transformar nossa conversa em algo leve, nenhum dos dois ri. — Gente, está tudo bem, é sério! Vocês não acham que estão grandinhos demais para ficarem dando explicações do que fazem, não? Ainda mais para mim? Qual é, eu nem tenho essa moral toda.

— Foi totalmente irresponsabilidade, Barbie — Hunter continua, e sabendo que vou ter que escutar mesmo as explicações dos dois, decido cruzar os braços e escorregar um pouco a bunda no sofá, quase deitada quase

sentada. — E garanto que a culpa é totalmente minha. Saí da lavagem de carro dos meninos e vim direto para cá, pois te vi por lá e sabia que sua tia poderia estar aqui sozinha. Queria conversar como adulto e finalmente pôr os pingos nos is. Foi isso que fizemos e que acabou nos levando até o quarto para que pudéssemos...

— Não precisa contar os mínimos detalhes — Tia Amber o corta, dando um leve tapa em seu ombro. — Tenho certeza que Barbie já entendeu o que aconteceu lá. Ela pode ter essa cara de santa, mas só Deus sabe o que faz com o seu filho.

— Amber St. Claire! — a repreendo, agora arrumando a postura. A fuzilo com o olhar, sentindo toda a área da minha bochecha arder em vergonha. — Desde quando a pauta aqui sou eu? Não mude de assunto para se safar.

— Pois é, raposa, não mude de assunto. Já que estamos aqui, podemos contar para ela, certo? — Hunter a olha, os cantos dos seus lábios se erguem em um sorriso.

— Contar para mim o quê? — questiono, intercalando meu olhar entre os dois.

— Nem pense em fazer isso, Hunter. Eu não concordei com absolutamente nada. — Minha tia o olha, vejo a súplica em suas íris azuis. Seja lá o que ele tem para contar, vejo que ela não quer expor. Pelo menos não agora.

— Ah, querida... — ele soa malicioso, o polegar e o indicador passeando pelo queixo à medida que a observa. — Não foi isso que pareceu lá no seu quarto.

Eca. Sinto vontade de vomitar só por isso.

— Está bem, está bem. Deixa que eu conto pra ela, afinal de contas, a sobrinha ainda é minha. Você já pode pegar a suas coisas e dar o fora! — a loira de cabelo desgrehado ordena, se levantando. Ainda fico os observando, achando graça e ainda mais curiosa.

Hunter sorri ainda mais ao também se levantar, se despedindo de mim e de titia. Antes de dar as costas e seguir o caminho até a porta, vira-se para a mulher que eu suponho ser da sua vida e deposita um beijo estalado e inesperado em sua bochecha, fazendo-a ficar ruborizada pela primeira vez na vida.

— Amo o fato de você ser sempre muito amorosa — diz pra ela, fazendo-me sorrir. Titia e seu jeito de demonstrar afeto é incrível.

Ele vai embora logo depois disso e Amber volta a se sentar no seu lugar, fincando os cotovelos nas coxas para poder me observar. Seu sorriso para mim é carregado de malícia.

— A que horas devo te expulsar da minha casa por ter empatado a minha noite?

— A que horas devo te ensinar que existe chave e tranca em uma porta?

Minha tia não diz nada, mas sua risada se mistura com a minha exatamente no mesmo momento, como se fosse algo coreografado. Não sei qual das duas acaba rindo mais, mas sei que minha barriga começa a reclamar de dor e os meus olhos transbordam lágrimas. Enxugo-as com o dorso da mão, e assim que as nossas risadas cessam pouco a pouco, decido perguntar em meio a um último sorriso:

— Então senhorita Amber, o que tem para me contar?

— Acho que estou prestes a perdoá-lo, sobrinha. Não vejo mais mágoa em meu coração, para ser sincera. Pelo menos não depois da conversa extremamente franca que tivemos hoje. Eu expus tudo, ele também, e não vejo mais a necessidade de guardar sentimentos ruins por um erro cometido há mais de uma década. Ele errou? É claro que errou! Foi um completo babaca, mas acho que precisávamos desse tempo separados para amadurecermos. Precisávamos desse tempo separados para evoluirmos como seres humanos e, honestamente, acredito que Hunter conseguiu isso.

— Quer que eu seja sincera? — Apesar de ser uma pergunta retórica, assente mesmo assim. — Se o seu coração sente que é hora de perdoá-lo, então confie nele. Se quiser tentar alguma relação com Hunter, vá fundo. Não se prenda ao passado, tia. Pessoas estão em constante mudanças, isso é fato. Eu não sou a mesma garota de quatro anos atrás, muito menos a garota que chegou aqui há meses atrás. Então como você vai continuar julgando uma pessoa por um único erro cometido há mais de dez, vinte anos?

— Ele sempre foi incrível comigo, Barbie. Apesar de todo jeito encrenqueiro, nunca me tratou menos do que eu mereço ser tratada. Na verdade, muitas vezes eu me sentia uma rainha ao lado dele. Eu me sentia a garota mais amada de todo o universo. Minha família me deu as costas quando decidi lutar por ele, mas a real é que eu não me importei nem um pouco com isso. Ele era meu lar, minha família. Hunter Leblanc sempre foi meu sinônimo de casa. — Para, engolindo em seco. Lágrimas já começam a deslizar por seu rosto, maculando o tecido de seu vestido com elas. Pego suas mãos e as perto contra as minhas, em um sinal claro de que estou aqui para o que precisar. — Nosso único problema foi seu pedido de casamento. Embora morássemos juntos naquela época, já que decidimos fugir, eu não queria me casar. Não queria, pois queria me tornar independente primeiro. Queria estudar, trabalhar e depois pensar nisso. Hunter achou que eu não o amava de

volta, então decidiu beijar outra na minha frente para me machucar. Ele disse que foi algo totalmente estúpido e se arrependeu no segundo seguinte, tanto que se ajoelhou em minha frente e pediu perdão, mas para mim já havia sido o fim. Já havia sido o fim de nós dois.

— Eu entendo perfeitamente, tia — esclareço, quando vejo que está prestes a soluçar de chorar. Lhe abraço, e ela aproveita da oportunidade para se deitar em meu colo. Afago seus cabelos, continuando: — Você fez certo em todas as suas escolhas. Tenho muito orgulho da mulher que se tornou e do coração gigante que tem. Se está pronta para perdoá-lo depois de todos esses anos, então faça. Se quer voltar para ele, então volte. É melhor quebrar a cara agora, mesmo sabendo que agiu com o coração e se entregou completamente, do que viver uma vida de arrependimento pelo que não fez. A vida é só uma, Amber St. Claire. Você merece ser feliz mais do que tudo.

Seu corpo se aninha mais ao meu, seus braços envolvendo minha barriga. Sei que suas lágrimas molham minha roupa, mas não ligo. Ficar assim com ela me traz paz, faz até com que eu esqueça de Devin e dos meus problemas. Eu estava aqui para dar suporte, assim como ela fez comigo todo esse tempo.

— Eu fiquei muito tempo sozinha depois que ele foi embora. Fiquei sozinha e perdida. Quando você chegou, minha vida voltou a ter cor. Agora, Barbie, diferente de antes, o único sinônimo de lar que conheço é esse aqui. Esse aqui que eu e você construímos.

— Obrigada por ter me acolhido quando ninguém mais fez. Eu amo você, tia!

Sei que ela está caindo no sono, vejo suas pálpebras quase se fecharem. Porém, antes de se entregar de fato ao cansaço, sou surpreendida por sua voz

calma e serena soando ao meu pé do ouvido ao dizer:

— Eu faria tudo novamente, sobrinha.



A música que retumba através da Jukebox é *Bye Bye Baby* da Madonna e só isso é o suficiente para que Georgina resolva dar uma de cantora ao meu lado, chocando seu quadril contra o meu em uma coreografia criada unicamente por ela. Sua mão está fechada em punho perto da sua boca, em uma espécie de microfone improvisado, a voz desafinada fazendo com que meus ouvidos doam e implorem para que todo o seu show no meio do nosso expediente acabe o mais rápido possível.

A verdade é que não estou nos meus melhores dias hoje. Apesar da loira saber disso e tentar de todas as formas me animar, nada parece surtir muito efeito para o meu humor. Eu até poderia culpar o meu ciclo menstrual pela cara emburrada e pelo leve estresse, mas seria uma grande estupidez da minha parte, já que não tem nada a ver com isso. O jeito que estou agora é tudo culpa de um cara de mais ou menos 1,92m de altura e que sempre carrega um cigarro idiota por onde anda.

Não o vejo desde a lavagem de carros dos The Hurricane Freedom, acerca de uma semana atrás. Toda vez que ligo para sua casa, nunca se encontra. Toda vez que tento contatar um dos seus amigos para saber do seu paradeiro, sempre desconversam e dizem que anda ocupado demais com as coisas do rancho. Eu até poderia aceitar isso numa boa, mas em uma dessas saídas que Hunter andou dando com a minha tia desde o dia que resolveram finalmente se perdoar, o mais velho me contou que não há problema nenhum com o rancho e me garantiu que desde o momento que pisou os pés em Hellaware, está cuidando de tudo para os meninos.

O que acabou me fazendo concluir que ela está *mesmo* diferente comigo. Devin Leblanc está diferente comigo e eu não faço a mínima ideia do porquê. Nossa conversa dentro do carro tinha sido esquisita demais, pois ele estava agindo daquela forma. O papo de que estava cansado, de que falava comigo depois... Tudo isso parece ter sido proposital para se ver livre de mim de alguma forma. Em nenhum momento me procurou, em nenhum momento fez questão de responder os meus recados ou até mesmo retornar os meus telefonemas. Duvido que estivesse tão atarefado ao ponto de não conseguir pôr as mãos na droga de um telefone por pelo menos um minuto. Só para me dizer que estava bem. Só para me dizer que *nós* estávamos bem.

Quando percebi que ele não fazia questão, parei de tentar. Não liguei, não mandei recado e nem nada do tipo durante o resto da semana. Eu não seria estúpida a esse ponto. Não fiz nada de errado, então não tenho com o que me preocupar. Para falar a verdade, se houve alguém aqui que errou, esse alguém foi ele. Fiz o meu papel de perdoar, mas se algo aconteceu no meio do caminho, então ele que me procure e se explique.

O amo com todo meu coração, mas não vou me martirizar e sofrer por algo que não tive culpa.

— Para de pensar nele, Barbie — Georgina decide falar, tirando-me dos meus pensamentos. Pisco algumas vezes para voltar a realidade, vendo que minha amiga para de dançar só para se colocar ao meu lado novamente, o braço se enganchando no meu pescoço quando já está próxima o suficiente. — Tentar compreender como funciona a cabeça dos homens é furada, amiga. Se algum dia alguém conseguir isso, por mais que eu ache muito difícil, terá que ser merecedora do Prêmio Nobel da Paz.

— E o que isso teria a ver com o Prêmio Nobel da Paz, Georgina? — Cruzo os braços, a olhando com as sobrancelhas unidas.

— E eu que sei? — Dá de ombros, pressionando os lábios um no outro para não dar risada. — É tão impossível o que eu falei que nem chega a fazer sentido.

Pela primeira vez no dia, consigo dar risada com algo que sai da sua boca. Suas tentativas antes foram falhas, mas essa, mesmo que não tenha sido sua intenção, faz com que eu exploda em gargalhadas. Ela, por outro lado, parece adorar minha reação, pois me olha com os olhos verdes-escuros injetados de divertimento, aproveitando da situação para fazer cócegas em minha barriga com uma das mãos.

— Para com isso — imploro, em meio aos risos. — Nós vamos ser demitidas, sua maluca.

É o suficiente para que ela pare, agora levando a mão à boca, como se tivesse sigo pega. Respiro aliviada, arrumando alguns fios do meu cabelo para trás, assim como a barra da saia do meu uniforme.

— Ops — soa brincalhona, olhando para os lados para ver se encontra Sr. Wilson ou Rosalinda testemunhando nosso momento de procrastinação. Quando parece não encontrar ninguém, o sorriso atroz que toma conta das suas feições demonstra o quanto está achando tudo divertido. — Não vamos ser demitidas, pode ficar tranquila. — Georgina apruma a postura, eu apenas assinto devolvendo seu sorriso. — Inclusive, não deixe de sorrir por causa dele. Na verdade, não deixe de sorrir por homem nenhum. Ele pode ser um cara incrível, mas todo mundo sabe que você é muito mais.

Anuo, agora tombando a cabeça em seu ombro. Sei que ela tem razão, porém, infelizmente, não mando em meu coração. Não mando nele e não consigo fazer com que ele pare de dar leves pontadas em meu peito, protestando sobre questões amorosas.

A única coisa que posso fazer é me ocupar no trabalho. Então é isso que faço pelas horas seguintes. Limpo mesas, entrego milkshakes e hambúrgueres, coloco músicas para tocar e jogo conversa fora junto de Georgina, Pasha e outras garçonetes. No fim, quando chego em casa, me encontro completamente morta e com os pés implorando por massagens.

Não encontro titia, então suponho que tenha saído com Hunter ou até mesmo com seus amigos que adoram uma bebida. Não reclamo, entretanto. O silêncio da casa me abraça e acaba sendo até que confortável, principalmente por ter lidado com muito barulho no trabalho hoje.

Direciono meus passos até a cozinha, logo depois de tomar um longo banho e me enfiar em um pijama confortável, e abro os armários para começar a preparar alguma coisa para comer. Meus olhos passeiam pelas opções de preparo e a minha barriga começa a roncar, ansiosa. Apesar de não saber quase nada na cozinha e ser péssima no fogão, até que consigo me virar fazendo panquecas doces. Arrumo o cabelo em um coque desleixado, pego os utensílios de cozinha, os ingredientes e começo o preparo.

Estou terminando de decorá-las com morangos e chantilly quando alguém aciona a campainha, o som estridente se espalhando pela casa. Uno as sobrancelhas e checo as horas no relógio preso na parede. Não é tão tarde, então não sei se significa que é Amber lá fora. Quando titia sai, costuma voltar quase pela manhã. E, se decidisse voltar cedo, com toda certeza que usaria sua chave.

O som soa novamente, então me apresso em atender e tirar logo minhas dúvidas. A pessoa que me deparo quando abro a porta faz o meu coração dar um solavanco, a surpresa misturada com choque tomando conta das minhas feições.

Não o esperava ver aqui hoje.

Devin está parado do outro lado, as mãos afundadas nos bolsos da sua calça preta. Os olhos verdes saem de algum ponto aleatório do chão e se concentram apenas nos meus. Engulo em seco, segurando ainda mais forte na madeira. Sei que os nós dos meus dedos se encontram esbranquiçados e que ele provavelmente percebe, mas não posso fazer nada quanto a isso. Sinto que se eu não segurar a porta com todas as minhas forças, minhas pernas acabarão fraquejando.

— Posso entrar? — pergunta, assim que passamos tempos demais nos observando em completo silêncio.

— Claro. — Dou passagem para que consiga entrar. Fecho a porta assim que ele adentra minha casa, girando sob os calcanhares para poder observá-lo.

Ele está de costas para mim, olhando para a sala a poucos metros de distância. Suas mãos continuam onde estão, e mesmo não o vendo, consigo imaginar que seus lábios avermelhados estão em uma linha tênue. Consigo imaginar também que está tenso ou nervoso, pois seus ombros se encontram caídos. Não estamos muito diferentes, pelo visto.

O órgão mais vital dentro de mim se agita, completamente hiperativo ao vê-lo depois de um tempo. As paredes se tornaram claustrofóbica e sinto o ar se esvair de pouquinho a pouquinho, somente pela sua presença no mesmo espaço que eu.

Devin se vira de repente, a boca em uma linha tênue como eu realmente imaginei que estivesse. Ele me olha dos pés à cabeça, os cantos dos seus lábios agora vibrando para pôr um sorriso em seu rosto quando analisa o pijama folgado e de bolinhas que uso.

— Eu adoro quando usa esse pijama — diz, se aproximando mais de mim. As botas pesadas ecoam contra o assoalho à medida que diminui nossa distância. Aproveito da oportunidade para avaliar minuciosamente suas roupas. Dessa vez está livre da jaqueta de couro, apenas uma camiseta lisa preta abraça seu corpo. O escapulário e outros colares prateados caem sobre seu peito, sendo as únicas coisas que chamam atenção no meio de uma vastidão preta e tatuada. Faz uma semana que não nos vemos, mas seus fios castanhos parecem maiores. Até seu rosto, que sempre foi liso e longe de qualquer barba, agora parece florescer uma por fazer.

Estava mais lindo do que nunca, meu coração pareceu concordar com isso, pois conseguiu tropejar ainda mais. Nós dois estamos muito próximos agora que decide parar em minha frente. Se fosse em outro momento, eu não recuaria, mas é o que faço agora. Desvio do seu corpo, decidindo lhe perguntar:

— Uma semana fugindo de mim para chegar até aqui e elogiar meu pijama?

— Desculpa. Eu não.. eu não estava fugindo de você — responde, sem jeito. — Pelo menos não quis que parecesse isso — emenda, assim que percebe minha sobrancelha arqueada em pura ironia.

— Pois foi o que pareceu — devolvo. Não me importo em direcionar meus passos até a cozinha, pois sei que ele me seguirá. Escuto seus passos atrás de mim quando já entro no cômodo. Decido continuar minha panqueca, mas não hesito antes de alinhar minhas íris nas suas ao continuar: — O que te trouxe aqui, Devin? Se tem alguma coisa para me falar, o momento é esse.

— Não vai nem me oferecer um pedaço? — Aponta com o queixo para a minha panqueca. Sei que está tentando deixar o clima mais leve entre nós, o

problema é que não ser direto e ficar dando voltas me irrita ainda mais.

— Não.

— Tudo bem. — Ergue as mãos em sinal de rendição. — Me desculpa por ter sumido esse tempo. Me desculpa por não ter te ligado, por não ter respondido suas mensagens, por ter parecido agir com indiferença logo depois do que eu fiz e por ter sido um babaca completo. Não justifica, mas estive ocupado com algumas coisas. Total culpa minha.

Rio nasalado, pescando um dos morangos.

— Seu pai me contou uma conversa diferente. — Mordo a fruta, analisando suas expressões. Ele não parece se abalar, mas vejo seu pomo de Adão subir e descer. — Não teve ocupação com nada, Leblanc, eu sei disso. Eu só não sei qual o motivo de você não conseguir mais ser verdadeiro comigo. De você não conseguir mais falar a droga de uma verdade na minha cara. Qual é a dessa vez? Ainda me acha fraca demais para encarar o quer que esteja acontecendo?

— Não fala assim. — Sua voz sai baixa, a cabeça balança de um lado para o outro. — Não joga isso na minha cara novamente.

— Fica difícil. Fica muito difícil. — As lágrimas começam a se acumular em meus glóbulos, impedindo a minha visão. Pisco algumas vezes, tentando me livrar delas. Eu não queria e não iria chorar. Por mais que mãos invisíveis estivessem apertando minha garganta, não queria dar o braço a torcer. — Fica extremamente difícil quando você não me diz absolutamente nada. Fui de coração te encontrar naquele dia do evento e a única coisa que você fez foi me afastar ainda mais. Sério, me diz, por qual motivo?

— Você quer saber o motivo? — Devin avança até mim em passos lentos, a mandíbula cerrada e as narinas infladas. Ele parece bravo, mas não

me intimidado. Apenas confirmo, cruzando os braços. — Quer mesmo saber? — Ele também cruza os seus, insistindo no assunto.

— Por favor.

— Ok, direi então. — Inspira o ar, expandindo sua caixa torácica. Noto que seus olhos claros estão banhados por água cristalina, o dente incisivo mordiscando com certa força o lábio inferior. Seus dedos penteiam os fios do seu cabelo para trás, nervosos. Quando parece finalmente pronto para falar, mesmo que tenha aberto e fechado a boca uma porção de vezes, solta em uma voz quase inaudível: — Eu acho que nós precisamos terminar, Barbara.

Suas últimas palavras me atingem em cheio, até me faz cambalear para trás. Minha lombar se choca com o mármore da pia, mas a dor no corpo não parece amenizar e muito menos se sobressair a dor que atinge o meu peito com certa força. *"Eu acho que nós precisamos terminar, Barbara"* ecoa em minha mente em um looping infinito, por isso balanço a cabeça de um lado para o outro, tentando fazer com que sumam. Eu provavelmente tinha entendido errado. Eu só podia ter entendido errado.

— O que foi que você falou? — Tento segurar o choro, eu juro que tento. Faço a maior força extracorpórea para que elas não rolem pelas minhas bochechas, mas é totalmente em vão. Elas descem quentes e respingam em meu pijama, mas logo passo o dorso da mão para sumir com qualquer vestígio. Respiro fundo, esperando uma resposta que demora a chegar. — Por quê? Por que isso agora? — insisto.

Ele permanece calado, olhando para qualquer lugar que não seja os meus olhos. Sei que engole em seco e sei que até treme, percebo isso quando decide raspar o polegar na bochecha para sumir com a única lágrima que tinha escorregado desavisadamente por ali. Quando decide finalmente me

encarar, tudo que vejo passeando por suas íris esverdeadas é uma grande incógnita para mim. Não o reconheço ali, para ser sincera. Não encontro o brilho costumeiro, não encontro a doçura, eu não encontro nada. Parece que seus olhos se tornaram opacos e sem vida em apenas uma semana.

— Eu só acho que nós precisamos terminar, Barbie — repete, a voz saindo embargada. Se ele parecia sofrer tanto, então qual o motivo de estar insistindo nisso? — Nós precisamos terminar para o seu bem. Quer dizer, para o nosso bem. Eu...

Devin para. Ele simplesmente para. Seus dedos apertam suas pestanas e ele balança a cabeça negativamente tantas vezes que sou incapaz de contar.

— Você quer terminar e não sabe nem o motivo de estar fazendo isso? — pergunto, rindo sem humor algum. — Quer terminar e não consegue ao menos me dar um motivo plausível para isso?

— Não transforme isso em mais difícil do que já está sendo, St. Claire.

Eu rio ainda mais em puro escárnio.

— Difícil? Jura? — debocho, a irritação me consumindo por inteira. — Eu sinceramente não estou mais te reconhecendo. Nesse exato momento você não é a pessoa por quem me apaixonei. Não sei o que deu em você, muito menos o que anda passando pela sua cabeça agora, mas eu não vou gastar minhas energias tentando compreender. *Você* pisou na bola comigo, *você* escondeu coisas de mim, *você* que me tratou com indiferença e agora vem me pedir pra não deixar as coisas mais difíceis do que já estão? Jura mesmo? — Leblanc tenta argumentar, mas eu o impeço, erguendo uma das minhas mãos. — Estou te dando a última chance de ser sincero. Então me diz, por favor, qual o motivo. Eu só preciso saber.

— Não sei se estou pronto para um relacionamento — diz, como se

não fosse nada. — Não sei se posso ser quem que você quer que eu seja. Eu vacilei antes, como vou saber que não vou vacilar depois?

— Mas isso não é uma escolha só sua. É uma escolha minha também. — Dou mais um passo em sua direção, desfazendo qualquer distância. Se ele estava machucado por ter errado comigo, então eu estava pronta para mostrar que estava bem com aquilo. Erros acontecem, nunca esperei perfeição da parte dele. Eu só precisava que não se cobrasse tanto. Que me ouvisse e tentasse nunca mais ir por aquele caminho novamente. Tentando fazer com que entendesse, toco seu rosto com minhas mãos e escovo a maçã da sua bochecha com o polegar. — Você não precisa desistir de nós por um erro. Um único erro, Devin. Nós não abandonamos quem amamos quando eles erram. Nossa função é apontar o erro e fazer com que eles enxerguem a gravidade. Eu te mostrei, você enxergou, me pediu desculpas e eu aceitei. Está tudo bem, sério. Não precisa se martirizar por isso, muito menos achar que não está pronto para um relacionamento.

Sua pele se arrepia com o meu toque, aproveito da situação para quebrar ainda mais a distância mínima que sobrara entre nós. Nossos narizes se tocam, assim como nossas bocas, que ficam em um roçar suave. Fecho os olhos e o escuto arfar. Estou pronta para colar nossos lábios com certa urgência, mas sinto suas mãos em meu ombro, me empurrando levemente para trás.

Pisco uma, duas, três vezes.

Ele nega, dando um passo para trás.

— Só... Só me desculpa. Me desculpa por tudo. Me desculpa por ser fraco e idiota. Eu espero que você me perdoe e possa me compreender quando tudo se acertar. Fiz isso pelo seu bem. Pelo *nosso* bem. — Gira sob

os calcanhares, pronto para sair da cozinha e da minha casa, mas antes se vira uma última vez para me dizer: — Não quero que se sinta mal sem mim. Por favor, não pense nem por um segundo em descer do seu topo. Apesar de tudo, eu nunca fui o motivo de você ter conseguido chegar lá. O mérito é total seu, a sua força deixa bem claro isso. — Outra lágrima desce, mas dessa vez não faz questão de limpar. Ele para de falar só por alguns segundos, tentando se recompor ao respirar. Quando parece pronto, continua: — Fique bem, boneca. Desculpa mais uma vez.

E vai embora.

A porta bate e o meu coração bate ainda mais dentro da minha caixa torácica. Olho para a panqueca e ela parece me causar náusea, o gosto da bile invadindo minha língua. Deixo tudo para trás e saio do cômodo, correndo até encontrar as escadas, subindo de dois em dois como se a minha vida dependesse disso.

Adentro o meu quarto e me jogo na cama, protegendo-me do mundo com as cobertas. Meus ombros sobem e descem agora, o choro irrompendo minha garganta e preenchendo o espaço de modo torturante.

Choro por tanto tempo que começo a ficar sem ter o que botar para fora. Não sei em que momento acontece, mas sei que pego no sono ao ficar cansada demais.

E, por ironia do destino, dessa vez, após tanto tempo, sonho uma outra vez com a minha mãe. Nós estamos no centro do heliponto, ela veste a mesma roupa e possui o mesmo rosto angelical. Barbara, a mulher que havia me dado a vida, não me destrata quando me encontra.

É aí que percebo que não é um pesadelo.

É realmente um sonho dessa vez.

Mamãe me abraça, diz que eu nunca fui culpada de nada e que sente muito orgulho da mulher que me tornei. Suas mãos afagam meus cabelos e ela diz pela primeira vez que me ama.

Que tudo ficará bem.

Nos seus braços, sinto a dor diminuir. Nos seus braços, rezo para que seja verdade a mensagem que resolveu me trazer esta noite.



35

*"Vamos ter uma noite das garotas esta noite
Mal posso esperar para viver isso hoje à noite
É uma noite das garotas
Sem garotos, sem garotos."*

GIRLS NIGHT OUT | CHARLI XCX.

Barbie St. Claire

O pote de sorvete de morango e baunilha preso entre minhas coxas não me deixa mais tão feliz quanto antes. Escrutino toda a cor rosa e creme espremidas em seu recipiente e, mesmo que eu esteja com um ar soturno me deixando enjoada, não deixo de enfiar a colher por ali e me apresentar com uma quantidade generosa de sorvete. Estalo a língua no céu da boca enquanto sorvo o sabor adocicado e gelado, mas nada acontece. Pasha e Georgina me olham com as sobrancelhas erguidas quase que no couro cabeludo, ansiosas por uma resposta animada da minha parte. Apenas dou de ombros.

— Nada? — a loira indaga, bufando exasperada assim que balanço a cabeça negativamente. — Mas sorvete de morango não é o seu favorito?

— Sim, é o meu favorito. Apesar disso, nada aconteceu. — Empurro o pote de sorvete para Georgina, que está sentada à minha frente. Ela o pega e o repousa agora em seu colo, usando da sua colher para retirar uma bola de sorvete cor de rosa. Flexiono os joelhos e me levanto do chão, rumando para o sofá pequeno. Assim que jogo meu corpo de qualquer jeito no lugar ao lado

da ruiva, inspiro todo o ar para dentro do meu pulmão, soltando-o logo após pela fresta entre meus lábios. — Acho que acabamos de ter a confirmação de que nem sorvete tem o poder de curar um coração quebrado.

Assim que contei ontem para as meninas sobre o término do meu namoro com Devin, ambas decidiram que precisávamos fazer alguma coisa hoje para me tirar do fundo do poço, assim que terminássemos nosso expediente. Decidimos que a casa de Georgina seria uma boa opção para a noite só de garotas, pois a nossa amiga morava em um apartamento sozinha, diferente de mim e Pasha, que morávamos com nossos tios. Como festas estavam em total fora de cogitação para mim, já que não tinha nem um tipo de disposição para comparecer nem mesmo se quisesse, resolvi aceitar a companhia delas. As duas fizeram de tudo para me animar, incluindo comprar o meu sorvete favorito e colocar New Kids On The Block para ressoar através das caixinhas de som espalhadas estrategicamente pelo apartamento.

Aprecio todo o suporte que estão me dando nesse momento e, sinceramente, se pudesse, fingiria que estava dando mesmo certo, mas não consigo fingir meus sentimentos quando se trata *dele*. Não consigo mascarar meus sentimentos e colocar um sorriso no rosto só por saber que assim será melhor. Só por saber que assim não terei que cuspir em palavras cada pequeno pedaço do meu coração que chora e implora para ser escutado. Que implora para que alguém o ouça e faça o favor de arrancar a dor alastrante e impregnada dentro dele. Poderia até ser mais fácil, mas está doendo e não tenho como fingir o contrário, principalmente para elas.

Acho que de tudo o que mais me dói é saber que Devin não teve nem ao menos a coragem de dizer em voz alta o que vinha lhe corroendo por dentro sobre nós dois. Não teve a mínima coragem de olhar em meus olhos e

me dar um argumento válido e pertinente que o fez simplesmente desistir de nós. Seu argumento havia sido tão raso, tão superficial... Eu simplesmente não conseguia compreender, mesmo que tivesse se passado dois dias para eu conseguir assimilar e digerir tudo. Não conseguia compreender por simplesmente ter sido ele quem me fez acreditar que poderíamos dar certo juntos. Boa parte da nossa história tinha ocorrido por mérito dele, que em nenhum momento desacreditou do que sentia em relação a mim e, além disso, não desacreditou em nenhum momento do que eu sentia, mesmo que eu tivesse o afastado a princípio.

Sempre foi paciente e trilhou um caminho lindo junto a mim, guiando nossos corações para que juntos formassem um só. Então é aí que eu me pergunto; se havíamos nos tornado um só desde então, por qual motivo teria sido ele a separá-los com suas próprias mãos, mesmo que tivesse tido boa parte da culpa de puxá-los um no outro como malditos imãs?

Não fazia o menor sentido para mim.

Embora eu estivesse mais taciturna esses últimos dias, não chorei mais desde a noite em que tudo acabou. Honestamente, gosto de acreditar que já expeli todas as lágrimas do meu corpo e não sobrou mais nada do estoque. Mas eu sei que, na real, a verdade não é bem essa. A real é que se eu continuar chorando e me enfiando novamente em uma bolha de melancolia, vou começar a enxergar nós dois como um erro em que fui estupidamente sugada uma segunda vez. E, embora tudo tivesse terminado como terminou, não conseguia e não queria pensar daquela forma.

Não quando eu ainda sentia que Devin Leblanc havia sido o meu maior acerto em anos.

— É por isso que eu não namoro — Georgina quebrou o silêncio que

tinha se instalado sobre nós, fazendo-nos encará-la. Ela continuava saboreando do sorvete agora quase derretido, alguns respingos dele caía e maculava sua blusa amarela com desenhos de margaridas, que combinava perfeitamente com a saia curta e justa da mesma estampa. — Não sei lidar com corações partidos e nem com toda essa merda.

Pasha riu assim que a escutou, descolando as costas do sofá levemente empoeirado para fincar os cotovelos nas coxas esguias. Os fios laranjas e extremamente lisos escorriam por suas costas, uma presilha em formato de cereja prendia a franja no topo de sua cabeça. A alasquiana vestia um cropped branco gelo felpudo de mangas longas, que deixava sua barriga parcialmente à mostra, e uma calça cargo vermelha com quadradinhos pretos, os coturnos com salto plataforma e de cor sangue vívido complementando tudo. O sorriso que adornava seus lábios carnudos com uma fina camada de gloss era carregado de sarcasmo quando resolveu perguntar:

— E você por algum acaso possui algum coração pra saber como ele fica quando está quebrado?

— Muito engraçadinha. — O sorriso da loira foi de pura ironia. — Eu tive uma paixonite no jardim de infância, tá legal? Nós dois éramos inseparáveis e ele adorava me presentear com desenhos que fazia na aula de artes. Um dia, quando resolvi declarar meus sentimentos no meio da classe e o pedi em namoro, fui surpreendida com o garoto gritando um não bem na minha cara, assim como fui surpreendida também com ele jogando um sanduíche de peito de peru no meu uniforme novinho. Chorei horrores e virei motivo de piada para a criançada. — Deu de ombros, intercalando o olhar entre nós duas. — Não posso fazer nada se fiquei traumatizada até hoje.

Nossas risadas saíram por nossas bocas de modo involuntário, o som estridente e engraçado de nós três reverberaram pela sala e por todos os

outros vestibulos lacônicos do apartamento minúsculo e singelo de Georgina. As palavras da loira, como sempre, trouxeram leveza ao nosso redor e o meu coração conseguiu, pelo menos por aquele minuto, ficar mais conformado e menos birrento dentro de mim. Enxuguei os cantos dos meus olhos com a barra do moletom que estava usando, o lampejo de um sorriso ainda presente em meu rosto.

— Ok. Tudo bem. — Stratford também retira o acúmulo da água nevoando suas íris castanhas, uma última risada lhe escapando. — Apesar de ter sido trágico, não consigo condenar o garoto. Escutar que *você* estava apaixonadinha por ele deve ter sido horrível.

— Ué, por quê? — ela rebate, como se não tivesse acreditado no que tinha acabado de escutar.

— Porque você devia ser insuportável quando criança. Se hoje em dia já é, imagina antes... — Pasha ergue os ombros, zombeteira. — O coitadinho se livrou, isso sim.

Georgina revira os olhos do comentário e levanta-se do chão, indo em direção a cozinha com o pote de sorvete já vazio em mãos. Quando retorna, seus olhos se fixam apenas em Pasha para que possa dizer diretamente a ela:

— Pois fique sabendo, mocinha, que ele logo depois veio me pedir desculpas, estava todo arrependido. Como uma boa rancorosa, a única coisa que fiz foi gritar na cara dele de volta e pedir para que meus pais me trocassem de turma só para nunca mais ter que olhá-lo nos olhos. — Ri, as lembranças fazendo com que viaje para longe. Um tempo depois, assim que parece ter voltado para a realidade, completa: — Bons tempos.

— Você provavelmente deixou uma criança pequena traumatizada. — Decido entrar na discussão, acomodando-me de modo mais confortável ainda

no sofá. Trago as minhas pernas para junto do meu peito, enlaçando-as com os meus braços, aproveitando da posição para descansar o queixo entre os joelhos.

Sinclair abre os lábios, chocada. Sua mão repousa sobre seu peito, indignação tomando conta de cada parte do seu rosto.

— Ele gritou comigo e jogou sanduíche em mim na frente de todo mundo! Se alguém ficou traumatizado, esse alguém *definitivamente* foi eu. — Senta-se novamente no chão, colocando uma almofada em seu colo para que pudesse sentar em posição de yoga. Fricciono os lábios para não rir, direcionando meu olhar para outra coisa que não fosse seu rosto. Apesar da minha tentativa, sou levada novamente a sua figura quando não deixa de falar: — Enfim, não vamos falar mais sobre a minha decepção amorosa e nem a da Barbie. Está na hora de falarmos sobre as suas, Stratford.

— Quem disse que tenho decepções amorosas? — rebate, rápida.

— Todo mundo tem decepções amorosas. — Georgina reitera, como se fosse óbvio.

— Bom, eu não tenho. — Pasha analisa as unhas longas, sacudindo os ombros ossudos. — Nunca fui de ficar sofrendo por garotos. Dediquei boa parte da minha vida a patinação artística, que sempre foi o meu grande amor. E aí quando descobrimos a doença da minha irmã, tive que abdicar dela para me concentrar em ajudar meus pais com Penelope. Ou seja, nunca tive tempo para ser uma adolescente comum. — Ela me olha, e sinto que nossos olhares se reconhecem. Nossas histórias se reconhecem de algum modo, apesar de certas diferenças entre elas. Devolvo um sorriso mínimo, tentando demonstrar que a compreendia perfeitamente. — Vocês já estão cansadas de saber que eu mudei totalmente quando Penelope morreu, certo? Pois então,

foi exatamente nesse tempo que comecei a frequentar festas, sair com caras barra pesada e me meter em muita e muita confusão. Depois eu me mudei pra cá e é isso... Nada de corações partidos, graças a Deus.

— Se não teve o coração partido, então certamente que partiu o de alguém — é Georgina quem diz, os olhos brilhando em expectativa para descobrir mais sobre o passado da garota do Alasca. — Certo?

Pasha abre a boca para responder, mas eu a impeço, seguindo na frente ao dizer:

— É sério que vocês querem continuar com esse papo de quem quebrou o coração de quem? — Bufo, balançando a cabeça de um lado para outro. — Sinto muito em dizer, mas não estão me ajudando em nada. Me atrevo a dizer até que só está aumentando minha dor de cabeça.

É óbvio que eu não estava com dor de cabeça, mas iria sim usar essa desculpa. Falar de corações partidos não estava ajudando em nada, muito pelo contrário, na verdade. Falar sobre corações partidos fazia me lembrar de que o meu estava só os caquinhos. Eu, mais do que ninguém, gostaria de fazer qualquer outra coisa que me fizesse esquecer disso pelo menos por um curto período de tempo.

— Perdão, B. — Sinclair projeta o lábio inferior para baixo, saindo do chão para se sentar ao meu lado, no braço do sofá. Sua mão repousa na minha cabeça, alisando-a em um carinho breve. — Sobre o que você deseja conversar?

— Qualquer coisa que não envolva garotos e corações quebrados — explico, concisa.

— Poxa, só porque eu ia mencionar que estão surgindo rumores que Johnny Depp e Winona Ryder teriam terminado o noivado — Pasha soltou,

mas não parecia irônica ou algo do tipo. No seu rosto até que estava explícito que gostaria muito de debater sobre o assunto que eu sabia estar assolando o mundo hollywoodiano. Georgina quase a fulminou com o olhar, ela apenas ergueu as palmas da mão em sinal claro de rendição. — O quê? Desculpa! Eu só quis comentar, gente. Está em todos os jornais...

— E daí? Não é hora de falarmos sobre aquele casal perfeito. — Eu arregalei os olhos para a loira, repreensiva. — Quer dizer, não é hora de falarmos sobre aquele casal sem graça.

Isso me faz rir. Na verdade, faz todas as três rirem.

— Você é ótima — a elogio, sorrindo. — Vocês são ótimas. — Olho para Pasha, que sorri agradecida. — Obrigada por estarem comigo nesse momento.

— É isso que amigas fazem, huh? — a alasquiana ergue as sobrancelhas laranjas e bem feitas, um sorrisinho querendo estampar seu rosto.

— Está finalmente assumindo que somos amigas? — pergunto para ela, boquiaberta.

— Meu Deus, hoje vai nevar em Hellaware — Georgina complementa, também em puro choque.

— É melhor vocês fiquem caladas, posso me arrepender arduamente disso aqui se vocês continuarem falando e falando. — Se levanta do sofá, o som da plataforma do seu coturno se chocando contra o assoalho. Ela para perto da tevê, as mãos espalmadas na cintura quando se vira para a gente, perguntando: — Que tal colocarmos um filminho para passarmos a noite?

— Ótimo — dissemos em uníssono.

Pasha se agacha e começa a mexer em alguns filmes de Georgina, que ficam empilhados sob o vídeo cassete dela. Depois de poucos minutos procurando o que deveríamos assistir, se levanta com um em mãos. Ela gira nos calcanhares, ficando em nossa frente, os cantos dos lábios se erguendo em um meio sorriso. Quando estica o braço em nossa direção para mostrar a capa, reconheço a garota coberta de sangue e assimilo como sendo o filme *Carrie - A Estranha*.

— Nada como assistir mulheres vingativas nesse exato momento, certo?

Nós rimos e ela coloca a fita para rodar. Quando as primeiras cenas parecem surgir na tela, senta-se agora no meio entre eu e Georgina. Nós nos enrolamos no cobertor — que estava atrás do sofá — e passamos as próximas horas concentradas em *Carrie* e todas as pessoas patéticas que não a compreendiam.

Georgina grita revoltada em certas cenas e Pasha chora em outras, ambas se aninhando cada vez mais perto de mim ao decorrer do longa. Contudo, não protesto. A única coisa que faço é me aninhar ainda mais a elas e agradecer por ter finalmente com quem contar nos momentos que preciso.



No dia seguinte, estou fazendo compras junto de tia Amber. Ela também sabe do que aconteceu, por isso faz questão de me incluir em todas as coisas que vai fazer só para que eu não fique sozinha, até mesmo me arrastar para o supermercado contra a minha vontade. Como conseguia ser muito persuasiva e convincente quando queria, acabou me fazendo aceitar sua sugestão de saída. Me enfiei em uma calça de moletom rosa bebê desgastada e uma camiseta larga com todos os personagens do desenho

Ursinho Pooh por dentro dela, totalmente desleixada. Não fiz a menor questão de arrumar o cabelo e o mantive preso em um rabo de cavalo no alto da minha cabeça, alguns fios soltos e totalmente bagunçados por pura preguiça de me manter ao menos descente.

Amber agora segue na direção dos produtos de limpeza e eu sigo o caminho contrário, arrastando meus passos até ficar de frente da prateleira repleta de biscoitos e doces. Pesco uma grande quantidade de todos eles e os jogo no carrinho, empurrando-o para o outro lado.

Trinta minutos depois, passamos todas as compras no caixa e seguimos até o Fordi Capri vermelho de titia. Me aconchego no banco da frente, passando o cinto sobre meu corpo. Ela apruma a postura ao se arrumar no banco do motorista e coloca os óculos escuros no topo da cabeça, inclinando o tronco para aumentar a música no rádio. Ramones começa a retumbar por todo o conversível, fazendo Amber St. Claire sorrir vitoriosa ao ter uma banda de rock embalando nosso caminho de volta para casa.

Tombo a cabeça no vidro da janela e observo todo o trajeto de modo silencioso, quase o sono me tomando por completa e fazendo com que minhas pálpebras se fechem. No entanto, quando estou pronta para deixar que isso aconteça, o carro é estacionado em frente de casa. Coço os olhos algumas vezes para ver se quem nos espera sentada nas escadinhas da varanda é mesmo quem eu estou vendo ou é algum tipo de miragem do sono.

Mas realmente é ela.

É Violet Mohn.

Uno as sobrancelhas e desço do carro, vincos se formando entre minhas sobrancelhas ao flagrá-la realmente ali, agora se levantando para me alcançar. Pego algumas compras na mala do carro e me viro em sua direção.

Dessa vez está livre da jaqueta de couro, mas usa uma jaqueta jeans escura, um top faixa de cor vinho, que exhibe todas as tatuagens desenhada em sua barriga, e calça preta rasgada nos joelhos, servindo como uma segunda pele que delineia muito bem cada curva exuberante do seu corpo.

— Olá, Barbie! — Sorri ao se aproximar, o batom escuro envolvendo seus lábios finos. Os olhos castanhos, que me observam atentamente, ficam cada vez mais claros por causa do sol, assim como seu cabelo, e contrastam perfeitamente com o delineado preto e grosso em suas pálpebras. — Desculpa aparecer assim de surpresa em sua casa, mas tem algo que preciso te contar... É sobre o Devin.

Assinto e com a curiosidade me consumindo por inteira, a convido para entrar em casa. Ela aceita e fica atrás de mim, seguindo meus passos assim que passo pela porta já aberta. Me desvio até a mesa e coloco as sacolas de compras ali, agora me direcionando até as escadas. Olho para Violet sobre os ombros, chamando-a para conversamos em particular no meu quarto.

Assim que adentramos no cômodo, peço para que se sente em minha cama e ela aceita. Depois, fecho a porta e puxo um banquinho que enfeita meu quarto, sentando-me em sua frente. Mohn descansa as mãos nas coxas e morde o interior da bochecha, receosa para começar.

Espero pacientemente para que se sinta pronta para conversar.

Quando isso acontece e a garota dos The Hurricane Freedom começa a falar sobre os motivos que a trouxeram até aqui, meu queixo vai chão e pisco um par de vezes para tentar compreender.

Quando tudo parece fazer sentido para mim, é impossível não me martirizar.

Como eu havia sido tão estúpida ao ponto de não perceber o que estava a um palmo do meu nariz?



36

*"Tipo montanha russa, montanha russa
Girando e girando por um tempo, querida
Tipo montanha russa, montanha russa
Por um minuto estivemos em cima, mas no
próximo nós estávamos caindo."*

ROLLER COASTER | JUSTIN BIEBER.

Devin Leblanc

Amar alguém é como um belo dia de verão. Você sente o sol, ele toma conta do seu corpo e aquece cada centímetro dele. Você sua, a respiração fica entrecortada e o coração parece acelerar contra as suas costelas. Apesar da sensação levemente sufocante, você gosta, afinal de contas, o verão é lindo, é mágico e tudo nele parece reconfortante de alguma forma que ninguém sabe explicar. O amor costuma ter esse efeito nas pessoas que o experimenta também.

Mas amar alguém também é como uma noite feroz de inverno.

Ela lhe invade e te arrebatava no segundo seguinte em que a sente. Você sente o ar extremamente gélido e, embora pareça preparado e protegido, ainda assim não é suficiente para se livrar da dor que ele lhe causa em certo momento. A dor do frio costuma ser tanta que chega a invadir seu sistema,

enviando leves ondulações dela para seus ossos, que parecem se contrair e quebrar dentro do seu próprio corpo. É exatamente assim que você se sente quando o amor muda de vertente. Você sente a dor. Você a sente se alastrando dentro de seu âmago e machucando cada parte da sua estrutura óssea.

Embora amar Barbie St. Claire sempre tenha sido sobre um belo dia de verão, principalmente por seus olhos abrigarem o mais bonito dele, após aquele dia, tudo mudou.

Após aquele dia, tudo o que eu sinto é o frio me consumindo e se alastrando por cada molécula borbulhante dentro de mim. Tudo o que eu sinto se resume a dor. Tudo o que eu sinto se resume a ossos e corações quebrados.

Tudo por culpa daquele maldito dia.

Achei que a lavagem de carros dos The Hurricane Freedom fosse ser mais um dia glorioso em minha vida, mas é óbvio que eu estava enganado. Fodidamente enganado. O destino já estava pronto para rir da minha cara quando decidiu que Jasper Clement iria dar a sua cartada final para mim bem ali, onde todas as pessoas mais importantes da minha vida se reuniam. Eu não era inocente ao ponto de acreditar que ele fosse deixar barato a surra que eu tinha dado nele, muito menos cheguei a cogitar que ele deixasse para lá todas as ameaças que proferi em sua cara e todo o prejuízo que os cinco garotos trazidos por meu pai haviam deixado em sua família. Mas realmente fui idiota ao acreditar pelo menos um pouco que aquilo não pudesse atingir a Barbie. Que aquilo não pudesse atingir nós dois. Eu esperava ameaças direcionadas a mim ou a meu pai, tentativas de me parar com algum tipo de boicote, mas não queria e nem poderia acreditar no que ele estava pronto para jogar em minha cara quando decidiu parar o carro ao

meu lado. Quando decidiu arruinar o meu relacionamento, com aquele sorriso idiota e completamente diabólico em seu rosto.

O loiro estava decidido no que queria. Completamente decidido. Ele mirou os olhos azuis em minha direção e me deu duas opções: ou eu deixava sua família "trabalhar" em paz na cidade e terminasse o meu namoro, deixando o caminho livre para ele reconquistar a boneca, ou eu teria que ver Blue, Anastasia, Daisy, Ivy e Apollo voltando para as suas vidas infernais antes de serem salvos por Hunter. Para me garantir que ele e sua família ainda tinha o controle dos pais dos garotos, fez questão de me mostrar uma foto de cada um deles na clínica, dizendo que tinha um funcionário lá trabalhando para eles de olhos em todos. Fui pego de surpresa e tentei argumentar, procurando algo que mostrasse que ele estava blefando, mas aparentemente não estava, já que tinha uma resposta bem elaborada na ponta da língua para todas as perguntas que saíam nervosamente entre meus lábios. Tentei descobrir se os pais dele estavam envolvidos nisso ou se era só ele querendo de uma forma ensandecida a Barbie de volta, pois não fazia sentido sua ameaça, principalmente por meu pai ter me dito que os cinco conseguiam faturar muito para a família Clement lá em Gipsy Hill... Então qual o motivo de de repente estarem abrindo mão deles pelo meu silêncio sobre o esquema novo em Helloware?

— Não seja bobo, Leblanc, não combina nada com você. Gipsy Hill é uma cidade pequena e tomada pela criminalidade. Embora minha família tenha estado no topo da hierarquia, ainda tínhamos muita concorrência. Aqui, no entanto, é um pouco maior e as drogas que circulam são de péssima qualidade. Estamos aqui tem pouco tempo e já estamos conseguindo faturar uma grana ótima, expandido e fazendo nosso nome. Os garotos foram ótimos para nós lá na cidade vizinha, mas aqui já tem muitos outros querendo até se voluntariar para trabalhar — foi o que ele respondeu,

assim que questioneei. Sorriu, uma pequena risada sádica irrompendo de sua garganta. — É bom de vez em quando sair da sua bolha, Devin. Se você conhecesse mesmo sua cidade como tanto diz, saberia que existem jovens e adultos na miséria esperando loucamente uma oportunidade para subir na vida. Ainda bem que nós chegamos, *huh?* Mas e aí, o que me diz? Vai ser egoísta ao ponto de pensar apenas na sua felicidade ou vai fazer o papel de mocinho salvador de cinco garotinhos indefesos?

E foi assim que Jasper me desabou. Simples assim, Jasper Clement conseguiu me desestruturar, pois tocou exatamente no meu ponto fraco. Não sei como descobriu, mas provavelmente conseguiu um jeito de descobrir coisas acerca da minha pessoa que trariam benefícios para a sua. E é óbvio que eu jamais seria egoísta ao ponto de permitir que os garotos voltassem a viver sobre tamanha crueldade, principalmente quando eu havia prometido ao meu pai que faria o possível e o impossível para protegê-los. Então tive que me forçar a concordar com o seu acordo. Mesmo que doesse como um inferno, concordei que terminaria tudo com a Barbie e não ousaria dizer o motivo real por trás daquilo. Quando sorriu satisfeito e foi embora, soube que tinha perdido tudo. Seria a segunda vez que eu mentiria para St. Claire e sentia que dessa vez não tinha como merecer um perdão da sua parte.

Não depois de ter estragado tudo.

Eu a olhei naquele mesmo dia e o meu mundo pareceu ter desabado um pouco mais. O jeito como me olhava de volta e tentava destrinchar meus pensamentos estava me corroendo por dentro. A preocupação pelo meu jeito indiferente estava estampado em seu rosto. E eu gostaria muito de ter jogado tudo para o ar nos momentos em que ela dizia que me perdoava, mas o medo não deixou. Eu precisava agir daquela forma. Eu precisava... por nós. Por todos nós. Enquanto eu não tivesse um plano

bom de fato para impedir toda aquela família, precisava seguir com o combinado. Mesmo que eu quisesse muito, não poderia botar a vida de ninguém em risco só por ser impulsivo. Naquele dia eu senti uma dor que nunca senti na vida. Eu achava que esse e os dias que a ignorei foram os piores, mas o dia em que bati na sua porta e terminei tudo definitivamente conseguiu ganhar de todos eles. Minha voz não saía, parecia que tinha mãos invisíveis apertando com força a minha garganta e o meu coração parecia que a qualquer momento poderia parar, só em ter que assisti-la sucumbir em dor. Só em ter que assisti-la duvidar dos meus sentimentos, quando eles sempre pareceram extremamente certos para mim.

Barbie quebrou naquele dia do nosso término, eu conseguia ver através de seus olhos marejados. Seus lábios tremiam, assim como suas mãos. Me xinguei de diversas formas possíveis, pois querendo ou não, aceitando ou não, eu era o culpado. Eu era o culpado por nossa queda e por todas as dores derivadas dela. Se eu tivesse agido mais rápido na hora de pará-lo, nada disso teria acontecido. Não haveria dor, não haveria mágoa e nosso relacionamento se manteria seguro como sempre foi. Agora, depois do que aconteceu, me pergunto se há uma segunda chance para nós.

Sinceramente, tenho medo de descobrir a resposta.

Mas a única resposta que tenho no momento é que vou pará-lo.

Nem que seja a última coisa que eu faça.

— Você precisa sair dessa foça que se enfiou, cara — John diz, atraindo minha atenção para si. Estamos eu, ele e Kieran no meu trailer. Os dois estão jogando *Super Mario World*, enquanto eu estou afundado na minha cama e em meus pensamentos. — Você foi quem terminou, então não fique aí se fazendo de vítima. Se está sofrendo como um condenado, então me

explique por qual razão não vai atrás da Barbie? Por qual razão não reata? Essa história está muito mal contada, isso sim. Se eu fosse mais inteligente do que sou, você estaria ferrado.

Ele não sabe do que aconteceu. Na verdade, nenhum dos meus amigos sabe. O único pra quem contei foi meu pai, pois precisava desabafar e precisava ouvir seus conselhos sábios.

Dou de ombros.

— Ferrado? Por quê? — pergunto, cruzando os braços.

— Porque eu teria entendido tudo. O problema é que não estou entendendo nada. — Sacode os ombros para cima. Seus olhos continuam presos no jogo, tentando ganhar a partida. — Não me convenci com o seu papo de que estavam passando por problemas. Na verdade, o que parecia era que vocês não possuíam problema algum. Eram o exemplo de casal perfeição.

— Por que você insiste em tocar nesse assunto? — Kieran questiona para ele, as sobrancelhas escuras e grossas arqueadas. — Deixa o Devin em paz. Se concentra na partida que você ganha mais.

John entreabre os lábios e pisca várias vezes, em choque. Ele leva a mão tatuada até o peito desnudo e finge uma expressão ofendida. Kieran apenas rola os olhos e dá um leve tapa em sua nuca, mandando-o se concentrar.

Agradeço a Deus por Kieran ter interrompido os questionamentos de Scott. Sinceramente, não saberia mais o que responder. Meu esclarecimento sobre o término foi fútil e superficial, mas pareceu suficiente para que os outros não enchessem o meu saco com mais perguntas e explicações. Acho que eles perceberam através do meu semblante o quanto

aquilo estava me fazendo mal e o quanto eu não queria falar sobre ele, mas é óbvio que isso não se aplicaria a John, já que continua sendo o único a me atormentar ao cobrar mais explicações sobre tudo o que rolou entre mim e Barbie.

Vem sendo cada vez mais difícil lidar com todo esse teatro que me obrigaram a fazer parte.

Bufo baixinho, frustrado. Decido me levantar da cama e direcionar meus passos até eles, que estão sentados no assoalho de madeira. Me posiciono ao lado de Kieran e ele sorri sem mostrar os dentes, balançando a cabeça em aprovação por eu ter finalmente aceitado jogar com eles.

Depois de vinte minutos brincando com o Super Mário, Violet bate na porta e faz a nossa tarde com a sua ilustre presença. Ela tem o cabelo castanho preso em um coque desleixado e um cigarro repousado em sua orelha, como de costume. Usa uma camiseta branca grande demais para o seu corpo, que possui um desenho da Princesa Leia de Star Wars, e assim que levanta seus braços para se espreguiçar perto o bastante de nós, conseguimos ver a calcinha short de cor preta que usa por baixo. Apesar do olhar malicioso de John para suas pernas, ela não se importa nem um pouco.

— Nunca viu mulher, não? — indaga, semicerrando os olhos para o nosso amigo. Ele morde um sorriso, os olhos brilhando em diversão.

— Como você, não — provoca.

— Seu amor encubado por mim já está chato — rebate, revirando os olhos. Também aproveita para se sentar junto conosco, no chão.
— Parte para outra, garotão.

John ri do seu comentário convencido, puxando-a para um abraço. Ela tenta desviar, mas acaba cedendo quando ele a aperta ainda mais

contra seu corpo, impedindo sua fuga. Por mais incrível que pareça, Violet se dá por vencida e fica aninhada bem ali, no colo do nosso melhor amigo. Suas pernas longas se dobram e ela as coloca no colo de Kieran agora, que está a sua frente. McAllister não protesta, entretanto. Até fica mexendo em seus dedos, fazendo massagem quando a garota pede.

É impossível não sorrir com a cena.

— Folgada — sibilo. Balanço a cabeça de um lado para o outro, fingindo estar inconformado com o fato dela ter chegado tão espaçosa.

— Não posso fazer nada se eu mando em todos vocês — menciona, a sombra de um sorriso pincelando seus lábios. — Muito menos fazer algo sobre o fato de vocês serem loucos por mim.

— Ah, cala a boca — Kieran sai na frente ao discordar de sua fala, mesmo que possua um sutil erguer de lábios desfazendo sua postura.

Violet projeta o lábio inferior para baixo, fingindo estar triste ao ser contrariada. Depois de alguns segundos, parecendo se lembrar de algo, solta:

— Vocês estão sabendo da festa que vai rolar na fraternidade da HU próxima semana? Dizem que vai ser a melhor que eles já deram.

— A fraternidade das gostosas? — John pergunta, animado. — Conte-me mais, furacão. Fiquei subitamente interessado agora.

Eu, que estava a um passo de me desligar da conversa, aprumo a postura e presto atenção em tudo que Violet tem para falar sobre a tal festa, até então desconhecida por nós. Ela comenta sobre como recebeu o convite de uma das garotas e diz que escutou por aí que tudo indica que o evento irá reunir quase todos os jovens da cidade. Mohn continua falando toda animada,

mas eu simplesmente paro de prestar atenção no que quer que esteja saindo de sua boca, pois minha atenção foi totalmente voltada para suas últimas palavras.

"Tudo indica que o evento irá reunir quase todos os jovens da cidade" ecoa em minha mente, como se fosse um grande sinal vermelho de alerta.

Sorriso.

Era a isca perfeita que eu precisava.



À noite, quando estou pilotando com a minha Ducati Monster pela cidade, tentando espreitar sobre como prosseguir nos próximos dias, sinto o meu coração doer ainda mais em saudade. Ele costuma me sufocar boa parte do tempo, mas agora a sensação é surreal e intensamente pior. Tenho certeza que ele implora para ser levado para um lugar em específico. Por isso, quando percebo, estou fazendo a curva na rua escura e desértica, me direcionando para o lugar onde o meu coração se sente em casa.

Estaciono em Starryland longos minutos depois.

Meu coração pulsa em reconhecimento assim que passo pelas portas, o grito das pessoas se divertindo nos mais variados brinquedos me atingindo em cheio. Passo pela montanha-russa, pelo carrossel, pelos carrinhos bate-bate e, algum tempo depois, passo pela roda-gigante. O sentimento que me invade ao ver o brinquedo é indescritível. Meu estômago embrulha e o coração troveja, as lembranças inundando a minha mente como a droga de um tsunami. Tenho certeza que se eu fechar os olhos agora, bem aqui, consigo ver o seu rosto no dia em que nos beijamos. Consigo ver o seu

rosto, o seu sorriso e os seus olhos azuis brilhando de modo tão intenso quanto as estrelas que cobriam o céu naquela noite. Se eu fechar os olhos, consigo sentir Barbie bem aqui, ao meu lado.

Estou tentado a fechar mesmo os olhos, mas não quero me martirizar mais do que já estou. Então eu me forço a girar nos calcanhares, arrastando os passos para onde ela trabalha. Contudo, quando me aproximo o suficiente, mesmo que alguns metros de distância ainda nos separando, vejo a porta do Fast Rocket se abrir. Eu congelo no mesmo lugar, assistindo-a sair do estabelecimento em uma espécie de câmera lenta. Barbie veste uma saia quadriculada de cor rosa salmão, uma blusa de mangas longas e gola alta por dentro dela. Também há uma meia 3/4 de um branco transparente cobrindo parte de suas pernas, o All Star indispensável também está presente por ali. Os cabelos longos e dourados estão com uma boina da mesma cor da saia no topo deles, e os fios dançam conforme o vento, uma bagunça linda e encaracolada nas pontas se formando em suas costas.

Tento não sorrir, mas é inevitável.

Ela está linda.

Por impulso, dou um passo para a frente, na intenção de ir em sua direção. Porém, antes que eu encurte realmente nossa distância, sou pego de surpresa assim que vejo uma pessoa se aproximar dela. Estive todo tempo a admirando que não percebi que havia alguém lhe esperando do lado de fora.

Estive todo tempo a admirando que não percebi *quem* é a pessoa lhe esperando do lado de fora.

Meu mundo parece parar ao reconhecê-lo.

Ambos se cumprimentam e seguem caminhando pelo parque, sorrisos estampados no rosto de cada um. Isso faz com que meus olhos

embacem e o gosto da bile me invada, algo dentro do meu estômago dando um giro de trezentos e sessenta graus ao observar a cena.

Barbie está ao lado de Jasper, rindo de algo que ele diz em seu ouvido, enquanto se afastam cada vez mais rumo a saída.

E isso é o bastante para que eu sinta a necessidade de socar algo. A necessidade de gritar. A necessidade de implorar para que ela se afaste dele e não mova mais um passo. Mas, contrariando todas as coisas que eu sinto fervendo dentro de mim, continuo estagnado no mesmo lugar, como se eu fosse incapaz de mover um músculo. Continuo com meus olhos cravados nos dois, assistindo-a ir embora para longe.

Para longe de mim.

Soltando todo o ar que parecia ter estado preso por muito tempo no meu pulmão, chego à conclusão que eu e Barbie não estivemos o tempo todo no topo de uma roda-gigante como acreditávamos. Agora, sinceramente, começo a me perguntar se não estivemos no alto de uma montanha-russa durante todo esse tempo. Desfrutando do topo por um minuto, mas caindo de cima dele no segundo seguinte.

E, assim que passam pela porta do parque, sinto meu coração ir junto com ela nessa nossa queda.



37

*"Se lembra daquelas paredes que construí?
Bem, amor, elas estão desmoronando.
E elas nem sequer resistiram à queda,
Elas nem sequer fizeram barulho.
Todas as regras que eu tinha, amor, você
está quebrando.
É um risco que decidi correr.
Nunca me afastarei de você novamente. "*
HALO | BEYONCÉ.

Devin Leblanc

Assistir Barbie indo embora de Starryland ao lado de Jasper foi pior do que se alguém tivesse cravado uma faca de dois gumes em minhas costas e a girasse no ferimento aberto sei lá quantas vezes. Sentir uma leve raiva por ela ter cedido novamente ao papo manipulador, mesmo que estivesse ciente de todas as coisas que ele aprontou, foi inevitável. Porém, ao mesmo tempo que foi inevitável, também foi passageiro. Eu simplesmente não consegui fazer a linha hipócrita e jogar o peso do problema em suas costas, afinal, ela era a vítima ali. Barbie não sabia do que estava acontecendo ao seu redor e eu não poderia culpá-la por isso, já que fui eu o idiota que resolveu guardar segredo. Já que fui eu o idiota que aceitou deixar o "caminho livre" para que o nojento preparasse novamente o seu território, mesmo que sobre ameaça, obviamente. Embora tenha sido uma das piores coisas que tive que presenciar na vida, não poderia me machucar ainda mais

tirando conclusões precipitadas do que eu tinha visto. Eles estavam rindo e saíram juntos do parque, não significava nada, certo?

Não significava que estava rolando algo ali.

Bom, foi o que eu tentei repetir para mim mesmo ao longo da semana, já que não poderia desfocar minha atenção do real problema disso tudo. O tempo estava correndo, as pessoas continuavam sobre ameaça, Barbie estava em perigo e eu precisava ser mais rápido. A festa da fraternidade mencionada por Violet tinha que ser a isca perfeita só pela concentração enlouquecedora de jovens que marcariam presença. Era nítido que ele iria agir. E era nítido que eu também ia. Eu iria lá, ficaria o mais afastado possível e estudaria cada um dos seus passos.

Sim, eu. Somente eu. Todas as pessoas que eu tentei contatar, até o grupo de motociclistas que frequenta o *Anchor Of Death*, não aceitaram me ajudar se eu precisasse de uma força para enxotá-los da cidade. Pelo que parecia, a família Clement já estava começando a dividir Hellaware e eles não queriam fazer parte de um só lado. De acordo com o líder do grupo, começar uma briga agora seria uma burrice, pois não tinham a certeza do final disso tudo e temiam que o outro lado fosse muito mais forte. Eles cagaram totalmente para a ajuda que um dia eu e meu pai demos e lavaram as mãos, nem aí se um problema começava a atormentar a mim e as pessoas que amo. O único que havia sobrado era Peter, o ruivo que lavei a moto de graça no dia da lavagem. Ele ainda não havia me retribuído o favor e eu acreditava que hoje isso poderia muito bem acontecer. Peter seria uma peça de extrema importância para o jogo de xadrez que estávamos vivendo.

O espelho reflete a minha imagem de uma forma tão bizarra que chego a franzir o rosto em uma careta ao notar a expressão de derrota estampada em cada traço do meu rosto. Há bolsas arroxeadas abaixo dos

meus olhos verdes e eu posso jurar que floresceram infinitas rugas de preocupação por ali. Apesar disso, a roupa que visto para a tão aguardada noite não me deixa desarrumado e muito menos acabado, como eu pensei que ficaria. A camiseta bege floral, que peguei emprestada de Hunter unicamente para hoje, tem os dois primeiros botões abertos e dão uma bela visão para o meu peito. Os colares de costume permanecem comigo, assim como a calça preta rasgada nos joelhos e as botas preta surradas. Mesmo querendo ficar diferente do que sou habitualmente, não consigo mais do que isso. Por fim, penteio meu cabelo todo para trás e solto uma densa e longa lufada de ar quando saio do banheiro e paro em frente a Violet, que continua sentada despretensiosamente em minha cama, a camisola de seda fazendo-me arquear as sobrancelhas em um questionamento claro.

— Por que diabos você ainda não está pronta, mulher? Estamos claramente atrasados.

— Eu não vou, Devin — responde, dando de ombros.

— Como assim você não vai? — Espalmo as mãos na cintura, semicerrando os olhos, desconfiado. — Você parecia estar tão animada.

— Estou com cólica. — Violet leva a mão à barriga, fazendo uma cara de dor ao alisá-la por cima da seda que usa. — Isso não significa que você não pode se divertir. O John e o Kieran já estão te esperando lá fora. Pode deixar que a Kara me faz companhia. — Sorri. — Vão e bebam todas por nós.

— Tem certeza? — questiono, ainda preocupado.

— Só vai logo. — Revira os olhos, me dispensando com um abanar de mãos.

— Tudo bem, já estou indo! Peça para a Kara não te deixar

sozinha e, mais importante que isso, tome um remédio para dor e não durma tarde.

Ela solta uma gargalhada. Eu apenas permaneço sério.

— Ok. — Se rende quando percebe que não irei dar o braço a torcer, erguendo as mãos em sinal de rendição. — Mais algum pedido antes de sair, pai?

Faço uma careta, o que acaba lhe fazendo gargalhar ainda mais. Isso faz com que eu revire os olhos, girando sob os calcanhares. Arrasto meus passos até a porta do meu trailer, mas quando já estou prestes a empurrá-la, escuto a voz de Violet soar atrás de mim ao dizer:

— Devin?

Viro-me sobre os ombros, flagrando-a fisgar o lábio inferior com certa força. Seus olhos castanhos estão injetados de preocupação, consigo perceber isso no modo como eles brilham de uma forma diferente agora.

— Só toma cuidado, por favor — diz, a voz saindo em um sussurro. — Essas coisas podem ser perigosas.

Uno as sobrancelhas, sem entender do que ela está falando. Mas, antes que eu possa abrir a boca para buscar respostas do seu comentário atípico, John abre a porta do meu trailer e, usufruindo do fato de eu já estar próximo o suficiente dali, puxa-me para fora em um solavanco, impedindo-me de prosseguir a conversa, já que estou agora no jardim e Kieran fez o favor de empurrar a porta atrás de mim para que feche.

— Eu estava conversando, cara — reclamo, soltando meu braço em um safanão. O fuzilo com o olhar assim que me afasto minimamente para

observá-lo. — Custava esperar?

— Custava até demais — menciona, despreocupado. — Custava as gatinhas sentindo a minha falta e indo se atracar com o primeiro cara que aparecesse só para suprir a minha falta. Então, dito isso, podemos por favor ir logo? Tenho medo que isso se torne realidade.

— Relaxe. — Kieran tranquiliza nosso amigo, direcionando seus passos até estar em suas costas, fazendo massagem em seus ombros. — Pode ter certeza que todas as garotas estão esperando John Scott chegar para começar de fato a festa. — Sem que John veja, Kieran me lança uma piscadela e comprime os lábios para não rir da sua própria afirmação.

Balanço a cabeça de um lado para o outro, ignorando completamente os dois. Vou atrás da minha Ducati, mas as palavras de Violet continuam ecoando em minha mente durante o trajeto.

"Só toma cuidado, por favor. Essas coisas podem ser perigosas".

É, furacão, você não imagina o quanto.



A fraternidade realmente tem muitas pessoas. Chego a acreditar que muito mais do que ela pode suportar. No entanto, quem está por aqui não parece se importar com a quantidade considerável de corpos suados e eletrizantes, que balançam de um lado para o outro ao som de *Livin' On Prayer* do Bon Jovi. As luzes estroboscópicas passeiam por nós e fazem com que eu feche os olhos, tentando me acostumar com o amontoado de cores se alternando entre si em pequenos intervalos de tempo.

Quando pareço me acostumar, abro os olhos e examino

minuciosamente o local. De primeira, vejo John no sofá com uma morena em seu colo, aos beijos. Depois, a procura de Kieran, encontro sua figura alta e imponente brincando despreocupadamente de beer pong com um grupo de pessoas animadas. Me sinto mais tranquilo ao ver que eles estão ocupados e longes de mim. Preciso de concentração total e tenho certeza que não conseguiria se os dois se preocupassem em me fazer companhia, tagarelando sobre coisas aleatórias no meu pé do ouvido. Sem contar que possivelmente John Scott faria alguma piadinha ou seria extremamente direto ao me perguntar o porquê de eu estar tão disperso. Eles são uma família para mim, então é muito melhor que se separem agora e me deixem quieto, analisando o movimento sem ter que mentir mais do que já estou fazendo todo esse tempo.

Coloco o gargalo da cerveja nos lábios e me delicio com um grande gole do álcool gelado, os olhos sempre atentos em cada parte. A música continua estridente e as pessoas seguem dançando e se beijando, como se nada no mundo lá fora importasse. Gostaria de estar que nem eles, não vou mentir. Gostaria de estar me entupindo de álcool até esquecer meu nome. Gostaria de escutar a música e deixar com que ela abafasse meus pensamentos, silenciando qualquer tipo de problema. Mas, infelizmente, nem se eu quisesse a música conseguiria tal feito. Meus pensamentos parecem muito mais altos e muito mais dispostos a vencerem essa batalha.

E também a verdade é que não estou aqui para me divertir. Estou aqui por um propósito. Estou aqui para estudar todo o esquema de Jasper Clement e sua família. Estou aqui para observar e coletar provas e testemunhas que coloquem-os atrás das grades o mais rápido possível. Para o meu terrível azar, não encontro nada de diferente. Não encontro sinal do loiro e muito menos de pessoas que possam estar fornecendo drogas aqui nessa festa a mando dele.

Mas algo dentro de mim acredita que isso está para mudar rapidinho.

E é isso que acontece cerca de trinta minutos depois. Através das luzes azuladas, reconheço-o de imediato. Jasper Clement cumprimenta algumas pessoas aglomeradas na pista de dança e sorri falsamente angelical para outras espalhadas pela casa. O cabelo em tom de areia está perfeitamente arrumado em um topete e as roupas completamente caras e de marcas gritam para todos o playboy de merda que ele é. Engulo a súbita vontade de xingá-lo em voz alta e miro meus olhos para a pessoa baixinha atrás de si. Meu coração parece dar uma cambalhota absurda dentro do meu peito assim que assimilo Barbie St. Claire parada bem ali, atrás do filho da puta nojento. Ela tem o cabelo em um rabo de cavalo bem firme no topo de sua cabeça e um vestido longo que possui uma fenda curta na sua perna direita, e é estampado e de alcinhas cobrindo seu corpo esguio, além de uma jaqueta jeans escura amarrada em sua cintura. Seu olhar parece perdido, em busca de algo para levar sua atenção. Me encolho ainda mais na parede e tenho medo que seus olhos encontrem com os meus, mas não é isso que acontece. Seus olhos se fixam em um amigo de Jasper e eles iniciam uma conversa.

Solto todo o ar que nem sabia ter prendido.

O que ela estava fazendo aqui? Ainda mais com ele?

Eu não me surpreenderia se ela tivesse o perdoadado de alguma forma. Ela costuma ser assim. Barbie tem um coração gigante e é muito boa para ficar acumulando mágoas em seu coração. Mas o que me incomoda é o fato de saber que o que ele fez não tem perdão. Não falo por mim, falo por ela. Era nítido o quão magoada e revoltada tinha ficado quando descobriu sobre toda a máfia envolvendo a família do seu ex-namorado. Aquilo não tinha justificativa e muito menos perdão para a boneca, eu sabia disso. Barbie

St. Claire poderia perdoar tudo, menos o que ele estava metido. Ela poderia perdoar o mal que ele fez para ela, mas jamais conseguiria e muito menos aceitaria todo o mal que ele fez e continua fazendo para outras pessoas. A boneca jamais seria conivente com isso.

Então é aí que eu percebo que há algo errado nessa situação. Há algo de muito errado que não estou conseguindo enxergar, já que fui cegado pela raiva e pelo medo. Preciso falar com ela para tirar isso a limpo, não posso me esconder mais. Se Barbie sabe de algo que eu não sei, preciso que fale na minha cara. Preciso que seja sincera. Se está próxima dele por vontade própria depois de alguma conversa entre eles, por mais que ache muito difícil e improvável, preciso que diga para mim olhando no fundo dos meus olhos, sem desviar nem por um segundo. Preciso tirar essa angústia do meu peito logo de uma vez, sinto que irá me sufocar a qualquer momento.

Olho-a uma outra vez, flagrando-a assentir alguma coisa para a conversa que segue ocorrendo entre eles. Tenho certeza que Barbie não está prestando nem um pouco atenção no que eles falam, percebo só pelo fato de nem abrir a boca para emitir sua opinião e acrescentar algo por ali. Conhecendo-a como conheço, se realmente estivesse envolvida e interessada no que os dois falam, com certeza estaria tagarelando e expondo sua opinião sobre qualquer coisa mencionada. Ela não costuma ficar totalmente quieta. Também não costuma ter esse olhar vazio e perdido, que constantemente busca alguma coisa na festa para prender sua atenção. Se eu pudesse dizer algo sobre sua expressão agora, com certeza diria que está se perguntando aonde foi se enfiar.

E o engraçado é que me pergunto isso também.

A conversa segue sem nenhum tipo de graça e Jasper chega a dizer algo em seu ouvido, saindo junto com o outro cara no segundo seguinte.

Assim que fica sozinha, vejo que solta o ar por entre seus lábios, as mãos entrelaçadas na frente de seu corpo. Meu coração pede para que eu quebre a nossa distância, implorando por um contato mais próximo com a dona dele. Apesar de estar muito tentado a fazer o que ele pede, ainda há algo em mim que se segura no que o meu cérebro ordena. E, mesmo se eu tivesse seguido o meu coração, não daria em nada, pois ela logo some do meu campo de visão.

— Oi — alguém diz ao meu lado, me assustando. Quando encaro o dono da voz, percebo que é Kieran. Suspiro em alívio. — Tem alguma coisa acontecendo, não tem?

— Tem. Uma festa.

— Era pra rir? — indaga, arqueando uma sobrancelha. Dou de ombros, terminando com a cerveja. — Eu sou quieto e observador, Devin. Muitos dizem que ser assim é ruim, mas eu discordo. Ser assim me ajuda a observar a situação por diversas perspectivas. Não sei o que está acontecendo, mas sei que tem algo nessa festa que é muito importante para você. Vendo a Barbie chegar com o tal do Jasper, acho que entendi.

Não era surpresa para mim que Kieran tivesse percebido. Ele realmente costuma ser muito observador. Apesar disso, a única coisa que respondo é:

— Não, acho que você não entende. Na verdade, seria ótimo se você não tentasse entender.

McAllister balança a cabeça negativamente, coçando a nuca.

— É aí que mora o problema. Eu nem precisei tentar entender. Ficou claro na minha mente, não posso fazer nada quanto a isso. — Ele sacode os ombros para cima, encostando-se na parede com os braços cruzados em frente ao corpo. — Você não terminou com a Barbie porque

quis. Você foi *induzido* a isso. Não sei como, não sei quando e não sei onde, mas você foi. Levando em consideração o fato daquele cara ter chegado com ela e ser um desgraçado como já sabemos, não duvido nada que tenha partido dele. E se ele te fez essa ameaça, com certeza foi por algo que você não conseguiria dizer não. Suponho que está aqui hoje para tentar mudar isso.

É impossível não entreabrir os lábios. É realmente impossível. Tento formular alguma mentira para rebater, mas nada parece surgir em minha mente. Kieran realmente sempre teve esse dom. Ele costuma gostar de descobrir coisas e ler pessoas. Agora, com toda certeza, me lê muito bem, pois não consigo não fazer nenhuma expressão que denuncie que ele está mais do que certo em suas afirmações.

— Não precisa falar nada. Percebi também que quer ficar sozinho, por isso que se isolou aqui nesse canto desde o momento que chegou. Portanto, ficarei longe e me certificarei para que John não se aproxime com os questionamentos dele. Mas isso não se significa que não ficarei observando. Confio em você, mas não permitirei que se arrisque ou se coloque em problemas. — Kieran dá leves tapinhas em meu ombro, mas antes de ir, continua: — Eu realmente não sei absolutamente nada sobre a Barbie e o motivo dela ter aparecido com ele hoje aqui. Não consegui formular nada em minha mente, infelizmente. Mas não se preocupe com isso, está estampado na cara dela que ela te ama. E nem precisa ser observador como eu para perceber isso.

Kieran vai embora assim que eu assinto, voltando para conversar com o grupo de pessoas que estava jogando beer pong com ele minutos atrás. Sua fala continua voltando em minha mente e eu sinto a cerveja começar a fazer mal em minha barriga, o embrulho aparecendo para me mandar um oi.

Eu sabia que ela me amava, eu nunca cheguei a duvidar disso.

Não precisava ouvir ela falando, eu conseguia enxergar através de seus gestos, de suas falas e de seu carinho. Amar uma pessoa não se resume a escutar as palavras saindo da boca dela. Isso não significa muita coisa, na verdade. Nós enxergamos amor através dos atos. E eu conseguia enxergar o amor da Barbie por mim em todos eles. Quando ela direcionava as íris azuis intensas para mim eu sentia amor, pois elas brilhavam de uma forma tão linda e intensa que nunca presenciei isso em nenhum outro olhar. Quando ela sorria para mim eu sentia amor, pois ele costumava durar tanto tempo em seu rosto que fazia suas bochechas doerem. Quando ela me tocava eu sentia amor, pois seus dedos exploravam o meu corpo como se ele fosse a coisa mais cara que já teve em mãos, o cuidado era tamanho que me fazia acreditar que ela achava que eu poderia quebrar a qualquer momento em sua frente. Eu sentia amor em cada canto dela. E eu jamais seria estúpido o bastante ao ponto de negar isso só por ela não ter dito em voz alta como eu.

Barbie volta para a pista de dança pouco tempo depois que Kieran me deixa sozinho. Ela tem uma Cosmopolitan em mãos e dança completamente despreocupada. O braço que está livre levanta para o alto e a cintura sinuosa vai de um lado para o outro conforme segue o ritmo da música que preenche o ambiente. Sei que meu olhar a queima, sei que meu olhar queima cada parte do seu corpo, pois ela parece perceber de onde vem. Ela inclina a cabeça um pouco mais para o lado e me encontra. Simples assim, St. Claire me encontra e o seu sorriso carregado de uma timidez mesclada com malícia acaba derrubando todos os meus muros e me desarmando completamente. Isso me deixa furioso. Tão furioso que sinto meus dentes rangerem ao se chocarem um no outro com a força que imponho. Sinto a fúria borbulhar em cada molécula do meu corpo, pois ao invés de eu me manter aonde estou e observar o esquema de Jasper, estou indo para a pista de dança.

Como um maldito imã, estou sendo puxado por ela e pela maldita forma como se mexe.

— Achei que fosse se manter escondido — sopra, assim que me aproximo o suficiente. Seus olhos estão fechados e não faço a mínima ideia de como descobriu que parei em sua frente.

— O que está fazendo aqui? — Ignoro seu comentário. Minhas mãos coçam para tocar em sua cintura, por isso as guardo no bolso da frente da minha calça. Respiro fundo antes de dizer: — O que está fazendo aqui com ele?

— Que horas são? — Abre os olhos, o azul intenso prescrutando cada parte do meu rosto. Uno as sobrancelhas por ter sido ignorado. — Devin, que horas são? — repete, a voz extremamente incisiva.

Bufo, olhando as horas no relógio em meu pulso.

— Meia noite e vinte e cinco. — Volto meu olhar para o seu rosto, ela apenas sorri com a informação das horas. — Você não vai me responder?

— Cinco minutos.

— O quê? Do que você está falando?

— Cinco minutos e você terá a resposta que tanto quer.

— Isso é algum tipo de brincadeira? — Rio nasalar.

— Espere cinco minutos, Devin. Cinco minutos e você irá entender.

Inconformado com o rumo da conversa, dou as costas e tento procurar por Peter na multidão. Chego a perguntar a algumas pessoas se elas

o viram, mas ninguém parece ter se esbarrado com o garoto hoje. Alguns até disseram que ele não viria. Por isso, me sentindo ainda mais derrotado, volto para o canto aonde eu não deveria ter saído e bagunço meu cabelo, irritado.

Estava dando tudo errado. Tudo dando completamente errado. Jasper parecia estar agindo como bom moço, nada de ilegal acontecendo e, como se não bastasse, Barbie completamente maluca. Era realmente algum tipo de piada comigo.

Quando decido olhar o relógio, vejo que marca meia noite e meia. São meia noite e meia e nada acontece. Estou pronto para dar o fora quando, às meia noite e trinta e um, o som da festa é cortado e todas as luzes coloridas terminam. As pessoas ao meu redor gritam em protesto e outras parecem surpresas demais para falarem algo assim que percebem o que aconteceu. Eu estou exatamente da mesma forma.

Um grupo de policiais adentra a fraternidade e pede para que todo mundo fique parado onde está. Eles seguem vasculhando cada canto da casa em busca de algo. Na verdade, parecem em busca de alguém. Quando não parecem encontrar, um deles diz em voz alta:

— Quem aqui é dono do Mustang azul estacionado lá fora?

Um silêncio toma o lugar. Ninguém fala nada. Aparentemente ninguém sabe de quem é o tal carro. Mas eu sei bem de quem é.

— O Mustang é meu. — Jasper sai de um dos pequenos grupos formados, ficando no centro da antes pista de dança. Todos olham para ele, mas o garoto não parece se importar com a atenção que recebe. — Posso saber o por quê?

— Então o senhor é Jasper Clement? — o policial barbudo pergunta, dando alguns passos para que a distância entre eles seja encurtada.

— Sim — Jasper confirma.

Mais silêncio.

Sinto meu coração pulsar fortemente contra minhas costelas.

— Jasper Clement você acaba de ser preso por tráfico de drogas. Encontramos grandes quantidades de entorpecentes numa mochila na mala do seu carro. — Um outro policial o pega por trás, colocando algemas em seus pulsos. Ele tenta se debater e negar incontáveis vezes, mas nada parece surtir efeito. — Você tem o direito de permanecer calado, tudo o que disser poderá ser usado contra você num tribunal.

Eles o levam para fora da festa, algumas pessoas vão atrás. Porém, antes de passar pela porta, vejo que ele vira sobre os ombros e alinha seus olhos ao da Barbie.

A faísca que sai deles é de puro medo.

O dela, no entanto, parece faiscar de puro...*prazer?*



Já se passaram vinte minutos desde que Jasper foi levado da festa pelos policiais. Mas, apesar disso, ele ainda se encontra parado no meio da calçada. Seu carro segue tendo uma nova revista e a mochila recheada por drogas segue sendo analisada minuciosamente, na frente de todo mundo. Jasper tenta argumentar e conversar com os policiais, dizendo que pessoas estavam tentando incriminá-lo. Ele chega a dizer nomes e eu tenho certeza que escuto o meu sair pela sua boca, mas nada do que ele fala parece importar. Os policiais estão bem convictos de que ele é o dono daquilo tudo.

Barbie está próxima dele, escutando cada coisa de perto. Eu, por

outro lado, me encontro mais afastado ao lado de John e Kieran. Por incrível que pareça, John não fez nenhum tipo de comentário, a bebida em grande quantidade não deixa que ele formule uma frase coerente. Já Kieran, completamente sóbrio, apenas olhou para mim e sorriu, como se soubesse lá no fundo que algo daquele tipo aconteceria hoje.

Eu apenas estou tentando entender tudo que acabou de acontecer.

Deixo meus amigos para trás e caminho até Barbie e Jasper. Não sei o que estou fazendo, mas meus pés parecem possuir vida própria, porque eles ignoram o meu comando totalmente. Me aproximo assim que um único policial que estava ao lado dele resolve sair dali, girando nos calcanhares para se juntar aos amigos do caso. O tempo que chego é suficiente para escutar Barbie dizer, baixinho:

— Surpresa! — Ela gesticula com as mãos e Jasper recua um passo, como se suas palavras tivessem o atingido com força. — Como você se sente sabendo que foi traído pela pessoa que você menos esperava? Dói, huh? O baque é severo demais, eu sei disso. Eu passei pela mesma coisa quatro anos atrás. Eu confiei em você e você me destruiu. Hoje eu pude finalmente lhe retribuir o favor. Espero que meu pai se sinta vingado de alguma forma. — Barbie morde um sorriso quando o observa dos pés à cabeça, o semblante de Jasper totalmente furioso. — Apodreça na cadeia junto com seus pais.

Eu pisco tantas vezes que é impossível contar. Minha boca se abre em choque e todo o meu mundo parece girar.

Foi ela.

De alguma forma que não sei explicar, Barbie conseguiu colocar

Jasper atrás das grades. Abro minha boca para falar algo, mas sou interrompido quando o garoto sai na frente ao perguntar, incrédulo:

— Como assim meus pais? O que porra você fez com eles, sua louca?

— Ah... Os policiais não te contaram? — Arqueia uma das sobrancelhas, uma falsa inocência tomando conta da sua voz e do seu rosto. — Há viaturas assim como essa parada na sua casa também. Acredito que seus pais estejam exatamente como você nesse momento. Eu até poderia dizer que é uma pena, mas eu estaria mentindo. É um imenso prazer para mim. — Sorri, dando mais um passo em direção a ele. — É um imenso prazer acabar com a sua vida. Você tentou acabar com a minha uma segunda vez, mas o seu azar é ter encontrado uma outra garota aqui em Hellaware. Uma garota muito mais forte, muito mais determinada e que luta por aquilo que acredita. Você mexeu com a garota e com a cidade errada. Sinto muito, mas esse território também é meu agora. E ele acabou para você.

— Você me paga, Barbara — rosna. — Você me paga, Barbara St. Claire.

— Pode ameaçar o quanto quiser, eu não tenho mais medo de você. Eu não tenho mais. Eu estou livre. Estou livre das marcas, dos medos e das inseguranças que você deixou em mim. Eu estou finalmente livre do meu pior monstro e o gosto é incrível.

Ela não tem oportunidade de falar mais nada, pois o policial volta para levá-lo até a viatura. Jasper continua se debatendo, xingando e preferindo palavras desconexas. O assistimos ir embora tempos depois, as luzes e o barulho da sirene ecoando por todo o caminho.

As pessoas curiosas que estavam do lado de fora voltam para a

fraternidade, John e Kieran também seguem elas. Eu, por outro lado, permaneço olhando para Barbie, completamente em choque.

— Como você descobriu? — é a única coisa que sai pela minha boca.

Barbie sorri, abraçando o próprio corpo para se proteger do frio. Suas pernas se movimentam e ela fica em minha frente.

— Violet foi para minha casa me contar. Disse que estava indo para o seu trailer quando escutou você falar das ameaças para o seu pai. Ela esperou um tempo para ver o que acontecia, mas não aguentou ficar parada assistindo seu mundo ruir. Violet sabia que precisava me contar, estava nítido que eu tinha muito mais chances de pará-lo do que qualquer outra pessoa.

— Violet não poderia ter feito isso. Ela colocou você em perigo. E se ele te fizesse mal? Eu nunca a perdoaria. Nunca. — Ando de um lado para o outro, desgrenhando ainda mais os meus fios. Quando paro, volto a encará-la. — Eu fiz tudo isso para te proteger e ela simplesmente lhe conta tudo? Meu Deus!

— Deu tudo certo no final, Devin. Nós duas tínhamos um plano e eu faria qualquer coisa para te proteger. O problema era meu, afinal de contas. Jasper sempre foi um problema meu e eu tinha que fazer algo sobre isso. Eu não poderia assistir ele acabar com a minha vida uma segunda vez. Desculpa por ter te deixado de fora, mas eu e Violet sabíamos que você jamais concordaria. — St. Claire se aproxima ainda mais, suas mãos se direcionando para cada lado do meu rosto. O toque gelado das suas mãos em minha pele faz cada centímetro dela se arrepiar. Céus, eu estive com tanta saudade. — Eu sabia que ele me procuraria em algum momento. Jasper foi no Fast Rocket e eu segui o plano. Fingi que o perdoava e aceitei reatar nossa

amizade. Fui para a casa dele algumas vezes por causa disso. E era exatamente isso que eu queria. Fui para a casa dele algumas vezes e tive a sorte de estar lá bem no dia de uma movimentação de homens suspeitos. No momento que vi os pais dele levarem essas pessoas para fora através da janela, pedi algo a Jasper para que ele me deixasse sozinha no andar de cima e entrei no escritório dos pais dele de fininho, com uma câmera no bolso, já que sempre a levava comigo. Me deparei com todo tipo de drogas, que haviam acabado de chegar sobre encomenda, e tirei foto delas de todos os ângulos possíveis. Eu fui completamente sortuda naquele dia, pois era óbvio que as drogas não ficam lá. Mas antes delas irem para outro canto da cidade, eu registrei todas elas. — Faz uma pausa, observando as poucas pessoas que sobraram ao nosso redor. Ninguém parecia prestar atenção em nós, por isso continuou: — Cheguei a revelá-las também. Então, a Violet mencionou a festa e ela sentia que você provavelmente viria, por isso eu convenci Jasper a vir. Então eu o vi colocando a mochila num fundo falso do porta malas do carro e sabia o que ela significava. Fiz uma denúncia através do telefone daqui assim que ele me deixou sozinha.

— E as fotos? O que você fez com as fotos?

— Dei a Violet. Ela não veio hoje justamente por causa disso, já que foi entregá-las a polícia. Acredito que agora ela está prestando depoimento juntamente com os cinco garotos. Eles aceitaram denunciá-los quando conversamos com eles e explicamos toda a situação... Provavelmente estão contando tudo o que sabem e tudo o que viveram com a família Clement desde a cidade vizinha até aqui. — Ela recolhe as mãos do meu rosto, mas não se afasta. Seu corpo segue quase colocado ao meu. — Eu fiz isso para nos proteger e faria tudo novamente. Você, Devin, desistiu da sua felicidade para ajudar outras pessoas. Sabe o quão nobre é isso? Seu coração é o mais puro e o mais verdadeiro que já conheci na vida. Eu tenho tanto

orgulho de você. De nós. Não vou negar que fiquei com raiva, mas ela não durou nem dois minutos. Não durou simplesmente por eu entender todos os seus motivos. Se tivesse acontecido comigo, sei que faria a mesma coisa que você. Então eu jamais posso te condenar por isso. Jamais.

A abraço. Puxo-a pela cintura e colo finalmente seu corpo miúdo contra o meu. Suas mãos enlaçam a minha cintura e sinto-a inspirar meu perfume para si. Meu coração galopa por tê-la finalmente perto dele, tão vívido como nunca antes. Depois de alguns minutos apreciando nossos corpos em perfeita sintonia, a afasto minimamente pelos ombros, só para conseguir olhar na imensidão azul oceânica que carrega em suas íris.

— Me perdoa, Barbie. Me perdoa por tudo — peço, quase implorando. — Eu deveria ter sido mais rápido. Eu só estava tentando fazer tudo certo para que não houvesse brechas dele se safar. E eu jamais terminaria com você. Nada do que eu falei foi verdade naquela noite em sua casa. Nada. Nunca estive confuso, inseguro e nem nada do tipo. Você sempre foi a minha certeza. Você sempre foi a minha paz no meio do caos. Você sempre foi a minha verdade em um mundo repleto de mentiras. Você sempre foi o meu verão, o meu sol e tudo que eu sempre quis ter na vida. Então, por favor, me perdoa.

Ela balança a cabeça negativamente, ainda agarrada a mim.

— Não precisa pedir perdão, bad boy. Eu entendo que você foi obrigado a dizer aquelas coisas. Agora eu realmente entendo. Não se martirize por isso, já passou. O pesadelo acabou. — Barbie sorri e as lágrimas já começam a acumular em seus olhos. Sorrio com aquilo também. — Só volta pra mim, por favor. Só volta para a sua boneca.

A abraço novamente, tirando-a do chão dessa vez. Começo a

girá-la junto a mim e grito. Barbie gargalha e grita algumas vezes comigo também, sem se importar com os olhares julgadores que recebemos. Coloco-a de volta no chão. Seus braços permanecem presos em meu pescoço e os seus lábios pincelados por uma fina camada de gloss se erguem em um sorriso iluminado.

— Eu te amo, Devin Leblanc. Eu te amo com todo o meu coração e com tudo que eu tenho. Agora que eu finalmente disse em voz alta, não vou parar de dizer nunca mais.

Sorrio, colando minha testa na sua.

— Eu te amo ainda mais, Barbie St. Claire. Pode ter certeza que eu te amo ainda mais.

E ela me beija.

Seus lábios se chocam contra os meus em completa urgência e saudade.

É tudo o que eu precisava para me sentir vivo novamente.



38

*"Baby, é você, você é quem eu amo
Você é o único que eu preciso
Você é o único que eu vejo
Vamos baby, é você
Você é o único que dá tudo de si
Você é quem eu sempre posso chamar
Quando eu preciso de você, você faz tudo
para
Você coloca o meu amor no topo."
LOVE ON TOP | BEYONCÉ.*

Barbie St. Claire

UMA SEMANA DEPOIS

A panqueca de morango está repousada sobre meu colo enquanto eu zapeio pelos canais da televisão à minha frente. Paro no jornal local da tarde quando escuto a âncora falar sobre as novidades da prisão da família Clement, que ocorreu no sábado passado. Eles passam algumas imagens de Jasper, seu pai e sua mãe e comentam sobre o desenrolar do caso. De acordo com as notícias, após o caso ficar ainda mais conhecido logo depois das divulgações, mais pessoas da cidade vizinha tomaram coragem de denunciar os inúmeros crimes de todos eles e o caso se tornou ainda maior do que já era. Todos os esquemas foram descobertos, o rapaz que trabalhava na clínica de reabilitação dos pais dos cinco garotos trazidos por Hunter também foi preso e muito se estima que longos anos de prisão aguarda todos eles.

Apesar de ficar feliz com a notícia que escuto, pego o controle remoto novamente e desligo a tevê. Não quero mais me envolver no caso e nem saber de nada a respeito deles. O meu depoimento contando toda a nossa história já foi o bastante, agora era só esperar a justiça condená-los de uma vez por todas ao fazer seu trabalho.

A minha história e a de Jasper finalmente havia tido um ponto final.

Eu realmente estava livre, assim como falei para ele naquele dia. Eu estava completamente livre de suas garras e de todas as feridas derivadas do nosso namoro há quatro anos atrás. Estava genuinamente feliz agora e ainda mais apaixonada por Devin Leblanc. Não conseguia mais pensar em outra coisa a não ser nele e no modo como fazia eu me sentir a mulher mais amada desse universo o tempo todo. No modo como fazia eu me sentir única. E depois daquela noite nós não nos desgradamos mais. Parece que voltamos ao início do nosso relacionamento. Mas, com certeza, muito mais fortes do que antes. Eu sentia que agora poderíamos atravessar uma tempestade juntos, pois ela com certeza seria fraca demais perto da fortaleza que estamos construindo em torno de nós.

Pensar nele me faz sorrir.

É inevitável, na verdade.

Mas a campainha tocando me desperta dos meus devaneios. Eu levanto em um pulo com a panqueca em mãos e a deixo na mesa antes de seguir para a porta. Espero que seja tia Amber, já que depois que assumiu publicamente um namoro com Hunter Leblanc, não faz outra coisa a não ser passar dias e mais dias ao lado dele. No entanto, a pessoa que me encara agora é desconhecida por mim. É um homem robusto e careca, que possui

roupas estranhas e que eu logo suponho ser o rapaz das cartas. Ele sorri hospitaleiro, me deseja uma boa tarde e me entrega um único envelope amarelado. Assim que eu pego a carta em mãos, agradeço e fecho a porta no segundo seguinte em que se vira, indo embora.

Olho para o papel em minhas mãos e mordo o interior da minha bochecha, curiosa para saber do que se trata. Não diz quem enviou, apenas o meu nome e o meu endereço estão escritos no verso dela. Sem hesitar e com a curiosidade borbulhando, o abro de forma rápida e encontro um pequeno bilhete dentro do envelope de cor amarela. Não precisa mais que meio segundo para que eu reconheça o dono da caligrafia bem bonita e caprichada.

"Encontre-me no parque assim que receber esse bilhete, boneca. Tenho uma surpresa para você. " é o que está escrito nele, logo abaixo há um coração todo torto desenhado. Aquilo me faz rir, mas soa tão certo que faz o meu coração também se agitar loucamente dentro da minha caixa torácica. No momento após ler pela segunda vez, já estou correndo até as escadas para ir até o meu quarto. Lá dentro, abro o guarda-roupa e procuro algumas peças para vestir. Escolho um short jeans de cintura alta, uma blusa listrada e a jaqueta de couro dos The Hurricane Freedom que Devin tinha me presenteado no meu aniversário.

Passo o dedo pelo tecido grosso da jaqueta e sorrio. Se eu a havia usado em um momento errado, agora com certeza me parecia ser o momento certo para usá-la. Principalmente se ele estivesse usando a sua também.



O parque não está tão cheio essa tarde. Há mais crianças hoje do que jovens e boa parte delas estão concentradas em disputar ursinhos de

pelúcia nas barraquinhas de jogos. Quando direciono meu olhar para uma delas, quase não acredito no que vejo. Estreito os olhos para ter a confirmação e quase caio na risada quando percebo a figura alta e assustadora de Devin ao lado de algumas crianças, disputando uma partida daquele típico jogo de atirar em patinhos. Ele ergue os braços para o alto e o semblante de vitória está estampado em seu rosto, o que acaba fazendo os seus amiguinhos ao seu redor gritar em protesto e bater os pés no chão, completamente emburrados.

Quando me aproximo deles, escuto um garotinho moreno reclamar para o dono da barraca que a vitória de Devin havia sido injusta, já que ele é um adulto e tem mais probabilidade de vencer. Meu namorado, no entanto, parece inconformado com as palavras utilizadas e rebate, rápido:

— Não foi injustiça, foi um mérito meu. Desculpa te decepcionar camarada, mas aquele urso ali vai ser meu. — Ele aponta para o enorme bichinho de pelúcia no centro da vitrine e os cantos dos seus lábios cheios se erguem em um sorriso. — Na verdade ele não será meu, será de uma garota muito importante para mim. Então é por uma boa causa, certo? — pergunta exclusivamente para o menino que estava reclamando, mas ele não parece nenhum pouco conformado com o que acabou de escutar. Eu até chutaria que ele havia ficado ainda mais irritado quando descobriu que era para uma outra pessoa.

O menino faz uma careta de decepção para o mais velho em sua frente e resolve reunir sua turma, indo embora para tentar a sorte em uma outra barraca de jogos. Desde o momento que cheguei, Devin não percebe minha presença, mas assim que se vira minimamente para encarar o trajeto dos garotos, seus olhos recaem sobre minha pessoa parada a poucos passos de distância. Ele arregala os olhos em surpresa e depois de alguns minutos

assimilando que era realmente eu ali, me recepciona com um daqueles lindos sorrisos que só ele tem, as más formações genéticas se evidenciando em cada lado das suas bochechas. Devolvo o sorriso, friccionando os lábios depois para não deixar que uma risada me escape. Antes de se voltar para mim de fato, pega seu prêmio com o tio da barraca e deposita o grande urso em seus ombros, como se o bichinho fosse uma criança e ele tivesse o levando para passear.

A cena era adorável.

— Posso saber quem é a garota importante que você estava falando para os seus novos amigos? — é o que eu pergunto quando ele se aproxima, cruzando os braços em frente ao meu corpo. Lhe arranco uma gargalhada, o que acaba me fazendo sorrir de orelha a orelha. — É sério! Preciso saber se devo me preocupar com ela ou não.

— Adoro quando você banca a ciumenta. — Uma mão de Devin permanece segurando o urso em seus ombros, mas a outra faz questão de se manter ocupada, puxando a minha cintura para mais perto da dele. — Mas todo mundo sabe que você é a única garota que importa para mim.

— Eu poderia ficar escutando isso por horas — confesso, resvalando meus lábios nos seus. Ele grunhe com a minha provocação, mas antes que possa querer transformar isso em algo a mais, me afasto minimamente para olhar o urso gigante. — Essa era a surpresa que você tinha para mim? — Aponto para ele com o queixo, achando graça.

— Uma das. — Agora ele o retira de onde estava, colocando-o junto ao peito. É nessa hora que eu percebo que o urso tem um coração preso em suas mãos, com as palavras eu te amo escritas nele em tons de vermelho. Minhas bochechas já começam a ficar quentes e eu nem consigo dizer o

porquê dessa vez. Se fosse para chutar, eu chutaria no modo como seus olhos reluzentes esquadrinham meu rosto com grandes doses de intensidade. — Você aceita?

— É óbvio que eu aceito — menciono, rolando os olhos só pela pergunta descabida. Puxo o urso da sua mão e o seguro contra meu peito. — Muito obrigada por ter enfrentado aqueles pestinhas por mim. Eu amei.

— O urso ou o fato de eu ter brigado com crianças por ele?

— Definitivamente os dois — digo, mordendo um sorriso. Devin balança a cabeça de um lado para o outro, tentando inutilmente disfarçar o seu.

Alguns segundos depois, engancha o braço em meu pescoço e começa a caminhar comigo em seu encalço. Durante o trajeto — que eu não faço a mínima ideia onde irá terminar — decido dar uma espiadinha de soslaio para o modo como está vestido. Não é muito diferente do que o habitual, obviamente. Mas a jaqueta de couro está lá, abraçando cada um dos seus músculos e combinando perfeitamente com a minha. Ele parece perceber que eu o observo, pois noto o erguer sutil dos seus lábios. É quase imperceptível, mas eu o conheço suficientemente bem para saber que ele se encontra sombreando os seus lábios em formato de coração.

— Não gosto do jeito como me olha, boneca — solta, de repente.

— Posso saber o porquê?

— Porque eu me sinto estranho.

— Estranho? Estranho como? — questiono, tombando a cabeça um pouco para trás para poder analisá-lo melhor.

— Não, estranho não. Estranho não seria a palavra certa. Nervoso combinaria mais. — Dá de ombros. Ele parece não se importar em expor seus sentimentos, e isso é uma das coisas que eu mais admiro nele. Diferente de muitos, Devin não sente medo de ser transparente comigo. Suas fraquezas são claras e ele não se importa em me contar todas elas, pois sabe que eu o entendo mais que ninguém, afinal, partilhava dos mesmos sentimentos também. — Você costuma ter esse efeito sobre mim, Barbara. Um olhar seu direcionado a mim e eu já estou completamente desarmado.

— Como se fosse muito diferente do que eu sinto por você, huh? Seus olhos verdes costumam me desestabilizar o tempo todo.

— Que ótimo, assim estamos quites.

Nós dois soltamos uma risada ao mesmo tempo, mas eu não o respondo. Não o respondo pelo fato de ter parado de andar bem em frente a roda-gigante. Seus glóbulos encaram o topo do brinquedo e eu faço o mesmo, a nostalgia me invadindo. É impossível não lembrar que o começo de tudo havia sido bem ali, em uma daquelas cabines antes intimidadoras para mim. É impossível não lembrar do beijo e de todas as sensações que obtive a partir dele. É impossível não lembrar de como essa roda-gigante e o bad boy ao meu lado me fizeram enxergar a mulher incrível que havia dentro de mim. A mulher forte que um dia cheguei a duvidar que existia. Aqui, em Starryland, olhando para o topo do brinquedo, me pergunto como pude ter me diminuído tanto durante anos da minha vida.

Como eu pude achar que nunca estive no topo?

Eu era mesmo muito boba por ter chegado a acreditar no contrário.

Miro meus olhos para Devin agora. A sensação que sinto ao

observar seu sorriso é arrebatadora, até faz as minhas pernas fraquejarem. Ela só não é tão arrebatadora quanto o amor que sinto por ele. Ela só não é tão forte quanto a força que o meu coração impõe em minhas costelas só por imaginar o quanto a minha vida é ainda melhor só por tê-lo encontrado. Só por ter nosso amor no topo junto comigo. A sensação é indescritível e muito mais incrível do que qualquer outra.

Eu o amo tanto que chego a me perguntar como pode ser possível um coração suportar tamanha força e intensidade dentro dele. Sinceramente, tenho medo do meu órgão não ter mais espaço para continuar fazendo seu trabalho de me manter viva só por ter uma grande quantidade dele empenhado em deixar Devin Leblanc com o maior espaço.

— Me concede a honra de ter sua companhia na roda-gigante?
— Ele estende a palma da mão para que eu aceite seu convite. Seguro o urso só com um braço e a seguro, assentindo.

— A honra será toda minha, bad boy.

Sorri ainda mais, puxando a minha mão para que ficássemos na pequena fila. Pouco tempo depois esperando, entramos na cabine do brinquedo. O medo não me invade como antes. Eu até diria que a ansiedade em estar nas alturas novamente ao lado dele ganha essa. E realmente ganha, como eu havia imaginado. Enquanto vamos subindo de pouquinho em pouquinho, meus pés ficam balançando de um lado para o outro, animada para subir logo de uma vez. O garoto sentado ao meu lado parece perceber minha animação, pois solta uma risada. Ela está abafada por sua mão, mas mesmo assim eu a escuto.

— Qual a graça? — Faço biquinho. Sim, aqueles biquinhos que crianças costumam fazer quando são contrariadas. É idiota, mas eu só estou

brincando.

— Nenhuma! — Ergue as palmas das mãos, os lábios friccionados. — Só é divertido comparar com a primeira vez que você subiu aqui. Você estava morrendo de medo antes e agora está morrendo de ansiedade.

— Acho que não tenho mais medo de altura como antes. Tive um sonho com a minha mãe quando terminamos. Estávamos no topo do heliponto como sempre, mas dessa vez foi diferente. Dessa vez ela disse que me amava e que tudo ficaria bem. — Sorrio, nostálgica. As imagens do sonho aparecem em minha mente. — E ela tinha razão. Tudo ficou bem. Agora eu vejo a altura como algo bom. Ela me lembra você, minha mãe e eu. Não tem como mais ter medo de algo que possui tamanho significado para mim.

— É bom escutar isso, boneca. Principalmente por saber que você terá mais uma coisa para se lembrar quando pensar na altura. Quando pensar na roda-gigante. — Devin olha para baixo e é exatamente nesse momento que percebo que subimos. Estamos no alto e a sensação é mesmo tão boa quanto imaginei que fosse. O vento lambe o meu rosto e sopra os meus cabelos, fazendo-os dançar loucamente em minhas costas.

— Ah, é? E o que seria? — Ele volta o seu olhar para o meu rosto dessa vez. As íris esverdeadas estão injetadas de puro apreço quando decide colocar uma mexa dourada atrás da minha orelha.

Rapidamente retira seus dedos do meu rosto, direcionando-os ao bolso da sua jaqueta. De lá de dentro ele retira uma caixinha preta de veludo e me estende, os olhos completamente vidrados nos meus, assistindo com precisão cada uma das minhas expressões. A surpresa com certeza é uma delas, pois eu definitivamente não estava esperando receber um presente.

Ainda mais aqui em cima.

— Pode pegar. — Insiste e, com as mãos trêmulas, decido sair do pequeno transe que me enfiei ao pegar a caixinha em minhas mãos. Antes de eu abri-la, escuto-o falar: — Aqui, sob esse céu e sobre esse brinquedo que fora a primeira testemunha do nosso amor, eu lhe pergunto: Barbie St. Claire, você aceita namorar comigo?

Entreabro os lábios em um perfeito O, cobrindo a boca com a mão livre.

— Mas nós já namoramos — comento, ainda em completo choque.

— Bom, sim. Mas eu nunca fiz um pedido de fato. E você merece um pedido, Barbie. Você merece todas as provas de amor desse mundo. Essa é a primeira de muitas que eu prometo fazer por você. — Finco os dentes no meu lábio inferior, tentando inutilmente conter as lágrimas. Droga. Detesto o fato de ser tão emotiva. Mas o que eu posso fazer se ele é mesmo perfeito? — Agora abre logo. Preciso saber se você gostou.

Dedilho a caixinha de veludo até conseguir reunir coragem para abri-la. Porém, assim que eu pareço consegui-la de alguma forma, tudo o que os meus olhos conseguem fazer é embaçar a minha vista ainda mais por conta das lágrimas. Pisco algumas vezes na tentativa de afastá-las, surpreendendo-me ainda mais com o que vejo. É um colar dourado e extremamente bonito. Embora cada detalhe dele seja delicado, o que mais chama atenção é, sem dúvida alguma, o pingente em formato de boneca que tem.

— Pra você nunca se esquecer de mim — diz, pegando o colar da minha mão tempos depois. Pede para que eu me vire e eu faço. Suas mãos afastam alguns fios do meu cabelo e colocam o presente em meu pescoço, o

fechando logo em seguida. Sorrio assim que pego o pingente entre meus dedos, agarrando-o para nunca mais soltá-lo. Viro-me novamente e encontro seus olhos deslizando do meu rosto até o colar. Ele sorri tanto quanto eu. — Para você nunca esquecer que é e sempre será a minha boneca.

Confirmo, uma risada nervosa e meio chorosa me escapando. Aceito seu pedido de namoro infinitas vezes e decido colocar minha cabeça em seu ombro. Nossas mãos estão entrelaçadas, o ursinho está em meu colo e os nossos olhos estão fixos no céu. A roda-gigante desce e o frio na minha barriga só aumenta.

— Barbie? — Me chama, assim que alguns poucos minutos se passam com nós dois calados, apenas desfrutando do silêncio e do momento só nosso. A sua voz sai baixinha no meu pé do ouvido.

— Hum?

— Sabia que eu cheguei a cogitar que nós dois estávamos destinados a ser como montanha-russa? Uma vez em cima e no momento seguinte caindo... — Afasto a cabeça minimamente para olhá-lo, e vejo que balança a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse inconformado com o pensamento que um dia chegou a ter. — Nunca poderíamos ser como montanha-russa. Nós somos como uma roda-gigante, boneca. Podemos ir para baixo e para cima quantas vezes for preciso, mas sempre acabaremos voltando para o mesmo lugar. Sempre vamos acabar voltando um para o outro, pois a boneca e o bad boy estão destinados a ficar juntos. Tenho certeza disso agora.

Cada parte vivida do meu ser também possui certeza disso. Acho que essa certeza habita em mim desde o dia em que nossos destinos se cruzaram pela primeira vez, lá na lanchonete. Não sei se foi o seu jeito ou o

modo como olhou para mim naquele dia, mas eu soube.

Sim, eu soube.

Eu soube desde o início que o meu destino era ele.



EPÍLOGO

*"Isso não pode esperar, eu sou seu
Bem, abra sua mente e veja como eu
Considero outros planos e caramba, você se
libertará
Olhe para seu coração e encontrará amor,
amor, amor
Escute a música do momento que as
pessoas cantam e dançam
Nós somos só uma grande família
E é nosso direito divino sermos amados."
I'M YOURS | JASON MRAZ.*

Devin Leblanc

OITO MESES DEPOIS

Quando amamos alguém temos a certeza que faríamos tudo por essa pessoa. Chega a ser engraçado mencionar isso, já que *tudo* é uma palavra muito ampla, mas a questão é que nada faz mais sentido do que isso. Nada faz mais sentido do que essa palavra. Você realmente faria tudo que a pessoa pedisse e é um fato. Não estou sendo hiperbólico ou coisa do tipo, só o mais sincero possível. Tentar deixar a pessoa que abriga o seu coração feliz o tempo todo é meio que uma obrigação quando se está apaixonado. Você faria qualquer coisa no mundo só por saber que receberia um sorriso em recompensa. Se um planeta significasse um sorriso, com certeza ir em busca dele seria a primeira coisa que faria só para observar os cantos dos lábios do

seu amor se erguerem em um sorriso cintilante e iluminado. E embora a missão seja impossível para muitos, após ver o sorriso dela te fazer viver ainda mais, você sabe que poderia enfrentar uma quantidade absurda de planetas, estrelas e galáxias, contanto que ele esteja sempre ali, te esperando.

Por mais que Barbie St. Claire não tenha me pedido um planeta, o que definitivamente seria mais fácil, me vi na obrigação de concordar com o seu pedido. Eu não conseguiria dizer não, de qualquer forma. Pelo menos não quando um sorriso esperançoso estava pincelando seu rosto o tempo todo, enquanto me fitava esperando por uma resposta. O sim saindo por entre a fresta dos meus lábios foi o pontapé para que ele se alargasse ainda mais em seu rosto, quase repartindo seu rosto em depois. E é claro que seu sorriso é a coisa mais importante para mim, mas sinceramente, como eu havia pensando que isso poderia dar certo?

É ridículo.

A imagem refletida no espelho é ridícula. Toda a roupa em mim é ridícula. Parece que eu acabei de sair de um desses comerciais infantis ridículos. Eu definitivamente gostaria de morrer agora só por ser tão apaixonado e topar qualquer coisa por aquela mulher.

E por falar nela, Barbie aparece na porta do banheiro. Através do espelho, percebo que seus olhos me observam atentamente dos pés à cabeça. A sombra de um sorriso adorna seus lábios pintados por várias camadas generosas de batom rosa.

— Pode rir — falo, arqueando a sobrancelha. — Eu sei que estou patético. — Arrumo a gola da camisa, agora me virando para encará-la. — Juro que estou pensando em não comparecer.

— Meu Deus, Devin Leblanc, quando foi que você se tornou tão

dramático? — Ela dá um passo para dentro, parando em minha frente. — Você está adorável. Nós estamos, na verdade. Todos ficarão morrendo de inveja, e eu irei adorar.

Hoje é a festa de noivado de Hunter Leblanc e Amber St. Claire. Meu pai havia pedido a mão dela há pouco mais de um mês, quando já estavam em um relacionamento muito mais consolidado. Decidiram alugar um salão de festas e preparar uma comemoração inesquecível para os familiares e amigos mais próximos. Foi uma preparação e tanto, os dois quase não paravam em casa cuidando dos preparativos, e agora o momento tão aguardado por eles e por nós havia finalmente chegado. O problema é que como os dois são totalmente fora do habitual, não será uma festa de gala e nem nada do tipo. Hunter e Amber decidiram que iam dar uma festa a fantasia para celebrar a união e o amor dos dois.

E sabe o que é pior disso tudo?

A fantasia que Barbie me faz usar.

Olho-me novamente no espelho e fricciono os lábios um no outro, numa tentativa inútil de não rir da minha própria aparência. Estou vestindo uma camisa polo azul clarinha, uma bermuda em um tom de rosa bebê e sapatos brancos. Como se ainda fosse pouco, Barbie fez questão de que eu usasse um suéter da mesma cor da bermuda. Ele está sobre meus ombros e o nó cai um pouco abaixo do meu pescoço, totalmente patético. Nada contra quem se veste assim, mas não é meu estilo.

Me sinto um completo ridículo fantasiado de Ken, namorado da Barbie.

— É sério, Devin, você está mesmo adorável. Completamente perfeito. — Me abraça por trás, os braços pequenos enlaçando minha cintura.

— Acho que você deveria se vestir assim mais vezes.

Eu sei que ela está brincando, o seu tom de voz e a risadinha no fim da fala demonstra isso, mas não impede que eu me afaste do seu toque. Giro nos calcanhares e a encaro, boquiaberto.

— Está dizendo que prefere seu bad boy em uma versão playboyzinho de merda? — brinco, fingindo estar ofendido. — É isso mesmo, Barbara?

Minha namorada finge estar pensando em uma resposta. Seu dedo indicador bate em seu queixo várias vezes e a boca está retorcida em um biquinho de lado, os olhos voltados para cima. Poucos segundos depois, se concentra apenas em mim e solta uma gargalhada gostosa, a cabeça balançando de um lado para o outro conforme nega minha pergunta.

— Apesar de você continuar lindo, já que é humanamente impossível você ficar o contrário disso, não prefiro não. Eu amo ver você vestido na sua jaqueta de couro e em suas jeans surradas e rasgadas. — Barbie volta novamente a abraçar minha cintura, a cabeça tombando para trás só para conseguir alinhar seu olhar no meu. — É tipo a oitava maravilha do mundo — menciona, sorrindo.

— Acho bom. — Aperto a pontinha do seu nariz com os dedos em formato de pinça. — Pois essa é a única versão de mim que você terá.

— Estou muitíssimo satisfeita com ela, obrigada. — Ela leva as mãos até meu rosto, ficando nas pontas dos pés para depositar um selinho casto em meus lábios, e eu projeto o lábio inferior para baixo assim que se afasta. — Preciso terminar de me arrumar — explica, assinto em um manear de cabeça.

Aproveito da oportunidade para observá-la com mais atenção. É

óbvio que ela irá fazer par comigo na fantasia, então já está começando a se montar como a boneca Barbie, embora não estivesse com a roupa que mandara fazer com a costureira. Seu rosto está coberto por uma maquiagem carregada e, mesmo que fosse raro vê-la daquele jeito, conseguia ainda sim ficar absurdamente linda. As pálpebras dos olhos estão pinceladas por sombra rosa choque e os cílios, que já são naturalmente longos, estão ainda mais por conta das várias camadas de rímel. As bochechas estavam rosadas e a boca, claro, também.

Abro a minha para fazer alguma piadinha travessa sobre sua aparência, mas volto a fechá-la quando a Barbie, literalmente, sai do cômodo. Ainda fico uns bons minutos no banheiro tentando melhorar minha aparência, e acabo desistindo quando percebo que não se tem muito o que fazer. Desligo a luz no interruptor assim que passo pela porta, arrastando meus passos em busca da boneca.

St. Claire está calçando os sapatos de salto, sentada em minha cama. Ou melhor, em *nostra* cama. Passávamos tanto tempo ali que tenho certeza que ela já havia se tornado de nós dois. E quando retiro os olhos de suas pernas segundos após se levantar, entreabro os lábios em admiração ao fitar cada parte de seu corpo bem marcado por causa da saia rosa justa e curta que usa, fazendo um conjunto perfeito com o cropped tomara que caia da mesma cor e do mesmo tecido, o nome Barbie em letras brancas um pouco abaixo dos seios medianos. Seus longos cabelos, que são em uma tonalidade de mel, estão escondidos embaixo de uma peruca loira esbranquiçada impecável. Em cima dos fios alinhados, um óculos dourado em formato de coração rosa se encontra repousado por ali. Há argolas brilhantes em suas orelhas e, apesar de não fazer parte da fantasia, o colar com uma bonequinha que eu havia dado de presente no pedido oficial do nosso namoro também estava presente.

Desde o dia que ela disse sim, não tirou o colar do pescoço por nada. Aonde quer que ela vá, a bonequinha dourada vai junto também.

— Gostou? — Sua voz me tira dos meus devaneios, e eu a vejo dar uma voltinha para que eu avalie suas roupas. É impossível não reparar na sua bunda durinha e empinada quando está de costas. Pigarreio. — O que foi? — Vira-se, preocupada.

— É... Nada. Não há nada, boneca. — Garanto, enfiando as mãos nos bolsos da bermuda.

Por que eu ainda tinha que agir feito um adolescente perto dela? Meu Deus, soa tão piegas. Mas o que posso fazer se, independente de tempo, essa mulher é capaz de mexer comigo apenas por respirar?

— Você está linda — completo. — Como em todos os dias, horas, minutos, segundos e milésimos da sua vida.

Ela balança a cabeça, sua risada reverberando pelo trailer.

— O que foi? — é minha vez de perguntar, dando passos cautelosos em sua direção. Meu olhar é predatório, e eu sei que o seu também. Apesar de parecer angelical e inofensiva boa parte do tempo, há um brilho diferente em suas íris azuis em momentos como esse e eu sei exatamente quando eles aparecem para mim. Seguro em sua cintura, meu dedo fazendo um carinho quase inocente onde há pele exposta. Sorrio com aquilo, pois percebo o exato momento em que o sorriso vacila em seu rosto. — Qual foi o motivo da graça, Barbie St. Claire? Não se acha linda? — sussurro, perigosamente próximo do seu ouvido. Ela engole em seco. — Ou acha que ainda não provei isso suficiente?

Me afasto minimamente só para olhar na imensidão oceânica que abriga seus olhos, e ela pisca os cílios incontáveis vezes. Sua boca abre e

fecha tanto quanto, mas decide por apenas friccioná-la em uma linha tênue, como se estivesse reprimindo algumas palavras que provavelmente desejam saltar de lá.

— Não vou cair na sua provocação — diz, após um longo suspiro. Dá leves batidinhas em meu peito e se fastia, desvencilhando-se do meu aperto. — Embora seja muito e muito tentador, não vou cair. Sei muito bem o que está tentando fazer e não vai dar certo.

— E o que eu estou tentando fazer?

Barbie arqueia a sobrancelha, desafiadora.

— Está tentando me levar para a cama só para se safar da festa.

— *Eu?! Eu jamais faria uma coisa dessa* — minto. — Da onde tirou tamanho absurdo? Isso nunca passou pela minha cabeça.

— Sim, claro. Total engano meu, perdão — debocha, girando nos calcanhares para pegar a sua bolsa em formato de cachorrinho cor de rosa. Estrangulo uma risada ao ver a cena, mas é inútil, pois ela ouve o barulho dela e se vira contra mim, um biquinho emburrado delineando seus lábios. — Se você falar mal da minha bolsa, Devin Leblanc, eu juro por tudo que é mais sagrado que dou um fim na sua Ducati.

Na minha moto? Como ela ousa ameaçar a minha moto?

Isso é inadmissível.

Apesar de tudo, ainda consigo provocar ao sentenciar:

— Duvido.

— Então experimenta falar da minha bolsa.

E é óbvio que eu me mantenho calado.

Sei que nós do MotoClub fomos apelidados de furacões, mas Barbie St. Claire é a própria força da natureza quando quer.



Chegamos no salão de festa alugado por Hunter e Amber completamente atrasados. Um rock clássico já embalava o ambiente com uma decoração meio gótica, e todos pareciam se divertir de alguma forma. Nossos amigos já estavam presentes na pista de dança e, de uma forma que eu não sei explicar, miraram os olhos em nossa direção todos ao mesmo tempo. Apesar das luzes coloridas, conseguia ver a forma como analisavam a mim e Barbie... Como se fossemos a atração da festa, até mesmo o casal mais lindo que eles já haviam visto. Exceto John Scott, é claro. John estava explodindo em gargalhadas ao me ver chegar fantasiado de Ken humano.

Revirei os olhos ao me aproximar, ainda tendo que escutar sua risada escandalosa.

— Para de rir, idiota — Violet o repreende, dando-lhe uma cotovelada. Ele obedece, mas não sem antes me olhar dos pés à cabeça uma última vez, engolindo a risada.

— Foi mal. Você está linda, Barbie — John elogia, e ela agradece. Quando seus orbes pousam em mim mais uma vez, já sei que vem algum tipo de gracinha. Respiro fundo. — E você, meu amigo, bem... Mirou no Ken e acertou numa bela mistura da Ursinha Animadinha e do Ursinho Zangadinho dos Ursinhos Carinhosos.

Todos explodem em risadas pela analogia, já que a cor rosa e azul predomina em minhas roupas, assim como nas dos ursinhos do desenho. Mas eu me mantenho sério. Olho para a sua fantasia e tombo a cabeça para o

lado, fingindo inspecioná-lo de diversos ângulos possíveis.

— Não sei como tem coragem de falar de mim quando se está vestido como o próprio cone de trânsito — brinco, fazendo graça do seu macacão alaranjado completamente chamativo, que é claramente uma fantasia de presidiário. Meus amigos riem ainda mais e ele, que também adora dar risada de qualquer coisa, acaba os acompanhando. Scott balança a cabeça, descrente, e puxa os fios do seu cabelo para o lado. Agora que tinha deixado crescer, largando o típico corte militar para trás, resolveu dar ainda mais uma radicalizada no visual e inventou de pintar os fios de um loiro platinado. Apesar do susto inicial, percebi logo depois que combinava completamente com seu estilo, até mesmo com seus olhos.

Tiro minha atenção de John por um instante e passo o olho na fantasia de todos. Kieran e Kara, por incrível que pareça, não vieram com uma fantasia combinando. Ela está fantasiada de mágica, com direito a cartola, luvas, terninho, gravata borboleta, um short minúsculo, meia arrastão e botas. Já seu irmão, que adora eventos como este, não perdeu a oportunidade de investir em uma roupa super parecida da que Michael Jackson usou no clipe de *Thriller*. E Violet, com seu jeito todo autêntico, não se deixou passar despercebida na hora de interpretar Cruela De Vil, a vilã do desenho *101 dálmatas*. Um lado do seu cabelo permanece com a coloração normal e a outra metade está pintada artificialmente de branco. Um vestido de couro, um pouco abaixo dos joelhos, cobre seu corpo, e luvas vermelhas seus antebraços. Também tem aquele grande casaco pesado e felpudo típico da personagem.

— Vocês arrasaram nas escolhas das fantasias. — Escuto Barbie comentar, ao meu lado. — Depois precisamos pedir para que o fotógrafo tire uma foto de todos nós juntos.

— Jura que não vai nos incluir nessa, B? — Uma voz soa alta atrás de nós e, assim que nos viramos, encontramos a figura de Georgina agarrada ao cotovelo de Pasha, ambas com drinques em mãos. A loira está fantasiada de Marilyn Monroe, já a ruiva de Jessica Rabbit.

Minha namorada abre a boca em surpresa e sai do meu lado, indo de encontro as amigas, enfiando-se no meio das duas. As três se apoiam no ombro de cada uma de maneira desengonçada e cochicham entre si, enquanto caminham até nós com sorrisos divertidos. A amizade delas tinha evoluído tanto de uns meses para cá, era lindo de ver a sintonia que possuíam e o modo como se apoiavam sempre, independente de qualquer coisa. Ainda que brigassem, não passavam uma hora longe umas das outras, pois eram como irmãs e, de fato, se amavam boa parte do tempo.

— Não gosto quando vocês planejam algo sem mim. — Georgina franze o rosto, bebendo um gole da sua bebida. — Fico com ciúmes e detesto ficar com ciúmes. Esse sentimento é meio retrô, nada a ver comigo.

— Não estávamos planejando nada sem você, gata — John explica, fazendo a sobrancelha dela se transformar em um arco perfeito. — Barbie só deu a ideia, é claro que iríamos chamar você. Imagina uma foto sem Georgina? Provavelmente sairia totalmente desprovida de beleza.

— Eu amo o fato de vocês me ignorarem completamente. — Pasha rola os olhos, bufando. — Eu também estou aqui.

— É impossível não reparar, diabinha. — Scott ergue os lábios sutilmente, mas a malícia está correndo tanto por ali quanto pelo seu tom de voz. Toda a tensão envolvendo os dois ainda é muito nítida, mesmo que tentem disfarçar. Ninguém sabe se rolou outro beijo, eles parecem mais cautelosos e, embora tenham se aproximado, mesmo que continuem com

todo o papo que não se suportam só para fingirem, sabemos que se ainda não rolou, vai rolar. Enfim, não opinamos muito, é uma história deles. Um dia eles contam, certo?

Ninguém tem chances de dizer mais nada, pois o som da festa para e a luz se concentra na grande escada que dá para a pista de dança, onde Hunter e Amber St. Claire descem lado a lado, todos os olhos dos convidados voltados completamente para eles, que parecem ainda mais apaixonados um pelo outro. Meu pai e sua futura esposa estão fantasiados de Gomez e Mortícia Addams, casal do filme *A família Addams*. Estão perfeitos e todos parecem os admirar, principalmente no momento em que eles dançam juntos uma ou duas músicas sozinhos na pista, onde todos estão ao redor assistindo.

É um amor bonito de se ver, nós que acompanhávamos de perto sabíamos disso. É tipo uma história de filme ou até mesmo de livros. Uma história que muitos não acreditariam, mas que realmente aconteceu. Uma história que passou por diferentes provas e batalhas, mas que conseguiu vencer cada uma delas. Saíram feridos, sim, mas que lutadores seriam se saíssem ilesos? Que lutadores seriam se não houvessem cicatrizes? Elas estarão presentes querendo ou não querendo, é meio que uma coisa de lutador. Se você luta, você ganha cicatriz. E elas servem para que lutadores se tornem mais fortes. Hunter e Amber tiveram cicatrizes, mas aprenderam com elas e, conseqüentemente, tornaram-se mais fortes. Com eles fortes, o amor também ficou longe de ser quebradiço, e então foi uma linda construção de aceitação, perdão e fé, até que chegaram hoje onde estão.

Fico imensamente feliz de ver meu pai finalmente encontrando seu destino. Mesmo que nada faltasse para ele, ainda sim parecia perdido boa parte do tempo. Parecia perdido quando passou tantos anos mudando de cidade, tentando se encontrar e se sentir pertencente a algum lugar, e agora,

ao lado da mulher que sempre amou, nunca me pareceu tão em casa.

Eles terminam a última dança e brindam um champagne, onde acabam pedindo a atenção de todos para que possam falar um pouco. É Amber que começa seu discurso, os olhos já marejados pela emoção do momento.

— Um brinde a todos vocês que vieram fazer parte desse momento tão especial para nós. — Ela levanta a taça para o alto, e todos que estão com as suas fazem o mesmo. — Eu só queria agradecer pela presença e pelo apoio de cada um espalhado nessa festa. Vocês não têm noção do quanto foram importantes em diversas fases da minha vida. — Dá uma pausa, inspirando para dentro todo o ar que consegue. Seus olhos azuis encontram os da sobrinha, fazendo a mais nova morder um sorriso choroso. — Barbara, minha querida sobrinha e filha, se esse dia está acontecendo hoje, pode ter certeza que você é uma das maiores culpadas. Não por aquilo que você me disse no sofá da nossa casa, mas sim por tudo que a sua presença diária em minha vida me fez enxergar. Seu sorriso me fez enxergar novamente o amor, sua doçura e a sua vontade de viver uma nova vida, mesmo após tudo o que aconteceu, me fez enxergar o quão o perdão é necessário para que possamos seguir em frente. Você, meu amor, me ensinou tantas e tantas coisas que eu sou incapaz de listar aqui. Então, muito obrigada. Muito obrigada por ter me ensinado tanto e por ter me dado uma nova oportunidade de felicidade.

De soslaio, olho para a garota ao meu lado, e ela está se desmanchando em lágrimas, dizendo que ama a tia sem emitir som algum. A aperto ainda mais contra meu corpo, acariciando suas costas. Ela tomba a cabeça em meu braço, enxugando os olhos com o dorso da mão.

— Obrigada, Hunter — Amber continua a falar, agora olhando para o meu pai, que parece tão emocionado quanto ela. — Obrigada por não

ter desistido de mim durante todos esses anos. Você é, foi e sempre será o grande amor da minha vida. Espero que possamos ser ainda mais felizes do que já somos e, assim, recuperarmos os nossos anos perdidos.

Meu pai assente, levando uma mão para tocá-la no rosto. Suas testas também se tocam.

— Não foram anos perdidos, amor — ele esclarece, em alto e bom tom. — Foram anos de construção. Um lindo caminho que, no final de contas, me levou de volta ao lugar que eu nunca deveria ter saído. — Amber balança a cabeça afirmativamente, sorrindo. Eles se beijam e todos aplaudem, encantados com a cena. Quando se separam, meio envergonhados, o primeiro a falar algo para nós é Hunter: — Agora vão se divertir, deixem eu e a minha mulher em paz! — Ele enxota todo o círculo formado com um abano de mãos e, como se fosse ensaiado, a música volta a tocar e todos se espalham.

É *I Wanna Hold Your Hand* dos Beatles que toca pelas caixas de som espalhadas pelo recinto. A batida preenche cada canto, principalmente o meu coração, que se agita em uma nostalgia profunda. Barbie também parece sentir o mesmo ao escutar a música que dançamos na festa do rancho, pois me olha com os olhos arregalados em surpresa. Eu sorrio, e ela pega a minha mão e me arrasta para o centro da pista sem aviso prévio. Eu não reclamo, entretanto. Deixo que as memórias fluam, dançando com ela do mesmo jeito que há alguns meses atrás, quando estávamos prestes a declarar nossos sentimentos um para o outro.

Barbie cola o peito contra o meu e quando chega uma parte completamente importante, eu a giro, deixando-a em minha frente para cantarolar olhando-a nos olhos.

— *Oh, please, say to me you'll let me be your man.*

“Oh, por favor, me diga que você me deixará ser o seu homem.”

Não é apenas a parte de uma música que falo, sei que ela percebe isso, pois seu queixo sobe e desce em uma confirmação quase imperceptível. É uma promessa selada e nós dois sabemos.

Aqui, neste lugar e nesta hora, prometemos um ao outro que um dia me tornarei o seu homem. E não da forma como sou dela agora, mas sim de uma outra maneira. Uma maneira muito mais forte.

Serei dela em todas as formas possíveis.

Serei dela assim como meu pai será de Amber em poucos meses.

Apesar de já me sentir completamente de Barbie St. Claire, não me incomodo de assinar um papel para que todos finalmente possam ter a ciência disso.

Serei inteiramente dela até o meu último suspiro.



EXTRA 1

"Eu quero voar

Ganhar vida

Me veja brilhar

Eu tenho uma faísca em mim

Levante as mãos se você consegue ver"

FINALLY FREE | JATP.

Barbie St. Claire

DUAS SEMANAS DEPOIS DA FESTA DE NOIVADO DE AMBER E HUNTER

O contato gélido da agulha em minha pele me incomoda. Finco o incisivo na carne rachada do meu lábio inferior e suspiro. Ao passo que olho as luzes coloridas ao meu redor, bem como os quadros dos mais variados artistas icônicos do rock espalhados pelas paredes de cores escuras, tento não surtar e nem me mover. Quando decido direcionar meus glóbulos para Devin, que está sentado em minha frente, minha única intenção é buscar um conforto através de seus olhos, mas o que eu encontro consegue me

deixar ainda mais apreensiva do que já estou. Seus lábios estão sutilmente erguidos para cima e o verde dos seus olhos consegue transbordar o quanto está achando graça da situação em que *eu* resolvi me enfiar.

A verdade é que eu queria fazer algo de diferente em mim. Não sei o que deu na minha cabeça, a questão é que eu simplesmente acordei um dia com a certeza de que precisava externar toda a mudança que sentia dentro de mim. E isso não para provar algo a alguém, mas sim a mim mesma. Eu queria me olhar no espelho e ter a certeza de que a Barbie de Hellaware é, sem sombra de dúvidas, a melhor versão que eu consegui construir. Achei que radicalizar no corte de cabelo ou fazer novas compras de roupa fosse a melhor solução, e é claro que não era. Mudar meu cabelo ou meu estilo, apesar dessas questões falarem muito sobre uma pessoa, ainda não representaria o que eu queria. E foi por isso que um dia, enquanto estava deitada sobre Devin, olhando e contornando cada um dos desenhos bem feitos em seus braços, que tive a minha confirmação do que faria quando perguntei:

— O que suas tatuagens significam para você? — Ele me olhou achando graça, como se fosse uma pergunta aleatória demais para termos agora. Embora fosse, ainda sim precisava escutar sua resposta. — Elas são especiais para você, não são?

Um sorriso esgueirou-se tanto por seus lábios avermelhados quanto para seus olhos, que pareciam brilhar enquanto olhava de mim para algumas de suas tatuagens, como a de furacão com asas de anjo no seu antebraço e a palavra “*Survivor*” em seu pulso.

— Sim, boneca. Elas são especiais — disse, e eu me afastei de seu corpo só para sentar na cama em posição de yoga, cobrindo meu corpo nu com o lençol branco entre nós. — Cada tatuagem em mim significa um pouco

da minha história. Elas estão tão marcadas na minha pele quanto na minha alma, então acaba sendo fácil para mim, em meio às crises da vida, olhar para cada uma e me reconectar com o meu eu e com a minha essência. Pode parecer baboseira, mas faz sentido para mim, sabe? Minhas tatuagens, apesar de muitos acharem que é um ato de rebeldia, são apenas desenhos que me recordam todos os dias quem eu sou, como sou e por que sou. — Devin soltou uma risada baixa, me puxou para perto novamente e questionou: — Por que a pergunta, amor?

Me aninhei em seu colo, encostei a cabeça em seu peito, peguei uma das suas mãos e levei os lábios até os nós dos seus dedos, salpicando vários beijinhos pela região.

— Quero fazer uma também.

Foi a única coisa eu que eu disse, e ele pareceu gostar da ideia. Através da nossa conexão, eu podia sentir que Devin tinha entendido o que eu queria a partir da minha pergunta. Sem questionamentos, através da nossa conversa, meu namorado pôde perceber que eu queria algo em minha pele que também pudesse representar a minha história, lembrando-me sempre quem sou, como sou e por que sou, assim como ele.

Balanço a cabeça de um lado para o outro e me volto a realidade quando a agulha finalmente entra em contato com a minha pele, o desenho tendo seus primeiros traços pelas mãos de titia, que está completamente compenetrada em seu trabalho de me torturar. Embora a dor não seja tão horrível quanto imaginei que fosse, ainda é suficiente para me fazer fechar os olhos com certa força e murmurar alguns palavrões bem baixinho.

— Estou te escutando, Barbie — tia Amber alerta, assim que grunhi mais um. — Estou disponibilizando meus serviços de graça e ainda

vou ter que te escutar me xingando? Mais um a seu e deixo o desenho pela metade.

Escuto a risada de Devin se misturar com a da minha tia, mas acabo dando língua para os dois. É impressionante o quanto eles amam se juntar para me provocar de todas as formas possíveis.

Fico na tortura por mais alguns longos e intermináveis minutos. Assim que tia Amber finaliza o desenho um pouco ao lado do meu pulso, quase perco o ar ao fitá-lo tão pequenininho e simbólico se contrastando com a minha pele. Lágrimas enchem os meus olhos e um sorriso satisfeito toma conta dos meus lábios.

— Gostou? — é Leblanc quem diz, flexionando os joelhos para se levantar da sua cadeira e ficar perto de mim, ao meu lado. Pisco várias vezes e ergo meus glóbulos para encontrar com os seus. Confirmo sua pergunta com um manear de cabeça, o sorriso ainda muito visível e presente em meu rosto.

Amber se levanta e pede licença, indo em direção ao seu escritório numa iniciativa que eu suponho ser para que fiquemos sozinhos. Sorrio ainda mais por isso.

— Eu amei! — confidencia. Seu tronco se curva para depositar um beijo no topo da minha cabeça e as suas mãos se direcionam para as minhas costas, alisando meu cabelo. — Amei mesmo, Devin! Ficou ainda mais incrível do que eu imaginei. A sensação também é tão incrível quanto. Obrigada por ter me apoiado nessa, bad boy.

Ele balança a cabeça, sorrindo.

— Tudo para te fazer feliz, boneca.

E eu realmente me encontro muito feliz e realizada agora. Desvio meu olhar do seu apenas para admirar a pequena tatuagem em mim.

É uma roda-gigante.

A roda-gigante em que beijei Devin pela primeira vez. A roda-gigante em que consegui sentir a liberdade atingir cada centímetro da minha vida. A roda-gigante em que, pela primeira vez, me fez enxergar o quão grande eu sou. O quão pronta eu sempre estive para desfrutar do topo, afinal, eu sempre fui merecedora dele.

Essa tatuagem não é uma simples tatuagem. Essa tatuagem são os sentimentos da minha alma sendo transportados para a minha pele. A roda gigante é, com toda certeza, o lembrete que eu precisava ter para nunca esquecer da minha força e do meu topo.

Além de que, claro, também é um grande lembrete do lugar em que duas almas destinadas se entrelaçaram pela primeira vez.



EXTRA 2

*"Não posso ficar
Você merece um prêmio
Pelo papel que você representou
Chega de farsas
Você é uma estrela solitária "*
TAKE A BOW | MADONNA.

PASHA STRATFORD E JOHN SCOTT NO JARDIM DOS CLEMENT

A música que embala o hall da residência de um dos maiores bairros da elite é alguma clássica e melodiosa, o tipo exato que faz Pasha Stratford vibrar em seu interior ao lembrar de suas noites assistindo concertos de óperas junto de sua família lá no Alasca. Apesar da jovem gostar dos pensamentos que invadem a sua mente, tudo consegue sumir feito fumaça no segundo seguinte em que se vê aceitando a mão de John Scott, o garoto que ela odiara desde que mudou-se de cidade, para dançar junto a ele na pista onde todos os seus amigos se encontravam presentes.

— É só uma dança, diabinha. Não vai ser tão torturante assim, dou a minha palavra — John resolveu dizer, assim que colocou as mãos na cintura da ruiva e enxergou os traços marcantes do rosto dela franzirem-se em uma careta.

— Como se sua palavra valesse de algo — debochou. Ele apenas

sorriu, como se estivesse achando graça de seu atrevimento.

John puxou-a um pouco mais para perto, sentindo que precisava quebrar qualquer tipo de distância que ainda deixasse aquela mulher livre demais do seu toque. Não sabia dizer o que significava aquele tipo de pensamento, mas não se incomodou muito com ele. Não ao menos quando tinha aquele lindo par de olhos castanhos fitando a intensidade azul dos seus, deixando-o ainda mais perturbado e intrigado do que o de costume.

— Qual motivo do seu ódio por mim, Stratford? — Apesar do seu senso de humor e de muitas vezes aparentar não ligar para nada, aquela, sem dúvida, era uma pergunta séria. John Scott sentia que provavelmente morreria se não conseguisse entender quais de suas atitudes acarretaram aquele tipo de sentimento dentro daquela mulher tão cheia de si. Ele esperava descobrir naquela noite.

Pasha, a princípio, não lhe respondeu. A garota seguiu com os pulsos entrelaçados no pescoço do rapaz, deixando-se ser conduzida por ele e por aquele sentimento familiar que a música calma lhe proporcionava.

— Não te odeio, Scott — finalmente, conseguiu dizer. E era verdade. Pasha não o odiava de verdade. Na verdade, não conseguiria ter motivos para tal. — Eu só não suporto esse seu jeito de achar que é o rei do mundo.

Foi a vez dele não responder. Pasha aproveitou da oportunidade para deitar a cabeça em seu peito largo e viril, e logo o perfume forte dele a atingiu em cheio, fazendo suas pernas vacilarem por míseros segundos.

— É engraçado você dizer isso — John soltou, parecendo chateado demais com as escolhas de palavras da ruiva.

— Por quê? — quis saber, voltando a fitá-lo nos olhos.

— Porque você que age como se fosse a rainha do mundo.

— Por isso mesmo, John — ela confessou. — É exatamente por isso que eu te digo que a única farsa que cabe na minha vida é a minha.

— Eu não te entendo — ele disse no exato momento em que a música acabou.

— E nem queira.

Foi a última coisa que a garota de vermelho resolveu dizer antes de desgrudar dele, já que os anfitriões da festa em que estavam começaram a aparecer. Depois de toda apresentação e cumprimento, levantando um pouco do vestido para conseguir apressar o passo para sumir do campo de visão de todos, Pasha estava pronta para fugir. Mas John Scott conseguiu ser mais esperto na hora de entrelaçar sua mão no pulso dela, puxando-a para o jardim dos fundos. Apesar da atitude impensada, ambos pareciam entender que nenhuma reclamação poderia impedir aquela conversa que, uma hora ou outra, seria inevitável.

— Você deveria me deixar em paz, garoto — foi o que Pasha expôs assim que se soltou, dando de cara com o rapaz a poucos metros de distância dela. Ela quis morrer ao contemplá-lo com aquele terno bem sob a luz da lua, ao redor de todas aquelas flores coloridas e bem cuidadas. — Não é só porque dividimos o mesmo círculo de amizades que devemos ser amigos. Eu sei que você também não me suporta, então está tudo certo. Nós não somos compatíveis e é um fato, John. Para de querer achar que todas vão gostar de você...

O rapaz de cabelos raspados a cortou, erguendo a palma da mão e dando um passo para frente ao dizer:

— Pasha, pelo amor de Deus, você nem ao menos escuta os

outros. Que droga! Estou aqui tentando levantar a bandeirinha da paz e você nem ao menos tenta baixar a sua. Qual o seu maldito problema, cacete? Eu não tenho nem um problema com você, e sim você comigo. Sai desse seu trono fútil e de patricinha uma vez na vida e preste atenção em outra pessoa que não seja você.

Aquilo pareceu ter acionado um tipo de gatilho em Stratford, pois seu rosto começou a queimar, sua narina dilatar e suas mãos se fecharam em punho. A raiva cegou seus pensamentos e tudo que a garota conseguiu pensar foi nos anos sofridos que passara ao lado da irmã, assim como no sonho recente que tivera com a garotinha. Ele poderia chamá-la do que quisesse, mas não poderia falar daquela forma com uma pessoa que dedicou boa parte do tempo para outra. Isso, definitivamente, não aceitaria.

— Não fale do que você não sabe, seu idiota! — Quando percebeu, a raiva também já tinha feito com que ela voasse para cima dele, empurrando-o com uma das mãos. Mesmo impondo toda força do seu ser, John nem ao menos se moveu. Ele continuava parado, estático. Pasha quis chorar por conta disso. — Não diga que eu me importo só comigo. Por favor, nunca mais diga isso. Nunca mais repita essas palavras. Se as pessoas não querem se aproximar de você, não deixe que elas se aproximem, é simples. Para de fazer perguntas, comentários... Cara, soa tão ridículo! Meu Deus... Você é ridículo.

Pasha falava desenfreadamente, como se tivesse discorrendo sobre algum tema que sabia de letra. O problema é que ela falava coisa com coisa e isso fazia a cabeça de John doer. Sem pensar nas consequências, querendo calá-la de alguma forma e até mesmo abafar a dor que ela sentia, puxou-a em um safanão, colando seus lábios ao dela com urgência.

Todo o mundo pareceu congelar naquele momento.

Apesar de ser pega desprevenida, Pasha logo correspondeu o beijo ao entreabrir os lábios e dar passagem para a língua quente do rapaz que ela não suportava adentrar em sua boca.

— Perdeu a porra da noção? — esbravejou, assim que se separaram para recuperarem o fôlego. — O que te levou a pensar que pode fazer isso? O que te levou a pensar que pode simplesmente me beijar?

John abriu a boca para retrucar, embora nem ao menos soubesse o que acabara de ter feito. No segundo seguinte, deu um passo para trás e passou a mão pela cabeça, se perguntando que merda havia feito ao beijá-la. Porém, antes mesmo que pudesse pensar sobre, Pasha apertou o passo para ficar novamente em sua frente e entrelaçou os pulsos finos no pescoço dele, mandando todo o fingimento que a cercava ir a merda ao beijá-lo uma segunda vez.

E aquela noite foi essencial para que ambos abajassem o muro e finalmente assumissem que todo o ódio relacionado aos dois era, sem dúvida alguma, o começo de um sentimento genuíno começando a florescer exatamente como as pequenas flores testemunha daquele encontro.

Agradecimentos

Mãe, obrigada por sempre me apoiar e nunca deixar que eu desista. Você, mesmo que não saiba, após dizer uma palavra de conforto ou querer que eu mostre meu talento para o mundo, faz com que eu sinta que estou no caminho certo e, claro, faz com que agradeça a Deus todos os dias por ele ter me dado uma mãe tão compreensiva, amiga e confidente. Eu amo você demais! Embora diga que eu seja o seu orgulho, a senhora que é o meu.

Pai, eu nem tenho nem palavras para falar do senhor. Eu só posso agradecer, pois se não fosse por seu empenho em instigar meu gosto pela leitura, talvez que isso aqui nem estivesse acontecendo hoje. Muito obrigada também por sempre acreditar e investir tudo o que pôde em mim e no meu sonho. Espero retribuir um dia tudo o que o senhor fez e faz por mim. Também te amo muito!

Também gostaria de agradecer meus irmãos e toda minha família. O apoio e a fé de vocês em mim sempre ficarão guardado em meu coração.

E um obrigada em especial para Rary, Carol e Ammelyie, as melhores amigas do mundo inteirinho. Nem sei o que seria de mim e das minhas ideias se vocês não escutassem cada uma delas. Eu amo vocês e só consigo ser extremamente grata por sempre estarem ao meu lado me

escutando, me dando conselhos, me colocando no topo e nunca, em hipótese alguma, duvidando da minha escrita e de que ela alcançará ainda muitos corações.

E, claro, sem sombra de dúvida alguma, um SUPER obrigada para as minhas leitoras incríveis que sempre me ajudam em tudo que eu preciso. Obrigada por terem me acompanhado lá no Wattpad e aqui também.

Você, que é novato(a) no meu mundinho, seja bem-vindo(a)! Espero que possamos trilhar um caminho lindo juntos.

Amo vocês!

Redes Sociais:

- Instagram: *@autoraluanaoliveira*
- Twitter: *@autoraluanaoliv*
- Wattpad: *@autoraluanaoliveira*